

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**Programa de Pós-Graduação em Educação:**

**Conhecimento e Inclusão social**

**Leonardo Ribeiro Gomes**

**Circulação de prescrições para a formação da juventude  
rural no Brasil e nos Estados Unidos: a experiência dos  
Clubes 4-S e 4-H no pós Segunda Guerra Mundial**

**Belo Horizonte  
2019**

**Leonardo Ribeiro Gomes**

**Circulação de prescrições para a formação da juventude  
rural no Brasil e nos Estados Unidos: a experiência dos  
Clubes 4-S e 4-H no pós Segunda Guerra Mundial**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da  
Faculdade de Educação da Universidade Federal de  
Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção  
do título de Doutor em Educação

Linha de Pesquisa: História da Educação

Orientador: Prof. Dr. Marcus Aurélio Taborda de  
Oliveira.

**Belo Horizonte  
2019**

Tese intitulada “Circulação de prescrições para a formação da juventude rural no Brasil e nos Estados Unidos: a experiência dos Clubes 4-S e 4-H no pós Segunda Guerra Mundial de autoria do doutorando Leonardo Ribeiro Gomes, como requisito para obtenção do título de Doutor em Educação.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Marcus Aurélio Taborda de Oliveira – Orientador - UFMG**

---

**Profa. Dra. Liane Maria Bertucci - UFPR**

---

**Profa. Dra. Carla Simone Chamon - CEFET-MG**

---

**Profa. Dra. Ana Maria de Oliveira Galvão - UFMG**

---

**Profa. Dra. Meily Assbú Linhales - UFMG**

### **SUPLENTE**

---

**Profa. Dra. Rosana Areal de Carvalho - UFOP**

---

**Prof. Dr. Luciano Mendes de Faria Filho - UFMG**

Aos meus amados pais, João e Stela.

## AGRADECIMENTOS

Foram várias as pessoas que contribuíram para a escrita dessa tese. Sou extremamente grato a todas elas. Cada uma à sua maneira serviram de inspiração e motivação para que chegasse ao término desse trabalho. Mas, antes de nomear uma a uma, e desde já consciente do risco óbvio de esquecer alguém, gostaria de agradecer profundamente à instituição Universidade Federal de Minas Gerais. A Universidade, com toda a profundidade que representa esse nome, me proporcionou as condições para que nela fizesse toda a minha trajetória acadêmica, chegando agora ao doutoramento. Muito obrigado a todos que acreditaram e acreditam em uma Universidade pública, autônoma, plural e gratuita. Se essas condições não fossem sequer possibilidades de disputas, o resultado dessa tese seria certamente outro. A produção da ciência pressupõe um espaço do livre pensar e não obstante às ameaças que a Universidade sofreu e sofre, resistiremos. Agradeço ao conjunto de servidores da Faculdade de Educação que nesses últimos anos me acolheu tão bem e colaboraram para que tivesse acesso aos serviços prestados pela instituição da melhor forma. Gratidão aos integrantes do GEPHE pelos questionamentos e contribuições em diversos momentos de interlocução profícua no fazer-se enquanto pesquisador. Ressalto que o GEPHE, além de ser um Centro de Pesquisa altamente qualificado é também um espaço múltiplo que acolhe calorosamente os pesquisadores em diferentes estágios de formação.

Agradeço a todos os professores da Linha de Pesquisa de História da Educação, pois cada um foi extremamente importante em meu processo de formação e maturação enquanto pesquisador. De forma especial devo uma menção especial à professora Cynthia Greive Veiga que além das contribuições sempre pertinentes e atentas à minha pesquisa, foi uma querida supervisora de estágio docente por dois semestres.

Sou enormemente grato às professoras Ana Maria de Oliveira Galvão e Liane Maria Bertucci. Ambas foram fundamentais nesse processo, participando em diferentes momentos dessa trajetória. À professora Ana Galvão meu muito obrigado pela atenção dispendida em relação à minha pesquisa e ao parecer concedido quando da aprovação do Projeto de Pesquisa. À professora Liane Bertucci que acompanhou o desenrolar dos 4-S desde o Mestrado a partir do Paraná e da publicação de um capítulo que escrevi em livro por ela organizado. Às duas, minha gratidão pela leitura que fizeram do texto por ocasião do Exame de Qualificação. Espero ter feito minimamente jus no texto final às contribuições extremamente relevantes concedidas naquele momento. Agradeço também a professora Meily

Assbú Linhales que desde a seleção para o mestrado se interessou pelo tema “dos meninos e meninas dos 4-S”. Por diversas ocasiões a professora Meily me instigou a pesquisar por caminhos até então não imaginados.

Aos colegas que estão ou passaram pelo NUPES durante o meu percurso do Doutorado, Adriana, Bruna, Cláudio, Diogo, Fátima, Guilherme, João Pedro, Larissa, Nádia, Pedro, Sara, Sidmar, Thamar, muito obrigado pelos momentos de crescimento intelectual nas tardes de sexta-feira e por outros tantos momentos felizes. O NUPES é um espaço de amizades e trocas intelectuais extremamente importante em minha formação. Muito obrigado mesmo.

Agradeço à minha turma de Doutorado, Renata Garcia, Paulo Henrique, Joseni Pereira, Sidmar Meurer, Raquel Baeta, por compartilhar experiências distintas de formação e uma amizade que certamente persistirá para além dos muros da Universidade.

Devo também um agradecimento especial aos ex-funcionários da ACAR/EMATER na sempre entusiasmada e expressiva colaboração do Sr. Franklin Delano Martins Ramos, na atenção e total apoio da Sra. Maria Madalena Leite para o acesso à documentação, na colaboração do Sr. Benjamin Salles Duarte e seu profundo conhecimento sobre a agricultura, nas conversas e reflexões sobre as populações rurais com o Sr. José de Barros Marques, na disposição da Sra Marisa Dulce Pereira em ajudar com esclarecimentos em diversos momentos da minha caminhada e a todos os demais funcionários da EMATER-MG que me concederam livre acesso a todo o acervo histórico da Instituição. Fica a lembrança do Sr. José Paulo Ribeiro (*in memoriam*), das suas sempre animadas questões sobre os “meninos dos 4-S”.

Não tenho aqui os nomes de todos os funcionários de arquivos e bibliotecas nos quais estive pessoalmente durante esse período, mas devo reconhecer a presteza e atenção com que sempre me atenderam em Belo Horizonte, Brasília ou em Buenos Aires. Esse agradecimento é extensivo também aqueles que através das ferramentas do mundo digital me propiciaram o acesso à documentação fundamental para a escrita dessa tese. Cito Bethany J. Antos do Rockefeller Archive Center de Nova Iorque; Claudia Rodríguez Aguilar e Andrés Carvajal Vázquez da Biblioteca Conmemorativa Orton IICA/CATIE, Turrialba, Costa Rica; Fiorela Dátola da Biblioteca das Facultades de Ciencias Agrarias Y Ciencias Veterinarias da Universidad Nacional del Litoral – Argentina.

Sou também extremamente grato a todos professores e pesquisadores que disponibilizaram artigos, capítulos, livros, filmes ou que estabeleceram algum tipo de interlocução comigo durante o percurso dessa pesquisa. A todos minha gratidão, pois foram

fundamentais para a escrita dessa tese. Devo citar com total reconhecimento: Rafael Mesén Vega, Diretor Executivo do Conselho Nacional de Juventudes Rurais e Clubes 4-S do Ministério da Agricultura da Costa Rica; o então estudante de Doutorado em intercâmbio na UFMG, o canadense Jon Coulis, os professores: Talía Violeta Gutiérrez, da Universidad Nacional de Quilmes – Argentina; Gabriel N. Rosenberg da Duke University (Carolina do Norte, Estados Unidos); Joel Orlando Bevilaqua Marin da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM no Rio Grande do Sul; Geysa Spitz Alcoforado de Abreu da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Claiton Márcio da Silva da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, da cidade de Chapecó em Santa Catarina e Katya Mitsuko Zuquim Braghini da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP.

Gratidão ao meu amigo Éder Aguiar pela compra e envio dos livros sobre os 4-H Clubs nos Estados Unidos, além das indicações de bibliografia fundamental sobre história do protestantismo. Aqui é Galo!

Muito obrigado ao amigo Carlos Gomes pelo envio da foto do selo original do Dia Nacional dos Clubes 4-S de 1967.

Imensa gratidão ao meu amigo Ronaldo Gonçalves Pires pelo incentivo e principalmente pelo socorro sempre eficiente no tratamento das imagens e nos “segredos” da informática. O mesmo devo a Sandro Seles, socorrista de todas as horas, incluindo o período do início do curso quando meu pai precisou passar por sessões de radioterapia. Ronaldo e Sandro, sempre de forma muito descontraída foram figuras centrais nesse processo. A “dúvida” de cada um em relação a existência ou não dos clubes juvenis rurais, serviu com uma divertida provocação para que eu buscasse resposta para cada uma das questões levantadas. Muito obrigado, caras. Vocês são imprescindíveis.

Meu reconhecimento e gratidão aos amigos Hélvio de Jesus Ribeiro (*in memorian*) e Mauro Amado (*in memorian*) que estiveram e de alguma maneira ainda estão presentes nessa minha trajetória.

Aos meus colegas do IFMG, primeiro no campus de Ribeirão das Neves e depois no de Santa Luzia, agradeço pelo incentivo.

Meu muito obrigado a Dra. Ana Carolina de Almeida Bergamaschi (Medellín) pelo carinho, amizade, incentivo e trocas de conhecimentos sobre a Educação Rural.

Agradecimento especial também ao meu amigo Bruno Geraldo Alves, grande companheiro nos percursos da história da Educação Rural.

Meu agradecimento, carinho e admiração à minha English Teacher, Viviane Ramos. Nossas aulas foram momentos de interlocução a partir das suas sempre instigantes

questões que me propiciaram desenvolver o raciocínio em uma língua estrangeira e o desejo por buscar respostas em caminhos antes não imaginados. Thanks, Teacher.

Meu agradecimento mais do que especial ao meu orientador, professor Marcus Aurélio Taborda de Oliveira. Sua orientação, o respeito às individualidades e às minhas escolhas, a palavra sempre de incentivo, já seriam mais do que motivos para meu eterno reconhecimento. Mas, devo agradecer ainda muito mais por ter tido a honra de ter sido seu orientando desde o Mestrado. Além do seu profundo conhecimento sobre história, processos educativos e cultura em geral, ficarão como sinais dessa experiência, uma grande amizade e respeito mútuo. Muito obrigado, professor, por ter acreditado em um então desconhecido desejoso por pesquisar sobre os clubes juvenis rurais.

Agradeço também de forma especial à minha família que soube entender minhas ausências e distanciamentos. Ao meu irmão, Demetrius, muito obrigado pelo incentivo e apoio constante. Aos meus pais João e Stela, que conheceram a vida por outro caminho do que aquele prometido pelos sistemas escolares. Eles foram e são para mim minhas maiores fontes de sabedoria, conhecimentos, caráter, dignidade, força e principalmente de amor. Sou muito feliz em ter os pais que tenho.

Admiração e amor infinito à minha esposa Karine, que durante esse período abriu mão de outros momentos para que eu pudesse desenvolver a pesquisa e a escrita da tese com as condições adequadas para tal. Agradeço pelo incentivo, suporte, colo amigo nos vários momentos de dúvida e cansaço. Gratidão é muito pouco por essa entrega e dedicação.

Aos meus amados filhos Lívia e Henrique, que mesmo ainda sem entenderem o que o papai fazia e porque ficava tanto tempo no escritório, foram fundamentais para a escrita dessa tese. Meus filhos foram luzes que me guiavam durante os caminhos mais nebulosos. O “livro” do papai agora está pronto.

Agradeço à CAPES pelo apoio indispensável.

Uma canção da trilha sonora dessa pesquisa, mas sobretudo muito expressiva nesse percurso final foi Pigs (Three different ones). “Big man, Pig man, Ha Ha charade you are”. Obrigado Roger Waters por toda a sua obra, e por esse trecho que soa alto para o Brasil de 2018.

Por fim, recordo-me agora de uma canção que esteve e está presente em minha memória musical durante toda essa trajetória, numa espécie de oração: “Como eu não sei rezar, só queria mostrar meu olhar, meu olhar, meu olhar. Sou caipira pirapora nossa Senhora de Aparecida ilumina a mina escura e funda o trem da minha vida”.



*O progresso nas atividades domésticas não é ajudado pelas nostálgicas repetições dos “velhos e bons tempos” quando a vida nos lares não era interrompida pelos cinemas, pelos riques de patinação e uma dúzia de outras diversões. A dona de casa progressista, assim como o moderno fazendeiro, enfrentará a modificada época determinada a valer-se de todo o auxílio da ciência e da educação para conseguir uma vida mais plena e melhor, nas fazendas e nos lares citadinos e rurais, bem como em desempenhar suas responsabilidades como cidadã de uma comunidade e do mundo. (KELSEY; HEARNE, 1966, p. 16).*

## RESUMO

O objetivo desta tese foi investigar a circulação de prescrições para a formação da juventude rural nos Estados Unidos e no Brasil tomando como base a experiência dos *4-H Clubs* (*Head, Hands, Heart, Health*) e os Clubes 4-S (Saber, Sentir, Saúde, Servir) no pós Segunda Guerra Mundial. Os clubes juvenis rurais seguiam basicamente a mesma estrutura em termos organizacionais. Eram constituídos por jovens rurais de ambos os sexos com idades entre 10 e 18 anos aproximadamente e tinham como símbolo um trevo verde de quatro folhas. A partir desses clubes buscava-se alcançar o que era aclamado como sendo a modernização da vida nas comunidades rurais dos respectivos países. Esperava-se que os jovens fossem elementos de difusão de uma nova sensibilidade para a vida nos meios rurais. A partir da organização dos 4-H Clubs foi possível compreender como suas ideias e proposições se expandiram em perspectiva internacional através de uma série de instituições no contexto estudado que influenciaram, por exemplo, a criação, formatação e expansão dos Clubes 4-S no Brasil. A pesquisa demonstrou que apesar de um modelo organizacional geral para os clubes, existiram pontos de distanciamento entre as duas experiências relacionadas às estruturas políticas, sociais e econômicas de cada realidade. Uma delas foi em torno do tipo de liderança rural que se constituiu a partir dos clubes juvenis. Foi possível perceber que a difusão do ideário do extensionismo rural aos moldes norte-americanos pode ser considerada como uma das dimensões do Americanismo no Brasil. A pesquisa se pautou pela análise de fundos documentais acerca dos Serviços de Extensão Rural e principalmente do trabalho com os clubes de jovens rurais dos dois países compostos por livros, revistas, jornais, relatórios, programas, projetos, planos, manuais, folhetos, correspondências, memorandos, cartazes, fotografias e outros documentos avulsos, todos localizados em acervos do Centro de Documentação da EMATER-MG, da Biblioteca Nacional de Agricultura do Brasil e de sítios eletrônicos como o da National Agricultural Library dos Estados Unidos, do Rockefeller Archive Center e do 4-H History Preservation.

**Palavras-chave:** Juventude Rural. 4-H Clubs. Clubes 4-S. Estados Unidos. Brasil.

## ABSTRACT

The aim of this thesis was to investigate the circulation of prescriptions to the formation of rural youth in the United States and Brazil, based on the experience the 4-H Clubs (Head, Hands, Heart, Health) and the *Clubes 4-S (Saber, Sentir, Saúde, Servir)* after the Second World War. The rural youth clubs had basically the same organizational structure. They were composed by rural youngsters, girls and boys, between the ages of 10 and 18 and have as the symbol a green four-leaf clover. The aim of the clubs was to reach the so-called life modernization of rural communities in the countries, having the youngsters as elements to disseminate a new sensibility in rural areas. By analyzing the organization of 4-H clubs it was possible to understand their ideas and proposals which expanded internationally through a series of institutions in the context studied that influenced, for example, the creation, formation, and expansion of the 4-S clubs in Brazil. The research shows that even though there was a general model for the clubs, there were different points between both experiences related to the social, political, and economic structures of each reality. One of them was about the type of rural leadership constituted from the youth clubs. It was possible to see that the diffusion of the rural extensionist idea in North American molds can be considered as one dimension of Americanism in Brazil. The research was based on the analysis of documents about the *Serviços de Extensão Rural* (Rural Outreach Services) and, mainly, the work of rural youth groups presented in books, magazines, newspapers, reports, programs, projects, plans, manual, booklets, letters, memos, posters, photographs, and other documents available in the archives of *Centro de Documentação da EMATER-MG*, *Biblioteca Nacional de Agricultura do Brasil* and electronic archives, such as the National Agricultural Library of the United States, the Rockefeller Archive Center, and the 4-H History Preservation.

**Key words:** Rural youth. 4-H Clubs. *Clubes 4-S*. United States. Brazil.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1a</b> – The Spirit of 4-H Land Grant College (lado esquerdo) -----	66
<b>Figura 1b</b> – The Spirit of 4-H Land Grant College (lado direito) -----	66
<b>Figura 2</b> – As Land-Grants Colleges nos Estados Unidos -----	71
<b>Organograma 1</b> – Modelo simplificado do Sistema de Extensão Cooperativa dos Estados Unidos -----	78
<b>Figura 3</b> - O Trevo de 4 folhas – Símbolo dos 4-H nos Estados Unidos -----	82
<b>Figura 4</b> – Símbolos de movimentos juvenis em alguns países -----	84
<b>Figura 5</b> – O Trevo de 4 folhas – Símbolo dos 4-S no Brasil -----	90
<b>Figura 6</b> – 4-H Clubs need you in 1946 -----	118
<b>Figura 7</b> – Better living for a better world - 1950 -----	120
<b>Figura 8</b> – Working together for world understanding -----	122
<b>Figura 9</b> - A World of opportunity – 1967 -----	124
<b>Figura 10</b> – Opportunity for all – Join 4-H – 1969 -----	125
<b>Figura 11</b> - Room to grow – 1976 -----	127
<b>Fluxograma 1</b> – Juventude Rural em perspectiva internacional -----	129
<b>Figura 12</b> – Capa do Relatório de Progresso da AIA – 1962 -----	134
<b>Figura 13</b> - Capa da Revista Extensión en las Américas – Vol. VII, nº1, 1962 -----	164
<b>Figura 14</b> – Símbolo da Aliança para o Progresso -----	169
<b>Figura 15</b> - Projetor de diafilmes Tri-Purpose com o símbolo da Aliança para o Progresso-----	170
<b>Figura 16</b> – Líder de 4-H Club presidindo reunião - s.d.-----	196
<b>Figura 17</b> - Juramento de membros de Clubes 4-S – 1956 – Três Pontas – Minas Gerais -	198
<b>Figura 18</b> – Reunião de clube s.l. – s.d. -----	201
<b>Figura 19</b> - Reunião de Clube 4-S – Região de Sete Lagoas – s.d.-----	203
<b>Figura 20</b> – Reunião de 4-H Club na região de Burgaw – Carolina do Norte - Estados Unidos – 1928 -----	203
<b>Figura 21</b> – Técnicas para Gado Leiteiro – Clubes 4-S – Início da década de 1960-----	224
<b>Figura 22</b> - Aula para meninas 4-S – Cultivo de horta – Escritório Local de Machado – década de 1960 -----	225
<b>Figura 23</b> - National 4-H Stamp – Estados Unidos – 1952 -----	226
<b>Figura 24 (A e B)</b> - Selo Nacional de Clubes 4-S – Brasil – 1967 -----	228
<b>Figura 25</b> - Tabela da Saúde para a população rural -----	268
<b>Figura 26</b> - Página do folheto ETA (1955) – Posições corretas nos trabalhos caseiros -----	271

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Alguns organismos de iniciativas de educação agrícola nos Estados Unidos ----	74
<b>Quadro 2</b> – Número de 4H'ers nos Estados Unidos – Período: 1925 a 2017 -----	86
<b>Quadro 3</b> – Algumas instituições educacionais criadas no Brasil com marcante influência norte-americana -----	96
<b>Quadro 4</b> - O ETA e o trabalho com a Extensão Rural no Brasil – Alguns documentos e equipamentos -----	153
<b>Quadro 5</b> – Nomes de Clubes 4-S – MG – 1966 -----	236
<b>Quadro 6</b> – Contribuintes do CEC 4-S – 1965 -----	247
<b>Quadro 7</b> – Diretoria do CEC 4-S de Minas Gerais empossada em 09/12/1968 -----	250

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>ABCAR</b>	Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural
<b>ACAR-MG</b>	Associação de Crédito e Assistência Rural de Minas Gerais
<b>ACARES</b>	Associação de Crédito e Assistência Rural do Espírito Santo
<b>ACARESC</b>	Associação de Crédito e Assistência Rural do Estado de Santa Catarina
<b>ACARPA</b>	Associação de Crédito e Assistência Rural do Paraná
<b>ACM</b>	Associação Cristã de Moços
<b>AIA</b>	American International Association for Economic and Social Development
<b>ANCAR</b>	Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural
<b>ANCAR – CE</b>	Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural do Ceará
<b>ANCAR-PE</b>	Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural de Pernambuco
<b>ASCAR</b>	Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural
<b>BINAGRI</b>	Biblioteca Nacional de Agricultura
<b>CBAR</b>	Comissão Brasileiro-Americana de Educação das Populações Rurais
<b>CBHE</b>	Congresso Brasileiro de História da Educação
<b>CEC 4-S</b>	Comitê Estadual de Clubes 4-S de Minas Gerais
<b>CEPAL</b>	Comissão Econômica para América Latina
<b>CNC 4-S</b>	Comitê Nacional dos Clubes 4-S
<b>CNER</b>	Campanha Nacional de Alfabetização Rural
<b>COPEHE</b>	Congresso de Pesquisa e Ensino de História da Educação
<b>CRAT</b>	Centro Regional de Ayuda Tecnica
<b>EMATER-MG</b>	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais
<b>EMBRATER</b>	Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural
<b>EPHIS</b>	Encontro de Pesquisa de História
<b>ESAL</b>	Escola Superior de Agricultura de Lavras
<b>ESAV</b>	Escola Superior de Agricultura e Veterinária
<b>ETA</b>	Escritório Técnico de Agricultura Brasileiro-Americano
<b>FAE</b>	Faculdade de Educação
<b>FAFICH</b>	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
<b>FAO</b>	Food and Agriculture Organization
<b>FFA</b>	Future Farmers of America
<b>GEPHE</b>	Centro de Pesquisa em História da Educação
<b>IBEC</b>	International Basic Economy Corporation
<b>IFYE</b>	International Farm Youth Exchange
<b>IIAA</b>	Institute of Inter-American Affairs

<b>IICA</b>	Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas
<b>INEP</b>	Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos
<b>INTA</b>	Instituto Nacional de Tecnología Agropecuaria
<b>ISEB</b>	Instituto Superior de Estudos Brasileiros
<b>NAL</b>	National Agricultural Library
<b>NUPES</b>	Núcleo de Pesquisa em Educação dos Sentidos e Sensibilidades
<b>OCIAA</b>	Office of the Coordinator of Inter American Affairs
<b>OEA</b>	Organização dos Estados Americanos
<b>ONU</b>	Organização das Nações Unidas
<b>OPA</b>	Operação Pan-Americana
<b>PSD</b>	Partido Social Democrático
<b>PIJR</b>	Programa Interamericano para la Juventud Rural
<b>RAC</b>	Rockefeller Archive Center
<b>RBEP</b>	Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos
<b>SAR</b>	Serviço de Assistência Rural
<b>UFLA</b>	Universidade Federal de Lavras
<b>UFV</b>	Universidade Federal de Viçosa
<b>USDA</b>	United States Department of Agriculture
<b>USAID</b>	United States Agency for International Development
<b>USOM/B</b>	United States Operation Mission to Brazil
<b>USP</b>	Universidade de São Paulo

## LISTA DE ANEXOS

<b>Anexo 1</b> - Distribuição de clubes juvenis rurais na América Latina em 1959 -----	321
<b>Anexo 2</b> - Apresentação do Informe da AIA de 1962 -----	322
<b>Anexo 3</b> - Capa e contracapa de folheto instrucional da ACAR para Clubes 4-S -----	330
<b>Anexo 4</b> – Imagens de sócios de clubes juvenis retirando empréstimos em agências bancárias -----	332
<b>Anexo 5</b> - Flâmulas de Clubes 4-S mineiros utilizadas em Encontros e Convenções -----	333
<b>Anexo 6</b> - Letras de algumas canções adotadas pelos 4-H Clubs nos Estados Unidos -----	334



## Sumário

APRESENTAÇÃO .....	18
Estudos sobre Juventude e Educação Rural .....	20
A organização dos clubes juvenis rurais como uma forma de educação social .....	29
As fontes desse trabalho .....	33
A organização da tese .....	40
CAPÍTULO 1 – As origens do trabalho com os 4-H Clubs e os Clubes 4-S .....	43
1.1 As origens do Serviço de Extensão Cooperativa nos Estados Unidos.....	64
1.1.1 O início do trabalho com os jovens rurais dos 4-H Clubs dos Estados Unidos .....	81
1.2 O Serviço de Extensão Rural no Brasil – O modelo da ACAR e o trabalho com os Clubes 4-S a partir de Minas Gerais .....	87
1.3 A juventude rural como uma das dimensões do Americanismo? .....	94
CAPÍTULO 2 - Os 4-H Clubs e os Clubes 4-S em perspectiva internacional .....	100
2.1 Considerações sobre a política externa dos Estados Unidos para a América Latina no contexto da Segunda Guerra Mundial .....	101
2.1.1 A expansão e divulgação do trabalho com os clubes de jovens rurais no pós 1945 .....	113
2.2 As entidades internacionais e o trabalho com a juventude rural das Américas .....	129
2.2.1 A American International Association for Economic and Social Development – AIA e os clubes de jovens rurais .....	130
2.2.2 International Farm Youth Exchange – IFYE .....	141
2.2.3 O Ponto IV de Truman e o Escritório Técnico de Agricultura Brasileiro – Americano - ETA e a Juventude Rural .....	148
2.2.4 O Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas - IICA e o Programa Interamericano para la Juventud Rural – PIJR .....	154
2.2.5 A Aliança para o Progresso, os Peace Corps e os clubes de jovens rurais .....	162
CAPÍTULO 3 - 4-H Clubs e Clubes 4-S: A apropriação de um modelo?.....	182
3.1 Princípios gerais dos 4-H Clubs e dos Clubes 4-S.....	185
3.1.1 Os 4-H/4-S: organização, rituais, símbolos e métodos de atuação.....	192
3.1.1.1 As reuniões dos clubes.....	193
3.1.1.2 O agente de extensão e os líderes de clubes .....	204
3.1.1.3 Outros rituais e símbolos .....	221
3.1.2 Os 4-H/4-S – Religião e Política .....	230
3.1.3 Os 4-H/4-S e a relação com as empresas patrocinadoras .....	244
3.1.4 Os 4-H/4-S e as práticas de recreação para os jovens rurais .....	255
3.1.5 Os 4-H/4-S - Saúde e Alimentação.....	263
3.1.6 Os jovens dos 4-H/4-S: o controle das pulsões e as transformações dos costumes .....	278
3.1.6.1 Entre o controle e o desejo – ser jovem e sócio de um clube rural .....	280

CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	291
FONTES: .....	296
BIBLIOGRAFIA: .....	311
ANEXOS .....	321

## APRESENTAÇÃO

Essa tese investiga a circulação de prescrições para a formação da juventude rural nos Estados Unidos e no Brasil tomando como base a experiência dos *4-H Clubs (Head, Hands, Heart, Health)*<sup>1</sup> e os Clubes 4-S (Saber, Sentir, Saúde, Servir) no período compreendido entre a década de 1950 e o final da década de 1960. Para isso se vale das ideias e proposições presentes nos manuais, folhetos técnicos, jornais, revistas, relatórios, livros, programas, planos e projetos destinados aos sujeitos envolvidos com a organização da juventude rural nas duas realidades citadas. Tomando como base a experiência dos Estados Unidos de organização da juventude rural, busco mostrar como tais ideias e proposições foram assimiladas, apropriadas, alteradas nos Clubes 4-S presentes em vários estados brasileiros, mas com o foco nesse trabalho, na experiência desenvolvida em Minas Gerais<sup>2</sup>. Uma vez que são o modelo, os 4-H Clubs dos Estados Unidos referiam-se às organizações de meninos e meninas, geralmente entre 10 e 20 anos. Buscava-se promover técnicas de agricultura, pecuária, noções de economia doméstica e formação de lideranças comunitárias. Além disso, estava no horizonte dos clubes juvenis formar e fortalecer os sentimentos de voluntarismo, civismo e autodesenvolvimento humano junto a esse público-alvo. A iniciativa de constituição de tais clubes partiu de professores ligados aos *land-grant colleges* e de universidades norte-americanas no final do século XIX e início do XX, quando foram iniciados trabalhos com jovens para desenvolver a produção de milho naquele país. Em plena segunda década do século XXI os 4-H fazem parte do Serviço de Extensão Cooperativa do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos atingindo cerca de 6 milhões de

---

<sup>1</sup> “Cabeça, mãos, coração, saúde”. (Tradução minha). Ao longo da tese utilizei expressões estrangeiras na língua original, pois já estão incorporadas à própria narrativa do texto. Por exemplo, ao me referir aos clubes de jovens rurais dos Estados Unidos utilizei a expressão 4-H Clubs e não Clubes 4-H, para inclusive, diferenciá-los de Clubes 4-S do Brasil. O mesmo pode ser dito para Cooperative Extension Service dos Estados Unidos em relação ao Serviço de Extensão Rural no Brasil e outras expressões como *land-grant colleges* que na própria narrativa incorporei a explicação do termo quando necessário. Já para os usos de citações diretas, curtas ou longas em língua estrangeira (língua inglesa e espanhola) eu as incluí no corpo do texto já com a tradução para a língua portuguesa e a expressão “tradução minha”. O trecho original consta em nota de pé-de-página.

<sup>2</sup> Nessa tese abordei tanto os 4-H Clubs, quanto os Clubes 4-S em termos dos seus princípios, ideias e das prescrições gerais de um ethos juvenil para os meios rurais dos Estados Unidos e do Brasil. No caso dos Clubes 4-S do Brasil é necessário explicitar que as fontes arroladas foram basicamente aquelas baseadas na experiência dos Clubes 4-S de Minas Gerais. Mas nada impede que em termos da filosofia geral dos clubes me refira a Clubes 4-S do Brasil. Isso foi inclusive feito e com a apresentação de referências construídas pela Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural – ABCAR que trataram de outros estados brasileiros, mas que guardavam a mesma filosofia sobre os Clubes 4-S. Aliás, esses foram criados e desenvolvidos a partir de Minas Gerais e foi sobre essa base que se estruturou e se formatou os Clubes 4-S que se desenvolveram nos demais estados brasileiros que passaram por práticas de Extensão Rural nos moldes da ACAR/ABCAR. No caso dos 4-H Clubs, as fontes são também gerais e diversas. Mas, não trazem, como no caso dos Clubes 4-S, uma região específica. Talvez fosse interessante para um outro momento uma pesquisa sobre os 4-H Clubs do meio-oeste norte-americano.

participantes<sup>3</sup>. No Brasil, os Clubes 4-S começaram sua trajetória por Minas Gerais e foi fruto do trabalho dos técnicos extensionistas da Associação de Crédito e Assistência Rural de Minas Gerais – ACAR-MG. Também, como nos Estados Unidos, foram agremiações compostas por jovens rurais de ambos os sexos. O primeiro Clube 4-S no Brasil foi fundado em 15 de julho de 1952 em Minas Gerais, no município de Rio Pomba, localizado na zona da mata desse estado. Logo, outros clubes foram criados no estado mineiro e em outras regiões do país sob os auspícios da Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural – ABCAR, órgão nacional criado em 1956. Por meio da organização dos clubes pretendia-se introduzir novas práticas agropecuárias e sociais consideradas modernas, pois voltadas para uma racionalização da produtividade e das formas de se viver nas propriedades e comunidades rurais. Pretendia-se romper com o suposto tradicionalismo dos rurícolas, considerado elemento inibidor do avanço do desenvolvimento do meio rural.

Inicialmente é necessário citar que os clubes juvenis rurais como os 4-S brasileiros guardaram similitudes com os 4-H norte-americanos. Na América Latina, especificamente, fizeram parte de um conjunto de outras ações que a partir dos Estados Unidos buscavam introduzir valores sociais, técnicas de produção e hábitos de consumo daquele país nessa parte do mundo. Essas ações, e no caso do Brasil mais diretamente, podem ser associadas a exemplos de incorporação de imagens, símbolos, artistas do cinema, personagens de histórias em quadrinhos, e outras formas de representações acerca dos Estados Unidos que desde, principalmente, à década de 1920, cada vez mais passaram a povoar o imaginário brasileiro. Daí decorre uma transformação dos costumes que a grosso modo, se dá na disputa de tradições em tensionamento. Mas se a presença norte-americana não se limita ao período da Segunda Guerra Mundial, foi sobretudo, durante essa época e posterior a ela que os Estados Unidos desenvolveram mecanismos para uma maior presença em outras regiões. Assim se apresentaram para os demais povos como sendo uma espécie de guardião e de grande líder responsável pela defesa e propagação de valores que consideravam universais,

---

<sup>3</sup> Em fins da segunda década do século XXI os 4-H atuavam em diferentes esferas da sociedade norte-americana, não se restringindo às atividades agrícolas e aos meios rurais. No site oficial dos 4-H constava que os cerca de 6 milhões de participantes estavam assim distribuídos: 1,8 milhões de jovens urbanos; 1,6 milhões suburbanos e 2,6 milhões de jovens rurais. Eles tinham o foco voltado para a formação de lideranças jovens para que pudessem desenvolver projetos em áreas relacionadas à saúde, ciências, agricultura e cidadania. Enfrentavam também as principais questões do país envolvendo desde segurança alimentar global, mudança climática, energia sustentável até obesidade infantil. Para mais informações sobre os *4-H Clubs* nos Estados Unidos ver: <https://4-h.org>. Acesso em 15/03/2018. Butler (2014) afirma que eram cerca de 6,5 milhões de sócios dos 4-H Clubs nos Estados Unidos. Tal número faz com que afirme que os 4-H Clubs era a maior organização de desenvolvimento da juventude. Ela chega apresentar dados sobre o número de membros dos *boys scouts* e *girls scouts* nos Estados Unidos. Os meninos escoteiros eram no total de 2,7 milhões e as meninas 2,3 milhões. Para Butler (2014) os 4-H Clubs seriam, portanto, a maior organização juvenil dos Estados Unidos.

tais como a sua ideia de liberdade, de felicidade, da defesa da democracia e do direito à propriedade privada. Nesse cenário a América Latina e claro, o Brasil seriam fundamentais para os Estados Unidos, seja como áreas fornecedoras de matérias-primas para o esforço de guerra, seja como mercados consumidores emergentes e como áreas a serem “protegidas” das ameaças e incursões dos regimes totalitários. O discurso construído pelos Estados Unidos era que caso não fossem tomadas medidas protetivas de diversos matizes, os regimes totalitários poderiam atingir o continente americano não só com as ideias, mas, sobretudo, implantando estados satélites nessa parte do mundo. Para que isso não acontecesse caberia aos Estados Unidos exercerem o seu auto atribuído papel de líder e guardião do mundo ocidental.

Foi a partir de tais constatações que percebi a necessidade em responder as seguintes questões: o que teria de peculiar no trabalho com a juventude rural pelos 4-S no Brasil que se diferenciava do modelo dos Estados Unidos? Haveria um projeto de juventude originário nos Estados Unidos para a América Latina e qual o papel desempenhado pelos 4-S brasileiros nesse contexto? Por que os 4-H seriam o modelo a ser seguido? Em que medida os 4-H formataram os 4-S no Brasil? Que instituições, sujeitos, recursos, de ambos os países estariam envolvidos nesse processo? Essas são algumas das questões que busco responder ao longo dessa tese e para isso estabeleço as relações entre a experiência brasileira e a experiência norte-americana.

### **Estudos sobre Juventude e Educação Rural**

Nessa tese focalizo as proposições que, originárias nos Estados Unidos para os *4-H Clubs*, influenciaram e contribuíram para que, no Brasil, constituíssem os Clubes 4-S como o vetor de organização de um tipo ideal de jovem rural<sup>4</sup> a ser alcançado. Esse jovem deveria ser um líder empreendedor e afeito aos desafios postos por uma sociedade que se pretendia em constantes transformações visando a consolidação das relações produtivas capitalistas. Sobre os sócios integrantes dos clubes foi depositada a esperança e ao mesmo uma espécie de fé de que eles seriam os principais elementos de irradiação das novas relações produtivas, sociais e culturais nos meios rurais. Esse desejo foi carregado de fortes conotações morais e teve como objetivo anunciado controlar as potencialidades juvenis por um caminho considerado seguro e

---

<sup>4</sup> Mesmo tendo como foco o público juvenil escolarizado e urbano cabe citar como referência fundamental para se compreender a idealização sobre a juventude dos anos das décadas de 1960 e 1970 o livro resultante da tese de doutorado de Katya Braghini (2016). Nele, a autora buscou compreender o projeto de juventude expresso nas páginas da Revista da Editora do Brasil. O jovem aí idealizado guardaria similitudes com os dos clubes 4-S, pois ambos deveriam estar longe das “questões políticas” e trabalharem firmemente para o “engrandecimento da Pátria”.

promissor.

Quando me refiro a “modelo de jovem rural”, é importante esclarecer que trato muito mais da expectativa que se tinha em relação aos jovens dos meios rurais, ou seja, da idealização projetada pelos adultos em relação a essa parcela da população, do que propriamente aquilo que de fato representavam em suas localidades. Em diferentes momentos e em distintas sociedades da tradição ocidental existiram inúmeras representações sobre o que aqui considero como “juventude”. É necessário destacar que essa fase da vida deve ser compreendida de forma muito fluida e para cada contexto em análise deve-se buscar suas balizas. A grosso modo pode-se compreendê-la entre a dependência dos pais e ao período de envolvimento com responsabilidades consideradas típicas dos adultos, como o trabalho, o matrimônio, a educação dos filhos, a administração do lar etc. De qualquer forma, foi esse período tratado em diferentes contextos como sendo altamente formativo e nesse sentido a “juventude” deveria ser “protegida”, “cuidada”, “educada”. Isso deveria acontecer, pois, essa fase da vida carregaria justamente o princípio da transitoriedade ao estar localizada entre outras duas épocas da vida. Os jovens, estariam em um momento crucial da sua formação física, moral e intelectual. Assim, deveriam ser orientados pelos adultos sempre em uma direção considerada segura para perpetuação dos valores e práticas de cada uma das sociedades. Para Mannheim (1961), porém, o elemento principal para a compreensão da juventude não seria as questões biológicas envolvendo a maturação do corpo ou mesmo as questões psicológicas. Para esse sociólogo o principal entendimento deveria ser o fato de que esse grupo etário, por não estar integrado à sociedade de fato, carregaria um caráter marginal, como se fosse um ser estranho em um mundo que não lhe convém e pertenceria. Para Mannheim os grupos de idade menor em contato com aqueles mais velhos chegariam diante dos problemas do mundo carregando inquietações típicas daqueles que não estão incorporados totalmente. Quando em contato com os “hábitos, costumes e sistemas de valores” diferentes daqueles que até então conhecia e vivenciava, o jovem torna-se um problema sociológico. Novas questões e problemas seriam postos no mundo reiteradamente pelas novas gerações que chegam. Para muitos a novidade que trariam os jovens seria considerada uma ameaça. Ao não estar enredada na sociedade, a juventude assim torna-se “o pioneiro predestinado de qualquer mudança da sociedade”. (MANNHEIM, 1961, p. 41). A juventude assim representaria tanto a possibilidade de transformar o mundo, quanto a sua própria perpetuação caso fosse cuidada. É nesse sentido, portanto, que falo em um modelo de jovem idealizado nos clubes. Os sócios dos clubes deveriam ter em seus horizontes a transformação da realidade dos meios rurais no tocante à introdução de técnicas de produção e de modos de

vida em uma sociedade voltada à produção e ao consumo. Todavia, os jovens também seriam os elementos centrais da permanência da tradição, por exemplo, daquela que definia os papéis sociais que caberiam aos homens e mulheres na sociedade ou sobre a estrutura de poder aos quais estavam submetidos. O trabalho cuidadoso e atento dos extensionistas, como uma espécie de guias da parcela considerada jovem da população rural seria assim considerado fundamental para a conclusão desses propósitos. Não é meu objetivo tratar da noção de jovem, *teenager*, juventude e/ou enveredar pelos estudos, principalmente sociológicos que tratam dessas noções. Cabe afirmar, contudo, que tais expressões se fazem presentes nessa tese, uma vez que, mesmo mostrando que foi no pós Segunda Guerra que houve um crescimento vertiginoso do número de clubes, deve-se buscar uma história dos clubes juvenis rurais, inclusive com outras denominações e nomes, anterior a esse período. Aliás, concordo com Savage (2009, p. 12) que há “uma longa e mal documentada história da juventude datando de uma época bem anterior à Segunda Guerra Mundial”. Foi a partir dessa época que houve uma maior atenção à ideia de juventude. Talvez ela tenha tido seu ápice nas Ciências Sociais, principalmente na década de 1960 devido as rebeliões juvenis, sobretudo daquelas que tinham os estudantes como protagonistas. Contudo, é necessário atentar para outras representações acerca de jovens e juventude ao longo da história<sup>5</sup>.

No conjunto de ações internacionalistas dos Estados Unidos no pós Segunda Guerra para a juventude rural latino-americana<sup>6</sup> estaria presentes três dimensões: uma de modernização econômica, outra envolvendo o ideário político com a premissa da superioridade do Liberalismo e uma dimensão formativa visando ao controle da pulsão e dos costumes atribuídos aos jovens. Esses temas são enfrentados ao longo de todo o texto dessa tese. Para isso busquei problematizar as seguintes questões também: Quais foram as relações envolvendo os 4-H norte-americanos com os outros clubes fundados no pós-guerra, principalmente os 4-S brasileiros? A organização da juventude rural em torno desses clubes

---

<sup>5</sup> Para aqueles que se enveredam por uma história dos jovens ou da juventude ver, por exemplo, os seguintes títulos: Mannheim (1961); Britto (1968); Jaide (1968); Foracchi (1972); Levi e Schmitt (1996); Savage (2009).

<sup>6</sup> Os clubes juvenis inspirados no modelo dos 4-H Clubs talvez tenha sido a expressão mais visível dessas ações para a juventude rural de países da América Latina. Mas não se deve desconsiderar a existência de outros tipos de organizações juvenis norte-americanas tais como os Future Farmers of America, os Boys Scouts, Key Club International que possam ter influenciado programas de jovens na América Latina. Para os propósitos dessa tese importa a ideia apresentada por Ferry, Lehmann e Wetzel (1971, p. 206, tradução minha) que essas organizações “e muitas outras, pequenas ou grandes, estão enfrentando o desafio de hoje e do futuro. Não por tumultos, não por derrubar o establishment, não por protestos e manifestações, mas pelo trabalho, pela construção sobre os alicerces de nossa sociedade e pela cooperação”. (“[.]large and small are meeting the challenge of today and of the future. Not by rioting, not by tearing down the establishment, not by protesting and demonstrating, but by working, by building on the foundations of our Society, and by cooperation”). Essa passagem é um bom exemplo de como no horizonte dessas organizações estava assinalada a preocupação com a juventude e ao mesmo tempo a crença nas prescrições de cunho técnico, moral e político que afetariam novas sensibilidades para esse público.

teria se amparado em valores morais que se voltavam contra uma suposta potência juvenil de contestação e transformação social? A formação dos jovens a partir do modelo preconizado pelos clubes seria também uma das ações para se garantir que os meios rurais não fossem cooptados por ideias revolucionárias, tais como o comunismo?

Parti de uma hipótese inicial que haveria a existência de uma ação internacional dos Estados Unidos já no início do século XX que visava fornecer um modelo de transformações dos meios rurais a partir da população juvenil dessas regiões. Essa teria se materializado, porém, em um amplo programa de incentivo a formação de clubes juvenis rurais no pós Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Foi nesse contexto que muitos clubes juvenis rurais se constituíram com declarada inspiração nos 4-H Clubs principalmente na América Latina. Dessa forma, o objetivo principal da tese foi compreender as relações entre as duas principais experiências aqui abordadas, os 4-H Clubs e os Clubes 4-S, delineando os pontos de contatos entre elas e em quais sentidos se distanciavam. Para isso centrei minha análise nas proposições, ações e os desígnios que pensados inicialmente para os 4-H foram transformados ou adaptados para outras experiências de juventude rural, especificamente nessa tese, na experiência brasileira dos Clubes 4-S, com maior ênfase naqueles de Minas Gerais.

A partir da pesquisa para elaboração da dissertação sobre os Clubes 4-S em Minas Gerais (GOMES, 2013 - b) foi possível comprovar que nos debates sobre a história da educação rural há uma predominância de estudos que destacam as escolas localizadas em regiões consideradas rurais, bem como a formação de professores para nelas trabalharem. Mendonça (2006 e 2009), Pinto (2007), e Pinho (2009 e 2011) foram alguns desses estudos<sup>7</sup> que mostraram os meios rurais como lugares da ausência e da precariedade das formas educacionais. Também foi abordada uma suposta incapacidade da escola em chegar a essas regiões e atingir as populações aí residentes. O foco dado a instrução e constituição de mão-de-obra para as zonas urbanas que se industrializavam parece também ser constantes na maioria das análises.

Em levantamento realizado por Pinho (2008) sobre a produção historiográfica sobre Educação Rural presente em Congressos de História da Educação entre os anos de 2000 e 2007 pode-se constatar a predominância da temática da organização das escolas rurais

---

<sup>7</sup> Em texto que tive contato após a dissertação, Pereira (2014), foi possível perceber os discursos sobre a formação de professores para as escolas primárias rurais na década de 1950. Pode-se também perceber a circulação de ideias em torno de intelectuais tais como Anísio Teixeira, Lourenço Filho, João Roberto Moreira, Abgar Renault, que propunham medidas que visavam a superação de problemas relacionados a formação de professores e as condições precárias das escolas rurais.



primárias e de programas de formação para professores rurais. Apesar do crescimento observado em termos da quantidade de trabalhos apresentados em eventos nacionais e internacionais que congregam pesquisadores em História da Educação, ainda era, segundo essa mesma autora, pequeno o número de historiadores envolvidos com a temática da educação rural no Brasil. Em congressos regionais e nacionais da comunidade de historiadores da Educação do Brasil, realizados em 2015 e 2017, foi possível perceber a presença da temática da educação rural. O 8º Congresso de Pesquisa e Ensino de História da Educação em Minas Gerais (COPEHE) realizado em Belo Horizonte em 2015 apresentou um Simpósio Temático sobre a História da Educação Rural. Nesse evento foram inscritos treze trabalhos sobre esse tema. Apenas um, entretanto, (GOMES, 2015) abordava formas não escolares de educação no meio rural. No VIII Congresso Brasileiro de História da Educação – CBHE, realizado em Maringá, no Paraná em 2015 dos 823 trabalhos inscritos como Comunicações Individuais e/ou Coordenadas, 29 abordavam a Educação Rural ou Agrícola, ou seja, cerca de 3,5% da produção total do evento. O foco esteve nas escolas localizadas nos meios rurais e a formação de professores para essas instituições. Dos estudos que trataram sobre educação rural no próprio âmbito do GEPHE/ FAE/UFMG, houve uma predominância daqueles que destacaram o papel de instituições escolares, os debates pedagógicos em torno do chamado Ruralismo Pedagógico<sup>8</sup>, a formação e atuação dos professores nesse processo. Isso pode ser verificado na produção de dissertações e teses desse Programa de Pós-graduação entre 2015 e 2017<sup>9</sup>. Essa tendência também ficou demonstrada no IX CBHE ocorrido em agosto de 2017 na cidade de João Pessoa na Paraíba. Dos 800 trabalhos inscritos como Comunicações Individuais e/ou Coordenadas, 37 trabalhos, ou seja, 4,7% do total tinha alguma relação com o tema da Educação Rural ou Agrícola. Houve assim um leve crescimento do número de trabalhos inscritos no tocante a temática em questão comparado com o VIII CBHE de 2015. Cabe citar, entretanto, que nenhum dos 34 títulos de livros lançados no IX CBHE trazia especificamente, pelo menos, no título, a temática da educação

---

<sup>8</sup> Existe uma vasta e riquíssima produção acerca do que se convencionou chamar de Ruralismo Pedagógico ou Ruralização do Ensino. Para os propósitos dessa tese utilizo essas expressões como referência a um conjunto de ideias e práticas que desde a década de 1920 no Brasil procuraram defender uma escola atenta e voltada aos anseios das áreas rurais. Professores, estudantes, instalações físicas das escolas, seriam, por essa concepção, meios para se atingir o desenvolvimento de formas capazes de manter o homem rural no campo, bem como desenvolver uma suposta vocação agrícola do país. Destacaram-se nesse debate intelectuais tais como Sud Mennucci, Alberto Torres, Carneiro Leão dentre outros. Para um maior aprofundamento desse tema ver: Mendonça (1997); Fonseca (2014), Bezerra Neto (2016), Moraes (2017).

<sup>9</sup> Alves (2014); Fonseca (2014); Neves (2015); Bergamaschi (2017) foram alguns dos trabalhos que no âmbito do GEPHE/FAE/UFMG colocaram suas lentes ou sobre instituições escolares para o meio rural, ou sobre a formação de professores para essas instituições, ou sobre os debates envolvendo intelectuais em torno chamado Ruralismo Pedagógico. Um trabalho que se destaca por extrapolar o espaço escolar é o de Rosa (2015) no qual aborda a relação entre práticas tradicionais de comunidades rurais e práticas escolares de saúde em Minas Gerais.

rural ou agrícola. Houve, porém, nesse evento uma exposição organizada por Deuzenir Dias Fernandes Barbosa com fontes impressas sobre os Clubes Agrícolas Escolares<sup>10</sup>. Tais fontes (livros, relatórios, revistas e outros) foram produzidas pelo Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura entre as décadas de 1940 e 1960. As diferenças entre os Clubes Agrícolas Escolares e os Clubes 4-S foram abordadas no capítulo 1 dessa tese.

Mas se por um lado houve essa tendência de um crescimento, mesmo que tímido do número de estudos sobre a temática que envolveu agricultura, educação, formação de professores, escolas rurais, por outro pode-se afirmar que ainda é bastante incipiente a incursão da comunidade historiadora em relação aos estudos de práticas educativas não-escolares no meio rural. Em se tratando da formação destinada aos jovens rurais essa lacuna é ainda mais visível. Excetuando meu trabalho sobre os 4-S (2013) desenvolvido em um programa de pós-graduação em Educação, outros estudos que abordaram os clubes de jovens rurais nos moldes dos 4-S foram desenvolvidos junto a programas de pós-graduação em história ou Extensão Rural, tais como os trabalhos de Silva (2002), Souza (2004) e Souza (2015).

Foi a partir dessas constatações que levantei uma produção bibliográfica acerca dos *4-H Clubs* e dos Clubes 4-S, nos Estados Unidos e no Brasil respectivamente. As referências básicas que adotei sobre a história dos *4-H Clubs* foram os livros de Reck (1957) e Wessel e Wessel (1982). Ambos, fornecem dados acerca da organização e funcionamento dos 4-H, além de trazerem contribuições sobre as relações internacionais dos jovens, principalmente no tocante ao *International Farm Youth Exchange* (IFYE), aos *Peace Corps* e sua presença no Brasil, a criação do Programa *Inter-Americano para la Juventud Rural* (PIJR) ou *Inter-American Program for Rural Youth*. Outra referência foi a tese de Doutorado em Educação, de Earl Jones (1962), sociólogo norte-americano<sup>11</sup> e atuante no IICA e que desenvolveu inúmeros trabalhos de formação de técnicos para a atuação com a Juventude rural. Informações tais como a caracterização dos programas de juventude e as suas relações com a ABCAR e o Comitê Nacional de Clubes 4-S estão presentes nesse trabalho. O livro de Gabriel Rosenberg<sup>12</sup> (2015) também trouxe importantes contribuições a essa pesquisa. Além de apresentar informações acerca do programa internacional dos 4-H durante os anos da chamada Guerra Fria, o autor discutiu a organização da juventude rural em torno da ideia de

---

<sup>10</sup> BARBOSA, Deuzenir Dias Fernandes (Org). Fontes sobre os Clubes Agrícolas Escolares. João Pessoa, PB, 2017 (Exposição IX CBHE).

<sup>11</sup> Earl Jones nasceu em 04/08/1925 em Canton, no estado norte-americano de Oklahoma. Fonte: <http://digitalcollections.library.cmu.edu/awweb/awarchive?type=file&item=55442>. Acesso em 20/10/2018.

<sup>12</sup> Professor Assistente do Departamento de História da Duke University, Carolina do Norte, Estados Unidos. Ver: <https://history.duke.edu/people/gabriel-nathan-rosenberg>. Acesso em 20/11/2016.

modernização e reforma cultural.

Acrescidos dessas duas referências iniciais há o livro de Thompson [1956] que apresentou um histórico sobre o Serviço de Extensão Rural no Estado de Indiana. É nesse estado que se localiza a *Purdue University*, peça fundamental para a institucionalização da Extensão Rural no Brasil. Vários técnicos da ACAR/ABCAR fizeram cursos de aperfeiçoamento ou de pós-graduação nessa universidade localizada na cidade de West Lafayette, incluindo a formação para o trabalho com os jovens rurais.

Lepley and Couch (2015), Oomen (2015), Butler (2014) e Tabler (2011) são obras de caráter memorialista. Todos eles, apesar de bem menos do que Oomen (2015) fazem um recuo às memórias de integrantes à época em que compunham os quadros dos 4-H Clubs nos Estados Unidos. São unânimes em apresentar uma espécie de exaltação da formação obtida nos clubes. Também sinalizam que essa teria sido fundamental para que, depois enquanto adultos, tivessem alcançado êxito em suas vidas, inclusive, para além dos meios rurais. A análise dessas obras estará presente principalmente no item 3.1.6 dessa tese.

Para além dos trabalhos que muitas vezes foram marcados pelo tom afetivo e memorialista, pois elaborados por ex-quatroessistas ou técnicos extensionistas no Brasil, posso citar os estudos que tiveram como foco os Clubes 4-S ou as instituições que contribuíram para a institucionalização da Extensão Rural no país: Silva (2002) discutiu a importância dos clubes em Santa Catarina e a relação da AIA com os programas de modernização da agricultura brasileira (2009 e 2015); Souza (2004) analisou a atuação dos Clubes 4-S na região norte do Rio Grande do Sul, especialmente no distrito de São Roque, município de Passo Fundo; Gomes (2013 - b) estudou os clubes em Minas Gerais, tendo em vista a sua organização e funcionamento, apoio institucional e os aspectos morais presentes nas propostas para essas agremiações e Oliveira (2013) estudou a estruturação do extensionismo rural por meio da análise do papel desempenhado pela ABCAR. Cabe citar também o trabalho de Nicolau (2016) no qual estudou os clubes agrícolas, forma de trabalho com jovens rurais, que apesar de várias similitudes com os Clubes 4-S, estavam subordinados ao Ministério da Educação e Saúde. Há ainda o trabalho de Souza (2015) no qual analisou o papel da juventude rural via os Clubes 4-S na Extensão Rural desenvolvida em Minas Gerais entre as décadas de 1950 e 1980<sup>13</sup>.

Fonseca (1985), Teixeira (1995) e Ribeiro (2000) são autores de alguns trabalhos

---

<sup>13</sup> Quando essa tese já se encontrava finalizada recebi o trabalho de Bergmaier (2018). O autor analisou a implementação dos Clubes 4-S no município de São Carlos e as transformações vividas até a segunda década do século XXI.

que se debruçaram sobre as práticas extensionistas da ACAR/EMATER. Nesses estudos a organização da juventude rural em torno dos Clubes 4-S foi abordada, mas sem aprofundamentos. Os objetivos gerais desses trabalhos foram entender a Extensão Rural nas suas variadas formas além do contexto da sua oficialização no Brasil.

A maior parte dos estudos que analisaram a Extensão Rural e a organização dos clubes de jovens rurais destacaram os aspectos econômicos aí presentes. Enfatizaram o caráter produtivista que o campo deveria desempenhar, ou seja, o aumento dos gêneros agrícolas e o de fornecimento de trabalhadores capacitados para as zonas urbanas, além de potenciais consumidores de novos produtos para o meio rural. Em Gomes (2013 - b) destaquei as questões educacionais em torno dos Clubes 4-S em Minas Gerais. Nesse trabalho houve um realce aos aspectos internos (organização, funcionamento, crescimento em Minas Gerais) dos clubes e suas relações com o debate educacional e político nas décadas de 1940 a 1960. Aquele trabalho mostrou-me que era necessário compreender os Clubes 4-S para além das suas fronteiras nacionais e buscar assim suas origens internacionais e ligações com outras experiências no período. Essa tese, portanto, foi um desdobramento da dissertação (GOMES, 2013 – b). Ela se valeu de referências daquele trabalho que forneceram dados sobre a Extensão Rural e sobre os próprios Clubes 4-S. Porém, foi além ao tratar das relações internacionais dos clubes e ao estabelecer os contrastes entre as realidades analisadas. Assim o fiz incluindo a análise dos objetivos, dos meios, das estratégias, os recursos, as relações de trocas e tensões, envolvendo os *4-H Clubs* com a experiência dos Clubes 4-S do Brasil.

Foi necessário trazer também a discussão sobre os projetos agrícolas que estiveram em voga entre os anos de 1940 e 1961. Sobre eles Mendonça (2009, p. 209) afirmou que

Não se tratava de trabalho como princípio educativo integral – tal como defendia Antonio Gramsci – sim de uma Educação como instrumento para maximizar a produtividade do trabalhador rural. A partir dessa concepção instrumental de Educação, se submetia a população do campo a uma infinidade de intervenções, muito distantes das práticas efetivamente educativas, considerando o processo em curso de substituição da Escola por atividades de extensão dirigidas à assistência técnica e financeira. Ratificavam-se, assim, os mecanismos capazes de assegurar um mercado de consumo seguro para bens e serviços norte-americanos já que, junto com a orientação técnica provida pelos extensionistas, se construía a necessidade do crédito e a “imperiosa exigência” das máquinas de insumos produzidos nos EUA, como signos da moderna agricultura.

O projeto extensionista visava a transformação da economia e das formas de

trabalho nos meios rurais. Porém, ao focar nos aspectos da produção agrícola e na sua dimensão mercadológica, perde-se uma outra dimensão que atravessa todo o processo de constituição e desenvolvimento de um modelo extensionista. Refiro-me aos aspectos educacionais desse processo. Estes não negaram os objetivos econômicos. Pelo contrário, eles são partes do processo. Mas, se não era uma educação como “princípio educativo integral”, conforme preconizava Gramsci, também não era uma educação simplesmente para formação de mão-de-obra para o meio rural. No projeto extensionista estiveram presentes sim a busca pelo aumento da produção agrícola e, talvez, tenha sido, esse o grande objetivo perseguido. Porém, avalio como limitada essa espécie de centralização na economia. Não há como separar a economia, nesse sentido entendida como a produção e distribuição de gêneros de quaisquer espécies, da dimensão sensível do indivíduo. No projeto extensionista, mais especificamente no caso dos Clubes 4-S houve a busca em tocar o “coração e a mente” dos moradores dos meios rurais, pelo menos na sua dimensão prescritiva. A formação de um “novo” jovem rural, encarnado nas lideranças jovens, talvez tenha sido a principal especificidade do trabalho dos clubes inspirados nos *4-H* norte-americanos em relação aos outros projetos voltados a educação do meio rural, pelo menos no caso brasileiro. Na concepção extensionista voltada aos jovens rurais estava claro que a mudança comportamental seria condição *sine qua non* para a transformação da vida no campo, inclusive, claro, dos seus aspectos produtivos e econômicos. A mudança não se daria transformando a economia para depois todos os outros aspectos. Não havia na filosofia extensionista para os jovens rurais uma lógica baseada na causa-efeito. As dimensões econômica, comportamentais e o que a grosso modo eu poderia chamar de culturais se dariam em processo e se inter-relacionando. Nesse sentido, as ações voltadas para a juventude rural teriam constituído sensibilidades que estiveram em disputa com outras formas de ser, ver e viver nas regiões agrícolas brasileiras. Estiveram em disputa com as próprias experiências de ser jovem nos meios rurais brasileiros no contexto estudado.

Desse modo ganhou relevância na tese as relações externas dos Estados Unidos voltados para a América Latina. Um importante trabalho que traçou um panorama das relações envolvendo principalmente Brasil, Argentina e Estados Unidos foi o de Moniz Bandeira (2010). No tocante ainda a ação de instituições norte-americanas e o papel desempenhado por Nelson Rockefeller nos programas de Extensão Rural foram referências essenciais as obras de Colby e Dennett (1998), Tota (2014 b) e Silva (2015).

Especificamente aos projetos de educação rural e a influência dos Estados Unidos nesse processo foi fundamental o trabalho de Mendonça (2010). A autora analisou a influência daquele país e a mediação do Ministério da Agricultura do Brasil no tocante às formas

educativas voltadas aos homens dos meios rurais. Além do trabalho de Mendonça (2009) sobre a presença norte-americana em programas de educação rural, uma outra contribuição foi o livro resultante da tese de doutorado de Cecília Azevedo (2008). A autora estudou profundamente a presença no Brasil dos Voluntários da Paz por meio do programa Aliança para o Progresso, criado durante o governo de Presidente John Kennedy. Mostrou as relações dos Voluntários da Paz ou Peace Corps no concerto político internacional do início dos anos sessenta do século XX, no qual os Estados Unidos buscavam reafirmar sua hegemonia na América Latina. Além disso, apresentou as formas de organização, dinâmicas internas, conflitos, disputas de interesses, apropriações que estiveram em palco com a atuação dos Voluntários no Brasil. Se isso por si só já seria de grande valia para meu estudo sobre os jovens rurais dos Clubes 4-S e dos 4-H Clubs, acrescenta-se o fato que os Peace Corps estiveram presentes em alguns programas dos 4-S no Brasil. Ao se agrupar e colaborar com as instituições de extensão rural coordenadas pela ABCAR e atuando junto aos programas de jovens por elas desenvolvidos, os Voluntários visavam contribuir com o movimento de organização e expansão de Clubes 4-S no Brasil.

### **A organização dos clubes juvenis rurais como uma forma de educação social**

Referência básica sobre a temática da educação social, Julio Ruiz Berrio (1999, p. 6, tradução minha) afirmou que “à medida que foi avançando o mundo em melhorias econômicas e modernizações políticas, à medida que se fizeram mais complexas as estruturas sociais, aumentou a necessidade de uma educação social<sup>14</sup>”. Veiga (2012, p. 34-35) tem também compreendido essa noção seguindo o referencial de Berrio e assim afirmou que

A história da educação social como um campo de investigação ou domínio da história se organiza, tendo em vista sujeitos cuja especificidade está na condição de ser marginal. Ou seja, trata-se de uma experiência social que se faz a margem de certas práticas e valores sociais consagrados e, portanto, hegemônicos a cada tempo e lugar. Por isso, os indivíduos ou grupos em situação de marginalidade participam da sociedade de modo estigmatizado.

Apesar da centralidade dada por Berrio (1999, p. 7) aos processos de superação de marginalização e exclusão especialmente das crianças e dos jovens e da sua pregnância, por exemplo, na interpretação de Veiga (2012), adotei essa noção mais próxima daquilo que

---

<sup>14</sup> “(...) a medida que fue adelantando el mundo em ventajas económicas y modernizaciones políticas, a medida que se hicieron más complejas las estructuras sociales, aumento la necesidad de una educación social”.

definiu Rodrigo (2008, p. 50) acerca dos objetos da educação social, mesmo quando tratou da marginalização infantil. Para esse autor a educação social trataria de todos os espaços e tempos não formalizados de ensino, ou seja, que se produziram fora do sistema escolar formal. Rodrigo (2008), inclusive, listou alguns objetos de estudo que estariam presentes em um programa da Disciplina História da Educação Social. Esse comportaria os seguintes tópicos:

Políticas de Educação ambiental, do ócio e tempo livre; (O processo de configuração da educação ambiental);  
 As instituições para-escolares: cantinas, colônias, mutualidades etc e a higiene escolar e a ação protetora;  
 A atenção ao adulto: educação e cultura popular (animação sócio-cultural: extensão cultural – casas do povo, missões pedagógicas, bibliotecas etc. – Alfabetização e educação de adultos e formação para o trabalho: capacitação agrária e industrial) (RODRIGO, 2008, p. 51, tradução minha)<sup>15</sup>.

Ao longo da pesquisa fiquei cada vez mais convencido que uma noção de educação social mais próxima dessa tratada por Rodrigo (2008) poderia contribuir para a compreensão acerca das prescrições destinadas aos participantes dos clubes do tipo Clubes 4-S e dos 4-H. Não só as questões referentes aos contextos de modernização da produtividade no meio rural seriam importantes. Além deles, o caráter não-escolar desse trabalho com os jovens, no caso brasileiro e de complemento à escola, no caso norte-americano, bem como a tentativa de reforma dos costumes desse público, comportariam dimensões de um tipo de educação social. Aliás, esses são temas pouco estudados pela historiografia que trata dos processos educativos voltados, primeiro ao público jovem, segundo para o meio rural e em terceiro, que se desenrola basicamente para além dos espaços escolares. Assim adotei como possibilidade heurística a noção de educação social, termo em si polêmico e polissêmico, para tratar das propostas educacionais voltadas a esse público juvenil.

Mesmo tratando de outra realidade, seja em termos de públicos, locais e temporalidades, Mardomingo (2008) contribuiu com esse meu entendimento sobre educação social ao afirmar que

A contribuição dos movimentos juvenis à educação social reside na educação através do jogo, a aprendizagem da cooperação, a participação social, a gestão grupal de tarefas e conflitos, a aprendizagem de capacidades de relação e integração social, a prevenção de condutas de risco, os hábitos de autonomia, a sensibilização frente a problemas sociais (dependentes

---

<sup>15</sup> “Políticas de Educación ambiental de ócio y tempo libre. (El proceso de configuración de la educación ambiental). Las Instituciones paraescolares: Cantinas, Colonias, Mutualidades, etc. y la higiene escolar y la acción protectora); La atención al adulto: educación y cultura popular (Animación sociocultural: extensión cultural – Casas del Pueblo, Misiones Pedagógicas, Bibliotecas, etc. – Alfabetización y educación de adultos y formación para el trabajo: capacitación agraria e industrial)”.

químicos, pessoas maiores, pessoas com incapacidades, imigrantes...), e a implicação em diferentes causas como a defesa do meio ambiente, o desenvolvimento sustentável, o consumo crítico ou a solidariedade (MARDOMINGO, 2008, p. 85-86, tradução minha)<sup>16</sup>.

Assim, essa autora reiterou que o nascimento da educação social aparece vinculado ao conceito de cidadania. Nesse sentido, considerou que os jovens, por meio de movimentos juvenis, tiveram papel de destaque naquilo que se convencionou chamar de educação social. Para essa autora

As associações juvenis têm “somado” estratégias à educação social no todo o referente à educação ambiental e a educação para a saúde. [...]. Os movimentos juvenis buscam a implicação social dos jovens em distintas causas sociais: a cooperação ao desenvolvimento, a ecologia, a cultura ou a política. Desta forma, o associativismo se converte em uma ferramenta de educação para a participação cidadã (MARDOMINGO, 2008, p. 86, tradução minha)<sup>17</sup>.

O trabalho desenvolvido junto aos clubes juvenis rurais nos moldes dos 4-H ou 4-S comportaria assim elementos de uma educação social. Não só em torno dos objetivos, mas também devido ao seu caráter não escolar, foi possível perceber nas duas experiências propostas claras de uma educação social. Contribuir com a educação dos jovens em uma mentalidade considerada moderna diria respeito, mais do que aumento da produtividade, na constituição de valores e normas sociais a serem constituídas, compartilhadas e mantidas.

As referências aos Clubes 4-S ou mesmo aos 4-H Clubs mostraram a ocorrência de expressões tais como educação informal, educação não formal, educação não escolar, educação supletiva especificamente para os 4-H e propriamente educação social. Todas me pareceram referir à uma mesma dinâmica educacional da qual os clubes fizeram parte e ao mesmo tempo contribuíram com a sua configuração. Essas expressões foram utilizadas para descreverem um tipo de educação que mesmo não negando por inteiro a instituição escolar, considerava-a insuficiente para atender as populações rurais e assim propunham um conjunto de iniciativas voltadas a resoluções de problemas práticos para os rurícolas. Por exemplo, se em determinada localidade brasileira o principal problema detectado pelos extensionistas era a

---

<sup>16</sup> “La contribución de los movimientos juveniles a la educación social reside en la educación a través del juego, el aprendizaje de la cooperación, la participación social, la gestión grupal de tareas y conflictos, el aprendizaje de capacidades de relación e integración social, la prevención de conductos de riesgo, los hábitos de autonomía, la sensibilización ante problemas sociales (drogodependientes, personas mayores, personas con discapacidad, inmigrantes...), y la implicación en diferentes causas como la defensa del medio ambiente, el desarrollo sostenible, el consumo crítico o la solidaridad”.

<sup>17</sup> “Las asociaciones juveniles han aportado estrategias a la educación social en todo lo referente a la educación ambiental y la educación para la salud. [...] Los movimientos juveniles buscan la implicación social de los jóvenes en distintas causas sociales: la cooperación al desarrollo, la ecología, la cultura o la política. De esta forma, el asociacionismo se convierte en una herramienta de educación para la participación ciudadana”.



baixa produtividade nas propriedades rurais, os jovens deveriam aprender as técnicas consideradas adequadas para reverter esse cenário. Era com e pela prática que os jovens deveriam aprender. Desse aprendizado, esperava-se, ou melhor, somente através dele poderia ser alcançada, segundo a crença extensionista, a melhoria da produção, das condições de higiene e sanitárias da propriedade rural, o que redundaria em um meio rural transformado. Assim, ao adotar a noção de educação social, busquei também solucionar um imbróglio muito comum, pois nos estudos relacionados à História da Educação, pensa-se quase que exclusivamente em História da Escola ou das formas escolares<sup>18</sup>. Essa tese vem assim reafirmar o entendimento da História da Educação que, principalmente a partir das novas abordagens historiográficas da década de 1990, afirmam que esse campo de pesquisa não só comporta, bem como não pode prescindir de buscar compreender as possibilidades educacionais para além dos espaços escolares. Assim para dar unidade aos pressupostos educacionais presentes nos clubes de jovens, utilizei a noção de educação social<sup>19</sup>.

Os Clubes 4-S do Brasil, principalmente aqueles que mais me debrucei, os de Minas Gerais, não dependiam de sistemas escolares para existir. Mesmo que não os negassem ou excluíssem por completo, as prescrições para os jovens rurais dos Clubes 4-S buscavam a formação de jovens capazes de se inserirem como cidadãos ativos em suas comunidades. Para isso valia-se mais o saber-fazer do que as disciplinas regulares trabalhadas nas escolas. Esperava-se que a inserção social dos jovens dos clubes se desse de tal maneira que suas formas de vida, incluindo aspectos relacionados à constituição de lideranças locais e do domínio das técnicas de produção fossem capazes de inspirar outros jovens e os adultos a adotarem novas formas de vida. Para o público-alvo dos clubes e os objetivos que junto a eles buscava-se alcançar, a escola foi considerada prescindível. Nos clubes havia objetivos para além do desenvolvimento de instrumental voltados apenas ao aumento da produtividade no meio rural. Mesmo no caso dos 4-H Clubs, onde o sistema escolar esteve ligação mais direta com o desenvolvimento dos clubes, a busca pela constituição de uma educação social pode ser considerada como o principal legado acerca do trabalho com os jovens rurais nos moldes que trato nessa tese. O meu entendimento de educação social está presente ao longo de toda a tese. De forma mais específica foi, porém, problematizada no capítulo 1. Nele, além de apresentar citações literais como a própria expressão *educação social* nas fontes sobre a Extensão Rural

---

<sup>18</sup> Sobre o percurso da disciplina história da educação bem como dos seus principais problemas, métodos, fontes e diálogos com a historiografia ver dentre outros: Nunes e Carvalho (1993); Nóvoa (1996); Vidal e Faria Filho (2003); Faria Filho, Gonçalves, Vidal e Paulilo (2004); Falcon (2006); Gatti Júnior (2009).

<sup>19</sup> Para um maior aprofundamento sobre educação social e sua contribuição para os estudos em História da Educação, como também da sua relação com as noções de formação e trabalho ver: Gomes; Meurer; Taborda de Oliveira (2017).

e os jovens rurais, explorei também essa noção para além de uma formação instrumental e imediata, muitas vezes associado apenas como para além dos sistemas escolares.

### **As fontes desse trabalho**

As fontes analisadas inicialmente nessa tese partiram de um conjunto de documentos originárias da vasta publicação utilizada pela ACAR-MG e pela Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural – ABCAR para divulgação do extensionismo em Minas Gerais e no Brasil. Nesse conjunto estiveram presentes: folhetos técnicos, jornais, revistas, relatórios, livros, programas, fotografias e outros documentos avulsos como notas, memorandos, anotações manuscritas etc. Durante minha pesquisa de mestrado (GOMES, 2013 - b) enfatizei as informações sobre os Clubes 4-S em Minas Gerais. Duas fontes que se destacaram naquela pesquisa foram os jornais o Trevo e O Ruralista. O periódico O Trevo era considerado o “órgão oficial dos Clubes 4-S”, ou seja, o principal veículo de comunicação dos quatroessistas entre si e com as comunidades rurais. Sua primeira edição data de 1957 e nessa época era editado pelo Serviço de Extensão da UREMG em parceria com a ACAR-MG. Já o jornal O Ruralista foi fundado por João Pessoa de Castro Araújo em 1963. Inicialmente foi editado em Juiz de Fora e a partir de setembro de 1968 foi editado em Belo Horizonte. O periódico se intitulava o “órgão de interesse de cooperativas e associações rurais”. Era um periódico produzido em Minas Gerais, e que, mesmo não sendo um veículo oficial da ACAR-MG, difundia o *ethos* extensionista e compartilhava do mesmo ideário da instituição no tocante aos objetivos de modernização das práticas agropecuárias. Procurava também não se prender aos fatos referentes ao estado mineiro e assim ampliar a lente para outras regiões nas quais o trabalho de extensão rural e de tentativas de modernização da vida no campo eram observadas. As fichas catalogadas desses dois periódicos foram para a escrita da tese revisitadas. Delas procurei extrair indícios das prescrições, práticas e circulação das mesmas em uma perspectiva relacional envolvendo os Clubes 4-S e os 4-H Clubs.

Assim ampliei o meu escopo de análise para outras fontes que também envolvessem os Clubes 4-S em iniciativas internacionais tendo como foco os programas voltados para a América Latina e que em vários aspectos dialogavam com os clubes dos Estados Unidos, os 4-H Clubs. Nesse sentido o acervo da EMATER-MG<sup>20</sup> foi novamente um local privilegiado no meu esforço de entendimento dos pressupostos educacionais da

---

<sup>20</sup> O acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em Extensão Rural Engenheiro Agrônomo José Alfredo Amaral de Paula, localizado na sede da EMATER-MG em Belo Horizonte, mantém sob sua guarda um rico acervo de documentos e de equipamentos de utensilagem técnica que cobrem os principais momentos do Serviço de Extensão Rural no Brasil, desde 1948.

Extensão Rural, principalmente no tocante à parcela da juventude rural em torno dos clubes juvenis rurais. Algumas das palavras-chave ou expressões utilizadas que nortearam a pesquisa foram: *4-H Clubs*, Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas ou IICA, Programa Interamericano para la Juventud Rural ou PIJR, Escritório Técnico de Agricultura ou ETA, a Aliança para o Progresso, e a *United States Agency for International Development* ou USAID. Essas palavras-chave ou expressões aparecem na tese como subtemas, mas longe de querer esgotá-los servem como pano de fundo ou se entrelaçam no enredo sobre as relações entre os clubes de jovens rurais nas duas experiências estudadas.

Depois de pesquisar no acervo da EMATER-MG em Belo Horizonte, busquei ampliar o corpus documental para referências que traziam dados sobre a ABCAR. Inicialmente realizei um levantamento de informações a partir da base de dados da Biblioteca Nacional de Agricultura – BINAGRI, a partir de uma base de dados on-line<sup>21</sup>. Essa instituição reuniu parte do acervo das antigas filiadas dos sistemas ABCAR/EMBRATER<sup>22</sup>. Constatei que em seu acervo constavam 427 documentos catalogados com os indexadores: *Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural*. Desse total cerca de 10% relacionavam-se diretamente com o tema Clubes 4-S ou Juventude Rural, muitos dos quais não encontrados no acervo do Centro de Documentação da EMATER-MG em Belo Horizonte e que, nesse caso, ampliavam o foco para dados do trabalho com os jovens no Brasil. Pesquisei durante três dias na sede da BINAGRI, localizada no prédio do Ministério da Agricultura em Brasília. Ali acessei os documentos que já havia previamente selecionados. Anotações, fotografias dos documento e cópias impressas foram obtidas durante esse estágio da pesquisa<sup>23</sup>.

---

<sup>21</sup> A base de acesso disponível em setembro de 2015 era: [http://snida.agricultura.gov.br:81/binagri/html/cen\\_agb1.html](http://snida.agricultura.gov.br:81/binagri/html/cen_agb1.html).

<sup>22</sup> Inicialmente tinha a expectativa que talvez fosse possível localizar os documentos da antiga ABCAR na cidade de Niterói no estado do Rio de Janeiro, na atual sede da EMATER-RJ. Nessa cidade localizava-se a sede da antiga ABCAR, depois transferida para Brasília, mas já como EMBRATER. Obtive a informação por e-mail do setor de comunicação da EMATER-RJ, porém, que tais documentos se encontram dispersos em um prédio ligado à empresa em estado de quase abandono. Já a bibliotecária chefe da Biblioteca Nacional de Agricultura, órgão do Ministério da Agricultura, afirmou-me em conversa informal que “tudo” da Antiga ABCAR/EMBRATER foi transferido para essa Biblioteca. Disse, porém que um incêndio (não soube precisar quando e onde, se no Rio ou Brasília) teria destruído parte do acervo, incluindo documentos sobre Extensão Rural e o trabalho com os clubes de jovens, como os 4-S.

<sup>23</sup> A pesquisa junto aos acervos físicos nem sempre foi possível. Aliás, essa se restringiu às seguintes localidades: Belo Horizonte, Brasília e uma rápida passagem por Buenos Aires. Na capital argentina pesquisei em um acervo muito específico, ou seja, na biblioteca do *Instituto de Historia Argentina y Americana*. Foi possível localizar fontes voltadas às relações entre os Estados Unidos e as tentativas de modernização da agricultura na América Latina. É preciso ressaltar, porém, que muitas fontes que acessei nessa tese devem-se às facilidades da Rede Mundial de Computadores. A Internet foi uma facilitadora no processo de busca e seleção de documentos que sem tal ferramenta dificilmente eu teria acesso no percurso dessa pesquisa. Tratei a rede mundial de computadores como um arquivo no sentido clássico de repositório e não como o produtor de documentos, o que nenhum arquivo de fato o é. Inspirado em Certeau (2015, p.69) que afirma que “em história tudo começa com o gesto de *separar*, de reunir, de transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra maneira”, a

Estive também na biblioteca do Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani da Facultad de Filosofia y Letras da Universidad de Buenos Aires onde localizei fontes relacionadas à Aliança para o Progresso: Selser (1964) e referências à relação entre os Estados Unidos e a América Latina: Salvatore (2006).

No processo de divulgação dos clubes de jovens rurais nas América como forma de promoção e exaltação desse trabalho teve papel de destaque a Ford Motor Company com o patrocínio e elaboração de publicações que circularam pelos países onde existiram essa experiência. Foi a partir dessa constatação e da seleção de fontes no Centro de Documentação da EMATER-MG que encontrei o volume II do Anuário da Juventude Rural das Américas, publicado em 1962. O conteúdo do Anuário em si com dados sobre diversas experiências de clubes na América Latina já seria de grande valia. Mas, além disso, interessou-me também o prefácio devido ao teor daquele texto, bem como a sua autoria, o presidente da companhia, Henry Ford II. Nesse documento ele expressava a crença no trabalho com a juventude ao mesmo tempo que anunciava esses jovens como como a promessa de futuro de sucesso para os povos latino-americanos.

Durante os últimos dois anos, moços e moças da América Latina vêm trabalhando em clubes organizados com o fim de melhorar a agricultura e propiciar um melhor padrão de vida para eles e seus países; os esforços desses jovens têm despertado a admiração de todos os que se interessam por um amanhã mais feliz. Organizações comerciais, associações cívicas, fundações, entidades de auxílio e os governos, têm prestado uma grande assistência ao movimento das associações da juventude rural. O número de membros tem aumentado, a liderança tem-se fortalecido e o aumento da ajuda financeira expandiu o campo de ação e o objetivo dos programas dos Clubes.

Este progresso é motivo de orgulho para a Ford Motor Company, compartilhante do progresso das nações latino-americanas. [...]. Esperamos que nossos esforços tenham atingido seu objetivo; auxiliar os dedicados grupos que lideram os clubes da Juventude Rural. E reconhecemos que o crescente sucesso do movimento é devido inteiramente aos membros dos clubes e seus líderes. (FORD MOTOR COMPANY, 1962, p. 3).

Isso me instigou a obter o volume I do referido anuário. No Centro de Documentação da EMATER-MG não foi possível, pois o único exemplar do anuário encontrava-se extraviado. Depois de tentativas frustradas em sebos físicos e virtuais, consegui obter uma cópia do volume I publicado em 1960<sup>24</sup>. Além disso, cheguei ao site do *Rockefeller*

---

minha ida aos sites, portais e arquivos surgiu na própria trama da pesquisa e foi marcada pelas escolhas inerentes ao trabalho do historiador na sua busca de respostas a alcançar. Os documentos selecionados foram catalogados em uma tabela com as principais informações de cada um incluindo a data de acesso.

<sup>24</sup> Agradeço imensamente a colaboração do professor Joel Orlando Bevilaqua Marin, do programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) que prontamente atendeu ao

*Archive Center*<sup>25</sup> - RAC. O RAC mantém um dos, senão o mais completo acervo sobre Extensão Rural e Juventude Rural do mundo. A coleção intitulada: American International Association for Economic and Social Development – AIA<sup>26</sup> foi um convite à parte para tentar rastrear a documentação arquivada sobre a ACAR-MG, ABCAR e os Clubes 4-S. Foi daí que pude adquirir os exemplares dos volumes 1 a 4 do Suplemento do Anuário Ford para Juventude Rural das Américas dos anos de 1961 a 1964, totalizando 16 números<sup>27</sup>. A partir de tais documentos pude extrair dados acerca dos clubes, como número de sócios, principais projetos executados ou em andamento, destaques individuais no desenvolvimento da produção e os desafios postos a consolidação do trabalho com a juventude rural não só no Brasil, mas em outras localidades latino-americanas, como por exemplo, o de chamar a atenção para o mundo da importância de se investir cada vez mais nesse segmento da população.

Uma outra fonte de pesquisa foi o portal do National 4-H History Preservation Program<sup>28</sup>. Trata-se de importante repositório e com uma vasta documentação acerca da história dos *4-H Clubs* nos Estados Unidos. Ele foi constituído como um grande programa de preservação da história dos *4-H Clubs*. Nesse portal tive acesso a uma lista de documentos divididos em três grandes conjuntos: livros; filmes e áudios; livros com letras de canções e partituras musicais. Alguns deles estão disponíveis no formato PDF. Catalogados como livros existe uma variedade de formatos que incluem relatórios anuais, programas de eventos, folhetos, boletins informativos, manuais, revistas e outros. Do total de títulos listados, acessei 32 documentos no formato PDF, ao analisar o título ou o período que faziam referência ou foram produzidos e que guardavam alguma possibilidade de informação para a tese. Esses documentos foram produzidos entre 1906 e 2012 e abrangem diversas esferas da história dos *4-H Clubs*. Depois dessa seleção construí uma tabela que apresenta o conteúdo principal de cada um desses títulos e suas referências básicas como localização, autor e data de publicação.

Também acessei o portal do sistema de Bibliotecas do IICA<sup>29</sup>. Desse portal foi possível ter acesso à rede de bibliotecas por países, por exemplo, as dos Estados Unidos e as

---

meu pedido e enviou-me uma cópia do Anuário para a Juventude Rural das Américas.

<sup>25</sup> <http://www.rockarch.org>. Acesso em 18/07/2016.

<sup>26</sup> Sobre o conteúdo dessa coleção e um guia de como e o que acessar, ver: RAC, 2014.

<sup>27</sup> Para acesso aos documentos o pesquisador deve seguir alguns procedimentos. Primeiro ele faz um cadastro no site da instituição. Em seguida uma solicitação online, pela qual são selecionadas as caixas, pastas e documentos que pretende acessar. Para finalizar deve ser feito o pagamento pela cópia dos documentos selecionados. O valor é o resultado da somatória de todas as páginas selecionadas. Depois disso, os documentos são tratados e escaneados pela equipe do RAC e só então enviados no formato PDF para o e-mail cadastrado pelo pesquisador.

<sup>28</sup> <http://4-hhistorypreservation.com>. Acesso em: 01/11/2018.

<sup>29</sup> [www.sidalc.net](http://www.sidalc.net). Acesso em 18/07/2016.

do Brasil que tratam da temática agrícola. Por meio de indexadores tais como *clubes rurales*, *juventud rural*, *clubes 4-S* consegui alguns poucos documentos que tratam do tema dessa tese. Esse trabalho se mostrou pouco frutífero em termos quantitativos, pois as obras disponíveis são aquelas bastante específicas em relação às grandes áreas da Zootecnia, Agronomia, Medicina Veterinária etc. Porém, ter contato com esse portal levou-me tanto à Revista Turrialba, quanto ao site da *National Agricultural Library* - NAL, a Biblioteca Nacional de Agricultura dos Estados Unidos.

*TURRIALBA, Revista Interamericana de Ciencias Agrícolas* foi uma publicação do Instituto Interamericano de Ciencias Agrícolas - IICA. Essa instituição foi fundada em 1942 e após a criação da Organização dos Estados Americanos em 1948, passou a ser o seu organismo especializado em agricultura. Vinte e um países americanos faziam parte do IICA no início da década de 1960. Em 1979 essa instituição foi renomeada como Instituto Interamericano de Cooperación para la Agricultura. (IICA, 2012). A partir de 1990 com a inclusão de Bahamas suas ações estiveram presentes em todos os países da América. A Revista Turrialba foi um veículo de divulgação da produção científica em torno das ciências agrícolas e que mantinham algum tipo de relação com as Américas. Ela teve 45 volumes entre 1950 e 1995. Sua periodicidade era trimestral. Consultei todos os números dos volumes de número 1 a 20, cobrindo o período de julho de 1950 (Volume I, número 1) ao trimestre: outubro-dezembro de 1970 (Volume 20, número 4). Analisei, sobretudo, a seção intitulada: *Ciencia agrícola en las Americas*. Essa seção foi substituída pela seção *Notas y Comentarios* a partir da edição nº2, vol.12 (abril/jun/1962) quando foi enfatizado que seriam publicadas notas sobre conferências internacionais, programas de investigação, extensão e educação e outros assuntos que fossem relacionados às ciências agrícolas no continente. Inicialmente tinha uma hipótese que nessa revista encontraria dados e informações acerca do trabalho com os clubes de jovens rurais. A hipótese se baseava no fato que Turrialba, além de ser o nome da revista era também a cidade onde se encontrava a sede do IICA. A partir de um acordo entre IICA e AIA foi criado em 1960 o Programa Interamericano de Juventude Rural – PIJR. Esse programa visava apoiar o trabalho com os jovens rurais organizados em torno de clubes juvenis. (IFYE/IICA, 1964). A análise dos números citados revelou-se, porém, pouca frutífera em relação às informações sobre o trabalho com a juventude rural e principalmente sobre os Clubes 4-S ou 4-H. Mas mesmo assim, a revista Turrialba foi tratada como mais uma fonte que demonstrou a circulação de pessoal técnico, ideias e publicações entre os países do

continente americano como um todo no tocante às transformações nos meios rurais<sup>30</sup>.

No portal da NAL<sup>31</sup> localizei um importante acervo de informações sobre os 4-H e agricultura na América Latina. Selecionei cerca de 80 documentos que incluem livros completos e trechos, revistas, relatórios, folhetos, programação de eventos, manuais técnicos, trechos de alguns números dos anuários de agricultura do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (*The Yearbook of Agriculture of USDA*) com destaque às atividades dos 4-H. Todos documentos selecionados estão no formato PDF. Também produzi uma tabela com as informações mais importantes sobre cada um deles.

Foi por meio também do site da NAL que cheguei à coleção de pôsteres históricos dessas agremiações nos Estados Unidos. Aliás, o acervo da *Image Galleries* é um convite à parte para futuras e novas pesquisas sobre a história da agricultura nos Estados Unidos e suas relações internacionais. Nesse acervo consta um conjunto de pôsteres que destacaram a importância da produção agrícola dos Estados Unidos durante a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais. Há também outro acervo que ainda mais atraiu meu interesse. Refiro-me aos 34 pôsteres sobre os *4-H Clubs*<sup>32</sup>. Além de serem belas peças imagéticas, os pôsteres dessa coleção tinham claramente o propósito de serem elementos de divulgação do trabalho com os jovens. Legitimar o trabalho, bem como atrair mais jovens para os clubes e apoiadores financeiros, estava no horizonte das inúmeras estratégias propagandísticas do Serviço de Extensão da USDA, dos quais os pôsteres representaram elemento importante nesse processo.

Outro conjunto de fontes sobre os 4-H foi obtido pelo recurso do Google Livros. Utilizando a mesma metodologia anteriormente anunciada de busca por meio de palavras-chave obtive títulos em versão completa que remeteram à uma circulação de materiais entre os diversos países que trabalhavam com a organização da juventude rural. Destaco que nesses documentos ficou evidente a importância das agências internacionais tais como o IICA da Organização dos Estados Americanos (OEA) e o Instituto de Assuntos Interamericanos da USAID. Além de apresentar projetos desenvolvidos em comum, foi possível perceber como

---

<sup>30</sup> Todos os 45 volumes foram consultados a partir do portal: <http://bco.catie.ac.cr/portal-revistas/index.php/TLBA/issue/archive>. Acesso em 2016.

<sup>31</sup> [www.nal.usda.gov](http://www.nal.usda.gov). Acesso em 23/11/2016.

<sup>32</sup> Para além da coleção de pôsteres, a *Elsie Carper Collection* também apresenta três séries documentais que cobrem o período de 1908 a 1994. Incluem correspondências, artigos de jornais, relatórios, questionários, programas, prêmios, folhetos, fotografias, spots de rádio e outros. A reunião de tal acervo deve-se em muito ao trabalho de Elsie Josephson Carper, funcionária do Programa Nacional de *4-H Clubs* entre 1944 e 1983. Durante esse período Elsie Carper se notabilizou por reunir um rico acervo sobre vários momentos da história dos 4-H. Mesmo depois da sua aposentadoria do Serviço de Extensão Rural ela continuou a receber doações que contribuíram por formar um acervo valioso acerca da memória dos 4-H. Para outros dados sobre Elsie Carper consultar o site: [www.4-h-hof.com/csrees.pdf](http://www.4-h-hof.com/csrees.pdf). Este também traz informações sobre outros nomes do Serviço de Extensão do USDA.

essas agências trabalhavam em consonância ao propósito formativo para os jovens rurais em uma perspectiva internacionalista. Dessas fontes foi possível rastrear vários números dos *Quartely Report* do Programa Interamericano para a Juventude Rural. Esses relatórios trimestrais eram constituídos por memorandos, correspondências, *clippings of newspapers* (recortes de jornais), fotografias sobre diversos assuntos relacionados à juventude rural nas Américas. Deles foram selecionados tudo aquilo que se referia a uma possível relação entre Estados Unidos - América Latina com ênfase ao Brasil. Assim foram anotados o título da publicação, título do artigo ou capítulo específico, autor e editor (quando possível), ano de publicação, local de publicação, e um resumo das informações mais importantes. Assim cheguei também a Revista *Extensión en las Américas*, uma publicação do Serviço de Intercâmbio Científico do IICA/OEA em convênio com a USAID<sup>33</sup>.

Realizei no mês de junho de 2017 um levantamento de citações até aquele momento aos Clubes 4-S no Google a partir da palavra-chave *Clubes 4-S*. Em seguida elaborei um quadro-resumo intitulado “Relação de matérias sobre os Clubes 4-S na Internet”. Obtive 51 referências diferentes incluindo matérias de jornais, publicação em sites, revistas, dissertações, artigos, vídeos, etc. Nesse cômputo também estão referências aos Clubes 4-S da Costa Rica, mas que em alguma medida mantinham algum tipo de relação com os clubes do Brasil ou os clubes dos Estados Unidos.

Selecionei a partir dos sumários das edições da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP) no período de 1944 a 1955, os artigos que continham assuntos relacionados às seguintes palavras-chave inter-relacionadas: Educação Rural; Estados Unidos, formação do trabalhador do campo. O objetivo era ter uma apresentação acerca desse debate presente nas páginas desse periódico editado pelo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais (INEP)<sup>34</sup> a partir de julho de 1944, quando foi publicada o número 1 da revista. Aliás, percurso semelhante foi realizado por Modesti e Pereira (2017) que a partir das páginas da RBEP buscaram compreender as relações entre os projetos educacionais de modernização do rural e as propostas transnacionais da década de 1950. Sobre o debate educacional nas páginas da Revista escreveram:

---

<sup>33</sup> A revista tinha circulação bimensal. Era distribuída gratuitamente através das Missões de Operações dos Estados Unidos que funcionam em outros países latino-americanos. Já o Serviço de Intercâmbio Científico do IICA, de Turrialba, Costa Rica, distribuía a revista diretamente aos interessados pelo preço anual da assinatura de US\$2.00. (EXTENSIÓN EN LAS AMÉRICAS, VII, 1962, nº1, p. 1).

<sup>34</sup> O INEP foi inicialmente denominado Instituto Nacional de Pedagogia quando da sua fundação em 1937. O nome Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos foi dado pelo Decreto-Lei nº580 de 30/07/1938 que de fato representou o início dos trabalhos do INEP. Seu primeiro Diretor-Geral foi o Professor Lourenço Filho.



A RBEP divulgava recomendações das conferências e/ou seminários internacionais, bem como textos comparativos da educação em outros países, escritos por professores/pesquisadores brasileiros e por estrangeiros. Alguns artigos sobre educação rural aparecem em consonância com as diretrizes da UNESCO para a educação de base, compreendida como um projeto maior de educação, assistência social, cultural e econômica, que visava ao desenvolvimento do campo a partir da transformação de seus habitantes. (MODESTI; PEREIRA, 2017, p. 784).

Foi a partir de tal lugar e com os procedimentos de busca a partir das citadas palavras-chave que pude perceber que muitos artigos dessa revista apresentaram um quadro diagnóstico da Educação Rural no país marcado pelas seguintes características: ausência de infraestrutura, formação inadequada para os professores, dificuldades relacionadas à localização das escolas, tais como aquelas voltadas à acessibilidade e de transporte até elas. Esses artigos são evidentemente um diagnóstico datado e, claro, marcado por uma concepção de escola de um determinado período. Eles dizem muito mais o que as escolas rurais não eram, uma vez que a perspectiva estava baseada nos elementos que compunham os modelos urbanos de escolas. A escola rural foi dessa forma retratada como inadequada para esse meio. Ao mesmo tempo, nas páginas da RBEP foram apresentadas possíveis soluções aos diversos problemas encontrados pelas escolas do meio rural. Acompanhando os diagnósticos, havia a descrição das possíveis soluções para que a escola rural se ajustasse às demandas de uma sociedade que se desejava em transformação. Esse quadro diagnóstico/ação era quase sempre presente a partir de uma seção da RBEP intitulada: Ideias e Debates.

### **A organização da tese**

A partir desse repertório de fontes selecionadas, analisadas e das leituras da bibliografia sobre as temáticas abordadas foi possível organizar a tese em três capítulos. O primeiro capítulo partiu da discussão dos pressupostos educacionais presentes nos clubes de jovens rurais para depois discutir as suas origens e princípios gerais. Tracei um panorama relacional entre os 4-H Clubs dos Estados Unidos e os Clubes 4-S, discutindo como em torno das prescrições presentes nesses clubes se buscou constituir um ethos de vida para as regiões rurais. Nessa relação o público juvenil foi considerado o mais propício a ser o elemento de impulsionamento das transformações pretendidas para os meios rurais. Discuti como as duas experiências distintas, de países com realidades sócio históricas díspares carregam entre si elementos que se cruzaram e se adaptaram por meio dos contatos, por exemplo, estabelecidos entre os clubes desses dois países. Assim analisei nesse capítulo as origens do Serviço de

Extensão Cooperativa dos Estados Unidos em 1914 e como a organização dos 4-H Clubs foi um dos braços desse processo. Procurei mostrar como as práticas extensionistas vinham de longa data nos Estados Unidos, incluindo a própria constituição de clubes de meninos e meninas. Ressaltei a legislação que oficializou as práticas extensionistas naquele país, com ênfase ao Smith-lever Act de 1914. Destaquei também nesse capítulo, que o modelo norte-americano serviu como inspiração para o Serviço de Extensão Rural no Brasil com a criação da ACAR-MG em 1948. Foi a partir da ACAR-MG que no Brasil também se iniciou o trabalho com os Clubes 4-S. O capítulo se encerra com a discussão sobre os clubes de jovens rurais nos moldes dos 4-H enquanto mais uma dimensão do Americanismo.

O segundo capítulo teve como título: *Os 4-H Clubs e os Clubes 4-S em perspectiva internacional*. Nesse capítulo destaquei a expansão dos clubes juvenis rurais no contexto da Segunda Guerra Mundial. Para isso apresentei algumas considerações acerca da política externa norte-americana para a América Latina naquele contexto tendo em vista ações que contribuíram para a expansão dos clubes juvenis no subcontinente. Realcei como naquele período esteve implícita a perspectiva internacionalista para a juventude rural através da análise de um conjunto de peças imagéticas utilizadas nos Estados Unidos para difundir os princípios dos 4-H Clubs. Também confrontei a atuação de organismos e programas de caráter internacional como a AIA, o IICA, IFYE, o Ponto IV/ETA, o PIJR, Aliança para o Progresso e os *Peace Corps* com o objetivo de compreender as trocas existentes entre as experiências de juventudes rurais no período. A década de 1960, principalmente, foi marcada pela existência de vários programas e eventos que englobavam as experiências dos países latino-americanos de formação da juventude rural. Procurei compreender quais papéis tiveram os agentes brasileiros nesse processo de internacionalização e difusão dos clubes juvenis. Busquei compreender como foram assimiladas ou transformadas no Brasil as proposições para os jovens rurais baseadas na organização de clubes do tipo 4-H ou 4-S. Assim, pude demonstrar, como no fluxo de ideias e ações sobre as distintas realidades juvenis, houve pontos de encontros entre os objetivos gerais dessas instituições ou programas. No limite de todas elas o que se buscava era a materialização da formação de uma juventude rural apta para a vida. Nesse processo se pretendia alcançar uma formação considerada moderna para os jovens. Para isso bastariam as prescrições de novas formas de produção e de convivência nas comunidades.

O terceiro capítulo buscou cotejar as duas experiências de clubes juvenis aqui abordadas, os 4-H Clubs e os Clubes 4-S. Iniciei com os princípios comuns às duas experiências tendo em vista as dinâmicas organizacionais dos clubes para em seguida adentrar aspectos mais específicos dos clubes, por exemplo a relação com política, religião, empresas

patrocinadoras, as formas de recreação e as preocupações com a saúde e a alimentação dos jovens rurais. O principal objetivo desse capítulo foi responder em que medida o modelo idealizado e pensado para a sociedade norte-americana foi adaptado, recriado, transformado, apropriado nos Clubes 4-S. Além disso, busquei entender quais e como foram as respostas dadas pelos jovens às tentativas de reformas dos costumes que eram propostas. Mesmo que nesse aspecto algumas comparações foram feitas, o que ficou explicitado foi uma análise contrastada, no qual as duas experiências são colocadas como se estivessem frente à frente, em uma espécie de espelho. Mas, como no clássico livro de Richard Morse (1988)<sup>35</sup>, *O Espelho de Próspero*, foi possível perceber diferenças e inversões nas projeções objetivadas inicialmente pelos promotores dos clubes.

---

<sup>35</sup> Ver também Warde (2000).

## CAPÍTULO 1 – As origens do trabalho com os 4-H Clubs e os Clubes 4-S

“A escola rural de nível elementar só transmite noções de português, aritmética, história, geografia e ciências naturais, omitindo-se por completo quanto ao ensino de conhecimentos práticos complementares, capazes de preparar os alunos para a vida”. (ABCAR, 1964, p. 1).

No trecho que abre esse capítulo fica claro o sentido de incompletude conferido às formas escolares pelos promotores da Extensão Rural no Brasil. Segundo essa concepção a escola era um lugar inadequado e despreparado para atender o que os extensionistas consideravam as reais necessidades dos rurícolas. Ensinos práticos relacionados aos afazeres agrícolas ou domésticos não estariam contemplados na escola rural elementar. Ideia semelhante também pode ser observada no documento produzido pelo Centro de Ensino de Extensão da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais – UREMG e pelo Escritório Técnico de Agricultura – ETA. Ele realçava o distanciamento entre a escola, a sala de aula e as práticas desejadas para os sócios dos clubes. Afirmava, por exemplo, que “o Clube 4-S é um trabalho extracurricular não devendo, portanto, estar ligado à escola rural”. (UREMG, 1961, p. 4). Ou ainda que as reuniões dos integrantes dos clubes devessem acontecer fora da sala de aula da escola rural. Em recomendação aos extensionistas da ACAR era prescrito que a sala de aula da escola rural era totalmente inadequada para o tipo de serviço a ser desenvolvido com os jovens, pois ela era considerada

“um dos piores lugares. A posição das cadeiras, o tipo de relacionamento (paternalista e autocrático) que sempre tem lugar nesse ambiente, não permite que os sócios sintam-se à vontade e tenham atitudes naturais. (UREMG, 1961, p. 9).

No Programa da ACAR para o ano de 1953, redigido em 1952, mesmo ano que o primeiro Clube 4-S foi fundado em Minas Gerais, também foi dada ênfase ao trabalho com os jovens como sendo um tipo de educação voltada para atividades práticas.

Aos jovens de ambos os sexos, habitantes da zona rural, nenhuma educação é dada no sentido de prepara-los para os trabalhos que terão de enfrentar na vida futura. Em caráter experimental, projetos foram feitos visando corrigir esta falta. Como se trata de iniciar um novo tipo de atividade, não serão muito extensos estes trabalhos, abarcando poucos aspectos de trabalho futuro dos jovens. Esperamos que os resultados destes projetos correspondam à

expectativa, para lançarmos o programa em bases mais sólidas e definitivas. (ACAR, 1952, p. 13).

Pode-se inferir desse documento do início da década de 1950 que naquele momento ainda não havia a dimensão exata do que seria o trabalho com os clubes 4-S em Minas Gerais e muito menos no Brasil. Citações como essa, destacam, inclusive, o caráter experimental de tal trabalho. Por outro lado, era ressaltado que as propostas educacionais para os jovens rurais ocorreriam, no mínimo, como uma forma complementar à escola e à família. Essa ideia, inclusive, era explicitada em outro documento (ABCAR, 1968) ao se referir sobre os objetivos dos clubes, aos quais deveriam

ajudar o homem a ajudar-se, a desenvolver-se integral e harmoniosamente, capacitando-o para as responsabilidades atuais e para as que terá que assumir na idade adulta;

Complementar a educação familiar e escolar através de métodos dinâmicos que proporcionem oportunidades de autoeducação, o desenvolvimento dos predicados de liderança e a formação de hábitos saudáveis de vida. (ABCAR, 1968, p. 20)<sup>36</sup>.

É mister ressaltar que a ACAR-MG e as suas iniciativas formativas para a população rural, incluindo o trabalho de organização dos clubes juvenis de tipo 4-S são abordadas muitas vezes à margem das referências aos projetos educacionais postos em jogo no período estudado nessa tese, ou seja, os anos das décadas de 1950 e 1960<sup>37</sup> principalmente. Mas esse debate não deve ser dissociado do debate geral ao qual se encontrava a economia e

---

<sup>36</sup> Nessas prescrições para os Clubes 4-S no Brasil expressas no documento da ABCAR, pode-se perceber a influência do pensamento de John Dewey (1859 – 1952). Refiro-me aqui a sua ideia de pragmatismo educativo, pela qual o educando, nesse caso, o jovem sócio de clube, deveria atribuir sentido à educação, pelo seu caráter prático e não simplesmente vinculado às teorias abstratas e distantes da vida cotidiana. Mesmo que essa influência não esteja anunciada literalmente nas fontes, o sentido educacional buscado junto aos jovens sócios de clubes, seja 4-H ou 4-S era bem próximo daqueles almejados pelo educador norte-americano. Enfield (2001), inclusive, discute a influência da filosofia de Dewey no trabalho desenvolvido na formação de lideranças rurais a partir dos 4-H Clubs.

<sup>37</sup> Bergamaschi (2017) no levantamento bibliográfico que realizou a título do trabalho que resultou em sua tese sobre a Escola Agrícola de Barbacena, afirmou que “a temática da história do ensino agrícola, principalmente após 1930, ainda não tem sido satisfatoriamente privilegiada pelos pesquisadores da História da Educação Brasileira” (p.25). Dos 28 trabalhos elencados pela pesquisadora, sete inserem-se em iniciativas de ensino agrícola em nível estadual e os outros 21 trabalhos são sobre instituições geridas pelo Ministério da Agricultura. Cabe lembrar que o Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio foi criado em 1906. A partir de então foi responsável pelo ensino agrícola voltado sobretudo para a preparação de trabalhadores para o meio rural. Já o ensino primário rural foi responsabilidade dos Governos Estaduais até 1930 quando foi criado o Ministério da Educação. Há de se destacar, como tratou Mendonça (2010 – b) e Bergamaschi (2017), que tal fato acabou por gerar uma sobreposição de funções no tocante ao ensino agrícola no país até 1967 quando os órgãos de ensino vinculados ao Ministério da Agricultura foram incorporados pelo Ministério da Educação. Assim sendo, as diversas formas educacionais, incluindo as não-escolares, voltadas às populações rurais nesse período, sobretudo aquele que mais me debruço nessa tese (1950-1960) merecem ainda mais estudos da comunidade historiadora da educação.

os rumos que deveria ter o país, principalmente em um momento marcado por forte influxo urbano e industrial.

O debate central que se colocava para as cabeças pensantes do desenvolvimento brasileiro girava em torno da questão: como garantir o desenvolvimento do país - única saída em direção ao bem-estar e à soberania nacional – face ao estrangulamento que a agricultura gerava? E, em consequência: como manter a estabilidade política e social – pressão por aumentos salariais, greves, agitação de rua – se os alimentos não cumpriam seu papel histórico de baratear os custos do trabalho industrial? Assim, assumia-se um diagnóstico fundamental da agricultura brasileira, baseado nas experiências históricas da Revolução Industrial e da Revolução Francesa, onde o campo servira de base para a arrancada do desenvolvimento capitalista. No caso brasileiro, a intelectualidade e os políticos da década de 1960 consideravam que a agricultura, atrasada e rotineira, bloqueava e impedia o grande arranque para a construção do Brasil moderno. (LINHARES; SILVA, 1999, p. 171).

No debate específico sobre a educação rural, a ênfase parece ter sido dada em relação à existência ou não de escolas rurais e à sua adaptabilidade ou não às peculiaridades da vida no campo. Cabe ressaltar que os promotores do extensionismo rural no Brasil comungavam das mesmas ideias e concepções correntes na época que caracterizavam a agricultura a partir das práticas e costumes dos rurícolas como sinônimos do atraso e consideradas impeditivos ao pleno desenvolvimento econômico do país. Já as práticas extensionistas e nelas, a organização de clubes de jovens rurais, tais como os Clubes 4-S, buscavam, pelo menos em suas prescrições, serem uma alternativa para as condições de vida nos meios rurais. Propunham não só alterações nas maneiras de produção nas atividades agropastoris. Buscavam também implementar uma verdadeira reforma dos costumes, onde as formas tradicionais de produção e de entendimento do mundo dos rurícolas deveria ser superado por elementos baseados na racionalidade científica. Havia assim uma supervalorização da razão iluminista que tudo esclareceria e conduziria os homens e mulheres dos meios rurais à plena realização enquanto indivíduos. Assim, não tenho dúvida que tanto a ACAR-MG, quanto as suas congêneres no sistema ABCAR e especificamente o trabalho de constituição de clubes de jovens rurais tinham estreita relação com o debate educacional do período. Nesse debate se destacava a formação de um tipo de trabalhador voltado para as ideias de modernização, progresso e de desenvolvimento. Assim, o caráter complementar dos clubes e do extensionismo rural à escola, ao introduzir elementos de uma formação voltada para soluções de problemas do dia a dia certamente tem papel de destaque na história da educação rural desse período. Cabe citar que os clubes significaram em diferentes lugares

muitas vezes o único tipo formal de educação voltada aos jovens.

A Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos – RBEP foi uma das expoentes do debate educacional sobre o meio rural apresentando, à sua maneira, diversas interpretações a respeito do papel que caberia à agricultura e à educação da população relacionada à essa atividade. Um exemplo pode ser observado a partir do artigo presente no número 1 da revista, escrito por Antônio Ferreira Almeida Júnior e intitulado “Os objetivos da escola primária rural” (RBEP, jul/1944). Nele há uma série de proposições para que a escola rural estivesse próxima do seu público e assim relacionasse diretamente com os supostos anseios das populações que seria atendida por ela. Medidas tais como a instituição do transporte escolar, a criação de internatos rurais, a manutenção de escolas de matrícula reduzida eram algumas propostas para que a realidade da educação no meio rural fosse transformada (RBEP, jul/1944, p. 29). Para Almeida Júnior havia uma inconsistência em relação aos reais objetivos da escola rural. Para ele não bastariam apenas reformas relacionadas às instalações e materiais, formação dos professores e programas de ensino se não fosse discutido e tomado como problema central um que estaria subordinado a todos os demais, ou seja, o esclarecimento de quais seriam os reais objetivos da escola rural. Existiam teses em disputa. Enquanto uns defendiam que a escola primária da zona rural deveria ser uma “escola profissional”, outros entendiam que ela deveria ser uma simples instituição de educação primária. Almeida Júnior se mostrava avesso à profissionalização da escola primária. Dizia ser contra a uma “escola social”. Para ele “a escola social (que teria na escola primária profissional da roça um exemplo típico) apresenta, em nossa opinião, três erros fundamentais: fere o espírito democrático por que combatemos; contraria a psicologia humana; prejudica o próprio bem social” (RBEP, jul/1944, p. 32).

Almeida Jr. enfatiza que esse chamado princípio ou “espírito democrático” se expressaria na fórmula dos estadistas e educadores *norte-americanos* (grifos do autor): “igual oportunidade para todos” (RBEP, jul/1944, p. 32). E isso deveria ser um dos objetivos perseguidos pela Escola e tudo o que envolvesse a Educação nos meios rurais. Defendia que a escola, tanto urbana, quanto a rural, fosse uma escola de ensino comum, sem diferença para os filhos dos fazendeiros ou de colonos. A escola primária era vista como elemento de coesão social e de unidade nacional. Por fim concluía que a escola primária rural poderia ficar em paz, pois seu objetivo seria a escola primária “comum”. Que para o camponês brasileiro se tenha ou se garanta orientação técnica, mas que

sobre a base comum dada pela escola primária, venham sem demora apoiar-se outras instituições, semeando os conhecimentos e exercitando as atividades peculiares à vida rural. Venham as escolas profissionais de todos

os graus; venham os clubes agrícolas; venham os cursos técnicos de aperfeiçoamento, as escolas itinerantes, e o mais que se pretenda. (RBEP, jul/1944, p. 34).

No número 12 do Volume IV da mesma RBEP na seção intitulada “Através de Revistas e Jornais” que trazia diversos assuntos relacionados à educação presentes em jornais no Brasil foi divulgado o texto “O primeiro Congresso de Ensino Rural”. Originalmente publicado no jornal Correio da Manhã do Rio de Janeiro, seu conteúdo era uma clara defesa da instituição de um serviço de extensão agrícola no Brasil aos moldes norte-americanos. Para cumprir esse objetivo o autor, o professor Edgar de Vasconcelos<sup>38</sup> apresentou um diagnóstico sobre os homens rurais e afirmou que esses estavam

entregues a si mesmos, às velhas práticas aprendidas na infância com os pais e com os parentes mais idosos, o nosso homem rural vive, por assim dizer, alheio aos métodos científicos de trabalho e às práticas racionais de aproveitamento da terra. (RBEP, jun/1945, p. 448).

Edgar de Vasconcelos também afirmava que mesmo em lugares onde existiam escolas de agricultura, a ação de agrônomos e técnicos era de pouco valia. Os resultados eram insignificantes e “os homens, em luta titânica com a terra, vivem a insistir em velhas práticas grosseiras, inadequadas e antieconômicas”. (RBEP, jun/1945, p.448). Afirmava também que os rurícolas estavam entregues a toda a sorte do empirismo que as diferenças entre o homem do campo e o homem da cidade eram um elemento de segregação. Em seguida ao conjunto de elementos que, segundo esse autor, caracterizariam a vida do homem rural, há no artigo uma clara defesa de que somente à luz da ciência se alcançaria a transformação da realidade por ele traçada em linhas representativas do atraso. Nesse sentido o modelo a ser seguido estaria nos Estados Unidos. Seus pesquisadores formados em escolas e Colégios de Agricultura e de Sociologia Rural serviriam como inspiração para os agricultores no Brasil. Considerava que

só depois que os pesquisadores tiverem colhido e interpretado cientificamente os dados da nossa realidade é que poderemos pensar na criação de serviços destinados a reajustar o homem rural e as suas organizações às condições de vida moderna. Antes disso, toda e qualquer tentativa neste sentido correrá o risco de resultar inútil. Mas enquanto não pensamos na formação desses pesquisadores, que serão os nossos pioneiros e os nossos batedores, urge pelo menos que se cogite a criação de um serviço nacional de extensão agrícola, com ramificação por todos os Estados, através do qual se possa levar, pela palavra e pela ação de técnicos bem treinados, a semente de ideias científicas, capazes de abalar as velhas convicções,

---

<sup>38</sup> Sobre Edgar Vasconcelos de Barros ver: <http://www.personagens.ufv.br/?area=edgardVasconcelos>. Acesso em 07/08/2018.



radicadas de maneira profunda, na alma de nossas populações rurais. (RBEP, jun/1945, p. 449).

Mesmo sendo esse debate anterior ao início do trabalho com os Clubes 4-S no Brasil, as discussões presentes nesses dois exemplos a partir das páginas da RBEP demonstram em que ambiência o Serviço de Extensão Rural nos moldes da ACAR/ABCAR se constituiu. Havia aqueles que, portanto, caracterizavam a escola rural como sendo insuficiente, inconsistente e distante da realidade da população rural. Também havia aqueles que defendiam claramente a existência de um serviço de extensão dos conhecimentos científicos diretamente para os homens rurais. Esse, não necessariamente, teria que passar pela escola. De fato, no Brasil, a Extensão Rural caminhou sob os auspícios do Sistema ABCAR e existiu paralelo aos sistemas escolares. Com isso quero dizer que a existência das práticas extensionistas, como por exemplo, a criação e desenvolvimento de clubes tais como os 4-S não dependeram da escola. Sua existência era independente da presença de uma instituição escolar em um determinado local. Por outro lado, em muitos momentos, a ACAR e o trabalho com os jovens dos Clubes 4-S se envolveram no desenrolar de ações voltadas para a construção, reforma e desenvolvimento de escolas em suas áreas de atuação. Sobre a atuação da ACAR e dos Clubes 4-S no município de Corinto, localizado na zona central de Minas Gerais, Rocha (1962, p. 49) afirmou que

No município de Corinto a ACAR tem tido destacada influência no setor educacional. Promove reuniões e facilita a ligação do povo entre si e deste com a Prefeitura, para a solução de problemas. Na construção de escolas, orienta na elaboração de planta, marcação e localização. [...]. Para tudo isso, fornece gasolina, dias de serviços de funcionários, distribui cartas e avisos etc. Tem assim evitado em parte a vinda do povo rural para a cidade, criando-lhe fatores ambientes (*sic*) mais favoráveis no trabalho, no estudo e mesmo na vida social, que criou e cultiva. A ACAR promove para tal, *formação de Clubes 4-S* (grifos do autor) e grupos de adultos, nos quais desenvolve o espírito de iniciativa e cooperação.

Porém, mais do que contribuir com campanhas de reformas e construção de prédios escolares, ou outras campanhas educativas junto aos sistemas escolares, a razão dos clubes não era essa. Reafirmo que a existência ou não de escolas no meio rural não era um impeditivo para o trabalho com os clubes. A ausência poderia ser mesmo uma justificativa para a criação de clubes, pois estes se tornariam talvez a única forma educacional formal para o público juvenil. Mas, a própria existência da escola também poderia ser utilizada como justificativa para a criação de clubes, uma vez que as escolas eram consideradas pelos

extensionistas muito distantes da realidade rural, não capacitando os meninos e meninas para o trabalho e a vida em suas comunidades.

Aliás, quando do surgimento da ACAR (1948) e posteriormente da ABCAR (1956), o trabalho educacional desenvolvido pelo Serviço de Extensão Rural, como por exemplo, o dos Clubes 4-S, esteve envolvido em uma atmosfera de disputas das atribuições que caberiam aos Ministérios da Agricultura e o da Educação em torno de quem teria o monopólio sobre o ensino rural. Mendonça (2010 – b, p. 56) afirmou, por exemplo, que “a disputa entre o Ministério da Agricultura e o Ministério da Educação pelo monopólio do ensino rural foi uma constante em todo o período, chegando a avançar até inícios da década de 1950”. Segundo essa autora após 1930 o Ministério da Agricultura no Brasil levou adiante duas estratégias de educação rural: a realização de Semanas Ruralistas, onde eram feitas demonstrações de maquinário, distribuição de panfletos e cartazes técnicos, além de serem ministradas aulas e palestras que pudessem ser úteis aos produtores rurais. A outra estratégia foi a de difundir os clubes agrícolas escolares.

Entre 1940 e 1942, a preocupação central do Ministério da Agricultura em termos de educação rural, efetivamente fixou-se na multiplicação e disseminação dos clubes agrícolas destinados à infância e adolescência, ainda que os primeiros deles tenham sido fundados em 1934. Os boletins ministeriais enaltecem o “ruralismo infantil”, uma vez que a grande meta dos clubes era “tornar o jovem e a criança úteis à sociedade”. Um dos aspectos mais importantes dos clubes agrícolas refere-se ao fato de situarem-se em anexo às escolas primárias regulares – públicas ou particulares – ilustrando mais um capítulo da disputa com o Ministério da Educação. A rigor, as escolas da rede primária regular passaram a contar com um ‘apêndice’ que não se achava sob sua administração, mas sim da do Ministério da Agricultura. (MENDONÇA, 2010 – b, p. 59).

Tais clubes associados ao Ministério da Agricultura existiram em diversos estados do Brasil. O Anuário para a Juventude Rural das Américas de 1960 assim destacou tal trabalho junto a estudantes que desenvolviam atividades em clubes agrícolas escolares perto de Belém do Pará:

Nas escolas rurais de todos os estados do Brasil, o Ministério da Agricultura patrocina Clubes Agrícolas com o fito de propagar o ensino de arte agrícola e proporcionar renda tanto para a escola como para o sócio. [...]. Esses estudantes-agricultores, são órfãos de pais leprosos. Cultivam legumes e criam galinhas e vacas leiteiras. A quantidade excedente, não consumida na escola, é vendida ao público e o lucro é usado na compra de artigos necessários. (FORD MOTOR COMPANY, 1960, p. 128).

Diversos tipos de organizações de juventude rural existiram nas Américas, incluindo períodos anteriores ao grande afluxo de clubes juvenis nos moldes dos 4-H criados no contexto da Segunda Grande Guerra Mundial. Earl Jones foi um sociólogo norte-americano dedicado à pesquisa e com destacada atuação na Extensão Rural na América Latina, sendo, inclusive especialista de juventude rural do Departamento de Economia e Extensão de Turrialba, Costa Rica. No trabalho (JONES, 1962, p.7-9) que resultou em sua tese de Doutorado em Educação na Montana State College apresentou uma lista com os tipos de programas de juventude rural que incluiu em seu estudo. Segundo esse autor existiriam quatro tipos principais de agremiações de juventude rural inspirados na estrutura do “learning by doing”:

**Educação Vocacional** – Seriam grupos ligados à educação formal; instrução escolar; nível secundário da educação. Alguns exemplos foram: Future Farmers of America e Future Homemaker Clubs (Estados Unidos, Japão, México, Peru e outros países<sup>39</sup>).

**Do tipo 4-H** – Formado por clubes de jovens de ambos os sexos onde se buscava ensinar habilidades e técnicas para as atividades agropastoris e do lar. Podem ser citados como clubes homólogos os 4-S na Costa Rica ou Brasil, os 4-C no Paraguai ou os 4-A na Argentina, dentre outros vários.

**Clubes de escolas primárias** – Geralmente clubes voltados para crianças mais jovens e que deveriam receber instruções nas escolas primárias relacionadas ao saber fazer, como o plantar, os cuidados com o jardim e como cozinhar e costurar. Segundo Jones (1962) o melhor exemplo desse tipo seriam os *Clubes Agrarios Juveniles* do Uruguai.

**Associações cooperativas de jovens** – Seriam mais comuns na Europa, mas existiram na Argentina. Visavam desenvolver os valores da cooperação além de inculcar os hábitos de esforço mútuo entre os seus membros.

Jones (1962, p. 102-104) além de deixar claro que os Clubes 4-S do Brasil estavam na mesma tradição dos 4-H dos Estados Unidos também evidenciou as diferenças

---

<sup>39</sup> Nesse mesmo documento encontra-se a referência a um tipo de programa de juventude rural do Brasil. Não localizei, porém, informações complementares nas fontes dessa pesquisa. Trata-se dos 4-P e Futuros Finqueros do Paraná. Segundo Jones (1962, p. 104) esses grupos estavam ligados ao Serviço de Orientação Técnica da Secretaria de Agricultura do Paraná. Tinham como símbolo um trevo de quatro folhas com um P em cada uma delas e o distintivo FFP. No ano de publicação do estudo existiam, segundo Jones, 14 clubes, com 800 membros do sexo masculino. Apesar de não ter encontrado mais informações sobre esses clubes do Paraná, tenho a impressão que eles tinham uma ligação, pelo menos, de inspiração, nos Future Farmers of America, organização de estudantes norte-americanos criados na década de 1920 para provê-los de conhecimentos relacionados a agricultura. A idade de seus membros girava em torno de 12 a 21 anos e até 1969 somente foram aceitos jovens do sexo masculino nos FFA. Cabe ressaltar que os clubes de jovens nos moldes dos 4-H dos Estados Unidos, incluindo os 4-S no Brasil tiveram, desde suas origens, destacada presença feminina, seja nas atividades de organização e liderança dos clubes, bem como na própria estrutura de cada um deles, tendo funções e expectativas distintas para o público feminino e para o público masculino.

entre os clubes ligados ao Ministério da Agricultura e os clubes ligados ao Ministério da Educação no Brasil. Além dos Clubes 4-S que teriam como instituições responsáveis cada uma das ACAR's dos estados brasileiros, o autor cita outros tipos de clubes, tais como os clubes agrícolas. Esses seriam de responsabilidade da Seção de Extensão Agrícola do Ministério da Agricultura. Cobririam todo o país e cada clube seria livre para escolher seu símbolo. Quando da publicação de seu estudo existiam, segundo Jones (1962) 584 clubes e um total de 64.474 membros. Além desses denominados simplesmente como clubes agrícolas havia também os conhecidos como Clubes Agrícolas Escolares. De responsabilidade da Seção de Educação Rural do Ministério da Educação estariam ligados às escolas rurais brasileiras. Além desses, o autor cita a Federação de Clubes Agrícolas do Estado de São Paulo dos quais incluíam os 4-H, 4-S<sup>40</sup>, Clubes Agrícolas Escolares, Clube Agrícola e Clube Juvenil Rural daquele estado. Eles seriam clubes autônomos, não estando ligados principalmente a esfera governamental. Seriam 42 clubes com aproximadamente 450 membros em 1962.

A historiadora Sônia Regina de Mendonça (2006) e (2010 – b), abordou nuances das disputas que envolveram a sobreposição de funções acerca da organização da juventude rural nas quais o papel dos clubes agrícolas foi um clássico exemplo. O trabalho com os clubes agrícolas não era novidade no Brasil do pós-guerra. Mas, segundo Mendonça (2006, p. 99), se por um lado a existência de clubes agrícolas no Brasil se insere nos debates sobre o ensino rural da década de 1920, foi a partir de 1940 que se iniciou uma campanha para que estes se multiplicassem. Esta campanha teria sido motivada pelo retorno dos Estados Unidos de técnicos do Ministério da Agricultura. No Brasil, as iniciativas de organização de clubes agrícolas estiveram intrinsecamente ligadas à vida escolar, apesar das “disputas” de

---

<sup>40</sup> Em São Paulo não existiu um Serviço de Extensão nos moldes das ACAR's. Nesse estado, a AIA acabou por ter uma atuação reduzida, limitada aos municípios de Santa Rita do Passa Quatro e São José do Rio Preto. Não foi firmado um acordo como aquele que em Minas Gerais levou à criação da ACAR-MG. Para Ribeiro (2000) e Silva (2015), questões envolvendo disputas políticas internas e o que atribuem ser a existência de uma estrutura de pesquisa que, para a elite daquele estado, já “seria suficiente para dar solução aos problemas da agricultura de lá” (SILVA, 2015, p. 106) teriam contribuído para que as atividades da AIA se encerrassem em 1956. Mas isso não impediu que um trabalho com a juventude rural daquele estado fosse observado. Segundo Silva (2015, p. 123) “em 1948, nove clubes agrícolas foram organizados, com 102 participantes, desenvolvendo projetos principalmente em sementes de milho híbrido, mas também com batata irlandesa ou com produção de outros vegetais”. Além dos clubes agrícolas, existiram em São Paulo clubes de jovens rurais denominados de 4-H. Segundo o Relatório Trimestral Ford para a Juventude Rural das Américas (nº1, jan/1964, p. 3), existiam naquele estado 35 clubes do tipo 4-H e eram ligados à comunidade japonesa. Existiram no estado de São Paulo desde 1946. No estado do Paraná, por sua vez, onde existiu uma estrutura de extensão vinculada à ABCAR, onde o programa de clubes juvenis denominados 4-S foi bastante presente, também se desenvolveu a experiência de clubes nomeados 4-H ligados a comunidade japonesa, como na região de Apucarana. Ver: FORD MOTOR COMPANY, 1960, p. 60-61 e 157. É possível perceber assim duas tradições de clubes que seguiam os princípios dos 4-H em algumas regiões do Brasil. Os Clubes 4-S que, como já abordei iniciam sua trajetória por Minas Gerais, e os 4-H vinculados a comunidade japonesa em São Paulo e no Paraná. Nessa tese, meu foco, por sua vez, encontra-se nos Clubes 4-S e nas suas relações com o princípios, métodos e valores dos 4-H norte-americanos.

competências no tocante à formação do homem rural que caberia ao Ministério da Agricultura ou ao Ministério da Educação. Em documento do Ministério da Agricultura (LIMA, BUHR e LAVOR, 1949, p. 3), assim foi dado ênfase ao trabalho com os clubes agrícolas:

Junto às escolas públicas e particulares, especialmente no interior, os clubes agrícolas constituem complemento necessário e imprescindível. Se educar é preparar para a vida, a alfabetização por si só não satisfaz: é preciso, também, despertar nos cidadãos de amanhã o gosto pelas atividades produtivas, orientando-os para os trabalhos agrícolas, de modo a criar nos jovens, desde a infância, a consciência do seu valor como fatores positivos na sociedade.

Segundo Mendonça (2010 – b) e baseando sua análise em Boletins do Ministério da Agricultura, bem como em Relatórios de Ministros, a disseminação de clubes agrícolas nas Américas estaria ligada a iniciativa norte-americana que desde 1914 desenvolviam o trabalho com os 4-H Clubs. Aliás, os próprios clubes agrícolas eram apresentados como sendo similares “aos 4-H Clubs, cuja multiplicação integrava o projeto estadunidense de disseminação do capitalismo num contexto já de Guerra Fria, calcado na vulgarização do nacionalismo”. (MENDONÇA, 2010 – b, p. 61).

Os clubes agrícolas escolares eram apresentados como sendo uma alternativa ao distanciamento das crianças do mundo da natureza. Para os promotores dos clubes poderiam inclusive ser uma ferramenta a mais para que as crianças aprendessem as matérias escolares, uma vez que essas eram caracterizadas como excessivamente abstratas e “desligadas dos problemas reais da vida”. (LIMA, BUHR, LAVOR, 1949, p. 6).

Nessa mesma fonte foi destacado o sentido prático que os clubes agrícolas pretendiam alcançar, pois se

Confundem com a própria escola nos seus objetivos educacionais, dando, porém, um sentido prático à educação, pois habituem a pensar em função de fatos reais, de coisas concretas, fenômenos e problemas, usando a observação direta como ponto de partida para a formação de ideias. E, mantendo um vivo estímulo mental, os trabalhos dos clubes agrícolas conduzem a ideias associadas ou não ao ambiente, mas sempre interessando profundamente, quer pelo seu aspecto realista, quer pela sua própria origem no interesse dos alunos, que devem ser habilmente motivados. (LIMA, BUHR, LAVOR, 1949, p. 7).

Além dos clubes agrícolas existiram diferentes agremiações, incluindo as de jovens, voltadas às populações dos meios rurais. Em documento publicado pelo Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura em 1958, são citados diferentes tipos de

agregações separados em dois grupos: grêmios para menores e grêmios para adultos<sup>41</sup>. Sobre os clubes agrícolas especificamente, Cardoso (1958, p. 9) ressalta que esse tipo de agregação seria aquele que teria “prioridade para a escola de qualquer tipo ou grau situada no meio rural, dada as finalidades puramente ruralistas, além de enorme auxílio que suas atividades concretas prestam a todas as matérias de currículo escolar”. No esforço de incutir a importância de uma escola voltada para as questões eminentemente rurais, através de tais clubes, buscava-se desenvolver sentimentos de pertencimentos à vida no campo para as futuras gerações. Isso fica ainda mais evidente por meio de algumas das finalidades dos clubes agrícolas anunciadas no documento citado, tais como:

Incentivar na consciência de seus sócios o amor à terra, o sentimento da nobreza das atividades agrícolas e a ideia do seu valor econômico e patriótico;  
 Dignificar o trabalho manual, elevar e engrandecer a vocação e a profissão do agricultor;  
 Mostrar os perigos do urbanismo e do abandono do campo;  
 Desenvolver o espírito de cooperação na escola, na família e na coletividade;  
 [...]  
 Suscitar no espírito dos sócios, especialmente meninas, a verdadeira significação da palavra “lar”.  
 Colaborar para o melhoramento permanente da vida rural, tornando-a mais agradável e aperfeiçoando-a sob o ponto de vista da sociabilidade, da estética e da cultura geral; [...]  
 Fazer a propaganda, na comunidade rural, da vivenda bonita, confortável, alegre e higiênica, ensinando os sócios a achar belas a ordem e a limpeza; [...]  
 Influir para as praças, ruas e estradas da localidade sejam arborizadas; [...]  
 Difundir as regras da alimentação sadia como base da boa saúde, ensinando a apreciar o valor nutritivo dos alimentos e os processos racionais de prepara-los; [...]  
 Enaltecer a vida e a obra dos grandes pensadores, naturalistas, cientistas, sociólogos e homens de ação, cujas ideias e realizações tenham tido influência decisiva nos domínios científico, social, técnico ou econômico da vida nacional. (CARDOSO, 1958, p. 9-10).

Havia assim uma clara disposição em positivar o meio rural, ao contrário das concepções que associavam essa região ao atraso, à doença e ao analfabetismo<sup>42</sup>. Em um momento que o país passava por um acelerado processo de urbanização (GOMES, 2013 – a) a

<sup>41</sup> No primeiro grupo, **Grêmios para Menores** foram definidos: Clube Agrícola; Cooperativa Escolar Agrícola; Escotismo; Bandeirantismo; Clube de Saúde; Clube Recreativo – Desportivo; Clube de Reforma do Lar; Clube 4-S do Brasil; Centro Social Escolar. Dos **Grêmios para adultos** foram definidos: Grêmios de Interesse das Classes Rurais; Cooperativa Agrícola; Conselho de Saúde – Clube de Saúde; Grêmios Cívico; Grêmios Religiosos; Clube de Caça e Pesca; Centro Social Rural. Ver: Cardoso (1958).

<sup>42</sup> Sobre diferentes vinculações do meio rural e da agricultura a um suposto atraso econômico e cultural do país, bem como da atribuição da população residente nessas regiões como sendo constituída por homens e mulheres “preguiçosos”, “desqualificados” e “descompromissados” com o futuro do país, principalmente durante as décadas iniciais da República no Brasil, ver: Linhares; Silva (1999)

vida no campo era apresentada, na campanha pelos clubes agrícolas, como sendo marcada pela segurança em contraponto à vida no meio urbano. A cidade era associada ao perigo, bem como ao despovoamento do campo. Ao mesmo tempo se valorizava os trabalhos agrícolas e a própria natureza. Havia também a associação do campo à beleza e à saúde, dando continuidade à tradição higienista presente durante a chamada República Velha (1889-1930) acerca das cidades. A mulher, da mesma forma, tinha seu papel na sociedade reforçado como sendo a responsável pelo lar. Esse era considerado o lugar da segurança e proteção da família. As prescrições para os clubes agrícolas procuravam assim ressignificar o meio rural e sua gente. Evitar a saída dos jovens do campo, o que acarretaria entre outras consequências o incremento do êxodo rural, estava no horizonte da campanha pelos clubes agrícolas.

Nas páginas da RBEP também foram destacadas o movimento pelos clubes agrícolas no Brasil:

A campanha dos clubes agrícolas, introduzida no Brasil, há um decênio, pela Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, foi retomada em 1940 pelo então Serviço de Informação Agrícola. (...) O movimento teve a seguinte evolução: em 1941 – 140 clubes agrícolas registrados; em 1942 – 234; em 1943 – 368; e em 1944 – 181. [...]. No corrente ano com dotação especial no orçamento, será dado novo e decisivo passo em favor dos clubes agrícolas, cuja finalidade é inculcar na criança o amor à terra e ainda o melhor e mais racional aproveitamento dos nossos campos. (Gazeta de Notícias, Rio)” (RBEP, Vol.5, nº14, ago/1945, p. 300-301).

Os clubes agrícolas e os vários tipos de grêmios citados por Cardoso (1958) possuíam muitos objetivos e práticas em comum com os Clubes 4-S. Os clubes agrícolas foram, inclusive, citados como similares aos 4-H dos Estados Unidos, bem antes da existência formal dos Clubes 4-S no Brasil. Essa similitude, porém, estava anunciada em termos de objetivos a serem alcançados, como, por exemplo, a valorização da vida no meio rural e o aumento da produtividade na agricultura. Assim, não é possível negar a referência dos clubes agrícolas no Brasil aos 4-H norte-americanos. Mas, enquanto os clubes agrícolas tinham estreita dependência das escolas, inclusive, existindo dentro delas, os Clubes 4-S podiam ser formados em qualquer lugar que houvesse o desenvolvimento de práticas extensionistas nos moldes do Sistema ACAR/ABCAR.

Sobre os clubes de jovens rurais no Brasil nota-se, assim, a existência de pelo menos duas tradições. Uma seria aquela que passava pelos clubes agrícolas, agremiações que mantinham estreita interdependência com os sistemas escolares e a outra associada aos Clubes 4-S que existiram independentes da escola e que estavam em consonância aos ditames do Serviço de Extensão Rural, desenvolvidos a partir da criação da ACAR. Se por um lado, pode-se constatar a influência do modelo de clubes de formato 4-H em ambas as agremiações,

foram os Clubes 4-S que deram continuidade aos seus princípios, adaptando-os às características locais a partir de 1952 em Minas Gerais e logo em seguida nas regiões do restante do país onde o Serviço de Extensão Rural também foi implantado.

A partir das referências nas páginas da RBEP (ago/1945), Lima, Buhr e Lavor (1949) e Cardoso (1958), pode-se perceber que um dos objetivos a se alcançar com os clubes de jovens rurais era a de um tipo de educação social. Essa noção não exclui o espaço escolar, mas o considera insuficiente para a formação futura dos jovens enquanto cidadãos. Nos clubes agrícolas abordados por Lima, Buhr e Lavor (1949) os jovens poderiam obter a complementação para se habilitarem nos afazeres agrícolas. A escola, conforme estava estabelecida, não seria capaz de constituir trabalhadores comprometidos e capacitados com seus afazeres. Buscava-se também inculcar valores morais, comportamentais e de hábitos de trabalho capazes de reproduzir uma sociedade que deveria ser ordeira, pacífica, pois constituída por cidadãos comprometidos com o trabalho. Assim, almejava-se impedir que os jovens se aproximassem de lugares ou caminhos considerados “perigosos” por certos setores da sociedade. No trabalho com os clubes ficam evidentes ecos dessa problematização acerca dos jovens desse período. Aliás, uma ideia de Juventude como algo transitório, pois marcada por ser uma fase de mudança, mas também como algo fugidio, que escapa e que, portanto, ameaçava a própria continuidade da vida, esteve repleta de exemplos, principalmente nos anos das décadas de 1950 e 1960. Talvez a melhor encarnação dessa ideia tenha sido o astro norte-americano, do cinema de Hollywood, James Dean, morto em um acidente de carro aos 24 anos de idade, em 1955. Não só as personagens que representava nos filmes, mas o seu próprio estilo de vida pelo qual a juventude deveria ser vivida aos extremos, acrescido do seu fim trágico foi utilizado por muitos adultos para afirmarem que era mais do que necessário “cuidar” da juventude como forma de garantir o futuro. Deveria haver um grande esforço para segurar o ímpeto juvenil. É necessário lembrar que uma idealização para a juventude, incluindo, nesse sentido aqueles do meio rural se fortalece justamente no momento em que essa ideia de juventude, no geral, passa a ser motivo de reflexão cada vez maior de pensadores sociais. Os jovens tornam-se, no pós-guerra, cada vez mais protagonistas em vários aspectos, seja como consumidores de produtos voltados diretamente a eles, seja como contestador do mundo que se constituía depois das experiências de campos de concentração e das bombas atômicas<sup>43</sup>. Em nome da modernização da vida no campo e dos costumes reforçou-se a ideia

---

<sup>43</sup> Eric J. Hobsbawm (1998, p. 321) cita, inclusive, que nos anos 1950/1960 “passou a existir uma cultura jovem global”. Tota (a) (2014, p. 192) ao se referir à ambiência político-cultural dos anos da década de 1950 nos Estados Unidos, cita que os norte-americanos se preocupavam com o futuro do seu país e nesse sentido com a



da constituição de jovens rurais capazes de atuar em suas comunidades de forma a garantir a melhoria da produção e das condições de vida. Jovens ordeiros e afeitos à vida no campo capazes de solucionar seus problemas de forma rápida e qualificada eram algumas das finalidades a serem alcançadas junto a esse público. Mas à proporção que se perseguiu um modelo de jovem para o meio rural também foram observadas algumas contradições. A mais significativa foi a saída de muitos jovens do meio rural. Se no escopo inicial havia um jovem como o elemento de atualização da tradição, mas sem perder os seus elementos fundamentais, o resultado muitas vezes foi outro. À proporção que o jovem adquiria repertórios do que se considerava uma vida mais moderna, ele passou a buscar outros ares e acabou por migrar para os meios urbanos. A vida no campo acabava por ficar para trás e sendo considerada limitadora das potencialidades juvenis. Talvez aqui esteja uma possível explicação do porquê do reforço da necessidade de se fixar esse jovem no campo. Todas as prescrições para os jovens, toda a ênfase dada a sua importância como elemento de transformação das formas produtivas e dos costumes no campo seria um forte indício dessa necessidade de garantir a continuidade da tradição nos meios rurais.

A dimensão escolar da educação agrícola norte-americana foi mais evidente do que a experiência brasileira no período. Dickinson (1947) afirmou que havia dois tipos gerais de educação agrícola nos Estados Unidos: a educação supletiva e a educação formal. A educação supletiva seria aquela ofertada pelo USDA, land-grant colleges e pelos serviços de fomento dos municípios. Já a educação formal seria aquela de responsabilidade das escolas públicas federais, estaduais e municipais. Como exemplo de fomento Dickinson (1947) citou o trabalho realizado pelos especialistas e agentes agrícolas. Segundo esse autor, esses profissionais organizavam reuniões de fazendeiros, faziam demonstrações práticas, distribuíam boletins, atendiam individualmente os fazendeiros<sup>44</sup>. Segundo Dickinson o

---

educação dos seus filhos. Assim em 1954 fora criado o Subcomitê Senatorial sobre a Delinquência Juvenil para evitar e corrigir todo e qualquer “comportamento transviado”. Uma obra literária que representa o espírito daquela época, com reflexos em outras diversas manifestações artísticas como a música (Rock, Folk Rock, Blues) e o cinema, por exemplo, foi o livro *On the road* (1957) de Jack Kerouac. Liberdade, rebeldia, experimentação, transitoriedade, tudo isso sendo tópicos presentes na vida dos jovens. Assim, no pós-guerra, a denominada geração “baby boom” fora objeto tanto de pensadores que refletiram sobre esse fenômeno, como também das ações de agências que buscaram defender os jovens de quaisquer pensamento e comportamento desviante. Os clubes de jovens rurais, 4-H, como já referi, são anteriores a esse período. Mas, sobretudo no pós-guerra tentaram “exportar” um modelo de jovem capaz de fazer frente a essas transformações, se voltando para a valorização da vida no campo.

<sup>44</sup> É importante citar que atividades semelhantes eram realizadas em Viçosa, Minas Gerais pela Escola Superior de Agricultura e Veterinária - ESAV (UREMG a partir de 1948), tais como a Semana do Fazendeiro. A ACAR-MG não só se baseou em muitas dessas atividades como também as ampliou com o atendimento aos proprietários rurais e a concessão do Crédito Rural Supervisionado. (Modalidade de crédito destinado aos pequenos e médios proprietários rurais para desenvolvimento de projetos relacionados a melhoria da propriedade e do lar). Mais informações a esse respeito ver: Gomes (2013 – b).

trabalho com os 4-H Clubs seria também uma forma de educação supletiva, portanto, complementar à escola.

Já nas prescrições para os Clubes 4-S de Minas Gerais esteve anunciada diretamente que a educação social era o objetivo a ser alcançado junto aos jovens:

Os Clubes 4-S são orientados pelos Supervisores Locais e Líderes. Dão aos jovens que neles ingressam oportunidades de desenvolver sua personalidade, através da aquisição de conhecimentos atualizados de Agricultura e Economia Doméstica e da participação na vida em grupo. [...]. Num clube 4-S os jovens experimentam uma vida de grupo bem organizada e orientada. Realizam um programa de atividade que exige trabalho intenso e cooperação. Recebem, afinal, uma *educação social* completa. (ACAR, s.d., p. 2). (grifos do autor).

Seu objetivo máximo resume todos os outros: *é a educação social* dos jovens rurais: seu preparo para o cumprimento de suas obrigações futuras. O Clube 4-S prepara rapazes e moças numa educação informal, para ocuparem seus lugares na comunidade onde vivem. (UREMG, 1961, p. 3). (grifos do autor).

Esse tipo de educação foi caracterizado nesse último trecho como sendo um tipo de educação informal. Por educação informal, inclusive, Ferrer (2014) baseado em Philip H. Coombs (1971), afirmou que essa seria um processo não sistemático por meio do qual as pessoas adquirem conhecimentos, habilidades e atitudes em interação com seu entorno<sup>45</sup>. Outra fonte (SHELL, 1978), essa sobre os Clubes 4-S no estado do Rio Grande do Sul, também associou o trabalho com os jovens como sendo de um tipo de educação informal. O trabalho exercido pelos jovens nas propriedades rurais das suas famílias era considerado uma das razões que os distanciavam da escola. Assim, a necessidade do que caracterizavam como sendo uma educação informal.

Distanciados dos centros urbanos os jovens rurais carregam uma série de carências que precisam ser superadas para que se alcance seu pleno desenvolvimento. Diante do tipo e qualidade de ensino já se esboçam as primeiras dificuldades, já que nem sempre os jovens conseguem conciliar sua formação escolar com seu trabalho familiar. [...]. Com uma educação informal busca-se uma mudança de mentalidade, que desperte o apego à vida rural e à sua dinamização, fatores que reduzem o êxodo rural. (SHELL, 1978, p. 4).

---

<sup>45</sup> Fuentes (1995, p.23) também definiu o trabalho educativo dos Clubes 4-S (Saber, Sentir, Serviço, Saúde) da Guatemala como sendo não-formal. Sobre isso escreveu: “El tipo de educación que se da en los Clubes 4-S es de tipo no formal, debido a que se efectúa fuera de las aulas de una escuela, no posee grados, ni niveles, si no más bien esta educación sirve como un apoyo, complemento, ampliación y/o continuidad de la educación formal, ya que está destinada a jóvenes que no asisten a la escuela o que si asistieron no pudieron continuar sus estudios”. Para outras definições e usos das noções de Educação não-formal e Educação Informal ver: Park; Fernandes e Carnicel (2007, p. 127-128 e 131-132).

Não há dúvida que nos clubes essa dimensão, ou seja, algum tipo de informalidade também estivesse no horizonte. Mas, mesmo assim, entendo que há um equívoco em associar o trabalho dos clubes com educação informal. Na minha interpretação seria preferível a utilização da expressão “educação não escolar” para o caso dos Clubes 4-S de Minas Gerais e do Brasil. Aliás, é essa dimensão não escolar, inclusive, um dos aspectos a mais para se poder caracterizar o trabalho com os clubes como sendo de um tipo de educação social. Os objetivos para com os jovens, bem como os métodos e rituais que os integrantes dos clubes deveriam seguir, estavam inseridos em uma rede definida de desígnios e ações. Além disso, tinham uma instituição, portanto, formal, no caso todo o sistema ACAR/ABCAR, como responsável por desenvolver o trabalho com os jovens rurais.

Para a organização e funcionamento dos Clubes 4-S são indispensáveis a participação e o apoio da comunidade, através da compreensão, envolvimento e ajuda dos pais, líderes, organizações privadas, órgãos de governo, grupos de serviços e outros. A participação e apoio da comunidade são estimulados e organizados de maneira formal, visando a sistematizá-los, desenvolvê-los e aproveitá-los em toda sua potencialidade, de tal modo que a comunidade reconheça o Clube 4-S como uma parte de sua própria estrutura. (ABCAR, 1968, p. 21-22).

Mas se a expressão *educação social* foi citada, por exemplo, nesses trechos sobre os Clubes 4-S do Brasil, isso nem sempre foi observado nos demais documentos consultados. Entretanto, não é o simples fato de aparecer tal expressão que me faz afirmar que estivesse presente nas prescrições para os clubes juvenis rurais uma dimensão formativa de tipo educação social. Além de ser uma educação realizada fora do espaço escolar e principalmente se intitular como complementar a essa, nesses clubes buscava-se a constituição de jovens capazes de transformar as realidades em que viviam por meio da introdução de novas técnicas de produção, mas, sobretudo por uma nova postura frente à vida<sup>46</sup>. É evidente que o elemento *trabalho* se fez bastante presente nas prescrições para os sócios dos clubes. Isso é facilmente observado, por exemplo, nos folhetos instrucionais dos Clubes 4-S produzidos pela ACAR-MG<sup>47</sup> voltados para projetos específicos visando à melhoria e o aumento da produção. Esperava-se dos jovens que eles tivessem as habilidades e conhecessem as técnicas necessárias para o aumento da produção. Mais produção significava, corpos mais bem

---

<sup>46</sup> Nesse entendimento sobre educação social pode-se incluir também os próprios clubes agrícolas escolares.

<sup>47</sup> Os folhetos instrucionais da ACAR-MG eram brochuras com até 25 páginas e com aproximadamente 20,0x14,5 cm. Neles eram apresentadas instruções para os sócios dos Clubes 4-S. Essas eram relacionadas à produção e desenvolvimento de culturas agrícolas ou à criação de animais como porcos, galinhas, vacas. Alguns exemplos foram: Projeto Milho Híbrido; Projeto Alho; Projeto Soja; Projeto engorda de porcos; Projeto Avicultura.

alimentados e mais lucro para os produtores devido ao comércio do excedente. Mas não era só a dimensão do trabalho e da economia em seu sentido puro de obtenção e distribuição de recursos necessários à sobrevivência dos indivíduos. Buscava-se também a inserção desse jovem com um ser ativo em suas comunidades. Esperava-se que fossem sujeitos capazes de, em contato com os adultos, transformar normas, práticas, valores, que eram considerados pelos extensionistas impeditivos ao pleno desenvolvimento dos meios rurais.

É importante este aspeto (*sic*) dos trabalhos dos Clubes 4-S: a influência educativa dos sócios sobre suas respectivas famílias. É comum o agricultor e sua esposa apreenderem técnicas que os filhos trazem dos clubes. [...]. Os sócios começam a ensinar os pais, os vizinhos, os colegas, e amanhã serão líderes e multiplicarão o trabalho dos Supervisores da ACAR. (ACAR, 1958, s.p).

Nessa mesma direção o Engenheiro Agrônomo da ACAR, José Sebastião da Paixão, em texto intitulado “Nos Clubes 4-S está o futuro do Brasil Rural”, enfatizou o papel educacional da Extensão Rural e o trabalho desenvolvido com os Clubes 4-S como sendo o mais importante nesse aspecto:

O trabalho de Extensão é a aquele feito pela ACAR em 16 estados do Brasil. [...] Visa o serviço de extensão, fazendo a educação de adultos e jovens do meio rural nos seus próprios lares, dar-lhes conhecimento que lhes permitam aumentar a produção, com menores gastos e usando processos racionais e modernos, de trabalhar a terra. Dentro do setor de trabalho de Extensão, julgamos mais importante o que diz respeito à educação da juventude rural nos Clubes 4-S. (O RURALISTA, 1ª quinzena de out/1965, p. 2).

Desta forma a construção de um novo meio rural, no qual os jovens seriam os propagadores de uma nova mentalidade frente aos problemas do cotidiano e assim colaborando com a constituição de novos cidadãos estava no horizonte dos clubes.

A inserção dos jovens em suas comunidades, também era objetivo que os clubes deveriam alcançar. Esperava-se que os jovens quatroessistas se tornassem cidadãos atuantes e capazes de transformar as suas localidades de moradia, trabalho e convivência. Cabe citar que a realidade rural era diagnosticada pelos extensionistas como sendo símbolo do atraso devido à baixa produtividade das propriedades rurais e pelas condições de vida da população desses locais. No tocante especificamente aos jovens, temia-se que estes continuassem como herdeiros de formas consideradas arcaicas de produzir e de se viver, ou que fossem seduzidos por comportamentos “desviantes” da sociedade, segundo o que se esperava em termos morais para a juventude naquele período. Assim creditava-se ao trabalho de Extensão a possibilidade

da educação social desses jovens tanto no aspecto técnico quanto em termos de valores morais. Sobre a situação dos jovens no meio rural e a importância da ação extensionista, o manual (ABCAR, 1964, p.1) dirigido aos extensionistas do Sistema ABCAR e ligados ao trabalho com os Clubes 4-S afirmou que

A juventude se acha, de forma permanente, sob o influxo da herança cultural da família, via de regra composta de conhecimentos limitados e técnicas primárias. No meio rural, pouco se lê. Ali não chegam ainda, senão como exceção, informações e novidades divulgadas pela imprensa e rádio. [...]. Sujeita, quase sempre, ao mais rigoroso controle dos pais, essa juventude não encontra oportunidades para desenvolver-se de modo racional e completo.

Assim, sob os jovens era depositada a esperança de que esses fossem os elementos da transformação desejada para os meios rurais nos aspectos relacionados à produtividade e dos valores e modos de vida compartilhados entre os moradores dos lugares. Em relação aos jovens acreditava-se na “maior possibilidade de formar a mentalidade de um moço do que modificar ideias e atitudes já sedimentadas de um adulto”. (ABCAR, 1964, p. 2).

Semelhante ideia, já apresentada por Lima, Buhr e Lavor (1949) sobre educação social, também foi ressaltada por Cardoso (1958). Além do mais nesse documento também ficou destacado que o objetivo máximo dos clubes era a sua educação social:

Os Clubes 4-S do Brasil de organização equivalente aos Clubes 4-H, head (cabeça), heart (coração), hands (mãos) e health (saúde), que com tão valiosos resultados têm atuado nos Estados Unidos da América, trazem como objetivo máximo – a *educação social* dos jovens rurais e seu preparo para o cumprimento de suas obrigações presentes e futuras, reunindo em grupos, no mínimo de 10 e no máximo de 20 rapazes e moças, 9 aos 18 anos de idade, moradores e radicados no meio rural, estudantes ou não, que de acordo com sua vontade e concordância de seus responsáveis, prestam um juramento perante um representante da ABCAR, de um líder local e dos demais jovens do seu clube, obrigando-se a realizar um projeto de produção agrícola, de criação pastoril ou de atividades de economia doméstica, em bases científicas e racionais [...]”. (CARDOSO, 1958, p. 43). (grifos do autor).

No trecho anterior também foi explicitada a não necessidade de o integrante do Clube 4-S ter ligação com a escola. Ademais, para se tornar sócio de um clube sequer havia a necessidade de ser alfabetizado. Essa exigência era apenas para o “repórter” dos Clubes 4-S, ou seja, aquele que era responsável, por exemplo, por apresentar os dados mais significativos sobre o trabalho desenvolvido pelos sócios dos clubes. Essas informações eram depois editadas e divulgadas pela ACAR em Minas Gerais, como por exemplo, no jornal O Trevo ou em outras publicações tais como folhetos, revistas e relatórios produzidas pelas suas

congêneres e filiadas à ABCAR no restante do país.

Nesse sentido a organização dos clubes buscou acomodar forças que disputavam a educação da população residente nos meios rurais, sejam as iniciativas relacionadas ao Ministério da Educação como os clubes agrícolas escolares, sejam aquelas relacionadas às práticas extensionistas. Mas uma, sobretudo, não deve passar despercebida. Refiro-me, por exemplo, à força da tradição que delineava papéis e lugares para esses jovens na sociedade, nos quais os pais desses jovens eram os principais difusores das posições culturalmente instituídas. Assim, as propostas extensionistas entrariam nesse cenário, como forças que visavam desequilibrar, deslocar, desestabilizar padrões de comportamento e de produção nas comunidades rurais. Sendo a escola, um *locus*, que segundo os extensionistas não atingia os “reais interesses dos rurícolas”, caberia a eles no trabalho cotidiano de formação desses jovens contribuírem com o que consideravam a redenção para os problemas rurais, seja em termos de baixa produção, seja em termos das condições de vida precárias, devido, por exemplo, praticamente a inexistência de saneamento básico, práticas de higiene consideradas ineficazes e também altas taxas de analfabetismo e mortalidade infantil. Sendo os pais elementos reprodutores de velhas formas de produção e comportamento, caberia, na concepção extensionista que os jovens fossem elementos difusores de uma nova mentalidade para meio rural.

O público jovem foi desde o início da oficialização do Serviço de Extensão Rural em Minas Gerais com a ACAR, aquele sob o qual se depositou um grande interesse e atenção. Atingir esse público jovem em termos da filosofia extensionista era considerado condição e ao mesmo tempo razão para se obter resultados positivos, seja em termos de produção agrícola, seja em termos de mudanças de costumes. Para isso havia a necessidade de desacomodar, desalojar, romper com sentimentos já consolidados ou postos nas comunidades. As formas educacionais que tinham na escola uma tradição já delineada eram consideradas insuficientes ou até mesmo completamente distantes da realidade dos agricultores. No Programa para o Ano Agrícola 1954-1955 da ACAR foi destacado o caráter prático dos Clubes 4-S.

Visando preparar bons agricultores dos jovens rurícolas de hoje, que nas escolas nada aprendem de sua futura profissão, foi introduzido em nosso programa um Serviço de Extensão para jovens, que tão bons resultados está (*sic*) apresentando em outros países. Os resultados alcançados no ano anterior nos animaram a ampliar este projeto, porém sem perder seu caráter experimental. (ACAR, 1954, p. 8).

Tanto no programa para 1953, quanto no do ano agrícola 1954-1955, o trabalho com os jovens rurais nos Clubes 4-S vinha em destaques no item Projetos Especiais. Mesmo sendo considerado em caráter experimental, já havia a expectativa que pudesse atingir resultados positivos em Minas Gerais e assim ter a possibilidade de expansão para outras partes do país.

Se por um lado, os clubes agrícolas guardavam similaridades com os clubes juvenis fundados no contexto do pós-Guerra, também havia diferenças marcantes entre eles. A principal delas, por exemplo, para o Brasil, era que enquanto os clubes agrícolas faziam parte da estrutura das escolas rurais, sendo inclusive a sua existência prática dependente do meio escolar, os clubes de jovens rurais do tipo 4-S existiram independentemente desse sistema<sup>48</sup>. Esse mesmo raciocínio foi constatado também na Revista do Clube 4-S:

Alguns países desenvolveram o trabalho em íntima relação com o sistema escolar. Outros estabeleceram os Clubes como programa das comunidades, sem ligação com o sistema escolar, como é o caso do Brasil. Outros partiram de missões religiosas, de firmas comerciais e de agências governamentais. Mas as similaridades são muito grandes na forma de seu funcionamento, que inclui uma programação anual com projetos individuais e comunitários, competições nacionais, estaduais e regionais, a utilização de líderes voluntários locais, a realização de feiras, exposições, excursões, etc. (REVISTA DO CLUBE 4-S, 1980, p. 17).

Já nos Estados Unidos havia uma maior clareza acerca da importância tanto da educação escolar quanto daquela promovida pelo Serviço de Extensão Cooperativa destinada aos meios rurais daquele país<sup>49</sup>. Sobre a estreita relação entre a educação rural e o Serviço de Extensão Cooperativa dos Estados Unidos, Brunner (1950, p. 14) afirma que

---

<sup>48</sup> Inicialmente essa tese estudaria as relações entre os 4-H Clubs e os clubes 4-S do Brasil e da Costa Rica, e os Clubes 4-A da Argentina. No caso dos Clubes 4-A (Argentina) e 4-S (Costa Rica) a pergunta inicial era: qual a relação desses clubes com seus sistemas escolares? No caso da Argentina, os estudos de Talía Gutierrez (2007 e 2009) mostraram vários tipos de movimentos juvenis agrários que concorriam para o objetivo de modernização das práticas agrícolas. Talvez na realidade argentina os 4-A disputaram com outras experiências os mesmos públicos e espaços. É possível que daí tivessem decorrido mais tensões do que, por exemplo, a realidade brasileira. Assim naquele país teria ocorrido uma maior influência e alteração da filosofia original de trabalho para os jovens rurais. Mas isso é apenas uma hipótese, não sendo esse o objetivo perseguido nessa tese. Fica como sugestão de investigação para outro momento.

<sup>49</sup> Embree (1940) foi um dos autores que publicou um capítulo no Anuário para Agricultura de 1940 do USDA. Essa publicação contou com mais de 1200 páginas nas quais os autores trataram de discutir as transformações da agricultura naquele período. Teve o intuito de reforçar a importância da agricultura para os Estados Unidos e como no próprio subtítulo deixava transparecer, em um “mundo em mudança”. Embree discutiu sobretudo aquilo que chamou de Renascença Rural, na qual a educação teria um papel fundamental. Na concepção defendida por Embree a educação para a vida rural deveria ser uma educação geral, onde além dos três R’s (Reading, Writing, Arithmetic) – (Leitura, Escrita, Aritmética) deveria ser acrescido duas outras áreas: trabalhos manuais e os processos da natureza. (p. 1038). Mesmo que não tratou dos 4-H Clubs, a visão de mundo proposta por Embree estava muito próxima daquilo que buscavam junto clubes juvenis nos Estados Unidos.

Verificou-se que, quanto mais elevado o nível educacional da população, maior é a eficácia dos boletins. As pessoas que já adquiriram confiança nos métodos científicos e no Serviço de Extensão não necessitam de uma demonstração para convencer-se da validade de um método ou processo. Por isso o Serviço de Extensão dos Estados Unidos tem vivo interesse pela melhoria da educação rural e coopera da melhor maneira possível com as autoridades escolares.

Ainda sobre os objetivos gerais do Serviço de Extensão, esse mesmo autor afirmou que

“é assistir as famílias rurais a se bastarem, mediante a aplicação das ciências físicas ou sociais, às rotinas quotidianas da vida de fazenda, de família e da comunidade. Extensão significa casas melhores, fazenda melhores, para alimentar, vestir e fortalecer a nação, e melhorar a organização e o funcionamento das comunidades locais. (...) Extensão significa educação lateral<sup>50</sup>, fora da escola. Enfrenta abertamente as necessidades e os problemas dos agricultores, suas mulheres e filhos, e, em menor grau, os dos habitantes de pequenas cidades. Ousa submeter seus ensinamentos ao terrível teste da viabilidade prática, no campo e nas cozinhas, nos lares e nas comunidades. (p. 5-6).

Brunner (1950, p. 11) referindo-se ao trabalho com a juventude rural nos Estados Unidos afirma, inclusive, que “nem todo o trabalho do Serviço de Extensão se destina a adultos. Há um programa completo para meninos e meninas, conhecido por Clubes dos 4-H (*Head, Hands, Heart e Health*)”. Os programas desenvolvidos pelos jovens seriam relacionados a cultura de milho, algodão, legumes, frutas e criação de porcos, vacas e outros. Como no Brasil, no tocante aos esforços concorrentes entre clubes agrícolas escolares e Clubes 4-S, nos Estados Unidos também havia interesses comuns sendo buscados por entidades distintas como fica explícita na citação a seguir ao se referir os *Future Farmers of America - FFA*:

Grande parte do serviço de tipo mais avançado foi desempenhado pelos jovens mais velhos, que já haviam terminado a escola. Cerca de 150.000 deles, de 18 a 30 anos de idade, organizaram-se em clubes que na realidade são clubes de ex-alunos dos 4-H. Isto é uma novidade. [...] Os alunos de agronomia têm uma organização extracurricular denominada Futuros Fazendeiros da América, em muitos pontos comparável aos Clubes dos 4-H, mas cujo programa é mais adiantado, pois só admite alunos de escolas secundárias, ao passo que os Clubes dos 4-H iniciam o recrutamento aos 10 anos. As duas organizações foram criadas com o objetivo de se completarem e em muitos Estados de fato o são. Em outros há ativa cooperação. Infelizmente em poucos surgiu uma certa rivalidade e duplicata de esforços. [...] (BRUNNER, 1950, p. 11-12)

---

<sup>50</sup> Esse é um exemplo do que tenho caracterizado como educação social. Essa referida educação lateral, ou seja, fora da escola, visava dar conta daquilo que as formas tradicionais de ensino não conseguiam ter êxito.



Houve, portanto, uma rede de relações imbricadas entre os projetos educacionais voltados à educação rural nas décadas de 1950/1960, incluindo propostas não escolares. Meu fito nessa pesquisa esteve sempre, porém, sob as iniciativas destinadas à constituição de clubes juvenis rurais formados por ambos os sexos. Assim, ganhou relevância os 4-H Clubs, pois foi a partir deles que partiram experiências que redundaram em formas similares, tais como os 4-S no Brasil. Nesse contexto estudado havia uma disputa pela educação dos corpos, mentes e a constituição de uma mentalidade para o meio rural voltada para a racionalização das práticas de produção e da vida cotidiana. Os Clubes 4-S se inserem em um amplo espectro de possibilidades, adaptações, recriações, abandonos e estabelecimentos de singularidades que, tomando em vários aspectos a experiência dos 4-H Clubs dos Estados Unidos como inspiração e modelo, buscou desenvolver um ethos juvenil e até mesmo um ethos para o meio rural como um todo. Inspirados pelo princípio estruturante do Sistema Cooperativo de Extensão Rural dos Estados Unidos “learning by doing” ou simplesmente “aprender fazendo”<sup>51</sup> os clubes foram iniciativas, em cada um dos seus países e com as devidas peculiaridades, propagadores de um ideário de modernização da vida no campo em vários aspectos para além da dimensão econômica. Assim, coloquei em diálogo duas experiências distintas, mas que ao mesmo tempo, fazem parte de um mesmo feixe de propostas e objetivos. Na trama relacional busquei compreender como os princípios considerados “universais” para os clubes juvenis rurais, ou seja, suas generalidades se metamorfosearam na experiência dos Clubes 4-S no Brasil. Assim, nesse capítulo, houve um rápido recuo na temporalidade explicitada no título dessa tese para meados do século XIX, pois pretendi traçar um panorama da constituição do Serviço de Extensão Cooperativa nos Estados Unidos. O trabalho com a juventude rural naquele país nos moldes dos 4-H Clubs se insere como um braço da Extensão Rural. Foi esse trabalho de organização de clubes que inspirou os 4-S do Brasil.

### **1.1 As origens do Serviço de Extensão Cooperativa nos Estados Unidos**

Na entrada da Biblioteca de Humanidades, Ciências Sociais e Educação da Universidade de Purdue<sup>52</sup>, no estado de Indiana nos Estados Unidos existe um grande mural

---

<sup>51</sup> “Aprender fazendo” foi a tradução literal para a expressão “learning by doing” dos 4-H e que assim apareceu nos documentos sobre Extensão Rural no Brasil e principalmente naqueles editados pela ACAR/ABCAR. Buscava dar a ideia de movimento constante, no qual o aprender deveria ser sempre perseguido pelos integrantes dos clubes juvenis.

<sup>52</sup> A Purdue University está localizada no estado de Indiana, na cidade de West Lafayette, nos Estados Unidos. Ela teve papel bastante relevante no trabalho de estruturação do Serviço de Extensão Rural no Brasil com a promoção de cursos, incluindo pós-graduação voltados para o pessoal técnico do sistema ACAR/ABCAR. A Revista Turrialba (vol.2, nº1, 1952, p. 27) deu destaque à criação da primeira escola de Economia Doméstica

intitulado *The Spirit of 4-H Land Grant College* (Figuras 1.A e 1.B). Essa obra está nesse local desde 1961 e deve-se ao trabalho do artista Eugene Francis Savage. A partir dela é possível perceber uma narrativa acerca da história de inúmeros elementos da educação nos Estados Unidos com destaque ao papel desempenhado pelos *land-grant colleges*. Estão lá representados signos que fazem referências à Razão conduzindo os estudantes rumo à iluminação pelo conhecimento. É possível localizar facilmente as representações do presidente Abraham Lincoln e do senador Justin Morrill, figuras centrais para criação dos *land-grant colleges*. Também constam vários aspectos que remetem aos benefícios da tecnologia na agricultura e o desenvolvimento de áreas do conhecimento como engenharias, ciências, artes liberais e belas artes. O objetivo claro desse mural foi a construção e a afirmação de uma memória acerca do desenvolvimento de práticas educacionais e de uma sensibilidade daquilo que seriam os Estados Unidos para eles próprios e para todos os povos. Signos representando a Verdade, a Razão e a Abundância estão presentes nesse mural como forma de justificar a propagação de uma espécie de propósito norte-americano para o mundo. A Abundância, inclusive, foi representada por um navio que, carregado por homens e mulheres incansáveis, que inspirados pelas luzes da Razão levariam mercadorias e ideias para os quatro cantos do planeta. Ao observar o mural da esquerda para a direita, é possível deduzir que o fim em si da narrativa é o da expansão para o mundo no qual os Estados Unidos levariam seus valores culturais e bens materiais produzidos para todos os povos<sup>53</sup>.

---

criada em Viçosa, na Universidade Rural de Minas Gerais – UREMG. Informou ainda que para tal fim dois especialistas da Purdue University viajariam em 1952 para o Brasil para contribuir com a instalação da escola na UREMG.

<sup>53</sup> Do *Yearbook of Agriculture* de 1964, publicado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, 1964) pode-se extrair vários exemplos de propostas e ações de ajuda internacional a partir dos Estados Unidos, incluindo tanto o Governo daquele país quanto instituições privadas, no sentido de estender a todos aqueles que se dispusessem os conhecimentos técnicos e científicos utilizados na agricultura norte-americana. Ver: Davenport (1964); Hearne, Harvey, Nichols (1964); Moseman, Hill (1964); FitzGerald (1964).

**Figura 1.A - *The Spirit of 4-H Land Grant College* (lado esquerdo)**



**Fonte:** [http://rhopkins.us/usnw/images/DSC\\_6761a.jpg](http://rhopkins.us/usnw/images/DSC_6761a.jpg). Acesso em 05/01/2018.

**Figura 1.B - *The Spirit of 4-H Land Grant College* (lado direito)**



**Fonte:** [http://rhopkins.us/usnw/images/DSC\\_6761a.jpg](http://rhopkins.us/usnw/images/DSC_6761a.jpg). Acesso em 05/01/2018.

No ano seguinte à colocação do mural na entrada da referida biblioteca da Purdue University, celebrou-se o primeiro centenário da criação do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. No artigo intitulado *A century of progress. The United States Department of Agriculture*, seu autor, Byron T. Shaw (1962), funcionário do Serviço de Pesquisa Agrícola do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos - USDA enfatizou a importância desse órgão na transformação das práticas agrícolas daquele país. Shaw discorreu sobre o primeiro centenário do USDA e destacou a importância da investigação científica no progresso e no aumento da produtividade da agricultura nos Estados Unidos. Segundo esse autor, para além da introdução de maquinários, sementes selecionadas e técnicas de produção baseadas em

critérios científicos, as mudanças nas formas de pensar e agir frente às “forças da natureza”, teriam sido fundamentais para que a agricultura norte-americana fosse considerada no início da década de 1960 “a mais eficiente do mundo e por ter a população daquele país uma quantidade de comida e fibras sem precedente até então” (SHAW, 1962, p. 165, tradução minha)<sup>54</sup>. Esse autor também ressaltou a projeção das atividades do USDA para a expansão de técnicas e tecnologias para outros países em programas de cooperação internacional, pois os problemas relacionados às “doenças vegetais e animais e à pestes não são definidas ou confinadas pelas fronteiras geográficas” (SHAW, 1962, p. 171, tradução minha)<sup>55</sup>. Assim como forma de contribuir com a solução de problemas não limitados às fronteiras entre os países, Shaw vislumbrava a cooperação internacional na área agrícola, na qual estaria presente a dimensão da mudança de mentalidade e de comportamento dos agricultores.

A medida da mudança não pode ser descrita somente em termos de mais tratores, maiores rendimentos por acre, vacas de maior produção ou mais ovos por galinha. A verdadeira dimensão da mudança reside na diferença de mentalidade e atitudes dos agricultores. Eles tomaram a ofensiva contra as forças da natureza. Baseiam suas operações agrícolas em fatos científicos sólidos. Eles utilizam técnicas de gerenciamento para combinar terra, trabalho e capital para obter os maiores lucros possíveis em suas empresas (SHAW, 1962, p. 165, tradução minha)<sup>56</sup>.

Assim, nesse entendimento, mais do que tratores ou sementes selecionadas, a transformação na agricultura só seria possível com a constituição de homens e mulheres que, diante da lida diária em suas plantações e residências, estivessem dispostos e fossem capazes para buscar os melhores meios e técnicas de produção. Nesse sentido isso estaria relacionado a constituição de uma outra forma de sensibilidade nos meios rurais onde os elementos considerados representantes do atraso e do tradicionalismo seriam postos de lado, frente aos desígnios da racionalidade científica. Nesse mesmo feixe de transformações que redundaria na oficialização de um serviço de Extensão Rural nos Estados Unidos no início do século XX com a promulgação do Smith Lever Act em 1914, no qual a constituição de clubes juvenis foi um importante ramo, estariam presentes a criação do USDA, da Lei Morrill Act e os Land-Grant Colleges desde meados do século XIX. Afirmo assim que a dimensão educacional foi

---

<sup>54</sup> “the most efficient in the world. Because our agriculture efficient, the people of the United States have an unprecedented abundance of food and fiber”.

<sup>55</sup> “that plant and animal diseases and pests cannot be confined by geographical borders”.

<sup>56</sup> “The measure of the change cannot be described only in terms of more tractors, greater yields per acre, higher-producing cows, or more eggs per chicken. The true dimension of the change lies in the difference in mind and attitude of the farmers. They have taken the offensive against the forces of nature. They base their farming operations on sound scientific facts. They utilize business management techniques to combine land, labor, and capital to realize the greatest possible profits from their enterprises”.

premissa básica para o êxito do desenvolvimento agrícola dos Estados Unidos.

A Revista Turrialba, em um número anterior ao qual foi publicado o artigo de Shaw, já havia destacado o caráter educacional e internacional do USDA em seu primeiro centenário:

Em 1962 se celebra com numerosas atuações e homenagens o primeiro centenário da criação do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. A lei que estabeleceu o Departamento, firmada pelo presidente Lincoln em 15 de maio de 1862, marcou o fim de muitos anos de esforços. Os objetivos assinalados na lei original eram adquirir e difundir entre o povo dos Estados Unidos informação útil nos assuntos relacionados com a agricultura e procurar propagar e distribuir entre os agricultores sementes e plantas novas e valiosas. Desde essa data até agora o Departamento se converteu em uma das maiores instituições de investigação e educação do mundo. [...]. Esta influência se tem projetado para além das fronteiras dos Estados Unidos mediante programas de ajuda técnica para os que se põe a disposição de outros países a experiência e conhecimentos científicos acumulados pelos norte-americanos (TURRIALBA, vol.12, nº3, julio-setiembre 1962, p. 112, tradução minha)<sup>57</sup>.

Shaw (1962) também salientou que em 1862 foi aprovado pelo congresso norte-americano a Morrill Act que estabeleceu o Sistema Land-Grant College dos Estados Unidos.

De acordo com esta Lei, terras públicas foram doadas para os Estados e Territórios, a fim de fornecer colégios para o ensino da agricultura e as artes mecânicas. Naquele mesmo ano, o Homestead Act foi aprovado, dando livremente extensões para aqueles que estavam dispostos a cultivá-lo. Em 1887, o Congresso aprovou a Lei da Estação Experimental Hatch, que previa o estabelecimento de uma estação experimental agrícola em conexão com as instituições Land-Grant de cada Estado e Território. A legislação previa o uso de fundos federais para esse fim, a serem administrados pelo Departamento de Agricultura. Em 1914, foi desenvolvido um sistema nacional de extensão agrícola, que trouxe novas idéias e tecnologia para milhões de agricultores da Nação, não só para as escolas e colégios, mas para as multidões em suas próprias fazendas. [...] O esforço cooperativo em pesquisa e educação foi financiado publicamente pelos governos federal, estadual e de condado. Nos últimos anos, a indústria privada, as organizações agrícolas e as fundações privadas têm assumido uma parte mais ativa (SHAW, 1962, p. 167, tradução minha)<sup>58</sup>.

---

<sup>57</sup> “En 1962 se está celebrando, con numerosas actuaciones y homenajes, el primer centenario de la creación del Departamento de Agricultura de los Estados Unidos. La ley que estableció el Departamento, firmada por el presidente Lincoln el 15 de mayo de 1862, marcó la culminación de muchos años de esfuerzo. Los objetivos señalados en la ley original eran adquirir y difundir entre las gentes de los Estados Unidos información útil en asuntos relacionados con la agricultura y procurar propagar y distribuir entre los agricultores semillas y plantas nuevas y valiosas. Desde esa fecha hasta ahora el Departamento se ha convertido en una de las instituciones de investigación y educación más grandes del mundo. [...]. Esta influencia se ha proyectado más allá de las fronteras de los Estados Unidos mediante programas de ayuda técnica por los que se pone a disposición de otros países la experiencia y conocimientos acumulados por los científicos estadounidenses”.

<sup>58</sup> “Under this Act, public lands were donated to the States and Territories in order to provide colleges for the teaching of agriculture and the mechanic arts. In that same year, the Homestead Act was passed, giving free

Segundo Ribeiro (2016, p. 82), após a Morrill Act

quase setenta instituições foram criadas como *land-grant colleges* ou universidades estaduais, principalmente no Oeste, conforme as exigências da lei, que previa como finalidade para as mesmas a educação da classe trabalhadora, com ênfase no ensino de ramos do conhecimento relacionados à agricultura e às artes mecânicas, envolvendo ainda os estudos clássicos e os estudos científicos. [...] A pressão para construir algo para ensinar acabou por produzir a pesquisa de um modo muito prático. Além da pesquisa aplicada a difusão de conhecimentos por especialistas em Agronomia e Veterinária junto às comunidades locais foi outra prática que caracterizou aqueles estabelecimentos.

Essa mesma autora em outro trabalho já havia afirmado que

quando a Lei Morrill foi editada, as terras dos fazendeiros enfrentavam um processo crescente de deterioração do solo por falta de conhecimentos sobre conservação. Não obstante a produção agrícola se expandisse, ela perdia importância para a manufatura, que, já a partir da década de 1860, conquistava a liderança entre as atividades econômicas do país. Neste contexto e impulsionado pela emergência de um sistema nacional de ferrovia, foi se formando um mercado nacional estruturado. Graças à edição do *Morrill Act*, em 1862, e à criação do *United States Department of Agriculture*, no mesmo ano, as angústias dos fazendeiros foram, em grande medida, atenuadas, tendo a área cultivada se ampliado e a agricultura experimentado o início de sua mecanização (RIBEIRO, 2006, p. 111).

A Revista Turrialba (Vol.1, nº6, ano 1951) também já havia sublinhado a constituição e a importância do Sistema Land Grant em um texto intitulado *Land-Grant Institutions and Technical Cooperation*, de autoria de Ross E. Moore, Diretor Assistente do Office of Foreign Agricultural Relations. Nele, afirmava

O Sistema Land Grant tem tido um profundo efeito na vida do povo dos Estados Unidos, especialmente em áreas rurais. O sistema atual inclui 69 instituições, variando em tamanho desde a Universidade do Alasca com aproximadamente 400 estudantes, para a Universidade da Califórnia com aproximadamente 40 mil em várias cidades universitárias diferentes de muitas localidades separadas (MOORE, 1951, p. 276, tradução minha)<sup>59</sup>.

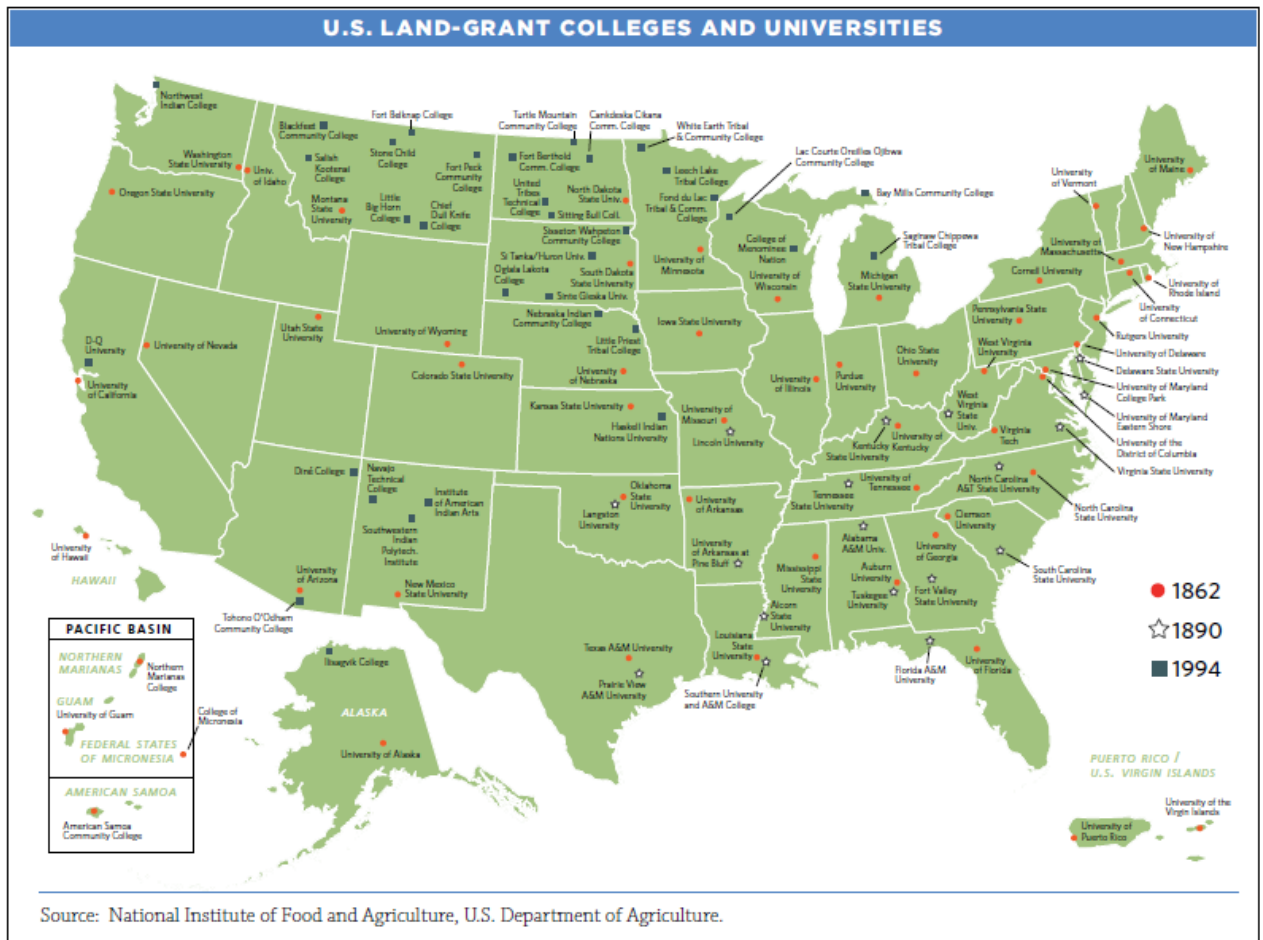
---

tracts of land to those who were willing to cultivate it. In 1887, Congress passed the Hatch Experiment Station Act, which provided for the establishment of an agricultural experiment station in connection with the Land-Grant institutions of each State and Territory. The legislation provided for the use of Federal funds for this purpose, to be administered by the Department of Agriculture. In 1914, a nationwide agricultural extension system was developed, which brought new ideas and technology to millions of farmers throughout the Nation – not only to those in schools and colleges but to the multitudes on their own farms. [...] The cooperative effort in research and education has been publicly financed by Federal, State, and county governments. In recent years, private industry, farm organizations, and private foundations have been taking a more active part”.

<sup>59</sup> “The Land-Grant System has had a profound effect on the life of people of the United States, especially in rural areas. Today’s system includes 69 institutions, varying in size from the University of Alaska with approximately 400 students, to the University of California with approximately 40,000 on several different campuses in widely separated locations”.

A figura 2 apresenta um mapa do território norte-americano e nele as respectivas land-grant e as datas dos atos legais associados a criação de cada uma: a primeira e segunda Morrill Act (1862 e 1890, respectivamente) e a Lei de 1994 intitulada Improving America's School Act of 1994 que no seu Título V versava sobre as Land Grant Colleges. Pode-se perceber que cada um dos estados possuía uma ou mais Land-Grants Colleges. Esse fator foi responsável, por exemplo, para que em toda extensão do território norte-americano existisse o desenvolvimento de ações voltadas para o aprimoramento da agricultura naquele país. As escolas superiores forneceram não só profissionais para as diversas áreas da agricultura. Elas também foram responsáveis por desenvolver meios para que a agricultura norte-americana se tornasse altamente produtiva devido ao uso intensivo de novas tecnologias e mecanização. Mas nada disso teria sido possível sem as mudanças que se prescreveram para toda a atividade agrícola naquele país. Nesse sentido tiveram papel central os *farmers*. Estes, a partir de ações voltadas à mudança das suas formas de se produzir e agir no campo foram também responsáveis por levar a intensificação da produção nos Estados Unidos.

**Figura 2 – As Land-Grants Colleges nos Estados Unidos**



**Fonte:** Association of Public and Land-Grant Universities, 2012, p.9.

Os exemplos aqui citados de referências ao primeiro centenário<sup>60</sup> do USDA, seja o mural da Purdue University ou o artigo de Shaw, remetem a um longo processo de transformações econômicas e sociais nos Estados Unidos, iniciadas logo pós a declaração de independência em fins do século XVIII e que continuou nas primeiras décadas do século XIX. Uma demonstração clara dessas transformações, sendo ao mesmo tempo causa e efeito delas foi o grande expansionismo territorial para o sul e oeste. Nele se destacaram guerras contra a

<sup>60</sup> Os destaques ao primeiro centenário do USDA como forma de apresentar as realizações na agricultura norte-americana foi uma das características do início da década de 1960 por parte dos setores agrícolas dos Estados Unidos. Mais do que comemorar a criação do Departamento de Agricultura, as narrativas construídas buscavam apresentar para os norte-americanos e para outros povos, os feitos desse país nas mais diferentes áreas. Cabe citar que o início da década de 1960 o mundo vivia as tensões referentes às disputas ideológicas, econômicas, propagandísticas e armamentistas, envolvendo as duas superpotências bélicas oriundas do fim da Segunda Guerra Mundial: Estados Unidos e União Soviética. Assim, cada uma, à sua maneira, construía narrativas acerca das suas histórias destacando fatos supostamente memoráveis de seu povo como forma de justificar o que acreditavam ser a superioridade de um lado sobre o outro. Eram tempos aqueles da chamada Guerra Fria. Referenciar ao passado era um recurso para justificar o desejo explícito, nesse caso, dos Estados Unidos em se fazerem presentes em diferentes partes do mundo para levar o que consideravam o melhor modo de vida a todos os povos.



Inglaterra, França, Espanha e México, bem como a compra e anexação pela via diplomática de imensos territórios para os Estados Unidos. Segundo Tota (2014- a, p.69), citando, por exemplo, a guerra contra o México,

Em fevereiro de 1848, pelo Tratado de Guadalupe-Hidalgo, os Estados Unidos pagaram 15 milhões de dólares ao México, que reconheceram o rio Grande como a fronteira, do Texas à Califórnia. Com o fim da guerra mexicana, os Estados Unidos ganharam um vasto território de 1,36 milhões de quilômetros quadrados, incluindo os atuais estados do Arizona, Nevada, Califórnia, Utah, Novo México, Colorado e parte do Wyoming. Em meados do século XIX, o país dos americanos já contava com 31 estados e 23 milhões de habitantes. Não se conhecia até então experiência semelhante na história.

Mas foi, sobretudo, na segunda metade do século XIX que as transformações ganharam impulso com a ampliação e consolidação do território, a construção de ferrovias, o desenvolvimento nas comunicações, a entrada de milhares de imigrantes europeus e asiáticos, a formação de conglomerados industriais ligados à grandes famílias tais como os Rockefeller e os Vanderbilt e a mecanização na agricultura. Tais características contribuíram para que os Estados Unidos, não obstante às feridas ainda abertas naquele período devido a Guerra Civil de 1861-1865, se transformassem em uma das economias mais pujantes em fins do século XIX e no início do século XX<sup>61</sup>.

Quando do término da guerra que opôs as tropas dos estados que pretendiam a separação e a formação de um outro país<sup>62</sup>, às tropas da União sob o comando do presidente Abraham Lincoln, os Estados Unidos tinham uma economia basicamente agrícola. Segundo Tota (2014 - a, p. 98):

Não havia nenhuma empresa industrial registrada na Bolsa de Nova York. Do fim da Guerra de Secessão em diante, o país foi se transformando na maior potência industrial e financeira do mundo, superando a Inglaterra. Não que a agricultura tivesse deixado de ser importante, ainda era a principal

---

<sup>61</sup> É necessário citar, porém que a memória construída acerca da importância da Guerra Civil no desenvolvimento norte-americano variou de acordo com o período histórico. Durante os chamados “anos dourados” que antecederam a Crise de 1929, o conflito de 1861-1865 foi considerado o momento de um grande despertar da industrialização. Durante o período da Guerra Fria predominaram as análises estruturais e as exaltações aos indivíduos empreendedores. Já a partir de análises mais recentes contestam inclusive a importância do período da Guerra e demonstram que o período de cerca de vinte anos antes do conflito foi aquele de maiores ganhos para a economia do país. Ver: Karnal (2016, p. 158-159).

<sup>62</sup> Em dezembro de 1860 a Carolina do Sul se declarou separada da União, depois da vitória nas eleições presidenciais de Abraham Lincoln. Dois meses depois a Carolina do Sul mais seis estados: Flórida, Mississipi, Geórgia, Texas, Lousiana e Alabama se constituíram como os Estados Confederados da América, tendo como presidente Jefferson Davis. Ainda se juntaram aos Confederados os estados da Virgínia, Arkansas, Carolina do Norte e o Tennessee. A guerra chegou ao seu desfecho com a rendição das tropas confederadas em abril de 1865, “[...] com um ônus material e humano grande demais para ser ignorado nos anos seguintes” (TOTA, 2014 - a, p. 83).

atividade econômica, mas mudou de qualidade na geração da riqueza do país. A agricultura estava se industrializando.

Para a transformação da agricultura dos Estados Unidos não bastaram apenas as imensas áreas disponíveis a serem cultivadas, uma legislação que favorecia a ocupação dessas terras<sup>63</sup> ou a propalada ideia de liberdade política e econômica que gozariam os cidadãos daquele país. Nesse quesito destacou-se também um conjunto de ensinamentos técnicos e científicos voltados aos agricultores, baseada em uma educação prática. Na segunda metade do século XIX ganhou força, principalmente após a Guerra Civil de 1861-1865, um sistema não-escolar pelo qual os envolvidos nos afazeres das propriedades rurais aprendiam na prática, ou seja, baseados na lógica do “*learning by doing*”. Estava ali já delineado a base do que foi chamado de Cooperative Extension Service ou Serviço de Extensão Cooperativa nos Estados Unidos e do qual o trabalho de organização dos clubes juvenis foi um dos seus braços. E o que os agricultores, as donas de casas e os seus filhos aprendiam? Aprendiam técnicas que poderia colaborar com a solução de problemas e aumento da produtividade relacionados aos cultivos agrícolas, a criação de animais e ensinamentos relacionados à economia doméstica visando uma administração mais racional e assim eficiente do lar<sup>64</sup>.

É necessário citar, porém, que a preocupação com os saberes agrícolas e o desenvolvimento de formas para a difusão de ideias que colaborassem com o aprimoramento da produção não era novidade nos Estados Unidos do período pós-guerra civil. Na verdade,

---

<sup>63</sup> Refiro-me, por exemplo, ao *Homestead Act* de 1862 que deu grande impulso a ocupação das terras do oeste norte-americano. Segundo Tota (2014 - a, p. 87) o *Homestead Act* “era uma ‘reforma agrária’ antes mesmo que as terras do governo fossem ocupadas. Quem preenchesse certas condições poderia obter cerca de 3 mil metros quadrados de terra para cultivar. Era o sonho do *yeoman*, ou seja, o pequeno sitiante que recebia incentivo de ir para o Oeste”.

<sup>64</sup> Sobre o Serviço de Extensão Cooperativa ver Kelsey e Hearne (1966). Essa obra foi fundamental para a escrita desse tópico do capítulo. O primeiro contato que tive com essa obra foi quando analisava a Seção Reseña de Libros da Revista Turrialba, año 1955, vol.5, nºs 1 e 2, semestre Enero-Junio. Essa seção, presente em todas as edições dessa revista, trazia lançamentos e indicações de publicações que supostamente seriam úteis ao desenvolvimento das ciências agrícolas na América Latina. A edição do livro ao qual a revista faz referência foi publicada pela Comstock Publishing Associates e pela Cornell University Press, de 1955. Na resenha consta a afirmação inicial que apesar de ser considerado um livro básico dentro dos estudos de Extensão, Kelsey e Hearne cobririam os aspectos principais dessa temática. O livro teria sido preparado para o uso de estudantes em cursos avançados de pós-graduação nas universidades norte-americanas e fora baseado na obra de True (1928). “Pero esta obra también puede ser usada por las facultades; de agronomía y escuelas superiores de agricultura de los países de América Latina”. (Turrialba, 1955, vol5, nºs1 e 2, semestre Enero-Junio, p.55). Ela foi fundamental por difundir um tipo de tradição acerca do Serviço de Extensão Cooperativa nessa parte do mundo e certamente contribuiu com a formação de técnicos extensionistas, inclusive no Brasil. A edição que usei como referência nessa tese foi encontrada no Centro de Documentação da EMATER-MG em Belo Horizonte. Está em português e foi editada pelo Programa de Publicações Didáticas da Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional – USAID, como parte do Programa Aliança para o Progresso, em 1966. Para conferência das informações de Kelsey e Hearne também acessei a obra de True (1928). Trechos inteiros da obra de Kelsey e Hearne (1966) são traduções literais da obra de True (1928) o que a meu ver atesta a presença de uma tradição acerca das práticas extensionistas a serem desenvolvidas independentes da temporalidade e local de implantação.

desde muito cedo se formaram sociedades ou clubes de fazendeiros nos quais buscavam trocar conhecimentos sobre os mais diversos assuntos tais como a seleção e plantio de sementes, o cultivo de cereais, a criação de gado, construção de cercas, melhoria nas habitações incluindo questões sanitárias etc. A partir do livro “*A history of agricultural Extension Work in the United States 1785-1923*”, de Alfred Charles True, funcionário do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, foi possível apresentar o seguinte quadro sobre diversas iniciativas de extensão naquele país.

**Quadro 1** - Alguns organismos de iniciativas de educação agrícola nos Estados Unidos

<b>Tipo</b>	<b>Local</b>	<b>Origem</b>
Sociedade Agrícola da Filadélfia	Filadélfia	1785
Sociedade Massachusetts para a Promoção da Agricultura	Massachusetts	1792
Universidade de Colúmbia	Nova York (cidade)	-----
Instituto Rensselaer	Troy (Estado de Nova York)	-----
Junta de Agricultura do Estado de Ohio	Ohio	1846
Escola Científica Yale	New Haven (Connecticut)	-----
Sociedade de União Agrícola de Cansas	Manhattan (cidade)	1868
Clubes Agrícolas de Blumont, Illinois e Missouri	Blumont, Illinois e Missouri	-----
Reuniões Agrícolas de Iowa	Iowa	1872
Assembleia da Escola Dominical de Chautauqua	Chautauqua Lake, Nova York	1874
Reuniões de agricultura	Estados de New Hampshire, Vermont, New Jersey, Tennessee, Michigan	-----
Reuniões agrícolas	Nebraska, Alabama e Pensilvânia	Antes de 1880
Reuniões Agrícolas no Estado de Nova York	Universidade de Cornell e em Lockport	1855
Reuniões especiais para negros	Carolina do Norte	1904
Instituto de Trabalhadores da Associação Americana de Fazendeiros	-----	-----
Clubes de trabalhos de moças e rapazes de Ohio	Ohio	1905

**Fonte:** Quadro construído pelo autor a partir de True (1928).

Desse quadro destaco a Assembleia da Escola Dominical de Chautauqua, condado do Estado de Nova York, devido a seu caráter emblemático na constituição de um modelo de extensão nos Estados Unidos. Segundo Kelsey e Hearne (1966, p. 24) muitos exemplos de extensão derivaram ou foram influenciadas pela experiência da Assembleia da Escola Dominical de Chautauqua. Essa foi uma iniciativa dos metodistas Lewis Miller e John H.

Vincent. Reunida pela primeira vez durante dez dias de agosto de 1874, a Assembleia combinava instruções, recreação e entretenimento. Essa experiência atraiu o interesse de outras pessoas e em 1878 foi criado o Chautauqua Literary and Scientific Circle (Círculo Científico e Literário de Chautauqua). Foi desenvolvido um programa de leituras domésticas que se estendia ao longo de um período de 4 anos. Em 1883 iniciaram cursos por correspondência. Em pouco tempo havia cerca de 60 mil pessoas seguindo esse curso e as publicações de Chautauqua.

Um pouco anterior à experiência de Chautauqua, pode-se observar o início do movimento de extensão universitária nos Estados Unidos. Segundo True (1928, p. 43) as universidades e faculdades americanas foram influenciadas pela extensão universitária iniciada na Inglaterra em 1866 desenvolvido sobretudo nas Universidades de Cambridge e de Oxford. Nos Estados Unidos esse sistema teria sido introduzido através das bibliotecas de cidades e era uma forma dos saberes desenvolvidos nas universidades e faculdades se difundirem perante as comunidades. Em 1890 foi criada a Sociedade Americana para a Extensão do Ensino Universitário (American Society for the Extension of University Teaching). Assim, nas décadas de 1870/1890, as universidades e faculdades, inclusive aquelas criadas no início da década de 1860 nos Estados Unidos, passaram a organizar trabalhos de extensão agrícola com a sistematização de departamentos específicos. Afirmo assim que a extensão agrícola ligada às instituições universitárias surgiu nos Estados Unidos como parte do movimento amplo de extensão universitária da segunda metade do século XIX, bem como de iniciativas, inclusive, que foram anteriores à da experiência de Chautauqua, desde fins do século XVIII como mostrei no Quadro 1.

Kelsey e Hearne (1966) afirmaram que, em fins do século XIX cerca de 500 mil fazendeiros participavam de algum tipo de reunião de cunho extensionista em 47 estados americanos<sup>65</sup>. Além disso

Em 16 estados as reuniões tinham conexões com o Departamento de Agricultura. Em 19 estados sulinos e do Oeste estavam elas diretamente sob os auspícios de escolas de agricultura ou estações experimentais. As mulheres foram animadas a tomar parte e o número de conferencistas do sexo feminino cresceu gradativamente. Em Nova York, em 1903-1904, colegiais foram especialmente convidados, arranjando-se programas as

---

<sup>65</sup> Segundo o site do United States Census Bureau, a população dos Estados Unidos no de 1900 era de 76.094.000 habitantes. Ver: <https://www2.census.gov/programs-surveys/popest/tables/1900-1980/national/totals/popclockest.txt>. Acesso em 21/03/2018. Tal dado também é compartilhado por Purdy (2016, p.175) que afirma que a população norte-americana chegou a 76 milhões de habitantes no início do século XX favorecido inclusive pela imigração das duas últimas décadas do século XIX. Em 1900, 41% da força de trabalho estava empregada na agricultura. Ver: Dimitri (2005, p. 2).

crianças. [...]. Com crescentes verbas estaduais e federais para ajudá-las, as reuniões agrícolas difundiram-se amplamente durante os quinze anos que terminaram em 1915. [...] A participação e o interesse crescentes das mulheres, moças e rapazes fizeram também aumentar a assistência e difundir a influência. Ao fim desse período cerca de 8000 reuniões eram realizadas anualmente, a que assistiam mais de 3 milhões de pessoas (KELSEY; HEARNE, 1966, p. 23).

Para os historiadores do Serviço de Extensão dos Estados Unidos, True (1928), Kelsey e Hearne (1966) e Wessel; Wessel (1982), o professor Seaman Asahel Knapp (1833-1911)<sup>66</sup> teve papel fundamental na constituição do modelo de trabalho com os fazendeiros daquele país.

Segundo Kelsey e Hearne (1966, p. 25)

Seaman A. Knapp era o filho de um médico de Schroon, no Condado de Essex, Nova York, diplomado pela Universidade Union, de Schenectady. Aleijado devido a um acidente, Knapp organizou uma fazenda em Iowa e dedicou-se à agricultura em geral e à criação de gado. Cedo veio a tornar-se conhecido por sua iniciativa e por sua aproximação científica aos problemas agrícolas. Knapp tornou-se professor de agricultura na Universidade do Estado de Iowa, da qual mais tarde foi diretor, por um curto período.

Segundo True (1928)

Seaman A. Knapp morreu em 1 de abril de 1911. Ele viveu para formular e direcionar o desenvolvimento de aproximadamente todo o sistema de trabalho de demonstração cooperativa dos agricultores. Sua organização e principais linhas de trabalho se tornaram fixas e estavam prontas para levar a grande expansão nos próximos três anos (TRUE, 1928, p. 70, tradução minha)<sup>67</sup>.

Knapp, além de ter sido professor de agricultura na Universidade do Estado de Iowa, ocupou também vários cargos no *United States Department of Agriculture* – USDA. No início do século XX, ele teria promovido o modelo de demonstrações das cooperativas agrícolas. Nesse período, Knapp foi enviado pelo Escritório de Entomologia da USDA para o Texas afim de contribuir com a redução de danos aos fazendeiros da região devido a proliferação de uma praga nas plantações de algodão. Dessa experiência Seaman A. Knapp concluiu que era mais produtivo desenvolver métodos pelos quais os “*farmers*” deveriam ser

<sup>66</sup> Schmitt (1980, p. 16) considerou Seaman A. Knapp como “o pai do Serviço de Extensão” dos Estados Unidos. Segundo Schmitt foi também de Knapp a ideia de um acampamento Nacional de 4-H em Washington. Nesses eventos os jovens compartilhavam ideias, informações e técnicas sobre suas experiências nos clubes. Para cada ocasião eram oferecidas viagens aos jovens com os melhores resultados na produção de milho em seus estados.

<sup>67</sup> “Seaman A. Knapp died April 1, 1911. He had lived to formulate and direct the development of approximately the whole system of farmers’ cooperative demonstration work. Its organization and main lines of work had become fixed and were ready to carry the great expansion of the next three years”.

orientados pelos agentes de extensão em suas próprias fazendas. (WESSEL; WESSEL, 1982). Pela estratégia desenvolvida por Knapp foi possível perceber que enquanto o

trabalho de sala de aula não poderia ser substituído, as aplicações da teoria e da técnica foram melhor aprendidas quando se fazia o trabalho. Anos mais tarde, o Serviço de Extensão Cooperativa e seu ramo 4-H desenvolveu a ideia do princípio educacional do aprender fazendo (WESSEL; WESSEL, 1982, p. 11, tradução minha)<sup>68</sup>.

Essas iniciativas foram adotadas inicialmente no sul dos Estados Unidos. Entendo, porém, que elas foram estruturantes de alguns dos princípios que, não obstante, as diferenças regionais<sup>69</sup>, formataram o modelo de Extensão Rural naquele país<sup>70</sup>. Um desses princípios e talvez o principal, seria a própria ideia das demonstrações práticas nas quais os fazendeiros estariam diretamente envolvidos, pois deveriam ver e fazer aquilo que era ensinado pelos agentes da extensão. Os outros dois seriam a participação das faculdades agrícolas estaduais e o governo federal. Assim formou-se o tripé que envolvia o Local, o Estadual e o Federal no modelo de Extensão Cooperativa nos Estados Unidos.

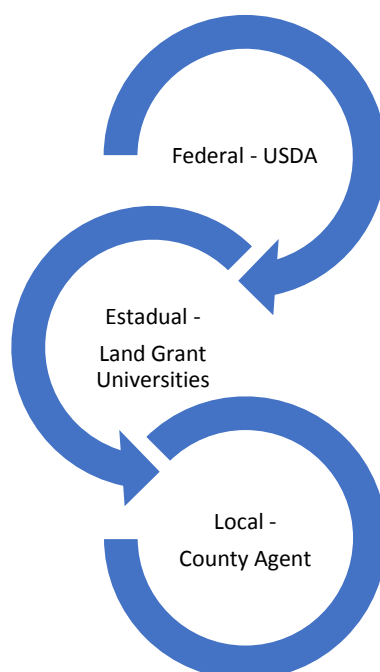
---

<sup>68</sup> “(...)while classroom work could not be replaced, applications of theory and techniques were best learned by doing the work. In later years, the Cooperative Extension Service and its 4-H branch raised the idea of learning by doing to an educational principle”.

<sup>69</sup> Para as pretensões dessa tese cabe citar apenas que no Norte e no Oeste dos Estados Unidos, devido a existência de uma agricultura mais “avançada, diversificada e bem mais desenvolvida”, os fazendeiros demandavam por uma prestação de serviço dos extensionistas mais presencial e com dedicação de mais tempo do que os utilizados nos métodos de demonstração. Foi assim que nessas regiões ganhou impulso o sistema de agentes extensionistas de condados. Estes eram responsáveis por levar aos fazendeiros os ensinamentos e meios para garantir melhores resultados na produção. Eram contratados geralmente por grupos de fazendeiros que se uniam em associações. Ver: Kelsey e Hearne (1966, p. 27-30).

<sup>70</sup> O que deve ser tomado como premissa sobre essa ideia de modelo de Extensão Cooperativa são os objetivos a serem alcançados. Nesse sentido, é claro que ajustes e adaptações regionais foram tomadas. Mas em todas elas a estrutura envolvendo o âmbito federal, estadual e local estavam presentes. O que contava era a máxima, que “a finalidade do serviço de extensão cooperativa é ajudar as famílias a usarem seus próprios recursos e os recursos da ciência e da educação e o governo e a sociedade a proporcionarem vidas úteis e satisfatórias”. Kelsey e Hearne (1966, p. 43).

**Organograma 1** – Modelo simplificado do Sistema de Extensão Cooperativa dos Estados Unidos.



**Fonte:** Organograma elaborado pelo autor baseado em <https://nifa.usda.gov/cooperative-extension-system>. Acesso em 08/03/2018.

Desse modelo de cooperação, basicamente já estruturado por volta de 1906-1908, seria oficializado o Serviço de Extensão Cooperativa em 1914 com a aprovação pelo congresso norte-americano do Smith-Lever Act. Em documento do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos publicado em 1980, acerca dos trabalhos de economia doméstica, assim foi descrito a importância do Smith-Lever:

Programas de extensão de economia doméstica têm alcançado pessoas com informações úteis desde 1914, quando a aprovação do Smith Lever Act levou ao estabelecimento do Serviço de Extensão Cooperativa. A legislação previa uma parceria única do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, Estado (Land-grant universities) e os governos locais (condado, paróquia, distrito ou cidade) em programas financiados conjuntamente. Antes de 1914, os Estados em todo o Sul e Centro-oeste ofereceram programas educacionais na construção de “fogões sem fogo”, saneamento doméstico, conservas, costura, embelezamento em casa e outras atividades. Iowa Agricultural College noticiou o primeiro programa de economia doméstica em 1880, quando uma cozinha modelo foi demonstrada na Feira Estadual de Iowa (USDA, 1980, tradução minha)<sup>71</sup>.

<sup>71</sup> “Extension home economics programs have been reaching people with useful information since 1914, when passage of the Smith-Lever Act led to establishment of the Cooperative Extension Service system. The legislation provided for a unique partnership of Federal (U.S. Department of Agriculture), State (land-grant universities), and local (county, parish, district, or city) governments in jointly funded programs. Before 1914,

Essa lei oficializou o que, na prática, já acontecia anteriormente nos Estados Unidos, ou seja, a reunião de esforços entre o USDA (Federal), as land-grant colleges (estaduais) e a esfera local<sup>72</sup> visando garantir orientações práticas aos fazendeiros por meio de um processo de educação não escolar do qual os 4-H seriam um exemplo<sup>73</sup>.

A partir de trechos de depoimentos compilados por Kelsey e Hearne (1966, p. 41-43) percebe-se como a memória acerca da lei de 1914 foi reiterada por diferentes atores relacionados ao meio rural e com forte acento nos valores e princípios atribuídos aos norte-americanos, como a defesa da Vida, Liberdade e da Felicidade<sup>74</sup>:

Eles (os fazendeiros) devem assumir a liderança em todo e qualquer movimento, a finalidade da qual deve ser: melhores culturas, melhor vida, maior felicidade, mais educação e melhor cidadania. (Hon A.F. Lever, presidente do Comitê de Agricultura do Congresso e coautor da Lei Smith Lever).

O objetivo desse projeto de lei (Smith-Lever) é auxiliar os que lavram a terra a descobrir as riquezas ocultas no solo, a criar métodos de cultivo que diminuam a carga da vida rural pelo encurtamento das horas de penoso labor e tornem a terra mais produtiva. Sua magnífica finalidade é melhorar o homem, alargar seu horizonte mental e proporcionar aos seus esforços uma inteligente orientação. Também objetivará aumentar o conforto do lar rural, aliviando os ônus femininos e ensejando maiores oportunidades aos rapazes e moças sobre cujos ombros não tardará cair a responsabilidade da casa e os encargos do governo. (Senador James Vardeman).

Ensinar aos que desejam aprender e criar o desejo de aprender naqueles que ainda não o possuem. (Dr. Liberty Hyde Bailey, da Universidade de Cornell).

Reajustar a agricultura e colocá-la sobre uma base de maior lucratividade, a fim de reconstruir o lar rural e dar à vida do campo uma atração, uma dignidade e uma influência potencial que jamais recebeu. (Seaman A. Knapp, USDA).

---

States throughout the South and Midwest offered educational programs on building ‘fireless cookers’, home sanitation, canning, sewing, home beautification, and other activities. Iowa Agricultural College reported the first home economics program in 1880 when a model kitchen was demonstrated at the Iowa State Fair”.

<sup>72</sup> A referência mais comum à esfera local nos Estados Unidos foi a expressão *county*. Entretanto, é necessário afirmar que o local poderia ser além do *county* (condado), a *parish* (paróquia), a *region* (região) ou um *district* (distrito). No Brasil, as referências foram para a estrutura do Sistema ACAR/ABCAR, os escritórios locais. Esses foram instalados em municípios brasileiros que fizeram parte do Serviço de Extensão Rural. Para os objetivos traçados nessa tese, quando me refiro ao local, remeto aquilo que estaria mais próximo do que no Brasil seria a estrutura municipal. Fazendo parte dessa estrutura administrativa/geográfica estariam também, claro, as comunidades rurais que tiveram algum tipo de intervenção dos agentes extensionistas, como, por exemplo, o desenvolvimento de clubes juvenis rurais.

<sup>73</sup> Para mais informações acerca da legislação relacionada à educação agrícola nos Estados Unidos ver, por exemplo: ASSOCIATION OF PUBLIC AND LAND-GRANT UNIVERSITIES, 2012. Sobre o modelo de Extensão Cooperativa dos Estados Unidos ver: Silva e Oliveira (2010).

<sup>74</sup> Aqui me refiro aos chamados direitos inalienáveis presentes na Declaração de Independência das 13 colônias de 04/07/1776. Eles seriam os princípios fundantes do que mais tarde se constituiu como sendo os Estados Unidos da América.



Nosso maior objetivo quer estejamos tratando de nossos próprios programas ou auxiliando outros, é o desenvolvimento de homens, mulheres, moças e rapazes fortes e autoconfiantes e de uma boa cidadania nas regiões rurais. (L.R. Simons, Diretor da Universidade Agrícola do Estado de Nova York). *Manter os mais altos ideais da vida doméstica, ter nos filhos a mais importante das culturas;* para isso trata-los maternalmente, de modo que seus corpos sejam saudáveis, suas mentes esclarecidas, seus espíritos felizes e suas tendências generosas. [...]. Entregar-se a entusiasmos generosos; estender aos menos afortunados a mão prestimosa; acreditar que sua comunidade possa tornar-se a melhor das comunidades, cooperar com os outros para o fim comum de uma vida mais abundante no lar e na comunidade. (Flora Rose).

É preciso ressaltar, outrossim, que o Serviço de Extensão Cooperativa nos Estados Unidos se assentou em uma tradição que remonta às origens inglesas dos povos que constituíram aquele país e que coloca forte acento comunitário na vida das pessoas. Em primeiro lugar viriam às comunidades, locais de moradia e trabalho de homens e mulheres que inspirados por um senso prático da vida devido às condições que se processaram desde a colonização inglesa na América do Norte, dariam grande valor aos costumes, as tradições e a religião, na maioria das vezes de cunho cristão puritano. Segundo Tota (2014 - a, p. 20)

O campo, o meio rural, teve papel fundamental na cultura americana. De modo geral, os mais conservadores, até os dias atuais, condenam as grandes cidades como centro do pecado e da perdição e enaltecem as pequenas comunidades locais como o centro da pureza, da retidão, considerando-se representantes dos verdadeiros americanos.

O meio rural, enquanto uma construção sócio histórica carrega assim toda uma idealização de lócus de pureza e ao mesmo tempo de área a ser transformada, pois dele viria o sustento de cada um dos seus moradores, bem como da população do país com os gêneros agropastoris daí produzidos. Era nesse cenário que os jovens deveriam prioritariamente atuar. Caberia a eles atualizar a tradição e ao mesmo tempo ser um elemento rejuvenescedor das formas e práticas de vida e produção das regiões rurais.

Investigação científica, educação prática baseada no princípio do “learning by doing”, mudanças de mentalidade, ajuda técnica, papel dos Estados Unidos no desenvolvimento agrícola mundial, são algumas das ideias que se pode extrair dos trechos citados dos exemplares da Revista Turrialba (1951 e 1962), bem como de Hannah (1960) e Ribeiro (2006 e 2016). Nesse cenário, a organização de clubes constituídos por jovens rurais e que deveriam ser capazes de difundir inovações técnicas, bem como se tornarem lideranças em suas regiões, estiveram também no horizonte daqueles que buscaram desenvolver a agricultura norte-americana. Buscava-se, por exemplo, chegar à mudança nas formas de

pensar e agir dos *farmers* o que levaria, segundo a crença nos ditames dos programas de extensão rural, ao aumento da produtividade e melhoria da qualidade de vida das populações envolvidas com as atividades agrícolas.

Mas quais foram as origens desse trabalho nos Estados Unidos e quais suas relações com os clubes de jovens rurais no Brasil? No próximo item procuro responder essas perguntas partindo da discussão sobre a constituição do Serviço de Extensão Rural nos Estados Unidos.

### 1.1.1 O início do trabalho com os jovens rurais dos 4-H Clubs dos Estados Unidos

A organização de clubes juvenis rurais nos Estados Unidos que se constituíram no início do século XX esteve em consonância com os propósitos de modernização das práticas agrícolas e dos meios de vida dos agricultores que eram propalados a partir do USDA e dos Land Grant Colleges desde 1862. Assim, o trabalho com a juventude rural esteve no coração de uma rede que cobria todo o território americano, relacionando tanto os agentes locais como as escolas agrícolas. Warren (1952) ressaltou a importância desse processo:

O trabalho do *4-H Club* para meninos e meninas rurais é uma parte do Sistema Nacional de Extensão Agrícola que atinge todos estados dos Estados Unidos, Porto Rico e Territórios do Alasca e Havaí. Está sendo desenvolvido também em muitos países. Este sistema foi organizado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos em cooperação com as faculdades estaduais agrícolas e as organizações de extensão local de acordo com as disposições do *Smith-Lever Act* de 1914 e outros atos do Congresso e das legislaturas estaduais autorizando o estabelecimento do trabalho de extensão agrícola e fazendo dotações para isso (WARREN, 1952, p. 1, tradução minha)<sup>75</sup>.

Quando em 1914 foi oficialmente instituído o *Cooperative Extension Service* pelo *Smith-Lever Act*<sup>76</sup> já existia um trabalho com os jovens rurais no Estados Unidos. Em 1902, por exemplo, o superintendente das escolas de Springfield, no estado de Ohio, Albert B.

<sup>75</sup> “4-H Club work for rural boys and girls is a part of the national agricultural extension system which reaches every State in the United States, Puerto Rico, and the Territories of Alaska and Hawaii. It is being developed also in many foreign countries. This system was organized by the United States Department of Agriculture in cooperation with the State college of agriculture and the county extension organizations under the provisions of the Smith-Lever Act of 1914 and other acts of Congress and of State legislatures authorizing the establishment of agricultural extension work and making appropriations for it”.

<sup>76</sup> Mesmo tendo sido o *Smith-Lever Act* a lei federal que estabeleceu o Serviço de Extensão Cooperativa nos Estados Unidos, lembro que tal legislação foi fruto de debates e ações que remontam principalmente à segunda metade do século XIX em torno de práticas extensionistas. Sobre o *Smith-Lever Act* ver: <http://www.archivesfoundation.org/documents/smith-lever-act-1914/>. Acesso em 08 de setembro de 2017. Ver também Kelsey e Hearne (1966) e USDA (1980).

Grahan iniciou o que é considerado o nascedouro do trabalho nos moldes dos 4-H. Foi organizado por ele o “*The Tomato Club*” e o “*The Corn Club*”, constituído por jovens estudantes, com o objetivo de desenvolver a produção e melhorar o sentimento de pertencimento dos jovens ao meio rural. Hutchcroft (1966, p. 8-9)<sup>77</sup> cita inclusive que clubes de jovens tais como os *Boys and Girls Agricultural Clubs*, *Girls Home Culture Clubs*, *Boys Corn Clubs*, *Girls Tomato Clubs* e outros são precursores dos 4-H. Para esse autor, inicialmente não havia nenhum nome ou símbolo para os *4-H Clubs*. Primeiro veio um trevo com três folhas com um H em cada uma, simbolizando *Head*, *Hands* e *Heart*. Só mais tarde foi adicionado o quarto H, representando *Health*. Em 1910 foi desenvolvido o símbolo (Figura 3) do trevo com 4 folhas sendo que em cada uma tinha uma letra H, simbolizando *Head*, *Hands*, *Heart* e *Health*. Por volta de 1911-1912 esses clubes passaram a ser chamados oficialmente de *4-H Clubs*<sup>78</sup>.

**Figura 3** – O Trevo de 4 folhas – Símbolo dos 4-H nos Estados Unidos.



**Fonte:** (HUTCHCROFT, 1966, p. 11).

Desde o início do século XX houve uma preocupação em dar visibilidade e assim constituir uma identidade para os clubes de jovens nos Estados Unidos. “Jessie Field Shambaugh desenvolveu o trevo com uma letra H em cada uma das folhas em 1910, e em 1912 os grupos começaram a ser chamados de 4-H Clubs<sup>79</sup>”. Também em outra fonte consta a seguinte informação acerca desse uso:

<sup>77</sup> Essa obra teve sua primeira edição em 1963. Foi publicado pela National 4-H Club Foundation of America com sede em Washington, D.C, Estados Unidos.

<sup>78</sup> Essa mesma ideia sobre o símbolo do trevo está presente também em: (JR, James W. Clark, 1984).

<sup>79</sup> Sobre essas considerações ver: [https://4-hhistorypreservation.com/History/Hist\\_Nat/](https://4-hhistorypreservation.com/History/Hist_Nat/). Acesso em 15/08/2018.

Em 1912, os administradores do USDA enviaram uma carta aos estados indicando que o emblema regular de todos os rótulos relativos aos clubes juvenis seria o trevo de quatro folhas. O termo Clube 4-H foi usado pela primeira vez pelo USDA em 1918 e o emblema do trevo de quatro folhas foi aprovado em 1924. Assim, tornou-se uma marca federal oficial do USDA, educação de extensão dos land-grant para o público juvenil. Em 1948, o 80º Congresso legislou o nome e o emblema do Clube 4-H como título legal e Título 18 U.S.C. 707 foi estabelecido para proteger o Nome e o Emblema 4-H (USDA/NIFA, 2014, p. 3, tradução minha)<sup>80</sup>.

#### Segundo Wessel; Wessel (1982)

O familiar símbolo do trevo do movimento do clube teve uma longa história na década de 1920. O termo 4-H, no entanto, era mais um nome abreviado do que a identificação de um determinado movimento nacional. Provavelmente mais do que qualquer outra pessoa, Warren foi responsável por dar o nome 4-H ao programa de Extensão dos jovens de uma maneira formal. Durante o início da década de 1920, ela usou o nome em folhetos e publicações do escritório de Washington, D.C. De fato, Warren deliberadamente usou o nome em uma publicação de 1918 (WESSEL; WESSEL, 1982, p. 42, tradução minha)<sup>81</sup>.

Informação semelhante sobre a utilização do trevo de quatro folhas como símbolo e marca identitária dos 4-H consta também na página da Michigan State University Extension (tradução minha)<sup>82</sup>:

O termo 4-H foi usado primeiro em uma publicação federal escrita em 1918 por Gertrude Warren. No começo da década de 1920, um grupo em uma Conferência em Washington, D.C. discutiu a necessidade de dar aos clubes de trabalho de meninos e meninas um distinto nome que pudesse ser usado nacionalmente. Várias pessoas, incluindo Sra. Warren, preferiram 4-H como o nome para a organização. Em 1924 os clubes de trabalho de meninos e meninas tornaram-se conhecidos como 4-H.

Seja na década de 1910, ou apenas na década de 1920, o certo é que tal símbolo se consolidou naquele país e passou também a ser referência de outros clubes para além do território norte-americano. Com a criação e expansão de outros clubes juvenis rurais em

---

<sup>80</sup> “In 1912 the USDA administrators sent a letter to states indicating that the regular emblem for all labels relating to youth clubs would be the four-leaf clover. The term 4-H Club was first used by USDA in 1918 and the four-leaf clover emblem was approved in 1924. Thus, it became an official federal mark of the USDA, land-grant extension education for youth audiences. In 1948, the 80th Congress legislated the 4-H Club name and emblem as the legal title and Title 18 U.S.C. 707 was established to protect the 4-H Name and Emblem”.

<sup>81</sup> “The familiar clover symbol of the club movement had a long history by the 1920s. The term 4-H, however, was more a shortland name than the identification of a particular national movement. Probably more than anyone else, Warren was responsible for giving the name 4-H to Extension’s youth program in a formal manner. Throughout the early 1920s she used the name in brochures and releases from the Washington, D.C., office. Indeed, Warren deliberately had used the name in a 1918 publication”.

<sup>82</sup> “The term 4-H was first used in a federal publication written in 1918 by Gertrude Warren. In the early 1920’s, a group at a conference in Washington, D.C. discussed the need to give the boys’ and girls’ club work a distinctive name that could be used nationally. Several people, including Miss Warren, favored 4-H as the name for the organization. In 1924 boys’ and girls’ club work became known as 4-H”. Ver: [www.msue.anr.msu.edu/uploads/234/38594/cloverstory.pdf](http://www.msue.anr.msu.edu/uploads/234/38594/cloverstory.pdf). Acesso em 20/03/2018.

outras partes do mundo que seguiam o modelo dos 4-H, a simbologia utilizada por esse movimento também foi utilizada como referência nos novos clubes constituídos. Elaborados com os mesmos traços gráficos, as mesmas letras em cada uma das folhas ou com algumas adaptações que envolveram questões da cultura local<sup>83</sup>, incluindo, claro, a própria língua, foi possível perceber essa referência em outros documentos que trataram de outros movimentos juvenis (Figura 4)<sup>84</sup>.

**Figura 4** – Símbolos de movimentos juvenis em alguns países



**Fonte:** Acervo do Centro de Documentação. EMATER-MG.

Com a oficialização do *Cooperative Extension Service* as universidades nos Estados Unidos começaram a receber recursos federais e dos estados para trabalhar com os agricultores visando o desenvolvimento da produção agrícola. Nesse cenário os jovens dos

<sup>83</sup> Um desses exemplos seriam os 5-S Clubs da Índia (Sonship, Selfhood, Service, Stewardship, and Skills) - (Filiação, Individualidade, Serviço, Administração e Habilidades). Naquele país os 4-H transformaram-se nos 5-S pois a língua Hindu não tem palavras que começam com a letra H. Também na Índia o símbolo dos 5-S foi a flor Lotus Bud em vez do Trevo de quatro folhas. Segundo a Revista Rotary international (1950, p. 49-50), a Lotus Bud seria aquela que mais se adaptaria a cultura dos indianos, devido ao fato de ser um símbolo de pureza.

<sup>84</sup> Mesmo que outros símbolos também tenham sido utilizados como referência a movimentos juvenis rurais, fica evidente por essa imagem a utilização do trevo verde de quatro folhas como a principal referência os clubes juvenis inspirados nos 4-H dos Estados Unidos.

trevos de quatro folhas passaram a ser um componente importante para sensibilizar os adultos da necessidade de transformações e adaptações do modo de vida nos meios rurais. Esperava-se que os jovens dos 4-H Clubs fossem uma espécie de mediadores entre o mundo dos adultos e a racionalização das práticas sociais que se buscava alcançar.

#### Segundo Lima, Buhr e Lavor (1949, p. 20) os 4-H Clubs

Disseminados em grande número por todos os recantos do território norte-americano [...] fazem parte do programa federal de desenvolvimento agrícola adotado naquele país, cuja aplicação abrange todos os Estados da União e ainda Porto Rico e os territórios do Alasca e Havaí. [...] São dirigidos e orientados por funcionários federais, estaduais ou municipais, que estão, segundo a função que ocupam, direta ou indiretamente subordinados ao Serviço de Extensão Agrícola do Departamento Federal de Agricultura. Religiosos, professores ou outros profissionais de ambos os sexos, assim como fazendeiros, criadores ou proprietários de conhecida idoneidade podem desempenhar papel de relevo na organização dessas entidades, tornando-se patrocinadores ou *leaders* dos movimentos em prol dos mesmos e contribuindo assim, valiosamente, para o aumento dessas organizações, que trabalham ativamente pelo progresso rural, e somam 80.286, espalhadas por todo o país, contando com 1.759.911 associados, segundo dados publicados em novembro de 1948.

O crescimento do número de participantes de clubes de jovens rurais foi expressivo nos Estados Unidos como foi possível perceber a partir das fontes utilizadas para a elaboração do Quadro 2<sup>85</sup>.

---

<sup>85</sup> Apesar dos dados da tabela indicarem para um crescimento do número de integrantes 4-H, a década de 1960 foi marcada por números considerados inferiores aqueles pretendidos pelos líderes de extensão dos Estados Unidos. Wessel; Wessel (1982, p. 212) cita que o número alcançado para 1970 de 3,0 milhões era muito aquém dos 5,2 milhões esperado. Ao mesmo tempo era um número maior do que os cerca de 2,2 milhões de matriculados em 1960. Esse autor também mostra que durante a década de 1960 os números variaram em torno dos 4-H com diminuição do número de integrantes devido dentre outras razões às questões demográficas, a luta pelos direitos civis no Sul, a imagem rural, a falta de clareza em relação aos programas urbanos de juventude dos 4-H. (“Demographics, the civil rights strife in the South, a rural image and a lack of clear direction for urban programs all contributed to the decline”) (WESSEL; WESSEL, 1982, p. 210).

## Quadro 2

Número de 4-H'ers nos Estados Unidos – Período: 1925 a 2017

Ano	Número de 4-H'ers	Fonte
1925	565 mil	Turner (1927, p. 229) <sup>86</sup>
1926	620 mil	National Committee on boys' and girls' club work (1926, p. 3)
1930	800 mil	Enfield (2001, p. 3)
1945	2,0 milhões	Mendonça (2010 - b, p. 61)
1949	1,850 milhões	Rotary International (1950, p. 18)
1958	2,250 milhões	Wessel; Wessel (1982, p. 82)
1961	2,300 milhões	Reunion Tecnica..., 1961)
1964	2,190 milhões	IFYE/IICA (1964, p. 5)
1968	3,250 milhões	Dalrymple (1968, p. 141) <sup>87</sup>
1969	3,0 milhões	USDA (1969, p. 2)
1970	3,0 milhões	Wessel; Wessel (1982, p. 212)
1980	5,200 milhões	USDA (1980)
1980	5,500 milhões	Schmitt (1980, p. 17)
1988	4,700 milhões	National 4-H Council (1988, p. 8)
1992	5,400 milhões	Soobitsky (1992, p. 1)
2001	6,800 milhões	Russel (2001, p. 1)
2017	6,0 milhões	<a href="http://4-h.org">http://4-h.org</a>

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor.

Mesmo sendo estimativas acerca do trabalho dos 4-H nos Estados Unidos, esses dados não podem ser desconsiderados tendo em vista que esse foi um movimento de juventude que atravessou o século XX e chegou ao ano de 2017 com cerca de 6 milhões de jovens 4-H'ers. Segundo o site oficial<sup>88</sup> dos 4-H existia em 2017 uma rede com cerca de 100 universidades públicas que contavam com cerca de 500 mil voluntários e 3500 profissionais que contribuiriam com o trabalho com os jovens urbanos, suburbanos e de comunidades rurais daquele país para que se tornem líderes em suas regiões.

<sup>86</sup> Turner (1927, p. 231), baseado no Censo de 1920 dos Estados Unidos afirmou que havia naquele país mais de 11 milhões de meninos e meninas rurais aptas a receberem algum tipo de ensinamento sobre agricultura. Isso seria uma função a ser desenvolvida pelas faculdades agrícolas e pelo USDA. Portanto, a parcela da população jovem atendida pelos 4-H Clubs representava um número pouco expressivo, representando 0,005% daquele total. Tal porcentagem, apesar de muito pequena, demonstrava a necessidade dos constantes discursos para se atingir o máximo possível de jovens. No horizonte da ação dos clubes há de se considerar a ideia do difusionismo, do qual cada jovem seria um elemento multiplicador das ideias defendidas pelos 4-H's em suas comunidades. Portanto, se foi asseverado o interesse no crescimento do número de integrantes, havia também o entendimento que atingir a todos incorporando-os aos clubes como sócios, seria praticamente impossível.

<sup>87</sup> Dalrymple (1968, p. 141) afirmou que esse montante estava distribuído em 95 mil clubes nos Estados Unidos e que esse número correspondia a 8,5% da população norte-americana elegível para os clubes.

<sup>88</sup> O trecho foi baseado nas seguintes informações: "4 - H's reach and depth is unmatched. Through our community of 100 public universities, 4 - H reaches kids in every corner of America - from urban neighborhoods to suburban schoolyards to rural farming communities. Our network of 500,000 volunteers and 3,500 4 - H professionals provides caring and supportive mentoring to all 6 million 4 - H'ers, helping them grow into true leaders today and in life". Ver: <http://4-h.org/about/what-is-4-h>. Acesso em 12/08/2017.

Em Gomes (2013 - b) também foi possível constatar uma grande variação de dados sobre o número de integrantes dos Clubes 4-S em Minas Gerais. Essa variação ocorreu tanto na incongruência do número de clubes e o total de sócios quanto sobre a idade média dos participantes dessas iniciativas. Apesar da variação de dados sobre os clubes nos Estados Unidos<sup>89</sup> e em Minas Gerais, eles demonstram que houve um crescimento do número de jovens envolvidos com a filosofia de clubes rurais em Minas Gerais e no Brasil, principalmente entre as décadas de 1950 e 1960, como também no período referenciado pelo Quadro 2 sobre o caso norte-americano.

## **1.2 O Serviço de Extensão Rural no Brasil – O modelo da ACAR e o trabalho com os Clubes 4-S a partir de Minas Gerais**

O marco inicial da institucionalização do Serviço de Extensão Rural no Brasil é dado com a criação da ACAR-MG em 1948. Naquele ano foi assinado um convênio entre o Governo do Estado de Minas Gerais e a AIA, instituição de caráter filantrópica, fundada em julho de 1946, dentre outros por Nelson Aldrich Rockefeller. Nelson era o segundo filho de John D. Rockefeller, ambos integrantes da multimilionária família norte-americana dona da Standard Oil Company, gigante do setor petrolífero. Quando da criação da AIA, Nelson Rockefeller já havia ocupado vários postos nas empresas da sua família, bem como cargos no governo do seu país, na gestão do presidente Franklin Delano Roosevelt. Foi justamente por essa época que se aproximou da vida política. Ainda durante sua trajetória foi governador do estado de Nova Iorque por quatro mandatos e vice-presidente da República no Governo de Gerald Ford (1974-1977)<sup>90</sup>.

Mas o que leva a afirmação de que com a ACAR-MG se tem a institucionalização da Extensão Rural no Brasil, sendo que antes da sua fundação já existiam práticas extensionistas, como as desenvolvidas por escolas agrícolas, como, por exemplo, a Escola Superior de Agricultura e Veterinária – ESAV, em Viçosa? Para o engenheiro agrônomo José

---

<sup>89</sup> Russel (2001, p. 1), especialista em 4-H da Universidade da Califórnia, afirmou que existiam mais de 6,8 milhões de sócios desses clubes entre 5 a 19 anos, mobilizando o trabalho de cerca de 600 mil adultos voluntários no início dos anos 2000 nos Estados Unidos. Nesse cômputo também deve-se somar o raio de ação de cada um dos sócios dos clubes. Sendo o trabalho nos clubes inscrito em uma lógica difusionista, esperava-se que cada jovem fosse um elemento de propagação dos ensinamentos técnicos e valores desenvolvidos para outras pessoas das suas comunidades. Não temos como, entretanto, mensurar tal alcance em termos numéricos exatos. Aliás, é necessário sempre desconfiar desses dados tanto dos clubes nos Estados Unidos, quanto no Brasil. Há de se destacar, porém, que eles são indícios das transformações ocorridas em termos do tamanho de tais iniciativas e sinalizam para uma tendência da abrangência de tal trabalho.

<sup>90</sup> Sobre a AIA, consultar: Dalrymple (1968). Sobre Nelson Rockefeller e suas relações e interesses no Brasil ver: Tota (2000) e (2014 - a) e Colby e Denneth (1998). Sobre ambos ver Silva (2015).



Paulo Ribeiro<sup>91</sup> (2000), a extensão rural em si não dependeria da existência de uma organização formal, seja governamental ou uma empresa privada. Mas, para se falar em Serviço de Extensão Rural haveria essa dependência. Com a ACAR-MG foi possível ter aquilo que se exigiria para a conceituação de Serviço de Extensão Rural, ou seja, “uma instituição formal, geralmente de caráter governamental, com estatutos, estrutura organizacional, quadro de pessoal, políticas e diretrizes, objetivos, sistema de planejamento e outros aspectos claramente definidos. (RIBEIRO, 2000, p. 89)”. Assim, segundo esse autor a criação dessa Instituição pode ser considerada um marco desse processo. Sobre a ACAR-MG afirmou que

Fundada em 06 de dezembro de 1948, no contexto do pós-guerra e do estreitamento das relações Brasil e Estados Unidos, a Associação de Crédito e Assistência Rural – ACAR foi a primeira iniciativa de criação de um Serviço de Extensão Rural voltado especificamente para a Assistência Técnica de caráter educativo ao produtor rural e à sua família (RIBEIRO, 2000, p. 95).

Depois da ACAR-MG outras instituições foram criadas visando o atendimento do pequeno e médio produtor em outras localidades do país seguindo estrutura semelhante daquela criada no estado mineiro. Em 1956 a Extensão Rural no Brasil ganhava uma instituição de caráter nacional, pois foi criada a Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural – ABCAR. O presidente da República naquela época era Juscelino Kubitschek de Oliveira, ex-governador de Minas Gerais e que havia sido grande incentivador do trabalho de extensão rural desenvolvido pela ACAR-MG. O papel da ACAR-MG na criação de uma instituição que abarcasse outras regiões do país, como foi o caso da ABCAR<sup>92</sup>, foi assim destacado pelo Oitavo Relatório da instituição mineira:

A “fórmula ACAR” para elevação do padrão de vida da família rural mineira está sendo seguida em várias partes do Brasil. Criou-se em 1954, a Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural – ANCAR que serve os estados compreendidos pelo Polígono das Secas; em 1956 foi criada a Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural – ASCAR no Rio Grande do Sul. Em junho de 1956 a ACAR, a ANCAR e a ASCAR, juntamente com a AIA, o ETA e a Confederação Rural Brasileira fundaram a Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural – ABCAR. Esta organização, que opera em âmbito nacional, presta auxílio a organização do tipo ACAR

---

<sup>91</sup> O Engenheiro Agrônomo José Paulo Ribeiro formou-se em Viçosa em 1949 e naquele mesmo ano começou a trabalhar na ACAR-MG. Foi um dos mais influentes agrônomos da ACAR-MG e depois na própria EMATER-MG. Ocupou vários cargos nessas instituições (supervisor local, supervisor regional, coordenador de crédito rural, Diretor Executivo dentre outros, incluindo o de presidente da Associação dos Aposentados da Extensão Rural - AMAER). Para outras informações sobre a trajetória desse extensionista ver: Borges; Figueiredo, (1981).

<sup>92</sup> Para mais informações sobre a ABCAR, ver: Dalrymple (1968) e Oliveira (2013).

existentes, coordenando-lhes o trabalho – entretanto, não as administra. Por outro lado, a ABCAR já começou a prestar sua assistência na disseminação do sistema ACAR em outras partes do país. Participou, assim, em fins de 1956, na criação da Associação de Crédito e Assistência Rural do Espírito Santo – ACARES. Espera ainda a ABCAR incluir entre seus membros novas organizações fundadas, em 1956, nos Estados de Paraná e Santa Catarina (ACAR, 1957, p. 4).

Na ACAR-MG e nas outras instituições similares sob a égide da ABCAR, a organização de clubes de jovens rurais foi um dos mais destacados trabalhos de extensão rural no Brasil. O público juvenil foi considerado mais propício às mudanças que se pretendia alcançar nas formas de produção e de comportamento a população do meio rural. A crença básica era que se o jovem entronizasse os ensinamentos dos clubes, ele se tornaria um elemento irradiador para toda a comunidade. O exemplo de cada um dos jovens dos clubes que obtinha sucesso deveria ser copiado por todos os outros jovens e demais produtores e moradores dos meios rurais.

Os Clubes 4-S (Saber, Sentir, Saúde, Servir) tiveram como símbolo um trevo verde de quatro folhas (Figura 5) com uma letra S em cada uma delas a representar o Saber, o Sentir, a Saúde e o Servir. Esse símbolo, conforme já foi ressaltado, representou o movimento de clubes juvenis rurais em várias partes do mundo e foi inspirado no símbolo dos 4-H Clubs dos Estados Unidos<sup>93</sup>. O símbolo utilizado no Brasil difere do norte-americano no tocante às letras de cada uma das folhas e os seus significados. Enquanto nos Estados Unidos era uma letra H representando Head, Heart, Hands e Health, para os clubes brasileiros era uma letra S representando o Saber, Sentir, Saúde e Servir em cada folha do trevo.

---

<sup>93</sup> Ver figura 3.

**Figura 5** – O Trevo de 4 folhas – Símbolo dos 4-S no Brasil



**Fonte:** (HUTCHCROFT, 1966, p. 11).

Chama a atenção o fato que nos Estados Unidos os H's referem-se a palavras que em termos gramaticais são substantivos e que, portanto, carregam consigo todo um significado em torno da simbologia de cada uma delas. Por exemplo, o coração foi utilizado como metáfora para se referir ao amor em várias manifestações culturais de diferentes povos. Na literatura ou em canções que falam de afeto, seja no Brasil ou nos Estados Unidos, o exemplo do coração despedaçado ou que sofre por um amor não correspondido, é recorrente. A ausência desse órgão vital ao ser humano, mas também utilizado como figura de linguagem para referenciar sentimentos humanos também é comum. É o caso do Lenhador de lata, personagem do livro *O Mágico de Oz*<sup>94</sup>, que busca por um coração para que pudesse amar. Em outros casos, o coração é símbolo também de severidade e nesse caso associado à outra figura de expressão: “ele tem um coração de pedra”, expressa a ideia sobre alguém que age com dureza nas suas ações e que não se deixa afetar por sentimentos de tolerância, compreensão e bondade. No caso específico dos 4-H Clubs, o coração estava também associado a ideia de Lealdade, um dos pressupostos desejados para os integrantes dos clubes. Mas o significado do coração nos 4-H também expressaria a pureza e a dedicação ao próximo, sentimentos desejados para cada um dos integrantes dos clubes. O trecho do Credo dos 4-H Clubs referente ao coração traduz bem esse espírito que deveria povoar cada membro dos clubes dos Estados Unidos: “Eu acredito no treinamento do meu coração pela nobreza que ele me dará para tornar-me gentil, simpático e verdadeiro (WARREN, 1951, p. 18, tradução minha)<sup>95</sup>”.

<sup>94</sup> Esse clássico da literatura norte-americana foi escrito por Lyman Frank Baum e publicado em 1900. Em 1939 estreou a versão cinematográfica produzida pelo estúdio Metro-Goldwyn-Mayer.

<sup>95</sup> “I believe in the training of my Heart for the nobleness it will give me to become kind, sympathetic and true”.

Já nos Clubes 4-S os significados dos S, com exceção daquele referente à Saúde, tradução literal de Health dos Estados Unidos, estavam no infinitivo. Claramente dão um caráter mais enfático aos preceitos dos clubes: Saber, Sentir e Servir deveria ser o mote pela qual os quatroessistas deveriam se pautar. Há um caráter impositivo. A escolha de tais expressões não é uma simples tradução ou apropriação sem qualquer tipo de ligação com elementos que dialogavam com a realidade rural, principalmente de Minas Gerais. Nesse estado brasileiro havia uma cultura pouco gregária, sendo as propriedades rurais isoladas umas das outras, não estando organizadas em termos de comunidades. Assim, não havendo uma cultura associativista instituída, era como se o jovem que comporia os Clubes 4-S tivesse que ser arrebanhado. Era uma clara convocação a uma missão a ser cumprida pelos jovens, ou seja, forjar um tipo de cultura associativista. Esperava-se que nesse processo, o jovem rural fosse tocado por “nobres sentimentos” transformando-se no elo para a mudança nas formas de agir, pensar e produzir dos moradores das áreas que, até então na ausência de clubes permaneciam isoladas entre si e esquecidas do progresso advindo ou propalado a partir das cidades.

Nos 4-H Clubs, os significados dos H traduziriam já um ethos, que cada um dos integrantes dos clubes contribuiria com seu fortalecimento. A partir do treinamento e do desenvolvimento dos significados das expressões presentes nos 4-H's, os jovens dos clubes contribuiriam com toda a sociedade norte-americana. Se, nos Estados Unidos esse era um processo em construção e com manifestações acerca do processo de treinamento, de elaboração desses sentimentos traduzindo nas suas referências simbólicas, no caso brasileiro, havia um caráter mais impositivo e que traduzia a necessidade de algo a se fazer por completo, de se construir e nesse caso cada um dos integrantes dos Clubes 4-S teria um papel relevante nessa formação.

Os Clubes 4-S de Minas Gerais reuniam em torno de 20 jovens nos clubes. Cabe ressaltar, porém, que não há um consenso sobre o número de sócios e talvez não seja possível dimensionar o número de participantes a não ser que a análise se restrinja a um determinado período e localidade bastante específicos. Todavia, e mesmo assim é possível deduzir que cada clube tinha em torno desse número de associados, uma vez que um número maior de jovens seria primeiro, difícil de reunir e, segundo seria um complicador para a organização em torno dos agentes extensionistas. Um número maior do que esse poderia levar a perdas no tipo de acompanhamento e nos resultados que se buscava alcançar junto aos meninos e

meninas dos clubes<sup>96</sup>.

O acompanhamento dos técnicos extensionistas junto aos sócios era realizado da seguinte forma: os do sexo masculino, geralmente um engenheiro agrônomo da instituição responsável pelo Serviço de Extensão Rural, como foi o caso da ACAR em Minas Gerais, atendia aos meninos. Para o público masculino dos clubes buscava-se desenvolver os projetos relacionados à introdução de técnicas agrícolas como o uso de sementeiras, plantio de milho híbrido e soja, horticultura, técnicas para a criação e desenvolvimento de aves, cabras, gado leiteiro e suíno. Já as meninas dos clubes eram acompanhadas pelas Supervisoras Domésticas, geralmente jovens senhoras formadas no Curso de Economia Doméstica. Recebiam instruções referentes à administração e melhoramento do lar, alimentação, vestuário, higiene e cuidados com a saúde. Os papéis que caberiam às mulheres e aos homens, como cristalizados àquela época, eram assim reforçados na própria estruturação do trabalho de extensão. A extensão rural e os clubes, portanto, não só agiam no intercruzamento de proposições de mudanças, principalmente no tocante à produção e a determinados comportamentos frente aos saberes científicos, mas na permanência e valorização dos papéis socialmente instituídos para homens e mulheres.

A participação de técnicos do USDA na constituição e desenvolvimento do programa de Extensão Agrícola e Economia Doméstica na UREMG em Viçosa, Minas Gerais, foi destacada por Barber (1965). Segundo esse autor, em fevereiro de 1952 chegaram ao Brasil provenientes da Purdue University<sup>97</sup>, Anita Dickson (Economista Doméstica) e Orlando V. Winks (Especialista em Extensão). Dickson contribuiu com a organização da Escola Superior de Ciências Domésticas da UREMG e do primeiro curso de formação intensiva de economistas domésticas com duração de um ano.

O primeiro curso intensivo de Economia Doméstica começou em primeiro de agosto de 1952 e 33 estudantes completaram o curso um ano depois. A Escola de Economia Doméstica (a primeira escola de nível superior no Brasil) foi organizada no outono de 1952 e 4 garotas graduaram em dezembro de 1956 (BARBER, 1965, p. 173, tradução minha)<sup>98</sup>.

A Revista Turrialba também destacou a ligação com a Purdue University além de acrescentar que a Escola de Viçosa seria a primeira de Economia Doméstica de toda a América Latina.

---

<sup>96</sup> Sobre o número de sócios considerado ideal para os Clubes 4-S, ver: (UREMG, 1961).

<sup>97</sup> Barber (1965, p. 176-178) apresentou nessa obra, uma tabela com o nome de todos os integrantes da equipe da *Purdue University* que foram contratados para trabalhar na UREMG entre 1952 até 1964.

<sup>98</sup> “The first intensive home economics course started on August 1, 1952 and 33 students completed the course one year later. The school of Home Economics (the first superior level school in Brazil) was organized in the fall of 1952 and 4 girls graduated in December 1956”.

A primeira escola de economia doméstica da América Latina se estabelecerá no Brasil – A Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, situada em Viçosa, Brasil, está terminando os planos para organizar uma escola de economia doméstica. Igualmente iniciará investigações práticas na dita especialidade e em saúde rural das comunidades vizinhas. Com tal objetivo, dois especialistas da Universidade de Purdue, dos Estados Unidos da América, estão viajando ao Brasil (TURRIALBA, Vol.2, nº1, jan/mar, 1952, p. 27, tradução minha)<sup>99</sup>.

Até o ano de 1958 a *Purdue University* continuou a fornecer duas economistas domésticas para o trabalho com a UREMG. Desta forma, pode-se afirmar que até pelo menos o ano de 1958, as economistas domésticas formadas em Minas Gerais tiveram contato direto com profissionais provenientes dos Estados Unidos<sup>100</sup>.

Com a criação da ACAR-MG, essa instituição passou a atrair o interesse de moças, muitas das quais tinham o curso de normalista. O salário pago na ACAR-MG era um atrativo para as futuras novas funcionárias. Segundo Rita Hilarina Gomes Nelson, em entrevista fornecida em 1998, quando das comemorações do primeiro cinquentenário do Serviço de Extensão Rural no Brasil, ela prestou concurso para trabalhar como secretária do Escritório Local de Ponte Nova em 1952. Antes disso ela tinha trabalhado em um posto de gasolina onde recebia Cr\$400,00 (quatrocentos Cruzeiros), o mesmo que, segundo ela, era pago às professoras primárias. Na ACAR-MG o salário de secretária de escritório local era de Cr\$1.000,00 (mil Cruzeiros). Rita Hilarina afirmou que se *apaixonou* com o trabalho de Extensão, ainda mais quando a funcionária da AIA, a norte-americana, Aleta McDowell, a convidou para ir trabalhar como Supervisora Doméstica Local. Esse cargo juntamente com o de Supervisor Local, na maior parte dos casos, ocupado por um engenheiro agrônomo, compunha a estrutura básica da equipe extensionista. (DALRYMPLE, 1968, p. 43). Para que isso se concretizasse era necessário que Rita Hilarina fizesse um curso intensivo de Economia Doméstica na UREMG, em Viçosa. Com três meses de curso foi nomeada como supervisora para o escritório da ACAR-MG no município de Ubá, onde passaria a receber Cr\$3.500,00 (três mil e quinhentos Cruzeiros). Segundo Rita Hilarina, sua mãe foi resistente à sua entrada na ACAR-MG, pois o comportamento de uma funcionária que trabalhava em Ponte Nova era

<sup>99</sup> “La primera escuela de economía del hogar en Latinoamérica, se establecerá en Brasil – “La Universidad Rural del Estado de Minas Gerais, situada en Viçosa, Brasil, está ultimando los planes para organizar una escuela de economía del hogar. Igualmente iniciará investigaciones prácticas en dicha especialidad y en sanidad rural en las comunidades vecinas. Con tal fin, dos especialistas de la Universidad de Purdue, Estados Unidos de América, han viajado al Brasil”.

<sup>100</sup> Sob a égide da Aliança para o Progresso existiu um projeto cooperativo entre a UREMG e a Purdue University. Nele a universidade mineira assumia a responsabilidade de adaptar o sistema de educação norte-americano às condições brasileiras. Em nota no jornal O Ruralista (Fev/1965, p. 1) foi possível localizar alguns dos envolvidos no Projeto: Dr. Roy Bronson e Dr. J.K. McDermott, chefe e ex-chefe respectivamente do grupo da Purdue University e o professor Edson Potsch Magalhães, Reitor da UREMG.

considerado muito extravagante pela sociedade local. Como havia manifestado muito interesse em seguir na Instituição foi enviada uma porto-riquenha, Lydia O’Farril, para convencer sua mãe que a empresa era séria<sup>101</sup>. Após a demissão da funcionária que teria comportamentos “inadequados”, Rita Hilarina pode seguir na instituição onde fez carreira. Em 1968 formou-se em Psicologia pela Purdue University e pela mesma universidade tornou-se Mestre em Psicologia Organizacional em 1981. Com esse exemplo afirmo que havia uma relação estreita entre ACAR-MG, UREMG, AIA e a Purdue University, com o intercâmbio de profissionais dessas instituições. Especificamente sobre a relação entre a ACAR, AIA e a UREMG em Viçosa, Dalrymple (1968) asseverou que “apesar da AIA ou da ACAR não ter responsabilidade sobre a escola (UREMG, localizada em Viçosa, Minas Gerais), ambas cooperavam no que era possível, incluindo o fornecimento de professores e equipamentos” (DALRYMPLE, 1968, p. 49, tradução minha)<sup>102</sup>.

A ACAR-MG tornou-se o destino de muitas das estudantes que se formavam na UREMG no curso de Economia Doméstica. O mesmo pode ser dito também para os rapazes que se formavam em Agronomia. Na ACAR-MG, economistas domésticas e engenheiros agrônomos, principalmente, constituíram a equipe da instituição que desenvolviam as atividades de extensão junto às comunidades, dentre os quais a organização de clubes juvenis nos moldes dos Clubes 4-S<sup>103</sup>.

### **1.3 A juventude rural como uma das dimensões do Americanismo?**

Na segunda metade do século XIX os Estados Unidos tinham várias questões internas a resolver. Dentre elas destacavam-se a consolidação do território, com a expansão da ocupação do Oeste norte-americano, as diferenças socioeconômicas entre o Norte e o Sul, e o destino de imigrantes europeus, bem como das populações negra e indígena em seu território. Não obstante a isso, os Estados Unidos também tinham naquela época uma preocupação latente com o futuro do continente americano. Antes disso, em 1823, o presidente dos Estados Unidos, James Monroe, em discurso no Senado daquele país manifestou que frente à ameaça de recolonização dos jovens estados latino-americanos, recentemente separados das metrópoles europeias, o continente deveria ficar livre da ingerência do velho mundo. A frase

---

<sup>101</sup> A atuação de Lydia O’ Farril foi fundamental para que a mãe de Rita Hilarina aceitasse a sua contratação pela ACAR-MG. A funcionária que o comportamento era considerado fora dos padrões aceitáveis pela instituição foi demitida. Ver entrevista: Nelson, 1998.

<sup>102</sup> “Although neither AIA nor ACAR had responsibility for direction of the school both cooperated in every way possible, including furnishing teachers and equipment”.

<sup>103</sup> Para mais detalhes ver: Barber (1965), Dalrymple (1968), Gomes (2000) e Gomes (2013 – b).

“A América para os americanos” resumia assim o que ficou conhecida como a Doutrina Monroe e o que, na prática, representou o anúncio formal de que os Estados Unidos buscariam garantir a hegemonia no continente. A partir daí diferentes formas que marcaram a presença dos Estados Unidos no continente foram observadas, seja, através de missões diplomáticas/culturais, seja através de relações econômicas ou intervenções militares. Concomitante a esse processo, no Brasil também se evidenciou a tentativa de distanciamento das suas referências ibéricas. O Brasil primeiro procurava se afastar das suas ligações com Portugal como também da própria ideia de pertencimento ao conjunto de nações que se constituíam independentes de Portugal e Espanha. Segundo Warde (2000, p. 37) “os projetos de construção da identidade e unidade nacional foram alimentados por referências ao mundo extracontinental; a Europa e depois os Estados Unidos cedo constituíram o espelho onde o Brasil tinha de se mirar, e não os ‘pares’ latino-americanos”. Mas, se durante o Império Brasileiro as principais referências foram França e Inglaterra, como exemplos modelares de nações, com a proclamação da República a referência cada vez maior passou a ser os Estados Unidos. Segundo Azevedo (2008, p. 152)

A partir de então se intensificou um debate que já vinha desde o Império em torno da questão de nossa identidade nacional e a relação com os EUA, que também se desenrolava em outros países da América Latina: para uns, fonte de inspiração, para outros, ameaça a nossas peculiaridades.

Considero que, não obstante, aos exemplos de resistência à influência dos Estados Unidos sobre o Brasil<sup>104</sup>, onde sobretudo eram ressaltadas diferenças culturais consideradas intransponíveis<sup>105</sup>, não há como negar o americanismo como um processo que penetrou em dimensões da vida brasileira. Para Silva (2017, p. 35)

A circulação de práticas culturais no Brasil integrou uma tendência expansionista dos Estados Unidos e de seus modos de operar com o mundo que justificou a presença “americana” em aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais em diferentes lugares. Esse lastro, incessantemente justificado em nome do progresso, vinha acompanhado por um auto investimento de autoridade produzido pelos estadunidenses.

---

<sup>104</sup> Um domínio em que as diferenças entre os dois países foram ressaltadas tratou-se do embate religioso envolvendo os católicos e os diversos ramos de protestantes. Os primeiros temiam perder espaço no arrebanhamento de fiéis, principalmente após o fim do Padroado com a proclamação da República no Brasil em novembro de 1889. A presença de religiosos de origem norte-americana e de cunho protestante foi duramente criticada por intelectuais, políticos e religiosos ligados à Igreja Católica.

<sup>105</sup> Vale citar a obra do monarquista e anti Estados Unidos, Eduardo Prado, *A Ilusão americana*, publicada em 1893. Na mesma ambiência participaram ainda o livro didático produzido por José Francisco da Rocha Pombo, *História da América* (1900) e o de Manoel Bomfim, *América Latina: males de origem*, de 1903, só para citar alguns. Para maiores detalhes sobre a obra de Rocha Pombo, ver Tabora de Oliveira (2012).



Não faltam exemplos desse processo. Vários elementos do americanismo, tais como, a valorização da democracia, a exaltação da liberdade e dos direitos individuais, a crença na ideia de progresso como caminho a ser seguido pelas sociedades, a fé na ciência como mecanismo de esclarecimento das populações e propulsora da melhoria da qualidade de vida, a busca de um sentido prático para solução dos problemas cotidianos e o consumo de bens e serviços como realização material para os indivíduos passaram a fazer parte por diferentes formas, das vivências de diferentes camadas da sociedade brasileira.

Através de missões religiosas da segunda metade do século XIX foram fundadas escolas confessionais protestantes pelas quais se propagou vários aspectos desse ethos norte-americano em diferentes regiões brasileiras.

Algumas dessas instituições foram:

**Quadro 3** - Algumas instituições educacionais criadas no Brasil sob influência norte-americana. Destaque à presença de presbiterianos, metodistas e batistas.

<b>Instituição</b>	<b>Ano de Fundação</b>	<b>Localidade</b>
Colégio Internacional	1869	Campinas – S.P.
Mackenzie College	1870	São Paulo
Colégio Piracicabano	1881	Piracicaba – S.P.
Escola Americana de Curitiba	1892	Curitiba
Escola do Alto	1892	Rio de Janeiro
Colégio Americano Fluminense	1893	Rio de Janeiro
Instituto Gammon	1893	Lavras – M.G.
Associação Cristã de Moços <sup>106</sup>	1893	Rio de Janeiro
Colégio Americano de Petrópolis	1895	Petrópolis – R.J.
Colégio Metodista	1899	Ribeirão Preto – S.P.
Colégio Americano Granbery	1899	Juiz de Fora – M.G.
Colégio Americano de Natal <sup>107</sup>	1904	Natal – R.N.
Colégio Izabela Hendrix	1904	Belo Horizonte

<sup>106</sup> Young Men’s Christian Association – YMCA ou ACM no Brasil. Silva (2017, p. 26) a partir das referências de Warde (2000) afirmou que a “parece ser possível entender a ACM como mais um ‘mecanismo’ pelo qual o ‘americanismo penetrou no Brasil’ e ‘moldou formas de pensar, sentir e viver’”.

<sup>107</sup> Calvani (2009, p. 56) cita Colégio Americano de Natal – R.S. Há um erro de digitação na fonte, pois o correto é Natal – R.N. e não R.S.

Colégio Americano de Pernambuco <sup>108</sup>	1904	Recife – PE
Escola Americana de Florianópolis	1906	Florianópolis – S.C.
Instituto Ponte Nova	1906	Wagner - BA
Colégio Americano Batista	1906	Recife - PE
Colégio Americano de Vitória	1907	Vitória – E.S.
Escola Agrícola de Lavras	1908	Lavras – M.G.
Colégio Batista Mineiro	1918	Belo Horizonte
Associação Cristã Feminina	1920	Rio de Janeiro.
Escola Evangélica Americana	1921	Varginha – M.G.
Colégio Metodista Bennet	1921	Rio de Janeiro
Colégio Dois de Julho	1928	Salvador - BA

**Fontes:** Venâncio Filho (RBEP, nov/dez1946); Abreu, (2003); Calvani, (2009); Silva, (2017). Quadro elaborado pelo autor.

Mendonça (2010 – b) chama atenção para o fato que nesse processo de criação de escolas elementares e secundárias, não só no Brasil, mas em outros países latinos foi marcante a ação missionária protestante norte-americana. Os metodistas e presbiterianos teriam sido aqueles que mais tiveram sucesso segundo essa autora. Assim Mendonça (2010 – b, p. 82) cita que merecem destaque “duas instituições – respectivamente no Brasil e no Chile – por sua longevidade no tempo: o Colégio de Meninas, em Santiago (1880) e o Colégio Mackenzie, em São Paulo (1890)<sup>109</sup>”.

Como parte também desse processo deve-se ressaltar a presença de agências filantrópicas que atuaram nas áreas de educação e principalmente na de saúde, como, por exemplo, a Fundação Rockefeller<sup>110</sup>. Segundo Silva (2017, p. 56)

com a chegada de instituições estrangeiras, aportavam no Brasil modos de viver – expressos em bens e produtos, em múltiplas linguagens, em comportamentos – sintonizados com padrões estadunidenses de operar no mundo. Códigos dos Estados Unidos expressos na educação, na ciência, na

<sup>108</sup> Desde 1997 passou a ser denominado de Colégio Presbiteriano Agnes Erskine. Ver: <http://www.agnes.com.br/colégio.html>. Acesso em 17/07/2018.

<sup>109</sup> Há uma diferença de datas sobre a criação do Colégio Mackenzie de São Paulo nos textos de Venâncio Filho (1870) e Sônia Regina de Mendonça (1890). Em 1870 foi fundada a Escola Americana de São Paulo, a partir da iniciativa da educadora presbiteriana Mary Annesley Chamberlain. Somente na década de 1890 que essa instituição adotou o nome Mackenzie College ou Colégio Mackenzie. Venâncio Filho considerou o início do Mackenzie College em 1870, quando na verdade ali ocorreu a criação da Escola Americana. Sobre a Escola Americana de São Paulo ver também a obra de Abreu, 2003.

<sup>110</sup> Sobre a atuação da Fundação Rockefeller em ações voltadas ao desenvolvimento da saúde e educação em algumas localidades brasileiras ver: Marinho (2001) para o caso de São Paulo; Marques (2004) para a atuação em Minas Gerais; e Silva (2014) para a atuação na Paraíba.

saúde, nos negócios, compunham um cenário amplo, no qual outros elementos daquela cultura estrangeira faziam-se presentes.

Venâncio Filho (nov/dez/1946) afirmou que a influência norte-americana esteve presente, além das instituições educacionais protestantes também na Escola Doméstica de Natal, nas Escolas Profissionais Femininas de Niterói, na Escola Superior de Agricultura e Veterinária – ESAV em Viçosa - Minas Gerais, na Casa de Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro. Além do papel das instituições escolares e de pesquisa, esse autor também citou as fundações, dentre elas a Rockefeller “que entre os objetivos do seu programa, inscreveu o de sanear a terra, seja eliminando as moléstias infecciosas, seja concorrendo para a fundação de Faculdades Médicas desde que sujeitas a cláusulas de eficiência técnica” (VENÂNCIO FILHO, nov/dez/1946, p. 260). Segundo ele, como já havia acontecido durante a Primeira Guerra, a Educação nos Estados Unidos teve com a Segunda Guerra um momento crucial. Considerou assim, que tal país, foi chamado a uma “nobre causa” e que, seu povo de “índole pacífica” e “amilitarista”, “partiu para a guerra e deu a vida de seus filhos mais esperançosos, que a perderam em todos os mares e em todos os continentes” (VENÂNCIO FILHO, nov/dez/1946, p. 233). A Guerra teria interrompido vidas, mas também teria contribuído com a propagação dos valores norte-americanos para várias partes do mundo. Venâncio Filho realça desta maneira o modelo educacional norte-americano como exemplar e que, portanto, traria benefícios ao Brasil, não obstante a sua base protestante. Aliás, o fato de ser uma educação de base cristã, facilitaria o convívio com os elementos da cultura brasileira, eminentemente católica.

Assim, apreendo que tanto as instituições educacionais e de saúde, dos quais incluo o próprio movimento dos clubes juvenis rurais 4-H/4-S fizeram parte de um mesmo e longo processo de circulação de ideias e práticas que tiveram como fito o exemplo norte-americano. Tais acontecimentos seriam na verdade a própria ideia do americanismo pela qual a perspectiva era a hegemonia dos Estados Unidos enquanto nação modelar a ser o espelho para outros povos do mundo ocidental. Como estratégia para isso, os Estados Unidos fizeram uso de múltiplas formas de convencimentos. Mais do que um domínio do ponto de vista militar, por exemplo, estava posto a busca de consensos e acomodações entre as culturas. Assim, o americanismo esteve presente na constituição de novas sensibilidades em várias dimensões da vida de parcelas da sociedade brasileira. Fossem nas prescrições em relação a aspectos da vida cotidiana como, por exemplo, uma nova postura frente ao trabalho diário ou na constituição de códigos morais e de cuidados com o corpo, a perspectiva a ser mirada era a

dos norte-americanos. No pós Segunda Guerra Mundial o americanismo se transfigura em novas formas de convencimento e espraiamento dos seus valores para as áreas então denominadas de “mundo subdesenvolvido” ou “Terceiro Mundo”. Para essas regiões caberia a extensão de mecanismos de modernização econômica, social e cultural. O desenvolvimento torna-se, dessa forma, o objetivo a ser alcançado e uma espécie de palavra mágica a ser repetida pelos povos dessas localidades assim caracterizadas. Seus conflitos, contradições e valores tradicionais deveriam ser suplantados pela racionalidade prometida pelos programas de desenvolvimento. Para Brandão (1984), porém, a finalidade desses programas seria o controle e a organização dessas populações.

Como formas operativas de poder de controle e organização em si mesmos, programas de “desenvolvimento e educação”, pretendem, em muitos casos, intervir sobre a totalidade da ordem e da vida do que chamam “comunidades populares”, e ocupar ali todos os espaços tradicionais e variantes de articulação de pessoas, grupos e equipes locais. [...]. E o que significa exatamente “organizar”? Significa sobrepor, através do poder institucional de uma agência de mediação, a domínios tradicionais da vida social popular (a família, a parentela, a vizinhança, as equipes de trabalho produtivo ou ritual), formas externas “modernizadoras” das articulações que regem, justamente, a teia das incontáveis formas de relações entre pessoas, grupos e símbolos da vida social. O programa de desenvolvimento introduz extensões de si mesmo, de sua própria racionalidade e cria: a “comissão de moradores”, o “clube de jovens” – ou o “4S” dos projetos de extensão agrícola – o “grupo de mães”. Quando realizado em ampla escala um programa de educação e desenvolvimento não esconde a ambição de reordenar todos os domínios da comunidade (BRANDÃO, 1984, p. 36-37).

Percebo, assim, organização da juventude rural como um dos braços do americanismo no Brasil, mas sem desconsiderar essas dimensões apresentadas por Brandão (1984), pois não foram só elas. Foi na reunião de um projeto internacional de domínio através da cultura, com condições internas que pensavam a transformação da vida rural, associadas com circunstâncias políticas/econômicas favoráveis a uma aproximação com os Estados Unidos que o modelo de extensão rural do qual os clubes juvenis faziam parte foi adotado no Brasil.

Foi a partir dessas percepções que no próximo capítulo discuto as relações imbricadas entre os 4-H Clubs e os Clubes 4-S em uma trama que estabelece os vínculos entre projetos conduzidos por diferentes instituições em perspectiva internacional e que tiveram nos jovens rurais os atores principais desse processo.

## CAPÍTULO 2 - Os 4-H Clubs e os Clubes 4-S em perspectiva internacional

*“Make the better best”<sup>111</sup>*

*“Progredir sempre”<sup>112</sup>*

Mais do que expressar as motivações de cada um dos dois tipos de clubes de jovens rurais estudados nessa tese, os lemas que abrem esse capítulo traduzem um sentimento, uma espécie de profissão de fé que deveria mover os integrantes de cada uma das experiências citadas. A dedicação ao trabalho e a busca do melhor de cada um dos indivíduos eram consideradas condições para a melhoria de vida dos sócios dos clubes. Acreditava-se que tal fato redundaria em melhorias para toda a comunidade e conseqüentemente de todo o meio rural. Tais preceitos estavam em consonância aos valores e crenças de algumas religiões de cunho protestante onde o esforço pessoal, a conduta individual baseada em valores morais e a dedicação ao trabalho seriam pré-condições para o sucesso. Alcançá-lo, seria a principal demonstração ou prova que o indivíduo era merecedor da graça divina para aqueles que professavam a fé protestante de viés calvinista, por exemplo<sup>113</sup>. Acreditava-se que os sócios dos clubes ao obter sucesso nos projetos desenvolvidos, conseguiriam mobilizar os demais membros do núcleo familiar, principalmente os adultos que, desta forma, seriam instigados a modificar suas rotinas de produção e de comportamento. Isso teria efeitos nas comunidades e representaria elementos fundamentais no processo de modernização dos meios rurais nos dois diferentes contextos, mesmo o brasileiro, país com forte tradição católica. Pelo menos em termos das prescrições, dos objetivos, do ideal a ser alcançado esses eram o mote que estava delineado nos manuais, folhetos e todas as publicações dirigidas à formação dos técnicos extensionistas, bem como dos líderes e sócios dos clubes.

O final da década de 1940 e ao longo das décadas de 1950 e 1960 foi marcado pela existência de vários programas e eventos que englobavam as experiências dos países latino-americanos de formação da juventude rural. É sob essa lógica que nesse capítulo busco trazer à tona a discussão em torno das agências e programas voltados a formação da juventude rural no período em perspectiva internacional. Tem destaque na análise a atuação da AIA, do

---

<sup>111</sup> “Fazer o bom ainda melhor”. (Tradução minha). Divisa dos *4-H Clubs* nos Estados Unidos.

<sup>112</sup> Divisa dos Clubes 4-S no Brasil.

<sup>113</sup> Para Max Weber (2004) esses valores fariam parte da vida norte-americana, onde a religião se confunde com a própria cultura. Nos 4-H Clubs os jovens também deveriam expressar tais valores, pois nos clubes também eram prescritos aos seus sócios o cometimento, a disciplina, o respeito às leis, a lealdade, honestidade, amor ao trabalho dentre outros valores como forma de se obter os melhores resultados nos projetos que desenvolviam. Mesmo que o indivíduo não fosse de nenhum ramo de religiões protestantes com esse viés e professasse outro credo, esperava-se que se comportasse baseado nesses princípios. Assim um ethos liberal em termos econômicos, um “espírito do capitalismo” nos termos de Weber (2004) internalizava-se na vida norte-americana.

IICA, e dos Programas como a Aliança para o Progresso, o Programa Interamericano para la Juventud Rural - PIJR, os Peace Corps, o International Farm Youth Exchange – IFYE, com o objetivo de compreender as relações existentes entre as experiências de juventudes rurais nesse período com ênfase nos elementos brasileiros e norte-americanos. Tendo como o modelo a ser seguido aquele pensado inicialmente para as questões internas dos Estados Unidos, em algum momento os promotores do trabalho com os jovens rurais dos Clubes 4-S procuraram trilhar um caminho próprio? Em que medida se deu a trama de interesses envolvendo tais agências?

## **2.1 Considerações sobre a política externa dos Estados Unidos para a América Latina no contexto da Segunda Guerra Mundial**

Como pode ser percebido o Serviço de Extensão Cooperativa surgiu nos Estados Unidos em uma estreita relação entre o *United States Department of Agriculture* - USDA, as faculdades agrícolas e os agentes locais de extensão. O objetivo maior era buscar soluções para os problemas internos e assim, levar a melhoria da qualidade de vida dos *farmers* e ao incremento da produção de alimentos naquele país. Mas se o Serviço de Extensão Cooperativa nos Estados Unidos nasceu voltado para suas questões internas, não se pode desconsiderar o fato de que principalmente a partir da década de 1920 o exemplo dos 4-H tornou-se inspirador para outros programas de transformação das práticas agrícolas voltados à parcela da população jovem dos meios rurais em outras partes do mundo. Há de se destacar que o suposto caráter isolacionista dos Estados Unidos teve muito mais uma força retórica do que prática. Em relação à América Latina, por exemplo, desde meados do século XIX já havia sido delineada as relações dos Estados Unidos com o subcontinente. Segundo Ianni (1979),

A América Latina tem sido uma das fronteiras da expansão política e econômica dos Estados Unidos, desde o século passado [século XIX]. Essa expansão realizou-se em estágios, por vias diplomáticas, militares, comerciais, financeiras e culturais. Também igrejas e seitas protestantes desempenharam e estão desempenhando papéis ativos na penetração norte-americana na América Latina. Pode-se mesmo falar em ciclos de expansão do imperialismo ianque nos países latino-americanos. Do ponto de vista destes países, o domínio norte-americano cresce desde meados do século XIX (IANNI, 1979, p. 100).

Diante do contexto da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) a América Latina teve papel estratégico para os interesses norte-americanos. Sobre esses aspectos escreveram Bethell e Roxborough (1996, p. 24)

O principal fator por trás das mudanças políticas na América Latina durante os anos de 1944, 1945 e 1946 foi a vitória dos Aliados (portanto da democracia sobre o fascismo) na Segunda Guerra Mundial. A despeito do poderio do Eixo, especialmente da Alemanha, dos interesses na América Latina e, de fato, das amplas simpatias pró-Eixo (e pró-fascismo) verificadas em toda a região no final da década de 1930 e começo da de 1940, logo depois de Pearl Harbor todos os Estados latino-americanos, com exceção do Chile (temporariamente) e da Argentina (até março de 1945), alinharam-se com os Estados Unidos e romperam relações com as potências do Eixo; ao fim muitos deles, embora não até 1945, declararam guerra. Pelo menos formalmente e, em certos casos, com variados graus de cinismo e *realpolitik*, escolheram o lado da liberdade e da democracia. A própria guerra estreitara os laços já existentes – militares, econômicos, políticos e ideológicos – entre a América Latina (exceto, é claro, a Argentina) e os Estados Unidos.

Ao mesmo tempo, boa parte da população do subcontinente tinha nos Estados Unidos um modelo para se mirar:

as reivindicações populares pela democracia, durante e após a guerra, enraizavam-se numa forte tradição liberal da política e da cultura latino-americana. Mas foram também produto da extraordinária propaganda de guerra, dirigida à América Latina, em favor das instituições políticas dos Estados Unidos, do modelo econômico norte-americano, do modo e do padrão de vida norte-americano (BETHEL e ROXBOROUGH, 1996, p. 24-25).

Segundo Guimarães (2010, p.25) “a estratégia americana para as Américas se desenvolveu em várias fases, mas com o objetivo permanente, claramente definido e perseguido, de estabelecer e consolidar sua hegemonia no continente”. Nesse cenário o Brasil e a Argentina tiveram papéis centrais no tabuleiro estratégico de ações norte-americanas para a região.

Qualquer estrategista do Departamento de Estado, de Defesa ou do Tesouro dos Estados Unidos reconhece que a construção de vínculos estreitos de cooperação política e econômica entre Brasil e Argentina, com o objetivo de fortalecimento tecnológico, político, militar e econômico e de redução de sua dependência externa, criaria, com o tempo, um centro de poder na América do Sul que afetaria profundamente a influência política, militar e ideológica norte-americana na região e, em consequência, sua capacidade de ação em nível mundial (GUIMARÃES, 2010, p. 26-27).

Assim para os Estados Unidos eram necessárias múltiplas ações, em diferentes frentes, incluindo aquelas de cunho cultural, dos quais o cinema, revistas e jornais foram fundamentais no estreitamento de relações com essa região.

É preciso citar que a política externa norte-americana com a América Latina teve

diferentes denominações à medida que as relações com essa parte do mundo foi se modificando<sup>114</sup>. A meu ver, todas elas quando vistas em uma longa duração representaram, cada uma a sua maneira, propostas e ações norte-americanas destinadas a conquistar, garantir e desenvolver a hegemonia sobre o subcontinente. O americanismo se fazia presente em múltiplas dimensões da vida dos povos latino-americanos e com diferentes estratégias para se mesclar com as culturas locais em um processo de sobreposição de camadas de acomodação e convencimento<sup>115</sup>.

Na década de 1920, no pós Primeira Guerra Mundial, por exemplo, os Estados Unidos se apresentam como um modelo econômico e cultural a ser seguido, devido em primeiro lugar ao desenvolvimento econômico que haviam alcançado e, segundo, frente à diminuição da importância cultural da Europa devido às consequências da guerra. Naquele contexto fortaleceu-se a crença na suposta superioridade do *american way of life* perante as formas e modos de organizações culturais de outros povos. Os valores que representariam o ethos norte-americano tais como democracia, liberdade, republicanismo, vida comunitária, disciplina no trabalho passaram, cada vez mais, a serem divulgados como princípios universais. Essa difusão, mesmo com algum tipo de refluxo continuou, não obstante à denominada Crise de 1929 que abalou profundamente a economia norte-americana. Prosseguiu também e com nova roupagem, com o plano de recuperação econômico conhecido como New Deal proposto pelo presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt (1933-1945).

Durante a ascensão de regimes totalitários na Europa, principalmente na década de 1930 e o risco da sua difusão pelo mundo, as ideias que representariam o que eram os Estados Unidos ganharam força como contraponto aos princípios do nazi-fascismo e ao regime soviético sob o comando de Josef Stalin.

Com a guerra se desenrolando nos continentes europeu, africano e asiático, a América Latina se revestiu ainda mais de importância estratégica na política externa norte-americana. Assim a chamada política do *Big Stick*, que era marcada por forte cunho militar interventor, foi substituída pela *Good Neighbor Policy*, ou Política da Boa Vizinhança. Segundo Tota (2014 - a, p. 160)

---

<sup>114</sup> Seriam exemplos dessas denominações: A Doutrina Monroe (1823-1825); o Destino Manifesto (1845-1860); a Política do Big Stick (1898-1932); a Política da Boa Vizinhança (1933-1946); a Doutrina Truman (1947-1960); a Aliança para o Progresso (1961-1967). (IANNI, 1979, p. 103).

<sup>115</sup> Nesse ponto estou convencido a partir de Gramsci (1991), que o Rotary Club, o Y.M.C.A (ACM no Brasil), os 4-H Clubs e os 4-S no Brasil foram exemplos de um mesmo fundo comum do qual buscava-se produzir e garantir a hegemonia norte-americana, sem o uso da violência física e sim através do consentimento, da sedução, da conquista de “corações e mentes” dos povos latino-americanos.



Quando os perigos da guerra europeia começaram a chegar na América, o governo acelerou o processo de aproximação amigável com a América Latina. É dessa época, mais precisamente de 1940, a criação de uma agência especialmente destinada a tratar com a América Latina. Era o Office of the Coordinator of Inter American Affairs (OCIAA), dirigido pelo magnata Nelson Aldrich Rockefeller, da famosa família da Standard Oil Company.

Essa agência foi fundamental para o objetivo de difusão dos valores norte-americanos como sendo superiores aos demais povos e aos modelos postos em disputa naquele cenário marcado por forte conotação belicista. Para isso foram adotadas medidas que procuravam atingir as sensibilidades em disputa.

Foi nessa época a ida de Carmen Miranda para Hollywood. E foi nessa época que Walt Disney criou em seus desenhos animados alguns personagens em homenagem à América Latina. O mais famoso, pelo menos para nós brasileiros, foi o “nascimento” de Zé Carioca. [...]. Assim, os americanos estavam cumprindo os desígnios de transferir a seus vizinhos os valores americanos. Os valores do americanismo composto pela ideia de democracia, de progresso, de uma sociedade mais justa. Em outras palavras, os americanos queriam persuadir, de qualquer maneira, a América Latina a cerrar fileiras com a “grande democracia” na luta contra a Alemanha (TOTA, 2014 – a, p. 160).

Mudanças comportamentais e hábitos, novos costumes em vários aspectos da vida dos brasileiros foram cada vez mais notados tendo como primazia o ideário norte-americano<sup>116</sup>.

O cinema introduziu a mentalidade da guerra, a ideia do heroísmo individual, sempre encarnado pelo americano, soldado, detetive ou cowboy. Apareceram os comics, as histórias em quadrinhos, o Super-Homem e o Capitão América, símbolos do bem, do way of life, consagrado, com a sua aparente pureza lúdica, fantástica, a ideologia da violência e da brutalidade, a mitologia do Imperialismo. Os soldadinhos de plástico, assim como índios e cowboys, substituíram os soldadinhos de chumbo, nos brinquedos infantis, as crianças, ao fim da guerra, viviam como nos filmes, nos comics, mascavam chicletes e bebiam Coca-Cola. As filhas da burguesia e das classes médias conquistavam maior liberdade, fumavam e trocavam saias pelos shorts e pelas calças. Homens e mulheres ouviam jazz, dançavam swing e blues. O rádio impôs a música americana. Hollywood, os ideais de beleza (MONIZ BANDEIRA, 1973, p. 309-310).

---

<sup>116</sup> Se com a Segunda Guerra Mundial as intervenções norte-americanas, por exemplo, no campo da cultura e da economia foram explicitadas, não se pode desconsiderar que desde meados do século XIX “começaram a circular no Brasil, particularmente nos e a partir dos centros urbanos do Sudeste (São Paulo, em especial), teses segundo as quais as chances do Brasil trilhar o caminho do progresso estavam em se espelhar não mais no Velho Mundo, mas no Novo Mundo, ou seja, nos Estados Unidos” (WARDE, 2000, p. 37). Sobre ideia semelhante ver também: (AZEVEDO, 2008).

O próprio idioma também teve suas alterações provocadas pela presença cada vez maior de elementos da cultura norte-americana no Brasil. Palavras tais como

“*bye, bye-bye, good-bye, big, boy, black-out, night club, money* e outras expressões entraram na linguagem do cotidiano. Muitas ficaram. Outras, os businessmen ainda trouxeram: *marketing, merchandising, standard, fashion* etc. Os brasileiros passaram a ler Eugene O’Neil, Sinclair Lewis, Carl Sandburg, Ernest Hemingway, John dos Passos, John Steinbeck, William Faulkner, Arthur Miller e Henry Miller. O cinema, ainda nesse particular, contribuiu para difundir a literatura americana. As empresas de publicidade, que se instalaram no Brasil (J. W. Thompson, em 1930, McCann-Erickson, em 1935, Grant, 1941 etc.) começaram a influir na opinião dos jornais e a criar, com seus anúncios, novas necessidades de consumo (MONIZ BANDEIRA, 1973, p. 310).

Um clássico exemplo desse processo de entrada no Brasil de um mecanismo de divulgação do americanismo no contexto do conflito bélico mundial foi o início da circulação da versão da Revista *Reader’s Digest*, com o título *Seleções do Reader’s Digest*. Durante o desenrolar da Segunda Guerra, em fevereiro de 1942, ou seja, três meses após a entrada dos Estados Unidos no conflito mundial provocado pelo ataque japonês a Pearl Harbor, a versão para a língua portuguesa da revista *Reader’s Digest* passou a circular no Brasil<sup>117</sup>. Segundo Junqueira (2000), a versão brasileira do *Digest* chegou a ter picos de 600 mil exemplares ao longo dos anos de 1950 e 1960. Mas se por um lado a revista teve um papel de destaque na difusão da imagem dos Estados Unidos, primeiro como o guardião contra o nazi-fascismo e depois da guerra contra o chamado “perigo vermelho”, atribuído ao crescimento dos partidos comunistas sob suposta influência da União Soviética, por outro ela também foi responsável por difundir vários estereótipos sobre a América Latina. *Seleções* no Brasil ou sua versão para os países de língua espanhola, *Selecciones*, divulgava uma América a ser domada pelos princípios da razão e da ciência. Enquanto nas páginas da Revista o mundo do Norte era pintado como civilizado, pois espiritual, cultural e moralmente superior, a América Latina (tudo que estava abaixo do Rio Grande, a fronteira natural entre os Estados e o México) era caracterizada como formada por uma natureza exuberante e selvagem e por um povo ignorante, primitivo, instintivo e emocional. Ora, a quem caberia a missão de levar aos povos supostamente rudes e atrasados os louros do progresso? Nas páginas das revistas era sempre o homem americano, branco, saxão, protestante, a melhor encarnação da ideia do *self made man*. Junqueira (2000, p. 43) afirma que “quando *Seleções* entrou no Brasil em 1942, havia um terreno fértil para recebê-la [...] na qual os modelos culturais norte-americanos haviam

<sup>117</sup> Tota (2000, p. 59) afirma que nesse mesmo ano do lançamento da Revista *Seleções* no Brasil, também chegaram no país a Coca-Cola e o sorvete Kibon, marcas de produtos norte-americanos que passaram a fazer parte do cotidiano de muitos brasileiros.

penetrado no ambiente brasileiro, foram decodificados, e estavam relacionados à modernidade”. Outro exemplo acerca da divulgação de valores norte-americanos no Brasil na década de 1950 pode ser observado a partir do programa de rádio chamado *Al Neto*, comandado pelo radialista Alfonso Alberto Ribeiro Neto. Segundo Tota (2014 - a)

Pretendia-se que fosse um programa cultural, isto é, de informações científicas, educacionais e políticas. Todos os dias, muitas emissoras entravam em cadeia e ouvia-se a emblemática “Oh! Suzana”, canção bastante conhecida via Hollywood. Em seguida à música de abertura, um speaker anunciava: “esse é o comentário de *Al Neto*: ‘nos bastidores do mundo’”. [...]. Os assuntos das crônicas diárias de *Al Neto* eram os mais variados: liberalismo versus socialismo; antibiótico e as plantas medicinais brasileiras; formação de técnicos; reforma agrária; classes produtivas – socialismo – capitalismo de Estado; democracia no Nepal; Guerra da Coreia. Apesar do amplo leque temático, a base era uma só: as grandezas e vantagens do mundo livre em contraposição ao mundo comunista (TOTA, 2014 – a, p. 203-204).

A Revista *Seleções* e o programa radiofônico *Al Neto* tiveram aceitação perante o público brasileiro, mas isso não pode ser creditado a uma ação estrangeira, fruto da ação de grupos imperialistas, como o próprio léxico daqueles anos se referia. Esses veículos de comunicação tiveram repercussão no Brasil também porque faziam coro com as discussões presentes na imprensa e nos âmbitos da política e disputas intelectuais daquele contexto brasileiro. Na verdade, esse debate era mais longo, podendo ser perceptível nas diferenças entre os caminhos propostos a serem trilhados defendidos por “iberistas” e “americanistas” desde fins do século XIX. (VIANNA, 1997). Compreendo dessa mesma forma, que a ideia de juventude rural, baseada nos 4-H encontrava receptividade em várias localidades brasileiras, como, por exemplo, Minas Gerais, pois muitos dos aspectos propostos para os jovens rurais tinham ressonância nos projetos educacionais em jogo naquele contexto para o país e o próprio estado. Afirmo assim que havia um terreno fecundo e com muitas sementes já espalhadas por diferentes formas que apresentavam o mundo norte-americano como o modelo de desenvolvimento a ser seguido. Caso os jovens, e nesse sentido o próprio Brasil, assim procedessem, ficaria posta a promessa de que o caminho a ser percorrido conduziria a uma sociedade civilizada, harmônica e próspera. Desejo esse que era compartilhado e almejado por parcelas significativas dos meios rurais e urbanos.

Naquele cenário de disputas, pode-se até dizer que as ações do governo norte-americano estiveram mais direcionadas para a Europa com o Plano Marshall<sup>118</sup> e para a Ásia,

---

<sup>118</sup> O Plano Marshall visava o aporte de capitais norte-americanos para a recuperação econômica da Europa. Ver: Hobsbawm, (1998); Tota, (2014 – a).

principalmente para o Japão. Entretanto, as ações capitaneadas pela iniciativa privada dos Estados Unidos também se intensificaram na América Latina naquele período. Foram criadas agências ou intensificadas a presença delas no subcontinente naqueles anos. Hannah (1960) afirmou que, não obstante ao suposto caráter isolacionista norte-americano, pois mais voltados para soluções de questões internas até a Segunda Guerra Mundial

fundações particulares tiveram oportunidade de prestar serviços de assistência no exterior, a exemplo da Fundação Rockefeller, e muitas firmas comerciais de vulto puseram-se em campo, a fim de estender as atividades de assistência social e serviços de saúde incluindo-as em seus programas de desenvolvimento no exterior (HANNAH, 1960, p. 33).

Nesse contexto, marcado por forte conotação de cooperação internacional<sup>119</sup> os Estados Unidos teriam assumido um papel decisivo no rumo do desenvolvimento de outras nações uma vez que esse país, segundo Hannah (1960) era chamado a pôr em prática a missão que supostamente lhe cabia, ou melhor, se auto atribuíam, pois,

[...] doravante seríamos convocados a prestar contas perante a história sobre o que fizemos no sentido de auxiliar outros povos a alcançar melhores condições de vida. Sentimos que era nosso dever transmitir conhecimentos que acumulamos à custa de trabalho árduo, da capacidade técnica, inventiva e produtiva (HANNAH, 1960, p. 34).

Na forma da cooperação técnica apresentada por Hannah (1960) teria papel fundamental tanto o próprio governo quanto empresas privadas que promoveriam a extensão dos saberes desenvolvidos e acumulados pelos norte-americanos para o mundo. O discurso era de troca pela qual os Estados Unidos poderiam aprender também com outras culturas conforme o trecho a seguir:

Se nossas instituições apresentam experiências para compartilhar, têm também muito a ganhar com a colaboração de grupos progressistas dos países em processo de desenvolvimento. A prestação de serviços em outros países pode ser proveitosa. Ela enseja a nossos profissionais conhecimentos sobre sua cultura e uma amplitude de experiência que é capaz de proporcionar vantagens apreciáveis às nossas universidades. [...] cumpre assinalar e sistematizar o que aprendemos até agora, de modo que nossa cooperação convosco e com outros povos, em todo o mundo possa ser útil para benefício mútuo (HANNAH, 1960, p.36).

*A American International Association for Economic and Social Development –*

---

<sup>119</sup> Para maior aprofundamento da ideia de cooperação internacional e a participação dos Estados Unidos nesse processo ver: Daros (2012); Davenport (1964); Hearne, Harvey, Nichols (1964); Moseman, Hill (1964); FitzGerald (1964).

AIA esteve diretamente associada a esse processo. Ela foi criada em 1946 como uma agência filantrópica que deveria atuar no desenvolvimento da agricultura e em projetos de alfabetização e de melhoria dos níveis de vida das populações americanas. Foi de fundamental importância para o estabelecimento do Serviço de Extensão Rural no Brasil a partir de 1948 quando foi instituída a ACAR-MG.

Já as fundações voltadas ao desenvolvimento da pesquisa e com ações em diversas áreas como saúde, educação e ciências em geral e de cooperação técnica como a Ford e a Rockefeller<sup>120</sup>, intensificaram a presença no subcontinente. Se a AIA foi importante na constituição da ACAR-MG e da ABCAR<sup>121</sup>, as Fundações Rockefeller e Ford também tiveram algum tipo de relação com o trabalho da Extensão Rural e com os clubes juvenis na América Latina, seja na constituição de condições para o desenvolvimento do trabalho no meio rural, seja com a concessão de bolsas de pesquisa e prêmios aos participantes dos clubes.

As fundações Rockefeller e Ford, mais a AIA e cerca de outras 200 agências privadas que atuaram na América Latina tinham pontos em comum, mas cada uma carregava suas especificidades. Na verdade, já no início do século XX

fundações particulares tiveram a oportunidade de prestar serviços de assistência no exterior, a exemplo da Fundação Rockefeller e muitas firmas convencionais de vulto puseram-se em campo, a fim de estender as atividades de assistência social e serviços de saúde incluindo-as em seus programas de desenvolvimento no exterior (HANNAH, 1960, p. 33).

Segundo Moseman e Hill (1964, p. 524, tradução minha) “as funções algumas vezes se sobrepõem. Algumas vezes elas dependiam uma das outras para o sucesso mútuo<sup>122</sup>”. Das três entidades<sup>123</sup> citadas, a Fundação Rockefeller era a mais antiga. Segundo Marinho (2001, p. 14) “a Fundação Rockefeller foi organizada em 1913, a partir do reagrupamento das juntas filantrópicas patrocinadas pela família Rockefeller desde o século XIX. Até o início da Primeira Guerra Mundial, teve sua atuação voltada para ações em saúde pública, educação geral, economia e relações industriais”. Junqueira (2000, p.41) afirmou que “desde o início do século (XX) já era possível notar a presença da filantropia norte-americana no Brasil”.

<sup>120</sup> Sobre os papéis desempenhados por essas fundações ver, por exemplo: Moseman; Hill (1964) e Dalrymple (1968).

<sup>121</sup> Sobre a relação da AIA com a criação da ACAR-MG e ABCAR ver: Oliveira (2013); Silva (2015).

<sup>122</sup> “The functions sometimes overlap. Sometimes they depend on each other for mutual success”.

<sup>123</sup> Para maior aprofundamento sobre essas instituições, ver além de Moseman; Hill (1964) e Dalrymple (1968): 1) Sobre a Fundação Ford: Rosenfield and Wimpee (2015). 2) Sobre a Fundação Rockefeller: Marinho, (2001); Kobayashi, Faria, Conceição da Costa (2009); Silva (2014); Korndörfer, (2016); Campos, Carrijo, (2017). 3) Sobre a AIA: Silva (2015); Colby e Dennett (1998). 4) Sobre as Fundações Rockefeller e Ford: Faria, Conceição da Costa (2006).

Segundo Moseman e Hill (1964) a Fundação Rockefeller iniciou os trabalhos no desenvolvimento das ciências agrícolas em 1924 ao fornecer bolsas para treinamento de pessoal técnico. Quando voltassem aos países de origem, o pessoal treinado na mentalidade considerada moderna dos Estados Unidos deveria propagar os ensinamentos, valores e técnicas para os demais compatriotas.

A Revista Turrialba veiculou notícias sobre a atuação da Fundação Rockefeller em pesquisas relacionadas ao desenvolvimento das ciências agronômicas, muitas das quais em estreita relação com o IICA e sua atuação em diversas localidades da América Latina. Na sua primeira edição, a revista destacou que a Fundação Rockefeller iniciaria os trabalhos na Colômbia:

O Dr. L. M. Roberts será o encarregado dos trabalhos de investigação agrícola que a Fundação Rockefeller realizará na Colômbia. Roberts, que já está em Medellín, será o encarregado do programa de milho. J. A. Ruperts, com residência em Bogotá, se encarregará dos trabalhos sobre trigo (TURRIALBA, Vol.1, nº1, julho/1950, p. 60, tradução minha)<sup>124</sup>.

Também na Revista Turrialba (Vol.1, nº3, trimestre enero-marzo, 1951) o chefe do Departamento de Fitotecnia do IICA, Manuel Elgueta, ressaltou que os países da América Latina necessitavam da investigação agrícola como suporte aos seus programas de fomento<sup>125</sup>. Elgueta afirmou também que o pensamento científico agrícola era devedor dos progressos feitos nos Estados Unidos e que os latino-americanos deveriam mirar no exemplo daquele país. No artigo Elgueta apresentou considerações acerca dos problemas referentes às ciências agrícolas na América Latina. A falta de mão-de-obra qualificada<sup>126</sup> como também questões de apadrinhamento político que definiriam as nomeações de engenheiros para postos chaves, a ausência de infraestrutura como bibliotecas atualizadas ou mesmo a ausência de cursos de ciências agrícolas em países tais como Guatemala, El Salvador, Honduras, Nicarágua, Panamá e Santo Domingo, dentre outros problemas, seriam grandes obstáculos para o desenvolvimento agrícola latino-americano. Sem pessoal técnico especializado a pesquisa agrícola não teria como se desenvolver na América Latina. É aí que entraria a ação de instituições como o IICA ou da Fundação Rockefeller. Segundo esse autor era necessário criar oportunidade para que agrônomos pudessem cursar a pós-graduação no IICA ou em

<sup>124</sup> “El Dr. L. M. Roberts tendrá a su cargo la dirección de los trabajos de investigación agrícola que la Fundación Rockefeller realizará en Colombia. Roberts, que ya se encuentra en Medellín, tendrá a su cargo el programa sobre maíz. J. A. Ruperts, con residencia en Bogotá, se encargará de los trabajos sobre trigo”.

<sup>125</sup> A ideia de fomento aqui é semelhante à de extensão rural desenvolvida, por exemplo, pela ACAR-MG/ABCAR no Brasil.

<sup>126</sup> Segundo Elgueta os engenheiros agrônomos recebiam apenas uma formação geral, não especializada, o que traria graves problemas como a escassez de técnicos para questões específicas locais.

universidades norte-americanas e para isso contavam os agrônomos com a concessão de bolsas de estudos fornecidas por instituições com a Fundação Guggenheim, a Fundação Rockefeller e o próprio USDA. Elgueta, porém, apontou para um problema sobre essa formação. Segundo ele um jovem engenheiro agrônomo que recebia a formação no nível de pós-graduação nos Estados Unidos, poderia retornar para seu país e ter grandes dificuldades para adaptar ao seu próprio meio devido às grandes diferenças em termos estruturais envolvendo os Estados Unidos e seu país de origem. Novamente aí entraria a ação da Fundação Rockefeller criando condições para que o jovem agrônomo tivesse “garantia de trabalho ao retornar ao seu país de origem” (TURRIALBA, Vol.1, nº3, trimestre enero-marzo, 1951, p. 122, tradução minha)<sup>127</sup>. Mais do que colocação, esperava-se que esse profissional técnico fosse o elo na difusão dos saberes científicos para os produtores agrícolas.

Nesses dois exemplos da Revista Turrialba ou também naqueles que se referiram as ações da Fundação Rockefeller no desenvolvimento da cultura de milho na Guatemala (Vol.2, nº3, trimestre Julio-Setiembre) ou em exemplos de doações financeiras em Lima no Peru (Vol.8, nº1, trimestre Enero-Marzo, 1958) pode-se comprovar a circulação de técnicos da Fundação Rockefeller e da sua importância na dinâmica transnacional do período. Mesmo que o trabalho com os clubes de jovens não tenha sido citado diretamente, todas as ações voltadas ao desenvolvimento das atividades agrícolas faziam parte do mesmo processo, pois em termos de pessoal, quanto de ideias eles estavam no mesmo espectro de ações voltadas para a transformação dos meios rurais.

A Fundação Ford foi criada em 1936 em Detroit nos Estados Unidos. Sua atuação no exterior no tocante à agricultura ocorreu, segundo Moseman e Hill (1964, p. 527) em três categorias: na criação e desenvolvimento de escolas e faculdades agrícolas; no planejamento e pesquisa para melhoramento dos níveis de nutrição e em programas educacionais destinados ao atendimento de comunidades rurais com foco na autoajuda. Buscava-se desenvolver ferramentas pelas quais cada área que contasse com a atuação da Ford, pudessem elas próprias, resolver suas demandas. Assim na década de 1950, tanto a Fundação Rockefeller, quanto a Ford faziam parte de um conjunto de instituições que se relacionavam em um amplo programa de cooperação técnica em termos internacionais. Segundo Mendonça (2010 – a, p. 151) “em inícios de 1953, a Ford Foundation forneceu subsídios de US\$440 mil para financiar o Projeto de Cooperação Técnica da NPA<sup>128</sup> na América Latina”. Esse é apenas um

---

<sup>127</sup>“La Fundación Rockefeller ha comprendido muy bien este problema y ha dado énfasis al entrenamiento de técnicos que tienen su trabajo asegurado al volver a su país”.

<sup>128</sup> A *National Planning Association* foi estabelecida em 1934 como uma entidade não-governamental, apolítica,

exemplo das iniciativas de tentativas de superação do atraso na economia dos países da América Latina que contaram com a atuação dessas entidades.

Segundo Silva (2015, p. 71) é necessário diferenciar a AIA da Fundação Rockefeller. Enquanto a Fundação Rockefeller teve papel relevante e regular de pesquisas nos campos científicos, principalmente devotados a assuntos relacionados à saúde, “a AIA atuou muito mais na adaptação de projetos existentes e na sua institucionalização do que na pesquisa e desenvolvimento de conhecimentos científicos, sempre dentro da justificativa filantrópica”.

Tais agências envidaram esforços para reunir recursos para o investimento nos programas de treinamento e formação da juventude rural nas Américas. Esses organismos internacionais contaram com apoios de empresários e políticos na constituição de órgãos locais de incentivo ao desenvolvimento aos clubes juvenis rurais. Esse foi o caso do Brasil com a formação do Comitê Nacional de Clubes 4-S em 1964<sup>129</sup> ou na Argentina, por exemplo, com o Instituto Nacional de Tecnología Agropecuaria - INTA, criado em 1956<sup>130</sup>. A presença de técnicos da AIA e do IICA nesses países foi expressiva e indicava para a introdução de um modelo modernizador das relações no campo dos quais a crença absoluta no poder de transformação da ciência e da técnica esteve no centro do processo. Aliás, a disseminação da ideia da necessidade de modernização das práticas agropastoris e da vida no campo foi uma marca presente no discurso sobre os clubes pela América Latina. Esse fenômeno estava em sintonia com os interesses de segmentos locais incluindo setores dos governos e dos empresários de cada uma das localidades do subcontinente por onde o trabalho com os clubes de jovens se disseminou.

Seja a partir de Venâncio Filho (1946), de Hannah (1960) e Moseman e Hill (1964) ou da produção acadêmica que mobilizei para essa tese<sup>131</sup> que trata das relações externas dos Estados Unidos é possível extrair duas observações gerais. Primeiro, a concordância que havia uma promoção da concepção de mundo dos norte-americanos a ser estendida aos diferentes povos. O americanismo estava no centro de todas as ações planejadas e desenvolvidas. O espírito missionário dos norte-americanos se consubstanciou em diferentes formas ao longo da história, mas ao mesmo tempo atravessou o pensamento e ação ideológica daquele país. Em segundo lugar, pode-se extrair que, se essas ações não se resumem ao

---

voltada ao planejamento para americanos em agricultura, negócios, trabalho e profissões.

<sup>129</sup> Sobre a criação e entidades que faziam parte do CNC 4-S no Brasil ver: Gomes (2013 - b).

<sup>130</sup> Sobre o INTA na Argentina ver: FORD MOTOR COMPANY (1962) e principalmente Gutiérrez (2007, 2009, 2014).

<sup>131</sup> Moniz Bandeira (1973 e 2010), Ianni (1979), Hobsbawm (1998), Tota (2000 e 2014 -a), Junqueira (2000), Azevedo (2008), Silva (2015), Karnal (2016).



contexto da Segunda Guerra, elas sofreram uma apropriação com o conflito mundial e principalmente com seu desfecho. Foi nesse sentido que Silva (2015), seguindo uma linha de raciocínio já desenvolvida anteriormente por Tota (2000), afirmou que no contexto de fim da Segunda Guerra a relação dos Estados Unidos com a América Latina, principalmente se daria de forma mais sutil e não mais baseada em intervenção militar: “cultura, autogoverno e desenvolvimento substituíram as características imperialistas do século XIX, como raça, governo estrangeiro e exploração de recursos materiais” (SILVA, 2015, p. 28). Para esse autor a ideologia da modernização<sup>132</sup> poderia ser entendida como uma forma diferente de intervenção norte-americana na América Latina (p. 35). Ao utilizar instrumentos tais como a assistência técnica e financeira, os norte-americanos buscavam manter as relações de dominação, distintas das épocas nas quais as intervenções militares ou colonialistas estiveram em voga. Se o estudo de Silva (2015) está centrado na ação da AIA e da ideologia da modernização para a agricultura no Brasil, eu diria, além disso, que não foi apenas uma mudança no léxico ocorrida em meados do século XX, mas sim que ocorreu uma mudança de fato na relação que se assentaria em outras bases.

E foi como uma dimensão dessas outras bases que os Estados Unidos promoveram a exportação também de um ideal de jovem rural e de um padrão de desenvolvimento agrícola nesse contexto em outras partes do mundo. É claro que esse modelo já vinha sendo gestado no território norte-americano desde o início do século XX. Na década de 1920, por exemplo, os 4-H tinham similares em outras regiões, como na Europa. Mas foi nas décadas de 1940 a 1960 que o modelo dos 4-H Clubs também se transformou em uma expressão desse processo, principalmente com o surgimento de inúmeros clubes na América Latina. Apesar de não ter sido essa parte do mundo a única que passou a ter a influência desse tipo de agremiação, o subcontinente teve papel estratégico nas ações voltadas a esse público jovem. A organização da juventude rural via a ação dos extensionistas representou uma das principais medidas para a internalização de sentimentos e valores que buscavam fazer com que os rurícolas incorporassem a ideia de modernização como algo que deveria fluir normalmente entre os povos. É claro, que esse processo de “exportação” do modelo de jovem

---

<sup>132</sup> Projetos de modernização das práticas agropastoris não eram novidades na década de 1940 no Brasil. Aliás, bem antes disso, já no início do século XX existiram projetos de modernização da agricultura que tinham, inclusive, os Estados Unidos como padrão a ser seguido. Entretanto, a presença de outros projetos de modernização em disputa no Brasil, em sintonia com o contexto internacional marcado por acelerado processo de industrialização e urbanização, mais a criação da ACAR-MG representou uma experiência única. Nesse momento reuniram-se as iniciativas de uma agência internacional que se anunciava como tendo características filantrópicas como a AIA, as propostas do Governo mineiro e o contexto nacional e internacional. Esses foram o pano de fundo para a oficialização do Serviço de Extensão Rural no Brasil no qual no horizonte estaria a modernização da vida no campo nos aspectos técnicos e culturais.

rural via os *4-H Clubs* ocorreu em um emaranhado de dificuldades, resistências e negociações que envolveram trocas e assimilações das culturas envolvidas.

A presença dos Estados Unidos nas Américas e especialmente no Brasil no tocante às relações econômicas, políticas e culturais tem várias facetas. Dentre elas as questões referentes à produção agrícola tiveram um importante capítulo nessa longa história. Também é certo que não foi inaugurado com os grandes programas de mecanização e aumento da produção agrícola da década de 1970 e muito menos pode se resumir às ideias e doutrinas que ajudaram a formatar o pensamento ruralista no Brasil. Esse período entre as décadas de 1940 e 1960 foi crucial fundamental para estabelecimento e consolidação de bases de uma maneira para se olhar para o meio rural e sua gente.

### **2.1.1 A expansão e divulgação do trabalho com os clubes de jovens rurais no pós 1945**

Está claro que o período de maior abertura dos *4-H Clubs* para o mundo diz respeito aos anos em torno da Segunda Guerra Mundial. Segundo Reck (1957, p. 275-276) um dos resultados da Segunda Guerra Mundial foi o estabelecimento de *4-H Clubs* no Oriente. Em 1946, por exemplo, o coronel Charles A. Anderson, governador militar da Província de Kyunggi, na Coreia teve a ideia de formar um 4-H coreano. Em abril de 1947 foi fundado o primeiro 4-H naquela região. A experiência na Coreia, marcada por rápido crescimento dos clubes, teria revelado uma “universalidade” das propostas para os jovens rurais naquele contexto. Assim, programas voltados a esse público foram desenvolvidos em várias partes do mundo. A fonte mais uma vez sublinha o caráter universal do trabalho com a juventude rural nesse contexto estudado.

Esse raciocínio também foi desenvolvido por Wessel e Wessel<sup>133</sup> (1982, p. 136-138) sobre o crescimento dos *4-H Clubs* após a Segunda Guerra Mundial. Citam, porém, que trabalhos com jovens rurais nos moldes dos 4-H já tinham existido em muitos países desde a década de 1920 como na Inglaterra, Canadá e Letônia. Nesse processo os funcionários do Departamento de Extensão dos Estados Unidos foram peças importantes e contribuíram para ampliar os 4-H em outros países, como foi o caso de Ray A. Turner, Gertrude Warren e C.B. Smith. Os três funcionários, inclusive, receberam a Ordem das Três Estrelas, a mais alta condecoração civil da Letônia por seus serviços prestados no desenvolvimento do trabalho com os jovens naquele país.

---

<sup>133</sup> Tanto Reck (1957), quanto Wessel; Wessel (1982) são considerados alguns dos mais proeminentes “historiadores oficiais” dos 4-H sendo referências básicas para pesquisadores que se interessam por esse tema.

Apesar dessa tese se inscrever em um período que corresponde ao do processo de grande expansão do trabalho com a juventude rural ocorrido em meados do século XX, foi possível perceber referências de clubes de jovens rurais aos moldes dos 4-H ou similares já na década de 1920. Connors (2013, p. 2, tradução minha) afirma que “os *4-H Clubs* de jovens se envolveram internacionalmente desde o começo dos anos de 1900<sup>134</sup>”. Na Europa, por exemplo, País de Gales (1921), Escócia (1923), Suécia (1924), Dinamarca (1926), Bélgica (1927), Finlândia (1928), Noruega (1936) foram alguns países que iniciaram trabalhos relacionados à juventude rural com algum tipo de vínculo com os 4-H dos Estados Unidos, seja em termos dos procedimentos, seja inclusive utilizando o trevo de quatro folhas como símbolo de referência a cada um dos programas em seus respectivos países. Ainda na Europa e com o vínculo com os 4-H da América, Áustria (1946), Grécia (1946) e Itália (1957) fundaram seus clubes em um período muito próximo daquele de forte impacto sobre a América Latina. Hutchcroft (2013); Smith and Kirkpatrick (1990); Reck (1957).

Mas foi somente na década de 1970 que no juramento proferido pelos integrantes dos clubes, foi explicitado o caráter mundial da proposta de organização da juventude. De fato, o juramento dos integrantes dos 4-H foi instituído oficialmente em 1927 nos Estados Unidos. Por ele cada integrante dos clubes proferia a sua profissão de fé em seus clubes, comunidades e país. Mesmo não estando explícitas no juramento, as preocupações dos 4-H não se restringiam aos Estados Unidos e os exemplos de clubes existentes fora do território norte-americano confirmam isso. Porém, foi apenas em 1973 que a expressão *in my world*, conforme assinalou Azevedo (2008, p. 352), foi incorporada a esse elemento ritualístico dos clubes. Foi assim especificada a apresentação ao mundo das ações do 4-H como uma espécie de missão dos jovens visando ao desenvolvimento de todos os povos. O juramento dos 4-H passou a ser este e repetido pelos seus integrantes nos diversos eventos que participavam: “Empenho minha mente ao pensamento clarificador, meu coração a uma maior lealdade, minhas mãos a um serviço mais amplo e minha saúde a uma melhor forma de vida para o meu clube, minha comunidade e meu país e meu mundo”. (Tradução minha)<sup>135</sup>. Antes desse período de alteração no juramento dos 4-H, traduções literais<sup>136</sup> ou sutilmente adaptadas de documentos dos *4-H Clubs* já eram observadas em diversos movimentos de clubes de jovens

---

<sup>134</sup> “The 4-H youth clubs were also involved internationally since their development in the early 1900’s”.

<sup>135</sup> “I pledge my head to clearer thinking, my heart to greater loyalty, my hands to larger service, and my health to better living, for my club, my community, my country, and my world”. In: <http://www.4-h.org/about/>. Acesso em 20/11/2015.

<sup>136</sup> Um exemplo é o documento intitulado *Clubes Rurales Juveniles em todo el Mundo* (1968), publicado no México. Essa publicação foi uma tradução de *Rural Youth Clubs around the World*, editado pela primeira vez pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos em 1967.

rurais em várias partes do mundo, demonstrando o seu caráter internacional.

Segundo Wessel; Wessel (1982, p. 142, tradução minha) “entre 1944 e 1953, vinte e três países na Ásia, Europa e América Latina estabeleceram *4-H Clubs*. Outros trinta e oito países, incluindo da África, iniciaram programas 4-H, entre 1953 e 1962<sup>137</sup>”.

Assim ao final da década de 1940 e durante a de 1950 houve um aumento do número de clubes de juventude rural no continente americano<sup>138</sup>. Vários países latino-americanos passaram a contar com programas que buscavam redefinir o papel que caberia a eles no novo cenário político e econômico global que se desenhava. Uma das áreas consideradas estratégicas por programas que miravam à transformação econômica e social da América Latina foi a agricultura. A busca por desenvolver a produção de gêneros alimentícios, o aumento de consumo de insumos agrícolas e a transformação das condições de vida das regiões interioranas, foi responsável por capitanear ações entre os governos locais e agências norte-americanas. E nesse quesito as práticas de Extensão Rural dos quais a constituição de clubes juvenis foi uma delas ganharam espaço. Antes desse período, porém, já existiam clubes de jovens rurais com forte influência norte-americana. Na Venezuela, por exemplo, desde 1938 havia o Clube 5-V (Valor, Vigor, Verdade, Vergonha, Venezuela). Mas, não há dúvida que foi o pós-Guerra que viu florescer uma maior e incisiva ação dos Estados Unidos na constituição de clubes de jovens rurais pelo continente americano<sup>139</sup>.

Na América do Sul, além da Venezuela foi fundado em 1946 no Equador o Clube 4-F (Fé, Fecundidade, Fortaleza, Felicidade). Em 1947 ocorreu a fundação dos Clubes 4-S (Saber, Sentir, Servir, Ser) na Bolívia. Em 1948 foi fundado no Chile o Clube da Juventude Agrícola 4-C (Cabeça, Coração, Capacidade, Cooperação). O Brasil teve em 1952 a formação dos seus Clubes 4-S (Saber, Sentir, Saúde, Servir). No ano seguinte foi a vez do Paraguai, onde os clubes ficaram conhecidos como 4-C (Cabeça, Coração, Capacidade, Cooperação). Em 1954 foi organizado no Uruguai o Movimento da Juventude Agrária – MJA que tinha como lema: Trabalho, Saúde e Alegria. Na Guiana Inglesa foi criado em 1955 os Clubes 4-H (Cabeça, Mãos, Coração, Saúde, seguindo a mesma denominação dos 4-H dos Estados Unidos). Naquele mesmo ano foi fundado o Clube 4-S (Saber, Sentimento, Serviço,

---

<sup>137</sup> “Between 1944 and 1953, twenty-three countries in Asia, Europe and Latin America established 4-H Clubs. Another thirty-eight countries, including several in Africa, initiated 4-H programs, between 1953 and 1962”.

<sup>138</sup> Ver Anexo 1 – Mapa: Distribuição de clubes juvenis rurais na América Latina em 1959.

<sup>139</sup> Lembro que existiram programas aos moldes dos 4-H na Ásia, África, Europa e América Latina, anteriores ao período da Segunda Guerra. Esse programa ainda existe em plena segunda década do século XXI. Conforme menciona o site oficial dos 4-H o trabalho com a juventude atinge milhares de pessoas em cerca de 50 países. Ver: <http://www.4h.org/about/global-network/>. Acesso em 26/11/2015.

Saúde) na Colômbia. Em 1956 foram criados na Argentina os Clubes 4-A (Ação, Adestramento, Ajuda, Amizade). No Suriname o trabalho com a juventude rural foi iniciado em 1956, com uma Subdivisão do Departamento de Serviço de Extensão Agrícola e em 1957 foi organizado o primeiro Clube 4-H (Cabeça, Coração, Mãos, Saúde, também seguindo a tradução dos 4-H norte-americanos). Em 1957 foi a vez de o Peru ter o seu CAJP - *Club Agrícola Juvenil Peru* que tinha como significado das iniciais Carácter, Ação, Juízo, Pátria. Para além da América do Sul havia também no contexto americano, outros clubes de jovens rurais. Cito dois casos. Desde 1949 existiam na Costa Rica os também denominados Clubes 4-S (Saúde, Saber, Sentimento, Serviço) sendo, por sua vez, nesse país centro-americano, os significados dos 4-S diferentes do que no Brasil, por exemplo. Em Cuba, desde 1931 havia um programa de treinamento para clubes de juventude rural. Lá os clubes foram designados por 5-C (Cuba, Cérebro, Coração, Civismo, Cooperação). A filiação não foi verificada em 1961. Cabe lembrar que nesse ano as relações entre Cuba e Estados Unidos tornaram-se vez mais tensas devido ao alinhamento da ilha caribenha ao espectro político da União Soviética. Cuba foi inclusive expulsa da Organização dos Estados Americanos – OEA. (FORD MOTOR COMPANY, 1962). Com todos os exemplos citados é possível perceber uma clara referência e inspiração junto aos 4-H dos Estados Unidos. Isso não só pelas siglas que dialogam ou são traduções literais dos significados dos 4-H, mas pelo próprio símbolo identitário dos clubes que na maioria dos casos citados também era um trevo verde de quatro folhas. Além disso, haviam similitudes entre as formas de organização interna, bem como objetivos gerais a serem alcançados em cada uma das realidades citadas. Ainda houve nesse período, a circulação de técnicos extensionistas e de jovens rurais na participação de eventos internacionais como Congressos, Encontros, Seminários ou dos programas de intercâmbio que comprovam um fluxo constante de trocas de ideias e experiências entre eles.

Os promotores do trabalho com os jovens rurais utilizaram de vários recursos para a divulgação dos clubes e assim chamar a atenção de um público maior para eles. A propaganda dos *4-H Clubs*, bem como a sua abrangência mundial, ou seja, para além das fronteiras dos Estados Unidos esteve presente em um conjunto de peças imagéticas sobre os clubes de jovens norte-americanos. Em pôsteres que, mesmo sendo a princípio divulgadores da Semana Nacional dos *4-H Clubs*<sup>140</sup>, por exemplo, os clubes foram destacados como sendo

---

<sup>140</sup> Acredita-se que a primeira Semana de 4-H Clubs foi estabelecida em 1926 em Minnesota para promover o trabalho de integrantes dos clubes. Nesses eventos, que eram anuais, os sócios dos clubes divulgavam suas realizações, trocavam experiências com outros integrantes, recrutavam novos participantes e planejavam as ações para o próximo ano. Cada Semana Nacional possuía um tema específico. Com a Segunda Guerra Mundial os temas giraram em torno do encorajamento aos membros dos 4-H a se empenharem no esforço de produção de

um movimento que não se encerrava nas fronteiras norte-americanas. Ao analisar o pôster intitulado *4-H Clubs need you in 1946* (Figura 6) é difícil não pensar nas referências imagéticas dos períodos das guerras mundiais nos quais a imagem do *Uncle Sam*, personagem que para muitos simbolizaria o próprio Estados Unidos, de forma impositiva convocava os norte-americanos para se alistarem no exército daquele país. Mas com o fim do conflito mundial a outra guerra a ser travada parecia ser em outros campos de batalha. Conquistar os corações e mentes dos jovens, principalmente dos meios rurais, a partir de formas mais leves, passava a ser considerado um caminho mais eficaz do que o ameaçador *Uncle Sam* e sua famosa expressão: *I want you* (eu quero você). No pôster que divulgava a Semana Nacional dos *4-H Clubs* do ano de 1946 uma sorridente jovem, de cabelos loiros e bochechas rosadas parece expressar a frase que está em destaque: “Os 4-H precisam de você em 1946” (“4-H Clubs need you in 1946”). Aliás, nessa frase já há uma diferença marcante em relação ao popular cartaz do *Uncle Sam* do período das guerras mundiais. O precisar de algo ou alguém é bem diferente do “eu quero você”. No primeiro caso há a possibilidade da negativa, pois aquilo ou aquele que está sendo solicitado pode se negar a prestar a colaboração pretendida. Diferente da forma opressora: “eu quero você”, onde a escolha do solicitado não existe. Há diferenças também em relação às formas gráficas do pôster. Diante do trevo de quatro folhas, símbolo dos clubes juvenis, e de outras referências a trabalhos agrícolas realizados por jovens como a criação de aves e gado, a utilização de maquinário como tratores, a preparação de alimentos, a moça integrante de um 4-H Club qualquer apresenta suas “armas”. Em uma das mãos traz um tecido e na outra a agulha que o costurava. Sua postura é de um claro chamado aos jovens dos Estados Unidos para construírem, como o tecido que trabalhava, um próspero país a partir do meio rural. Há também uma frase que, mesmo representada com letras menores em tal pôster é emblemática dos propósitos mundiais dos 4-H. Os clubes dos Estados Unidos são anunciados como a maior organização voluntária de juventude rural do mundo. (The world’s largest voluntary Rural Youth Organization). Sobre o jovem estava depositada a esperança da construção de um mundo nos quais os propósitos dos 4-H seriam os balizadores.

---

alimentos necessários aos homens e mulheres rurais envolvidos com o serviço militar. Mais informações sobre as Semanas Nacionais de 4-H Clubs ver: [http://4-hhistorypreservation.com/History/National\\_4-H\\_Week](http://4-hhistorypreservation.com/History/National_4-H_Week). Existem registros de pôsteres que divulgavam o trabalho com os 4-H desde 1924. De 1924 a 1932 houve a publicação de pôsteres com temas anuais. O período entre 1933 e 1943 foi descontinuado nessa sequência devido à Grande Depressão e a Segunda Guerra Mundial. Os pôsteres que tive acesso, como mencionados, fazem parte do Elsie Carper Collection. O primeiro dos pôsteres que compõe esse acervo é de 1946 e está disponível no site da *National Agricultural Library*.

Figura 6 - 4-H Clubs need you in 1946



Fonte: Special Collections, NAL/USDA.

<https://www.nal.usda.gov/exhibits/speccoll/items/show/180>. Acesso em 23/11/2016.

O destaque às questões mundiais e, portanto, a uma visão para além dos Estados Unidos estiveram assim presentes nesses pôsteres produzidos em um momento inclusive de

grande afluxo de organizações juvenis aos moldes dos 4-H pelo mundo. Mostrar os 4-H e o próprio Estados Unidos como modelos a serem seguidos eram também propósitos dessas peças imagéticas. Na figura 7, por exemplo, estão presentes também as referências a esse programa de jovens: a bandeira dos Estados Unidos ao fundo, a representação de uma típica propriedade rural daquele país com o celeiro e uma capela mais a vegetação em destaque fazem parte dessa peça. Consta também o trevo verde de quatro folhas com uma letra H em cada uma e os jovens com uniformes dos clubes. O rapaz usa uma gravata verde que se desprende do seu corpo. A gravata foi representada como se tremulasse, fazendo alusão a ideia de movimento em direção às estrelas da bandeira norte-americana que representam os estados daquele país. A moça também está uniformizada com uma camisa que trazia estampada o símbolo dos 4-H. Os jovens, nesse pôster foram representados como típicos norte-americanos, pois brancos, anglo-saxões, cristãos. Foram representados como jovens saudáveis e felizes. O olhar, principalmente da moça, voltado para o horizonte, parece denotar a crença no progresso e no empenho de cada um para a construção de uma grande nação, pois “viver melhor para um mundo melhor” (“Better living for a better world”) seria também uma máxima a ser seguida. Há assim a ideia nesse pôster de que a partir dos Estados Unidos se projetava um mundo melhor. Nessa projeção para o mundo, o jovem norte-americano teria um papel fundamental a cumprir. O pôster também destacava que os jovens poderiam ter uma vida ativa, marcada por aventura e pelas conquistas que cada um, por seus próprios méritos deveriam alcançar. Tudo isso dentro de uma lógica em consonância com os princípios éticos do protestantismo de cunho calvinista, por exemplo. No detalhe do pôster é possível perceber também a valorização dos clubes dos Estados Unidos como sendo “um programa de juventude de atividade, aventura e conquista”. (“A youth program of activity, adventure and achievement”). A conquista, a recompensa do trabalho seria fruto do esforço e das qualidades morais de cada indivíduo.



**Figura 7** – Better living for a better world – 1950



**Fonte:** Special Collections, NAL/USDA.

<https://www.nal.usda.gov/exhibits/speccoll/items/show/184>. Acesso em 23/11/2016.

Na figura 8, um jovem casal representando provavelmente ex-integrantes dos 4-H circundam uma menina que traz em suas mãos uma agulha com linha e um pedaço de tecido. O jovem casal pode ser lido tanto com sendo os pais da menina ou líderes do clube de jovens, ou as duas coisas ao mesmo tempo. A mulher segura as mãos da garota que claramente inicia nas primeiras lições sobre a arte da costura. Os adultos apresentam um olhar complacente e

parecem também denotar confiança e a esperança que a menina conseguirá aprender a lição que lhe é passada e assim se tornar uma hábil costureira, como era desejável para as meninas envolvidas em atividades desenvolvidas nos clubes sobre economia doméstica. Aliás, tanto nos 4-H quanto nos Clubes 4-S no Brasil esperava-se que as meninas aprendessem tarefas consideradas típicas do sexo feminino naquela época como tarefas relacionadas à cozinha, costura e criação dos filhos. A menina da figura tem, por sua vez, um olhar compenetrado e a mordida na língua indica o seu esforço e ao mesmo tempo a concentração na tarefa que lhe era ensinada. A mulher segura as mãos da garota parecendo lhe guiar e ao mesmo tempo lhe transferindo os conhecimentos que certamente teria adquirido em outro clube. Assim a mensagem do pôster parece ser clara na ideia da transmissão do saber dos adultos para os jovens. Mas, ao mesmo tempo, os jovens seriam aqueles que com o seu frescor e energia colaborariam com a renovação da vida. Nada de conflito de gerações e explosão de divergências entre adultos e jovens e sim a o trabalho de todos para um mundo de entendimento. (“Working together for world understanding”). Esse mundo, claro, pode ser simplesmente uma hipérbole para denotar a ideia de grandeza na busca do entendimento entre as gerações refenciadas no pôster. Mas, também certamente, pode ser entendida como a ideia de um mundo de entendimento e paz imaginados nos moldes dos norte-americanos<sup>141</sup>.

---

<sup>141</sup> Em 1950, por exemplo, iniciou um outro conflito bélico com presença marcante dos Estados Unidos. Refiro-me à chamada Guerra da Coreia (1950-1953) que opôs as forças do Norte e do Sul daquele país. A península coreana, que havia sido dominada pelo Japão durante a Segunda Guerra, foi dividida ao término do conflito mundial entre o norte sob influência da União Soviética e o Sul sob a influência dos Estados Unidos. Em 1950 o exército do Norte rompe a fronteira estabelecida no paralelo 38° dando assim início aquele que foi um dos conflitos mais marcantes e violentos do período da chamada Guerra Fria. A referência, portanto, a um mundo de entendimento, pode ser lida também como a ideia de um mundo em paz, conforme apregoava os Estados Unidos em termos ideológicos.

Figura 8 – Working together for world understanding – 1954



Fonte: Special Collections, NAL/USDA.

<https://www.nal.usda.gov/exhibits/speccoll/items/show/186>. Acesso em 23/11/2016.

A utilização da hipérbole “Um mundo de oportunidade” expressa na figura 9 como título do pôster denota também a ideia de algo grandioso a ser alcançado pela juventude. Diante da representação do globo terrestre com destaque às Américas e ao símbolo dos 4-H, está um jovem casal de mãos dadas. Os jovens estão acompanhados por um cão, talvez atestando a fidelidade e a lealdade da união entre os dois. É possível assim uma leitura que remete ao mundo de oportunidade para os jovens que trabalhando unidos e fiéis à filosofia dos 4-H construiriam seu futuro com base na realização de seus sonhos. A menina, por exemplo, traz nos seus braços livros – a fonte do conhecimento e do sucesso que cada um estaria adquirindo nos clubes e ao mesmo tempo disponibilizando para o mundo. Apesar da cor verde em destaque o que é certamente uma alusão às atividades agrícolas, fica bem claro também que o “mundo de oportunidades” para os jovens não se restringia aos meios rurais e as atividades agropastoris. Cabia aos jovens, seguindo os ditames dos clubes alcançar todos os cantos do planeta. Por outro lado, é possível também aludir uma outra chave de leitura para a imagem. Ela representaria também o reforço da ideia dos Estados Unidos como liderança global em um momento que sua hegemonia era tensionada por diferentes atores internos e externos. Internamente ocorriam questionamentos de vários tipos nos quais os jovens eram protagonistas. Refiro-me às manifestações estudantis que tinham várias facetas e motivações que incluíam, a defesa pela livre expressão e pelos direitos estudantis como o de participação política, a luta contra a Guerra do Vietnã e a corrida bélica e a defesa por direitos civis. Externamente os Estados Unidos se preocupavam com a influência soviética no chamado mundo socialista e principalmente após a Revolução Cubana de 1959, que trouxe para o território do continente americano a ameaça real da expansão do socialismo no início da década de 1960. Assim na imagem fica evidente o traçado do globo onde a referência ao território norte-americano é posta em destaque. Ao lado do globo está o trevo verde em uma mesma proporção, aludindo que os 4-H estariam em todas as partes, como deveriam estar os Estados Unidos também. Era necessário reforçar os valores norte-americanos e enfatizar o papel que caberia aos jovens, em um momento no qual o americanismo estava sendo alvo de inúmeras críticas.

**Figura 9** - A World of opportunity – 1967



**Fonte:** Special Collections, NAL/USDA.

<https://www.nal.usda.gov/exhibits/speccoll/items/show/199>. Acesso em 23/11/2016.

No horizonte dos jovens dos clubes estava posto um mundo de oportunidades. Na prática e dentro de uma tradição de hipervalorização do indivíduo, expressão do ethos capitalista, era dada como certeza que os jovens aproveitariam as oportunidades postas ao seu alcance. Ao indivíduo, diante das condições concretas, caberia através da sua capacidade criativa transformar a realidade rumo ao sucesso individual, da sua comunidade e país. À sua frente, segundo o discurso oficial, descortinava um mundo de oportunidade para todos (“Opportunity for all”). Na figura 10 pode-se aludir uma representação dessa crença. Houve

nesse pôster uma tentativa de expressar a diversidade de povos nos Estados Unidos<sup>142</sup>. Estão representados na imagem um afro-americano, uma hispânica, um casal típico de anglo-saxões e um esquimó. O traçado que remete às faces dos jovens transfere os olhares desses para o horizonte. O futuro e a promessa de um mundo em que todos encontrariam seu lugar, era o que esperava para cada um dos jovens ali representados como metáfora ao povo norte-americano. Retrata uma suposta diversidade, mas que ao mesmo tempo concede as mesmas oportunidades a todos. Não é à toa que a bandeira do país parece abraçar os jovens. É a ideia de que a nação garante a todos as mesmas oportunidades.

**Figura 10** – “Opportunity for all – Join 4-H” – 1969

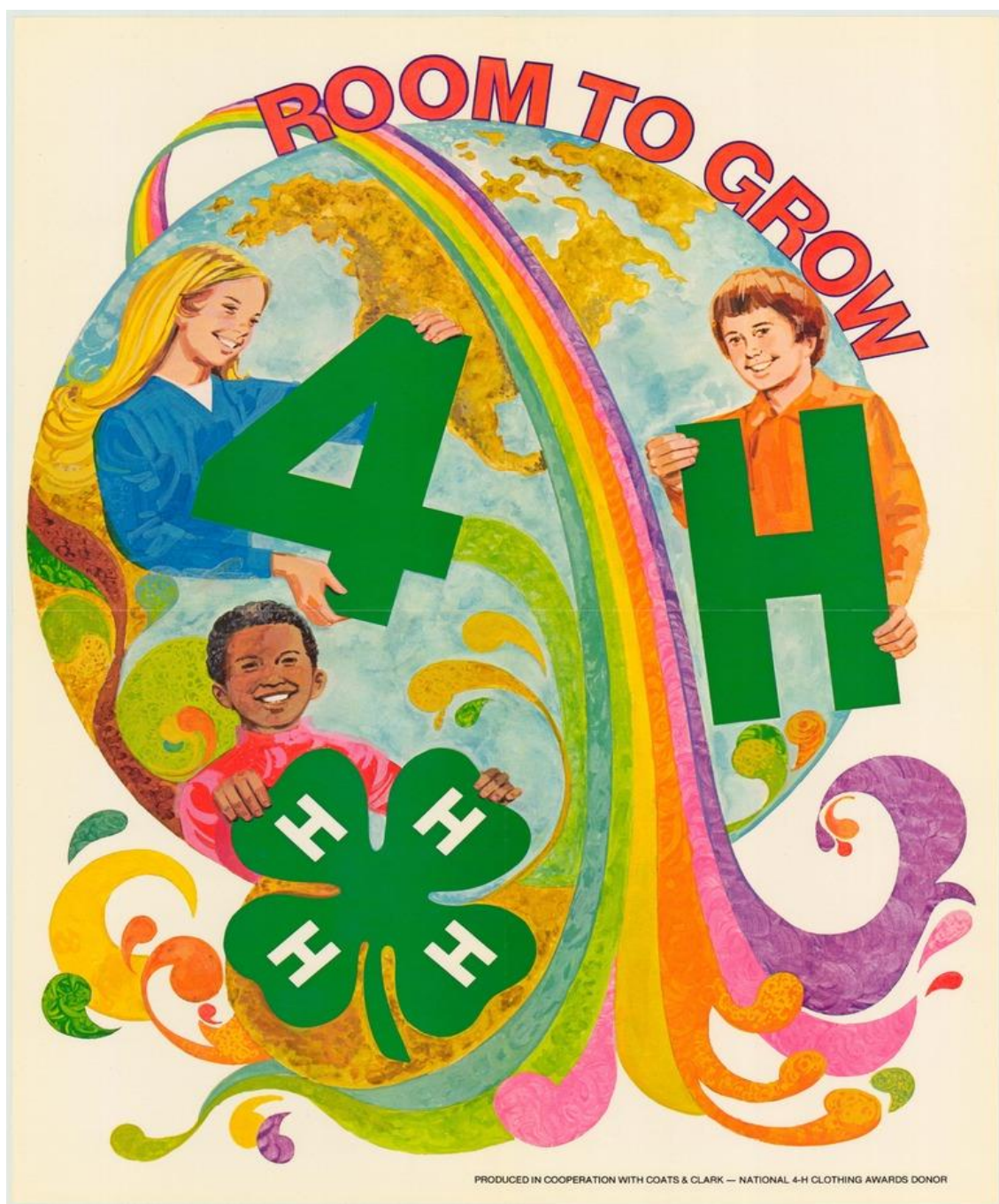


**Fonte:** Special Collections, USDA National Agricultural Library.  
<https://www.nal.usda.gov/exhibits/speccoll/items/show/201>. Acesso em 23/11/2016.

<sup>142</sup> A não ser pela referência a um esquimó, representante típico das regiões ao norte do território do Alasca, nenhuma outra representação de um outro povo nativo do território que se constituiu os Estados Unidos foi feita. Aqui me refiro, por exemplo, a representação clássica dos indígenas da América do Norte.

Já a figura 11 atualiza o discurso dos 4-H para além-fronteiras dos Estados Unidos ocorrido na década de 1970, inclusive fazendo jus a introdução do termo “*in my world*” em 1973 no juramento dos membros do 4-H. No pôster há uma frase incisiva – “Espaço para crescer” (Room to grow) e por meio das referências ao arco-íris que representaria o espírito jovial e a diversidade de públicos e ações do movimento de juventude, a mensagem parecia ser clara. O trevo de quatro folhas e os 4-H deveriam se espalhar por onde ainda não houvessem chegado. Percebe-se que o arco-íris apenas passava pelo hemisfério norte. Nos Estados Unidos, país de origem dos 4-H, havia cerca de 3,0 milhões de jovens nos clubes no início da década de 1970. Também aí havia espaço para crescer, pois os números atingidos no início daquela data estavam muito aquém do que era esperado. (WESSEL; WESSEL, 1982, p. 212). Mas há também outra possibilidade de leitura dessa imagem. No canto inferior esquerdo do pôster há a representação de um jovem negro. Sorridente ele segura o trevo de quatro folhas. Sua presença pode ser atribuída à ideia de diversidade e pluralidade de cores expressa pelo arco-íris. Os 4-H não excluíam ninguém. Entretanto, pode significar também a expansão do ideário 4-H para as regiões onde o trabalho com os clubes precisaria se fortalecer. É nesse sentido que as cores do arco-íris assim se espalhariam, conforme indicava a imagem na região sul. Mesmo que em distintas regiões do mundo já houvesse trabalhos semelhantes, principalmente desde o contexto da Segunda Guerra Mundial, esse pôster apresentava a ideia de que havia muito a ser feito na divulgação de programas de organização da juventude rural que adotassem a filosofia dos 4-H Clubs.

Figura 11 - “Room to Grow” – 1976



**Fonte:** Special Collections, NAL/USDA.

<https://www.nal.usda.gov/exhibits/speccoll/items/show/208>. Acesso em 23/11//2016.

Avalio assim que a ampliação do número de clubes juvenis aos moldes dos 4-H, conforme demonstrado para esse contexto de pós Segunda Guerra Mundial, pode ser somada às inúmeras ações dos Estados Unidos para ampliar sua influência econômica, política e cultural no mundo em diversos momentos históricos. A difusão não só de conhecimentos agropastoris, mas também de valores associados à cultura norte-americana como a crença no

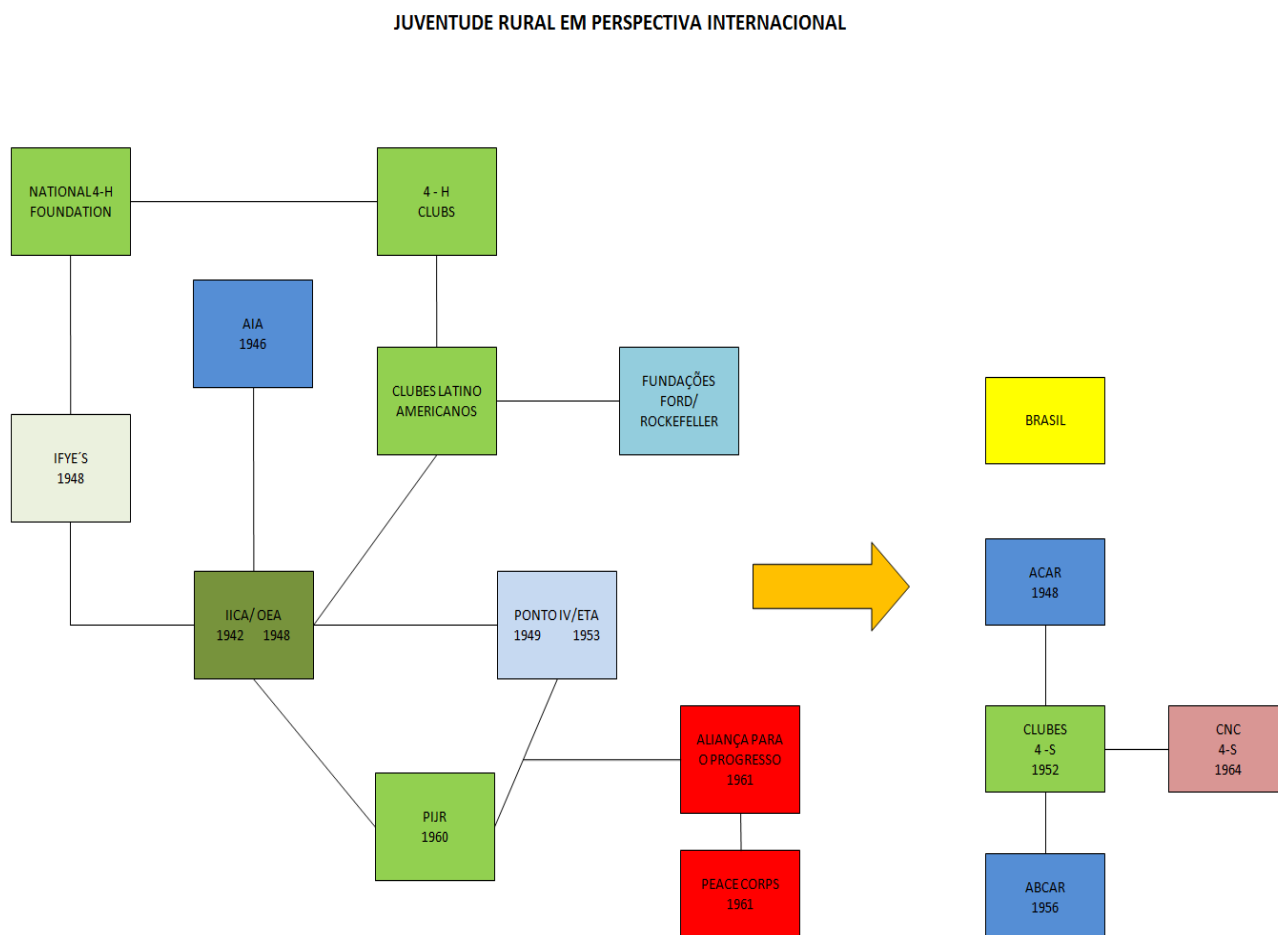


liberalismo, no associativismo, na democracia, no indivíduo empreendedor, dentre outros, fariam parte de um conjunto de ações que buscavam fazer frente, por exemplo, tanto às concepções de mundo dos regimes totalitários em voga nos anos anteriores e durante a Segunda Guerra, como também fazer frente aos ideais de mundo defendidos pelos países que implantaram o socialismo sob interferência do modelo soviético no pós-Guerra. Ao longo de outros momentos de recrudescimento de disputas durante a chamada Guerra Fria, os Estados Unidos através dos 4-H Clubs também fizeram ecoar sua ideologia para o mundo. As peças imagéticas aqui analisadas foram um exemplo disso.

No próximo item analiso como se estruturou um conjunto de relações envolvendo os jovens rurais em torno dos clubes. Destaco nesse cenário a ação desenvolvida por programas, entidades e agências criadas após a Segunda Guerra Mundial, incluindo-as da década de 1960 que visaram assinalar o caráter internacional da juventude rural.

## 2.2 As entidades internacionais e o trabalho com a juventude rural das Américas

### Fluxograma 1



**Fonte:** Fluxograma elaborado pelo autor.

Nas relações entre os 4-H Clubs dos Estados Unidos e os Clubes 4-S do Brasil devem ser percebidas várias nuances. Elas atestam mediações e adaptações na filosofia original dos 4-H Clubs dos Estados Unidos e nos programas que dele ou nele se inspiraram, como foi o caso dos Clubes 4-S no Brasil. Pelo fluxograma anterior é possível perceber que não houve uma ligação direta entre os 4-H Clubs e os Clubes 4-S. Na verdade, essa relação foi mediada por várias agências, entidades, programas que, muitas vezes, sobrepujam-se umas às outras, além de não ser possível estabelecer uma sequência linear entre elas. Dessa forma não é possível afirmar que os 4-H Clubs prescreveram a criação de quaisquer outros clubes na América Latina, incluindo os clubes juvenis do Brasil. Os 4-H Clubs nasceram a partir de

circunstâncias locais nos Estados Unidos e só em 1914 se estabeleceram como um ramo do Serviço de Extensão Cooperativa daquele país. Não houve uma ação deliberada de uma agência, pessoa ou grupos sociais específicos que teriam determinado que outros clubes fossem criados fora dos Estados Unidos, no contexto estudado nessa tese. Houve sim, uma relação que reuniu circunstâncias político-econômicas locais dos países latino-americanos<sup>143</sup> com o contexto internacional do pós-guerra que resultaram em experiências locais de organização de clubes juvenis.

No próximo item analiso como essas agências e programas se relacionaram com os clubes de jovens rurais. Mesmo que não exclua a relação com outros clubes latino-americanos, meu foco foi a relação com os Clubes 4-S do Brasil, principalmente daqueles sob a responsabilidade da ACAR-MG.

### **2.2.1 A American International Association for Economic and Social Development – AIA e os clubes de jovens rurais**

A criação da AIA em 1946 em Nova Iorque representou um momento fundamental para a constituição do Serviço de Extensão Rural no Brasil. Foi do acordo da Associação Internacional Americana firmado com o Governo de Minas Gerais em 1948 que nasceu a ACAR-MG. Sobre a constituição e os propósitos da AIA, Tota (2014 – b, p. 180-181) assim se referiu:

A pedra de toque da filosofia da AIA era a ideia de treinamento: preparar pessoas para buscar meios de atingir, material e psicologicamente, um nível de vida melhor. A fórmula continha alguns elementos fundamentais que caracterizam a essência do espírito americano. Primeiro, a crença na infalibilidade da técnica. Desde que corretamente aplicada, a técnica poderia resolver todos os problemas. De forma sutil, estava presente também a ideia de que o brasileiro deveria aprender a fazer as coisas por si mesmo e a fazer bem-feito, outro conceito caro ao americanismo, o *do it yourself* ou faça você mesmo – que mais tarde veio a desembocar nos sistemas *self-service* de supermercados e restaurantes, e nos caixas eletrônicos dos bancos. Tocqueville havia notado essa tendência já na primeira metade do século XIX. Para ele, o anglo-americano “experimenta todas as necessidades e desejos que uma civilização avançada faz nascer [...] por isso é [...] obrigado a procurar por si mesmo os objetos que sua educação e seus hábitos tornaram necessários”. Trata-se do que ficou conhecido, na cultura dos Estados Unidos, como *American ingenuity* – ou engenhosidade americana, outro traço típico do *American way of life*. Tudo isso estava presente de forma embrionária no projeto original da AIA.

---

<sup>143</sup> Nesse raciocínio devem ser incluídas as iniciativas destinadas à modernização de aspectos relacionados à vida rural que pelo desde as décadas de 1910/1920 eram observadas em países latino-americanos, como o próprio Brasil.

Sem desconsiderar a importância da AIA em um conjunto de outras ações que, por meio da lógica da cooperação técnica visava contribuir com os programas de desenvolvimento da agricultura, de conservação do solo, de combate ao analfabetismo e doenças no meio rural, o que me interessa fundamentalmente é a relação dessa agência com a difusão de um *modus* de se pensar e organizar a juventude rural no Brasil no contexto da sua relação com a ACAR/ABCAR. As entidades de Extensão Rural no Brasil carregaram consigo muito desse “espírito americano” citado por Tota (2014 – b) nas prescrições presentes nos materiais impressos sobre as intervenções planejadas para os jovens rurais. Mesmo com o encerramento do acordo de cooperação técnica e principalmente financeira em 1961, a AIA continuou contribuindo com os programas de organização de clubes juvenis, como o Clube 4-S no Brasil. Seus recursos financeiros, corpo técnico, ações e experiências foram empenhados na consolidação de um modelo de extensão no qual o objetivo era contribuir com a modernização das práticas agrícolas e da vida no meio rural através do hiperdimensionamento dos preceitos da ciência e da técnica. Para se alcançar os objetivos desses propósitos, conforme tenho afirmado ao longo desse trabalho, a juventude rural teve papel destacado. Os jovens organizados em Clubes 4-S, de acordo com o pensamento da AIA, seriam os elementos que encarnariam a renovação das práticas de produção e da vida nos meios rurais, bem como os responsáveis pela sua difusão para o restante da população dessas localidades.

Na lógica de trabalho da AIA, como era usual a partir do léxico do período, faltava aos povos considerados “subdesenvolvidos”, uma espécie de “empurrão”, uma ajuda, para que saíssem da inércia em que se encontravam. Como forma de superar o atribuído “atraso” era necessário desenvolver ações voltadas à recuperação do “tempo perdido”. Esses povos teriam, por exemplo, recursos naturais disponíveis e em alguns casos até mesmo em abundância, mas devido à falta de conhecimento técnico e pessoal capacitado, mantinham índices econômicos e de níveis de vida das suas populações bastante baixo. Pelo discurso do qual a AIA comungava, era necessária a ajuda externa, um incentivo em direção a se libertarem das amarras que atravancavam o desenvolvimento de cada um dos países. Segundo Silva (2015), baseado no historiador Michael Latham,

Nos anos que se seguiram ao fim da Segunda Guerra Mundial, a AIA acompanhou, embora em proporções limitadas, a proposta que ganhou força no contexto internacional, a qual propunha a transformação total das culturas e formação social de três continentes – Ásia, África e América Latina – de acordo com os ditados de nações europeias ou dos Estados Unidos. Para isso, cada vez mais eram desenvolvidos determinados modelos que acelerassem a transformação das culturas de um estágio “atrasado” para o “moderno”. Por meio de sua experiência, a AIA teria conseguido desenvolver um método que

possibilitaria o aceleração da passagem do “tradicional” para “moderno”, ao menos de acordo com Robert Hudgens, diretor da AIA entre 1948 e 1953 (SILVA, 2015, p. 42-43).

A AIA teve então como uma das suas características a busca por desenvolver estudos e daí ações que levassem à modernização das regiões ditas subdesenvolvidas. É claro que, no jogo de interesses e disputas políticas/ideológicas daquele contexto, a AIA esteve em contato e, portanto, em negociação com os grupos locais que defendiam e até mesmo esperavam por tal ajuda externa. Em março de 1961, por exemplo, foi publicado um relatório intitulado: *Agriculture in Brazil* (AIA, 1961)<sup>144</sup>. A publicação foi dividida em duas partes. Na primeira parte foi descrita a situação daquele momento acerca da agricultura no país. Destacaram-se também dados socioeconômicos das regiões rurais brasileiras. Na segunda parte foram abordadas as possibilidades de desenvolvimento, com ênfase aos projetos voltados à região de cerrado no Centro-Oeste brasileiro. Segundo a fonte, a primeira parte do relatório foi elaborada por Walter L. Crawford, representante da AIA no Brasil. É interessante notar também que ele teria baseado seu estudo em documentos produzidos por dois engenheiros agrônomos com ligação direta à institucionalização do Serviço de Extensão Rural no Brasil. Refiro-me à Geraldo Oscar Domingues Machado, à época, reitor da UREMG<sup>145</sup> e à José Paulo Ribeiro, Diretor da ACAR-MG. Crawford (AIA, 1961, p. 17, tradução minha) afirmou, nesse documento, “que a educação ou a falta dela é talvez a causa mais fundamental do subdesenvolvimento das áreas rurais<sup>146</sup>”. Não que antes não tenha apresentado outros dados acerca das condições de vida nos meios rurais. Destaco, todavia, que para ele e em consonância com o pensamento da AIA, os problemas dos meios rurais eram originários de questões relacionadas às carências educacionais. Faltaria aos povos do interior do país os conhecimentos técnicos necessários para implementar novas condições de produção e de vida. Transformar, portanto, as condições rurais era, na concepção da AIA, atacar, sobretudo, um problema relacionado à permanência de saberes considerados obstáculos ao pleno desenvolvimento das condições produtivas e de vida no campo. Era necessário substituí-los por conhecimentos ditos modernos. Nelson Rockefeller, segundo Dalrymple (1968, p. 15, tradução minha), inclusive teria escrito no *The AIA Record*, que

<sup>144</sup> (RAC, Box 43, folder 311).

<sup>145</sup> O engenheiro agrônomo Geraldo Oscar Domingues Machado foi reitor da UREMG entre 20 de novembro de 1959 e 04 de julho de 1962. Ver: [www.personagens.ufv.br/?area=geraldoOscar](http://www.personagens.ufv.br/?area=geraldoOscar). Geraldo Oscar também ocupou vários cargos e funções tanto na ACAR-MG, quanto na ABCAR, sendo considerado um dos pioneiros do Serviço de Extensão Rural no Brasil.

<sup>146</sup> “Various statistics [...] indicate that education, or lack of it, in rural areas, is perhaps the most fundamental cause of under-development”.

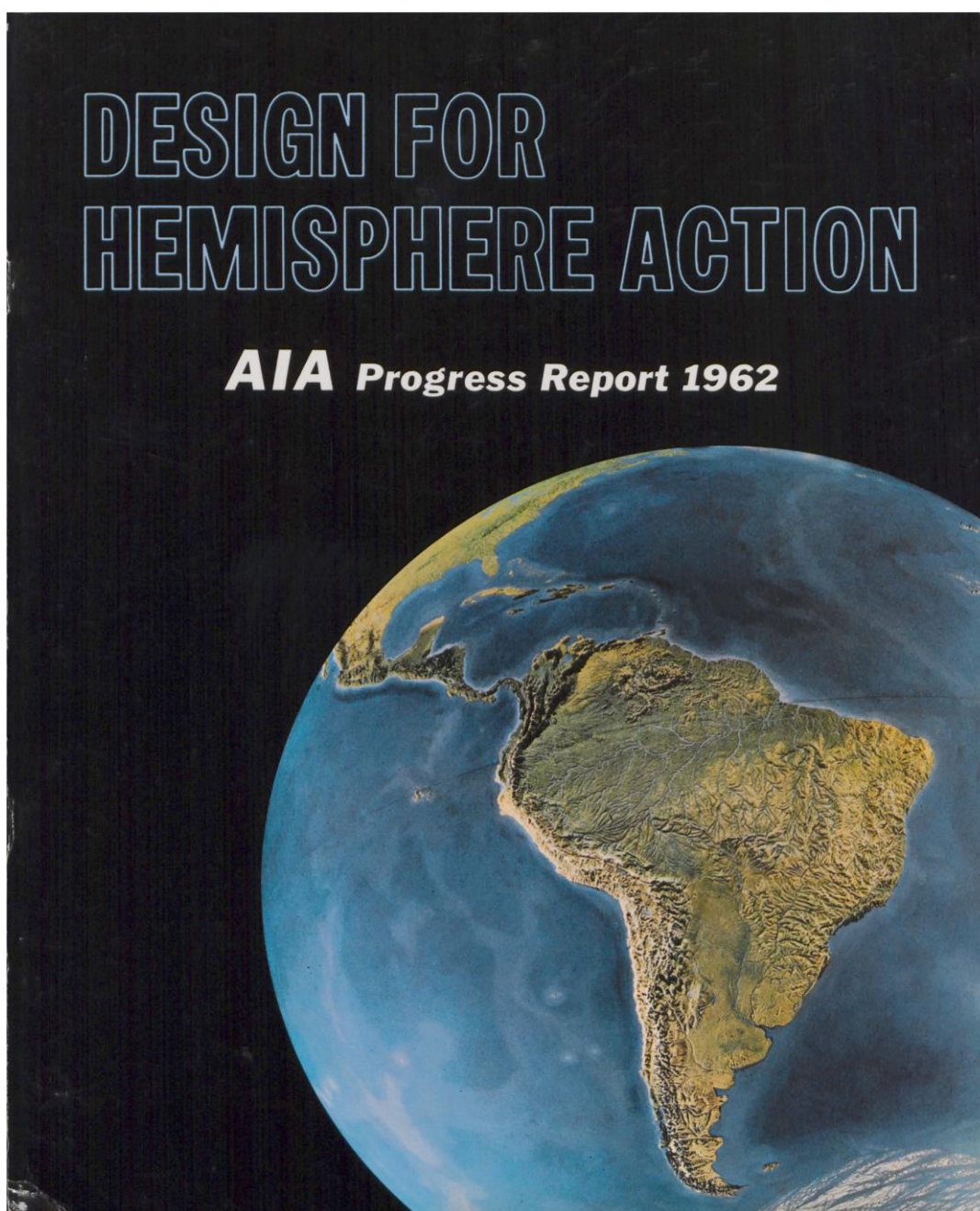
O mundo de amanhã, brilhante com a promessa de uma vida melhor, necessita de novos caminhos para a marcha da ciência e da tecnologia sobre os obstáculos da linguagem, raça e tradições. A AIA é um caminho para preencher esses espaços entre as pessoas para que então os benefícios da ciência e da nova tecnologia possam se espalhar mais amplamente sobre a terra<sup>147</sup>.

O Relatório Progresso da AIA - 1962 trazia em sua capa o globo terrestre com a representação das Américas em destaque, além do título que remetia a um projeto de ação para o hemisfério ocidental, conforme preconiza a Figura 12. Na verdade, a parte do continente americano em destaque é aquele que se refere à América Central e do Sul, ou seja, aquela parte que juntamente com o México seria alvo da ação da AIA. Contrastando com o fundo negro representativo da grandeza do Universo, o subcontinente reluz a partir da ação da AIA. Essa parece ser uma mensagem da qual se pode extrair da capa do referido relatório. Nessa mirada, a AIA era aquela que trazia a luz para os povos que necessitavam da ajuda para que alcançassem o pleno desenvolvimento econômico e social.

---

<sup>147</sup> “Tomorrow’s world, bright with promise of better living, needs new highways for the march of Science and technology over the obstacles of language, race and customs. AIA is one way of bridging these gaps between people so that the benefits of science and the new technology can spread more widely over the earth”.

**Figura 12** – Capa do Relatório de Progresso da AIA - 1962



**Fonte:** RAC, Records FA079, series 3: Publications and Miscellaneous. (Box 43, folder 316).

Publicado também em língua espanhola, a apresentação do Relatório é uma descrição tanto da visão de mundo da AIA em relação à América e os americanos, quanto reiterava o papel dessa Associação no sentido de fazer com que os latino-americanos cressem na sua potência transformadora para a região. Na apresentação os autores utilizaram-se de um

jogo de frases e imagens<sup>148</sup>. O documento ao mesmo tempo em que reafirma a visão sobre o subcontinente, destaca os supostos benefícios já alcançados depois de 16 anos da criação da AIA. No trecho a seguir apresento a transcrição traduzida da versão em espanhol do referido documento. Para isso fiz um agrupamento do texto para melhor organicidade na narrativa dessa tese.

### **Plano de ação para as Américas – AIA – Informe de Atividades de 1962**

Estes são os rostos da América Latina. Rostos de gente que encontra seu caminho; que tem a promessa, a força, e a vontade de dar esperança a seus irmãos de situação incerta. Gente que tem encontrado dignidade através do conhecimento e que sabe que efetivamente executado o trabalho físico entediante somente recompensa quando está eficientemente planejado. Isto não acontece durante a noite. Não chega de panaceia. Nem por revolução. Nem por demagogia. Esta vida se alcança através do estudo, ajuda mútua e colaboração sincera.

**A Associação Internacional Americana para o desenvolvimento econômico e social (AIA)**, crê que a ajuda técnica consiste em: estudar os aspectos econômicos e sociais de uma situação, planejar os procedimentos apropriados para melhorá-los, e então, treinar uma equipe da área para realizar o programa. A AIA não coopera no treinamento dos agricultores de forma individual, seu método de operação. Baseia-se no fator de multiplicação, para ajudar a treinar o treinador. A AIA toma parte em determinada atividade só quando convidada a trabalhar em sociedade com entidades governamentais e privadas.

De um trabalho inicial com dois países trabalha agora com 20, em cooperação com a Organização dos Estados Americanos, através do Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas. As operações baseiam-se na convicção de que para os benefícios serem duradouros em cada programa de melhoramento devem participar ativamente todos. Como política, a AIA prefere colocar à disposição dos povos, serviços profissionais de alto nível em vez de dinheiro. Quando um programa está funcionando eficazmente sob a direção de pessoal local a AIA se retira.

O melhoramento dos níveis de vida de uma população livre é realizado de forma mais eficaz através de processos evolutivos e mudança ordenado. Para isto estudos são realizados sobre os recursos da terra, os recursos humanos e o processo de comunicação de novas ideias.

Os programas de treinamento se desenvolvem então em áreas tais como: Métodos agrícolas melhorados; Práticas modernas de saúde; Liderança para juventudes rurais; Treinamento para ensino vocacional; Técnicas efetivas de comunicação; Programa de crédito supervisionado para projetos de desenvolvimento rural; e Treinamento de técnicos para que se realizem tudo isso.

O que foi alcançado em 16 anos? Estudos sobre o uso da terra que cobriram 260.000.000 hectares, dando como resultado milhões de hectares de terras agrícolas produtivas. Investigações sobre ciências sociais cobriram 10 países. Realizaram investigações sobre comunicações básicas em 23 comunidades

---

<sup>148</sup> Incluí como Anexo 2 a apresentação do Informe da AIA de 1962 procurando mantê-lo o mais próximo possível do original. Porém, as imagens foram editadas como forma de preservar a disposição conforme o documento consultado e com o objetivo de ocupar menos espaço nessa tese.



de quatro desses países. Os treze mil extensionistas agrícolas treinados estão trabalhando agora com cem mil famílias rurais. Mais de cinquenta mil indivíduos assistiram a demonstrações de métodos e reuniões dirigidas por técnicos treinados pela AIA. No Brasil, milhares de famílias rurais receberam conselho e ajuda financeira supervisionada de 600 técnicos. Na Venezuela, o treinamento de agricultores ajudou a aumentar a produção agrícola. Os programas educativos de nutrição estenderam-se a vinte e cinco mil famílias, reduzindo significativamente o número de enfermidades causados por má nutrição. Mil líderes foram treinados para a juventude rural, que trabalham agora com um quarto de milhão de crianças. Um programa vocacional piloto provocou a criação de uma dúzia mais à sua semelhança. Em dezenove países foi dado treinamento a especialistas em comunicações para as massas, com o fim de que difundam informação básica sobre a saúde e a agricultura. Foram concedidos milhões de dólares em crédito agrícola supervisionado. O cancelamento desse crédito foi superior a 94%. A AIA tem 16 anos de experiência junto com seus companheiros da América Latina, no desenvolvimento de técnicas e operações que dão bons resultados. Esta conquista promotora se registra em termos de gente.

**José Pinto** conhecia ferramentas como estas, com as quais podia obter uma subsistência marginal. Agora, treinado no uso de maquinário agrícola, melhorou o nível de vida da sua família e materialmente contribuiu assim, com o bem-estar de uma nação. Outros podem comprar menos equipamentos para fazendas menores e são treinados no manejo de arados com animais.

A **senhora Fernandez** vivia assim em Magdalena. A AIA implantou um projeto piloto de habitação com o Ministério da Saúde e entidade privada local. A família Fernandez foi uma das escolhidas para empreender a construção de blocos de terra-cimento. Mais trinta famílias vieram para assistir e seguiram o exemplo. Resultado? Um programa de construção de habitação rural que cobre toda a nação.

**Rafael**, um menino dos vinte e cinco milhões que não tem escola a seu alcance. É inteligente, capaz. Entretanto a promessa desse menino teria sido suspensa se não fosse reconhecida sua habilidade através de seu trabalho no clube juvenil rural. Iniciou, com quarenta companheiros de clube, um programa de crédito supervisionado para a produção de mel de abelha. Os empréstimos foram pagos durante o primeiro ano. Agora Rafael vai a uma escola prática de agricultura. Em seu país, com a colaboração da AIA, o número de membros dos clubes juvenis rurais triplicou em um período de dez meses. Isso resultou em uma quantidade maior de solicitações de cooperação à AIA, do que ela pode oferecer.

**O trabalho a ser feito é formidável.** Uso da terra e desenvolvimento rural – transferência de pessoas das áreas rochosas da costa para planícies férteis, donde a agricultura mecanizada pode produzir mais alimentos. Programas pilotos de educação rural. Desenvolvimento de métodos de comunicações para cobrir a lacuna existente entre o conhecimento e sua aplicação útil. Investigação básica sobre o processo de adaptação das melhores práticas de saúde, educação e agricultura. A alfabetização. O desenvolvimento do trabalho dos clubes juvenis rurais. Em um mundo de ideologias opostas, o homem em uma situação de incerteza, é tentado a medir os atos da democracia em contraste com a promessa demagógica de soluções rápidas por meio da violência. Temos, no Hemisfério Ocidental, urgente necessidade de cooperação mútua.

A Associação Internacional Americana fundada em 1946 por Nelson Rockefeller e seus irmãos, ajudou a guiar o homem em uma situação de incerteza, pelo caminho da democracia. Trabalhando com universidades, governos, entidades locais e internacionais, colabora com o estabelecimento

de um meio para a mudança econômica e social planejada – um plano de ação hemisférica para esta gente: O líder, O dedicado agricultor, O jovem com aspirações que estão cruzando o limiar de uma nova vida.

Essa fonte é uma espécie de profissão de fé da AIA para a América Latina. Só que vai além da crença, da expectativa e das diretrizes de trabalho em relação ao subcontinente. Aos olhos da Instituição os resultados eram visíveis e promissores. Os exemplos foram citados de forma a convencer o leitor que se os latino-americanos seguissem os ditames do conhecimento técnico, do planejamento, se não fossem seduzidos por ideias “demagógicas” ou de revoluções baseadas em violência, o caminho do progresso era o que esperava a cada homem e mulher das Américas. A AIA por meio das suas ações encabeçadas pelo seu pessoal técnico daria o incentivo aos latino-americanos. Estes, quando incorporados a visão de mundo da Associação estariam capacitados para sem o auxílio dessa trilharem seus próprios caminhos. Nesse processo a juventude rural teria um papel importante. A estratégia da AIA, nesse sentido, foi a de formar líderes de jovens rurais. Segundo a fonte foram treinados mil líderes e estes organizaram até a data do documento cerca de 250 mil outros jovens. No documento tem o exemplo do jovem Rafael que foi “colocado no caminho do progresso” pela ação da AIA e especificamente dos clubes juvenis rurais. Não importa saber no documento quem era Rafael, onde e como vivia. Muito menos quem eram seus pais e o que pensavam sobre o mundo. Importava que a partir da AIA sua vida teria sido transformada e, claro, segundo o discurso da Instituição, obviamente, para melhor.

Martha Dalrymple (1968), jornalista contratada da AIA que escreveu uma “história” dessa instituição, claramente também com um sentido laudatório, destacou em seu livro as duas áreas de maior atenção da AIA na América do Sul: Venezuela e Brasil. Na Venezuela, segundo Dalrymple (1968, p. 142), Howard Law<sup>149</sup> foi um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento dos Clubes 5-V (Valor, Vigor, Verdade, Vergonha, Venezuela). Foi ele que alterou a maneira que os clubes venezuelanos, criados desde 1938, funcionavam. Inicialmente os Clubes 5-V se organizavam junto às escolas e, portanto, sujeito à disciplina dos professores e envolvido nas questões curriculares. Segundo Law isso trazia muitas desvantagens incluindo a falta de conhecimento técnico dos professores em áreas como a agricultura e a economia doméstica. Além disso, os clubes operavam apenas durante o período letivo. Havia, segundo ele, a crítica dos pais dos estudantes, pois esses eram

---

<sup>149</sup> Segundo Rosenberg (2016, p. 194) Law foi um técnico norte-americano voltado ao desenvolvimento internacional. Teve atuação direta com os Clubes 5-V da Venezuela e nesse país foi diretor do Conselho de Bem-Estar Rural – CBR, a agência de desenvolvimento rural Venezuela patrocinada pela AIA.

colocados para trabalhar nos jardins das escolas e os produtos eram consumidos nesses locais. O fato também dos professores serem os “líderes” não por vocação e sim pela autorização ministerial e os clubes serem parte do currículo, portanto, algo compulsório, também eram considerados desvantagens, segundo Law, desse tipo de clube. Assim, defendia a ideia que os clubes seguissem o padrão dos Estados Unidos, separando-os das escolas e dessa forma baseados em princípios de voluntarismo. Segundo Dalrymple (1968, p. 142) a atuação de Howard Law e a mudança de concepção na organização dos clubes fez com que esses se transformassem em um grande sucesso instantâneo. A narrativa de Dalrymple é exemplar do tom laudatório sobre os clubes na Venezuela, como também em relação a todo trabalho da AIA.

Os clubes foram um sucesso instantâneo. Havia tantos aspirantes a sócios entre os jovens que as comunidades poderiam facilmente ter apoiado 50 clubes. Toda vez que um clube realizava uma reunião, havia uma multidão de crianças aglomeradas ao redor das janelas observando o que acontecia e esperando entrar (DALRYMPLE, 1968, p. 143, tradução minha)<sup>150</sup>.

Para essa autora não havia conflito, tensões, disputas. Pelo contrário, haveria interesse, desejo, entusiasmo com o desenvolvimento dos clubes. Para ela a partir do modelo norte-americano a ideia foi assimilada. O número de clubes e de sócios teria crescido de forma acentuada. Além disso, as escolas e faculdades agrícolas passaram a dar preferência a candidatos que tinham experiência nos Clubes 5-V venezuelanos. Esperava-se que os antigos sócios de clubes já tivessem uma iniciação na visão de mundo que se buscava desenvolver. Nos clubes eles teriam recebidos muitos conhecimentos técnicos para as atividades agrícolas e de economia doméstica. E mais do que isso teriam se envolvido com a mentalidade que defendia a técnica, a racionalidade científica e os valores morais expressos nos significados dos 5-V. Os futuros profissionais formados nas escolas agrícolas também deveriam carregar essas características.

Ora, esse tipo de descrição elogiosa do trabalho com a juventude rural foi também observado para o caso brasileiro. Isso ficou explicitado quando Dalrymple (1968) citou um trecho da fala do Presidente da República do Brasil, o Marechal Artur da Costa e Silva (1967-1969) durante uma cerimônia no Palácio da Alvorada em Brasília, em 1967, em comemoração ao 15º aniversário do início dos Clubes 4-S no país. Segundo essa autora o Presidente do

---

<sup>150</sup> “The clubs were an instant success. There was such a rush of would-be members among the youngsters that the communities could easily have supported fifty clubs. Every time a club held a meeting, there was a mob of kids clustered around the windows watching what went on and hoping to get in”.

Brasil teria afirmado sobre os clubes que

talvez a parte mais importante do trabalho do movimento dos Clubes 4-S seja a prática da democracia como é realizada na reunião dos clubes, o senso de cooperação e ajuda aos trabalhos de melhoria da comunidade, e a criação da liderança responsável entre os jovens (DALRYMPLE, 1968, p. 145, tradução minha)<sup>151</sup>.

Dalrymple assim dava forma a uma política da AIA de procurar caminhar lado a lado aos líderes políticos locais nos seus projetos desenvolvidos na América Latina. A fala do presidente brasileiro, portanto, estaria em consonância à visão de mundo vislumbrada pela agência norte-americana de modernização dos meios rurais a partir dessa parcela da população. Além de tomar partido de uma ideia de jovens com ímpeto transformador, Costa e Silva também reforçava a ideia de uma juventude responsável, ou seja, atenta aos ditames da ordem política estabelecida<sup>152</sup>.

Para exaltar o trabalho desenvolvido sobre o espectro da AIA, Dalrymple também destacou os personagens envolvidos. Um exemplo é sua descrição de um traço da personalidade de Santiago Duran Apodaca, popularmente chamado por Jimmy. Originário do estado norte-americano do Novo México, Jimmy chegou ao Brasil em 1952. Foi logo tomando parte do trabalho de extensão e ficou responsável por introduzir a filosofia dos Clubes 4-S no país. Além disso, atuou como Diretor da ACAR-MG e em 1957 foi para o Rio de Janeiro onde se tornou assessor técnico da presidência da ABCAR. Dalrymple destacou uma fala de (Jimmy) Apodaca pela qual ele deixa explicitado a sua crença, que, é por sinal bastante semelhante a da jornalista da AIA, no desenvolvimento dos clubes. Para Apodaca a ideia de uma juventude organizada em clubes rurais voltados para a ideia de progresso seria facilmente aceita por todos os povos.

Este programa é a coisa mais fácil do mundo para vender. Todo mundo adora crianças e até aqueles que têm dúvidas são rapidamente vencidos e percebem a influência que o programa exerce sobre as crianças. É depois de ter vendido a ideia que a parte difícil começa. Você tem que ser correto com os jovens. Eles não aceitam nenhuma solução de má qualidade ou uma quase

---

<sup>151</sup> “Perhaps the most important part of the work of the 4-S Club movement is the practice of democracy as it is carried out in club meetings, the sense of cooperation and aid to the works of community betterment, and the creation of responsible leadership among young people”.

<sup>152</sup> Pode-se afirmar que houve até algum tipo de desconfiança por parte de alguns militares após 1964 sobre o trabalho desenvolvido com os jovens rurais. Mas, ao mesmo tempo em que eram esclarecidos dos propósitos, organização e funcionamento dos clubes e da sua relação com os 4-H Clubs dos Estados Unidos, os militares não só viram com bons olhos essa experiência como deram apoio ao movimento quatroessista. Em ocasiões distintas representantes dos 4-S foram recebidos na capital federal por Presidentes e/ou Ministros da Agricultura como também participaram de eventos organizados envolvendo a juventude rural organizada em torno dos 4-S. Sobre os Clubes 4-S durante a Ditadura Militar no Brasil, ver Gomes (2013 - b).

solução. Muitas pessoas ficam geladas quando percebem que estão formando futuros cidadãos. Eu conheço líderes voluntários e profissionais que ficam assustados. Eles sentem que a responsabilidade é muito grande (DALRYMPLE, 1968, p. 145-146, tradução minha)<sup>153</sup>.

Aliás, essa era a ideia literalmente divulgada nos escritos da AIA e nos documentos elaborados ou reelaborados pela ACAR/ABCAR acerca da juventude rural. Foi comum perceber o reforço da ideia de que não teriam motivos para os clubes não serem aceitos pelas populações dos meios rurais. Além disso, em uma espécie de conselho, havia o destaque que para se alcançar a juventude eram necessárias respostas rápidas, diretas e claras às suas questões, sejam elas referentes à vida presente e ao que imaginavam ser os planos de vida dessa camada da população. Atender a esses pressupostos significaria leva-los à construção de um mundo novo para o meio rural no qual os jovens teriam papel de destaque, sendo considerados elementos de inovação.

Nesse processo, os jovens rurais dos Estados Unidos e a agricultura desse próprio país, eram representados como modelares e, portanto, espelhos aos quais deveriam mirar os povos latino-americanos. A AIA teve papel de destaque em espalhar essa ideia pelo continente americano, como fica evidente no trecho que se segue:

O sucesso fenomenal do movimento 4-H Club nos Estados foi um fator decisivo no esforço da AIA para adaptá-los às necessidades dos países latino americanos. [...]. O presente vigor e a força dos Estados Unidos são devidos em parte a esse difundido e dedicado movimento que surgiu em um ponto crucial do nosso desenvolvimento nacional. Ele ajudou a construir a agricultura maravilhosamente produtiva dos Estados Unidos, que é uma maravilha da nossa era. De certa forma, a América Latina está em um ponto de desenvolvimento comparável ao dos Estados Unidos no início do século (AIA, 1966, p. 7-9, tradução minha)<sup>154</sup>.

“Sucesso fenomenal” dos 4-H, Estados Unidos como modelo de desenvolvimento ao qual a América Latina deveria perseguir, e a AIA como grande incentivadora desse processo. Parte considerável do modelo de extensão desenvolvido pela ACAR/ABCAR se

---

<sup>153</sup> “This program is the easiest thing in the world to sell. Everybody loves children and even those who have doubts are quickly won over when they see the influence the program has on the kids. It is after you have sold it that the difficult part starts. Because you have to be right with young people. They won’t take any shoddy thinking or half-right solutions. Lots of people get cold feet when they realize they are forming future citizens. I have known both professional and volunteer leaders to get scared. They feel the responsibility is too great”.

<sup>154</sup> “The phenomenal success of the 4-H Club movement in the United States was a decisive factor in AIA’s striving to adapt it to the needs of the Latin American countries. [...]. The present vigor and strenght of the United States are due in part to this widespread, dedicated movement which came along at a crucial point in our national development. It helped to build the wonderfully productive U.S. agriculture that is a marvel of our age. In a way, Latin American is at a point of development comparable to that of the United States at the beginning of the century”.

amparava em torno dessas premissas. Para os jovens rurais o *know how* da AIA, mais a filosofia dos 4-H Clubs constituíram a base na qual os Clubes 4-S no Brasil se estabeleceram. Assim, um dos resultados das ações da AIA no continente foi o aumento do conhecimento de parte da experiência dos Estados Unidos em torno das ações de organização da juventude rural. A partir da presença da AIA na estruturação do Serviço de Extensão Rural no Brasil, jovens brasileiros participaram de programas de intercâmbio e trocas de experiências com os jovens de outros países, mas, sobretudo, daqueles que se baseavam no modelo dos 4-H para o desenvolvimento dos meios rurais. Um desses momentos se deu com o estabelecimento da International Farm Youth Exchange – IFYE ou Intercâmbio Internacional da Juventude Rural.

### 2.2.2 International Farm Youth Exchange – IFYE

Em 1948 foi organizada nos Estados Unidos a *National 4-H Club Foundation of America*<sup>155</sup>. Ela foi constituída como uma instituição educacional privada, sem fins lucrativos e que deveria reunir esforços na arrecadação de recursos para o desenvolvimento do trabalho com a juventude rural. A *National 4-H Club Foundation* deveria se voltar para a educação para a cidadania, treinamento de líderes de clubes, desenvolvimento de programas e projetos de pesquisa de Extensão que serviriam como base para avaliação, implementação e crescimento de ações com os jovens. Além desses três objetivos gerais, a National 4-H Club Foundation atuaria nos programas internacionais dos 4-H através do IFYE.

O International Farm Youth Exchange é um programa 4-H no qual os jovens selecionados vivem e trabalham com pessoas dos meios rurais de outros países de quatro a seis meses. Desde o começo de 1948, houve 1.546 delegados norte-americanos enviados para 67 países e 1.750 trocas estrangeiras que visitaram 48 estados e Porto Rico. O IFYE é conduzido pela Fundação Nacional 4-H, Washington D.C., em nome do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. Nos países cooperados o IFYE é conduzido pelas organizações de juventude rural, grupos agrícolas e ministérios da agricultura (IFYE/IICA, 1964, tradução minha)<sup>156</sup>.

<sup>155</sup> Para maiores detalhes sobre a National 4-H Club Foundation ver: Wessel e Wessel (1982) e IFYE/IICA (1964).

<sup>156</sup> “The International Farm Youth Exchange (IFYE) is a 4-H program in which selected young people live and work with rural people in other countries from four to six months. Since it began in 1948, there have been 1,546 U.S. delegates sent to 67 countries and 1,750 foreign exchanges who visited in 48 states and Puerto Rico. IFYE is conducted by the National 4-H Club Foundation, Washington D.C., in behalf of the U.S. Department of Agriculture. In the cooperating countries IFYE is conducted by rural youth organizations, farm groups and ministries of agriculture”. É importante citar que esse documento foi produzido pelo IFYE/IICA a partir do Quarto Seminário Interamericano de Líderes de Juventudes Rurais, realizado em São José e Turrialba, na Costa Rica, entre 28 de outubro e 05 de novembro de 1964. O evento foi patrocinado pela Fundação Nacional 4-H dos Estados Unidos e pela *Sears Roebuck Foundation* (EUA) em colaboração com o Serviço de Extensão Agrícola do Ministério da Agricultura e Pecuária da Costa Rica; Centro de Ensino e Investigação; Instituto Interamericano

De um lado tinha-se a National 4-H Club Foundation que tinha a missão de arrecadar fundos para o trabalho com a juventude. Com o IFYE, também instituído em 1948, o caráter internacional do projeto educacional para os jovens rurais foi explicitado. Esse dizia respeito à necessidade propagada pelos responsáveis pelos 4-H de que existiam pontos em comum entre os jovens de diferentes regiões do mundo em termos de uma formação técnica e moral desejada para essa faixa etária. Mas, se haviam pontos em comum, também existiam diferenças em relação ao que se supunham os estágios de desenvolvimento cultural e econômico que os povos deveriam passar. Uma juventude que repetisse os mesmos modos de vida e de produção dos mais velhos era considerada um empecilho para se alcançar o desenvolvimento. Assim, caberia aos jovens ser uma espécie de ponte entre as ideias e práticas propaladas pelos extensionistas e os adultos. Se o projeto educacional baseado na organização dos clubes tinha um foco voltado a cada um dos jovens envolvidos, ele também tinha uma dimensão de formação e treinamento de pessoal capacitado para ser multiplicador da filosofia de trabalho aos moldes dos 4-H e seus similares, como os 4-S do Brasil. O caráter internacional desse trabalho assim se evidencia na medida em que tanto a National 4-H Club Foundation quanto o IFYE se esforçavam para que se constituíssem mais e mais jovens aptos para o trabalho com esse grupo etário e assim para que o ideário dos 4-H/4-S se espalhasse para outras regiões do mundo. A partir do IFYE tanto os jovens norte-americanos iam para outros países, quanto os jovens estrangeiros iam para os Estados Unidos para compartilhar experiências acerca de clubes de jovens.

Nos últimos dias de julho de 1961, 103 jovens de 35 países encontraram-se no “campus” da Universidade de Purdue, no Estado de Indiana, U.S.A., para promover a compreensão mundial e uma vida rural melhor para os povos. Eram eles os delegados de 1961 ao Intercâmbio Internacional da Juventude Rural, patrocinado pela Fundação 4-H de Washington, D.C. e organizações tanto particulares como do governo, nos países de origem. Entre os meses de abril e novembro, cada delegado passou 6 meses em meia dúzia ou mais fazendas, bem afastadas umas das outras, nos Estados Unidos. Em Purdue, ponto de encontro da jornada, eles se encontraram para discutir assuntos de interesse comum. [...]. Em Purdue, os 21 delegados da América Latina tiveram oportunidades de discutir os trabalhos dos clubes, não somente com Irã e Nepal, mas também com trabalhadores de clubes de outros países da Europa e da Ásia (FORD MOTOR COMPANY, 1962, p. 148).

Segundo o Suplemento Bimestral do Anuário Ford para a Juventude Rural das Américas (mar/abr, 1962, p. 2) esses 21 jovens “iniciaram um curso de seis etapas de

treinamento, culminando com planos específicos que serão aplicados em suas comunidades”. As seis etapas foram: 1º) treinamento em Washington onde conheceram os líderes nacionais dos 4-H; 2º) Treinamento nas fazendas com famílias e líderes de clubes; 3º) Curso prático na Purdue University sobre melhoramento rural; 4º) Período em outras fazendas onde iniciaram os trabalhos nos projetos de suas próprias comunidades; 5º) Retorno à Washington para verificarem com os conselheiros se seus projetos estavam adaptados às condições locais; 6º) Seminário na Costa Rica na sede do IICA em Turrialba. (FORD MOTOR COMPANY, mar/abr, 1962, p. 2).

O que ficava demonstrado era a circulação do modelo dos clubes de jovens rurais, nos moldes dos 4-H dos Estados Unidos. “A ideia dos *4-H Clubs* agora circunda o globo. Cerca de 74 países têm programas de juventude como os 4-H, adaptados às suas próprias necessidades (USDA, 1969, p. 14, tradução minha)<sup>157</sup>”. Era essa a conclusão de um documento que promovia o trabalho dos clubes nos Estados Unidos. A partir da lógica de cooperação internacional desenvolvida a partir do fim da década de 1940 havia a crença de que os jovens pudessem contribuir para um mundo diferente daquele que havia presenciado os horrores da Segunda Guerra Mundial. Promessas de um mundo de entendimento, de cooperação, de amizade, de respeito aos outros povos foram feitas e por meio dos jovens, incluindo aqueles dos meios rurais, acreditava-se em uma era de prosperidade, de compreensão e de paz para o mundo. Em documento produzido pela ABCAR (fev/1960) o discurso entusiasta e de exaltação ao papel dos jovens nesse cenário também foi ressaltado:

Após o término da II Guerra Mundial membros dos Clubes 4-H dos Estados Unidos e outras organizações de jovens, assim como a comunidade americana em geral, sentiram a necessidade de evitar que outro igual flagelo ocorresse entre os povos. Somente a compreensão entre os povos, mais especificamente, um mútuo entendimento entre os povos rurais americanos e os jovens de outros países, poderia consolidar a paz mundial (ABCAR, fev/1960).

Havia a clara defesa de que seria importante para os jovens brasileiros conhecerem outras experiências. Os Estados Unidos, pelo menos na visão da ABCAR, acerca da juventude rural, deveriam ser o espelho pelo qual os jovens rurais brasileiros deveriam ter suas ações como modelo. Era assim ressaltada a ligação entre o modo de vida dos norte-americanos e dos brasileiros, o que fica patente a partir da explanação dos objetivos do IFYE que segundo essa fonte buscava:

---

<sup>157</sup> “The 4-H clubs idea now circles the globe. About 74 countries have youth programs like 4-H, adapted to their own needs”.



Dar aos jovens brasileiros a oportunidade de se familiarizarem, por experiência própria, com os hábitos de vida norte-americanos. Auxiliar a mútua compreensão dos problemas e atitudes das populações rurais brasileiras e norte-americana (ABCAR, fev/1960).

A partir desse folheto da ABCAR foi possível inferir que o IFYE não era um programa técnico de agricultura em si, sendo seu objetivo bem mais amplo do que uma formação apenas para o trabalho. O programa de intercâmbio visava a inserção do jovem na cultura do país que o recebia, durante todo o período que ele ficava no estrangeiro, o que girava em torno de quatro a seis meses. Para isso o jovem passava a ser como um novo membro da família que o hospedava. Cabia ao jovem brasileiro nos Estados Unidos ou ao jovem norte-americano no Brasil, aprender com a cultura local ao mesmo tempo em que seria uma espécie de embaixador da cultura do seu país de origem. Mas, mesmo não sendo um programa técnico em si destinado exclusivamente às referências do meio rural, estas não foram relegadas a segundo plano. Pelo contrário, os brasileiros nos Estados Unidos tiveram contato com uma agricultura que passava por um intenso processo de transformação. As formas de produção da agricultura norte-americana cada vez mais se modernizavam com a utilização de maquinário e insumos agrícolas<sup>158</sup>. É possível deduzir que o impacto no imaginário dos jovens brasileiros que passaram pela experiência do intercâmbio tenha sido bastante marcante e tenha influenciado dentre outros aspectos as maneiras como passaram a enxergar a vida nos meios rurais em que viviam no Brasil. Por outro lado, também, essa experiência pode ter sido marcante por ter acentuado as diferenças entre as realidades de cada um dos países.

A presença de jovens norte-americanos no Brasil e principalmente a relação aos Clubes 4-S foi reportada nas páginas de periódicos que faziam a divulgação do trabalho com a juventude rural e sobre Extensão Rural, tais como *O Trevo*<sup>159</sup> e *O Ruralista*. Em março de 1959, por exemplo, os jovens norte-americanos Edward Jerome Orr, Ronald Bath e Marjorie Dolores Roecker retornaram aos Estados Unidos depois de terem passado um período no Brasil aprendendo sobre a cultura do país. Já no início no primeiro semestre do ano de 1960 era reportada como sendo grande a expectativa dos quatroessistas das cidades mineiras de Barbacena, Teixeiras, Elói Mendes e Diamantina para receberem a visita dos jovens americanos Carla Hoyt e Richard Karl Rauckie. Em setembro daquele ano os jovens

---

<sup>158</sup> No já citado Anuário da Agricultura de 1940, inúmeros autores tratavam das transformações processadas na agricultura dos Estados Unidos. Ver: USDA (1940).

<sup>159</sup> Sobre esses aspectos ver principalmente os exemplares de *O Trevo*: nº16 (mar/1959); nº28 (jun/1960); nº30 (set/1960); 74 (ago/1965); 78 (dez/1965) e 105 (maio/jun/1968).

quatroessistas sócios do Clube 4-S São José de Elói Mendes destacaram a visita da norte-americana Carla Hoyt. A moça foi sócia de Clube 4-H durante 12 anos e naquela época era líder do seu clube.

Mesmo que não houvesse a presença literal de estrangeiros entre os clubes no Brasil ou de jovens quatroessistas fora do país, os editores de *O Trevo* procuraram criar mecanismos para diálogos entre eles. Havia uma seção nesse jornal intitulada “Conversando com os Leitores”. Ela era uma espécie de Editorial no qual os responsáveis pelo jornal procuravam se dirigir diretamente ao seu público, os jovens rurais. Também era destinada às correspondências enviadas pelos jovens mineiros aos editores do jornal onde reportavam quaisquer eventos que envolvessem o trabalho nos clubes. Muitas vezes foi uma forma também de comunicação entre os jovens de diferentes regiões do estado mineiro. Mas, no início da década de 1960, em um claro exemplo do esforço de estreitar a comunicação entre jovens de diferentes países, houve referências a desejos expressos tanto por mexicanos, quanto norte-americanos de se corresponderem com os brasileiros. Na edição de nº33 (janeiro), na seção do jornal chamada “Sociais”, constava a informação que a professora rural mexicana, Sara Saluz de Heidz havia escrito para os quatroessistas mineiros solicitando que esses se correspondessem com ela. Na edição de nº34 (fevereiro/março de 1961) da seção “Conversa com os Leitores” havia o destaque que alguns dos sócios de Clubes 4-H dos Estados Unidos queriam corresponder-se com sócios e líderes de Clubes 4-S do Brasil<sup>160</sup>. O jornal *O Trevo* também destacou que em 1965 quatro jovens norte-americanos vieram ao Brasil enquanto outros quatro brasileiros foram aos Estados Unidos. Para Minas Gerais, especificamente se dirigiram dois sócios dos 4-H norte-americanos: Linda Marlene

---

<sup>160</sup> Não encontrei maiores detalhes sobre essas possíveis correspondências e quem eram os missivistas dos 4-H Clubs dos Estados Unidos nas páginas de *O Trevo*. Será que essa comunicação não foi tão eficaz quanto pretendiam os editores do jornal? Paralelo a ausência dessas correspondências, ocorreram reiteradas cobranças para que os sócios dos clubes enviassem notícias de todo o tipo para o jornal. Sílvio Carvalho, redator de *O Trevo* naquele ano de 1962, por exemplo, foi enfático ao afirmar: “Nossos repórteres não sei porque, andam sumidos, e isso me deixa com uma pergunta: Será que os acontecimentos não merecem ser contados? Para dizer a verdade, eu não acredito nisso. [...] É preciso, pois, deixar a preguiça de lado, e escrever”. (*O TREVO*, VI, 43, agosto de 1962, p. 2). O editor do jornal parece desconsiderar que grande número de quatroessistas mineiros não tinha acesso a escola ou quando a acessavam a permanência nessa era bastante reduzida. Conforme pesquisa realizada por Memória (1964), em 151 clubes de dez escritórios regionais da ACAR-MG, totalizando 2.179 sócios, ele chegou a média de 2,85 anos que cada um dos sócios permanecia na escola. Os dados da pesquisa de Memória (1964) foram coletados entre julho e dezembro de 1963. Apesar disso o editor credita a ausência de notícias à preguiça dos meninos e meninas dos clubes. Auckje Mary Werkema, editora de *O Trevo* em 1964 também cobrava o envio de matérias afirmando que a seção que destacava o líder do mês de um Clube 4-S de Minas Gerais não havia sido publicada por falta de envio de material. (*O TREVO*, VIII, 65, outubro de 1964). Pode-se atribuir essa falta de material a ser publicado a vários fatores: dificuldade de comunicação dos extensionistas com os jovens sobre a função de *O Trevo* e o próprio desinteresse dos jovens com esse tipo de registro. Mas, certamente a baixa escolaridade e as dificuldades com a leitura e escrita certamente são centrais nesse quesito. Segundo AIA (1961, p. 17), 76% da população rural brasileira era analfabeta e a cada quatro crianças em idade escolar primária, apenas uma estava na escola.

Snodgrass e Carl Mac Willians Castleton. A presença desses dois jovens estrangeiros em terras mineiras em 1965 representou grande expectativa pelo menos para os extensionistas promotores do trabalho com a juventude. A iminência da chegada em Minas Gerais de membros de um clube dos Estados Unidos e de toda a mística que era relatada acerca dos 4-H Clubs foi noticiada como um grande acontecimento para os jovens da região Sul do estado mineiro. Desta forma o Comitê Municipal de Extensão Rural de Ouro Fino enviou um ofício ao Supervisor Regional da ACAR em Pouso Alegre com referência à presença de Linda Marlene no qual deixava explícito a expectativa e o desejo para que os integrantes dos clubes mineiros se espelhassem no exemplo que vinha do país norte-americano:

Estamos certos de que a visita da Srta. Linda Marlene Snodgrass muito contribuirá para o desenvolvimento dos nossos Clubes 4-S, quando esperamos tirar os melhores proveitos e proporcionar à visitante dias agradáveis e proveitosos. Esperamos que seja encontrado entre os clubes 4-S um jovem em condições de ir aos EE.UU., para colher ensinamentos naquela grande Nação e transmiti-los à nossa juventude, que será o arrimo do Brasil de amanhã (O TREVO, IX, 78, dez/1965, p. 4).

Em 1968 o jovem Lázaro Martinho de Melo, de Borda da Mata, cidade localizada no Sul de Minas Gerais foi para o Washington, nos Estados Unidos onde, naquele país, teria observado os trabalhos com a juventude rural. Lázaro na ocasião era estudante de Direito e atuava como líder de dois Clubes 4-S da sua região.

Seu período de estágio inclui uma estada de Washington, onde visitará o USDA (Ministério da Agricultura) e a Fundação 4-H. Terá contato com os programas em execução para orientar a juventude rural americana. Observará, sobretudo na fundação 4-H, a participação de entidades particulares em programas dessa natureza. Concluído o período em Washington, o líder mineiro viverá cerca de seis meses com famílias agricultoras (TREVO, XII, 105, maio/junho de 1968)<sup>161</sup>.

O IFYE não se referia apenas a intercâmbios envolvendo os jovens dos Clubes 4-S no Brasil. Como existiam também outras denominações de clubes, incluindo os 4-H no Paraná e São Paulo, também esse público poderia usufruir da possibilidade de intercâmbio.

---

<sup>161</sup> Esse fato também foi reportado no Jornal o Ruralista, edição de nº86 (2ª quinzena de maio de 1968). O título da matéria foi: “Líder quatroessista vai aos Estados Unidos” e foi publicada na página 1. Mesmo não constando a autoria de nenhuma das matérias, tanto em O Trevo, quanto em O Ruralista, pode-se afirmar que essa tenha sido de uma mesma origem, pois não há nada de diferente em termos de conteúdo, além do estilo da escrita ser muito semelhante. É provável que tenha sido enviado a notícia da viagem do jovem para os Estados Unidos pelos extensionistas responsáveis pelo trabalho com a juventude rural da região de Borda da Mata. Os editores dos respectivos jornais apenas a replicaram. Fazia parte da estratégia da ACAR-MG dar o máximo de publicidade possível a fatos e episódios que pudessem ser considerados como colaboradores da construção de uma imagem positiva sobre a Extensão Rural e nesse caso específico sobre a ação dos clubes.

Foi o que aconteceu, por exemplo, com dois jovens brasileiros dos estados de São Paulo e do Paraná em 1962, oriundos de clubes denominados 4-H nos seus estados e ligados à comunidade japonesa<sup>162</sup>.

Em prosseguimento ao programa de Intercâmbio Internacional da Juventude Rural (IFYE), encontram-se nos Estados Unidos os jovens brasileiros Akikoshi Aoki, do Paraná, e Jorge Hashegawa, de São Paulo, que realizam um estágio de seis meses com famílias rurais norte-americanas. Akikoshi Aoki, que é formado em Agronomia e Diretor da Escola Agrícola de Apucarana, já esteve residindo com famílias rurais de Indiana e em agosto passará a morar com agricultores de Washington. Jorge Hashegawa, que também estudou Agronomia, já esteve em Minnesota e irá agora para a Virgínia. O estágio se encerrará em outubro e é patrocinado pela Fundação Nacional de Clubes 4-H dos Estados Unidos, que mantém o programa IFYE. No Brasil o programa é coordenado pela ABCAR, em cooperação com suas Filiadas (INFORMATIVO ABCAR, 1962, p. 6.)

O programa de intercâmbio IFYE foi importante, nesse sentido, por difundir muitos dos princípios 4-H com a promessa de ações concretas visando trocas de experiências entre jovens de várias partes do mundo. A própria criação do IFYE foi ao mesmo tempo uma estratégia, como uma das razões que explicariam o crescimento de clubes aos moldes dos 4-H no pós Segunda Guerra Mundial.

Através do IFYE os jovens podem aprender outro modo de vida vivendo-o e podem entender melhor outros povos. Os próprios IFYE's são importantes no desenvolvimento de programas de jovens rurais, transplantando a ideia 4-H (IFYE/IICA, 1964, tradução minha)<sup>163</sup>.

Segundo essa mesma fonte os candidatos a IFYE deveriam ter entre 20 e 30 anos de idade, boa saúde, ensino secundário, algum conhecimento sobre atividades rurais, além de serem solteiros. Antes de viajarem para outro país eles recebiam orientações acerca da geografia, história, cultura e agricultura, e algum conhecimento da língua dos países anfitriões. Ao voltar para casa deveriam compartilhar suas experiências com os jovens, grupos cívicos e rurais para que estes continuassem (no sentido de difundir) este programa para as outras pessoas<sup>164</sup>. Os intercambistas chegavam nos Estados Unidos na época da primavera e

<sup>162</sup> No Brasil os denominados Clubes 4-H tiveram origem nos clubes 4-H do Japão. Com os imigrantes japoneses que se instalaram nos estados do Paraná e São Paulo vieram também a experiência dos 4-H que existia naquele país. Portanto, a entrada desses clubes no Brasil se dá a partir de uma tradição que poderia ser representada na sequência: Estados Unidos – Japão – São Paulo/Paraná. Diferentemente dos Clubes 4-S que como tenho mostrado tinham relações mais diretas com os 4-H Clubs dos Estados Unidos. Ver: FORD MOTOR COMPANY, 1960, p. 60-61 e 157.

<sup>163</sup> “Through IFYE, young people can ‘learn another way of life living it’, and can better understand other peoples. IFYEs themselves are importante in the development of rural youth programs, transplanting the ‘4-H idea’”.

<sup>164</sup> Havia a expectativa que 105 delegados IFYE's norte-americanos fossem trocados por 110 delegados de 42 países no ano de 1964. (IFYE/IICA, 1964).

retornavam para casa no outono. Dessa forma, eles poderiam observar o momento de maior intensidade das atividades agrícolas naquele país. Já a ida dos norte-americanos para os outros países dependia das temporadas agrícolas de cada região que iria recebê-los. Os países que participariam do intercâmbio de jovens em 1964 foram: Argentina, Austrália, Áustria, Bélgica, Brasil, Ceilão, República da China, Colômbia, Costa Rica, Dinamarca, Equador, Inglaterra/Gales, Finlândia, França, Alemanha, Honduras, Índia, Irlanda, Israel, Itália, Jamaica, Japão, Coreia, Luxemburgo, Malásia, México, Holanda, Nova Zelândia, Nigéria, Irlanda do Norte, Noruega, Panamá, Peru, Filipinas, Polônia, Escócia, Suécia, Suíça, Tailândia, Turquia, República Árabe Unida, Uruguai e Venezuela. (IFYE/IICA, 1964).

### **2.2.3 O Ponto IV de Truman e o Escritório Técnico de Agricultura Brasileiro – Americano - ETA e a Juventude Rural**

Apesar da presença de missionários, educadores, entidades filantrópicas norte-americanos em várias partes do mundo desde as últimas décadas do século XIX e início do XX, foi com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) que tal presença ganhou densidade. Ela foi baseada, desde aquele período, em um discurso pautado na cooperação entre os povos, na ajuda mútua em diversas áreas incluindo educação e saúde, na busca pela racionalidade científica na produção de alimentos, por exemplo. A agricultura assim teve papel relevante nesse processo. Segundo Mendonça (2010 – b)

A participação de técnicos estadunidenses no desenvolvimento agrícola do país foi inaugurada em inícios do século XX, quando um grupo de grandes proprietários agremiados pela Sociedade Nacional de Agricultura contatou experts americanos para respaldar essa mudança. A fé na experiência técnica dos Estados Unidos levou importantes lideranças do “movimento ruralista” – como Assis Brasil, Pereira Barreto, Arthur Torres Filho etc, - a convidarem agrônomos daquele país, como Vernon Cook, Clayton Smith, Benjamin Hunnicutt, Edward Green, dentre outros para integrarem a redefinição que então se promovia tanto na atividade produtiva, quanto no ensino agrônômico brasileiro. Para além de sua contribuição à diversificação agrícola do país, esses técnicos prepararam o caminho para o estreitamento dos laços comerciais entre Brasil e Estados Unidos, de onde viriam os implementos necessários à exploração da chamada “moderna agricultura” (MENDONÇA, 2010 – b, p. 67-68).

A presença de norte-americanos na América Latina, incluindo o Brasil, até a Segunda Guerra Mundial foi caracterizada pela iniciativa privada, incluindo as fundações de caráter filantrópicas como a Rockefeller e a Ford. Já a presença governamental é atribuída à

criação do Institute of Inter American Affairs – IIAA<sup>165</sup>, em 1942. O IIAA é considerado o início do trabalho de assistência técnica em educação, saúde e agricultura<sup>166</sup> dos Estados Unidos para com a América Latina. Tal processo ganharia novos contornos quando Harry Truman, em seu discurso de posse para seu segundo mandato de presidente dos Estados Unidos em 20 de janeiro de 1949, anunciou os quatro pontos em que se basearia sua política externa e que, segundo ele, visavam garantir a democracia e o combate à pobreza ao máximo de povos. Para esses propósitos deveriam ser dados ênfase aos seguintes pontos: “1) Apoio à ONU; 2) Recuperação da economia mundial; 3) fortalecimento das nações livres; 4) Tornar o conhecimento técnico norte-americano disponível para as regiões subdesenvolvidas” (AZEVEDO, 2008, p. 134). E foi justamente esse quarto ponto do discurso de Truman que ficou conhecido como o Ponto IV que estabelecia relações diretas com as políticas de Extensão Rural que foram desenvolvidas em várias partes do mundo, incluindo o Brasil.

O pós Segunda Guerra Mundial foi, portanto, um período significativo para a consolidação de uma política externa norte-americana voltada a “ajuda” aos povos considerados atrasados dentro da lógica econômica daqueles anos. Segundo Fitzgerald (1964), naquele contexto destacaram duas categorias de assistência conduzidas pelos norte-americanos: a militar e a econômica. Segundo esse autor, elas teriam sido as principais marcas das relações dos Estados Unidos com o restante do mundo. Além disso, dariam prosseguimento a uma longa tradição humanitária norte-americana contra a fome e o “sofrimento” dos povos. O tipo de assistência técnica, aquela que segundo Fitzgerald se confundia com o próprio Ponto IV de Truman, ocorria com o envio de técnicos norte-americanos “para trabalhar e ajudar os países a aumentar a competência técnica de seus nacionais em quase todos os campos de especialização e melhorar as instituições locais que operam nesses campos” (FITZGERALD, 1964, p. 502-503, tradução minha)<sup>167</sup>. Os norte-americanos designados para o trabalho no exterior eram empregados da USAID ou de outras instituições privadas que tinham contratos com a agência norte-americana. Podiam ser professores de universidades dos Estados Unidos que prestavam auxílio às universidades locais. Aqueles que iam para os Estados Unidos recebiam vários tipos de formação, desde cursos breves de observação ou práticos que envolviam diversas áreas incluindo, indústria,

---

<sup>165</sup> Segundo Tota (2014 – b, p. 136) o IIAA era uma espécie de filial do Office of the Coordinator of Inter-American Affairs criado por Franklin Delano Roosevelt em 1940 e que teve como coordenador Nelson Rockefeller. Ver também: Tota (2000).

<sup>166</sup> Fitzgerald (1964, p. 502). D.A. Fitzgerald era funcionário do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, onde ocupou vários cargos desde 1935.

<sup>167</sup> “[...] to work and help countries to increase the technical competence of their nationals in almost all fields of specialization and to improve the local institutions operating in these fields”.

mineração, agricultura, segurança pública, transporte, desenvolvimento comunitário, conhecimentos sobre órgãos do governo, até cursos acadêmicos de vários anos. Para Fitzgerald a ajuda fornecida seria benéfica aos norte-americanos e a todos os povos que comungavam da mesma visão de mundo dos Estados Unidos. Nesse sentido, a liberdade, a paz e a democracia eram vistas como consequências naturais dos programas de assistência. Se por um lado Fitzgerald reconhecia que o crescimento econômico acontecia em Outras condições, ele também afirmava que na ausência do crescimento econômico “as probabilidades aumentam enormemente de que haverá, mais cedo ou mais tarde, um violento movimento para a direita radical ou esquerda radical que seria incompatível com os nossos interesses” (FITZGERALD, 1964, p. 507, tradução minha)<sup>168</sup>. Conclui Fitzgerald que a agricultura tinha exercido, desde o fim da Guerra, um papel decisivo na política externa norte-americana

a contribuição da agricultura para esse crescimento tem sido o maior componente do programa de assistência externa dos Estados Unidos [...] e todos os elementos da comunidade agrícola dos Estados Unidos – O Departamento de Agricultura, as faculdades land-grant, os serviços de extensão, indústrias agrícolas, os próprios fazendeiros – tem ajudado a fornecer treinamento para milhares de agricultores de outros países (FITZGERALD, 1964, p. 507, tradução minha)<sup>169</sup>.

Na lógica da assistência fornecida pelos Estados Unidos naqueles anos estava embutida a ideia que faltavam aos povos considerados subdesenvolvidos o conhecimento científico e técnico para desenvolverem suas estruturas econômicas. Predominaria para os povos latino-americanos, a ignorância, o analfabetismo, a doença e a fome. Combater, inclusive, esses males, seria uma forma de fazer frente ao ideário comunista propagado a partir da União Soviética. Nesse sentido, a educação estava na base do Ponto IV. Segundo Mendonça (2010 – b) a educação era

um dos mais importantes instrumentos da expansão imperialista que, ao alocar sua lógica na categoria de “racionalidade”, tornava-o mais facilmente aceito pelos grupos dominantes locais, uma vez que mantinha intocada a estrutura fundiária e contribuía para minimizar potenciais conflitos de classe no campo (MENDONÇA, 2010 – b, p. 88).

<sup>168</sup> “[...] probabilities are enormously increased that there will be, sooner or later, a violent swing to the radical right or radical left that would be incompatible with our interests”.

<sup>169</sup> “The contribution of agriculture to this growth has been a major componente of United States foreign assistance programs. [...] all elements of the United States Agricultural Community – the Department of Agriculture, the land-grant colleges, the extension services, agricultural industries, the farmers themselves – have helped to provide training to thousands of agriculturists from other countries.”

Mesmo antes do discurso de Truman que estabeleceu o denominado Ponto IV, já em 1945 ocorreu o primeiro acordo de cooperação internacional no âmbito do ensino agrícola. Um acordo entre o IIAA e o Ministério da Agricultura do Brasil deu origem

à Comissão Brasileiro-Americana de Educação das Populações Rurais - CBAR, cujas atribuições incluíam a implantação de Centros de Treinamento para trabalhadores rurais adultos, a proliferação de Clubes Agrícolas destinados à infância e juventude e a intervenção direta junto à formação de técnicos especializados e lideranças rurais, por intermédio de um programa educativo supostamente capaz de incutir nos trabalhadores adultos e jovens o “*amor a terra e ao trabalho*” (MENDONÇA, 2010 – a, p. 142).

Outros acordos relacionados à educação envolvendo norte-americanos e brasileiros se sucederam, incluindo aquele que deu origem a ACAR-MG em 1948 e a Campanha Nacional de Alfabetização Rural – CNER em 1952<sup>170</sup>. Como parte do Ponto IV foi estabelecido em julho de 1953 o Escritório Técnico de Agricultura Brasileiro-Americano – ETA, fruto de um acordo entre o Ministério da Agricultura do Brasil e o USDA. O ETA tinha como principais objetivos

centralizar e coordenar todas as intervenções públicas voltadas à agricultura em geral e à educação rural, em particular. O ETA originou-se de novo acordo firmado com o governo dos Estados Unidos visando “desenvolver” a agricultura e os recursos naturais do país com recursos oriundos do Programa Ponto IV (MENDONÇA, 2010 – b, p. 128).

O ETA era uma instituição do Ministério da Agricultura do Brasil. Era administrada por um brasileiro e um codiretor norte-americano. Alberto Ribeiro de Oliveira Motta Filho e Robert G. Groves foram os dois primeiros diretores do ETA. A eles se juntaram uma equipe de técnicos brasileiros e norte-americanos que passaram a atuar nos diversos projetos de extensão agrícola. O desenvolvimento da agricultura brasileira e o estreitamento das relações entre os dois povos, incluindo a promoção da democracia como modo de vida podem ser considerados como uma espécie de síntese dos fins que se destinavam tal acordo. (BARBER, 1965). Até 1959 o ETA tinha desenvolvido 56 projetos, incluindo os projetos ETA 15 e 17 que deram origem as agências de Extensão Rural no Paraná e Santa Catarina.

Mais tarde, estes programas foram organizados sob o nome de Associação de Crédito e Assistência Rural do Paraná – ACARPA e Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina – ACARESC. Estes programas, no entanto, não tiveram participação direta da AIA (SILVA, 2015, p. 192).

---

<sup>170</sup> Sobre acordos entre Brasil e Estados Unidos com foco na Educação Rural ver: Dalrymple (1968); Szmrecsányi, Queda (1973); Fonseca (1985); Mendonça (2010 – b); Souza (2013); Gomes (2013 -b).



Inicialmente houve dúvidas se deveria existir ou não uma entidade nacional nos moldes da ACAR-MG que fosse responsável por organizar o Serviço de Extensão Rural em outros estados brasileiros. A resistência era encabeçada pelos diretores do ETA. Discutiam-se a origem dos recursos financeiros, áreas e formas de atuação, a necessidade real de uma entidade nacional uma vez que o ETA havia promovido a criação de agências estaduais<sup>171</sup>. Depois de uma intrincada relação inicial envolvendo a AIA/ACAR e o ETA foi criada a ABCAR em 1956, contando com ativa atuação do Presidente brasileiro, Juscelino Kubitschek, que quando governador de Minas Gerais apoiou a extensão rural em seu estado. Mas, não obstante ao imbróglio, o certo foi que o ETA esteve junto do projeto que se concretizou na criação da ABCAR. Mendonça (2010 – b), inclusive ver na relação ETA/ABCAR uma das principais marcas desse processo.

Um dos mais sólidos e duradouros desdobramentos da atuação do ETA no Brasil consistiu em sua indissolúvel parceria com a Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural – ABCAR, definida pela fala oficial como “imprescindível” à superação do “atraso” no campo (MENDONÇA, 2010 – b, p. 151-152).

Exemplos não faltam do papel desempenhado pelo ETA principalmente no tocante à difusão do ideário da Extensão Rural, na formação de técnicos e líderes locais, incluindo aqueles que seriam os responsáveis pelo trabalho com os jovens dos Clubes 4-S. Minas Gerais, por exemplo, que pode ser considerada uma síntese do trabalho do extensionismo rural desenvolvido no país contou com a atuação marcante do ETA. Através do Projeto nº9 entre ETA e USOM/B firmado em 1955 foi acertado que seria fornecida a ACAR-MG até 1961, assistência técnica, recursos financeiros e equipamentos que incluíam jipes norte-americanos, material audiovisual e informações técnicas por meio de folhetos e manuais. Esses materiais serviriam para o trabalho dos agentes de campo através dos escritórios locais no interior mineiro. (BARBER, 1965). A materialização do ETA com o trabalho de Extensão Rural desenvolvido pela ACAR-MG pode ser observada a partir de alguns exemplos dos equipamentos utilizados pelos técnicos extensionistas em seus trabalhos de campo, bem como de documentos instrucionais como apresentado no Quadro 4. Além de terem sido adquiridos ou produzidos pelo ETA, tais documentos e equipamentos, podem ser associados à circulação do conhecimento técnico no trabalho da Extensão. Especificamente para o trabalho com os jovens rurais era mais uma amostra da concretização da perspectiva

---

<sup>171</sup> Especificamente sobre essa tensão envolvendo as agências mencionadas e a criação da ABCAR ver: Silva (2015) e ACAR (1951).

internacional que se tinha sobre essa parcela do público-alvo residente nos meios rurais do Brasil. Reitero que, mesmo sendo obtidas a partir de um acervo produzido a partir da experiência da ACAR-MG, eles também podem ser associados ao trabalho desenvolvido nas outras regiões do país. A circulação desses materiais se deu com o modelo ACAR sendo basicamente aquele que formatou a ABCAR com a sua criação em 1956.

**Quadro 4** – O ETA e o trabalho com a Extensão Rural no Brasil – Alguns documentos e equipamentos

Documento/ Equipamento	Autor/ Marca	Ano	Título/Descrição
Programa	ACAR	1951	“Proposta de assistência financeira do Ponto IV para expansão do Programa da ACAR a vários estados do Brasil”
Folheto/Projeto	ACAR. Meios de Comunicação da Missão Norte-Americana de Cooperação Técnica. Ponto IV	1958	“Clube 4-S. Projeto de Economia Doméstica. 1ª Divisão”.
Texto mimeografado	Lester E. Clapp	1961	“Review of Point IV Extension Assistance in Brazil”
Folheto/ Manual	Meios de Comunicação da Missão Norte-Americana de Cooperação Técnica. ETA	s.d.	“Guia da Boa Nutrição”
Folheto	ETA	1955	“Posições corretas nos trabalhos caseiros”
Folheto Máquina de lavar roupa de operação manual	ETA	1960	“Máquina de lavar roupa de operação manual”
Livro	Otto Rafael Arantes; Pautilha Guimarães. ETA	1960	“Noções práticas sobre laticínios”
Folheto/Programa	Missão Norte-Americana de Cooperação Técnica no Brasil. USAID/Brasil	s.d.	“Programas de Economia Doméstica no Brasil”
Projektor Opaco	Charles Beseler Company	1959	Equipamento com foco sanfonado. Foi adquirido por intermédio do ETA. Era utilizado nas reuniões dos extensionistas com os produtores rurais, incluindo os jovens.
Microfone	RCA Type 77 DX	s.d.	Microfone utilizado nos programas de rádio da ACAR. Adquirido pelo ETA.
Projektor de diafilme <sup>1</sup>	Tri-purpose	s.d.	Projektor para exibição de filmes educativos utilizados na Extensão Rural. Adquirido pelo ETA.
Aparelho de prova-	_____	1957	Adquirido pelo ETA. Era

contato para fotografias			utilizado no laboratório fotográfico da ACAR. As fotos produzidas pela ACAR eram utilizadas nas suas diversas publicações, bem como nas da ABCAR e das agências norte-americanas para divulgação do trabalho de Extensão Rural.
Visor de Diafilme	Diafixo DGM	1958	Utilizado para visualização dos filmes educativos da Extensão Rural. Adquirido pelo ETA.
Caixa Acústica	Kalant Victor	1958	Utilizado para sonorização de projeções de filmes 16mm nas comunidades rurais. Adquirido pelo ETA.
Projetor de filme 16mm	Kalant Victor	1958	Utilizado para projeção de filmes 16mm nas comunidades rurais. Adquirido pelo ETA.
Rádio gravador	Ampex	1963	Com esse aparelho recebia o programa radiofônico “A Voz da América”. Além disso, ele servia para enviar relatórios para os Estados Unidos. Adquirido pelo ETA.

**Fonte:** Acervo do Centro de Documentação da EMATER-MG. Quadro elaborado pelo autor.

#### 2.2.4 O Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas - IICA e o Programa Interamericano para la Juventud Rural – PIJR

No processo de constituição, desenvolvimento e internacionalização de clubes de jovens rurais na América Latina, o IICA teve papel de destaque. Responsável, dentre outras funções, pela formação técnica de quadros extensionistas<sup>172</sup> para a América Latina, o IICA também contribuiu com o estabelecimento de formas de aproximação entre agências norte-americanas e latino-americanas visando o desenvolvimento da agricultura no hemisfério. Um exemplo que comprova essa aproximação foi a publicação (JONES, 1962) que trazia

<sup>172</sup> Um exemplo brasileiro foi o de Áurea Helena Serra Andrade, uma das principais responsáveis pelo trabalho com a juventude rural nos moldes dos 4-S em Minas Gerais, entre 1956 e 1961. Em 1955 ela permaneceu por seis meses nos Estados Unidos através do IFYE, onde pode observar o trabalho com a juventude rural naquele país. Em 1961 transferiu-se para o Rio de Janeiro onde, dentre outras funções, seria responsável pela ampliação do trabalho com os Clubes 4-S no Brasil. Em 1963 foi estudar no Centro de Ensino e Investigação de Turrialba, órgão do IICA, na Costa Rica, para obtenção do grau de *Magister Scientiae* em Sociologia e Educação de Adultos. Em 1968, foi para o Texas para fazer Doutorado em Sociologia Rural. Voltou em 1971 sem terminar a tese. Áurea Helena desempenhou significativo papel na tradução, adaptação ou mesmo na elaboração de materiais para o trabalho com os Clubes 4-S. Mais do que simplesmente sua formação técnica a partir das experiências nos Estados Unidos, Costa Rica e Brasil, sua trajetória é um exemplo emblemático da circulação de saberes e culturas de diferentes localidades que possuíam o trabalho de organização da juventude rural em torno dos clubes no contexto estudado. Para maiores detalhes sobre Áurea Helena ver: Figueiredo (1981) e Dalrymple (1968, p. 146).

referências bibliográficas sobre programas de juventude rural lançados em diversas localidades e em língua espanhola, francesa, portuguesa e inglesa. Para sua elaboração foram utilizados recursos originários do IICA/OEA e do Instituto de Assuntos Interamericanos da Agência para o Desenvolvimento Internacional (AID) do Governo dos Estados Unidos. Logo no texto de introdução informava que o trabalho feito pelo Departamento de Economia e Extensão do Centro Tropical de Investigação e Treinamento de Graduados do IICA da OEA oferecia serviços especializados em Educação Extensionista para técnicos dos países e das missões da USAID em vários níveis como cursos de pós-graduações, cursos nacionais e internacionais dentre outros. Como forma de ajudar os técnicos que trabalhavam no meio rural para que se familiarizassem ainda mais com algumas das literaturas sobre juventude rural, o referido Departamento compilou a bibliografia que, julgava ser, a “mais atual” sobre o assunto e disponibilizou cópias dos materiais de 1961 e 1962 para os envolvidos com os programas de juventude rural. Os títulos foram separados por países e agrupados pelos seguintes assuntos: Organização e História; Liderança; Projetos de Agricultura; Projetos de Economia do Lar; Outras atividades; Extensão Geral; Economia do Lar em geral; Educação Vocacional; Arte de Comunicação; Ciências Conexas; Revistas. Cabe ressaltar que esses títulos demonstram a circulação de materiais entre os diversos países que trabalhavam com a juventude rural em missões da USAID. Apesar das particularidades locais, reitero que havia uma similitude entre os diversos projetos em voga para a formação da juventude rural. Esses documentos, a meu ver, atestam mais do que variações, determinados padrões sobre a formação técnica e ao estabelecimento de uma sensibilidade destinada aos os jovens no tocante à vida e a própria experiência dos meios rurais.

Do IICA nasceu em 1960 o *Programa Interamericano para la Juventud Rural - PIJR* ou *Inter-American Rural Youth Program*. O PIJR pautou suas ações no esforço de reunir recursos e iniciativas que promovessem o trabalho com a juventude rural americana por meio de intercâmbios, competições, encontros, convenções, concessão de bolsas de estudos, distribuição de prêmios e incentivos às trocas de experiências entre os jovens rurais das Américas. Os jovens ao participarem desses eventos, principalmente daqueles internacionais, deveriam desenvolver o “espírito de liderança”, para que em suas comunidades e regiões de origens aplicassem as técnicas recebidas visando à modernização das práticas agropecuárias e do estilo de vida das populações locais. O PIJR teve papel de destaque na organização da juventude rural na América Latina. Atuava em uma lógica que mobilizava iniciativas originárias de diferentes instituições e personalidades. Em 1962, por exemplo, foi organizado a partir do IICA/OEA um Comitê para apoiar o PIJR integrado por algumas autoridades da

América Latina. Formavam o Comitê: José Figueres, ex Presidente da Costa Rica; Orville L. Freeman, Secretário de Agricultura dos Estados Unidos; Arnaldo Gabaldón, Ministro da Saúde e Assistência Social da Venezuela; Gabriel González Videla, ex Presidente do Chile; Juscelino Kubitschek, ex Presidente do Brasil; Galo Plaza Lasso, ex Presidente do Equador e à época Presidente da Fundação Nacional de Clubes de Jovens Rurais do Equador; Nelson A. Rockefeller, um dos fundadores da AIA e Governador do Estado de Nova Iorque; João Gonçalves de Souza, Diretor do Departamento de Cooperação Técnica da União Panamericana e Armando Samper, Diretor do IICA da OEA. Para o desenvolvimento do PIJR, havia também um grupo de assessores do Comitê. Esse grupo era responsável, dentre outras tarefas, pelo fornecimento de dados e informações dos países membros para o Comitê. O grupo de assessores era formado por: Kenneth H. Anderson, Subdiretor da Comissão Nacional de Serviços dos 4-H Clubs em Chicago, Illinois; João Napoleão de Andrade, Presidente da ABCAR e ACAR; Edgar Mata, Diretor do Serviço de Extensão Agrícola da Costa Rica; Nicolás de Mendiburu, Gerente da Asociación Nacional de Clubes Agrícolas Juveniles de Perú; Antonio Pérez García, Vice Diretor de Extensão de Porto Rico; Norberto A. R. Reichart, Subdiretor do Instituto Nacional de Tecnologia Agropecuária, Argentina; Grant A. Shrum, Diretor Executivo da Fundação Nacional de Clubs 4-H dos EUA; Alfredo L. Weiss, Presidente do Movimiento de la Juventud Agraria de Uruguai e Howard E. Law, diretor do PIJR, como Secretário do Comitê. (EXTENSIÓN EN LAS AMÉRICAS, VII, 1962, nº1, p. 1).

Todos esses nomes e respectivos cargos que cada um deles ocupavam em seus países de origem atestam a abrangência que se buscava alcançar com os clubes juvenis rurais. Além disso, demonstram o esforço em se reunir personalidades dos quais se esperavam fossem não só apoiadores do trabalho, mas principalmente uma espécie de exemplo ao qual outras personalidades e instituições poderiam se espelhar e assim também apoiar o programa.

Apesar de peculiaridades, os projetos desenvolvidos pela AIA, IICA, PIJR se sobrepunham e se auto completavam, pois faziam parte de um mesmo feixe de ações visando a troca de experiências entre os jovens e o crescimento do trabalho de formação de lideranças jovens para o meio rural. Sobre esse aspecto Rosenberg (2011) considerou que

Law recebeu em 1960 recursos da AIA e do Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas para criar uma organização guarda-chuva para os clubes da América Latina. Com base nos escritórios do IICA na Costa Rica, o PIJR logo abriu escritórios no Brasil, Venezuela que foram conduzidos por Santiago Apodaca e Edgar Matta. A partir desses escritórios, o PIJR procurou estabelecer os clubes de jovens rurais latino-americanos incipientes e subfinanciados em um, bem financiado, movimento transnacional eficiente.

Para alcançar este objetivo, o PIJR lançou uma série de iniciativas. Em primeiro lugar, em cada nação, o PIJR fez lobby para a legislação e reuniu simpatizantes para uma fundação privada que poderiam levantar fundos e complementar as atividades dos Ministérios da Agricultura. Em segundo lugar, o PIJR também levantou fundos para as organizações membro diretamente e assistente, com pedidos de subvenção. Em terceiro lugar, o PIJR promoveu oficinas de capacitação para o pessoal de extensão e os líderes do clube de jovens voluntários. Por último, o PIJR organizou competições e intercâmbios com premiações para atrair a atenção positiva para as organizações membros internacionais nos moldes do 4-H. A soma dessas cinco atividades gerou dividendos rápidos. O trabalho com os clubes na América do Sul e Central cresceu de menos de 50.000 membros em 1960 para mais de 250.000 em 1967 (ROSENBERG, 2011, p. 4, tradução minha)<sup>173</sup>.

As duas instituições, IICA e AIA que originaram o PIJR foram responsáveis por apoiar as atividades relacionadas a elevação dos níveis sociais, culturais e econômicos dos jovens de ambos os sexos das comunidades latino-americanas e que se organizavam sobre clubes agrícolas juvenis. Cabe citar, mais uma vez que, se por um lado não era exclusividade esse apoio ao formato de clubes juvenis nos moldes dos 4-H ou 4-S, foram esses que receberam os maiores recursos do IICA e AIA por meio da estruturação e os esforços do PIJR.

Havia uma estrutura administrativa do PIJR que estabelecia três áreas de atuação (IFYE/AIA, 1964, p. 67): as zonas Norte (México, América Central e Caribe), Andina (Colômbia, Peru, Bolívia, Equador, Venezuela, Panamá) e do Sul (Brasil, Chile, Argentina, Uruguai e Paraguai). O escritório principal do PIJR estava localizado em San José (Costa Rica), na sede do IICA. Também existia o escritório regional no Rio de Janeiro (Brasil). A AIA contribuía com os fundos para a operacionalização do Programa. Já o IICA contribuía com o pessoal técnico do Departamento de Economía y Ciencias Sociales de Centro de Enseñanza e Investigación, como também com seu pessoal de Extensão em cada uma das três

---

<sup>173</sup> “With AIA support, Law scaled upward from Venezuela. In 1960, Law received funding from the AIA and the Inter-American Institute of Agricultural Sciences to create an umbrella organization for Latin American 4-H clubs. Based in the Costa Rican offices of the Institute, the PIJR soon opened additional regional offices in Brazil and Venezuela run by extension specialists Santiago Apodaca and Edgar Matta. From those offices, the PIJR sought to knit the inchoate and underfunded Latin American rural youth clubs into an efficient, well-funded, transnational movement. To accomplish this goal, the PIJR launched a series of initiatives. First, in each nation, the PIJR lobbied for legislation and gathered supporters for a private foundation that could raise funds and supplement the activities of the Ministries of Agriculture. Second, the PIJR also raised funds for member organizations directly and assisted with grant applications. Third, the PIJR ran training workshops for extension staff and volunteer youth club leaders. Lastly, the PIJR organized international 4-H competitions and exchanges designed to award outstanding club work and to garner positive attention for the member organizations. The sum of 5 these activities paid rapid dividends. Club work in South and Central America grew from fewer than 50,000 members in 1960 to more than 250,000 by 1967”.

zonas de atuação. Os quatro eixos que recebiam maior atenção quando da publicação desse documento em 1964 foram:

1. Organização de comitês, fundações ou associações nacionais de respaldo aos Programas de Juventudes Rurais. No Brasil, por exemplo, foi fundado o Comitê Nacional de Clubes 4-S – CNC 4-S, em 1964 com o intuito de angariar fundos e recursos para o trabalho com a juventude rural quatroessista no país.
2. Treinamento de líderes profissionais e voluntários em cursos nacionais e internacionais. (Segundo essa fonte, de 1961 a 1964, um total de 982 líderes dos programas de juventude rural da América tinham recebido treinamento para esse tipo de trabalho).
3. Prêmios, reconhecimentos e Intercâmbios Educacionais para Sócios, Líderes e Cooperadores. Esses prêmios podiam ser medalhas, troféus, certificados, diplomas e/ou bolsas de intercâmbios. Nesse eixo se destacava também as ações referentes aos intercâmbios educacionais:

Como um complemento deste projeto de prêmios, o PIJR oferece também a oportunidade a sócios e distintos líderes a participarem em Intercâmbios Educacionais que conduzem anualmente as três zonas em coordenação com os Serviços de Extensão. Nestes intercâmbios os sócios e líderes têm a oportunidade de visitar outros países e participar de uma série de atividades relacionadas com os programas de juventudes rurais. Estes intercâmbios educacionais se iniciaram em 1961, tendo participado desta data até o presente um total de 322 jovens representando os programas de juventudes rurais de 21 países do Hemisfério Ocidental (IFYE/AIA, 1964, p. 69, tradução minha)<sup>174</sup>.

4. Publicidade de atividades e resultados alcançados pelos Programas de Juventude Rurais. Destaca que um dos órgãos de informação era o Anuário Juventude Rural da Ford Motor Company.

Todos esses quatro eixos demonstram que os promotores do trabalho com a juventude rural nas Américas buscavam dar maior visibilidade aos clubes. Essa foi uma clara diretriz tomada a partir do IV Seminário Interamericano de Líderes de Juventudes Rurais ocorrido na Costa Rica em novembro de 1964 (IFYE/IICA, 1964). Foi reiterada a necessidade de aumentar a divulgação de informações fossem elas técnicas ou simplesmente

---

<sup>174</sup> “Como un complemento de este proyecto de prêmios, el PIJR ofrece también la oportunidad a sócios y líderes distinguidos a participar en Intercambios Educativos que anualmente conducen las três zonas en coordinación con los Servicios de Extensión. En estos intercâmbios los sócios y líderes tienen la oportunidad de visitar otros países y participar en una serie de actividades relacionadas con los programas de juventudes rurales. Estos intercambios educacionales se iniciaron en 1961, habiendo participado de esa fecha el presente un total de 322 jóvenes representando a los programas de juventudes rurales de 21 países del Hemisferio Occidental”.

propagandísticas aos sócios e líderes de clubes juvenis rurais. O objetivo era aprofundar os conhecimentos sobre como conduzir os projetos e atividades, dar publicidade aos avanços alcançados e promover um maior intercâmbio de jovens e líderes tanto em nível nacional, quanto internacional. Em Gomes (2013 – b) também constatei que, especificamente para os Clubes 4-S de Minas Gerais, os extensionistas da ACAR-MG também desenvolveram mecanismos para a divulgação das atividades com os jovens rurais mineiros. Foram utilizados pelos promotores das ações junto aos clubes diversos tipos de iniciativas de divulgação e propaganda dos programas. Por exemplo, em Minas Gerais houve o incentivo a colocação de informes por meio de placas que atestariam a existência de um clube em uma determinada localidade<sup>175</sup>. Também ocorreu a divulgação e repercussão dos eventos nos quais os quatroessistas se faziam presentes e em contato com autoridades empresariais e governamentais, incluindo governadores e presidentes da República. Eram essas algumas das formas de se procurar tanto legitimar o programa de juventude rural, como também estratégias para reunir um maior número de sócios e recursos financeiros para os clubes<sup>176</sup>.

No IV Seminário (IFYE/AIA, 1964) ocorreu uma palestra proferida pelo coordenador regional do PIJR na Zona Norte, o professor costarriquenho Edgar Arias. Intitulada “Informe sobre os programas de juventudes rurais nas Américas”, Arias considerou ser bastante significativo que estavam inaugurando o IV Seminário na instituição docente mais importante do seu país e precisamente no auditório da Faculdade de Educação da Universidade da Costa Rica. Essa ênfase feita por Arias foi uma espécie de marcação de posição de que o trabalho com os jovens rurais tinha, segundo seus promotores, um caráter eminentemente educacional e que contavam com apoio de uma instituição tal como a referida Universidade. Segundo Arias, era ainda limitada a atenção dispensada à educação dos jovens rurais. Segundo ele, apesar dos países americanos<sup>177</sup> contarem com uma população de cerca

---

<sup>175</sup> A editora do jornal O Trevo e coordenadora estadual de Clubes 4-S de Minas Gerais, Marisa Dulce Pereira, na seção “Conversa com os Leitores”, por exemplo, reforçou a necessidade da divulgação do trabalho com os jovens rurais. Para isso ela instruíra, por meio das páginas do jornal, que esses sinalizassem as estradas e/ou dessem boas-vindas a quem chegava a determinada localidade. Segundo Marisa Dulce poderiam ser utilizados dizeres, tais como: “Clube 4-S Cardoso informa: Muriaé – 12km”; “Seja bem-vindo a Rio Pomba. São os votos do Clube 4-S São José, o 1º Clube 4-S do Brasil”. (O TREVO, X, 79, janeiro de 1966, p. 4-5). Ao mesmo tempo em que demonstram a necessidade de divulgar o trabalho dos clubes, no caso de Minas Gerais, por exemplo, essa reiterada necessidade de divulgação também demonstrava o incômodo dos promotores desse trabalho com o número de clubes e sócios. A própria Marisa Dulce chegou a afirmar que muitos clubes estavam com um número reduzido de integrantes o que tornava o trabalho desanimado, porque os sócios perdiam o entusiasmo. (O TREVO, X, 83, maio de 1966, p. 2).

<sup>176</sup> Uma investigação sobre essas estratégias, incluindo o detalhamento das publicações desse período que divulgavam o trabalho com a juventude rural, tanto no Brasil, quanto aquelas que circularam nas Américas requer outro esforço de pesquisa. Fica essa sugestão para possibilidades futuras.

<sup>177</sup> Nesse cálculo apresentado por Arias estavam de fora os Estados Unidos e o Canadá.



de 206 milhões de pessoas que dependiam em sua maior parte da agricultura para sua subsistência,

possivelmente devido a influência da educação europeia, de tipo acadêmica, até há pouco tempo, quase ou nenhuma importância se deu a agricultura como ciência aplicada e os conhecimentos sobre os métodos e técnicas agrícolas eram rudimentares. Só nos últimos anos se tem notado uma maior preocupação pelo estabelecimento de programas de educação formal e informal para os jovens das áreas rurais (IFYE/ AIA, 1964, p. 71, tradução minha)<sup>178</sup>.

Para Arias, a busca de uma educação de tipo mais prática e relacionada diretamente às questões rurais teria ocorrido quando os países das Américas passaram a mirar, por exemplo, na experiência dos 4-H Clubs dos Estados Unidos.

O movimento, que em princípio seguiu as linhas gerais dos 4-H Clubs dos Estados Unidos sofreu adaptações e readaptações para conformá-los às condições próprias e à cultura de cada país. Entretanto, os princípios gerais seguem sendo os mesmos (IFYE/AIA, 1964, p. 72, tradução minha)<sup>179</sup>.

É significativo perceber que apesar de toda expectativa e exaltação do trabalho com a juventude rural, esse autor também comentou que os programas não avançavam da forma esperada e que de um montante de 35 milhões de jovens, apenas cerca de 150 mil estavam inscritos em clubes juvenis rurais de tipo 4-H. Segundo ele, na Conferência Interamericana de Líderes de Juventudes Rurais que havia acontecido nos Estados Unidos (Chicago e Washington, agosto de 1964), os representantes de 18 países assinalaram os fatores de limitação ao desenvolvimento do programa:

1. Desenvolvimento dos recursos necessários para a expansão e melhoramento dos programas de juventudes rurais;
2. Funcionamento, organização e atividade dos comitês, fundações e associações nacionais;
3. Importância, funcionamento e operação de um programa de crédito para os sócios dos clubes juvenis rurais;
4. Treinamento do trabalhador profissional para o desempenho de seu papel nos programas de juventudes rurais;

<sup>178</sup> “Posiblemente, debido a la influencia de la educación europea, de tipo académico, hasta hace algunos años, en la mayoría de estos países, poco o ninguna importancia se le había dado a la agricultura como ciencia aplicada, y los conocimientos sobre los métodos y técnicas agrícolas eran rudimentarios. Sólo en los últimos años se ha notado una mayor preocupación por el establecimiento de programas de educación formal e informal para los jóvenes de las áreas rurales”.

<sup>179</sup> “El movimiento, que en un principio siguió las líneas generales de los Clubes 4-H de los Estados Unidos, sufrió adaptaciones y readaptaciones para conformarlos a las condiciones propias y a la cultura de cada país. Sin embargo, los principios generales siguen siendo los mismos”.

5. Seleção, treinamento e desenvolvimento de líderes voluntários dos clubes juvenis rurais (IFYE/AIA, 1964, p. 72, tradução minha)<sup>180</sup>.

Dos cinco itens assinalados pode-se extrair que para os promotores do trabalho com os jovens rurais os fatores de limitação eram meramente da ordem da falta de recursos ou de treinamento inadequado daqueles que estariam diretamente envolvidos com a organização de clubes. Em nenhum momento era questionado se a metodologia e a filosofia dos clubes estavam apropriadas ou se relacionavam com as experiências das populações rurais, especificamente dos jovens dessas regiões. Na lógica advinda dos princípios do americanismo, conforme mencionou Tota (2014 – b), a crença era na infalibilidade da técnica. Se alguma coisa não estava bem, isso era apenas porque a técnica não tinha sido devidamente aplicada. Observar o exemplo e aplica-lo era, nesse sentido, uma premissa básica do trabalho com os jovens rurais. Tal fato era considerado demasiadamente importante. O professor Arias, por exemplo, durante a exposição no referido Seminário defendeu que os jovens rurais que participaram de programas de intercâmbios do PIJR, depois da estadia de seis meses nos Estados Unidos onde teriam observado muitos dos valores de vida e formas de produção daquele país, deveriam passar pela Costa Rica. Na sede do PIJR, os jovens intercambistas deveriam comparar as experiências de organização da juventude rural dos Estados Unidos com a da Costa Rica e de seus respectivos países. Arias afirmava que nessas comparações era possível que fossem vistas além de pontos de semelhanças, diferenças entre as experiências de organização de clubes. Mas era aí o ponto fulcral da questão. Para Arias, mesmo as diferenças faziam parte da própria essência do trabalho com os jovens rurais, pois esse era o mesmo para todos os jovens das Américas. Dessa forma era desejo dos organizadores do IV Seminário que fossem dados aos sócios dos clubes

oportunidades de comparar o que viram nos Estados Unidos, com o que é feito na Costa Rica e com o que é feito em seus próprios países. Este seria um terceiro ponto de vista para fins de comparação. Observando as linhas gerais dos programas juvenis de nossos países e a necessidade urgente de ampliá-los e aperfeiçoá-los em um período muito curto de tempo, acho que devemos unir nossos esforços, trocar experiências, esclarecer dúvidas, rever o que fizemos até agora e tentar obter conclusões que sirvam como um guia para melhorar o nosso trabalho no futuro como o único meio de atingir esse objetivo (IFYE/ AIA, 1964, p. 73, tradução minha)<sup>181</sup>.

---

<sup>180</sup> “Desarrollo de los recursos necesarios para la expansión y mejoramiento de los programas de juventudes rurales/ Funcionamiento, organización y actividad de los comités, fundações y asociaciones nacionales/ Importancia, funcionamiento y operación de un programa de crédito para los socios de los clubes juvenis rurales/ Adiestramiento del trabajador profesional para el desempeño de su papel en los programas de juventudes rurales/ Selección, adiestramiento y desarrollo de líderes voluntarios de los clubes juveniles rurales”.

<sup>181</sup> “Oportunidades para comparar lo que han visto en los Estados Unidos, con lo que se hace en Costa Rica y con lo que se hace en sus propios países. Este sería un tercer punto de vista para efectos de comparación. Viendo

Assim, mesmo não desconsiderando as diferenças entre os países e até mesmo dentro dos próprios países, os promotores do trabalho com os jovens rurais se pautavam por princípios que eram considerados os mesmos para todos os jovens. Era nesse cálculo uma simples operação de aplicação dos princípios descritivos e organizativos dos clubes para que os objetivos de modernização das práticas de produção e da própria vida nos meios rurais fossem atingidos. Dessa maneira IICA, PIJR e a própria AIA comungavam de um mesmo fim: conduzir as juventudes dos meios rurais para um caminho que consideravam capaz de leva-los a realização enquanto cidadãos em suas respectivas comunidades. Cidadãos que em cada local de moradia, trabalho e de vivência no geral seriam expressões do novo meio rural imaginado, ou seja, distante do tradicionalismo, sintonizado com as inovações técnicas e tecnológicas, e, sobretudo, imune às ideias consideradas exóticas, como o comunismo, por exemplo.

### **2.2.5 A Aliança para o Progresso, os Peace Corps e os clubes de jovens rurais**

Na edição de nº64 do jornal O Trevo (agosto/setembro de 1964) havia uma breve nota que destacava a criação do primeiro Clube 4-S do município mineiro de Carmo do Paranaíba. Isso poderia ter sido mais um fato comum de tantos outros que eram divulgados pelo jornal em relação aos Clubes 4-S do Brasil, se um detalhe, o nome desse clube, não fosse tão emblemático. O primeiro clube daquele município localizado na região do Alto Paranaíba<sup>182</sup> de Minas Gerais foi nomeado como Aliança para o Progresso. Aliás, o nome Aliança para o Progresso também serviu para nomear o Clube 4-S do município de Colatina, localizado no estado do Espírito Santo. (O RURALISTA, 2ª quinzena de maio de 1967, p. 7). O que, além dos nomes, teriam esses clubes, um no estado de Minas Gerais, outro no estado do Espírito Santo, especificamente, com o programa de ação do governo norte-americano criado em 1961 pelo presidente John Kennedy em plena Guerra Fria voltado para a América Latina? Em uma primeira mirada, pode-se até extrair apenas uma simples referência ao nome do programa. Porém em um segundo momento percebe-se que os dois clubes citados, bem como todos os outros criados no contexto que estudo nessa tese também faziam parte de um mesmo ideário cristalizado em intervenções multifacetadas voltadas à formação da juventude

---

a grandes rasgos el panorama de los programas de juventudes de nuestros países y la inaplazable necesidad de ampliarlos y mejorarlos en un plazo muy corto, creo que debemos aunar nuestros esfuerzos, intercambiar experiencias, aclarar dudas, revisar lo que hemos hecho hasta ahora y tratar de obtener conclusiones que nos sirvan de guía para mejorar nuestro trabajo en el futuro como único medio de alcanzar ese objetivo”.

<sup>182</sup> Sobre o município de Carmo do Paranaíba ver: <http://www.carmodoparanaiba.mg.gov.br/cidadecarmo-do-paranaiba.html>. Acesso em 26/06/2018.

rural nas Américas. Nos dois casos citados de clubes brasileiros o nome “Aliança para o Progresso” não era uma apenas uma expressão sem algum tipo de significado para os meninos e meninas dos Clubes 4-S. No mínimo, os nomes desses clubes eram referências literais ao referido programa, como também uma espécie de associação e derivação do próprio lema dos Clubes 4-S: “progredir sempre<sup>183</sup>”. Mas de fato, fossem esses dois clubes 4-S brasileiros, fossem os outros inspirados no modelo dos 4-H, o certo é que participavam de um amplo espectro de ações e entidades internacionais constituídas principalmente no contexto do pós Segunda Guerra Mundial. Não era uma ação isolada e voltada apenas para soluções locais nas mais distantes e diferentes localidades brasileiras ou de qualquer outra região na qual existiram experiências de organização de clubes juvenis rurais. O local, o nacional e o internacional se entrecruzavam nas experiências associativas de jovens rurais. Havia, nesse cenário, a busca por apresentar aos povos da América Latina aquilo que julgavam ser, o caminho para se alcançar o desenvolvimento econômico e social. No caso da juventude rural, fossem eles os sócios dos Clubes 4-S nomeados como Aliança para o Progresso ou de outros com diferentes denominações, a perspectiva internacional dos clubes juvenis rurais, baseados nos 4-H dos Estados Unidos, ficou também evidente e ao mesmo tempo foi reforçada com a proposta do Presidente Kennedy a partir de 1961.

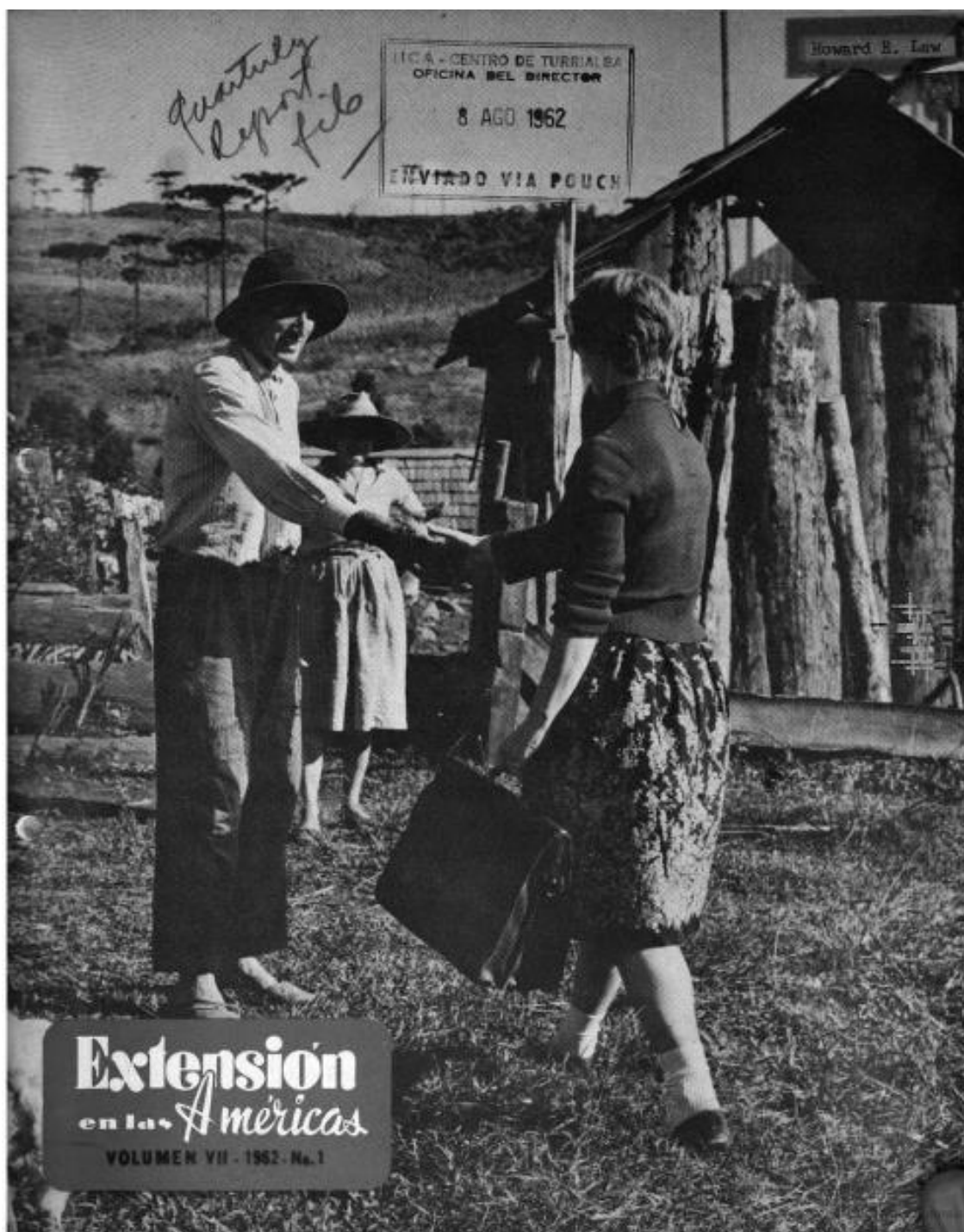
Um exemplo da cristalização dessa proposta e que, como consequência, atinge também o trabalho com os jovens rurais pode ser extraída já na imagem da capa da Revista *Extensión en las Américas* (Vol. VII, nº1, 1962) – (Figura 13). A capa dessa revista apresenta uma imagem que avalio como emblemática a esse fato<sup>184</sup>. Ela foi uma referência literal à Aliança para o Progresso e as políticas de extensão rural que também foram apoiadas por esse programa.

---

<sup>183</sup> Foi possível identificar nas páginas da edição nº62 de *O Ruralista* (2ª quinzena de maio de 1967), Clubes 4-S que tinham em suas identificações palavras ou derivações da ideia de progresso. Alguns exemplos: Clube 4-S O Progressista (Malacheta – MG); Clube 4-S Avante com o Progresso (Caratinga – MG); Clube 4-S Progresso (Entre Rio de Minas). Além desses, na mesma publicação consta referência aos Clubes 4-S Presidente Kennedy. Um clube era da localidade de Pedreiras, no estado do Maranhão e outro da cidade de Betim, Minas Gerais. A referência ao presidente dos Estados Unidos que instituiu a Aliança para o Progresso era explícita. O lema dos Clubes 4-S, “progredir sempre” e a Aliança para o Progresso se materializava assim nos nomes de alguns clubes brasileiros.

<sup>184</sup> Os créditos da imagem na referida revista afirmam que se trata da visita de uma agente de economia doméstica a uma família de produtores rurais de Santa Catarina. A foto seria uma Cortesia da USOM-B à Revista *Extensión en las Américas*.

Figura 13 – Capa da Revista Extensión en las Américas – Vol. VII, nº1, 1962.



**Fonte:** Quarterly Report – Programa Interamericano para la Juventud Rural, July/September, 1962.

A imagem é composta por três personagens. Cada uma delas tem um papel específico na composição da cena. Uma mulher loira, mais um casal de agricultores são as figuras centrais. A mulher loira está de costas. Sua face não é visível. Pelo fim que se propõe a exposição não é necessária. Outros detalhes falam por si. Os cabelos loiros e suas vestimentas

são indícios que ela é uma figura que não faz parte do cenário físico retratado pela imagem. A posição das suas pernas, captadas pelas lentes do fotógrafo, denota, claramente a ideia de movimento de alguém que chega a um determinado lugar. Ela caminha em direção ao agricultor. Sua função na imagem é clara: ela é uma agente de Extensão Rural. Carrega com a sua mão esquerda uma pasta. A mulher é recebida pelo agricultor que está parado e que parecia já esperar pela chegada que se concretiza. O homem chega a esboçar um sorriso. Os dois se cumprimentam. As respectivas mãos direitas estendidas se tocam e se entrelaçam. A possível esposa do agricultor, ao fundo, observa a cena. No enquadramento da imagem, essa terceira personagem ficou entre o agricultor e a mulher que chegava. Aquela que considere a esposa do agricultor está com as mãos sob sua cintura, um tanto quanto sem saber de quem se tratava aquela que chegava. O que tal cena significaria para esse casal de agricultores? Quem é a mulher loira que chegou trazendo uma pasta à essa propriedade rural?

No ideário difundido pela Aliança para o Progresso, esse gesto representaria a união de duas culturas. Mas há, claramente aí, um elogio daquela que chegava. A agente da Extensão chegava em missão. E é por esse motivo que a imagem da capa da revista *Extensión en las Américas* é emblemática. Seu objetivo foi o de demonstrar a união entre povos de origens e trajetórias distintas, mas que se esforçavam em agrupar forças em um mesmo propósito: a modernização da vida no campo. De tal maneira a agente de Extensão Rural, representada pela mulher loira que chega à propriedade pode ser considerada uma analogia à própria Aliança para o Progresso, pensada e gestada a partir dos Estados Unidos<sup>185</sup>. A pasta que essa mulher carregava pode ser lida como sendo o saber científico, aquele que, pela

---

<sup>185</sup> Em meados de 1958, o vice-presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, na gestão de Dwight Eisenhower, fez uma viagem à América do Sul, onde principalmente no Peru e Venezuela foi alvo de intensas manifestações populares contrários ao denominado “imperialismo norte-americano”. Nesse contexto, o presidente do Brasil, Juscelino Kubistchek enviou uma carta ao presidente dos Estados Unidos propondo que esse país modificasse suas relações com os povos latino-americanos. Juscelino propunha o que ficou conhecido como Operação Pan-americana – OPA - que seria uma espécie de “revisão da política interamericana, com vistas ao fortalecimento da unidade continental diante do crescente perigo comum” (CARDOSO, 1978, p. 136). Da forma que o presidente brasileiro enxergava o mundo, a miséria e o subdesenvolvimento eram considerados portas de entrada ao comunismo na América Latina e uma ameaça à democracia e aos valores cristãos. J.K, assim, defendia a ajuda econômica para o Brasil e, por conseguinte, aos países latino-americanos. Essa ajuda seria esperada em aportes de capitais norte-americanos o que, segundo J.K. favorecia sua política industrializante para o Brasil. Além disso, o presidente brasileiro defendia melhores condições de comércio para os produtos primários com os Estados Unidos. Como afirmou Azevedo (2008, p. 136) a OPA “apesar de se valer da retórica anticomunista norte-americana [...] não logrou inicialmente uma recepção positiva por parte dos Estados Unidos”. Só após o movimento que levou Fidel Castro ao poder em Cuba em 1959 e, principalmente da aproximação da ilha caribenha ao espectro político da União Soviética, os Estados Unidos buscaram adotar muitas das propostas anteriormente feitas por J.K. para a OPA. Desta forma a denominada Aliança para o Progresso proposta por Kennedy em março de 1961 é um desdobramento desse contexto e pode ser considerada indiretamente inspirada na OPA de J.K. Para maiores informações sobre a OPA ver: Cardoso (1978), Azevedo (2008), Moniz Bandeira (2010). Para a discussão acerca da Aliança para o Progresso como uma das principais expressões do estabelecimento de um sistema interamericano ver: Davenport (1964). Sobre críticas a Aliança, ver: Selser (1964).

crença difundida pelos extensionistas, que imbuídos do próprio espírito da Aliança para o Progresso, traziam a redenção para milhares de famílias como a do agricultor representado na imagem. Um dos objetivos da Aliança era levar aos povos ditos subdesenvolvidos os ditames da ciência e da técnica. A Aliança para o Progresso estaria em movimento, ou melhor, os Estados Unidos estariam em movimento. Sua atuação era nítida e o ir ao encontro dos povos ditos subdesenvolvidos era anunciado como condição básica para que os Estados Unidos contribuíssem com o desenvolvimento dessas nações, bem como impedisse que soluções consideradas mágicas ou exóticas tomassem conta da América Latina. Mesmo a imagem sendo de uma propriedade rural do sul do Brasil, analogicamente ela pode ser associada à ideia de todo o subcontinente a ser “cuidado” pela ação da Aliança para o Progresso. Claramente se referindo ao comunismo o texto apresentado na revista trazia o seguinte trecho sobre ideias em disputa pelos homens e mulheres do subcontinente: “Esta constante busca o tem levado até a pensar em doutrinas exóticas que lhe podem proporcionar o bem-estar desejado. O homem latino-americano se agita em um mar de ideias e soluções” (EXTENSIÓN EN LAS AMÉRICAS, 1962, p. 2, tradução minha)<sup>186</sup>. A mensagem, portanto, era clara. Somente a Aliança para o Progresso poderia fazer frente às soluções exóticas e assim conduzir os povos latino-americanos ao progresso e ao desenvolvimento econômico e social “sem que corra risco sua independência e liberdade” (EXTENSIÓN EN LAS AMÉRICAS, 1962, p. 2, tradução minha)<sup>187</sup>. A mulher loira da figura 13 cumpria esse papel. Já a família de agricultores, parados, representariam os povos latino-americanos à espera da ajuda que se concretizava na união das mãos entrelaçadas das duas personagens centrais da imagem. A Aliança seria assim, apresentada, como um plano de intervenção que se bem aplicado e se seguido todos os seus ditames conduziria a um novo tempo para os povos irmanados na aliança que o gesto do aperto de mãos visava representar. Era isso que se anunciava nas páginas da referida revista.

Este plano pode leva-lo a seu melhoramento, porque está inspirado em um desejo de ajuda mútua, em uma ação conjunta, de onde se valoriza a energia criadora do indivíduo e se aproveita para seu próprio progresso. Um progresso que terá como fundamento a liberdade individual, sobre todos, e que preservará os sentimentos democráticos que tem caracterizado os habitantes deste hemisfério. Seus objetivos, concebidos com sentido humano e de justiça social, perseguem a igualdade de oportunidades para todos (EXTENSIÓN EN LAS AMÉRICAS, 1962, p. 2, tradução minha)<sup>188</sup>.

<sup>186</sup> “Esta constante búsqueda lo ha llevado hasta a pensar en doctrinas exóticas que le puedan proporcionar el bienestar ansiado. El hombre latinoamericano se agita en un mar de ideas y de soluciones”.

<sup>187</sup> “[...] sin que corra riesgo su independencia y libertad”.

<sup>188</sup> “Este plan puede llevarlo a su mejoramiento, porque está inspirado en un deseo de ayuda mutua, en una

Ao longo do conteúdo da matéria ficou nítida a busca em afirmar que a Aliança para o Progresso ofereceria aos países latinos americanos um plano de desenvolvimento baseado na compreensão mútua de seus problemas. Para a concessão de crédito rural e assistência técnica, dois pilares nos quais se estruturou o sistema de Extensão Rural no Brasil, por exemplo, afirmava-se que seria necessária a participação de todos os envolvidos. Nada deveria ser imposto de fora. Pelo menos assim era anunciado. Caso isso acontecesse, o plano fracassaria<sup>189</sup>. Cabe ressaltar que prática de concessão de crédito rural já era desenvolvida pela ACAR-MG desde 1949, portanto, bem antes da Aliança para o Progresso<sup>190</sup>. Sua concessão dava-se quando mediante o encontro da equipe extensionista com a família rural vislumbrava-se a necessidade de financiamento para melhoria das condições da propriedade e do lar. Em Minas Gerais, a partir de outubro de 1949 a instituição responsável pela concessão de crédito foi a Caixa Econômica do Estado de Minas Gerais. A partir de 1955 o Banco do Brasil também passou a colaborar no programa de crédito<sup>191</sup>. Tal procedimento foi também estendido aos jovens rurais com a implantação do chamado Crédito Rural Juvenil<sup>192</sup> em 1960, também pela ACAR-MG. Esse era uma modalidade creditícia que visava financiar os projetos dos integrantes dos Clubes 4-S.

Além da sua finalidade econômica, o crédito rural juvenil possui função educativa, pois inicia o jovem em contatos com fontes financiadoras, habituando-o, desde cedo, com o processamento do crédito e dando-lhe responsabilidade pessoal no cumprimento do plano e contrato a que ficou vinculado. A assistência aos jovens beneficiados com este tipo de crédito é prestada, diretamente, mediante contatos individuais nos domicílios ou em reuniões técnicas dos clubes, usando-se, no último caso, métodos de alcance sobre grupos (ABCAR, 1966, p. 25).

---

acción conjunta, donde se valoriza la energía creadora del individuo y se aprovecha para su propio progreso. Un progreso que tendrá como fundamento la libertad individual, sobre todo, y que preservará los sentimientos democráticos que han caracterizado a los habitantes de este hemisferio. Seus objetivos, concebidos con sentido humano y de justicia social, persiguen la igualdad de oportunidades para todos”.

<sup>189</sup> Do original: “No se les ha impuesto nada, pues si así fuera, el plan fracasaría. Son los mismos países que necesitan de esta ayuda los que han fijado las normas que han de reagr” (EXTENSIÓN EN LAS AMÉRICAS, 1962, p. 2).

<sup>190</sup> A ACAR-MG apresentou o primeiro plano de financiamento na modalidade crédito rural supervisionado que foi concedido pela Caixa Econômica do Estado de Minas Gerais em 1949 ao produtor rural de Santa Luzia, Sebastião Onofre da Silveira. Ver: (ACAR, 1949).

<sup>191</sup> Para maiores detalhes sobre as modalidades de crédito rural e das instituições financeiras envolvidas ver: Gomes (2000, p. 40-43) e Calumby (s.d.).

<sup>192</sup> A concessão de crédito para que os jovens desenvolvessem seus projetos era uma prática adotada nos Estados Unidos desde pelo menos a primeira década do século XX, para os boys' and girls' clubs (ou simplesmente 4-H Clubs). Cerca de cinquenta anos depois essa experiência passou a ser adotada em Minas Gerais com o Crédito Rural Juvenil. O anexo 4 apresenta duas fotos sobre a concessão de crédito para os jovens em agências bancárias. Separados no tempo e no espaço, as imagens, mesmo assim guardam grandes semelhanças entre elas.



Marín (2017) sobre o processo de implantação do crédito rural juvenil informou que esse visava inserir os jovens rurais nos processos de modernização das atividades agrícolas. Para isso havia a necessidade de se garantir tanto o maquinário, insumos, sementes e animais para o êxito dos projetos desenvolvidos a partir da ação extensionista.

A escassez de recursos técnicos e financeiros constituía-se um obstáculo ao desenvolvimento de trabalhos com a juventude afiliada aos clubes rurais. Surgia, então, a necessidade de instituir formas creditícias para os jovens rurais a fim de criar condições para o aprendizado do uso das novas tecnologias e práticas culturais. A experiência norte-americana de crédito para a juventude também serviu de referência para a institucionalização da modalidade de crédito juvenil no Brasil, assim como em diversos países do continente latino-americano (MARÍN, 2017, p. 27).

Tanto na modalidade crédito rural supervisionado, juvenil ou nos demais que foram desenvolvidos pela ACAR-MG e pela ABCAR, o objetivo principal estava em consonância com o que era esperado pelos promotores da Aliança para o Progresso para cada um dos produtores, ou seja: “desenvolver sua fazenda, viver e se alimentar e se vestir melhor. Também será necessário oferecer-lhes facilidades para educar sua família e desta forma seu nível de vida será elevado” (EXTENSIÓN EN LAS AMÉRICAS, 1962, p. 3, tradução minha)<sup>193</sup>.

No interior dessa mesma revista foi possível rastrear também outras referências à Aliança para o Progresso. Nela, constava, por exemplo, o símbolo da mão estendida (Figura 14) que carregava a tocha da liberdade cobrindo toda a extensão de um contorno que alude ao traçado das Américas formado por uma espécie de dois triângulos retângulos juntos.

---

<sup>193</sup> “[...] desarrollar su finca, y viva, y se alimente, y se vista mejor. Habrá que ofrecerle, además, facilidades para que eduque a su familia, y esta forma se levante su nivel de vida”.

**Figura 14** – Símbolo da Aliança para o Progresso



**Fonte:** (EXTENSIÓN EN LAS AMÉRICAS, Vol. VII, nº1, 1962, p. 2).

No conteúdo em si sobre a Aliança para o Progresso foi destacado que o momento na América Latina era de grande efervescência em todos os sentidos. Segundo a revista eram intensas as buscas para soluções de problemas da região. Assim, reuniões eram realizadas para se pensar em planos de desenvolvimento econômico e social e se discutiam vários temas, tais como: integração de mercados, reforma agrária, colonização, concessão de crédito, problemas da habitação e saúde, etc. Destacava, além disso, que os avanços feitos nas comunicações colocavam à disposição do homem latino-americano, novos conhecimentos. Ter acesso ao saber e às novas tecnologias eram consideradas premissas para se alcançar o progresso. A Figura 15, por exemplo, é representativa disso, pois apresenta um dos equipamentos que esteve disponível seguindo essa lógica.

**Figura 15** – Projetor de diafilmes Tri-Purpose com o símbolo da Aliança para o Progresso



**Fonte:** – Acervo do Centro de Documentação da EMATER-MG. Foto do autor.

O projetor de diafilmes representado pela fotografia faz parte de uma pequena amostra dos equipamentos mobilizados no trabalho dos agentes extensionistas nos meios rurais. São bastante nítidos nesse equipamento as mãos entrelaçadas em uma espécie de emblema que alude às cores e referências da bandeira norte-americana. A referência à Aliança para o Progresso é nítida. Também estão explícitos no equipamento os escritos “ETA” e “Brasil USA”, por exemplo. Esse tipo de projetor era um aparelho fundamental na exibição de imagens estacionárias a partir dos chamados diafilmes ou também conhecidos como “slides”. Servia tanto para cursos de formação do pessoal técnico da ACAR/ABCAR que trabalhava diretamente junto à população dos meios rurais, quanto também para exibição de imagens que promoviam as realizações alcançadas na lógica da Aliança para o Progresso e do ETA. É possível imaginar que nas mais distantes e longínquas comunidades rurais nos quais ocorria uma exibição com um equipamento como esse era despertado sobremaneira o interesse pelos “feitos” da ciência para com a agricultura. Porém, mais do que qualquer resultado imediato no quesito adoção de novas formas de produzir, há de se considerar o possível encantamento que uma imagem, mesmo que estacionária, projetada pela luz que saía do equipamento, promovia nas pessoas que assistiam o que consideravam o progresso humano disponível para eles<sup>194</sup>. Os

---

<sup>194</sup> Os extensionistas da ACAR/ABCAR utilizaram também projetores de filmes 8mm e Super 8 que certamente

jovens dos Clubes 4-S tinham assim a oportunidade de tomar contato com equipamentos e materiais que talvez sem a incursão teriam mais dificuldades ou demoraria mais para poder acessá-los.

A relação dos clubes de jovens rurais com a Aliança para o Progresso foi mais um elemento da imbricada rede que envolvia os interesses voltados às tentativas de transformação da vida nos meios rurais e que tinham na juventude um dos seus principais alvos. Entre 14 e 16 de dezembro de 1961, mesmo ano no qual foi anunciada a Aliança para o Progresso, realizou-se uma Reunião Técnica sobre o PIJR, na cidade de São José na Costa Rica. Nesse evento estiveram presentes personalidades que tinham em seus países papéis de destaque no trabalho com a juventude rural. Alguns desses foram: João Napoleão de Andrade, presidente da ABCAR e ACAR (Brasil); Franklin M. Reck, Editor do Anuário para Juventude Rural Latino-americana da Ford Motor Company (Estados Unidos); Martha Dalrymple, membro da Junta Diretora da AIA (Estados Unidos) e Áurea Helena Serra Andrade, Coordenadora de Juventude Rural junto a ABCAR (Brasil).

Na abertura desse evento, o Diretor Geral do IICA, engenheiro Armando Samper, fez a saudação de boas-vindas aos participantes da Reunião. Na ocasião teria pronunciado as seguintes palavras que dão o tom do que se buscava alcançar, como também destacava a relação do trabalho de organização de clubes com os propósitos da Aliança para o Progresso:

Os economistas consideram que a educação não é um gasto de serviço público e sim um investimento para promover o desenvolvimento econômico. [...]. Em países em processo de desenvolvimento como são os estados latino-americanos o investimento em capital humano requer uma alta prioridade e um forte investimento. Investir na educação da juventude é fundamentalmente um investimento na capacitação social da comunidade para convertê-la em fator essencial de desenvolvimento econômico. Em países como os nossos, onde a maioria da população vive no campo e onde a agricultura é a principal atividade econômica, os investimentos feitos na preparação da juventude rural tocam a medula do processo de desenvolvimento agora dramatizados nos postulados da Aliança para o Progresso (PIJR, 1961, tradução minha)<sup>195</sup>.

---

mais interesse e encantamento provocavam naqueles que tinham a oportunidade de assistir as projeções que promoviam as ações, objetivos e programas desenvolvidos pelo Serviço de Extensão Rural em parceria com as entidades internacionais. No Centro de Documentação da EMATER-MG em Belo Horizonte, existem uma série de filmes 8mm e Super 8. Fiz algumas tentativas frustradas de acessá-los, sendo a razão principal para isso, o estado de grande deterioração na qual os filmes se encontram. A ação do tempo, o mal-uso e principalmente o acondicionamento inadequado, estavam durante as últimas visitas a esse arquivo em março de 2018, levando a uma provável perda definitiva de valioso e único material imagético sobre práticas de Extensão Rural e do trabalho com os Clubes 4-S em Minas Gerais e no Brasil.

<sup>195</sup> “Los economistas consideramos que la educación no es un gasto de servicio público sino una inversión para promover el desarrollo económico. (...) En países en proceso de desarrollo como los son los Estados latinoamericanos, la inversión en capital humano requiere una alta prioridad y una fuerte inversión. Invertir en la educación de la juventud es fundamentalmente una inversión en la capacitación social de la comunidad para

Armando Samper destacava os elos nos quais faziam parte em termos de propósito o próprio PIJR, a Aliança para o Progresso, a AIA e o IICA/OEA. Juntos atuavam nos esforços para se alcançar o desenvolvimento das populações latino-americanas. Na exposição de Samper ficava explícita a ideia de que os filhos dos agricultores seriam um meio eficaz para fazer chegar aos adultos novas ideias de produção e que no futuro se constituíam em agricultores progressistas. Portanto o fito deveria ser estabelecido na juventude, pois segundo a crença propalada, seria essa camada da população responsável por promover formas de desenvolvimento econômico.

Nessa Reunião Técnica também foi destacada a necessidade de divulgação do trabalho com os jovens rurais. Dar visibilidade aos clubes traria, segundo os seus promotores, mais apoio de outros elementos da sociedade incluindo os próprios agricultores. Legitimar o trabalho dos clubes rurais significaria ter mais sócios, mais investimentos financeiros e mais resultados positivos junto às comunidades. Nesse sentido uma das maneiras para se divulgar o trabalho com a juventude rural em sintonia com os propósitos da AIA, ETA, IICA/OEA, Aliança para o Progresso e agências locais de extensão, era o incentivo às publicações tais como revistas, folhetos, jornais. Um dos mais significativos foi o Anuário Ford voltado à divulgação das realizações dos jovens sócios dos clubes latino-americanos no início da década de 1960. Na citada Reunião Técnica ocorrida na Costa Rica, o editor do Anuário, Franklin M. Reck afirmava que a Ford Motor Company tinha grande interesse pessoal no êxito do programa voltado à Juventude Rural. Desde 1960 a Ford passou a divulgar o trabalho com os clubes juvenis rurais das Américas mediante um programa de publicações e filmes<sup>196</sup>. Dessas publicações destacavam-se o próprio Anuário para Juventude Rural das Américas e o Suplemento do Anuário<sup>197</sup>. Até a data da Reunião Técnica (dez/1961) havia sido publicado um exemplar do Anuário e seis do Suplemento e estava previsto um segundo número para 1962 do Anuário. Seriam publicadas cerca de 72 mil cópias, sendo 50 mil em espanhol e 12 mil em português, distribuídos nos países de colonização ibérica na América e mais 10 mil em

---

convertirla en factor esencial del desarrollo económico. Y en países como los nuestros, donde la mayoría de la población vive en el campo y donde la agricultura es la principal actividad económica, las inversiones que se hagan en la preparación de la juventud rural tocan la médula del proceso de desarrollo, ahora dramatizado en los postulados de la Alianza para el Progreso”.

<sup>196</sup> Um desses filmes foi o documentário “Sementes para o Progresso”. Segundo a FORD MOTOR COMPANY (jul/ago/1961) ele “dramatiza a importância, o potencial e o espírito de 250.000 jovens que são os sócios dos clubes da juventude rural nas Américas Central e do Sul e nas Ilhas Canárias”. Em tom claramente elogioso, essa produção tinha o propósito de divulgar o trabalho dos clubes de jovens rurais em tais regiões. O documentário associa o progresso de tais regiões ao tipo de formação técnica e moral que deveria ser alcançada dos jovens envolvidos na agricultura. Apresenta cenas de jovens sendo instruídos em atividades relativas à agricultura. Um DVD com uma cópia desse documentário acompanha essa tese. A versão anexa está em língua inglesa e teve como título: Seeds of progress.

<sup>197</sup> Ver: FORD MOTOR COMPANY (1962, 1963, 1964) - Bulletins.

inglês que seriam distribuídos para os interessados nos Estados Unidos, Jamaica, Guiana Inglesa e outros países de língua inglesa. O interesse da Ford Motor Company no trabalho da Juventude Rural também estava em sintonia com os objetivos almejados pela Aliança para o Progresso, ou seja, a mudança nos padrões de produção e vida, ditos tradicionais dos povos latino-americanos. A Ford tinha companhias independentes em seis países da América Latina e agências em todos os demais e por isso

o progresso econômico da Ford depende do progresso econômico e social de todos os países, e nossos gerentes compreendem a importância de ser bons cidadãos dos países de onde trabalham, também opinam que a oportunidade maior está nos setores rurais e que o sistema de Extensão Agrícola oferece o método mais adequado para elevar o nível de vida (PIJR, 1961, tradução minha)<sup>198</sup>.

João Napoleão de Andrade que ocupava os cargos de Presidente da ABCAR e da ACAR teve duas comunicações na Reunião que trataram de temas referentes aos Clubes 4-S no Brasil. Em uma delas tratou das dificuldades em se criar um Comitê Nacional de apoio ao trabalho com os Clubes 4-S no país. Destacou que apesar de Minas Gerais ter criado o seu Comitê Estadual em 1959, havia ainda empecilhos à criação de um comitê nacional. Esse seria, na sua concepção, fundamental para angariar recursos e todo tipo de apoio ao trabalho de desenvolvimento dos clubes. Esperava que para 1962 a ABCAR conseguisse a criação do Comitê Nacional. Na outra comunicação de João Napoleão ele chamou a atenção para a importância do trabalho com a Juventude Rural para o desenvolvimento da América. Isso foi uma marca desse evento. Os participantes dessa Reunião Técnica na Costa Rica, dos quais pude extrair os depoimentos publicados no documento PIJR (1961), mesmo quando tratavam de assuntos de seus respectivos países, procuravam relacioná-los ao contexto americano. Obviamente, que assinalavam limites e problemas do trabalho. Mas todos eram unânimes em apresentar uma fé inabalável na organização dos clubes juvenis como sendo meios para se alcançar o desenvolvimento dos seus países. Foi nesse sentido que o presidente da ABCAR/ACAR discorreu sobre a importância da produção de milho para os povos americanos. Afirmou que em Minas Gerais a produção média de milho era de 1.285 kg/hectare, mas a produção média dos jovens dos Clubes 4-S era de 3.500 kg/hectare. Destacava, porém, que em uma competição estadual um jovem orientado por extensionistas

---

<sup>198</sup> “El progreso económico de la Ford depende del progreso económico-social de todos los países, y nuestros gerentes comprenden la importancia de ser buenos ciudadanos de los países en donde trabajan; también opinan que la oportunidad mayor está en los sectores rurales y que el sistema de Extensión Agrícola ofrece el método más adecuado para levantar el nivel de vida”.

da ACAR-MG havia obtido a produção de 8.276 kg/hectare. A produção daquele jovem era seis vezes maior do que a média do estado mineiro e mais de duas vezes a média dos outros sócios dos Clubes 4-S. Tais números que atestam o aumento da produção eram reiteradamente difundidos como sendo frutos da aplicação dos princípios da ciência e da técnica. A difusão dos saberes científicos e a racionalização da produção agrícola levariam, nessa concepção, à transformação do campo, dentro dos objetivos almejados para os povos americanos. João Napoleão inclusive fazia questão de realçar as ligações do Governo do Estado de Minas Gerais com a AIA e como o trabalho de Extensão Rural e de promoção e desenvolvimento dos Clubes 4-S estavam em acordo com os propósitos desejados para o continente americano<sup>199</sup>. Mas, João Napoleão não se restringiu à produção de milho em sua comunicação. Afirmou também que em uma exposição estadual agropecuária no Rio Grande do Sul todos os primeiros prêmios em gado leiteiro, avicultura e criação de suínos, foram de sócios 4-S. João Napoleão de Andrade foi só um exemplo, entre tantos de líderes do trabalho com a Extensão Rural, que vislumbrava no futuro dos jovens dos clubes a materialização dos objetivos traçados pelas agências, entidades e os programas nacionais e internacionais de modernização da agricultura.

Um desdobramento da Aliança para o Progresso e que teve estreita ligação com os objetivos de desenvolvimento da agricultura e da constituição de uma juventude rural afeita à visão de mundo defendida por esse programa foi a criação dos Peace Corps Volunteers em 1961. Os Voluntários da Paz como foram chamados no Brasil<sup>200</sup>, tiveram estreita relação com os clubes de jovens nos moldes dos 4-H dos Estados Unidos, como foi o caso dos Clubes 4-S no Brasil.

Hearne, Harvey e Nichols (1964, p. 522, tradução minha) consideraram que no início da década de 1960 os Peace Corps eram a “mais nova e muito mais excitante forma de compartilhamento do conhecimento internacional<sup>201</sup>”. Segundo esses autores os Peace Corps tinham como objetivos

---

<sup>199</sup> João Napoleão de Andrade era mineiro de Diamantina, da mesma forma que o ex-presidente do Brasil, Juscelino Kubistchek. Ambos foram fundamentais para a estruturação do Serviço de Extensão Rural no Brasil, principalmente para a criação da ABCAR. João Napoleão tinha estreita relação com Juscelino, ao qual, inclusive o representou em eventos realizados em nome da Comitê Interamericano para a Juventude Rural, que ambos eram membros. Uma dessas ocasiões foi em dezembro de 1962 em Turrialba, Costa Rica. No Encontro Técnico do Comitê, João Napoleão leu a mensagem de Juscelino que não pode participar, pois estava em Washington, D.C, junto com o ex-presidente colombiano, Lleras Camargo, em missão da OEA para tratar de assuntos referentes à Aliança para o Progresso. Na mensagem, Juscelino destacava o papel da juventude rural latino-americano dentro das propostas da Aliança para o Progresso. (IICA, 1962, p. 15-16).

<sup>200</sup> Segundo Azevedo (2008, p. 314) os voluntários foram chamados em vários países da América Latina de “hijos de Kennedy”.

<sup>201</sup> “[...] the newest and to many the most exciting form of sharing [...]”.

promover a paz mundial e a amizade, colocando à disposição dos países interessados americanos que ajudarão as pessoas desses países a suprir suas necessidades de mão-de-obra capacitada, ajudar a promover uma melhor compreensão do povo americano com os povos atendidos e ajudar a promover um melhor entendimento entre americanos e outros povos (HEARNE, HARVEY, NICHOLS, 1964, p. 522, tradução minha)<sup>202</sup>.

Segundo Azevedo (2008, p. 71) os Voluntários da Paz incluíam

Negros e mulheres, com idade em torno dos trinta anos, indispensável idealismo e determinação, em sintonia com os movimentos sociais e políticos mais progressistas, como os dos direitos civis, boa formação acadêmica e trilhando carreiras promissoras.

Esse perfil para o típico Voluntário da Paz vai ao encontro daquilo que já havia sido percebido por Hearne, Harvey e Nichols (1964), em texto escrito no calor da efervescência dos Peace Corps. Esses autores afirmaram que o típico voluntário tinha origem em

idades, pequenos povoados e fazendas de todos estados, Porto Rico, Ilhas Virgens e Guão. O voluntário típico é solteiro e tem cerca de 25 anos de idade, mas muitos casais casados servem juntos no exterior. Alguns tem a idade mínima de 18 anos e vários são maiores de 60 anos. Entre eles estão estudantes, homens e mulheres que abandonam suas carreiras por um tempo e até aposentados (HEARNE, HARVEY, NICHOLS, 1964, p. 522, tradução minha)<sup>203</sup>.

Os Voluntários da Paz têm sua história inscrita em uma longa trajetória de ajuda internacional que encontram similitudes com várias organizações privadas. Dentre elas, Azevedo (2008, p.59) cita o American Fields Service (Primeira Guerra Mundial), o Experiment in International Living (1932), o Volunteer for International Development (1957), a International Farm Youth Exchange – IFYE (1948) e a National 4-H Club Foundation (1948). Essas duas últimas tiveram estreita ligação com os clubes de jovens rurais estudados nessa tese.

Como já citei, programas voltados à juventude rural inspirados nos 4-H norte-americanos, como foi o caso dos Clubes 4-S, passaram a contar também com a atuação dos

---

<sup>202</sup> “[...] to promote world peace and friendship by making available to interested countries americans who will help the people of those countries meet their needs for trained manpower, to help promote a better understanding of the American people on the part of the people served, and to help promote a better understanding among Americans of other peoples”.

<sup>203</sup> “[...] come from the cities, villages, and farms of all States, Puerto Rico, the Virgin Islands, and Guam. The Typical volunteer is unmarried and is about 25 years old, but many married couples serve together overseas. Some volunteer are as young as 18, the minimum age, and several are more than 60. Among them are students, men and women who leave their careers for a time, and retired persons”.



Voluntários da Paz a partir do fim do ano de 1961. Naquele momento em que a própria Aliança para o Progresso se constituía enquanto proposta e no qual os Voluntários da Paz tornaram-se um dos seus elementos fundamentais, pois comungavam das mesmas propostas de transformação da vida nos meios rurais, ocorreu o encontro com os programas dos clubes juvenis.

A região nordeste do Brasil foi a principal área de atuação dos Voluntários da Paz no país. A região foi um palco histórico para inúmeras convulsões sociais advindas dentre outras razões por conflitos agrários. Naquele contexto, por exemplo, foram fundadas no ano de 1955 as Ligas Camponesas. A de Pernambuco foi liderada pelo advogado Francisco Julião que tinha “como principal bandeira a reforma agrária, que previa a expropriação dos latifúndios sem prévia indenização” (GOMES, 2013 - a, p. 127). No final da década de 1950 e início da década de 1960, os confrontos nos meios rurais se intensificavam<sup>204</sup>. Concorrendo também ao processo de tentativa de organização dos trabalhadores rurais existiram também outras iniciativas. Um exemplo, foi o Serviço de Assistência Rural – SAR de Natal, Rio Grande do Norte, criado em “22 de dezembro de 1949, pelo então padre Eugênio Sales, com a colaboração da Juventude Masculina Católica e de alguns alunos da Escola de Serviço Social” (CORREIA; PERNAMBUCO, 2011, p. 45). Grosso modo o SAR era uma entidade que promovia ações de extensão rural, uma vez que visava atingir o homem do campo através de assistência médica, educacional, técnica e moral. No caso específico do SAR havia o elemento religioso, devido a marcante presença da Igreja Católica na sua constituição. O SAR pode ser caracterizado como parte de um grupo de entidades e ações que sob propostas educacionais visava a conscientização da população rural em relação a direitos. Mesmo sob nuances do reformismo que tinha como mote o desenvolvimentismo, conforme debate da época, o SAR também passava a incomodar os grupos de poder locais. Acrescidos das Ligas Camponesas que, no início da década de 1960 tinham o seu lema: “Reforma agrária na lei ou na marra” estampado em faixas e cartazes em diversas manifestações pelo país que reivindicavam por reformas durante o tumultuado governo do presidente João Goulart (1961-1964), havia uma ambiência de tensão político-social bastante evidente naquele contexto. Conforme afirmaram Correia e Pernambuco (2011, p. 21)

---

<sup>204</sup> Não só o nordeste do país era palco de experiências que tinham a questão da terra como central. Em 1957, por exemplo, na cidade de Francisco Beltrão no sudoeste do estado do Paraná houve um evento que ficou conhecido como “Revolta dos Posseiros”. Aproximadamente seis mil colonos armados de espingardas e instrumentos de trabalho como enxada, foice, tomaram a sede do município devido a tensão crescente com as companhias imobiliárias que se instalaram na região principalmente a partir do início da década de 1950. Conflitos violentos entre os jagunços contratados pelas companhias e os colonos foram comuns. Entretanto, como afirmou Gomes (1987), o movimento foi fundamental para que a pequena propriedade e a produção familiar saíssem vitoriosas na região.

Nesse caldo político burbulhante, desenvolveram-se diversas experiências que tinham como centro de suas discussões a a questão do desenvolvimento e da democracia no Brasil. Em nível nacional, podemos destacar o Instituto Superior de Estudos Brasileiros – ISEB. [...]. Podemos citar também no Nordeste: as Ligas Camponesas, as experiências dos Centros Populares de Cultura – CPC, o Movimento de Cultura Popular – MCP, a campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler, em Natal, a primeira experiência de educação popular desenvolvido pelo Movimento de Educação de Base – MEB e o Serviço de Assistência Rural, entre outros.

Nesse contexto de intensificação das tensões sociais no nordeste brasileiro, grupos de poder locais e o próprio governo norte-americano demonstravam preocupações com aquilo que consideravam como sendo uma possibilidade de ideias marxistas se fortalecerem na região. Assim em 1962, foi firmado um acordo entre Brasil e Estados Unidos (Operação Nordeste) dentro da lógica da Aliança para o Progresso. Por ele recursos, da ordem de US\$131 milhões, deveriam ser aplicados na região

em programas de impacto nas áreas de saúde pública, eletrificação rural, abastecimento de água e educação. O treinamento de professores e a construção de escolas figuravam entre os objetivos mais importantes devendo as novas escolas se transformar em símbolos da Aliança. Na área de educação básica, que não era prioritária nos planos diretores da Sudene, a influência americana fez-se sentir. Foram firmados cinco convênios destinados ao fornecimento de assistência técnica a instituições brasileiras, a fim de melhorar e ampliar a educação básica no Nordeste. Foi também firmado convênio com o INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos) para a construção de um centro de treinamento de professores, supervisores, diretores, etc. objetivado também a melhoria da educação de adultos. Por insistência norte-americana foi incluído nos projetos da Sudene o apoio à educação secundária, industrial e superior. Receberam apoio os serviços de aprendizagem do Senai, o Centro de Aperfeiçoamento de Economia do Nordeste (Caen) e a Universidade Federal do Ceará, entre outras instituições (AZEVEDO, 2008, p. 169-170).

Os Voluntários da Paz no Brasil atuaram junto à programas de educação, de saúde, alimentação, extensão rural incluindo assistência técnica aos agricultores e incentivo a constituição de clubes juvenis rurais. Especificamente sobre o programa de incentivo aos clubes juvenis, Azevedo (2008, p. 172) descreveu um longo percurso na formação dos Voluntários para a atuação junto aos Clubes 4-S no Brasil. Essa incluía primeiramente o treinamento básico na sede da National 4-H Foundation em Washington, D.C. Depois outra parte do treinamento ocorria em Porto Rico, para observação in loco do trabalho dos 4-H. Depois havia uma estadia na Universidade Rural do Rio de Janeiro e em seguida na ABCAR. O treinamento só era finalizado depois de terem passado nas agências estaduais de Extensão, como a ACAR-MG, por exemplo, onde recebiam informações sobre os 4-S e mais

propriamente juntos às comunidades rurais com o acompanhamento dos agentes brasileiros de Extensão Rural.

Os voluntários deveriam fazer demonstrações de técnicas modernas de plantio e criação e preparar material audiovisual e outros instrumentos pedagógicos capazes de facilitar a comunicação com os participantes. Além das atividades educacionais e administrativas, os voluntários deveriam também promover atividades de integração e recreação (AZEVEDO, 2008, p. 172).

Houve uma intensa troca de experiências entre os jovens brasileiros e aqueles que integravam os Peace Corps. Havia, apesar das desconfianças em torno do que seriam os Voluntários da Paz, tentativas explícitas de se fazer o elogio desse Programa. Em um folheto em formato de questionário com o título Voluntários da Paz, buscava-se ao mesmo tempo esclarecer quem eram os voluntários, como se constituíram, as formas e os locais de atuação, entre outras respostas. O folheto é claramente um símbolo da propaganda positiva que os idealizadores do Programa para o Brasil buscaram desenvolver no país. Quanto aos trabalhos desenvolvidos esses eram separados em três grandes grupos: 1) Educação; 2) Desenvolvimento rural; 3) Melhoramento urbano relativamente às favelas. Os itens 1 e 2 relacionaram-se diretamente com os objetivos perseguidos também pelos Clubes 4-S no Brasil. Aliás, nesse mesmo folheto relacionava a atuação dos Voluntários da Paz junto aos Clubes 4-S no Brasil e esses como sendo uma tradução dos 4-H Clubs dos Estados Unidos<sup>205</sup>.

Os Voluntários da Paz estiveram presentes em Minas Gerais junto aos trabalhos com a juventude rural que giravam em torno da ACAR-MG. O jornal O Trevo foi um veículo que divulgou esse trabalho, sendo a presença dos norte-americanos apresentada de forma positiva em suas páginas. Tal fato foi descrito, por exemplo, sobre os membros do Clube 4-S Santa Rita, do município de Bicas em 1962. Segundo o jornal os sócios desse clube tinham recebido “com alegria” os Voluntários da Paz, Sr. Curtland e a Srta. Iná Era. O mesmo teria acontecido em Viçosa, quando os sócios do Clube Boa Vista, demonstraram “alegria em trabalhar” com os Voluntários da Paz, Sr. Dale Douglas e a Srta. Frances Wadell. (O TREVO, dez/1962, p. 2).

Nessa mesma edição ainda houve o destaque que desde junho de 1962 os Voluntários da Paz já atuavam em Minas Gerais junto aos Clubes 4-S. Nos Estados Unidos todos eles tinham sido sócios ou líderes de Clubes 4-H. Em 1962 chegaram para trabalhar em Minas Gerais os seguintes Voluntários para as seguintes localidades onde já existiam Clubes 4-S: Modesto e Joyce (Ubá e Tocantins); Curt e Iná (Juiz de Fora, Bicas e Santos Dumont);

---

<sup>205</sup> Para maiores detalhes sobre esse assunto ver: (VOLUNTÁRIOS DA PAZ, 1962).

Dale Douglas e Frances (Viçosa); Andy e Angélica (Pará de Minas, Esmeraldas e Divinópolis); David e Thelma (Lavras, Nepomuceno e Perdões); David e Corirene (Machado, Campestre e Poço Fundo); Juan e Esther (Teófilo Otoni).

O percurso dos Voluntários da Paz por Minas Gerais, pelo menos em O Trevo foi retratado como algo auspicioso em termos práticos no tocante à assistência técnica e ao mesmo tempo como sinônimo de estreitamento de amizades entre os povos. Cabe citar que tais objetivos estavam no horizonte da Aliança para o Progresso, do qual os Voluntários podem ser considerados como um ramo e principalmente na aproximação com os clubes juvenis rurais no Brasil. Reforçar esses objetivos e destacar o que consideravam os resultados desses programas foi uma constante na produção oficial da Extensão Rural. O Trevo fazia parte dessa produção oficial e procurava realçar as realizações desses programas. Qualquer fato sobre os Voluntários e os Clubes 4-S era motivo para ganhar o tom de exaltação. Isso não foi diferente na carta que teria sido escrita pelos integrantes do Clube 4-S “Carrilhões do Progresso”, da comunidade rural Conceição, do município mineiro de Machado. Na carta, a sócia e “repórter” do referido curso escrevia aos editores de O Trevo para destacar a presença dos Voluntários da Paz.

É com grande júbilo que faço esta reportagem, para levar ao vosso conhecimento como se encontram alegres os corações dos quatroessistas de Machado, por terem em seu meio os bondosos e amáveis Dr. Davi e Dona Corina. São Voluntários da Paz. Trouxeram de suas terras distantes muita coisa boa e diferente para nós (O TREVO, fev/1963, p. 4).

O mesmo tom foi dado inclusive quando do retorno dos Voluntários para os Estados Unidos. Quando do fim do convênio entre a ABCAR e o Programa Voluntários da Paz em Clubes 4-S em maio do ano de 1966, o Trevo novamente se referiu aos norte-americanos em tom de exaltação e já com saudosismo por aqueles que partiam.

Eles se adaptaram tão bem ao Brasil, entrosaram-se tão bem no nosso meio que eram considerados um de nós, por todos os quatroessistas com quem trabalharam. Se eles deixam um pouco de si mesmos em cada jovem com quem trabalharam, levam também um pouco de cada jovem, de cada comunidade, de cada município de Minas Gerais e do Brasil. A simpatia que irradiavam, o trabalho, a boa vontade, o desejo de colaborar, são lembranças que deles guardaremos em nossos corações. A vocês, amigos americanos, que retornam à Pátria, desejamos muito êxito em seus estudos, muitas felicidades pessoais, muitas realizações no futuro. E se algum dia sentirem no coração as picadas da saudade [...] estaremos esperando sempre por vocês (O TREVO, junho/1966, p. 1-2).

Porém, mesmo em O Trevo foi possível perceber que apesar dessas referências ao suposto idealismo, desprendimento e dedicação dos Voluntários, muitos deles retornavam antes do término de um projeto ser finalizado. Isso foi confirmado, por exemplo, na edição de O Trevo de número 76 (out/1965). Nessa edição a Coordenadora Estadual de Clubes 4-S de Minas, Marisa Dulce Pereira, informava que a Voluntária da Paz, Patrícia Cloherty, que havia trabalhado na região de Juiz de Fora, retornava aos Estados Unidos. Segundo Marisa ela iria retomar seus estudos na Columbia University em Nova Iorque. Na mesma edição foram citados os nomes de mais oito Voluntários que retornavam aos Estados Unidos. Não obstante ao tom elogioso das publicações sobre os Voluntários da Paz junto aos Clubes 4-S tudo indica que essa relação tenha sido eivada por tensões e até mesmo distanciamentos. O retorno dos Voluntários para seu país de origem antes mesmo do término formal do Programa com os Clubes é um bom indício dessa observação. Cabe citar que Azevedo (2008) apresentou exemplos de Voluntários da Paz que tiveram um choque de realidade em outros projetos desenvolvidos no Brasil, encontrando um mundo muito diferente daquilo que foi imaginado aprioristicamente. Diferenças culturais, linguísticas, desconfianças mútuas, tudo isso, fica evidente a partir das afirmações de Azevedo (2008) sobre essa relação

Pode-se imaginar as ressalvas dos habitantes das pequenas cidades brasileiras às propostas organizacionais dos voluntários – que incluíam inclusive o registro em ata dos assuntos tratados nas reuniões -, tão estranhas à cultura local. Não faltaram reclamações dos voluntários quanto ao pouco interesse no treinamento oferecido. Os norte-americanos ressentiam-se da falta de envolvimento com o trabalho administrativo dos brasileiros, que se mantinham apáticos, sem iniciativa, indisciplinados em relação aos horários, incapazes, enfim, de se dedicar com ardor a uma tarefa previamente planejada. Pior ainda eram as manifestações, mais ou menos explícitas, no sentido de que, como estrangeiros, eles nada tinham a ensinar (AZEVEDO, 2008, p. 172-173).

O engenheiro agrônomo Geraldo Lucas, da ACARES, foi um dos extensionistas que também apresentou um contraditório em relação à visão corrente nas publicações oficiais sobre os Voluntários da Paz. Ele foi um dos extensionistas brasileiros diretamente envolvido com o trabalho com juventude rural, principalmente no estado do Espírito Santo. Em entrevista concedida ao também extensionista Romeu Padilha de Figueiredo em dezembro de 1981, foi possível perceber opinião que, em parte, foge ao tom saudosista e de exaltação presente na maior parte da documentação consultada. Segundo Geraldo Lucas, que havia participado em 1962 de um estágio sobre juventude rural nos Estados Unidos, aquela experiência vivida com os Voluntários da Paz foi a “pior possível”, pois esses queriam infligir

o modelo norte-americano a todo custo. Além disso, Geraldo Lucas afirmou que, caso fosse cortado o Programa Voluntários da Paz, a ABCAR certamente teria perdido recursos provenientes da USAID. Esse extensionista, aliás, parece ter sido uma das vozes dissonantes em torno daqueles que apenas ressaltava em suas memórias aquilo que atribuíam como o lado positivo da Extensão Rural e do trabalho com a juventude. Geraldo Lucas afirmou que sequer o tema reforma agrária era tratado pelos jovens e nem pelos extensionistas. Segundo esse engenheiro agrônomo, eles se prendiam apenas na busca de conscientização sobre os “problemas da comunidade” e que esses poderiam ser solucionados por ações visando a uma racionalidade no meio rural. Segundo ele os jovens apenas se preocupavam com o futuro. Por isso, inclusive, buscavam aprender alguma profissão que os levasse a ter alguma chance fora do meio rural. (FIGUEIREDO, 1981).

Assim, não obstante ao discurso construído com o intuito de positivar as ações e estruturar a memória acerca das relações que envolviam os jovens rurais em torno das práticas extensionistas e sua ligação com os organismos internacionais, é preciso estar atento aos interstícios desse processo. Nessa tese, porém, isso está apenas colocado em sua fase embrionária, não sendo, de fato, o objeto da minha preocupação nesse momento. Interessou-me mais a construção desse processo, ou seja, as prescrições voltadas aos jovens rurais a partir do modelo dos 4-H Clubs e como se metamorfosearam nos Clubes 4-S.

No próximo capítulo discuto como as duas experiências de organização de clubes juvenis rurais aqui mais enfatizadas, ou seja, os 4-H e os 4-S se encontraram e como ocorreram as apropriações dos princípios e das prescrições originais dos 4-H Clubs junto aos Clubes 4-S no Brasil com foco em Minas Gerais.

### CAPÍTULO 3 - 4-H Clubs e Clubes 4-S: A apropriação de um modelo?

“Estes jovens estão coligados sob a liderança de vários Ministérios de Agricultura, com o propósito de aprender e permutar novas técnicas nos campos da agricultura e vida doméstica. Trabalham unidos em clubes semelhantes aos clubes 4-H existentes aqui nos Estados Unidos. Esperamos que sintam, como nós o sentimos, que o movimento da juventude rural é o tipo de programa emocionante e humano que merece o apoio de todo cidadão esclarecido” (Tom Lilley, vice-presidente do Ford International Staff). (FORD MOTOR COMPANY, jul/ago/1961).

“A Extensão Rural brasileira passou a atuar junto à juventude através da organização de Clubes 4-S (Saber, Sentir, Saúde e Servir), baseada nos mesmos princípios educacionais dos Clubes 4-H (Head, Heart, Health, Hand), dos Estados Unidos da América, atualmente adotados em mais de 70 países” (ABCAR, 1966, p. 12).

“Aqui faço parênteses para comentar algo que se ouve hoje em dia, com palavras tais como estas: ‘Mas o Programa de Extensão Rural era uma cópia do programa de Extensão nos Estados Unidos’. *Não era não*. Vou te dizer com minha experiência de quase vinte anos de Extensão Rural e, na realidade, eu que nunca deixei de ser Extensionista. *Eu não creio que o Programa de Extensão Rural no Brasil tenha sido uma cópia direta do programa dos Estados Unidos*. Eu fui aos Estados Unidos em 1963, e tive a oportunidade de visitar e observar vários locais e níveis do programa de Extensão Rural lá. Para começar, quando eles dizem que era uma cópia fiel, claro que não era, porque o mesmo foi adaptado ao Brasil” (WERKEMA, 2012).

Como demonstrei nos dois primeiros capítulos, o modelo de organização da juventude baseado em clubes rurais do tipo 4-H, nasceu de questões internas em torno da busca do desenvolvimento da agricultura e da vida no campo nos Estados Unidos, onde, guardadas peculiaridades locais ou regionais, como maior ou menor relação com os sistemas escolares, manteve um padrão de organização e objetivos. Mas, de uma experiência local, foi possível perceber a permanência de ecos e reflexos dessa tradição em várias partes do mundo, desde a década de 1920, mas com grande incremento a partir do fim da década de 1940. Tanto no pós Primeira Guerra Mundial, quanto no contexto da Segunda Guerra, os valores e o que resumidamente pode ser chamado de modo de vida norte-americano, foram anunciados como modelares, dando prosseguimento a uma longa tradição missionária daquele país. A história dos clubes juvenis é mais uma parte desse processo. E foi justamente esse período que os 4-H Clubs tornaram-se espelho para outras experiências em várias partes do mundo. O trecho a seguir afirma, inclusive, que os clubes norte-americanos eram “imitados” pelo mundo afora.

Após um período de reajustamento em seguida às duas guerras mundiais o trabalho dos clubes 4-H mostrou contínuo crescimento. Surgiram finalidades e objetivos sadios e de prazo longo. A função do clube como um instrumento educacional veio a ser melhor compreendida. Alguns estados desenvolveram o trabalho em íntima relação com o sistema escolar local, enquanto outros estabeleceram os clubes como programa das comunidades, sem ligações com o sistema escolar. Programas para todo o ano, projetos cuidadosamente esboçados, competições nacionais, estaduais e regionais, a utilização de voluntários locais, o reconhecimento do êxito e as realizações em situações reais da vida, são algumas das características desses serviços, atualmente conhecidos e imitados em todo o mundo (KELSEY e HEARNE, 1966, p. 32).

Mas, o que entendo como a maior novidade trazida pelo período posterior a Segunda Guerra Mundial foi o incremento de agências e organismos públicos ou privados que pensavam a juventude rural cada vez mais em perspectiva internacional. Assim, os clubes juvenis fundados a partir de então tomavam como referência a trajetória dos 4-H Clubs norte-americanos aos quais deveriam se mirar.

Nas citações que abrem esse capítulo foi possível perceber três opiniões que dialogam com essa ideia. Nos trechos há a menção de uma circulação de um modelo voltado a organização da juventude rural e que tem como referência a experiência dos 4-H. Não há como negar que, seja para referendá-la enquanto exemplar, seja para negá-la enquanto influenciadora que levaria a uma cópia direta, a forma “4-H” esteve no centro do debate. A primeira citação apresenta a ideia de similitude entre os clubes latino-americanos e os dos Estados Unidos. Além disso, houve uma explícita demonstração de um desejo, de uma



vontade, de que os clubes e todas as pessoas envolvidas nessa experiência, sentissem o mesmo entusiasmo que os norte-americanos supostamente sentiam. Aquela experiência era retratada como algo grandioso e, portanto, passível de ser estendida a outros povos. Na segunda citação houve através de um documento produzido pela própria agência brasileira responsável pelas práticas extensionistas, a afirmação de que os princípios adotados no Brasil eram os mesmos dos Estados Unidos com respeito à organização da juventude rural. Na época da publicação de tal documento havia uma clara tentativa de estabelecer um elo entre as duas experiências, entre os dois países. O esforço dos Estados Unidos em formar sua juventude rural servia como modelo a ser copiado por outros povos, como o Brasil e mais os cerca de outros setenta países que adotavam os “mesmos princípios educacionais dos 4-H Clubs” (ABCAR, 1966, p. 12). Já a terceira citação é uma negativa veemente de que os Clubes 4-S do Brasil representaram uma cópia dos 4-H Clubs dos Estados Unidos. Werkema (2012), extensionista da ACAR-MG e da ABCAR, que trabalhou diretamente com a organização dos clubes juvenis, contestou os críticos que afirmavam ter sido o modelo norte-americano imposto ao país ou que os Clubes 4-S seriam uma cópia dos 4-H Clubs. Em seu depoimento ficou explícita a defesa do que considerava como sendo o protagonismo dos extensionistas brasileiros e da autenticidade do trabalho com a juventude rural no Brasil.

É a partir dessas três citações que nesse capítulo busco cotejar as duas experiências, ou seja, o modelo dos 4-H Clubs dos Estados Unidos e os Clubes 4-S adotados no Brasil a partir de Minas Gerais desde 1952. Estou convencido, a partir das fontes estudadas ao longo da pesquisa sobre as relações entre os 4-S e os 4-H, que houve uma circulação de um modelo de formação destinado aos jovens dos meios rurais. Esta circulação não foi algo arquitetado como uma ação premeditada de um dos lados envolvidos. Na verdade, tratou-se de circunstâncias internas e externas que, em diálogo, colaboraram para que as iniciativas de formação da juventude rural ganhassem corpo e se materializassem nos clubes juvenis, como foi o caso dos Clubes 4-S adotados em vários estados do Brasil a partir de 1952. Assim, nessa trama não houve a imposição de um modelo de jovem que, inicialmente pensado para os meios rurais norte-americanos, deveria ser adotado por outros povos. Por outro lado, nas relações que se sucederam, a partir do contato entre a experiência norte-americana e a realidade rural de Minas Gerais e do Brasil, alterações e adaptações da filosofia original dos 4-H foram realizadas.

Para essa análise tomo como inspiração a ideia de modelos como ferramentas de análises conforme apresentou Carvalho (2011, p. 188)

O uso de modelos como ferramentas de análise implica a possibilidade de testar sua adequação descritiva a um corpus documental delimitado de análise e também, sua capacidade de caracterização diferencial do objeto que se pretende descrever, relativamente a outros objetos. Assim, falar em modelo como ferramenta de análise no campo da pesquisa historiográfica implica trabalhar com sistemas de relações, testando a pertinência descritiva e analítica desses sistemas, no diálogo com as fontes documentais. Não se trata, evidentemente, de trabalhar com modelos construídos aprioristicamente, mas de construídos na pesquisa, testando sua abrangência e sua capacidade de conferir inteligibilidade a práticas e processos históricos.

Os 4-H Clubs foram a referência e serviram de estímulo aos Clubes 4-S. Nesse processo havia as adaptações e recriações envolvendo os contextos históricos e culturais distintos. Conforme também escreveu Tota (2000, p. 193), sobre o processo que chamou de “americanização do Brasil” e que, nesse caso, tomo como válido para se referir à relação entre os clubes juvenis:

Um povo só incorpora um determinado valor cultural de outro povo se ele fizer sentido no conjunto geral da sua cultura. Isso significa que a assimilação cultural não se faz por imitação, mas por um complicado processo de recriação. A assimilação cultural nunca ocorre em bloco. Um povo não aceita todos os elementos culturais do outro, mas apenas uma parte, e, mesmo assim, dando a eles novos sentidos. Essa assimilação envolve, portanto, uma escolha e uma recriação.

Nesse capítulo, portanto, parto dos princípios gerais dos 4-H Clubs e dos Clubes 4-S para em seguida colocar frente a frente, em contraste, as duas experiências em termos de seis categorias de análise definidas a partir das fontes consultadas.

### **3.1 Princípios gerais dos 4-H Clubs e dos Clubes 4-S**

Os princípios e a filosofia dos clubes juvenis rurais eram os mesmos pelo menos, em termos de suas prescrições gerais. Nos documentos que consultei durante a pesquisa para elaboração dessa tese ficou demonstrada uma disposição dos seus autores em assim justificar esse trabalho. O manual destinado aos extensionistas da ACAR de Minas Gerais envolvidos com o trabalho de juventude foi enfático em afirmar que detalhes, por exemplo, de organização poderiam até ser modificados no futuro, mas “a filosofia, as características e os objetivos de Clubes 4-S não poderão nunca ser alterados, porquanto isto acarretaria uma mudança radical deste tipo de trabalho e, conseqüentemente, uma deturpação de seu sentido”. (ACAR, s.d., p.1). Fica claro assim, que os próprios promotores do extensionismo no Brasil e

do trabalho com os clubes concordavam que haveria um ethos unificador dos clubes, independente da realidade e da ambiência de cada um deles.

O manual para os extensionistas da ABCAR (1964) também realçou os princípios gerais dos clubes além do destaque ao fato de que esse tipo de trabalho pertencia a uma tradição também presente em outros países.

Executado com perseverança, o trabalho através dos Clubes 4-S exercerá influência crescente sobre a juventude rural, tal como se observa em outros países e já vem ocorrendo entre nós, com inegáveis benefícios de ordem familiar, social e econômica. Sua atuação se desenvolve no tempo e no espaço, graças à formação de líderes, os quais serão um dia chamados a exercer influência decisiva na organização de comunidades rurais (ABCAR, 1964, p. 2).

Em outro manual para os extensionistas, destinado àqueles atuantes no estado de Santa Catarina também havia a afirmação de que o trabalho com os jovens rurais não era um movimento isolado. Os clubes, segundo essa fonte, subsistiam também “baseando-se nas experiências vividas por nossos colegas de campo, nesta e demais associadas do sistema ABCAR” (ACARESC, 1973, p. 1)<sup>206</sup>. Assim, haviam princípios únicos que interligavam experiências de diferentes lugares e regiões.

A filosofia do trabalho com o clube, fundamenta-se no princípio de ajudar o jovem a ajudar-se a si mesmo e visa o desenvolvimento integral da personalidade, habilitando os jovens a arcar com a parcela de responsabilidade que lhes caberá no futuro, como membros de uma comunidade doméstica. Pertencer ao Clube de Trabalho 4-S, significa dizer de mais e melhores oportunidades a fim de preparar-se para a vida e melhor cumprir os deveres para com a Família, comunidade e a Pátria (ACARESC, 1973, p. 2).

Semelhante ideia também foi apresentada em um manual preparado pelo Centro Regional de Ayuda Técnica (CRAT) e pela Agência de Desenvolvimento Internacional (AID), publicada no México em 1968 como tradução da publicação *Rural Youth Clubs Around the World*, editado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos em 1967. Tal fonte reafirma o caráter único dos princípios do trabalho com os clubes juvenis rurais, mesmo que realce as necessárias adaptações para cada contexto envolvido. Além disso, é mais um indicativo de como as publicações acerca do trabalho com os jovens rurais circularam no continente, tendo como base as ideias e proposições inicialmente pensadas para a realidade

---

<sup>206</sup>Esse documento é anterior a 1973. Na contracapa consta que naquela data ele havia sido reimpresso no total de quinhentos exemplares. Não foi possível localizar a data da primeira edição.

dos Estados Unidos.

Os princípios gerais do trabalho de juventude rural são os mesmos em todos os países. Entretanto, os programas específicos, os projetos, os procedimentos de organização e os boletins diferiram, já que todos devem adaptar-se às condições locais. Inicia-se o programa rural juvenil onde está a gente. Deve referir-se a suas necessidades e interesses e adaptar-se à sua situação e cultura (CRAT/AID, 1968, p. 9, tradução minha)<sup>207</sup>.

No citado Manual de Clubes 4-S (ACAR, s.d) também houve o reforço à ideia de uma filosofia única com as adaptações sendo feitas na medida das demandas locais.

Existem variações de nome, bem como diferenças acidentais resultantes da adaptação da ideia aos diversos países. Mas, a filosofia os princípios e os objetivos dos Clubes 4-S são sempre os mesmos, em toda e qualquer parte do mundo onde são organizados (ACAR, s.d, p. 3).

A exposição dos princípios dos Clubes 4-S fica expresso, por exemplo, nessa mesma fonte:

Ajudar o jovem do campo a desenvolver seu ideal de melhorar na vida através de métodos de agricultura e administração da fazenda e do lar;  
 Formar bons cidadãos que organizem melhores comunidades;  
 Promover a aprendizagem através da execução individual de projetos relativos à agricultura e economia doméstica;  
 Despertar na mente do jovem a apreciação inteligente da natureza e de seus fenômenos;  
 Desenvolver hábitos saudáveis de vida;  
 Proporcionar aos jovens informação e orientação para o uso das horas de lazer;  
 Despertar nele o espírito científico diante dos problemas da fazenda, do lar e da comunidade em que vive;  
 Desenvolver no jovem rural uma mentalidade progressista capaz de aceitar orientação de técnicos (ACAR, s.d., p. 3-4).

No Guia para Líderes Locais de 4-H, (WARREN, 1952), publicado pelo USDA foi possível perceber semelhante ideia. Acredito que tal obra, inclusive, possa ter servido para que os técnicos da ACAR/ABCAR “traduzissem” vários dos objetivos a serem alcançados junto aos jovens rurais brasileiros. No documento norte-americano foi apresentado um conjunto de dez referências pelas quais todos os membros dos 4-H Clubs deveriam se basear:

- 1 – Desenvolver talentos para maior utilidade;
- 2 - Reunir com amigos para o trabalho, diversão e companheirismo;
- 3 – Aprender a viver em um mundo em transformação;

---

<sup>207</sup> “Los principios generales del trabajo de la juventude rural son los mismos en todos los países. Sin embargo, los programas específicos, los proyectos, procedimientos de organización y los boletines, diferirán, ya que todos devem adaptarse a las condiciones locales. Iniciase el programa rural juvenil donde este la gente. Debe referirse a sus necesidades e intereses y adaptarse a su situación y cultura”.

- 4 – Escolher uma maneira de ganhar a vida;
- 5 – Produzir comida e fibra para casa e o mercado;
- 6 – Criar casas melhores para uma vida melhor.
- 7 – Conservar os recursos naturais para segurança e felicidade;
- 8 – Cuidar da saúde para uma América forte;
- 9 – Compartilhar responsabilidades para a melhoria da comunidade;
- 10 – Servir como cidadãos na manutenção da paz mundial (WARREN, 1952, p. 2-3, tradução minha)<sup>208</sup>.

O documento da ACAR não é uma tradução literal, mas a relação com os princípios apresentados no documento elaborado pelo USDA é muito evidente. Em ambos os documentos foi possível perceber um destaque ao papel da comunidade na vida das pessoas; a busca por uma melhor habitação que redundaria em uma melhor saúde; a vida como resultado de um conjunto de condições materiais e práticas dos indivíduos; a valorização dos recursos naturais; a diversão e as amizades como dimensões do humano. Mas chama atenção que, enquanto no documento norte-americano há uma maior ênfase no homem capaz de executar, de fazer o seu destino, dentro da mais clássica ideia de *homo faber*, no documento da ACAR, mesmo que esses elementos também estejam postos, há também a ideia de um homem que precisa ser tutelado, guiado. O desenvolvimento de uma “mentalidade progressista” seria condição para que esse jovem fosse capaz de receber orientação técnica. Nessa concepção, o jovem é aquele que recebe o conhecimento, a orientação é dado por outrem. E para isso ele deveria ser educado naquilo que era denominado de “mentalidade progressista”.

É bastante significativo que tais publicações sejam manuais. Elas serviam como material para formação dos profissionais envolvidos com o trabalho de organização de clubes. No Brasil os manuais eram recursos didáticos utilizados em cursos de Pré-Serviço. Esses correspondiam aos momentos nos quais os técnicos da Extensão Rural tomavam conhecimento na prática com as atividades que depois iriam desenvolver junto às comunidades. Eram materiais que visavam instrumentalizar o trabalho dos técnicos extensionistas e até mesmo dos líderes locais, ou seja, pessoas consideradas influentes nas sociedades locais e que eram “incumbidas” para constituir e desenvolver os clubes juvenis. Além disso, os manuais buscavam dar unicidade à filosofia dos clubes, pois ao instruir os técnicos e líderes nas mesmas referências, dava-se o atrelamento dessa formação a uma longa e internacional tradição. Havia nessa conexão dos Clubes 4-S aos 4-H Clubs uma estratégia

---

<sup>208</sup> “1. Developing talents for greater usefulness; 2. Joining with friends for work, fun and fellowship; 3. Learning to live in a changing world; 4. Choosing a way to earn a living; 5. Producing food and fiber for home and Market; 6. Creating better homes for better living; 7. Conserving nature's resources for security and happiness; 8. Building health for a strong America; 9. Sharing responsibilities for community improvement; 10. Serving as citizens in maintaining world Peace”.

para se buscar a legitimação da experiência brasileira. Era como se dissessem: “Veja como essa experiência foi bem-sucedida nos Estados Unidos. Da mesma forma será no Brasil se seus princípios forem seguidos”. Assim, também concebo possível adotar para o caso dos clubes juvenis rurais o mesmo argumento seguido por Souza (2013). Ao se referir a educação do México como referência para educação rural no Brasil, a partir da obra de Lourenço Filho afirmou que “não se buscava uma cópia ou uma transferência unilateral, mas uma apropriação seletiva na qual o argumento estrangeiro validava as proposições de colorido nacional”. (p. 78). Nos Clubes 4-S, com as nuances adquiridas nos contextos locais/ regionais no Brasil, a referência aos Estados Unidos, servia para buscar legitimar o trabalho e estabelecê-lo em uma tradição que o referenciasse.

A ACAR, por exemplo, procurou dar visibilidade ao trabalho desenvolvido com os jovens rurais, além de demonstrar a ligação com os clubes dos Estados Unidos. Os relatórios anuais, sexto e sétimo da ACAR (1955 e 1956) apresentaram tal visão respectivamente:

Durante os últimos dois anos, a ACAR vem organizando clubes para a juventude rural, congregando jovens de 8 a 21 anos. Esses clubes, inspirados nos Clubes 4-H, popularíssimos nos Estados Unidos, são aqui denominados 4-S (Saber, Sentir, Servir, Saúde) (ACAR, 1955, p. 9).

Os Clubes 4-S constituem organização de grande importância para o desenvolvimento das mais sadias práticas agrícolas e domésticas. Moldados nos Clubes 4-H, muito disseminados nos Estados Unidos, ensinam aos jovens os princípios básicos da agricultura e economia doméstica (ACAR, 1956, p. 9).

Ou ainda referente aos Clubes 4-S no Brasil e sua relação com os 4-H:

A Extensão Rural brasileira passou a atuar junto à juventude através da organização de Clubes 4-S (Saber, Sentir, Saúde, Servir), baseada nos mesmos princípios educacionais dos Clubes 4-H (Head, Heart, Health, Hand), dos Estados Unidos da América, atualmente adotados em mais de 70 países (ABCAR, 1966, p. 12).

Opinião semelhante também foi expressa por Schmitt (1980, p.16) ao afirmar sobre a similitude entre os 4-H e os 4-S no Brasil: “O trabalho com jovens rurais num formato organizado que mais tarde redundou nos Clubes 4-H (Clubes 4-S no Brasil), iniciou-se na mesma época dos primórdios do Serviço de Extensão nos Estados Unidos, no início deste século”. Vários aspectos do Serviço de Extensão Rural que se organizou em torno da ACAR a

partir de 1948 e da Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural – ABCAR, criada em 1956, tiveram a clara influência do modelo norte-americano de transformação da agricultura naquele país.

Ainda sobre essa ideia acerca dos princípios como sendo os mesmos, independentemente das referências geográficas, para os Estados Unidos, país que, como no Brasil, possuía e possui enormes diferenças regionais, Joel Soobitsky<sup>209</sup> (1992) afirmou que os objetivos gerais do trabalho com os 4-H Clubs eram os mesmos, fossem nas áreas rurais ou urbanas. Segundo esse autor, independente do meio geográfico cabia aos clubes:

Compreender e cumprir seu papel em nossa sociedade;  
 Desenvolver um sistema de valores para guiar comportamentos positivos;  
 Desenvolver e usar o pensamento crítico em todo o seu potencial;  
 Adquirir independência econômica;  
 Desenvolver habilidades de lideranças;  
 Demonstrar maneiras de pensar, sentir e agir em relação aos outros e,  
 Desenvolver fisicamente o melhor do indivíduo (SOOBITSKY, 1992, p. 1, tradução minha)<sup>210</sup>.

Também na obra já citada nessa tese, Hutchcroft (1966) foi ressaltado o princípio do “aprender fazendo” no caso dos 4-S ou “Learning by doing” dos 4-H como sendo um valor único e compartilhado pelos programas de juventude em termos internacionais:

Os princípios do 4-H, como afirmado nos Estados Unidos há mais de 60 anos, são encontrados em dezenas de programas educacionais similares para jovens rurais do mundo. O conceito “Aprender fazendo” é único, como é a responsabilidade aceita pelos líderes voluntários locais. Assim é a ideia do responsável pelo projeto e a maneira pela qual seus membros aprendem procedimentos democráticos para conduzir os assuntos dos clubes. Assim muitos programas têm representado esses conceitos pelo trevo verde de quatro folhas que se tornou o símbolo internacional dos programas educacionais para a juventude rural (HUTCHCROFT, 1966, p. 9, tradução minha)<sup>211</sup>.

<sup>209</sup> Era líder do programa nacional dos 4-H quando da publicação dessa obra. Em seu estudo apresentou dados acerca das principais áreas de atuação dos jovens desses clubes em algumas das cidades mais populosas dos Estados Unidos no início da década de 1990, tais como: Dallas (Texas); Chicago (Illinois); Minneapolis (Minnesota); New Orleans (Louisiana); Denver (Colorado); Los Angeles e San Diego (California); Kansas City (Missouri); Memphis (Tennessee); Atlanta (Geórgia); Oklahoma City (Oklahoma); New York (New York); Birmingham City (Alabama); Philadelphia (Pennsylvania); Jacksonville (Flórida); Baltimore (Maryland); Boston (Massachusetts), Seattle (Washington); Indianapolis (Indiana); Honolulu (Havaí). Soobitsky afirmou que desde a década de 1920 os 4-H também eram observados em áreas urbanas. Essa é uma diferença marcante em relação aos Clubes 4-S no Brasil onde tal prática não foi observado. Os Clubes 4-S tiveram sua existência limitada aos meios rurais e em atividades voltadas para o desenvolvimento dessas áreas.

<sup>210</sup> “Understanding and fulfilling one’s role in our Society; developing a value system to guide positive behavior; developing and using active inquiring minds to their fullest potential; acquiring economic Independence; developing leadership abilities; demonstrating ways of thinking, feeling, and acting in relation to others, and physically developing to the individual’s optimum”.

<sup>211</sup> “The principles of 4-H, as stated in the U.S. over 60 years ago, are found in dozens of similar rural youth educational programs of the world. The “Learn by Doing” concept is unique, as is the responsibility accepted by

No Anuário para a Juventude Rural das Américas (1960) a relação que unia os clubes de jovens da América Central e do Sul em torno dos seus princípios e objetivos aos 4-H dos Estados Unidos também foi destacada:

São semelhantes aos Clubes 4-H dos Estados Unidos, e, embora seus métodos variem, todos têm o mesmo objetivo: ensinar as artes da economia doméstica e da agricultura a rapazes e moças rurais, por meio de especialistas da Extensão e líderes voluntários locais, para trazer benefícios à comunidade e ao próprio indivíduo no futuro próximo, procurando ao mesmo tempo uma compreensão melhor entre as pessoas (FORD MOTOR COMPANY, 1960, p. 6).

A permanência dos princípios e valores dos 4-H ao longo do tempo, em uma espécie de linha que uniria o passado e o presente, além de projetar o futuro foi destacada em um folheto do National 4-H Council:

Existem 45 milhões de ex-alunos de 4-H. E enquanto cada um é diferente, muitos deles têm a mesma história - se eles se juntaram em 1908 ou 1988. Eles eram novos na cidade. Eles eram tímidos. Eles sentiam que não tinham qualquer coisa para oferecer. E o 4-H trouxe um senso de comunidade, amigos e provas que eles poderiam alcançar. O 4-H também pode ajudá-los a aprender sobre o mundo maior ao seu redor. Por meio de programas como em 24 países, o 4-H ajuda a promover o entendimento global - e obtém amizades duradouras para nossos membros (NATIONAL 4-H COUNCIL, 1988, p. 5, tradução minha)<sup>212</sup>.

Não obstante a isso, conforme as mesmas citações demonstram, foram previstos e de fato, aconteceram ajustes, adaptações aos contextos locais/ regionais nas diferentes comunidades nas quais programas de juventude rural foram implantados seguindo a estrutura basilar dos clubes aqui já apresentada. É com essa constatação que a seguir discutirei aspectos relacionados ao funcionamento dos clubes (4-H e 4-S), mostrando principalmente o que se projetou para a realidade norte-americana e como se materializou a experiência dos 4-S, principalmente em Minas Gerais.

---

voluntary local leaders. So is the idea of the member's ownership of his Project, and the manner in which members learn democratic procedures by conducting their club's affairs. So many programs have symbolized these concepts by the green four-leaf clover that it has become the international symbol of rural youth educational programs".

<sup>212</sup> "There are 45 million 4-H alumni. And while each one is different, many of them have the same story – whether they joined in 1908 or 1988. They were new in town. They were shy. They didn't feel they had anything to offer. And 4-H brought them a sense of Community, friends and proof they could achieve. 4-H also may have helped them learn about the bigger world around them. Through programs with 24 countries, 4-H helps promote global understanding – and gains our members lifelong friendships".



### 3.1.1 Os 4-H/4-S: organização, rituais, símbolos e métodos de atuação

Os 4-H Clubs e os Clubes 4-S possuíam a estrutura organizacional e uma série de rituais que deveriam ser seguidos pelos sócios que os compunham. Era sobre essa base que buscava-se alcançar a organicidade dos clubes, e donde projetava-se os resultados a serem alcançados pela ação metódica dos agentes de extensão, líderes de clubes e seus sócios. Mais do que se voltar para uma educação para o trabalho, estava posta também a busca por ser moldar corpos e mentes para um tipo de mentalidade a ser seguida. Um modelo claro desse tipo de prescrição pode ser observado a partir do exemplo de ritual presente no manual organizado pelo National Committee on Boys' and Girls' Club Work em 1926. Com o título de *Ritual* consta um suposto diálogo entre um Presidente de 4-H Club qualquer e seus sócios. O texto não cita local e nem o nome do clube. Tal fato é uma clara referência que essa prescrição servia a todos os sócios de diferentes regiões dos Estados Unidos. Ele é uma estratégia didática simples e ao mesmo tempo direta para se introjetar o significado das quatro letras H's. O presidente do clube responde e espera a resposta uníssona dos membros do clube da definição linear dos significados dos 4-H's. Há nesse formato nitidamente o objetivo de estabelecer as diretrizes dos quais cada menino ou menina de clube deveria seguir.

**PRESIDENTE:** Nós iremos agora rever o emblema 4-H e os quatro pontos cardeais dos clubes de trabalho que eles simbolizam. O que os quatro H's representam?

**CLUBE:** Eles representam o treinamento igualitário da cabeça, das mãos, coração e saúde.

**PRESIDENTE:** Para o quê a cabeça é treinada?

**CLUBE:** Para pensar, planejar e raciocionar.

**PRESIDENTE:** Para o quê o coração é treinado?

**CLUBE:** Para ser gentil, compreensivo e verdadeiro.

**PRESIDENTE:** Para o quê as mãos são treinadas?

**CLUBE:** Para ser úteis, servis e habilidosas.

**PRESIDENTE:** Para o quê a saúde é treinada?

**CLUBE:** Para resistir às doenças, melhorar a eficiência e aproveitar a vida (NATIONAL COMMITTEE, 1926, p. 3, tradução minha)<sup>213</sup>.

A expressão trained (treinada) foi associada a cada um dos H's. Treinar a cabeça, o coração, as mãos e a saúde, pressupõe o tipo de educação a ser alcançada junto aos jovens, onde a ideia de repetição, capacitação metódica deveria ser perseguida por todo sócio dos clubes. Era, dessa

<sup>213</sup> "PRESIDENT: We will now review the 4-H emblem and the four cardinal points of club work which it symbolizes. What do the four H's represent? CLUB: They represent the equal training of the Head, Hands, Heart and Health. PRESIDENT: For what is the Head trained? CLUB: To think, plan and reason. PRESIDENT: For what is the Heart trained? CLUB: To be kind, sympathetic and true. PRESIDENT: For what are the Hands trained? CLUB: To be useful, serviceable and skillful. PRESIDENT: For what is the Health trained? CLUB: To resist disease, make for efficiency and enjoy life".

forma, o elogio de um método para se chegar aos objetivos projetados para os sócios dos clubes, fossem em termos de produtividade do trabalho, fossem nas outras dimensões da vida.

As reuniões dos clubes de jovens rurais, porém, comportavam outras dimensões que passo a analisar no item seguinte.

### **3.1.1.1 As reuniões dos clubes**

Um desses rituais presentes nas duas experiências foi a escolha dos integrantes que compunham a diretoria de cada um dos clubes nas localidades que atuavam. Era a partir dessa reunião que o clube começava de fato a ganhar corpo. A escolha da Diretoria era feita a partir de uma eleição entre os sócios. Dela se escolhiam os seus integrantes: presidente, vice-presidente, secretário e tesoureiro. Era a Diretoria que presidia e conduzia as reuniões. Nos Estados Unidos, devido a uma maior relação dos 4-H Clubs com a estrutura escolar, essas reuniões tinham maior periodicidade do que no Brasil. Em documentos que visavam instrumentalizar os extensionistas e líderes de Clubes 4-S no Brasil, era recomendado que esses se reunissem pelo menos duas vezes por mês, pois segundo os promotores desse trabalho isso levaria a uma maior interação entre os membros dos clubes (UREMG, 1961, p. 17). Assim, as reuniões aconteciam geralmente em finais de semana, para justamente não atrapalhar os trabalhos efetivos dos sócios dos clubes. Isso fica explícito a partir da observação da fala do pai do jovem Odair Coelho Rocha, do Clube 4-S “Padre Cristiano Pena”, da vila de Quilombo, perto de Divinópolis, Minas Gerais. Ele inicialmente não consentiu que seu filho participasse do clube.

Ao ser iniciado o Clube 4-S, o pai de Odair não via possibilidade de deixar o filho ir às reuniões. Disse ao líder do clube, Miguel José Alfonso Neto, “Odair é meu braço direito aqui na fazenda e não posso dispensá-lo” (FORD MOTOR COMPANY, 1960, p. 30).

Apesar de que outras razões poderiam ter levado o pai do jovem Odair Coelho a não ter consentido que seu filho participasse de um clube, tais como, falta de informação do que seria um clube ou a pouca importância conferida ao trabalho associativo que se buscava alcançar, o que fica claro da passagem é a relação com o trabalho na propriedade rural. Os jovens brasileiros se inseriam muito cedo na lida diária nas propriedades de seus pais e muitas vezes, como no caso citado, tornavam-se fundamentais dentro da estrutura de trabalho familiar que se constituía, sendo um importante auxiliar dos adultos nas tarefas cotidianas.

Na experiência norte-americana, por sua vez, havia outro tipo de lógica, diferente

da brasileira, onde a tradição de pertencimento aos clubes era ensinada e desejada para os jovens rurais.

Muito do trabalho dos 4-H é centrado em torno da casa e da família. Muitos pais já foram 4-H'ers e querem que seus filhos tenham as mesmas oportunidades. Pequenos projetos de 4-H exigem trabalho semelhante ao que é feito em uma escala maior pelos pais do sócio. Isso permite que eles trabalhem com seus pais, para que comecem desde cedo aprendendo os deveres envolvidos em casa e no trabalho. O sucesso de um menino ou menina no 4-H depende muito dos pais. Eles o ajudam a decidir sobre projetos mais adequados para a família ou para a situação em casa (USDA, 1969, p. 12, tradução minha)<sup>214</sup>.

Mas dessas considerações decorrem a importância atribuída a reunião dos clubes. Era um momento chave para os propósitos que se buscavam alcançar, bem como da própria estrutura organizacional dos clubes. Ela pode ser considerada o “coração” dos clubes. Era a partir dela que as ações eram planejadas, projetos e resultados eram compartilhados, além de ser um momento de trocas de experiências dos sócios dos clubes.

Mas não se deve pensar que, as reuniões dos Clubes 4-S no Brasil, ao acontecer nos finais de semana representassem apenas momentos de compartilhamento de experiências e até de confraternização. O fato de acontecerem nesses dias, geralmente os dois únicos dias possíveis para os integrantes dos clubes se reunirem, também gerou certamente problemas. Segundo escreveu em 1977, Marisa Dulce Pereira, Coordenadora Estadual de Juventude Rural em Minas Gerais, isso obrigava a equipe de extensionistas a trabalhar nesses dias. (PEREIRA, 1977). A ex-extensionista fala em sobrecarga de trabalho para a equipe responsável pelos clubes, pois além das atividades gerais de extensão que os supervisores locais da ACAR desenvolviam ao longo da semana, também eram responsáveis pela organização dos clubes. Pode-se deduzir que daí, também decorreu resistências e até mesmo desinteresse por essa atividade por vários membros das equipes<sup>215</sup>. Mesmo a desejada assimilação à filosofia dos clubes como também à ação missionária que se encerrava nas prescrições expressas nos manuais e folhetos instrucionais para os jovens rurais, não impediu que os agentes

---

<sup>214</sup> “Much 4-H work is centered around the home and family. Many parents were once 4-H’ers themselves and want their children to have the same opportunities. Small 4-H projects call for work similar to that being done on a larger scale by the parents of the member. This lets members work with their parents, so that they start early learning the duties involved in home and work. The success of a boy or girl in 4-H depends a great deal on his parents. They help him decide on projects best suited to the family or home situation”.

<sup>215</sup> Tal constatação de limites do trabalho com a juventude rural ganha peso ainda maior, pois sabe-se que Marisa Dulce Pereira foi uma das mais importantes extensionistas da ACAR/EMATER envolvidas com o trabalho de criação, formação e desenvolvimento de clubes juvenis rurais. Sua crença, entusiasmo e dedicação com os Clubes 4-S pode ser verificada a partir da sua vasta produção memorialística acerca dos seus anos de envolvimento em Minas Gerais, Brasil e várias partes do mundo com a juventude rural e que se encontra disponível no Centro de Documentação da EMATER-MG.

extensionistas apresentassem, enquanto trabalhadores que eram, insatisfações com funções que exigiam quase que dedicação exclusiva deles.

Outro aspecto a se destacar na dinâmica das reuniões dos clubes era a utilização dessas como sendo um simulacro da sociedade que se buscava alcançar. Tanto nas reuniões quanto na sociedade almejada os membros dos clubes deveriam ser cidadãos ativos, conscientes e participativos. Aprender a votar ao participar de escolhas, por exemplo, de membros da Diretoria dos clubes era parte de um objetivo maior, ou seja, desenvolver o “espírito democrático” e de participação na vida das comunidades. Isso era considerado um exercício que se bem executado traria frutos positivos na sociedade imaginada. Havia também a busca pela autonomia das decisões dos sócios dos clubes, fossem sobre aspectos relacionados ao trabalho nas atividades agrícolas ou de economia doméstica, fossem voltadas ao desenvolvimento da participação cidadã. No caso dos clubes norte-americanos havia, inclusive, um “compromisso nacional de cidadania 4-H” no qual, dentre vários pontos, os sócios 4-H<sup>216</sup> se comprometiam a defender os valores e ideais daquele país.

Nós, individual e coletivamente, comprometemos nossos esforços dia a dia para lutar pelos ideais desta nação.  
Jamais permitiremos que a tirania e a injustiça sejam entronadas neste país, pela indiferença aos nossos deveres como cidadãos. [...]  
Nós obedeceremos às leis de nossa terra e nos esforçaremos cada vez mais para acelerar o senso de dever público entre nossos semelhantes (WARREN, 1951, p. 4, tradução minha)<sup>217</sup>.

Além desse “compromisso”, geralmente proferido em eventos maiores e que congregavam clubes de diferentes regiões dos Estados Unidos, havia o juramento que, em todos os eventos regulares seus integrantes pronunciavam: “Empenho minha mente ao pensamento clarificador, meu coração a uma maior lealdade, minhas mãos a um serviço mais amplo e minha saúde a uma melhor forma de vida para o meu clube, minha comunidade e meu país” (WARREN, 1952, p. 4, tradução minha)<sup>218</sup>. Além disso, os elementos constitutivos dos clubes, como a bandeira com o trevo de quatro folhas, mais a bandeira dos respectivos países, deveriam estar presentes em todas as cerimônias.

A Figura 16 apresenta alguns desses elementos comuns às reuniões dos clubes,

<sup>216</sup> Esse juramento era destinado aos integrantes de clubes que haviam alcançado a idade para serem eleitores segundo as leis norte-americanas.

<sup>217</sup> “We, individually and collectively, pledge our efforts from day to day to fight for the ideals of this nation. We will never allow tyranny and injustice to become enthroned in this, our country, through indifference to our duties as citizens. We will obey the laws of our land and endeavor increasingly to quicken the sense of public duty among our fellow men”.

<sup>218</sup> “I pledge my head to clearer thinking, my heart to greater loyalty, my hands to larger service, and my health to better living, for my Club, my Community and my Country”. No ano de 1973 o Pledge recebeu a expressão: *In my World*.

fossem eles nos Estados Unidos, no Brasil ou qualquer outro país com experiência semelhante de organização da juventude rural. Nesse caso específico a figura se refere a uma reunião de 4-H Clubs nos Estados Unidos. O local da reunião é uma sala de aula, fato que pode ser observado devido aos elementos que compõe a cena retratada. Há um quadro negro ao fundo, um piano de armário e carteiras nas quais os sócios dos clubes estão sentados. Representada no centro da imagem, é possível perceber a mesa destinada aos membros da Diretoria do clube. Sobre essa mesa constavam duas bandeiras: uma dos Estados Unidos e outra dos 4-H Clubs. Pendurado no quadro negro ao fundo, havia um cartaz com o juramento dos 4-H. Além disso, nesse mesmo quadro constava outro cartaz com o lema dos 4-H: “Fazer o bom ainda melhor” (tradução minha)<sup>219</sup>.

**Figura 16** – Líder de 4-H Club presidindo reunião – s.d.



**Fonte:** – Acervo do Centro de Documentação da EMATER-MG.

Nessa cena retratada, a reunião foi presidida por uma moça e ao seu lado estava uma jovem, provavelmente a secretária do clube e responsável, dentre outras funções, por

<sup>219</sup> “The make the best better”.

redigir a ata do encontro<sup>220</sup>. A moça que conduz a reunião parece ter como interlocutor um jovem que, de pé, apresentava provavelmente dados relativos à produção dos sócios ou a qualquer outra informação sobre seu clube, como notícias de projetos e eventos relacionados aos jovens rurais. Enquanto isso os outros participantes da reunião observavam a conversa. A foto foi produzida com foco na presidência da reunião. Mas, foi possível perceber também os outros sócios, moças e rapazes do clube, presentes no encontro. Em uma reunião como essa retratada, que inclusive indicia para uma faixa etária estendida entre os sócios, como também para projetos diversos, seja de práticas agropastoris ou relacionadas à economia doméstica, a diversidade de interesses e de resultados apresentados, devia ser uma constante. Mas, isso não parece ter sido um problema que, por exemplo, gerasse conflitos. Pelo menos nas prescrições a diversidade foi apresentada como ponto forte, como algo que reforçava o sentimento de grupo dos sócios. Mesmo se referindo a um clube que se reunia dentro de uma escola, seus sócios não precisavam ser da mesma turma ou sequer do mesmo ano escolar. O que valia era o interesse mútuo pelo desenvolvimento de técnicas e da melhoria da vida em comunidade.

No Brasil, os sócios dos 4-S também deveriam seguir ritual semelhante. O que os norte-americanos tinham como um juramento geral (Pledge), no Brasil foi subdividido em dois outros: um era o juramento à bandeira do Brasil e o outro à bandeira 4-S. (Figura 17). Estes eram: “Bandeira do Brasil, eu te prometo trabalhar com meus companheiros pelo desenvolvimento rural e por uma Pátria mais adiantada” e “Bandeira 4-S, eu te prometo a Inteligência para melhor Saber, o Coração para melhor Sentir e a Saúde para melhor Servir ao Deus, à minha Pátria, à minha família, à minha comunidade e ao meu Clube 4-S” (COMITÊ NACIONAL DE CLUBES 4-S, 1967).

---

<sup>220</sup> O registro da memória das reuniões dos clubes foi também, pelo menos, posto como um objetivo a ser perseguido pelos jovens quatroessistas no Brasil. Entretanto, as fontes sob guarda de acervos públicos como, por exemplo, do Centro de Documentação da EMATER-MG ou da BINAGRI, representam, em sua maioria, documentos produzidos pelos próprios extensionistas. Textos produzidos por jovens quatroessistas são quase inexistentes e nessa pesquisa tratam-se, sobretudo, de extratos do jornal O Trevo. Mas como constatado em Gomes (2013 – b), tais publicações foram editadas por extensionistas da ACAR-MG, não sendo possível afirmar que ali estejam de fato documentos produzidos pelos jovens rurais. Não se devem desconsiderar as dificuldades dos quatroessistas com a leitura e a escrita, inclusive, relatada em fontes sobre os clubes. (PEREIRA, 1977).

**Figura 17** – Juramento de membros de Clubes 4-S – 1956 – Três Pontas – Minas Gerais.



**Fonte:** Acervo do Centro de Documentação da EMATER-MG.

Se de um lado houve uma clara referência aos 4-H dos Estados Unidos: Head (cabeça = Inteligência/ Saber), Hands (mãos = Servir), Health (Saúde), Heart (Coração = Sentir), nos Clubes 4-S no Brasil ficava explícito a ideia de Servir a Deus, à Pátria e a família<sup>221</sup>.

A partir do *Pledge* dos 4-H Clubs e os juramentos dos Clubes 4-S noto que houve uma maior centralidade no indivíduo na primeira experiência se comparada com a do Brasil. Isso estava em consonância com os princípios calvinistas nos quais a crença, a dedicação, o esforço ao trabalho seriam formas de louvar a Deus. Na crença difundida principalmente para os clubes norte-americanos, isso redundaria em transformações para as comunidades rurais. O indivíduo era parte de um todo que, pela colaboração de cada um, era constituído. Difundia-se a ideia de que se um indivíduo tivesse êxito em seus empreendimentos, todos teriam também.

<sup>221</sup> Discuto esses aspectos no item 3.1.4 tendo e vista o peso que essas expressões tiveram para determinados grupos sociais e políticos no Brasil, principalmente no contexto de maior crescimento numérico dos Clubes 4-S, ou seja, a década de 1960.

Isso aconteceria pelos próprios reflexos do aumento da produção local ou mesmo pelo próprio exemplo a ser utilizado como inspiração para que outros indivíduos fossem impelidos a buscar o melhor para suas famílias e comunidades. Era assim, na crença dos 4-H Clubs, desenvolvido a ideia de que o conjunto de todas as ações individuais que se chegaria ao crescimento do país em todos os aspectos.

No Brasil, o sentido era bem diferente. Poderia dizer que o oposto, pois no juramento dos Clubes 4-S estava explicitada a Pátria, como um dos primeiros aspectos a ser destacado. A expressão Pátria no Brasil, inclusive, estaria carregada de forte cunho autoritário que rememorava passagens da história do país no qual o Estado procurou desenvolver o nacionalismo a partir, por exemplo, da educação cívica<sup>222</sup>. Nos Clubes 4-S, principalmente com o regime de governo instaurado em 1964, as ações de seus membros, ganharam relevo em termos do destaque às ideias de Pátria e Estado. Eram dessas dimensões que redundariam em melhorias para as comunidades e para os clubes. Aqui, me parece bem claro, uma diferença marcante entre as duas experiências. Partem de uma mesma origem e estrutura de organização, mas a ação se dava com focos distintos. A experiência norte-americana tinha como foco o local, aqui entendido como tudo aquilo que se refere aos aspectos comunitários da sociedade norte-americana. Todas as transformações esperadas deveriam acontecer primeiro nessa dimensão. Assim, seriam de aspectos locais, da busca de solução à problemas do cotidiano que se construiria a ideia de identidade e de nacionalidade que os 4-H Clubs também eram propagadores. O compartilhamento de interesses e ao mesmo tempo a manutenção das prerrogativas individuais estavam no coração da experiência dos 4-H. Já, a partir do juramento dos Clubes 4-S, posso afirmar que, primeiro, vinha à ideia de Deus, em seguida à de Pátria. Após esses aspectos é que aparece na sequência a referência à família, à comunidade e ao Clube. É como se fossem uma dimensão hierárquica que parte de um todo imaginado, para se chegar a um fim de uma cadeia. Mas, nessa cadeia é como se o indivíduo desaparecesse nessas dimensões coletivas. Se nos 4-H Clubs o indivíduo tinha centralidade e era dele que começava a ação, nos Clubes 4-S, tinha um peso maior a ideia de Pátria. Essa estaria logo depois da ideia de Deus. As ações devotadas pelos sócios dos Clubes 4-S visariam o todo maior da Nação, da Pátria, do Estado. Quero assim dizer que o aspecto nacional tomava centralidade nas prescrições para os Clubes 4-S. Era como se cada sócio agisse em seu clube, desenvolvendo o projeto ao qual estava vinculado, como uma forte ligação a uma esfera maior, à Pátria. É necessário afirmar, contudo, que mesmo com todas as prescrições

---

<sup>222</sup> Um dos exemplos anteriores ao surgimento dos Clubes 4-S no Brasil, mas onde pode ser observado um forte acento na educação cívica foi o período do Estado Novo (1937-1945), sob a égide de Getúlio Vargas.



anunciadas esse desejado vínculo nacional não se estabeleceu nos Clubes 4-S. Ele não se fixou em bases sólidas em consonância aos aspectos locais. Não houve a corporificação de uma experiência em relações marcadas por um forte acento comunitário, onde questões coletivas eram discutidas e solucionadas em conjunto. Houve muito mais uma busca por uma tradição forjada – a Pátria brasileira –, do que propriamente uma tradição amparada na vivência e nas experiências locais que a partir dessas unidades procurar-se-ia construir um todo, uma nação com interesses compartilhados. Os laços não foram estabelecidos, como na experiência norte-americana. Como já referi o Sistema de Extensão Cooperativa nos Estados Unidos se estruturou sob uma base marcada por uma estreita relação de interdependência entre as esferas nacional, estaduais e locais. A partir de meados da década de 1980 a experiência dos Clubes 4-S praticamente desapareceu do Brasil, fruto das mudanças processadas na Extensão Rural brasileira desde, principalmente a criação da Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural – EMBRATER em 1974, quando novos sentidos foram dados à Extensão Rural no Brasil<sup>223</sup>. Se durante as décadas de 1950 e 1960 buscou-se desenvolver ou mesmo criar o sentido comunitário para as práticas rurais em Minas Gerais, por exemplo, a partir da década de 1970 a Extensão Rural passou a focar em grandes projetos voltados para a exportação e uma maior integração da agricultura com a indústria. De forma geral, essa foi a lógica adotada também pelas filiadas ao sistema de extensão rural nos outros estados. Naquele período as tentativas de se estabelecer um sentido público, comunitário, junto à pequena e média propriedade rural, na qual a experiência dos Clubes 4-S se amparava, se esvaiu<sup>224</sup>.

Já a experiência dos 4-H Clubs encontra-se arraigada em milhares de experiências de agremiações em pleno fim da segunda década do século XXI. Isso inclui, por exemplo, diversos aspectos relacionados desde a agricultura às ciências aeroespaciais, em diversas localidades dos Estados Unidos<sup>225</sup>.

---

<sup>223</sup> Sobre as transformações no Sistema de Extensão Rural no Brasil com a extinção da ABCAR e criação da EMBRATER, ver: Oliveira (2017).

<sup>224</sup> No ano de 2014 havia na região do município de São Carlos no oeste do estado de Santa Catarina, nove agremiações de Clubes 4-S segundo o site de notícias da Assembleia Legislativa daquele estado: [http://agenciaal.alesc.sc.gov.br/index.php/noticia\\_single/clubes-4s-sao-homenageados-pelo-trabalho-de-extensao-rural-no-oeste](http://agenciaal.alesc.sc.gov.br/index.php/noticia_single/clubes-4s-sao-homenageados-pelo-trabalho-de-extensao-rural-no-oeste). Acesso em 23/11/2018. É possível deduzir que em regiões onde os vínculos comunitários foram mais estreitos a experiência dos Clubes 4-S no Brasil tenha persistido não obstante a crise que praticamente levou a extinção dessa experiência em meados da década de 1980.

<sup>225</sup> Segundo o Relatório anual de 2017 dos 4-H, havia uma meta prevista de se alcançar 10 milhões de jovens em 2025. Além disso, segundo a mesma fonte foram arrecadados U\$22 milhões em 2017, para o desenvolvimento de programas de juventude no que chamam de True Leaders (Verdadeiros líderes) para os Estados Unidos. Algumas das empresas ou fundações parceiras do National 4-H Council foram: Disney Conservation Fund, Google, Comcast, Subway, United HealthCare, Walmart Foundation, Dunlop – Protective Footwear, Dupont, Monsanto, New York Life, dentre outras. (NATIONAL 4-H Council, 2017). Apesar disso, Butler (2014, p.6)

Outro elemento a ser destacado é também a utilização das escolas como locais físicos para os encontros dos clubes. Nas figuras 16, 17 e 18 estão explícitas as referências escolares. A figura 18, por exemplo, traz claramente uma estante com livros à direita, um filtro d'água à esquerda e carteiras escolares para dois estudantes compondo a imagem.

**Figura 18** – Reunião de clube – s.l.; s.d.



**Fonte:** Acervo do Centro de Documentação da EMATER-MG.

É certo que esse espaço foi reiteradamente utilizado nos clubes. Não obstante a isso, lembro que, principalmente para os clubes brasileiros, a sala de aula foi considerada um local inapropriado, pois ela inibia a tentativa de se alcançar o “espírito democrático e participativo” dos sócios nas reuniões. Acreditava-se que ao vivenciarem experiências democráticas nos clubes, os jovens levariam isso para a vida toda. Mas, indo contra a essa ideia, a figura 18, inclusive, reproduziu o que se combatia em relação às escolas como locais para as reuniões. Ela não só foi utilizada, como também a posição das carteiras escolares, a do expositor (líder de clube) substituindo a figura do professor, repetia a mesma fórmula que os clubes supostamente combatiam. Tal fórmula representada pelo próprio desenho da sala de

---

baseada em uma pesquisa realizada pela U.S. Farmers and Ranchers Alliance (USFRA), afirmou que a maior parte da população norte-americana (72%) considerou que não sabe nada ou muito pouco sobre agricultura. Isso inclui, dentre outras situações, informações básicas sobre origem do alimento que vai à mesa dos cidadãos. Ela citou, inclusive, fatos pitorescos. Em um deles uma garota de cerca de 11 anos de idade afirmava pensar que o chocolate vinha das vacas que tinham manchas de cor marrom.

aula era considerada símbolos de autoritarismo e o paternalismo em prescrições para extensionistas e futuros líderes de Clubes 4-S<sup>226</sup>. Tendo a lógica do “aprender fazendo” (HUTCHCROFT, 1966); (WESSEL, WESSEL, 1982) como um princípio estruturador dos clubes no geral, não é de se estranhar a sala de aula sendo considerada como inadequada. Mesmo na experiência norte-americana, onde os clubes tinham uma relação mais estreita com a instituição escolar, o espaço da sala de aula foi evitado, pois se buscava o desenvolvimento da prática, do “fazer bem” para ser testemunhado e assim utilizado como bons exemplos.

Mas se reuniões aconteciam em salas de aulas, mesmo no Brasil, o mais comum era que essas ocorressem em locais diversos, tais como, em uma área de pastagem, no pátio de uma propriedade rural, desfrutando, por exemplo, da sombra de uma árvore nos encontros. As figuras 19 e 20 representam as duas experiências aqui tratadas. Mesmo retratando duas épocas distintas, é possível extrair os mesmos elementos que compunham as reuniões, fossem elas no Brasil ou nos Estados Unidos.

---

<sup>226</sup> Sobre a crítica à sala de aula como local para reuniões dos clubes, ver: UREMG (1961, p. 9).

**Figura 19** - Reunião de Clube 4-S – Região de Sete Lagoas – M.G. s.d.



**Fonte:** Acervo do Centro de Documentação da EMATER-MG.

**Figura 20** – Reunião de 4-H Club na região de Burgaw – Carolina do Norte - Estados Unidos – 1928.



**Fonte:** (CLARK JR, 1984, p. 113).

Estão presentes nas duas cenas meninos e meninas. Houve a constituição das mesas nas quais os elementos representando as respectivas Diretorias conduziam os encontros. Chama a atenção o fato que em ambas, pode-se perceber a presença de adultos o que comprova que esses também participavam das reuniões dos jovens. Eles podiam ser simplesmente os pais que acompanhavam os seus filhos, mas também podiam ser outros elementos das localidades que procuravam se inteirar do que aqueles meninos e meninas estavam a aprender junto aos seus respectivos clubes. O certo é que adultos também participavam das reuniões dos clubes.

### 3.1.1.2 O agente de extensão e os líderes de clubes

Na estrutura organizacional dos clubes, o agente de extensão local (Extension Agent) nos Estados Unidos ou simplesmente o extensionista ou supervisor local, como era chamado no Brasil, tinham um papel de destaque, pois era a partir dele que se iniciava o processo de sondagem para o estabelecimento de um clube. Não obstante a essa constatação, havia também diferenças que diziam respeito como as duas sociedades aqui, analisadas em contraste, se organizavam.

Nos Estados Unidos, todo o trabalho do 4-H Club estava sob a coordenação de um agente de extensão local. A estrutura federalista dos Estados Unidos, e nesse sentido, a divisão de atribuições entre cada um dos entes federados sempre foi muito mais clara do que, por exemplo, no Brasil onde o poder do Governo Federal atuou, na maioria das vezes, de forma centralizadora. Conseqüentemente a estrutura do Sistema Cooperativo de Extensão Rural, que reunia a União, os Estados e as *county*, dependia de uma maior participação local na distribuição de responsabilidades no processo de organização dos clubes. Nos Estados Unidos

o agente de extensão do condado, sob a direção geral do escritório estadual de extensão, supervisiona a organização dos 4-H Clubs, orienta a formulação do programa do clube para o ano, fornece boletins estaduais e federais, aconselha com os membros do condado, o conselho ou comitê de 4-H Club e os líderes locais de clubes, conduz reuniões como os encontros de campo, piqueniques de clubes, excursões, exposições, feiras e dia da conquista; isto é, geralmente supervisiona o trabalho do clube no condado (WARREN, 1952, p. 7-8, tradução minha)<sup>227</sup>.

Quero dizer com isso que os agentes locais nos Estados Unidos possuíam maior

---

<sup>227</sup> “The county extension agent, under the general direction of the State extension office, supervises the organization of 4-H Clubs, guides the formulation of the club program for the year, supplies State and Federal bulletins, advises with members of the county 4-H Club council or committee and the local club leaders, conducts such gatherings as county 4-H Camps, club picnics, round-ups, exhibits, fairs, and achievement day; that is, generally supervises club work in the county”.

autonomia para desenvolverem seus planos de ação, ao mesmo tempo em que estavam sob a orientação de uma estrutura muito mais delineada e ancorada em experiências mais cristalizadas do que no Brasil, especificamente em Minas Gerais, onde segundo os próprios documentos elaborados pela ACAR-MG, tudo ainda estava por ser feito.

Os Supervisores da ACAR e os líderes do Clube dão ensinamentos aos jovens, orientando-os na execução de seus projetos. Estes podem durar de um a quatro ou mais anos – o tempo necessário para que o sócio ou sócia do Clube receba os ensinamentos indispensáveis relativos ao assunto que escolhem para trabalhar. [...]

O homem rural, de índole retraída e desconfiada, isolado em seu ambiente pela falta de meios de comunicação e de interesses comunitários, tem vivido à margem do progresso agrícola (ACAR, 1959, p. 3).

Na situação representada, o jovem “tocado”, de forma quase que mágica pela ação dos extensionistas, se libertaria de um destino que consideravam previamente traçado, ou seja, o da permanência no isolamento e no obscurantismo pelo qual o meio rural era retratado. Essa condição era creditada a dois fatores basicamente: a ausência de espírito comunitário e à “deficiência dos métodos de orientação e ensino que foram aplicados no meio rural”. (ACAR, 1959, p.3). Concebo assim que nos Estados Unidos os agentes de extensão tinham atribuições muito mais colaborativas. Eles compartilhavam funções com todos os envolvidos e tinham seu trabalho facilitado por uma tradição muito mais consolidada no Brasil. Baseado na experiência mineira é possível concluir que os supervisores das agências de Extensão tinham papéis relacionados à de quase instauradores de uma tradição. Desta forma, os promotores da Extensão Rural se colocaram como uma espécie de anunciadores de um novo tempo que se iniciava a partir da introdução de métodos de ensino considerados corretos ou adequados para aquele público-alvo.

Nesse processo, o agente de extensão local dos Estados Unidos ou o supervisor local no Brasil, cumpriam o papel de seleção e de formação dos líderes voluntários de clubes. Eles também eram elementos considerados chaves na estruturação dos clubes juvenis. No Suplemento bimensal do Anuário Ford para a Juventude Rural das Américas, (FORD MOTOR COMPANY, mar/abr/1961)<sup>228</sup>, o engenheiro Carlos Madri do IICA chamava atenção da importância que teriam os líderes na América Latina ao mesmo tempo que era necessário reunir e formar mais pessoas aptas a essa função. Segundo Madri havia cerca de 10 mil pessoas que devotavam parte de seu tempo trabalhando em prol da juventude rural da

---

<sup>228</sup> O Suplemento era publicado em português, espanhol e inglês.

América Latina. Segundo esse engenheiro os líderes voluntários ajudariam os jovens a se tornarem

melhores fazendeiros, donas de casa e cidadãos (*sic*). São fazendeiros, donas de casa, comerciantes, professores de escolas rurais, prefeitos de aldeias e padres. Todos passam uma parte do dia trabalhando, pelo qual nada recebem. Ajudando a um rapaz na sua horta, ou construindo um galinheiro ou um chiqueiro, ajudando a uma moça a preparar uma refeição, decorar e mobiliar a casa, ou a fazer uma suéter para a irmã menor (FORD MOTOR COMPANY, mar/abr/1961, p. 1).

O texto é claro em se referir aos líderes voluntários locais como pessoas abnegadas. Os objetivos deles seriam o bem do próximo e assim seriam elementos fundamentais para os propósitos extensionistas. Eles serviam ou deveriam servir como uma espécie de mediação entre os prováveis sócios de clubes e os órgãos de extensão, personificados pelos agentes profissionais locais. Segundo o próprio engenheiro Carlos Madri, baseando-se em uma pesquisa de 1959, havia 984 agentes profissionais (agrônomos e economistas domésticas) nos países latino-americanos envolvidos parte ou integralmente com o trabalho de organização e desenvolvimento de clubes juvenis rurais. Era como se os agentes de extensão fossem considerados a personificação da técnica e da ideia de racionalidade que se buscava implantar nos meios rurais.

Eles trazem para as fazendas e lares, as ideias das faculdades de agricultura e estações experimentais. Eles trazem novas culturas, novos tipos de gado, novos métodos de administração, novas maneiras de cozinhar, e métodos para construir mobílias e melhorar os lares (FORD MOTOR COMPANY, mar/abr/1961, p. 1).

Mas ao mesmo tempo em que se esperava dos agentes de extensão tais papéis, Madri também reconhecia que eles sozinhos teriam alcance limitado. Dessa forma o autor reconhecia a necessidade de se buscar novos líderes e esse era um papel que caberia também aos agentes profissionais.

Ele procura adultos que estejam dispostos a aprender e que gostariam de ensinar. Ele pede aqueles para servirem de líderes para os clubes de juventude rural. A única coisa que ele promete é a gratidão da comunidade e o reconhecimento pela ajuda dada, em fazer do campo um lugar mais feliz (FORD MOTOR COMPANY, mar/abr/1961, p. 1).

O texto do engenheiro Carlos Madri era uma expressiva defesa dos papéis dos agentes de extensão e dos líderes voluntários de clubes, e que seguia a mesma tônica de exaltação dessa forma de organização para a juventude rural. É possível perceber que dessa

maneira havia, pelo menos, duas dimensões formativas. Uma se referia à relação entre o agente da Extensão e os líderes voluntários. Nessa relação o papel do agente de extensão em saber pinçar da sociedade os elementos que tinham os perfis esperados de um líder voluntário era exaltado como um primeiro passo para o sucesso de um clube. A outra dimensão era aquela que se referia ao papel esperado dos líderes voluntários perante os jovens dos clubes. O líder exemplar, aquele que se dedica para o “bem do próximo”, para o sucesso do clube, fora exaltado em publicações como da Ford Motor. Nesse mesmo número do Suplemento do Anuário foi destacado um conjunto de líderes que teriam se destacado na Colômbia, Brasil, Peru, Panamá, Chile e Costa Rica e nos quais os jovens deveriam se mirar, pois, segundo a publicação, eram eles que estavam a trabalhar “para uma vida melhor para as pessoas nas suas comunidades”. (FORD MOTOR COMPANY, mar/abr/1961). Do Brasil foi destacado o líder voluntário, Angelo Zonta, fazendeiro da região de Clemente.

Angelo Zonta com quase 70 anos de idade, é um missionário de milho híbrido entre os Clubes 4-S e os fazendeiros perto de Clemente, no estado de Minas Gerais. Ele é um fazendeiro magro e ativo, devotado ao seu Clube 4-S São Sebastião e especializado no plantio de milho de tabaco (FORD MOTOR COMPANY, mar/abr/1961, p. 4).

Nessa breve citação é possível extrair alguns adjetivos atribuídos ao fazendeiro de Minas Gerais, Angelo Zonta: missionário, magro, ativo, devotado, especializado. Inicialmente chamo atenção à clara alusão a aspectos físicos desse fazendeiro. Seu corpo era considerado magro. Além disso, era caracterizado como ativo. Ser magro e ativo eram prerrogativas que naquele contexto atestavam a condição física e o espírito esperado de um líder no desenvolvimento de suas ações. Mesmo com quase setenta anos de idade, Angelo Zonta supostamente possuía habilidade e intensidade no papel de líder de clube. Essas referências remontam a ideia de trabalho. O cuidado com o corpo que deveria ser saudável, uma pessoa que age, mesmo com o avançar da idade, dando ideia de persistência e dedicação, eram personificadas na figura de Angelo Zonta, como exemplares. Assim, não só do Líder, mas todos os envolvidos com os clubes de jovens rurais, deveriam se mirar em exemplos como esse e serem multiplicadores dessas características consideradas inspiradoras para as comunidades rurais<sup>229</sup>.

Esse trecho que destaquei anteriormente liga-se diretamente a uma das ideias-chaves dos clubes. Refiro-me tanto a ideia de Saúde (Health) presente nos Clubes 4-S do

---

<sup>229</sup> As prescrições, tanto para os 4-H Clubs, quanto para os Clubes 4-S não se limitavam aos aspectos locais. Elas buscavam atingir o máximo possível de pessoas, incluindo aquelas de fora dos espaços considerados rurais.



Brasil, quanto aos 4-H Clubs dos Estados Unidos. Nesse país, por exemplo, em Warren (1952, p. 4, tradução minha) citando o Credo Nacional dos 4-H, o significado do Health (saúde) foi assim apresentado: “Eu acredito no treinamento da minha SAÚDE pela força que me dará para apreciar a vida, resistir à doença e trabalhar eficientemente<sup>230</sup>”. O significado da expressão treinamento nesse caso, liga-se à ideia de que a saúde deveria ser cuidada. Fossem jovens ou adultos, todos deveriam se preocupar e tomar cuidados básicos relacionados, por exemplo, à alimentação, à higiene e ao combate às doenças. Assim, duas outras expressões também poderiam substituir treinamento: assistência e acompanhamento. Se a saúde poderia ser treinada, isso quer dizer também que ela poderia ser melhorada. Para esse fim existiria duas dimensões, uma a do próprio indivíduo consciente da necessidade de cuidar da sua saúde. E outra relacionada a ideia de assistência e acompanhamento, que seria de responsabilidade de agentes profissionais. Lembro que os Serviços de Extensão e, isso vale para os dois casos aqui tratados, atuaram desenvolvendo campanhas de saúde nos quais os jovens eram tanto alvo quanto atores das propostas desenvolvidas<sup>231</sup>. Um corpo saudável, além de propiciar a oportunidade de cultivar a vida, na concepção dos 4-H Clubs, propiciaria também um trabalhador mais eficiente e, portanto, com rendimentos mais altos, o que redundaria em vida melhor para todos, conforme prezava o Credo (4-H Club Creed) dessas agremiações.

A tradução desses aspectos juntos às propostas dos Clubes 4-S no Brasil ocorreu na mesma direção dos 4-H Clubs. Da mesma forma que no juramento (Pledge) dos 4-H já constava a expressão “Eu prometo minha saúde, nos Clubes 4-S no Brasil constava o mote: “Ter saúde para melhor servir”. Assim a alusão à saúde do líder, que como já citei deveria ser exemplar, pode ser considerada referência à saúde que todos deveriam alcançar. O exemplo de Zonta era um, em outros tantos, a ser copiado por outros líderes e principalmente, os sócios de clubes. Junto a esses aspectos há em outros dois adjetivos (missionário e devotado) a alusão a uma outra expectativa em relação aos jovens. Refiro-me ao Servir. Mesmo com “quase 70 anos”, o líder Angelo Zonta era considerado missionário de uma causa, ou seja, a do milho híbrido. Não bastava ter o conhecimento técnico. Era necessário ser um missionário, ter fé e com total devoção aplicar os seus conhecimentos para atingir o restante do grupo. Servir ao outro era servir a uma causa com o objetivo fim de se alcançar o desenvolvimento de toda a sua região. Seu exemplo deveria ser motivo de inspiração para os jovens que ele deveria liderar na constituição do clube. Assim a figura considerada “exemplar” era modelada em um

---

<sup>230</sup> “I believe in the training of my HEALTH for the strength it will give me to enjoy life, to resist disease, and work efficiently”. O Credo Nacional dos 4-H Clubs também foi reproduzido em Warren (1951, p. 18).

<sup>231</sup> Sobre campanhas de saúde nas quais os sócios de Clubes 4-S participaram em Minas Gerais, ver: Gomes e Tabora de Oliveira, 2017.

jogo de palavras que remetia aos significados dos 4-S e que desta forma apresentava a visão de mundo que se buscava constituir junto ao público-alvo.

Nos Estados Unidos o líder voluntário local tinha como atribuição principal a de ser uma espécie de orientador, conselheiro ou incentivador de clubes, como ficam expressas na passagem do Guia para Líderes Locais.

O líder local ou conselheiro de clube é considerado importante para todo o programa dos 4-H Clubs. Essa pessoa é geralmente um homem ou uma mulher excepcional da comunidade suficientemente interessados em jovens para estarem dispostos a passar algum tempo ajudando os sócios a planejar seu próprio programa para o ano; comparecer aos encontros regulares de clubes; treinar os sócios em várias atividades 4-H's; visitar as suas casas para ver como suas demonstrações estão progredindo; dar conselhos e encorajar quando necessário; acompanhá-los para eventos dos clubes fora das comunidades, e assumir responsabilidades gerais em relação ao grupo. Para ter sucesso com os jovens, o líder deve ser tolerante, paciente e compreensivo com as limitações, e confiante de que, com o tempo, elas podem ser superadas. Ele ou ela devem ser também do tipo que tem prazer em ajudar outras pessoas (WARREN, 1952, p. 9-10, tradução minha)<sup>232</sup>.

Esse documento também realçou algumas das características esperadas dos líderes. Em primeiro lugar deveriam ser pessoas que se destacavam nas comunidades (“an outstanding man or woman of the Community”). Além disso, deveriam ser “tolerantes, pacientes e compreensivos”, como também deveriam ter prazer em ajudar as pessoas. Princípios esses evidados de forte cunho moral, filantrópico e que dialogam com os preceitos de uma lógica que mesclava elementos cristãos e liberais.

Aliás, selecionar entre as pessoas das comunidades aquelas que possuíam o “espírito de liderança” foi um objetivo perseguido pelos programas de extensão rural e que teve como vetor os movimentos juvenis nos Estados Unidos. A escolha do líder de clube, como sendo aquela pessoa de referência nas comunidades e a busca pelo desenvolvimento de lideranças foram considerados elementos chave na história dos 4-H Clubs<sup>233</sup> e de outros movimentos juvenis nos Estados Unidos, como os FFA. Dos líderes de clubes esperavam-se

---

<sup>232</sup> “The local leader or club adviser is regarded as important to the whole 4-H Program. This person usually is an outstanding man or woman of the community who is sufficiently interested in young people to be willing to spend some time in helping the members to plan their own program for the year; attend regular club meetings; train members in various 4-H activities; visit the homes of members too see how their demonstrations are progressing; give advice and encouragement when needed; accompany members to club events outside the community; and assume responsibility in relation to members' general group activities. To succeed with young people, the leader must be tolerant, patient, and sympathetic toward their shortcomings, and confident that, in time, they may be overcome. He or she must also be of the type that takes pleasure in helping other people”.

<sup>233</sup> Para maiores detalhes ver: Hoover; Scholl, Dunigan e Mamontova (2007). Através de uma análise comparada entre os 4-H Clubs e os FFA, os autores apresentam uma revisão histórica acerca desses dois programas de juventude demonstrando como a busca pelo desenvolvimento da liderança esteve no cerne de cada um deles.

também que estivessem presentes e atuantes nas diversas esferas da sociedade norte-americana, para além de aspectos relacionados à agricultura ou à economia doméstica, fosse na educação formal ou informal, ou nos trabalhos comunitários e na vida política.

Os sócios dos clubes também deveriam se mirar nos exemplos dos líderes. E, por esse motivo, era recomendado que os líderes estivessem sempre cômicos dos papéis que lhes cabiam frente aos jovens, pois seriam esses que no futuro espalhariam nas sociedades as formas de viver aprendidas nos clubes. Assim, exemplos do que eram considerados bons comportamentos, todos eivados por forte cunho moral, eram difundidos para que os jovens pudessem segui-los e difundi-los. Até mesmo o espaço privado, a casa do líder de clube, era alvo de recomendações, pois essa também deveria espelhar supostos padrões morais elevados.

É importante que o líder local tenha consciência do exemplo que ele define. Meninos e meninas na adolescência são propensos a seguir o ideal de uma pessoa mais velha. O líder local está apto para ser essa pessoa. Infeliz é aquele, que, por negligência, fala, engano ou falta de responsabilidade, destrói esse ideal. É igualmente importante, também, que o líder de 4-H Club mantenha uma casa baseada em padrões relativamente elevados (WARREN, 1952, p. 11, tradução minha)<sup>234</sup>.

No Brasil os papéis atribuídos aos líderes de clubes partiam da mesma base geral que a dos 4-H Clubs. No documento ACARESC (1973) os líderes foram definidos da seguinte forma:

São pessoas voluntárias, diretamente relacionadas com o meio rural, interessadas no desenvolvimento socioeconômico da juventude. Essas pessoas, são identificadas e selecionadas pelos sócios, pais e extensionistas, para por si só, executarem os trabalhos inerentes as suas condições (ACARESC, 1973, p. 19).

Os objetivos do trabalho dos líderes de clubes incluía:

Auxiliar os Extensionistas para conseguirem o bom desenvolvimento do Clube.

Ensinar e estimular os jovens a desempenharem com êxito, suas atividades no Clube.

Ensinar os jovens a planejar suas atividades e conduzir seus programas.

Reunir os jovens no Clube para, em conjunto e democraticamente, ensiná-los

---

<sup>234</sup> “It is important that the local leader be conscious of the example he sets. Boys and girls in the teens are prone to make an ideal of an older person. The local leader is apt to be that person. Unfortunate is he, who, through carelessness, speech, deception, or evasion of responsibility, shatters that ideal. It is equally important, too, that the leader of a 4-H Club maintain a home based on relatively high standards”.

a identificar seus próprios problemas e os da comunidade e como resolvê-los. Conseguir o máximo interesse e participação dos pais e da comunidade. Divulgar o trabalho dos Clubes, incentivando os jovens para pertencerem ao Clube (ACARESC, 1973, p. 3-4).

Nesse mesmo documento também foram apresentadas as “qualidades” que teriam os Líderes de clubes. Essas eram:

Entusiasmo pelo trabalho com os Clubes 4-S;  
 Habilidades para lidar com jovens;  
 Dispor de tempo para executar a missão;  
 Espírito de cooperação;  
 Espírito democrata;  
 Idoneidade moral;  
 Iniciativa;  
 Vontade e capacidade para aprender;  
 Capacidade e interesse de transmitir conhecimentos;  
 Ensinar pelo exemplo e pela ação;  
 Ter coragem para inovar;  
 Respeita a pessoa humana;  
 É realista e prático;  
 Influencia pessoas (ACARESC, 1973, p. 19-20).

Era esperado que os líderes já tivessem tais características. Ou seja, era como se já estivessem prontos, conforme o modelo idealizado. Acreditava-se em uma vocação natural em determinados indivíduos. Eles estariam apenas à espera da seleção de um extensionista que, com sua sensibilidade, pincelaria tais elementos das comunidades para o trabalho com os jovens. As características assim positivadas dos sujeitos envolvidos nesse processo eram, na verdade, os aspectos que deveriam fazer parte do cotidiano dos clubes, tais como o ensinar, o aprender, o cooperar, o auxiliar. As prescrições deveriam ser corporificadas em ações que significariam a internalização desses valores na vida de cada um, em um processo, inclusive, de constante aprimoramento.

Por outro lado, se existiam semelhanças e até mesmo reprodução das mesmas prescrições para os líderes de clubes nas duas realidades, havia também na prática brasileira diferenças pontuais em relação à experiência norte-americana. Uma delas decorre da própria constituição do Serviço de Extensão Rural no Brasil. Esse nasceu de uma estrutura estadual, no caso a partir de Minas Gerais com a criação da ACAR-MG em 1948. Nessa estrutura havia o escritório central com sede na capital do estado, Belo Horizonte. Além desse, existiam os escritórios locais que aos poucos se espalharam por alguns municípios mineiros, cobrindo basicamente todas as regiões. Como já foi destacado, seguindo o modelo da experiência mineira, outras entidades extensionistas foram fundadas. Oito anos depois da criação da

ACAR-MG foi instituída a ABCAR em 1956. Tal fato acarretou uma maior sujeição das políticas de Extensão Rural implantadas nos municípios às contingências políticas estaduais e nacional. Nessa relação as questões locais foram muitas vezes sufocadas por interesses gerais mais amplos como, por exemplo, a tentativa de uniformização de políticas de assistência técnica sem se levar em conta aspectos econômicos e culturais locais. Como se sabe, funcionários da ACAR-MG também compuseram a estrutura administrativa da ABCAR. Mas, a criação de uma entidade nacional gerou uma tentativa de uniformização das práticas extensionistas para todas as regiões alcançadas pelas filiadas da ABCAR. Assim, os aspectos locais da Extensão Rural e daí do trabalho com a juventude rural, passaram cada vez mais a estar associadas aos objetivos traçados em termos nacionais. Houve, porém, a manifestação do desejo de que os processos educacionais promovidos pela Extensão Rural estivessem adaptados às condições locais. Mas, ao mesmo tempo, as diretrizes e as recomendações eram explícitas em afirmar que “a atuação da Extensão nesse campo deve se desenvolver em obediência às diretrizes do Governo para o setor, o que vale dizer que deve estar compatibilizada com o sistema educacional brasileiro”. (ABCAR, 1968, p. 1). Assim o nacional se sobrepunha aos aspectos locais. Nos Estados Unidos, por sua vez, a adaptação aos aspectos locais, com variações de uma região para outra eram explicitadas, como por exemplo, na seguinte passagem: “Programas 4-H variam em diferentes Estados e comunidades, dependendo da necessidade, mas os objetivos são todos os mesmos: melhores comunidades para se viver” (FERRY; LEHMANN; WETZEL, 1971, p. 207-208, tradução minha)<sup>235</sup>. Isso não quer dizer que no Brasil não houvesse adaptações e variações regionais. Certamente aconteceram. Não é possível afirmar que os clubes mineiros fossem idênticos aos, por exemplo de Santa Catarina, sob os auspícios da ACARESC ou de Pernambuco, organizados pela ANCAR-PE. Mas, diferentemente dos Estados Unidos onde isso era desejado e explicitado nas prescrições para os clubes, no Brasil houve uma maior sujeição das características locais aos aspectos considerados nacionais.

Considero também que foi depositada maior expectativa em termos das responsabilidades que deveriam desenvolver os líderes e diretorias de clubes no Brasil do que na experiência dos 4-H norte-americanos. Nos Estados Unidos, a liderança era de outro tipo. O líder era uma espécie de conselheiro que surgia a partir da própria experiência da comunidade. Sua função nos clubes não era algo estranho ao grupo. Fazia parte da tradição comunitária e seus papéis eram definidos em relação a outros líderes. Quero dizer assim que a

---

<sup>235</sup> “4-H programs vary in diferente States and communities, depending upon the need, but the goals are all the same: better communities to live in”.

presença de líderes e o sentido de liderança para a experiência das comunidades nos quais se formavam 4-H Clubs surgia das próprias relações internas desses lugares.

Já os líderes de Clubes 4-S no Brasil teriam papéis de outra natureza e que mais se aproximam do tipo de liderança baseada em ações paternalistas. O clube se formava a partir da ação dos extensionistas das instituições como as ACAR'S e dos líderes selecionados. A existência dos clubes muitas vezes dependeu da própria existência de um líder que tivesse tal prerrogativa. O líder tornava-se uma espécie de alicerce no qual os clubes se constituíam. Enquanto isso, na estruturação dos 4-H Clubs, os seus líderes tinham um papel de guia, uma espécie de condutores, que mostrariam os supostos melhores caminhos aos outros integrantes, pois já tinham passado por experiências que lhes creditavam à tais funções. Chego a supor que, a existência de um clube nos Estados Unidos ocorreria até mesmo sem a existência de um líder. No Brasil, isso seria praticamente impossível.

Desde a década de 1950 no Brasil o papel a ser desempenhado pelos líderes foi enfatizado na organização dos clubes.

Um dos objetivos dos Clubes 4-S é a formação de líderes. Entre os sócios, aqueles que revelam aptidões para a liderança, uma vez saídos dos clubes, passam a auxiliar os supervisores no trabalho de extensão. Pertencendo à comunidade, agem como elemento de ligação entre os supervisores e os agricultores. Além da ajuda que oferecem na divulgação de conhecimentos e técnicas agrícolas e de economia doméstica, promovem condições de confiança e cooperação entre o pessoal da ACAR e a comunidade (ACAR, 1957, p. 8).

As expectativas em relação ao trabalho do líder de clube no Brasil foram acentuadas em um folheto instrucional produzido pela ACAR (1961). Mesmo editado pela instituição extensionista de Minas Gerais, o documento dirigia-se aos líderes de Clubes 4-S no geral. Não fazia distinção de região ou estado. Como já afirmei, a experiência mineira serviu como modelo para outras regiões do país e essa visão sobre os líderes, portanto, era a mesma para Minas Gerais ou qualquer outro estado brasileiro. Na introdução do guia (O líder de Clube 4-S) era dado o tom desejado para a atuação do líder de clube:

Você sabe que se educar o jovem rural hoje, a zona rural será mais adiantada no futuro por que quando se tornarem adultos os jovens usarão as técnicas que aprenderam e cuidarão melhor de suas comunidades. Você dá aos jovens dos Clubes 4-S todo o seu tempo livre e isto é quase uma diversão para você de modo que nunca se sente cansado. Está sempre disposto a ajudar cada jovem que precisa de você (ACAR, 1961, p. 2).

Dois pontos merecem destaque nessa passagem. Em primeiro lugar, trata-se mais uma vez de uma prescrição acerca do que se esperava do jovem rural no Brasil, ou seja, que esse fosse o elemento de transformação das comunidades em que viviam. Repete-se ou reforça-se a ideia do jovem como alguém que virá a ser e não aquilo que já era. Acentua a crença no jovem como sujeito da inovação que se projeta para o futuro. O tempo da transformação é o tempo vindouro, sendo o presente o momento apenas da aprendizagem. Portanto, o líder seria o incentivador desse processo junto aos sócios dos clubes. Todos, assim vislumbrariam “as maravilhas” criadas pelo homem, transformando a região a mais adiantada possível. Em segundo lugar, houve o realce ao papel do líder de clube. Mas, nesse caso, isso era associado a algo desprezível, pois relacionado ao denominado tempo livre desse sujeito. A ação por ele desenvolvida era algo naturalizada. Era como se o líder de clube tomasse as ações de desenvolvimento no clube por puro desprendimento, “por diversão” e nunca se sentia “cansado”. Segundo a fonte, ele não teria nenhum interesse maior. Era sua abnegação por uma Pátria mais adiantada que o fazia agir. Era também como se o líder de clube atuasse por puro amor a uma causa. Não faz nenhuma referência ao fato que tanto o jovem rural, quanto o líder de clube, participavam de uma trama que envolvia interesses locais em relação às questões nacionais e com forte ligação com grupos similares em várias partes do mundo, como as que já foram demonstradas no capítulo dois dessa tese.

Argumento semelhante foi adotado também em um texto assinado pelo engenheiro agrônomo José Sebastião da Paixão intitulado: “Nos Clubes 4-S está o futuro do Brasil Rural” (O RURALISTA, out/1965, p. 2). O autor que, já no título do artigo, expressa sua crença no futuro do país, sobretudo pelo trabalho dos Clubes 4-S, também reforça a ideia dos líderes como elementos chaves nesse processo.

Só com um número considerável de líderes voluntários, bem treinados no manejo das técnicas de agricultura, pecuária e Economia Doméstica, que possua o máximo de interesse e capacidade de transmitir tudo o que tenha aprendido nos treinamentos recebidos aos seus vizinhos e a todas as pessoas que tenham contato com eles, é que poderemos mudar completamente o panorama rural, dando vitalidade às comunidades alegria de viver aos seus habitantes. Os líderes voluntários poderão ser selecionados entre os jovens dos Clubes 4-S que já se acostumaram a ajudar sua terra a progredir, tornando-se campeões de produção e introdutores de técnicas novas aprendidas com os supervisores, amantes da terra, em que nasceram e dentro de curto tempo serão transformados em cidadãos de interesse, de civismo e de amor à nossa grande Pátria (O RURALISTA, out/1965, p. 2).

Os líderes de clubes também deveriam cumprir o papel de convencer os pais e os jovens de uma região atendida pelos órgãos extensionistas do tipo ACAR sobre a importância

em se ter um clube na comunidade. Em Gomes (2015, p. 22) citando o documento (ACAR, 1961, p. 21-22) destaquei que, para a constituição dos Clubes 4-S era necessário que as famílias fossem proprietárias rurais<sup>236</sup>. Isso por si só já era um fator de distinção no meio rural. Assim o líder estabeleceria contato com as famílias que atendiam a essa prerrogativa, ou seja, ser proprietária de terra, além de ter filhos entre 10 e 18 anos<sup>237</sup>.

Nas reuniões que aconteciam o líder deveria explicar inicialmente sobre o funcionamento de um clube e as atividades que os sócios participariam.

Dê a cada um deles um folheto sobre Clube 4-S e a ficha para ele preencher, caso o pai permita que ele entre para o Clube. Marque a próxima reunião com eles e peça-lhes que tragam seus pais.

[...]

Leve para esta reunião uma boa qualidade de ideias para os sócios. Eles não estão acostumados a fazer programa, de modo que precisam de uma boa ajuda. Deixe que eles escolham o que vão fazer. Marque com eles o dia e a hora das reuniões quinzenais. Marque cada reunião na casa de um sócio (ACAR, 1961, p. 21-22).

Nessa fonte está destacado que os sócios não estavam acostumados com muitas das práticas que deveriam ser adotadas nos clubes, como por exemplo, a elaboração de um programa de ações a ser seguido. A criação de um clube, portanto, a partir dessa concepção seria necessária para se mudar costumes. Nesse sentido, fica também explicitada mais uma diferença em relação aos 4-H Clubs. Diferentemente dos Estados Unidos, onde uma cultura associativista já fazia parte da vida da maioria das pessoas, nos Clubes 4-S no Brasil isso era um objetivo a ser alcançado e que caberia aos líderes estimular.

Os papéis que caberiam aos líderes de clubes no Brasil eram sobremaneira valorizados nas publicações da ACAR/ABCAR. Nos trechos das citações anteriores são perceptíveis expressões ou referências ao domínio da técnica, valorização do treinamento, da transmissão de saberes, da ideia de vitalidade, de progresso, de civismo, de ajuda no sentido

<sup>236</sup> Nos Estados Unidos não era explicitada a ideia de propriedade da terra para que um jovem fizesse parte de algum clube, como era nas prescrições brasileiras. Todavia, isso também estava implícito. Era esperado que o jovem dos 4-H Clubs fosse capaz de se equipar. Isso significava que ele ou ela deveria ter condições e bens necessários para que fizessem as demonstrações de projetos agrícolas, de pecuária ou de melhoramento das habitações rurais. (“Any rural boy, or girl, within the age limits set by his State extension service, who is able to equip himself to carry on a demonstration of some better farming or homemarking activity, may become a member of a 4-H Club” (WARREN, 1952, p. 3).

<sup>237</sup> A faixa etária para que um jovem participasse de um clube, fosse ele 4-S ou 4-H podia variar de uma região para outra no país e no próprio estado. Nos Estados Unidos a idade limite geralmente variava entre 10 e 20 anos e dependia das regras instituídas em termos locais. The age limits usually are 10 and 20 years”). (WARREN, 1952, p. 3). Das fontes consultadas sobre os Clubes 4-S no Brasil, conforme já havia observado também em Gomes (2013 – b), foi possível perceber extrair referências a jovens entre 8 e 25 anos. Apesar disso, o mais comum foram referências a idades entre 10 e 18 anos, conforme sugere UREMG (1961, p. 5).



de estímulo primevo. Assim os líderes deveriam ser elementos propagadores de tais prerrogativas ao incentivar os demais sócios dos clubes a se familiarizarem e internalizarem tais sentimentos.

Enquanto isso, nos Estados Unidos havia um maior compartilhamento de tarefas e responsabilidades entre os sujeitos que se relacionavam com o trabalho dos 4-H Clubs. Percebo que havia um maior envolvimento, como já referido, explicado pela própria dinâmica da sociedade norte-americana onde elementos de participação comunitária eram mais explícitos e fazendo parte de uma longa tradição.

Além dos líderes locais, que são moradores da comunidade e que assumem a responsabilidade pelo trabalho de cada clube, um conselho ou comitê de patrocínio do município 4-H é geralmente desenvolvido. Tal conselho ou comitê pode ser composto de líderes locais, pais, membros experientes e outros interessados no programa do Clube 4-H, ou pode ser indicado por algum grupo patrocinador, como um clube de donas de casa, uma escola ou algum tipo de fazenda. Sob a orientação de agentes de extensão do condado, tais conselhos de clube ou comitês de patrocínio estão se tornando cada vez mais importantes. Eles geralmente estudam as necessidades do condado, planejam atividades no 4-H do condado, planejam e executam um programa de melhoria para todos os líderes locais, e executam outras tarefas conforme as situações mudam e as necessidades surgem (WARREN, 1952, p. 8, tradução minha)<sup>238</sup>

Outro elemento comum às duas experiências foi a prática de distinção entre os jovens rurais. Em ambos os casos foram focalizadas trajetórias de líderes ou campeões de torneios de produtividade a partir das fontes analisadas. E nisso havia dois objetivos implícitos. Um era o de legitimar o trabalho com a juventude rural. O outro era a criação de uma imagem positiva e exemplar daqueles que deveriam ser considerados modelos a serem inspiração para os demais.

No Anuário Ford de 1960 foi reproduzido um texto assinado por C. B. Smith, escrito na primeira pessoa do singular e que destacava o papel que desempenhava o Líder Local nos 4-H Clubs.

Eu ensino a abundância dos campos, do gado e dos rebanhos; a ordem e a paz do lar, a beleza dos montes e dos riachos, a glória do trabalho e das obras bem-feitas. Eu ensino à juventude rural a atuação dos homens livres e, por

---

<sup>238</sup> “In addition to the local leaders, who are residents of the community and who assume responsibility for the work of each club, a county 4-H Club council or sponsoring committee is usually developed. Such a council or committee may be composed of local leaders, parents, experienced members, and others interested in the 4-H Club program, or it may be appointed by some sponsoring group such as a homemakers' club, a school, or some farm organization. Under the guidance of county extension agents, such county club councils or sponsoring committees are becoming increasingly important. They usually study the needs of the county, plan county 4-H activities, plan and carry on an improvement program for all local leaders, and perform other duties as situations change and needs arise”.

minha causa, a vida é boa e o trabalho, uma canção. Eu separo a rosa dos espinhos, o trigo do joio, e abro amplamente a porta da terra boa e da vida rural, de maneira que os homens possam ver e compreender. Eu fomento as organizações rurais, os programas de melhoramento das chácaras, dos lares e das comunidades e, por meu esforço, a juventude cresce forte, os homens se desenvolvem e rendem homenagem à vida rural. Eu torno efetivos e frutíferos os programas de extensão agrícola nacionais e regionais. Poucos me conhecem e presto meus serviços sem remuneração; indiscutivelmente, minha recompensa é grande, pois, com meu esforço, estou ajudando a construir uma nação. Sou o Líder Local do Serviço de Extensão e do trabalho dos Clubes 4-H (FORD MOTOR COMPANY, 1960, p. 108).

O texto dava ênfase ao papel do líder local no desenvolvimento da concepção de mundo desejada para os jovens rurais, onde a paz, o progresso e o respeito à Natureza estivessem no horizonte de cada uma das pessoas. Seu voluntarismo, esforço e dedicação seriam elementos fundamentais para se alcançar tais objetivos<sup>239</sup>.

No caso dos Clubes 4-S, principalmente os de Minas Gerais, determinados sujeitos eram realçados nas publicações oficiais. Suas trajetórias eram motivo de relatos marcados por forte tom de exaltação, fosse o período que integravam os clubes, como, para alguns até mesmo depois que os deixavam. Havia uma busca constante em reafirmar o papel transformador que o clube teria realizado na vida daqueles sujeitos. Era uma forma de construir uma memória positiva dos feitos da Extensão Rural. Um exemplo foi o destaque dado à jovem Arivalda Maria das Dores da localidade de Três Barras, do município de Itapeçerica. A primeira citação a ela foi encontrada na edição número 17 de O Trevo, de abril de 1959. Era uma compilação do poema que Arivalda teria escrito sobre sua experiência como sócia de um Clube 4-S. O poema foi intitulado “Brincando com os colegas”. Cinco anos depois dessa citação, novamente Arivalda aparecia em uma publicação oficial do extensionismo rural. Na revista ACAR (1964), Arivalda apresentava-se já com 19 anos de idade. Tinha até aquela ocasião cursado o ensino primário. Entretanto, havia paralisado seus estudos, pois a comunidade não oferecia oportunidade para que ela continuasse aprendendo. Mas é a partir daí que vinha uma das características de publicações como essa: a valorização da prática extensionista. Nessa publicação foi enfatizada que o futuro de Arivalda teria mudado quando por volta de 1958 uma equipe de extensionistas da ACAR fundou um Clube 4-S na região. “A equipe concluiu que havia em Três Barras, além de outros, um requisito essencial para esse trabalho: existência de pais interessados em que seus filhos aprendessem

---

<sup>239</sup> Após esse texto foi destacado dez líderes de jovens rurais latino-americanos, um de cada dos seguintes países: Paraguai, Colômbia, Porto Rico, Panamá, São Salvador, Equador, Chile, Costa Rica, Peru e Uruguai. Em todos os relatos seguiu-se a mesma estrutura de exaltação ao trabalho com os clubes juvenis e os líderes como sinônimos de sucesso.

algo melhor do que aquilo que eles lhes podiam ensinar” (ACAR, 1964, p. 6). O Clube teria recebido o nome de Três Barras. Arivalda e seu irmão Osvaldo foram alguns dos primeiros sócios. No Clube ela atuou por cinco anos onde teria se destacado nos projetos de Economia Doméstica e de também de vestuário. Em junho de 1962, por exemplo, participou da 1ª Concentração<sup>240</sup> Estadual de Clubes 4-S de Minas Gerais realizada em Belo Horizonte. Na ocasião obteve o “1º prêmio no projeto ‘Roupas Brancas’, ganhando uma medalha de ouro e uma máquina de costura, oferecida pela Singer”. (ACAR, 1964, p. 6). Quando ultrapassou o limite de idade até então indicado para os sócios dos Clubes, Arivalda teria se tornado líder dos clubes da sua região, pois como expresso pelo título da matéria da revista (ACAR, 1964), “Arivalda aprende para ensinar os outros”. Assim

Tendo atualmente mais de 18 anos, Arivalda não é mais sócia do Clube 4-S Três Barras. Entretanto, não se alheou dos seus trabalhos. Participa de suas atividades como líder, assumindo responsabilidades no trabalho de Vestuário. Com prazer ensina o que aprendeu às meninas mais novas (e também às senhoras do seu meio), multiplicando dessa forma os ensinamentos recebidos (ACAR, 1964, p. 6)<sup>241</sup>.

Há uma linha de continuidade entre o documento ACAR (1964) e O Trevo de 1959, além da citação ao mesmo sujeito. No primeiro documento, o jornal O Trevo de 1959, Arivalda aparece como uma jovem que tem alegria em brincar com seus colegas de clube. Há na publicação a valorização do compartilhar com outros jovens, experiências como o de brincar. Além do fato desse ser uma forma de aprender também. Já no documento de 1964, Arivalda aparece como uma líder que após ter aprendido ensinamentos básicos de Vestuário, agora tem o prazer de passar para outras pessoas aquilo que a teria modificado a ver e sentir o mundo. Os princípios dos clubes de jovens rurais “Learning by doing” (aprender fazendo) estariam assim consagrados nessas duas publicações. Além de ser algo que não se encerrava com a experiência etária dos clubes, pois pelas expectativas em relação ao trabalho dos quatroessistas deveriam ser aprendizados que seriam levados por toda a vida daquelas pessoas.

O caso citado sobre a jovem Arivalda é apenas um de vários outros que foram relatados em publicações da ACAR-MG, da ABCAR e de outras instituições que promoviam o trabalho com os jovens rurais. Um exemplo clássico disso relaciona-se à promoção daqueles que se destacavam na produção de milho híbrido. Esse era resultado da seleção de boas

---

<sup>240</sup> Nos Estados Unidos existiam várias formas de reunir os sócios dos clubes. Aquele que mais se assemelhava à Concentração Estadual dos Clubes 4-S de Minas Gerais eram os acampamentos de 4-H Clubs.

<sup>241</sup> Outros exemplos podem ser conferidos a partir da edição de número 45, do jornal O Trevo, do ano de 1962, quando na capa do referido periódico passou-se a publicar breves histórias sobre líderes de Clubes 4-S. Para maiores detalhes ver também: Gomes (2015).

sementes de milho. Elas eram plantadas e cruzadas para gerarem uma variedade melhorada de milho que fosse capaz de ter “alto rendimento, resistência à seca, à doença e aos danos produzidos pelo vento” (FORD MOTOR COMPANY, 1962, p. 38-39)<sup>242</sup>. O jovem destacado do Brasil na publicação da FORD de 1962 foi o Cor-Jesus Freitas Souza. Segundo a publicação Cor-Jesus era um jovem que “com quatro anos de trabalho no Clube 4-S tornou-se uma autoridade em milho híbrido e estava sendo treinado pelo Brasil para ser líder agrícola” (FORD MOTOR COMPANY, 1962, p. 34). Na Convenção Regional de Clubes 4-S realizada em Viçosa, obteve o primeiro prêmio pela exibição de dez espigas, além de ter sido escolhido o presidente do evento. A premiação fazia parte da prática do trabalho com a juventude rural. Era uma forma de incentivar outros jovens a se mirarem no exemplo de sucesso. Ao mesmo tempo era uma forma de distinção, pois aqueles que se destacavam nas competições eram justamente aqueles que receberiam incentivos como bolsas de estudos e que, portanto, esperava-se que fossem no presente sujeitos modelares e no futuro os líderes em suas regiões. Foi tentada assim a incorporação de alguns traços culturais da sociedade norte-americana no dia a dia dos Clubes 4-S no Brasil. A competitividade em vários aspectos da vida humana e a distinção entre seus indivíduos por supostos méritos foram algumas delas. Um exemplo do exposto ficou demonstrado sobre o próprio Cor-Jesus. A publicação ao se referir ao jovem afirmava que

por sua habilidade nos projetos, por suas qualidades de líder e por sua personalidade, ganhou uma bolsa de estudos de 7 anos na Universidade Rural do Estado de Minas Gerais. Quando terminar seus estudos será engenheiro agrônomo. O pai de Cor-Jesus, que tem uma plantação de 12 hectares, converteu-se ao uso de milho híbrido após ver os resultados do seu filho e diz que o híbrido “rende 3 vezes mais do que o milho nativo” (FORD MOTOR COMPANY, 1962, p. 34)<sup>243</sup>.

Está claro que a publicação da FORD visava promover a variedade de milho e que isso fazia parte das ações que objetivavam a difusão de novas tecnologias e produtos nos meios rurais. Mas junto às iniciativas como essas era considerado fundamental também a promoção de jovens rurais que seriam elementos de distinção entre seus pares. Exemplos de

---

<sup>242</sup> Segundo essa publicação a produção de milho da América Latina não era suficiente para toda a população e tinha baixo rendimento. Foi diante de tal constatação e com o objetivo de aumentar a produção de milho e assim melhorar a qualidade alimentar da população que os Serviços de Extensão, apoiados por instituições internacionais como a Fundação Rockefeller, por exemplo, estava incentivando o cultivo de variedades melhoradas de milho. Nesse cenário, o papel da juventude era considerado chave para a introdução de sementes e métodos aperfeiçoados para o cultivo do milho. Daí que uma publicação como o Anuário Ford reservava em suas páginas espaços para que fossem destacados os resultados da ação de jovens rurais de países como México, Guatemala, El Salvador, Equador, Colômbia, Brasil, Uruguai.

<sup>243</sup> Cór-Jesus Freitas Souza já havia sido destaque no Suplemento Bimensal do Anuário Ford para a Juventude Rural das Américas de 1961. Ver: (FORD MOTOR COMPANY, jul/ago/1961, p. 1).

sucesso representados pelas biografias de alguns líderes de clubes ou de sócios que se destacaram em termos de produtividade foram utilizados para se fixar uma memória positiva e assim constituir uma imagem modelar para outros jovens e adultos se mirarem.

O destaque dado aos “Campeões da Produtividade”, concurso instituído em 1961 pelas Sementes Agroceres S.A., empresa parceira em projetos de promoção da juventude rural e coordenado pelo agrônomo Antônio Secundino de São José<sup>244</sup>, foi um claro exemplo dessa estratégia. Segundo texto de promoção do concurso seu objetivo era “estimular o aumento da produtividade de milho no estado de Minas, que é o principal produtor de milho do Brasil, mas tem média de produção por hectare muito baixa” (FORD MOTOR COMPANY, nov/dez/1962, p. 6). Era oferecido pela Agroceres um troféu rotativo ao campeão mineiro no Projeto Milho. A partir da instituição de tal prêmio o quatroessista mineiro José Eduardo Torres, do Clube 4-S “Córrego da Memória” do município de Raul Soares, tornou-se uma constante referência de sucesso nas publicações que historiavam o trabalho da Extensão Rural junto aos jovens rurais<sup>245</sup>. José Eduardo, que em 1961, tinha 12 anos de idade produziu 8.276kg de milho por hectare, número cerca de sete vezes maior do que a média do estado. Na ocasião o Banco da Lavoura concedeu-lhe uma viagem à Belo Horizonte, onde o quatroessista visitou a sede da ACAR-MG e foi recebido no Palácio da Liberdade pelo Governador do Estado, José de Magalhães Pinto. (O TREVO, jul/ago/1961, p. 1). Outros “campeões” de Clubes 4-S foram destacados nos anos seguintes<sup>246</sup> em diferentes publicações, incluindo as de

---

<sup>244</sup> Segundo Tota (2014 – b, p. 238-239) Antônio Secundino “foi um dos pioneiros em experiências com o milho híbrido no Brasil. Formou-se na primeira turma da Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa, a ESAV. Alguns anos depois, já estava trabalhando como professor do departamento de genética, experimentação e biometria. Cientista exemplar, recebeu uma bolsa para fazer curso de especialização e pós-graduação em Stoneville Experiment Station, no Mississipi, e depois na Universidade Estadual de Iowa. Ali conheceu Henry Wallace, secretário da Agricultura do governo Franklin Roosevelt”. Wallace foi vice-presidente dos Estados Unidos entre 1941 e 1945. Segundo Tota (2014 – b) foi durante essa época que Wallace e Nelson Rockefeller que jogavam tênis com certa frequência conversaram sobre as vantagens do milho híbrido. Wallace teria comentado sobre pesquisadores que faziam adaptações de sementes na América Latina, dos quais um deles era o mineiro Antônio Secundino de São José. Quando da criação da Sementes Agroceres em setembro de 1945, dentre outros, pelo próprio Antônio Secundino, Nelson Rockefeller ficou entusiasmado com a possibilidade de associar a ela. Em 1946 Nelson Rockefeller criou a International Basic Economy Corporation – IBEC, empresa que pode ser caracterizada como o lado dos seus empreendimentos que buscava a obtenção de lucros, ao contrário da AIA, criada na mesma época, considerada uma entidade filantrópica. A IBEC e a Agroceres se associaram em 1948 e essa se tornou uma sociedade anônima. “Na década de 1950, a Sementes Agroceres S.A. já era a maior produtora particular de sementes de milho híbrido do Brasil. A rentabilidade delas proporcionava colheitas até 50% maiores que as plantações comuns” (TOTA – b, p. 240-241).

<sup>245</sup> Por exemplo, o jornal Estado de Minas (08/08/1961) destacou o feito de José Eduardo em matéria intitulada: “Menino levanta campeonato de produção de milho”. Segundo o idealizador do concurso, Antônio Secundino de São José, é mais fácil ensinar aos jovens. Do aprendizado dos jovens, toda a família acaba sendo influenciada”. Também em Ford Motor Company (nov/dez/1962, p. 6) José Eduardo Ferreira foi citado como exemplo de sucesso e, portanto, inspiração para outros jovens em relação à produção de milho.

<sup>246</sup> Premiar os campeões de produtividade e conferir ampla publicidade a eles foi uma prática comum a outros Clubes 4-S pelo Brasil. Por exemplo, os jovens em Goiás com a produção de arroz, Paraná e Santa Catarina com milho, Espírito Santo com café foram alguns dos citados como modelos de excepcionalidade e que deveriam

circulação nacional e internacional. Foi o caso de Mauro Luís de Oliveira, sócio do Clube 4-S Trespontano. Ele foi o “Campeão da Produtividade” de 1964 e ganhou espaço no *Correio Agrícola*, suplemento do *Jornal Correio da Manhã* de 01 de janeiro de 1965, editado na cidade do Rio de Janeiro. Os exemplos de Minas Gerais serviam assim para difundir uma imagem positiva do trabalho que se alinhavava para a juventude rural em outras regiões do país e junto às instituições internacionais promotoras dos clubes juvenis. Nenhum outro quatroessista, porém, chegou perto da repercussão que teve o campeão Interamericano de Produção de Milho em 1968, o jovem de 18 anos de idade, Sebastião Pereira Vítor, do Clube 4-S Carmelitano, do município Carmo do Rio Claro. O quatroessista produziu 12.476 kg de milho por hectare, dez vezes maior que a média mineira e nove vezes maior do que a média brasileira. Devido a esse feito, Sebastião Pereira, além do título de campeão Interamericano, recebeu um micro trator e uma viagem à Flórida, nos Estados Unidos. No retorno de Sebastião Pereira ao Brasil foram realizadas cerimônias de recepção e homenagem a ele, além de ter sido amplamente divulgado na imprensa o feito do jovem do sul de Minas Gerais<sup>247</sup>.

### 3.1.1.3 Outros rituais e símbolos

Conforme já me referi no capítulo 1, a criação e utilização do trevo verde de quatro folhas como símbolo dos 4-H Clubs tem uma longa história. Como demonstrei tem-se apenas estimativas de quando começou a ser utilizado, estando localizado entre as décadas de 1910 e 1920 tal fato. Por outro lado, foi com a institucionalização do Cooperative Extension Service (Serviço de Extensão Cooperativa) quando da promulgação do Smith-Lever Act em 1914 que os 4-H Clubs passaram a ter uma abrangência nacional. Foi daí que toda a simbologia que envolvia os integrantes dos clubes nos Estados Unidos, como o trevo e o próprio nome 4-H, passaram cada vez mais a fazer parte do cotidiano daqueles jovens, principalmente como elemento identitário. Segundo Wessel e Wessel (1982, p. 42, tradução minha) “o uso do nome 4-H e o símbolo do trevo deram aos membros individuais um senso de pertencer a uma organização que alcançou além de sua área imediata<sup>248</sup>”. Alcançar outros jovens e levar a eles os pressupostos dos clubes nos Estados Unidos, era uma prerrogativa que

---

servir como espelhos para outros integrantes de clubes do país. Ver: (O RURALISTA, julho de 1965, p. 8).

<sup>247</sup> Um exemplo da repercussão internacional foi a publicação que o destacou em 1969. Refiro-me ao periódico *Aliança Reporter* (february/1969), editada pela Aliança para o Progresso USAID/Brazil. Foi dado amplo destaque ao campeão Sebastião Pereira Vítor, incluindo foto na capa. Sobre toda a repercussão em torno do jovem agricultor mineiro ver Gomes (2013 – b).

<sup>248</sup> “The use of the name 4-H and the clover symbol gave individual members a sense of belonging to na organization that reached beyond their immediate area”.

cada membro de cada clube deveria ter em mente. Para isso o uso dos recursos simbólicos era uma estratégia a mais para tal fim. Fossem nos encontros locais, estaduais ou nas Conferências Nacionais dos 4-H, a simbologia servia como elemento tanto propagandístico quanto identitário do movimento juvenil daquele país. A importância conferida a essa simbologia foi tal que em 25 de junho de 1948 foi estabelecida a Lei Pública 772 (Public Law 772, Title 18 U.S.C 707) que regia o uso do nome e emblema dos 4-H, inclusive prevendo a detenção de até seis meses e multa para aqueles que descumprissem o que regia a lei. (USDA/NIFA, 2014, p. 16).

Já demonstrei também que à medida que outros clubes eram criados para além dos Estados Unidos, principalmente no pós Segunda Guerra Mundial, o trevo verde de quatro folhas tornou-se presente em vários países como símbolo dos movimentos de jovens rurais. No Brasil, foi possível localizar a presença cada vez maior dessa simbologia desde o final da década de 1950 e no início da década de 1960, fosse na utilização de uniformes pelos quatroessistas ou na troca de fâmulas entre os membros de diferentes clubes. Credito tal fato ao maior estreitamento de relações entre os extensionistas e quatroessistas brasileiros com outros profissionais e jovens de várias localidades do continente americano naquele período. Esse foi um período intenso de possibilidades de intercâmbios e eventos que tiveram como atores as entidades ou programas tais como IFYE, IICA, PIJR, Peace Corps, a Aliança para o Progresso. Se o fito era os Estados Unidos em termos da simbologia dos clubes, aquilo que era praticado nos 4-H Clubs passou a ser reelaborado nos clubes do Brasil.

Um exemplo dessa reinterpretação foi o estabelecimento de um uniforme para os membros dos Clubes 4-S no início da década de 1960. Ao contrário dos Estados Unidos, onde o uso da simbologia era algo sistemático<sup>249</sup>, no Brasil tal fato se deu de forma mais fluida. A ideia de um uniforme para os quatroessistas e líderes teria partido de Dona Nila, uma professora rural da região de Rio Pomba, zona da mata de Minas Gerais, ao qual se atribui ser uma das fundadoras do primeiro Clube 4-S do Brasil. As vestimentas teriam sido criadas mais por uma vontade pessoal do que por uma decisão institucional, conforme pode-se extrair de uma fonte mimeografada presente no Centro de Documentação da EMATER-MG:

Em abril de 1962, quando do Curso de Habitação Rural oportunamente, manifestou-se perante outros líderes, com uma avaliação sobre os Clubes 4-S. Surgiu nesta oportunidade a ideia de uniformizar-se líderes e sócios dos

---

<sup>249</sup> Localizei referências a uma série de itens destinados aos membros dos 4-H Clubs dos Estados Unidos em uma lista de preços de 1926 que inclusive prometia satisfação com qualidade dos produtos ou o dinheiro de volta. Os itens eram de várias espécies tais como: adesivos, diferentes tipos chapéus, faixas de papel crepom, braçadeiras, aventais, toucas, escudos, flâmulas. (NATIONAL COMMITTEE..., 1926).

Clubes 4-S de todo o Brasil. Dona Nila foi quem sugeriu por desejar igualdade de apresentação de todos os sócios e líderes<sup>250</sup>.

A primeira versão do uniforme era composta por uma saia marrom pregueada e blusa branca para as meninas e calça e camisa marrom para os meninos. Ambos tinham na lapela uma fita verde-amarela com o emblema dos Clubes 4-S, ou seja, o trevo verde de quatro folhas. Nos eventos que se realizaram como Convenções, Encontros de Clubes e até em demonstrações práticas, além das referências iniciais, bandeira do Brasil e do Clube 4-S, passaram também a ser observados os sócios uniformizados, conforme pode ser observado nas figuras 21 e 22. O uniforme além de criar uma ideia de organização e padronização, também buscava escamotear diferenças sócio-econômicas entre os sócios de clubes de diferentes regiões tanto de Minas Gerais, quanto do Brasil. Como pela crença na filosofia dos clubes havia a ideia do “progredir sempre” também se pode deduzir que não era de bom tom que seus integrantes fossem apresentados como meninos e meninas em condições consideradas de inferioridade na sociedade, como muitas vezes era representada a população rural. Buscava-se pelos clubes se afastar da ideia que associava o homem rural ao personagem do jeca-tatu de Monteiro Lobato, sempre vestido em trajes precários, na maior parte formado por retalhos de panos, doente e sem vontade de trabalhar ou até mesmo viver.

Na figura 21 é possível perceber, que apesar dos meninos estarem praticamente vestidos da mesma forma, estando todos os sete trajando a blusa com o símbolo dos 4-S, pelo menos dois deles, têm os pés descalços. É possível aludir daí que havia dificuldades de se compor o uniforme completo. Isso pode ser atribuído ao alto custo para compor o conjunto completo ou a própria dificuldade de alguns jovens a se adaptarem ao uso do sapato. Esse item do vestuário era associado a um novo costume, à coisa da e para a “cidade”, não para a roça. Muitas vezes foi relacionado à ideia de luxo, do qual só se podia fazer o uso em determinadas ocasiões ou eventos<sup>251</sup>.

---

<sup>250</sup> Informações obtidas a partir de texto mimeografado intitulado: DADOS sobre o 1º Clube 4-S do Brasil. Acervo: Centro de Documentação da EMATER-MG.

<sup>251</sup> É muito comum ouvir em Minas Gerais de idosos que foram jovens nas décadas de 1940, 1950 e 1960 a alusão que seus pais só deixavam usar sapatos em ocasiões especiais, quase sempre apenas nas missas aos domingos. Isso pode ser também outra razão para que fossem detectados em fotografias jovens quatroessistas com os pés descalços em atividades da lida diária nas propriedades.



**Figura 21** – Técnicas para Gado Leiteiro – Clubes 4-S - Início da década de 1960.



**Fonte:** Centro de Documentação da EMATER-MG.

**Figura 22** – Aula para meninas 4-S – Cultivo de horta – Escritório Local de Machado – década de 1960



**Fonte:** Centro de Documentação da EMATER-MG.

Havia também nos eventos que reuniam os quatroessistas a apresentação de cada clube por meio de flâmulas. Elas eram trocadas entre os membros de diferentes clubes e se assemelhava a troca que jogadores de futebol, principalmente, fazem no início de uma partida<sup>252</sup>. Tal prática também é comum entre membros de Rotary Clubs.

Se tais usos tenham sido fruto do maior intercâmbio entre técnicos extensionistas e sócios de clubes nesse período, incluindo o contato com outras experiências de organização de clubes de países latino-americanos, foi sem dúvida a experiência norte-americana que teria

---

<sup>252</sup> Ver exemplos dessas flâmulas de Clubes 4-S de Minas Gerais no Anexo 5.

mais influenciado com seus referenciais simbólicos. Fica demonstrado, porém, essa utilização no Brasil foi bastante tímida se comparada com a experiência simbólica dos Estados Unidos onde a incorporação do imaginário dos clubes em seus membros e por parte da sociedade foi e é muito mais marcante do que em qualquer outra região do mundo. Na segunda década do século XXI, os membros dos 4-H Clubs fazem uso de uma série de itens de vestuário e de adereços que buscam dar identidades aos sócios daqueles clubes. Neles, o símbolo principal dos clubes, o trevo verde de quatro folhas está sempre em destaque e como já referi existe toda uma legislação desde 1948 que regulamenta cada item<sup>253</sup>.

O compartilhamento de imagens, símbolos e ideias acerca da juventude rural é um forte indício que atesta a circulação do modelo dos 4-H e suas variações em várias partes do mundo. Um exemplo clássico dessa representação e organização do trabalho com a juventude rural pode ser observado a partir da adoção de um tipo de selo que os respectivos serviços de correios, norte-americanos e brasileiros, adotaram em homenagem a datas consideradas significativas para as duas experiências aqui analisadas. A figura 23, por exemplo, reproduz o selo dos 4-H Clubs do ano de 1952.

**Figura 23** – National 4-H Stamp – Estados Unidos – 1952



**Fonte:** <https://4-hhistorypreservation.com/Stamps/> Acesso em 15/08/2018.

<sup>253</sup> Ver: <https://shop4-h.org/collections/shirts>. Acesso em 16/08/2018. Há uma grande diversidade de itens comercializados no site oficial dos 4-H nos Estados Unidos. Isso inclui desde camisetas, jaquetas, calças, camisolas, shorts, fitas, meias, cachecóis, fivelas de cintos, bonés, chapéus, bolsas e sacolas, botons, emblemas, flâmulas, bandanas, tiaras, gravatas, capas para aparelhos telefônicos, chaveiros, medalhas, colares, braceletes, brincos, luvas, óculos, botas, folhetos sobre projetos, agendas e mais uma série de souvenirs que carregam em si a simbologia dos 4-H Clubs.

O selo de três centavos de dólar foi lançado em 1952 pelo United States Post Office Department, em comemoração ao 50º aniversário dos 4-H Clubs nos Estados Unidos<sup>254</sup>. Mais do que discutir o que significou esse primeiro cinquentenário ou mais do que retornar ao tema das origens do movimento dos 4-H nos Estados Unidos, conforme já fiz no primeiro capítulo, interessa-me aqui demonstrar as referências icônicas ao trabalho dos clubes e como isso foi assimilado quinze anos depois no Brasil, quando um selo foi lançado pelos Correios em homenagem aos Clubes 4-S.

Ao analisar a figura 23 é possível dividi-la em duas partes. No lado esquerdo foram representados prédios rurais típicos daquele país, incluindo a residência dos “farmers” e o celeiro. Ainda do lado esquerdo foram representadas plantações incluindo curvas de nível o que faria referência a uma agricultura racionalizada, marcada pelo uso da técnica e da tecnologia que levaria o desenvolvimento agrícola daquele país. Dois jovens sorridentes, um rapaz e uma moça, vestindo roupas com uma estampa no lado esquerdo do peito com o símbolo dos 4-H Clubs olham fixamente para o trevo verde de quatro folhas que possui uma letra H em cada uma delas. Ele está no centro da imagem como se toda a atenção para ele se voltasse. É como se esse símbolo representasse a própria ideia de uma direção a ser seguida. Um trevo, como se sabe, para além da referência mística à sorte, quando faz referência ao tráfego de pessoas e/ou automóveis, liga-se à ideia de movimento contínuo, sem paralisação ou quaisquer tipos de interrupção. Para os jovens assim, valia-se da ideia de movimento contínuo, rumo ao progresso. Além disso, outro efeito gráfico reforça essa percepção. O trevo parece emitir raios de luzes que incidem diretamente nas faces dos dois jovens. É como se os jovens fossem iluminados por tudo aquilo que aprendiam nos seus clubes. Abaixo desse símbolo a expressão “The 4-H Clubs” dialoga com o lema “to make the best better” (fazer o bom ainda melhor). Era como se as condições representadas na imagem só fossem capazes de existir com e por causa dos 4-H Clubs.

Já as imagens que compõem a figura 24 (24.A e 24.B) retratam o mesmo selo alusivo ao dia 15 de julho, data na qual se comemorava no Brasil o Dia Nacional dos Clubes 4-S<sup>255</sup>. São duas configurações. A figura 24.A foi obtida a partir de fotografia do selo original. É possível perceber o detalhe do valor ao qual era comercializado, ou seja, NCr\$0,05. A figura 24.B, apresenta o mesmo selo. É uma imagem com uma configuração gráfica mais nítida do que a primeira, pois tratava-se de uma peça de divulgação do selo. Pode-se perceber que no

---

<sup>254</sup> Segundo o site <https://4-hhistorypreservation.com/Stamps/> foram autorizados inicialmente a emissão de 110 milhões de selos. Acesso em 16/08/2018.

<sup>255</sup> O selo foi desenvolvido pela Comissão Filatélica do Departamento dos Correios e Telégrafos do Brasil em 1967.

lugar do valor encontra-se escrito: 00 Cruzeiro.

**Figura 24.A** – Selo Nacional de Clubes 4-S – Brasil – 1967



**Fonte:** Coleção particular de Carlos Alberto Gomes.

**Figura 24.B** – Selo Nacional de Clubes 4-S – Brasil – 1967



**Fonte:** Centro de Documentação da EMATER-MG.

Segundo o jornal *O Ruralista* esse selo seria bastante significativo para os Clubes 4-S no Brasil, pois trazia “uma valiosa contribuição para o maior conhecimento público desse tipo de organização associativa da juventude rural” (O RURALISTA, 2ª quinzena de

maio/1967, p. 1). Além disso, a mesma fonte indicava que essa data era alçada a outras consideradas importantes no país e assim ganhava maior relevância tal homenagem aos Clubes 4-S, pois

se sabe que a programação filatélica anual obedece a um critério rigoroso de seleção de motivos, tendo o Dia dos Clubes 4-S merecido honra da escolha em 1967, ao lado de acontecimentos como o Jubileu de Prata da Fábrica Nacional de Motores, o 4º centenário de Frei Vicente do Salvador, o Dia do Reservista, o Bicentenário de Piracicaba, a Semana da Asa, a Semana da Marinha e outros eventos de elevado sentido e interesse para o País.

As semelhanças gráficas entre os selos norte-americano e brasileiro são bastante evidentes. Não só, portanto, a inspiração de se ter um selo, mas até mesmo a inspiração em termos dos elementos estéticos de ambos são quase que diretos. Estão presentes em ambos, referências aos prédios rurais e às práticas agrícolas. No selo em homenagem ao Dia Nacional dos Clubes 4-S há também um casal de jovens sorridentes. Tal caracterização pode ser interpretada como referência à ideia de que os jovens carregavam consigo a alegria e a esperança de transformação dos meios rurais. Também poderia ser uma alusão a ideia de que os jovens que integrassem os clubes seriam mais felizes, pois neles estariam dadas as condições para se alcançar a felicidade. O olhar dos jovens voltados para o horizonte como referência de futuro e esse como sinônimo de progresso, mais a crença na felicidade foram representações perceptíveis nas duas experiências aqui estudadas. No selo brasileiro o rapaz carrega amparado no ombro uma enxada. Instrumento de trabalho típico daqueles que trabalhavam na lavoura e que, nesse caso, remetia à ideia de esforço individual para o desenvolvimento da agricultura. Já a moça carrega um cesto com os frutos desse trabalho na agricultura. Era como se o preparar a terra, o plantar, estivesse como uma atribuição masculina, enquanto a colheita e o cuidado com esses produtos fossem uma atribuição feminina. A separação de atribuições entre homens e mulheres é uma mensagem que o selo brasileiro busca transmitir. No selo dos Estados Unidos essa separação não é tão nítida. Em ambos há a presença do símbolo dos clubes, inclusive nas roupas dos jovens, o próprio trevo e a composição da imagem na tonalidade verde. Mas, ao contrário do selo norte-americano, onde os jovens se voltam para o trevo que, inclusive, como já referi, parece iluminá-los, no caso brasileiro, esse símbolo paira sobre eles. É como se o símbolo existisse antes de qualquer experiência clubística. É como se o símbolo do trevo fosse uma entidade autônoma. É como se o trevo estivesse acima dos jovens. Aliás, no caso brasileiro o trevo está hasteado como uma bandeira e talvez isso dialogue com o próprio momento político do país que vivia sob

forte influxo nacionalista.

Assim, foi possível observar que nas duas experiências, tanto os recursos imagéticos, quanto rituais adaptados às realidades locais, tornaram-se expedientes utilizados para se criar e fixar uma identidade de pertencimento ao mesmo tempo em que eram formas de divulgar os clubes. O símbolo do trevo de quatro folhas, presente praticamente em todas as referências das duas experiências, certamente contribuiu para a internalização do ideário dos clubes, bem como das práticas a serem seguidas pelos sócios. Ele foi uma espécie de baliza pela qual todos os sócios e as pessoas envolvidas com os clubes se encontravam em uma clara demonstração de experiência compartilhada. É possível asseverar que essa simbologia tinha uma função didática na medida em que além da constituição dessa identidade dos sócios, ela buscava constituir sentimentos que incluíam o de pertencimento ao grupo, a crença no progresso individual e das comunidades. Também buscava ser a referência na qual os jovens se identificavam e organizavam seus comportamentos tendo em vista a ideologia presente nos significados das letras que compunham aquelas imagens. Parece claro que tais referências simbólicas, não se esgotaram em si próprias e junto a elas outras nuances também foram utilizadas para a divulgação e desenvolvimento dos clubes. Nisso estava a inclusão de dimensões da sociedade dos quais a filosofia dos clubes através do seu discurso considerado “puro” dizia ser completamente independente. Refiro-me a dimensão da religião e da política. Nos próximos itens analiso a relação dos clubes com as religiões e a política tendo como parâmetro a anunciada premissa de que as agremiações tais como os 4-H Clubs e os 4-S não se envolviam com tais dimensões ou se mantinham acima de quaisquer disputas dessa natureza.

### 3.1.2 Os 4-H/4-S – Religião e Política

*“Pelo meu clube, minha comunidade, meu País e meu Mundo”  
“Servir a Deus, à Pátria, à Família, à Comunidade e ao Clube 4-S<sup>256</sup>”.*

As bases das práticas extensionistas nos Estados Unidos, desenvolvidas desde os fins do século XVIII e nas inúmeras experiências ao longo do século XIX consolidadas na legislação de 1914 sobre o Serviço de Extensão Cooperativa daquele país foram descritas por Frederic B. Mumford, autor de “The Land Grant College Movement” (1940). Em 10 tópicos, esse autor, forneceu uma visão geral da estrutura básica e dos pressupostos do Serviço de Extensão norte-americano do qual, como tenho afirmado o trabalho com os jovens rurais foi

---

<sup>256</sup> Trechos dos juramentos dos 4-H Clubs e dos Clubes 4-S respectivamente.

um dos seus ramos.

1. O pessoal profissional em serviço de extensão está em íntimo contato com a pesquisa atualizada.
2. O pessoal profissional em serviço de extensão está em íntimo contato com a população local tendo responsabilidade direta com ela.
3. O êxito do indivíduo e da família é uma medida básica do valor do trabalho.
4. O progresso a ser executado é determinado pela população local em cooperação com o pessoal profissional do serviço de extensão.
5. Líderes voluntários das comunidades auxiliam seus vizinhos a colher benefícios da ciência aplicada à vida quotidiana.
6. A pesquisa está engrenada com os problemas da fazenda, do lar, da família e da comunidade.
7. O serviço é posto ao alcance de todos sem o pagamento de taxas e impostos e sem precisar pertencer a organizações. As organizações são instrumentos através dos quais as pessoas se auxiliam umas às outras em fazer coisas que não são práticas ou econômicas para que o indivíduo as faça sozinho.
8. O financiamento é uma questão cooperativa que exige despesas por parte das autoridades nacionais, estaduais e dos condados, retiradas dos fundos públicos nas quantidades estipuladas anualmente pela vontade do povo.
9. O serviço é apolítico.
10. O serviço é educacional. Ele leva os achados da ciência ao indivíduo – homem, mulher, rapaz ou moça – e o ensina a aplicar a ciência para a melhoria da administração e da operação das fazendas, dos lares e das comunidades (MUMFORD, 1940, p.140. *Apud*: KELSEY e HEARNE, 1966, p. 42-43).

Ao relacionar esse trecho de Mumford (1940) com as citações dos juramentos dos sócios de clubes juvenis que abriram esse capítulo é possível extrair a ideia de trabalho como central nas experiências das ações dos clubes juvenis rurais aqui estudados. Mas, subjacente a essa percepção existem diferenças conceituais para cada uma das matrizes de clubes. Refiro-me como a ideia de trabalho aparece relacionado a elementos típicos das culturas aqui tratadas tendo como eixo a relação com a religião e a política. E mesmo que esses dois elementos, religião e política não fossem tratados diretamente como em documentos tais como Mumford (1940) ou UREMG (1961), pois, destacado os aspectos ditos científicos das práticas extensionistas das quais os clubes foi um ramo, não há como negar a centralidade dessas duas dimensões na experiência tanto dos Estados Unidos, quanto nos clubes desenvolvidos no Brasil. Mesmo que não sejam explicitadas as referências às religiões em si, sendo perceptível apenas a menção a Deus, ao mesmo tempo em que estiveram envolvidos aos elementos religiosos de cada uma das culturas, seja ela católica ou protestante, os envolvidos com o desenvolvimento das ações para com a juventude rural tiveram que se relacionar e em alguns casos negociar com líderes religiosos locais.

No caso do Brasil, por exemplo, no trecho do juramento dos Clubes 4-S o Servir,



representava, o ato de trabalhar em relação a algo ou alguém. Ele estava diretamente relacionado a ideia de Servir a Deus. Em uma cultura de maioria católica como a brasileira, o trabalho, em primeiro lugar relacionava-se essa ideia de Servir. O jovem rural deveria ser aquele que estaria sempre apto e disposto a essa missão. Não importaria o seu interesse imediato. Pelo contrário, seus benefícios só seriam alcançados em relação à sua dedicação, esforço e demonstração de fé a Deus, através do trabalho desenvolvido. Os extensionistas perceberam, porém, a necessidade de se romper com barreiras culturais para que esse tipo de trabalho como sinônimo de aproximação com o sagrado fosse observado. Um exemplo pode ser extraído de uma entrevista do engenheiro agrônomo Geraldo Oscar Domingues Machado, a técnicos da Universidade Federal de Viçosa – UFV, na década de 1980<sup>257</sup>. O depoimento de Geraldo Oscar é ilustrativo das dificuldades que os pioneiros do extensionismo rural no Brasil encontraram ao tentar a introdução de elementos técnicos em contraste às muitas formas pelas quais eram interpretadas as religiões. Sobre as barreiras que envolviam elementos de fé e religião na introdução de saberes da Extensão Rural afirmou:

Estava trabalhando na Usina Ana Florência preparando o terreno para plantar cana. Quando fazíamos o serviço de irrigação, um agricultor parou na beira da estrada, para nos observar, e ficou acompanhando com os olhos a água descendo pelos sulcos. Nisso me aproximei e lhe perguntei se ele estava gostando do que via. Ao que ele me respondeu que não. Então, perguntei-lhe: mas, por que o senhor não está gostando? E ele respondeu: ‘água quem manda é Deus, e esse negócio de pôr água na planta não pode não’. Eu retruquei: ‘mas o senhor não tem uma horta em sua casa? Não rega as hortaliças?’ Ele respondeu que sim, mas argumentou: ‘mas quem disse ao senhor que cana é couve?’ (SILVA; LIMA, 1984, p. 5).

O mesmo engenheiro agrônomo relatou também outro caso no qual religião e formas de se interpretar o mundo se misturavam e eram também impeditivos ao trabalho dos técnicos extensionistas.

No início do trabalho de Extensão Rural, recorríamos, às vezes, aos padres para nos ajudar a chegar até aos agricultores. Certa vez, numa localidade havia um padre alemão que era muito amigo dos técnicos de extensão e uma pessoa muito dinâmica. Esse padre se dispôs a nos ajudar e ia conosco às propriedades. Com isso, alguns agricultores se reuniram e mandaram um telegrama à AIA, ao Senhor Nelson Rockefeller, onde acusavam os técnicos e o padre de irem para as roças para pregar comunismo. (SILVA; LIMA, 1984, p. 5).

A referência à religião como um tema complexo no meio rural também apareceu na entrevista de José Alfredo Amaral de Paula, outro extensionista com larga trajetória na

---

<sup>257</sup> Os técnicos da UFV nesse projeto buscavam escrever “uma retrospectiva histórica da Extensão Rural no Brasil” (SILVA; LIMA, 1984).

## ACAR-MG.

Quando o técnico ou a supervisora não eram católicos, encontravam muita resistência por parte do meio rural. Tivemos o caso de uma supervisora<sup>258</sup> que trabalhava em Machado e que teve de sair, embora prestasse um ótimo serviço, porque ela era protestante. O padre local fez uma campanha para tirar a supervisora e o conseguiu. (SILVA; LIMA, 1984, p. 19).

Sobre a relação com os padres para se conseguir romper com barreiras culturais, José Alfredo Amaral de Paula assim se referiu a um caso, segundo ele, acontecido em Lagoa da Prata.

Um exemplo de tabu alimentar que prejudicava a comunidade ocorreu em Lagoa da Prata, onde a quantidade de frutas que se perdia era imensa. Para resolver esse problema, pedimos ao padre local para benzer uma salada de frutas e distribuir para o povo. Dos que comeram, muita gente entregou a alma a Deus porque ia morrer... (SILVA; LIMA, 1984, p. 19).

Os exemplos citados por Geraldo Oscar Domingues Machado e por José Alfredo Amaral de Paula demonstram algumas dificuldades que os extensionistas tiveram no trato com os agricultores e mesmo que isso não esteja explícito, com os jovens rurais também, pois esses estavam envolvidos na mesma estrutura de sentimentos. As dificuldades segundo os relatos advinham das diferenças entre a visão de mundo dos extensionistas e a dos homens dos meios rurais, incluindo, portanto, as próprias formas nas quais a religião era reinterpretada. Mas, se isso era impeditivo ao desenvolvimento de técnicas e saberes científicos junto aos agricultores, pode-se afirmar, a partir da própria fonte, que os líderes religiosos e a autoridade que representavam nas regiões foram acionados para tentar se aproximar da população ou resolver algum tipo de conflito. Mesmo que, os relatos apresentados indiquem para uma caracterização do homem rural como ignorante, pois alheio aos saberes científicos, tais citações são claros indícios de que aspectos religiosos estiveram presentes no desenvolvimento de práticas extensionistas, incluindo com os jovens rurais.

Isso ficou claro nas entrevistas que realizei em 2012 com duas extensionistas que trabalharam diretamente com os jovens rurais: Auckje Mary Werkema e Marisa Dulce Pereira.

Segundo Auckje Mary Werkema, a relação não era com a religião em si, mas com as pessoas que professavam uma ou outra fé. Pode-se perceber que o líder religioso era tratado como um parceiro, uma espécie de ponte para se chegar ao público-alvo, os jovens. Por exemplo, quando trabalhou no município de Lavras em 1960 e atuou em Campanhas de Saúde Pública, Aukje afirmou que

---

<sup>258</sup>A supervisora da ACAR-MG a que se fez menção foi Zélia Rodrigues Steiner, especialista de Vestuário e que trabalhou no Escritório Local de Machado com os Clubes 4-S. Ver: Figueiredo (1981).

Até com padre a gente falava e pedia apoio, apesar de que nosso programa não tocava em nenhum assunto de religião ou política. O padre falava no sermão para o povo vir e trazer as crianças, que era tudo seguro, e que eles viessem conhecer os médicos e enfermeiras, e saber como é que eles poderiam ir ao Centro de Saúde quando eles precisassem de ajuda. Aí, quando os profissionais de saúde chegavam à comunidade, já estava tudo arrumado (WERKEMA, 2012).

Mesmo com a ênfase que o programa de extensão “não tocava em nenhum assunto de religião ou política” o certo é que as práticas extensionistas atravessavam essas questões. Numa clara dificuldade em se delimitar os espaços públicos e privados no Brasil, os extensionistas tiveram que estabelecer mecanismos de negociação e acomodação com autoridades locais, do quais os padres eram exemplos. Em relação a essa negociação com os padres o trecho do depoimento de Auckje é esclarecedor

Alguns padres eram meio contra o programa de extensão então a gente tinha que trabalhar muito com eles, porque eles pensavam que isso iria introduzir valores errados na cabeça dos jovens, que eles iam ficar contra os pais, eles iam ficar desobedientes (WERKEMA, 2012).

Se havia desconfiança e a necessidade de constante negociação com alguns padres, segundo Auckje também tinha aqueles de uma “visão mais ampla. Esses que apoiavam o trabalho da gente levar vacinação, falavam com o pessoal: ‘trás as crianças’. Esse era bom, quer dizer que ele, o pessoal seguia, então a gente tinha que trabalhar com eles” (WERKEMA, 2012).

Já em relação aos temas considerados tabus na época como, por exemplo, o controle da natalidade era necessário que os extensionistas atuassem nas entrelinhas para não ferir aspectos que a religião católica era contrária.

Eu me lembro que quando saiu o negócio de controle da natalidade, muitas secretarias de saúde começaram com o programa de distribuição da pílula de controle da natalidade, mas logo em termos de programa nós tivemos uma conversa assim ao pé do ouvido: “Não trata disso no campo, porque se houver, aí a igreja, os padres vão ficar, completamente contra, então vamos ficar neutros com referência a este programa do centro de saúde, por causa disso”. Podemos dizer: “Olha eu vou dizer o seguinte: Vai ao centro de saúde, vai lá, faz um esforço, vai lá e conversa com a enfermeira, faz uma consulta, a senhora tem todo o direito”. Quer dizer, não breçar. Elas entendiam. Nós tínhamos que ter muito *tato*, para manter boas relações com os padres, mas eles iam aos encerramentos dos cursos, nas exposições, eles eram convidados, eram líderes, então eles iam. Era bom para eles também, porque dava uma penetração no meio rural (WERKEMA, 2012).

Segundo Marisa Dulce Pereira, a religião poderia até ser um elemento inibidor, por exemplo, em questões morais, mas os extensionistas deveriam “ir devagar” para se

aproximar das comunidades.

Então isso tudo a gente tinha que está prevenido *né*, até quanto ao vestuário, a maneira, atitude da gente com eles *sabe*, tinha comunidades às vezes com determinada religião que observava muitas dessas coisas *sabe*, então a gente tinha claro que observar também o tipo de cultura *né*, que tipo de religião que eles tinham, isso tudo no primeiro estudo que a gente fazia a gente observava tudo isso *né* e tinha que ir devagar também *né* para também não ferir os valores deles e pouco a pouco então... Depois dava certo. Antes de eu começar eu ouvia muitas histórias das extensionistas antigas de problemas muito maiores que elas tiveram (PEREIRA, 2012).

Aspectos comportamentais, valores morais e o fato de ser a equipe extensionista formada por um homem e mulher que não eram casados que viajavam de jeep pelo interior mineiro, eram fatores para que a atuação junto aos jovens ocorresse em um processo de constante negociação e acomodação com aspectos da cultura local incluindo os próprios elementos religiosos. Segundo Marisa Dulce, o fato de ser uma comunidade católica ou evangélica isso pouco importava, pois, a religião em si não era o mote da ação extensionista junto aos jovens.

Olha, eu trabalhei em uma comunidade em que eles eram evangélicos *sabe*. Então tinham algumas coisas que a gente não podia, não podia levar pra eles porque sabia que não ia ser aceita *né*. Então eu ia com muito cuidado exatamente porque principalmente porque não era a minha religião *né* e também onde eram católicos também tinha que observar *né*... os preceitos. E tinha lugar até que eles não gostavam que fizessem reunião na própria igreja inicialmente, nas capelas como na casa de oração *sabe*. Na casa de oração nunca foi permitido que a gente fizesse reunião lá, no período que eu trabalhei lá. A gente fazia reunião na casa do jovem que era ao lado da casa de oração onde eles é que eram os responsáveis pela guarda da casa, mas a gente nunca foi na casa de oração. Fazíamos a reunião ou no terreiro ou então na casa deles se o tempo tivesse bom, e católicos também. Teve comunidade que preferia que a gente fizesse as reuniões na escola do que na capela, *sabe*, mas em muitos fizemos na capela e depois na época da festa às vezes tinham até missa onde a comunidade era católica *sabe*, convidavam o padre que antes fazia uma missa e comemorava os dias dos santos e os jovens, o clube participava da vida da comunidade então eles participavam de todas as festas, ajudavam. Sabe se era tempo de festa do padroeiro com barraquinhas, os jovens trabalhavam na barraquinha e além do projeto individual que a gente chamava que cada um tinha, eles tinham o projeto comunitário do clube, *sabe* (PEREIRA, 2012).

As depoentes buscaram reafirmar um suposto “purismo” da filosofia da Extensão Rural. Apesar da expressiva tentativa de negar o envolvimento com os aspectos religiosos ou políticos, não há como negar que essas dimensões foram muito fortes nas relações estabelecidas pelos extensionistas. Fosse na utilização de religiosos como referências para se

alcançar o público-alvo, incluindo-os no grupo de possíveis líderes de clubes, fosse nas constantes negociações para se afinar detalhes para implantação do programa de juventude, o certo é que, pelo menos nas áreas de atuação da ACAR-MG, religião e política foram elementos presentes e que não podem ser desconsiderados. Do cruzamento do conteúdo das entrevistas realizadas com as duas extensionistas e das fontes analisadas para os Clubes 4-S<sup>259</sup> foi possível captar essa tentativa de marcar uma posição de distanciamento das questões políticas e religiosas.

Alguns Clubes 4-S de Minas Gerais traziam em seus nomes a marca da religiosidade dessa região marcada no passado pela colonização com vínculos estreitos com o catolicismo. Apesar de não ter sido uma regra, foi possível perceber nomes de clubes com referências diretas a nomes de santos ou santas, líderes religiosos ou outros elementos, principalmente do catolicismo. Um exemplo, pode ser verificado a partir de uma lista de nomes de clubes citada no jornal O Trevo(dez/1966):

**Quadro 5 – Nomes de Clubes 4-S – MG - 1966**

Nome do Clube 4-S	Município
São Sebastião	Alvinópolis
Padre Anselmo	Manhumirim
Paulo VI	Bambuí
Menino Jesus	Presidente Olegário
Coração de Jesus	Bambuí
Divino Espírito Santo	Juiz de Fora
São Sebastião	Curvelo
Nossa Senhora da Paz	Igarapé
Nossa Senhora Aparecida	Alvinópolis
São João Batista	Pitangui
Pedro Paulo	Teixeiras
Santa Cecília	Juiz de Fora
Nossa Senhora Aparecida	São Gotardo

**Fonte:** (O TREVO, dez/1966, p. 2) – Quadro elaborado pelo autor.

Outro aspecto a ser destacado nessa relação é como uma filosofia originada em uma cultura com estreita ligação com elementos do protestantismo que, apesar de diverso, traz

<sup>259</sup> Algumas dessas fontes foram: Munford (1940), UREMG (1961), Silva; Lima (1984).

várias características, por exemplo, de cunho calvinista, onde a ideia de trabalho bem-sucedido é central, utiliza-se do discurso que procurava distanciar de questões religiosas e políticas para se evitar obstáculos frente a preceitos, por exemplo, católicos. Se nos Estados Unidos essa relação com a chamada ética protestante se confunde com a própria cultura norte-americana, no Brasil isso teve que ser reiteradamente negociada com os agentes locais.

Nas religiões protestantes, de matriz calvinista, o sucesso no trabalho representaria sinais evidentes de que o indivíduo era um merecedor da graça divina. Refiro-me a ideia de predestinação pela qual Deus escolhe os merecedores da sua graça. Nessa lógica, a valorização do trabalho como sinônimo de realização terrena, seria possível a partir de uma vida regrada marcada por esforços e dedicação, além, é claro, na fé inabalável em Deus. Tais elementos redundariam na constituição de bens e valores sociais que, inclusive, seriam sinais de que o indivíduo foi agraciado por Deus. Nos 4-H Clubs, essa dimensão da valorização do trabalho esteve fortemente presente e fez ecos nas prescrições para os Clubes 4-S. Aspectos dessa cultura com destacado apelo ao trabalho e no agradecimento a Deus pelos resultados obtidos, por exemplo, na colheita de um ano, foram incluídas em publicações para os clubes juvenis no Brasil. Um exemplo é a denominada Oração do Agricultor.

Oh! Deus, Pai de todos os homens, escuta minha humilde prece. [...]. Graças Te dou por tudo o que possuo, pelos seios fecundos da terra que proporcionam alimentos para mim e minha família, pelo céu azul que nos cobre, pelo sol, pela chuva que ao chegar nos traz a eterna presença da Tua bondade e misericórdia. [...]. E quando meu dia de trabalho tenha terminado, quando tenha percorrido penosamente, pela última vez, o caminho até minha casinha, quando meu gado tiver saciado a sua sede e estiver descansando na noite, quando eu guardar meu facão e minha enxada, então... enquanto em minha porta, contemplo o último crepúsculo da minha vida... que possa terminar o descanso, no amoroso regato desta minha pátria e que, com a mesma confiança que tive quando semeei a semente, feche os olhos com a certeza de que viverei outra vez, num mundo melhor e mais bondoso (O TREVO, jan/fev/1968, p. 1).

Se, por um lado há a atribuição da Natureza como algo grandioso e ao mesmo tempo uma dádiva Divina, há também referências claras ao trabalho humano que a transforma na busca da manutenção da vida. Aliás, essa só seria possível no entendimento dessa oração pela reunião da benesse Divina com o trabalho do agricultor. Esse mesmo homem que agradece a Deus pelo seu alimento e de sua família e por todas as coisas que considera belas, faz referência aos instrumentos de trabalho que proporcionaram suas conquistas. Porém, não desconsidera o trabalho como algo penoso. Se a referência é o caminho de regresso para casa como algo penoso, pode-se entender que essa é também a menção à busca do lugar seguro

para o descanso do corpo cansado depois de um dia de trabalho. E qual seria a retribuição ou o prêmio para esse trabalhador? A vida eterna para aqueles que tenham cumprido sua “missão” nesse mundo. A recompensa seria um “mundo melhor e mais bondoso”. Ora, o cumprimento da “missão”, obviamente estava eivado de valores morais pelos quais somente os merecedores da recompensa Divina teriam êxito. Seguir os preceitos cristãos e trabalhar de sol a sol em nome de Deus são elementos que permeiam essa oração.

Ora, é nesse aspecto que se pode extrair a ideia de que nos clubes cada um dos sócios também deveria seguir os padrões de comportamento e render aquilo que dele se esperava. Havia uma espécie de moral para todos do grupo, pois se ação é individual, os resultados deveriam recair sobre todos, uma vez que um “mundo melhor e mais bondoso” era desejado. Assim é nítido o acento na ação do indivíduo que trabalha em primeiro lugar para seu clube ou comunidade. Mas, desse trabalho bem-sucedido, haveria também resultados para todos, inclusive para o próprio país. O trabalho nos Clubes 4-S tinha estreita relação ou até mesmo se confundia com a própria ideia do Servir, um dos quatro princípios norteadores de cada sócio. Um frei da cidade de Divinópolis, de nome Bernardino, em um texto intitulado “Os Clubes 4-S” ao qual explicava aos pais o porque os filhos deveriam participar dos clubes, definiu o Servir da seguinte forma

Vida de gente cristã é servir a Deus e servir ao próximo. Não adianta chorar a ignorância, a pobreza, a miséria, o atraso dos outros, se o homem não aprende a servir a todos. Cada um tem de ganhar o pão de cada dia e cuidar de sua família. Mas viver não é só juntar dinheiro e terras para si mesmo. Viver não é fechar o seu coração, mas ajudar os outros a colaborar, com lealdade para promoção humana de todos (O TREVO, jan/fev/1968, p. 5).

O sucesso de um membro da comunidade, representado pela melhoria e aumento da produção, bem como das suas condições de vida seria compartilhado pelas outras pessoas, como também seria motivo de inspiração ou exemplo para os demais. Daí a importância do líder de clubes, dos prêmios e distinções dadas aos sócios que obtinham melhores resultados nos torneios de produtividade, por exemplo, conforme demonstrei nesse capítulo.

Para Max Weber (2004), mais do que um sistema econômico, o Capitalismo seria uma conduta de vida e seria vivenciado todos os dias pelos indivíduos. Tal “espírito” estava claramente presente nas prescrições para o Serviço de Extensão norte-americano na medida em que visava o desenvolvimento econômico e a formação moral da população dos meios rurais. Nesse mesmo raciocínio fica evidente também o papel das práticas associativistas como meios para se alcançar soluções para as necessidades comuns aos indivíduos. Os clubes,

a meu ver seriam elementos constituidores e difusores de um ethos do trabalho voltados não só para às questões econômicas, mas sim, para a associação entre a vida material e a ética desejada para os seus sócios e todos aqueles que se relacionassem com os integrantes dos clubes. Nessa lógica não haveria nenhuma contradição entre religião e razão. Na verdade, as duas dimensões não se excluía e sim se completavam. Não era possível separá-las. Nos 4-H Clubs, a busca pela racionalização das práticas agropecuárias e de elementos cotidianos executados pelos sócios faziam parte do mesmo fluxo de ações voltadas à racionalidade da vida.

As questões políticas em si também não estiveram fora dos debates em torno da Extensão Rural e nela dos clubes juvenis. Conforme já referi, o documento (KELSEY; HEARNE, 1966), do qual os pressupostos do Serviço de Extensão Rural norte-americanos são explicitados por Munford (1940), circulou nos meios extensionistas no Brasil. Foi utilizado como bibliografia básica destinada para a formação dos técnicos da extensão. Dele se extrai claramente a ideia de que o extensionismo rural no Brasil estava ancorado sob uma base que não deveria ser alterada em seus pressupostos constitutivos. O livro servia, inclusive, para difundir esse modelo. O item de número 9 acerca dos pressupostos afirmava que o Serviço de Extensão Cooperativa seria apolítico. Se a princípio referia ao Serviço de Extensão Cooperativa dos Estados Unidos, pode-se afirmar que tal pressuposto foi também reiterado várias vezes no trabalho extensionista no Brasil e naquele específico com os Clubes 4-S. O distanciamento das questões políticas locais, nacionais ou até mesmo internacionais, foi pelo menos no discurso uma tônica presente nas publicações. A necessidade de reafirmar tal posicionamento também pode ser extraída do depoimento de Geraldo Oscar Domingues Machado

Nós sempre entendemos política como um trabalho em benefício do povo. Na época da criação do Serviço de Extensão, havia muita agitação no meio rural, decorrente de problemas de distribuição de terras. O Serviço de Extensão colocou-se à margem desses problemas, pois não podia fazer nada para ajudar, além disso havia órgãos específicos que cuidavam desses problemas. O que o Serviço de Extensão buscava era mudar a mentalidade das pessoas, pois achávamos que isso era muito importante e que a mudança de mentalidade traria, como consequência, melhoria para as famílias. Além disso, de que adiantaria dar um pedaço de terra para um 'coitado', se o que ele produzia mal dava para a família viver? Então, enquanto se falava em colonização e reforma agrária, o Serviço de Extensão se propôs educar, sempre educar... por acreditar que sua função era muito mais educacional do que qualquer outra (SILVA; LIMA, 1984, p. 22).



A extensionista da ACAR-MG, Zélia Rodrigues Steiner, também compartilhou de ideia semelhante a essa apresentada por Geraldo Oscar. Segundo Zélia Steiner

o Serviço de Extensão sempre se manteve apolítico. Fazia seu trabalho junto ao homem rural, procurando desenvolver o seu meio. As políticas lançadas pelo Governo serviam de base para a programação, mas não havia envolvimento político... (SILVA; LIMA, 1984, p. 22).

De fato, pode-se constatar o discurso que procurou distanciar o extensionismo de qualquer tipo de ligação política ou religiosa. Por outro lado, da mesma forma que negavam a política como um campo de atuação do extensionismo e do trabalho com os jovens rurais, pode-se afirmar que essa negativa é uma posição política pela qual a valorização da técnica e da racionalidade científica substituiria qualquer tipo de tensão relacionada à disputa de ideias na arena pública. Houve, porém, aqueles que mesmo acatando o discurso do distanciamento político, que defenderam uma maior participação da ACAR/EMATER na vida política de Minas Gerais e até mesmo nacional. Segundo o engenheiro Agrônomo Rodrigo Pires do Rio Neto

A ACAR ficou absolutamente à parte do movimento político e a EMATER também, o que no meu entender é uma bobagem, porque isso tem impedido que a Extensão participe e tenha voz ativa na formulação de políticas dirigidas ao meio rural. A Extensão esteve afastada dos movimentos políticos e até hoje continua. De maneira que não cumpria papel no contexto político da época em que foi criada, nem cumpre hoje (SILVA; LIMA, 1984, p. 22).

Não obstante a essas referências que aludiam ao suposto distanciamento da Extensão Rural e dos Clubes 4-S em relação aos assuntos políticos, as mostras desse envolvimento são evidentes. A visão de mundo que os promotores do extensionismo, principalmente em Minas Gerais, compartilhavam era difundido nas páginas do jornal *O Ruralista*. A tomada de partido contra a reforma agrária em editorial de um jornal destinado aos produtores rurais, por si só comprova que não havia o distanciamento das questões políticas. O número 1 do referido jornal, de agosto de 1963<sup>260</sup>, trazia em sua primeira página o texto intitulado: “Manifesto dos Ruralistas Mineiros condena demagogia oficial”. Segundo o seu conteúdo, cerca de 4.000 ruralistas representando mais de trezentos municípios mineiros condenavam “a reforma da Constituição para a revisão da estrutura agrária do País”. Naquela mesma página, em uma espécie de editorial desse periódico, o Deputado Federal por Minas

---

<sup>260</sup> Em janeiro de 1963 houve o retorno ao presidencialismo no Brasil após o plebiscito. Aquele ano foi marcado pelo radicalismo político. O governo Goulart (1961-1963) sofria críticas tanto de setores progressistas, quanto dos conservadores. No campo a luta pela reforma agrária ganhava cores dramáticas com as manifestações conduzidas pelas Ligas Camponesas. Mais detalhes sobre esse período ver, por exemplo: Gomes (2013 - a).

Gerais e eleito pelo Partido Social Democrático – PSD, Abel Rafael Pinto<sup>261</sup> dizia que o jornal era “um órgão para os ruralistas de difusão de conhecimentos úteis a lavradores e pecuaristas, bem como de defesa dos direitos da classe”. Era uma clara manifestação de oposição ao governo do presidente da República, João Goulart (1961-1964).

A defesa dos direitos de classe é hoje imprescindível. Defesa e orientação. Porquanto se os ruralistas não se organizarem, sabendo quando e como se devem defender serão fatalmente vítimas dos ladrões de direitos, comunistas disfarçados, traficantes da Pátria, fariseus de reformas e salteadores do povo que tomaram conta do Governo (O RURALISTA, agosto de 1963, p. 1).

Esse mesmo jornal, em sua edição de nº28 de dezembro de 1965, se dizia longe de qualquer discussão política ou religiosa, sendo responsável por apenas difundir assuntos de interesses dos agricultores. Ora, na verdade, os promotores do extensionismo rural em Minas Gerais faziam questão de justificá-lo como sendo um trabalho apolítico, pois baseado nos princípios da racionalidade científica e da valorização e difusão da técnica para os agricultores. Esse declarado distanciamento das questões políticas era assim um expediente visando garantir o apoio de lideranças locais que pudessem contribuir com o extensionismo. Era, por outro lado também, parte da crença no poder da racionalidade científica como redentora dos problemas do meio rural. No caso dos Clubes 4-S, difundia-se a crença que bastariam os princípios expressos nas diversas publicações como manuais instrucionais, jornais, relatórios, folhetos, programas de ação, serem aplicados para que se alcançassem objetivos propalados por seus promotores junto aos jovens rurais. Confiava-se que com a difusão dos ensinamentos dos clubes, toda a comunidade rural seria tocada pelo exemplo de sucesso dos jovens. Portanto, não seria pela disputa política que os jovens obteriam êxito. Nessa mesma direção o Manual de Clube 4-S (s.d.) sobre execução de projetos dos quatroessistas, por exemplo, foi enfático em afirmar que “nada deve ser dado aos sócios além da orientação técnica” (p.29). Educar pela técnica era central nas proposições para os jovens. Mesma ênfase foi dada pelo engenheiro agrônomo Ubirajara Justiniano Leite. Logo depois de uma demonstração sobre milho híbrido na localidade de Clemente, município de Rio Branco, se referiu ao poder da técnica bem aplicada na produção de milho e da importância do exemplo a ser seguido:

Não acreditamos que com isso todos os agricultores do município passem a plantar milho híbrido segundo a melhor maneira, mas será grande o número dos que nos ajudarão a convencer os demais que a técnica aumenta a

---

<sup>261</sup> Para mais detalhes sobre a trajetória política de Abel Rafael Pinto ver: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/abel-rafael-pinto>. Acesso em 08/04/2018.

produção. Por outro lado, acreditamos que dentro de cinco anos, a face dos campos dessa comunidade terá feição nova e que a produção de milho do lugar será pelo menos cinquenta por cento mais que a produção atual, graças ao uso da adubação e do plantio corretos (ACAR, 1961, p. 18).

Ou ainda como expresso nas páginas do jornal *O Ruralista*, enfatizando a introdução de práticas “modernas” junto aos jovens.

É por meio dos Clubes 4-S, que existem em quase todos os estados brasileiros orientados e estimulados por extensionistas das filiadas da ABCAR, que jovens de 10 a 18 anos, de ambos os sexos, assistidos por líderes treinados, aprendem práticas de agricultura moderna e de economia doméstica servindo depois como fontes de introdução dessas práticas nas comunidades em que vivem (O RURALISTA, julho de 1965, p. 8).

A valorização dos aspectos técnicos em detrimento de outros saberes de homens e mulheres dos meios rurais também foi expressa no Relatório dos Clubes 4-S à nação:

No Brasil, os Clubes 4-S somam 3.500, com um total de 70.000 associados. Estes clubes estão localizados em 1350 municípios, em 21 estados da Federação, com o firme propósito da preparação de um lavrador com saúde, com uma mentalidade aberta à orientação, com uma nova consciência de vida, livre de credices e superstições, numa sociedade em pleno processo de desenvolvimento democrático<sup>262</sup> (CNC 4-S, 1970, p. 9).

É certo, porém, que esse propalado distanciamento das questões políticas e a supervalorização dos aspectos técnicos, ocorreram de fato apenas na ordem do discurso. Para que a estrutura do trabalho de extensão<sup>263</sup> se instalasse e se desenvolvesse foi necessário que os promotores do extensionismo brasileiro negociassem com diferentes esferas de poder da sociedade<sup>264</sup>. Nessa negociação estiveram sob influência das disputas partidárias e das mudanças de governo nas mais diferentes localidades onde o serviço foi instalado.

---

<sup>262</sup> É emblemático que em pleno regime militar brasileiro, essa publicação trazia uma foto do presidente Costa e Silva (1967-1969) em visita a uma exposição de Clubes 4-S no Rio Grande do Sul com um trecho de sua fala de valorização da juventude rural: “Eu dou uma especial atenção a esse movimento porque ele se dirige justamente à mocidade”. (CNC 4-S, 1970, p. 3). Na mesma publicação consta também mensagem do Ministro da Agricultura, Ivo Arzua, aos quatroessistas demonstrando seu interesse e admiração com o trabalho desenvolvido nos clubes.

<sup>263</sup> A estrutura básica para o desenvolvimento de práticas extensionistas era um escritório local constituído por um Supervisor Local, geralmente um engenheiro agrônomo, uma supervisora Doméstica, geralmente uma Economista Doméstica e um Jeep. Para a manutenção dessa estrutura havia a necessidade de energia elétrica, água, telefone, combustível, que muitas vezes podia ser financiado por prefeituras ou associações de agricultores. Não é possível falar assim em distanciamento político, uma vez que a negociação e acomodação junto às contingências políticas foi uma constante na história da Extensão Rural no Brasil.

<sup>264</sup> Inclui-se aqui tanto os governos locais, estaduais e Federal, como também lideranças partidárias, empresariais e religiosas nas diversas localidades de Minas Gerais ou dos outros estados brasileiros nos quais a Extensão Rural e a experiência dos Clubes 4-S foram difundidas.

Outro aspecto é que o extensionismo rural brasileiro e os próprios Clubes 4-S centraram força na discussão da questão agrícola, ou seja, baseou-se na crença da transformação das condições técnicas de produção das propriedades rurais. A questão da distribuição de terras ou do acesso a elas, passaram ao largo. Sobre esses aspectos Szmrecsányi e Queda (1973, p. 272) afirmaram que

tais programas são logicamente coerentes e altamente persuasivos. O raciocínio em que se baseiam é simples e direto, e seus objetivos são aparentemente fáceis de serem atingidos, não obstante serem bem mais amplos que os do fomento. O que é preciso, de acordo com o movimento extensionistas (sic), é educar o público. No momento em que este chega a entender a sua situação, não pode mais haver dúvidas quanto ao resultado dos programas. Colocando toda a ênfase na modificação das mentalidades, esses programas relegam a um segundo plano, ou simplesmente omitem, quaisquer referências às reformas econômicas (redistribuição da renda agrícola) e político-sociais (alterações da estrutura de poder) no meio rural, que condicionam a sua efetiva implementação.

As estruturas econômicas e sociais ficariam em segundo plano, ou até mesmo apagadas das discussões, pois o que importava era a mudança de mentalidade dos rurícolas. Caso obtivessem êxito nesse propósito, a população do meio rural seria capaz ao adotar formas mais racionais de produção atender as suas demandas, seja para abastecimento das comunidades com produtos de melhor qualidade, seja para distribuição na rede de comércio que envolvia o local e até mesmo o regional. O progresso dos meios rurais passava, nessa concepção, pela constituição de novos valores, não por mudanças estruturais. Havia assim o compartilhamento da visão de mundo alinhada a um modelo socioeconômico baseado no chamado Liberalismo Clássico. De um lado defendia um dos princípios basilares dessa doutrina socioeconômica, ou seja, o de propriedade privada. Do outro lado, tomava como absoluto a crença no individualismo como força motora das sociedades. Assim a propriedade privada e o individualismo foram utilizados tanto como objetivos a serem alcançados, como também condições necessárias para a transformação da vida no meio rural. Assim, não há como negar que tanto a dimensão política local/nacional mais evidenciada no caso dos Clubes 4-S, ou as questões de um ethos norte-americano constituído por traços do protestantismo e do liberalismo econômico nos 4-H Clubs foram bastante presentes. Também, nessa perspectiva, houve forte ligação em ambas experiências com a iniciativas de particulares na promoção do trabalho de organização e desenvolvimento dos clubes juvenis rurais. É sobre esse tema que passo a discorrer no próximo item.

### 3.1.3 Os 4-H/4-S e a relação com as empresas patrocinadoras

Desde o início da década de 1920 os Estados Unidos contavam com o National Committee on Boys' and Girls' Club Work sediado na cidade de Chicago, no estado de Illinois. Seu objetivo principal era ser uma espécie de elo entre as iniciativas que visavam reunir recursos financeiros privados para patrocinar o trabalho com os clubes. Antes da sua criação em setembro de 1921 a participação de empresas privadas juntos aos clubes já acontecia, mas com alcance limitado. Conforme escreveram Wessel e Wessel (1982)

O apoio privado ao trabalho dos clubes não era novidade. Bancos em Arkansas, ferrovias no Mississippi e no Texas, e associações de pecuaristas e outros interesses comerciais em vários estados emprestaram dinheiro e apoio ao movimento. Em cada caso, no entanto, o apoio privado era local, específico e inconsistente (WESSEL; WESSEL, 1982, p. 34, tradução minha)<sup>265</sup>.

Na história dos 4-H é possível afirmar que a relação entre financiamento público e privado a esse movimento foi marcada por questões que devem ser avaliadas de acordo com cada momento histórico analisado. Por exemplo, a diminuição de recursos públicos após o fim da Primeira Guerra Mundial, influenciou na necessidade de se promover outras formas para angariar fundos. A criação do Comitê Nacional nos Estados Unidos pode ser considerada um desdobramento dessa realidade.

A criação formal do Comitê Nacional de Trabalho de Clubes de Meninos e Meninas foi um marco. Pela primeira vez, uma organização privada de alcance nacional era dedicada à tarefa de apoiar um esforço público educacional. Além disso, esse progresso foi inteiramente voluntário. A combinação de apoio federal, estadual, municipal e privado visando o objetivo de elevar a vida rural foi uma ocorrência única que se tornou um modelo para organizações em todo o mundo (WESSEL; WESSEL, 1982, p. 39, tradução minha)<sup>266</sup>.

Porém, mais do que escrever sobre isso, é necessário ter em mente que o financiamento aos projetos dos clubes, fossem eles públicos ou privados, fizeram parte de um grande escopo de ações voltadas à valorização da agricultura como atividade fundamental na

<sup>265</sup> "Private support for club work was not new. Banks in Arkansas, railroads in Mississippi and Texas, and livestock associations and other business interests in a number of states had lent money and support to the movement. In each case, however, private support had been local, specific and inconsistent".

<sup>266</sup> "National Committee on Boys' and Girls' Club Work was a milestone. For the first time a private organization of national consequence was dedicated to the task of supporting a public educational effort. Further, its progress was entirely voluntary. The combination of federal, state, county and private support aimed at the single objective of elevating country life was a unique occurrence that became a model for organizations throughout the world".

história econômica e social daquele país que envolviam toda a estrutura na qual as práticas extensionistas foram organizadas. Para isso, as relações de formação para a população dos meios rurais norte-americanos estiveram no cerne de ações tanto do governo quanto da iniciativa privada. Não que isso ocorresse sem algum tipo de tensões e sobreposições de funções<sup>267</sup>. Assim, na história do movimento dos 4-H Clubs houve momentos de retração e avanços em relação a origem dos recursos que financiaram atividades de clubes e que se relacionam com momentos chaves da história daquele país. A Primeira Guerra Mundial, a crise econômica no início da década de 1930 e a eclosão da Segunda Guerra Mundial e o envolvimento dos Estados Unidos mais diretamente a partir de 1941 no conflito, foram alguns dos eventos que influenciaram na história dos clubes juvenis rurais daquele país. Conforme já demonstrei no primeiro capítulo, a Segunda Guerra foi decisiva para a ampliação do movimento de clubes para além dos Estados Unidos. No caso específico da América Latina foi, inclusive, mais uma forma, de marcar a presença norte-americana em questões estratégicas, como o desenvolvimento da agricultura nessa região. Mas, deve ser ressaltado, que internamente também os 4-H Clubs cresceram de forma considerável em termos de número de sócios nesse período. “No final de 1942 tinha sido inscrito mais de 650 mil novos membros de um total de 1,5 milhões” (WESSEL; WESSEL, 1982, p. 59, tradução minha)<sup>268</sup>. Assim, há um conjunto de fatores internos e externos que combinados em ações com apoio público e privado colaboraram para que em novembro de 1948 fosse estabelecida a Fundação Nacional 4-H Club da América que foi responsável dentre outras funções

realizar programas de educação internacional destinados a incentivar e difundir os princípios dos 4-H para outras terras. A Fundação também tinha a responsabilidade de fornecer bolsas de estudos e pesquisa os profissionais da Extensão para a aprimoramento profissional (WESSEL; WESSEL, 1982, p. 68, tradução minha)<sup>269</sup>.

Antes da Fundação Nacional, três estados já tinham estabelecidos as suas fundações com o intuito de angariar fundos para os programas de jovens rurais<sup>270</sup>. Esse modelo de apoio às atividades dos clubes que incluíam além de encontros locais, estaduais,

<sup>267</sup> Sobre as tensões entre o National Committee on Boys' and Girls' Club Work com sede em Chicago, responsável pelos fundos privados e o Cooperative Extension Service com sede em Washington D.C., responsável pelos fundos públicos ver o capítulo 3 (Reaching Maturity) de Wessel; Wessel (1982).

<sup>268</sup> “At the end of 1942, 4-H had enrolled over 650,000 new members for a total of 1,5 million”.

<sup>269</sup> “[...] conducting programs of international education designed to encourage and spread 4-H principles to other lands. The Foundation also had the responsibility of providing fellowships and scholarships to Extension workers for professional improvement”.

<sup>270</sup> Segundo Wessel; Wessel (1982, p.287) West Virginia, Ohio e Georgia tinham suas fundações estaduais. Elas teriam sido criadas em 1945, 1946 e 1948, respectivamente.

nacionais, convenções anuais, competições de demonstração foram se consolidando nos Estados Unidos e serviram de modelo para os países que adotaram o padrão de clubes norte-americanos no pós Segunda Guerra. Além disso, havia a necessidade de incentivar a formação técnica dos agentes de extensão e de maior oportunidade de estudos para os jovens sócios de clubes. Para essas ações, recursos financeiros eram necessários e estes vinham, dependendo do contexto, tanto de fundos públicos, quanto privados ou apenas de um deles. O certo é que a iniciativa privada esteve presente na constituição e desenvolvimento dos clubes nos Estados Unidos. Algumas das empresas foram a Standard Oil Company, Reader's Digest, a Exxon Company, Coats & Clark Inc, Eastman Kodak Company. Também participaram do processo de patrocínio aos clubes as fundações privadas como por exemplo W. K. Kellogg Foundation, o Rockefeller Brothers Fund, a Sears-Roebuck Foundation, a Robert R. McCormick Foundation.

A presença da iniciativa privada organizada em termos de comitês de incentivo aos clubes juvenis rurais também ocorreu em pelo menos seis países da América Latina até 1962. Nessa data existiam comitês nacionais de apoio à juventude rural no Chile, Peru, Equador, México, Paraguai e Venezuela. Galo Plaza, presidente do Equador entre 1948 e 1952 definiu os Comitês e a importância deles para o trabalho com a juventude rural no Anuário Ford de 1962:

Esses comitês são compostos de homens de negócios, profissionais, representantes de associações agrícolas, cooperativas, organizações de serviço, banqueiros, advogados, médicos, membros da Igreja e da imprensa. Além destes comitês nacionais, existem muitos outros grupos, organizados para a servir a um Estado, uma região, ou simplesmente a uma localidade. Os comitês locais, estaduais ou nacionais, integram um escritório ou departamento do Governo, sob cuja direção o Programa de Extensão da Juventude Rural é conduzido. Todos eles conjugam seus esforços, públicos e privados, na realização do objetivo comum. [...]. Patrocinam excursões educativas, intercâmbio de sócios entre regiões e países, reuniões de treinamento e, prêmios para realizações importantes. Estão estabelecendo um serviço de fornecimento de prêmios, medalhas, certificados e publicações especiais. Promovem publicidade do trabalho dos clubes da juventude rural através do rádio, da imprensa e da televisão. Executam tarefas relevantes, tais como o estabelecimento de bibliotecas ambulantes, de modo que a população rural possa gozar dos benefícios da leitura (FORD MOTOR COMPANY, 1962, p. 85).

A descrição de Galo Plaza é bem ilustrativa dos papéis e do funcionamento dos Comitês. Há nessa caracterização semelhanças explícitas com às formas de apoio ao 4-H Clubs dos Estados Unidos que certamente influenciaram na constituição de comitês nacionais e nacionais em países da América Latina. O Brasil, por exemplo, também teve o seu Comitê

Nacional de Clubes 4-S – CNC 4-S. Mas, antes do CNC 4-S instituído em 1964, Minas Gerais foi o primeiro estado brasileiro que em âmbito local passou a ter seu comitê.

Em setembro de 1959 o Estado de Minas Gerais tomou uma atitude importante para o Brasil com a formação do Comitê Estadual, destinado a incentivar o apoio privado aos crescentes Clubes 4-S do Estado. [...]. No decorrer de 1960, 17 companhias (*sic*) haviam concordado em participar do programa. Uma das atividades principais do Comitê, no seu primeiro ano de atividades, foi patrocinar cursos de curta duração para o treinamento de líderes voluntários (FORD MOTOR COMPANY, 1962, p. 90).

O fato de ocorrer primeiramente a constituição de um comitê estadual não pode ser creditado a algum tipo de tradição que colocava lente nos aspectos locais no Brasil. Pelo contrário, foi sim a dificuldade de se constituir um Comitê Nacional que levou a essa medida. Minas Gerais, estado pioneiro que foi nas ações pensadas para os jovens rurais, criou seu Comitê Estadual Estadual de Clubes 4-S – CEC 4-S em 1959. Mas, desde aquela data já existiam indícios de que a ABCAR tinha o objetivo de constituir um Comitê Nacional. Como isso não tinha sido ainda possível passou a incentivar a criação de comitês estaduais. João Napoleão de Andrade (presidente da ACAR/ABCAR) afirmou na Reunião Técnica do PIJR realizada em San José na Costa Rica em 1961 que a ABCAR tinha como propósito chegar a organização do Comitê Nacional já em 1962. (PIJR, 1961).

O CEC 4-S recebeu recursos de diferentes origens como constatado a partir do Quadro 6 a seguir:

**Quadro 6 – Contribuintes do CEC 4-S – M.G. - 1965**

ENTIDADE	RECURSO EM CRUZEIROS (CR\$)
Banco de Crédito Real de Minas Gerais S/A	100.000,00
Banco Mercantil de Minas Gerais S/A	50.000,00
Banco Mineiro do Oeste S/A	100.000,00
Blemco Importadora e Exportadora S/A	100.000,00
CAMIG	200.000,00
Casa Vulcão – Falci & Cia LTDA	10.000,00
CASEMG	200.000,00
Cia. Agrícola e Florestal Santa Bárbara	50.000,00
Cia. Comercial e Industrial Brasileira de Produtos	100.000,00
Cia. Industrial Belo Horizonte	40.000,00
COMINCI	20.000,00



ERMIG	100.000,00
CCPR	50.000,00
Indústria de Calcinações LTDA	100.000,00
Sementes Agroceres S/A	1.000.000,00
Voluntários da Paz – Bolsa Dale Swenson	505.945,00
Total	2.725.945,00

**Fonte:** Acervo do Centro de Documentação da EMATER-MG – MFN 1880.

Chama-a atenção o fato que os dois maiores contribuintes em 1965 foram as Sementes Agroceres e ao Programa Voluntários da Paz. A colaboração financeira dos Voluntários da Paz aconteceu quando da presença dos seus integrantes por Minas Gerais e liga-se à própria atividade que desenvolveram e dos recursos que possuíam para tais fins em programas de educação, saúde e de Extensão Rural, dos quais a organização de Clubes 4-S era um deles.

Já as Sementes Agroceres, empresa responsável por desenvolver a cultura do milho híbrido em Minas Gerais foi uma importante parceira do trabalho com os Clubes 4-S tendo presença significativa nas atividades de incentivo aos clubes. A ligação da Agroceres com os interesses comerciais e do desenvolvimento de relações capitalistas nos meios rurais manifestados desde a década de 1940 por Nelson Rockefeller, seja através da AIA ou do IBEC, explicam a relação com o incentivo aos programas de juventude rural. O estado de Minas Gerais tinha um papel estratégico para a Agroceres além de ter sido o seu berço. Assim sendo, mesmo a criação do CNC 4-S em 1964 e a participação da Agroceres nesse órgão não cessou o patrocínio direto ao CEC 4-S de Minas Gerais. Em correspondência datada de 08 de agosto de 1965, assinada pelo então Diretor Superintendente das Sementes Agroceres S/A, Antônio Secundino de São José, dirigido a Diretoria do CEC 4-S de Minas Gerais ficava explícita a importância da contribuição direta ao comitê estadual.

Embora as Sementes Agroceres S/A esteja contribuindo para o movimento quatroessista através do CNC 4-S, não desejamos interromper as contribuições diretas que vínhamos fazendo a esse Comitê Estadual de Minas Gerais. Assim, conquanto outras formas de contribuição aos quatroessistas mineiros (semente híbrida, medalhas, troféus, bolsa para campeões de produtividade de milho) sejam feitas por intermédio do Comitê Nacional, nossa participação no programa de bolsas de estudos continuará diretamente a esse Comitê (CEC 4-S. Correspondências 1964-1973).

A missiva de Antônio Secundino pode ter sido também não apenas um reforço da importância de Minas Gerais nas atividades dos Clubes. É possível ler nas entrelinhas que havia algum tipo de insegurança por parte da Diretoria do CEC 4-S de Minas Gerais quanto ao repasse de verbas das Sementes Agroceres por ocasião da criação do CNC 4-S em 1964. É possível afirmar que a resposta de Antônio Secundino visava tranquilizar os membros do CEC 4-S de Minas Gerais sobre o repasse dos recursos financeiros. Aliás, a preocupação com a manutenção e aumento dos recursos parece-me ter sido uma das marcas do CEC 4-S de Minas Gerais. Ao contrário dos Estados Unidos onde havia uma cultura de maior participação da iniciativa privada através de doações, tudo indica que no caso de Minas Gerais, pelo menos, essas tinham que ser incentivadas a todo instante e inclusive cobrada por meio do contato direto dos membros do CEC 4-S junto às empresas ou indivíduos. Outro exemplo que expressa essa preocupação pode ser constatado a partir de correspondência de outubro de 1968 enviada pela Diretoria do CEC 4-S a todos os deputados estaduais e federais de Minas Gerais solicitando que cada um dos parlamentares colaborasse com parte das suas verbas pessoais com “essa causa de tão alto alcance social e econômico para o Estado e a Pátria. (CEC 4-S. Correspondências 1964-1973)”. A participação de pessoas ligadas à Indústria, ao Comércio e à Agricultura na Diretoria em um número bem maior do que os cinco nomes iniciais<sup>271</sup> quando foi criado em 1959, pode ter sido uma das estratégias para garantir esse apoio. O quadro 7, por exemplo, fornece um painel acerca do amplo espectro de pessoas/empresas que estiveram envolvidas com o patrocínio do trabalho com a Juventude Rural, pelo menos no ano de 1968:

---

<sup>271</sup> Segundo o Artigo 30 do Estatuto do Comitê Estadual dos Clubes 4-S de Minas Gerais os cinco membros fundadores da entidade foram: João Vianna, Marcos Magalhães Guimarães, Paulo Rotsen de Melo, Luis Carlos de Portilho e Edgar Melo.

**Quadro 7** – Diretoria do CEC 4-S de Minas Gerais empossada em 09/12/1968

<b>NOME</b>	<b>CARGO</b>	<b>ENTIDADE</b>
Henrique de Castro Moraes	Presidente	Sociedade Mineira de Medicina Veterinária – SMMV e Planejamento Rurais LTDA – RURALPLAN.
Frederico Camelier	1º Vice-presidente	Cia. Industrial e Comercial Brasileira de Produtos Alimentares – Nestlé.
João Vianna	2º Vice-presidente	Arthur Vianna Cia. de Materiais Agrícolas
Benedito Miranda	1º Secretário	Cia. Agrícola Florestal Santa Bárbara
Waldir Garcia Barbosa	2º Secretário	Cia. Fábio Bastos Comércio e Indústria
Edno Soares Martins	1º Tesoureiro	Eletrificação Rural de Minas Gerais – ERMIG
Oscar Batista Marra	2º Tesoureiro	Sementes Agroceres S.A.
Marcos Magalhães Guimarães	Conselho Consultivo	Banco Comércio e Indústria de Minas Gerais S.A.
Laércio Osse	Conselho Consultivo	Cia. Siderúrgica Belgo-Mineira
Armando Duarte Costa	Conselho Consultivo	Blemco
Arnaldo Gazzinelli	Conselho Consultivo	Alimentos para a Paz/USAID
Murilo Cordeiro do Couto	Conselho Consultivo	Singer Sewing Machine Co.
Afonso de Mendonça Uchôa Filho	Conselho Consultivo	Cia. de Armazéns e Silos do Estado de Minas Gerais - CASEMG
Sílvio Montessor	Conselho Consultivo	Produtos Alimentícios Fleishmann e Royal
Luiz Carlos de Portilho	Conselho Consultivo	Cia. Telefônica de Minas Gerais
Caetano de Carvalho Filho	Conselho Consultivo	Cooperativa Central dos Produtores Rurais – CCPR
Sílvio de Magalhães Carvalho	Conselho Consultivo	ACAR-MG
Marcos de Abreu e Silva	Conselho Consultivo	Federação da Agricultura do Estado de Minas Gerais – FAEMG
José Aparecido de Carvalho	Conselho Consultivo	Caixa Econômica do Estado de Minas Gerais
Olavo Prates	Conselho Consultivo	Cia. Agrícola de Minas Gerais – CAMIG
José Branco Júnior	Suplente	Imobiliária Planalto LTDA
Vilmar José de Oliveira	Suplente	Cia. Açucareira Rio Doce

Vicente de Paula Pinto	Suplente	CASEMG
Marisa Dulce Pereira	Assessoria Técnica	ACAR

**Fonte:** Acervo do Centro de Documentação da EMATER-MG – MFN 1880.

Algumas dessas empresas, tais como a Singer Sewing Machine Co., as Sementes Agrocere e Produtos Alimentícios Fleischmann e Royal, estiveram também presentes no rol de empresas colaboradoras ao Comitê Nacional a partir de 1964. O CNC 4-S teve um espectro bem maior e contava com outras marcas tais como B.F. Goodrich do Brasil S/A; Coca-Cola Indústria e Comércio LTDA; Ford Willys do Brasil S/A; IBM do Brasil S/A; Esso Brasileira de Petróleo S/A dentre outras<sup>272</sup>.

O apoio financeiro e logístico das empresas e indivíduos que compunham os comitês estaduais e o Nacional ao movimento quatroessista ocorria de diversas formas. Era possível que se desse na concessão de medalhas, troféus, certificados ou outros prêmios como a doação de ferramentas, insumos agrícolas viagens de intercâmbios para os sócios de clubes e técnicos extensionistas, além de bolsas de estudos. Também podiam ser responsáveis pelo patrocínio a eventos tais como encontros locais, regionais, nacional, convenções, seminários e outros. Os recursos capitalizados eram destinados para a divulgação do trabalho do movimento quatroessista com a produção de cartazes de propaganda, manuais instrucionais e folhetos de divulgação.

Segundo Marin (2017) o foco das ações da iniciativa privada era econômico.

Segundo esse autor

os setores empresariais afiliados ao Comitê tinham clareza da importância de criar necessidades de consumo entre as gerações juvenis rurais para ampliar a circulação de mercadorias, bens e serviços e, ao mesmo tempo, aumentar a produção de matéria-prima para o processamento agroindustrial. Com estratégias diversas, os empresários vinculados a esse Comitê interferiam dentro dos programas dirigidos à juventude rural com os interesses de ampliar suas influências econômicas e políticas no espaço rural. Ao mostrarem-se “amigas” dos clubes de jovens rurais, os empresários pretendiam construir os futuros produtores e consumidores de mercadorias com vistas a integrá-los nas cadeias produtivas agroindustriais que se instalavam em território brasileiro. [...]. As parcerias entre instituições públicas e privadas tornaram-se convenientes no desenvolvimento de ações educativas junto aos jovens rurais, uma vez que havia consensos quanto à importância de formar os futuros tomadores de crédito rural e usuários das tecnologias dos serviços modernos (MARÍN, 2017, p. 26-27).

<sup>272</sup> Sobre outras empresas colaboradoras do CNC 4-S ver Gomes (2013, b).

Compreendo, porém, que mais do que as formas de patrocínio e os objetivos declaradamente econômicos sugeridos por Marin (2017), o que unia os membros dos comitês era a formação de pessoal técnico qualificado nos meios rurais. Buscava-se constituir uma espécie de camada média da sociedade capaz de promover novas relações sociais e econômicas nessas regiões. O consumo de mercadorias dos meios rurais, a participação efetiva nas cadeias produtivas seria, no cálculo dos promotores do movimento quatroessista, consequência da formação de uma sensibilidade voltada a esses fins e a lógica capitalista. Nesse raciocínio era necessário aumentar os mecanismos de acesso ao saber científico para parcelas das camadas mais jovens da população. A oportunidade de escolarização para alguns dos jovens quatroessistas foi uma dessas ações. Se, por um lado, os Clubes 4-S não dependiam das escolas para sua existência, a partir da década de 1960 a escolarização de determinados membros passou a ser utilizada como elemento de distinção. A concessão de bolsas de estudos foi um dos artifícios para se obter tal propósito. Tanto o incentivo à escolarização, quanto a publicidade dada às trajetórias de líderes de Clubes 4-S e o destaque aos seus campeões de produtividade faziam parte do mesmo rol de ações visando estabelecer formas de distinção dos jovens nos meios rurais. Os sócios “escolhidos” pelos seus méritos deveriam ser espelho e inspiração para os demais e constituiriam um estrato médio no campo, onde se depositava a crença que seriam também um ponto de equilíbrio entre os estratos superiores e as camadas da população sem acesso à terra ou qualquer outro bem material. Nessa sensibilidade da qual o elemento jovem deveria se constituir enquanto uma espécie de “classe média” e ao mesmo tempo vetor principal da modernização das práticas econômicas e sociais, estava depositada a existência dos comitês.

Na busca por aumentar a escolarização de parcelas dos jovens, os comitês patrocinaram a permanência de estudantes em escolas ligadas às práticas agrícolas. A seleção de um futuro bolsista era um processo que deveria seguir vários critérios tais como<sup>273</sup>:

O candidato deve ter atributos pessoais que lhe possibilitarem (*sic*) um completo aproveitamento do curso ginásial em benefício da sua comunidade.  
 Dever ser sócio atuante no Clube 4-S.  
 Deve ter o curso primário completo (4º ano).  
 Deve estar dentro das idades limites para a frequência ao ginásio de acordo com as exigências locais.  
 Qualidades de liderança.  
 Assiduidades às reuniões a participação ativa na vida do clube.  
 Executar projetos individuais com responsabilidades.

---

<sup>273</sup> Documento datilografado e intitulado: Bolsas de estudos – Planejamento. Foi datado em 30 de outubro de 1964. Ver CEC 4-S. Documentação sobre bolsas de estudos. 1964-1973.

Ter obtido resultados positivos em atividades executadas no clube tais como: projetos individuais ou em conjunto, exposições, convenções, concursos diversos, campanhas etc.

Ter consentimento (e apoio) dos pais (dentro de suas possibilidades) para frequentar o ginásio.

Fica claro que além dos atributos pessoais, o que carrega por si só uma dimensão moral, os sócios deveriam ter condições específicas materiais que podem ser percebidas pelo último item desses critérios. O consentimento e apoio dos pais significava na prática que aquele ou aquela jovem que deveria ter acesso à escola, poderia se ausentar de atividades laborais na propriedade. Portanto, não era, mais uma vez, qualquer jovem que teria acesso às possibilidades ofertadas de escolarização. Somente aqueles que atendessem determinados atributos recebiam, portanto, recursos financeiros que deveriam ser utilizados para o Ensino Ginásial, Normal ou Agrícola, como fica demonstrada nessa passagem de um documento de 1969.

As bolsas são doadas apenas para o Curso Secundário, por ser o mais importante para o jovem, sem se tratando de início de carreira e por não termos ainda solicitação para o Curso Superior. Entretanto, estas poderão ser fornecidas desde que surja candidatos ou os existentes atinjam este nível<sup>274</sup>.

O fato de não haver em 1969 bolsistas para escolas superiores de Minas Gerais pode dar uma falsa ideia que a relação dos Clubes 4-S com elas não existia. Pelo contrário, havia sim uma relação estreita, principalmente com as escolas de Viçosa e de Lavras. A maior parte dos extensionistas se formavam em cursos oferecidos por essas instituições. Além disso, eram basicamente essas instituições que forneciam boa parte do conhecimento técnico que era disponibilizado para os produtores rurais atendidos pela ACAR-MG, desde o início de suas atividades no final da década de 1940. O documento intitulado Bolsas de Estudos – Planejamento, datado de 02 de julho de 1965 apresentou uma lista de possíveis instituições escolares pelas quais os sócios dos Clubes 4-S deveriam ter o interesse em estudar. Apesar das referências com algumas incoerências em relação aos nomes das instituições<sup>275</sup>, elas fornecem

<sup>274</sup> Documento datilografado e intitulado: Planejamento de bolsas de estudos – Ano de 1969. Ver CEC 4-S. Documentação sobre bolsas de estudos. 1964-1973.

<sup>275</sup> Por exemplo, é possível afirmar que apesar do documento mencionar a expressão Escola Superior de Agricultura de Viçosa – ESAV, o correto seria UREMG. A ESAV foi inaugurada em 1926 e em 1948 se transformou na UREMG. Em 1969, quando da federalização, passou a ser UFV. Ver: [www.portal.ufv.br](http://www.portal.ufv.br). Acesso em 10/10/2018. A Escola Agrícola de Lavras foi fundada em 1908 sob influência do Instituto Gammon, dos Estados Unidos. Em 1938 passou a ser chamada de Escola Superior de Agricultura de Lavras - ESAL. Em 1963 foi federalizada e em 1994 tornou-se universidade passando a ser denominada de Universidade Federal de Lavras – UFLA. Ver: [www.ufla.br](http://www.ufla.br). Acesso em 10/10/2018. Ao citar Escola Superior de Veterinária de Belo Horizonte deveria ser Escola Superior de Veterinária da Universidade de Minas Gerais – UMG. A UMG a partir de 1965 passou a ser denominada UFMG. A referência à escola de Rio Pomba também está incorreta. Admito que o correto seja apenas Escola Agrícola de Rio Pomba, conforme comprova o documento MEC (1970, p. 26).

um panorama de escolas de nível superior e médio que tinham estreita relação com a escolarização de sócios dos Clubes 4-S. Foram elas:

Escola Superior de Agricultura de Viçosa; Escola Superior de Agricultura de Lavras; Escola Superior de Veterinária de Belo Horizonte; Escola Superior de Ciências Domésticas de Viçosa; Escola Média de Agricultura de Florestal; Escola Média de Agricultura de Machado; Escola Média de Agricultura de Rio Pomba; Ginásio e Colégio Agrícola de Barbacena; Ginásio e Colégio Agrícola de Viçosa; Ginásio e Colégio Agrícola de Rio Pomba; Escola Normal Rural de Rosário; Escola Normal Rural de Caio Martins; Escola Rural Normal de Viçosa<sup>276</sup>.

Naquele mesmo ano de 1965 os membros da Diretoria do CEC 4-S de Minas Gerais divulgaram um relatório com a clara finalidade de apresentar avanços no que tange ao movimento quatroessista. Para isso fizeram referência às visitas recebidas pelo comitê estadual de personalidades estrangeiras envolvidas diretamente no trabalho de desenvolvimento internacional dos clubes. Os coordenadores do PIJR que visitaram o comitê foram: Santiago Apodaca (Zona Sul), Edgar Mata (Zona Andina), além do coordenador dos Voluntários da Paz no Brasil, Gerónimo Chavez, além do Presidente da ACAR/ABCAR, João Napoleão de Andrade. O relatório, com claro objetivo de positivar as ações dos clubes também citava casos de destaque de quatroessistas, como a do jovem Mauro Luiz de Oliveira, campeão de produtividade de milho daquele ano. Além disso, fazia referência às Sementes Agroceres que tinha aumentado o recurso financeiro disponibilizado para o custeio de estudos de nove quatroessistas. Porém o que foi mais marcante do relatório era sobre a expectativa de aumento das colaborações financeiras de firmas comerciais, indústrias e bancárias. O Relatório do CEC 4-S de Minas Gerais demonstrava grande expectativa que a criação do Comitê Nacional de Clubes 4-S traria maior disponibilidades de recursos, inclusive de firmas estrangeiras, principalmente norte-americanas. A presença de eminentes personagens do trabalho internacional dos clubes e com ligações estreitas com os 4-H Clubs dos Estados Unidos pode ter colaborado com essa expectativa, conforme o trecho a seguir:

Com a criação do Comitê Nacional, esperamos que muitas firmas, filiais de empresas americanas, principalmente, ou a essas ligadas, como distribuidoras em nosso país, venham participar do nosso movimento, provocados pelas suas matrizes, ou por suas concedentes de vendas no Brasil<sup>277</sup>.

<sup>276</sup> Documento datilografado e intitulado: Bolsas de estudos – Planejamento. Foi datado em 02 de julho de 1965. Ver CEC 4-S. Documentação sobre bolsas de estudos. 1964-1973.

<sup>277</sup> Relatório a ser apresentado à Assembleia Geral do CEC 4-S de Minas Gerais em 01 de julho de 1965. Ver CEC 4-S. Documentação sobre bolsas de estudos. 1964-1973.

Havia um misto de expectativa e entusiasmo com o suposto aumento da colaboração de empresas norte-americanas com o CNC 4-S. Tal fato também se configurava em uma constante necessidade em apresentar, divulgar e legitimar o trabalho realizado ou a realizar junto aos jovens quatroessistas. A associação com a iniciativa privada e à experiência dos 4-H Clubs norte-americanos foi certamente parte dessas estratégias. Isso também ficou demonstrado, por exemplo, na correspondência do Presidente do CNC 4-S, Ilo Soares Nogueira à William A. Ellis, Diretor da USAID do Brasil, de 05 de outubro de 1971. A correspondência foi um agradecimento do presidente do CNC 4-S ao fato da USAID ter acatado sugestão para que o jornal “Aliança Reporter” divulgasse os Clubes 4-S do Brasil. Na missiva, Ilo Soares escreveu que:

O trabalho que está sendo feito no Brasil com a juventude rural é baseado na experiência bem-sucedida dos Clubes 4-H dos Estados Unidos. Aqui como nos Estados Unidos o Comitê Nacional de Clubes 4-S é mantido pela iniciativa privada, o que nos parece tão importante quanto o próprio trabalho em si. Felizmente, se pode assinalar uma consciência das empresas de suas responsabilidades perante à Comunidade. [...]. Estamos certos de que o suplemente da “Aliança Reporter” sobre os Clubes 4-S será muito útil para divulgação de nosso trabalho aqui e fora do Brasil (NOGUEIRA, 1971).

O próprio CNC 4-S deve ser visto assim também como a tentativa de reafirmação da reiterada ligação à experiência norte-americana dos 4-H Clubs, ao mesmo tempo que significava na prática a própria materialização de ações voltadas à manutenção do movimento quatroessista no Brasil.

### **3.1.4 Os 4-H/4-S e as práticas de recreação para os jovens rurais**

Outra marca do trabalho com os jovens dos 4-H Clubs e dos Clubes 4-S foi a preocupação com aquilo que nessa tese genericamente denomino de recreação. As brincadeiras, o lazer, o tempo livre dos meninos e meninas dos clubes, também foram consideradas dimensões que deveriam ser “cuidadas”. Também estavam no horizonte daqueles movimentos atentar para que os jovens fizessem “bom uso” dos momentos que não estivessem envolvidos com práticas agropastoris ou nos afazeres do lar ou das propriedades. O cuidado em relação ao jovem deveria ser integral. Cuidado esse que se confunde, pelo menos nas prescrições, com a ideia de vigilância. Nas concepções difundidas sobre os jovens rurais, estes só poderiam se constituir como cidadãos, caso tivessem as “melhores orientações”. Claro que, na concepção dos promotores do extensionismo, elas só poderiam ser alcançadas pelo trabalho desenvolvido junto aos clubes juvenis. Ideia essa que dava



continuidade e atualizava a tradição dos 4-H Clubs dos Estados Unidos.

No caso dos Clubes 4-S, dois documentos de épocas diferentes demonstram a permanência desse raciocínio. Em um primeiro, publicado no início da década de 1960, foi possível verificar a ideia de que através dos Clubes 4-S os jovens teriam de ocupar-se das suas horas de lazer de forma racional. Aliás, essa ideia de racionalidade esteve presente em praticamente todas as dimensões do quatroessismo. Todo o tempo e todas as dimensões da vida deveriam ter um propósito. Esse deveria-se materializar na produção ou na transformação das condições de vida desse público e das populações em volta deles constituídas em suas comunidades. Toda e qualquer ação desempenhada pelo jovem rural deveria ter um fim que se relacionaria com os objetivos dos clubes. Nas prescrições para os 4-H Clubs seus objetivos eram declaradamente anunciados como sendo o de “fomentar a vida saudável e a recreação e o ócio com propósitos” (CRAT/AID, 1968, p. 49, tradução minha)<sup>278</sup>. Nesse sentido o objetivo dos clubes era de “oferecer aos jovens informação e orientação para o uso inteligente das horas de lazer” (UREMG, 1961, p. 4), conforme essa ideia foi apresentada em documento voltado aos Clubes 4-S de Minas Gerais. Pode-se perceber que havia uma referência indireta às “outras horas”. Essas, por estarem fora dos clubes, por suposto, não seriam inteligentes. Outro documento, que circulou nos meios extensionistas de Minas Gerais no início da década de 1980, asseverava que os clubes visavam “dar aos jovens rurais oportunidades para o bom uso das horas de lazer, através de atividades sócio-recreativas bem orientadas” (PEREIRA, 1980). Há a permanência da ideia de orientação e no lugar da expressão inteligente, nesse documento, a referência seria o “bom uso das horas de lazer”. É possível deduzir a partir das duas citações que havia uma crença depositada sobre o poder “regenerador” dos clubes. Eivados por expressões de cunho moral, “bom uso”, “inteligente”, a dimensão da vida dos jovens marcada pelas contingências do tempo, deveriam também ser observadas de perto pelo olhar atento dos adultos. Se os mais velhos deveriam ser influenciados pelos exemplos dos jovens que modificariam suas formas de agir e pensar nos meios rurais, por sua vez eram alguns adultos que ditariam como se daria esse processo. Era somente a partir da orientação de certos adultos, os extensionistas ou líderes rurais, que a juventude poderia experimentar essa fase da vida da forma como anunciavam como racional. Tal fato denota uma clara contradição entre aquilo que se esperava dos jovens, ou seja, que se constituíssem como sujeitos autônomos e as prescrições de como tal fim deveria ser objetivado. A ação dos extensionistas em relação às prescrições e ao cumprimento das

---

<sup>278</sup> “[...] fomentar la vida saludable y el recreo y el ócio com propósitos”.

mesmas pelos jovens, denota a tutela e o controle que esse grupo recebia dos adultos. Afirmo assim que havia para os jovens dos clubes a prescrição de um estilo de vida, um ethos formatado por elementos de um mundo estranho a eles, ou seja, pelos adultos. Ao participar de um clube os jovens deveriam se submeter à construção de um modo de vida, e que, portanto, estaria coberta por um conjunto de prescrições e práticas que constituiriam um tipo de educação social. Todos os momentos, todas as dimensões da vida deveriam passar pelo crivo do movimento inspirado no trevo de quatro folhas. Um exemplo pode ser verificado a partir do texto<sup>279</sup>: “As festas são importantes” (TREVO, junho/1963, p. 2). No texto era evidenciada a importância creditada às festas como forma de dar impulso aos clubes. É como se essa dimensão da vida, o encontrar para qualquer tipo de celebração onde se faz presente comida, bebida, música e geralmente dança, tivesse apenas razão de ser se fosse com um propósito determinado pela filosofia de vida apresentada pelos clubes. Mesmo que o texto deixe a entender que o evento em si, a festa, era necessária para o descanso físico e mental dos indivíduos, ela seria uma oportunidade tanto para divulgar, quanto para demonstrar um outro lado dos clubes, para além da dimensão da técnica voltada à produção.

Festa não é luxo de rico, não. Ela é necessária a todos os que trabalham, a todos os que estudam; é necessária ao velho, à criança e àqueles que estão na idade madura. (...) A vida é muito dura, às vezes, e o corpo cansa, a cabeça cansa também. Para o cansaço do corpo nós temos o repouso, mas para o cansaço do espírito só mesmo uma festa. (...). Organizem no seu Clube uma festa para você. Façam comissões: para convidar e receber as pessoas; comissão de enfeite, comissão para arranjar a música, comissão para providenciar a comida, e também uma comissão para a fogueira (TREVO, junho/1963, p. 2)<sup>280</sup>.

A dimensão recreativa dos 4-H Clubs nos Estados Unidos tinha uma longa tradição. Uma das práticas que envolvia essa dimensão foi descrita por Clark Jr (1984) para a Carolina do Norte, estado da costa leste daquele país. Tratou-se dos acampamentos de 4-H Clubs. Durante dois ou três dias os meninos e meninas dos clubes ficavam reunidos para “recreação, inspiração e instrução” (CLARK JR, 1984, p. 53, tradução minha)<sup>281</sup>. O primeiro deles, naquele estado, teria acontecido em julho de 1919 em Warren County e foi noticiado no jornal da localidade (*Warren Record*) destacando que teriam sido utilizados filmes educativos e de comédia. Estes teriam sido “fontes de prazer” para os membros do acampamento e

<sup>279</sup> Adaptado pela extensionista da ACAR-MG, Dilma Passos, a partir do original de Gerónimo Chavez (ETA/Voluntários da Paz).

<sup>280</sup> Fica evidente por esse trecho que as recomendações e o estímulo eram para o envolvimento dos jovens nas festas de junho, que incluíam as celebrações aos santos católicos: Santo Antônio, São João e São Pedro, bastante populares, principalmente no interior do Brasil.

<sup>281</sup> “[...] recreation, inspiration and instruction”.

moradores da cidade que “desfrutaram dessa característica distintamente educacional” (CLARK JR, 1984, p. 54)<sup>282</sup>. Pode-se atribuir daí que desde as primeiras décadas do século XX já se configurava um determinado padrão para as “horas de lazer” dos jovens rurais. A mescla de atividades instrucionais e recreativas foi esse padrão adotado em outras localidades e diferentes temporalidades. Há, nesse sentido, um reconhecimento que a faixa etária que os clubes englobavam deveriam ter momentos para desfrutar do seu tempo. Era uma espécie de aceitação que para mobilizar os jovens, deveria se ter mais do que ensinamentos técnicos e o foco no trabalho, mas atividades consideradas lúdicas. Assim, para se alcançar os objetivos traçados para os clubes de jovens rurais e para que esses se envolvessem em atividades que dependiam de esforço físico e de mudanças comportamentais, variações de atividades recreativas foram sendo assimiladas ao funcionamento dos clubes. Mesmo que essa fonte informe sobre os acampamentos de 4-H Clubs e sobre condados do estado da Carolina do Norte, ele indicia sobre a utilização de brincadeiras, canções, teatro, filmes, jogos e outras formas de recreação para outras regiões daquele país e até mesmo para outros países onde o trabalho de organização de clubes se espalhou. As canções, por exemplo, mereceram destaques em manuais para os 4-H Clubs que se destinavam a quaisquer localidades dos Estados Unidos, uma vez que na década de 1920 o movimento já tinha abrangência nacional. O primeiro deles que tive acesso foi publicado no já citado manual para 4-H Clubs organizado pelo National Committee de 1926. Conforme prefácio desse manual o livro “era enviado gratuitamente para os estados, municípios e líderes locais mediante requisição – uma cópia por pessoa. Cópias adicionais, caso fossem necessárias, deveriam ser obtidas através de pagamento” (NATIONAL COMMITTEE, 1926, p. 2, tradução minha)<sup>283</sup>. Nesse manual constam canções que os jovens dos clubes deveriam aprender e executá-las nos eventos, tais como o próprio acampamento. As letras das canções abordavam temas como o trabalho, a vida no meio rural, o significado dos 4-H's, a alegria de fazer parte das agremiações. Foram elaboradas a partir de melodias conhecidas daquele país. Remetiam à temas folclóricos, nacionalistas, militares e hinos religiosos bastante populares. As canções para os meninos e meninas dos 4-H, objetivavam também ser instrumentos de constituição de sensibilidades para a vida no campo, além, de servir ao propósito de criar, através das formas recreativas,

---

<sup>282</sup> O trecho citado por Clark Jr, a partir da matéria do Warren Records do qual extraí as informações foi: “Moving pictures by Br. J.C. Black, Bureau of Community Service, were the source of much pleasure Tuesday and Wednesday nights. Not only did the members of the camping party witness the films but many citizens of the town enjoyed this distinctively educational feature. (CLARK JR, 1984, p. 54, apud Warren Records, July, 25, 1919).

<sup>283</sup> “This ‘Handy Book’ will be sent free to state, county and local leaders on request – one copy to each person. Additional copies may be had for the use of 4-H Clubs at 3c per copy, prepaid”.

identidades para os membros dos grupos. Referências a elementos chaves da cultura política daquele país como a ideia de Liberdade, Felicidade, exaltação do trabalho também estiveram presentes nessas canções<sup>284</sup> o que, claramente, representava mais uma forma para se internalizar tais valores. A música, como se sabe, pode provocar múltiplas reações e sentimentos diversos nos indivíduos. Foi a partir dessa premissa que foi utilizada, mas com o claro objetivo didático de levar os propósitos dos 4-H Clubs ao máximo de pessoas. Como tenho afirmado ao longo dessa tese, não só os aspectos técnicos eram importantes. Mas, junto deles, havia a necessidade de se constituir novas formas de ver e se portar no mundo. Assim, canções de fácil assimilação e com melodias já conhecidas para outros contextos, foram adaptadas para os propósitos almejados para os 4-H Clubs.

O próprio Comitê Nacional passou a publicar livros de canções a partir da década de 1920, o que foi acompanhado pelo conjunto dos estados norte-americanos. É possível afirmar assim que existiam canções que tinham um cunho mais nacional, enquanto outras circularam em termos mais restritos pois voltadas às questões locais ou regionais. Crew (2013), por exemplo, organizou uma coleção com capas de livros de canções, partituras, de discos, que cobrem o período entre as décadas de 1920 e 2010 onde é possível perceber sobretudo o aspecto nacional, mas sem desconsiderar o aspecto local/regional nos Estados Unidos em termos da circulação das canções com cunho didático para os clubes. A utilização da canção como mecanismo de sensibilização dos sócios dos clubes passou a ser desde a década de 1920 cada vez mais observada com a criação de bandas e orquestras pelos estados norte-americanos.

Muitos estados - e até mesmo clubes locais - organizaram bandas e orquestras 4-H nas décadas de 1920 e 1930, alguns desses grupos dos estados do centro-oeste foram para o Congresso Nacional 4-H e a Exposição Internacional de Pecuária em Chicago. Em resposta a um questionário enviado pelo Comitê Nacional de Trabalho de Clubes para Meninos e Meninas em 1930, 14 dos 25 estados responderam que possuíam autênticas orquestras de 4-H Clubs. Onze estados relataram bandas 4-H Clubs. Um total de 42 orquestras 4-H e 21 bandas foram relatadas. O Kansas lidera no número de organizações musicais de 4-H com 10 orquestras e 5 bandas. Minnesota tinha 6 orquestras e 3 bandas, e Illinois tinha 5 orquestras e 2 bandas. (Tradução minha)<sup>285</sup>.

<sup>284</sup> Ver anexo 6 no qual cito algumas letras de canções adotadas pelos 4-H Clubs nos Estados Unidos a partir da primeira citação que encontrei a essas canções, ou seja, o Handy Book de 1926 (NATIONAL COMMITTEE, 1926). Para maiores detalhes sobre outras canções ver: National Committee (1927) e Exner (1968). Este último, inclusive, apresentou partituras para violão e piano das canções que deveriam fazer parte do cotidiano dos sócios dos 4-H Clubs. Acompanha essa tese um DVD com gravações das canções originais das quais foram inspiradas às dos 4-H Clubs.

<sup>285</sup> “Many states - and even some local clubs - had organized 4-H bands and orchestras in the 1920s and 1930s, some of these groups from midwestern states coming to the National 4-H Congress and International Live Stock Exposition in Chicago. In response to a questionnaire sent out from the National Committee on Boys and Girls

A importância conferida às outras formas de recreação como uma das dimensões da formação desejada para os integrantes dos clubes apareceu também em distintos documentos que se referiam aos 4-H Clubs. O folheto instrucional elaborado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, (USDA, 1969), ao mencionar a recreação a posicionou como uma das três<sup>286</sup> dimensões que compunham as reuniões de 4-H Clubs e que, portanto, corresponderia uma estrutura basilar do funcionamento daqueles clubes. “A recreação é importante para a reunião do clube. O cantar em grupos, as festas, jogos, danças e atividades esportivas ajudam os jovens a aprender habilidades sociais e aumentam o prazer de pertencer ao 4-H Club” (USDA, 1969, p. 4, tradução minha)<sup>287</sup>. Nessa passagem fica demonstrado o caráter instrucional esperado das práticas recreativas. Há nessa proposição um exemplo de educação social, pois a recreação seria um momento na qual o jovem do clube se divertiria através dos exemplos citados, mas obteria também habilidades necessárias a viver em grupo. Se o documento refere-se a princípio apenas às reuniões, pode-se aludir também que essa ideia de recreação perpassava todos os momentos nos quais os jovens dos clubes se reuniam. Além da clássica ideia do “learn by doing” (aprender fazendo) desenvolvida junto aos 4-H Clubs, o que poderia dar uma ideia de foco apenas no trabalho, pode-se atribuir a ideia do “learn by fun” (aprender por diversão). Mesmo não sendo essa última uma expressão presente nos documentos consultados, nas prescrições ela estava implícita. Aliás, no caso de documentos dos 4-H como, por exemplo, Reyburn (1975) a recreação apareceu com um sentido ainda mais determinado. A recreação era algo que deveria fazer sentido ou ter uma intenção. E essa certamente liga-se a ideia do uso racionalizado do tempo para que o jovem fosse assim educado em novos padrões de comportamento e produção. O documento é claro em afirmar que os objetivos dos 4-H Clubs seriam “desenvolver hábitos de vida saudável, recreação intencional e uso inteligente do tempo de lazer” (REYBURN, 1975, p. 3, tradução minha)<sup>288</sup>. Uma outra tradução possível para “purposeful recreation” seria: recreação significativa. Mas, no contexto e sobre os objetivos dos 4-H Clubs a melhor expressão é recreação intencional, pois havia um fim a ser alcançado em todas as ações e dinâmicas

---

Club Work in 1930, 14 states out of 25 answering, reported having bona fide 4-H Club orchestras. Eleven states reported 4-H Club bands. A total of 42 4-H orchestras and 21 4-H bands were reported. Kansas lead in the number of musical 4-H organizations with 10 orchestras and 5 bands. Minnesota had 6 orchestras and 3 bands, and Illinois had 5 orchestras and 2 bands”. Fonte: <https://4-hhistorypreservation.com/Music/>. Acesso em 01/11/2018.

<sup>286</sup> As outras duas seriam “business and educational part”, ou seja, aquilo que se referia a negociação nos grupos e as aprendizagens relacionadas ao desenvolvimento de projetos individuais e coletivos voltados às práticas e aos interesses em torno dos 4-H Clubs.

<sup>287</sup> “Recreation is important at club meeting. Group singing, parties, games, dances, and active sports help youth learn social skills and add to the fun of belonging to 4-H Club”.

<sup>288</sup> “[...] develop habits of healthful living, purposeful recreation, and inteligente use of leisure time”.

desenvolvidas juntos aos clubes juvenis.

A recreação desenvolvida junto aos clubes, e nesse ponto incluo os Clubs 4-S do Brasil, não era desprovida de intencionalidade. Pelo contrário, era marcada por objetivos delineados por cada ação, gesto, atitude, que se buscava desenvolver através daquilo que a princípio poderiam ser consideradas formas ingênuas de diversão e brincadeiras pelos próprios jovens envolvidos. Isso também fica confirmado a partir da análise da programação e dos temas discutidos na IV Reunião de Líderes Estaduais de Clubes 4-S<sup>289</sup>, realizada em Paranaguá, estado do Paraná, entre 23 a 28 de setembro de 1963. No programa do evento estava anunciado que seu objetivo principal era “dar aos Líderes Estaduais de Clubes 4-S oportunidade para adquirirem conhecimentos básicos de Psicologia do adolescente aplicada ao trabalho com Clubes 4-S” (ABCAR, 1964, p. 7). Um dos palestrantes no evento foi o norte-americano, Earl Jones, na ocasião, professor de Psicologia e Extensão do IICA em Turrialba, na Costa Rica. O texto da sua palestra corroborava com a ideia de uma recreação intencional, ou seja, seguia a tradição que desde pelo menos na década de 1920, já era observada junto aos 4-H Clubs. Como era um dos responsáveis pela formação de quadros técnicos para o trabalho com a juventude rural a partir do IICA, pode-se concluir que esse mesmo pensamento se referia a todos aqueles envolvidos com os clubes na América Latina. O palestrante foi enfático em afirmar que toda e qualquer atividade com a juventude devia ter um propósito.

Embora nada se faça sem uma razão (às vezes a razão é tão profunda que não a reconhecemos), pode-se realizar atividades sem propósito. As atividades de trabalho com a juventude não devem ser assim sem propósito; precisa ser cuidadosamente examinado o “porquê” de cada atividade e fixados os correspondentes objetivos para se estar certo de que serão alcançados. Isso é axiomático, quer se trate do projeto individual, reunião, concurso ou recreação. Tudo que se faz necessita esta procura do objetivo porque qualquer atividade sem propósito é incorreta. O objetivo principal do trabalho com a juventude rural é “ajudar os jovens a aprender as maneiras mais apropriadas de pensar, sentir e atuar, com o fim de que sejam pessoas mais atuantes”. Todas as atividades devem contribuir de maneira eficiente para esse fim – se não, devem ser eliminadas. Isso se aplica também à recreação (JONES, 1964, p. 55).

O sociólogo norte-americano do IICA chega a reconhecer que até podiam existir atividades sem alguma intenção, mas essas não deveriam ser aquelas relacionadas à organização e desenvolvimento dos clubes. Pelo contrário, Jones afirmava que tudo que dizia

---

<sup>289</sup> O evento foi organizado pela ABCAR e contou a colaboração da USAID/ Brazil, PIJR, ACARPA e do IICA/Turrialba. Ver: (ABCAR, 1964).

respeito aos clubes deveria ter um fim. Tudo que fosse diferente disso deveria ser eliminado. Na sequência Earl Jones afirma que os líderes ao selecionar atividades de recreação devem optar por “atividades simples, algo fácil, algo que todos possam fazer” (JONES, 1964, p. 56). Aliás, essa foi uma preocupação premente nesse trabalho de Jones. As prescrições de Jones podem ser vistas como claras referências à educação das sensibilidades, pois denotam intervenções junto ao público juvenil com a clara intenção de constituir e/ou alterar formas de “pensar, sentir e atuar”. Um exemplo seria sua referência ao sóciodrama, modalidade de encenação de um determinado tema por uma ou mais pessoas com um fim determinado. Segundo Jones, tal método deveria ser evitado, pois “a forma de fazê-lo impõe, pressiona e oferece menor liberdade, diminuindo no grupo a oportunidade de crescer emocionalmente”. Sua conclusão sobre o sóciodrama é enfática: “É melhor não usar sóciodrama até os sócios estejam emocionalmente bem ajustados” (JONES, 1964, p. 65). Havia assim, para esse sociólogo, a convicção que os integrantes dos clubes estavam sendo educados nessa dimensão, ou seja, na constituição de uma suposta maturidade emocional. Mas, ao mesmo tempo, havia também a ideia de que para se chegar aos objetivos educacionais presentes nas atividades recreativas, formas mais simples deveriam ser utilizadas. Assim, afirmava que os esportes e competições tinham “lugar na recreação, mas devem ser acompanhados por outras recreações mais simples e que ofereçam menor tensão, menor atuação individual” (JONES, 1964, p. 65).

Nessa mesma Reunião de Líderes Estaduais de Clubes 4-S, Áurea Helena Serra Andrade discorreu sobre canções e danças folclóricas e da sua pouca utilização pelos Clubes 4-S (ANDRADE, 1964). Ao contrário dos Estados Unidos, onde já demonstrei que desde a década de 1920 havia a utilização de canções populares adaptadas para os 4-H Clubs, nos clubes brasileiros essa utilização segundo Áurea Helena era reduzida ou até mesmo inexistente. O texto da brasileira pode, inclusive, ser um complemento ao do sociólogo norte-americano, na medida em que ela credita à juventude à dimensão da recreação como uma das suas características. Segundo ela não poderia esquecer que “o jovem não se satisfaz puramente com orientação técnica. É necessário introduzir nos nossos Clubes 4-S, atividades relacionadas com o nosso folclore” (ANDRADE, 1964, p. 67-68).

Essa mesma autora já havia afirmado que o trabalho com os Clubes 4-S tinha a função de fazer a inserção social dos seus integrantes (UREMG, 1961). As canções e danças folclóricas poderiam colaborar com esse objetivo. Esse sentido também estava muito próximo de uma das possibilidades interpretativas das formas daquilo que foi caracterizado como

educação social<sup>290</sup>. Para Áurea Helena

Considerando a necessidade de satisfazer o interesse do jovem pelo ritmo, a necessidade de despertar no jovem o espírito cívico; de criar oportunidade para integração social do jovem, para o seu relacionamento bem-sucedido com o sexo oposto, somos obrigados a reconhecer no folclore nacional, um meio efetivo de educação. Pela simplicidade das canções folclóricas, pela espontaneidade e liberdade de expressão que permite a dança folclórica, podemos usá-lo em várias ocasiões propiciando: [...] oportunidade para que os jovens se relacionem com o sexo oposto, canalizando sua atenção para o passo, o ritmo, o que afastará a tensão emocional decorrente do relacionamento com outro sexo; oportunidade de uso dos músculos, de canalização de energia física. [...] (ANDRADE, 1964, p. 67).

Assim, com esse item procurei demonstrar o uso da Recreação de forma intencional para o tipo de formação pretendida tanto para os 4-H Clubs, quanto os Clubes 4-S. Desde as primeiras referências às canções coligidas pelo National Committe na década de 1920 ou na referência à Reunião de Líderes de Clubes Estaduais realizada no Paraná em julho de 1964, há uma clara permanência desse sentido. Fossem em canções, jogos, brincadeiras ou em outras atividades, nos clubes buscava-se tanto à formação técnica, quanto no âmbito das sensibilidades para os jovens rurais, fossem nos Estados Unidos ou no Brasil.

### 3.1.5 Os 4-H/4-S - Saúde e Alimentação

Os 4-H Clubs, os Future Homemakers of America (FHA) e os Future Farmers of America (FFA) dos estados norte-americanos do Arizona, Connecticut, New Hampshire, New Jersey e Virgínia foram algumas organizações juvenis citadas por Adelson, Alexander e Splinder (1959) em estudo sobre a relação entre saúde e nutrição. Segundo esses autores os jovens teriam muito interesse por esses temas. Entretanto, a curiosidade por esses dois temas seria de uma forma diferente daquela que teriam seus pais e irmãos e irmãs mais novos.

Meninos e meninas até aos 12 anos estão interessados em aprender a cozinhar como uma nova experiência e uma maneira de agradar a seus pais. Adolescentes estão mais preocupados sobre a preparação de ocasião especial alimentos para amigos e familiares e ser atraente e forte (ADELSON; ALEXANDER; SPLINDER, 1959, p. 647, tradução minha)<sup>291</sup>.

<sup>290</sup> Ver: Gomes; Meurer; Taborda de Oliveira (2017).

<sup>291</sup> “Boys and girls 10 to 12 years old are interested in learning to cook as a new experience and a way to please their parentes. Teen-agers are more concerned about preparing special-occasion foods for friends and Family and being attractive and Strong”.



Para esses autores seria a partir dessa constatação que “pais, professores e líderes de clubes podem usar esses interesses para ensinar os jovens sobre nutrição, seleção e preparação de comida” (ADELSON; ALEXANDER; SPLINDER, 1959, p. 647, tradução minha)<sup>292</sup>. Seria, assim, a partir de um desejo explícito apresentado pelos próprios jovens, que as organizações juvenis deveriam se esforçar no intuito de se alcançar uma boa alimentação e consequente saúde junto a esse público. O que se extrai dessas passagens sobre a preocupação com alimentação e saúde junto aos jovens nessas regiões dos Estados Unidos era a tentativa de junção de interesses considerados típicos da idade com a necessidade e oportunidade para se ensinar a esse público melhores formas de se obter uma boa alimentação. Nesse artigo que foi publicado no *Yearbook of Agriculture* (Anuário da Agricultura) do ano de 1959 que trazia como tema central a preocupação com a alimentação humana, ficava evidenciado como vários setores, incluindo escolas de nível secundário e superior, e organizações juvenis, poderiam contribuir com aprendizados sobre uma melhor alimentação. Segundo esses autores projetos relacionados à preparação de refeições por 4-H Clubs na Virgínia tinham como objetivos:

Ensinar os jovens a importância da boa nutrição, desenvolver habilidades no preparo de alimentos, no planejamento e apresentação de boas e atrativas refeições, fazer uso de alimentos produzidos em casa, aprender como obter o melhor retorno nutricional do dinheiro gasto em comida, compartilhar a responsabilidade pelas refeições em família e desenvolver bons hábitos (ADELSON; ALEXANDER; SPLINDER, 1959, p. 651, tradução minha)<sup>293</sup>.

Os 4-H Clubs tinham uma relação muito mais direta com as escolas do que, por exemplo, os Clubes 4-S no Brasil. Isso pode ser demonstrado, por exemplo, pela preocupação e atuação dos jovens dos clubes norte-americanos com a qualidade da alimentação escolar. Em um texto produzido pelo Departamento de Economia Doméstica do USDA acerca de sugestões de refeições para as escolas fica evidenciado o papel dos clubes em colaboração com outros setores para garantir que as “crianças em idade escolar permanecessem crescendo” (USDA, 1934, p. 1, tradução minha)<sup>294</sup>. O almoço na escola era tratado como sendo uma refeição importante e que traria consequências para a vida toda do educando.

---

<sup>292</sup> “Parents, teachers, and club leaders can use these interests to teach young people about nutrition and the selection and preparation of food”.

<sup>293</sup> “To teach young people the importance of good nutrition, develop skills in preparing food and in planning and serving good, attractive meals, make use of home-produced foods, learn how to get the best nutritional return from money spent on food, share responsibility for Family meals, and develop good habits”.

<sup>294</sup> “Keep the school child growing”.

Se os almoços forem devidamente planejados e supervisionados, a criança aprende os princípios da boa alimentação e forma bons hábitos alimentares que serão úteis durante toda a vida. E muitas vezes o almoço na escola literalmente salva a vida de algumas daquelas crianças desnutridas que podem ser encontradas hoje em dia em muitas de nossas escolas públicas. O programa de merenda escolar em uma comunidade rural é freqüentemente realizado pelas mulheres do Departamento de Agricultura, ou pelos 4-H Clubs de meninas e meninos (USDA, 1934, p. 1, tradução minha)<sup>295</sup>.

Dos significados dos H's dos clubes norte-americanos, o único que teve o correspondente em uma tradução literal para a experiência brasileira foi o de *Health* (Saúde). Aliás, em outras regiões do continente americano a presença da expressão *Saúde* pode ser verificada para os clubes do Uruguai, Guiana Inglesa, Colômbia, Suriname e Costa Rica. No caso dos Clubes 4-S a partir de Minas Gerais, a preocupação com a saúde dos jovens rurais e das populações envolvidas em atividades agropastoris foi demonstrada como tema central desde o início desse movimento no estado. Entretanto, a partir de meados da década de 1950 houve uma maior presença nas prescrições extensionistas da preocupação com a saúde das populações rurais. Foi nessa época que começaram a ser utilizados uma série de materiais traduzidos ou claramente inspirados em documentos produzidos por agências norte-americanas. São documentos que tocam em aspectos essenciais sobre a saúde das populações rurais. Referem-se a ideia fulcral de que só uma população saudável poderia produzir e consumir. Foi nesse sentido que um conjunto de prescrições que diziam respeito à reforma dos costumes passou cada vez mais a circular nos meios extensionistas e alcançar o público dos clubes 4-S. Alterar ou introduzir novos comportamentos que incluíam o uso de materiais no ambiente doméstico e cuidados com o corpo (higiene, alimentação, postura física) puderam ser observados nos documentos consultados. Um exemplo foi o folheto produzido por uma parceria entre a ACAR-MG e a Missão Norte-Americana de Cooperação Técnica (Ponto IV) em 1958. Numa clara alusão aos trabalhos femininos (o folheto é um manual sobre economia doméstica) ele apresentava atividades que as sócias deveriam cumprir nos clubes durante o primeiro ano de inserção nas agremiações. Incluíam cuidados com a saúde, aprendizagem de costura, envolvimento com os trabalhos caseiros, preparo de alimentos e limpeza do quintal. (ACAR, 1958, p. 1). É necessário salientar que são prescrições diretas sobre cada um desses temas. Porém, foi possível notar que todos se relacionam com o que fora caracterizada pelo

---

<sup>295</sup> “If the lunches are properly planned and supervised, the child learns the principles of good diet, and forms good food habits which will be useful all through his life. And often the school lunch literally saves the lives of some of those undernourished children that are to be found nowadays in many of our public schools. The school lunch program in a rural community is often carried on by the Farm Bureau women, or by the 4-H clubs of girls and boys”.

documento como vida saudável para as populações rurais. As sócias dos Clubes 4-S de Minas Gerais teriam uma espécie de missão a cumprir ao atuarem no cuidado e na valorização da importância conferida à saúde das populações rurais. Chamo a atenção ao fato que se no sumário do documento a referência ao público-alvo está no feminino, o que era de supor que a publicação se destinava às meninas dos clubes, o conteúdo em si do documento encontra-se no masculino ou é tratado de forma impessoal não se restringindo a um gênero.

Os sócios dos Clubes 4-S podem fazer muito para melhorar as condições de saúde do povo de nosso estado. Sua própria saúde e a dos outros habitantes da comunidade dependem, naturalmente, das condições sanitárias do lugar em que vivem, tais como água pura para beber, casas higiênicas para morar, incluindo a limpeza dos utensílios de cozinha (ACAR, 1958, p. 2).

Tal referência geral visava, portanto, demonstrar que mesmo sendo as sócias aquelas que levariam à cabo tais aspectos, eles deveriam ser compartilhados por todos, portanto, incluindo os sócios do sexo masculino.

Água filtrada, saneamento, limpeza das mãos, dos alimentos, do ambiente doméstico eram reiterados como dimensões para se obter uma boa saúde. Porém, essas e outras medidas eram consideradas como ações individuais, ou seja, diziam respeito a cada um. Quando se refere à saneamento, por exemplo, esse dizia respeito à ideia de limpeza. Um ambiente saudável seria aquele protegido de epidemias. Era a ação de cada indivíduo que levaria a obtenção dessas condições. Era como se cada um fosse responsável por tomar os seus cuidados com a água, o esgoto, o lixo, isoladamente. Era prometido que todos estariam ou ficariam saudáveis se seguissem à risca os ditames científicos. A mudança de comportamento dos indivíduos na qual cada sujeito seria um elemento de transformação da comunidade, incluindo os cuidados com o próprio corpo, foi perseguida pelo extensionismo rural e os Clubes 4-S foram, sem dúvida, um dos principais propagadores de tal crença.

A busca pelo desenvolvimento individual fica demonstrada, por exemplo, no Sétimo Relatório da ACAR-MG do ano de 1955. Ao tratar sobre o papel dos líderes de clubes afirmou que

naturalmente dedicam os líderes dos “Clubes 4-S” sua atenção também a campos relacionados, tais como a alimentação, a higiene, o desenvolvimento individual. Os “4-S” – Sentir – Saber – Servir – Saúde – representam os alicerces sobre os quais o jovem deve firmar e desenvolver a sua personalidade (ACAR, 1956, p. 9-10).

O movimento quatroessista, segundo os ditames do Extensionismo Rural procurava desenvolver a ideia clássica de que caberia o indivíduo tomar as medidas fundamentais para manutenção da vida. Como já referenciado para os aspectos produtivos, era meramente o uso da técnica que levaria à melhoria da qualidade da saúde das populações rurais, o que redundaria em maior expectativa de vida e maior produtividade. Bastaria para que se atingissem tais fins a adoção rigorosa de aspectos que eram considerados simples, porém não utilizados pela falta de conhecimento.

A figura 25 é um exemplo de como cada sócio deveria ser instrumentalizado para adotar medidas visando uma melhor saúde.

Figura 25 – Tabela da Saúde para a população rural

*Tabela da Saúde*

	Início do Trabalho		Fim do Trabalho	
	Sim	Não	Sim	Não
1 - Estou tomando leite diariamente . . . . .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2 - Estou comendo frutas diariamente . . . . .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3 - Estou comendo vegetais diariamente . . . . .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4 - Durmo pelo menos 8 horas todas as noites . . . . .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5 - Brinco e faço exercícios ao ar livre todos os dias . . .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6 - Lavo minhas mãos antes das refeições e depois de ir à privada . . . . .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7 - Escovo meus dentes ao levantar-me e antes de deitar . . . . .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8 - Conservo meu cabelo penteado e limpo . . . . .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9 - Conservo minhas unhas limpas e cortadas . . . . .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10 - Pratico a boa posição . . . . .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11 - Tomo banho todos os dias . . . . .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

- 4 -

Fonte: (ACAR, 1958, p. 4).

O que fica subentendido é que se cada pessoa seguisse tais procedimentos, um conjunto de onze itens básicos, teria uma boa saúde. Mas, apesar de serem perguntas simples e diretas acerca dos procedimentos esperados para uma boa saúde, é possível imaginar as dificuldades sobre o preenchimento de tais questões. Em primeiro lugar, pode-se conceber que o próprio hábito de responder a tais itens com um X para cada pergunta e em momentos que

envolviam o início e o fim do trabalho cotidiano eram procedimentos estranhos aos meninos e meninas de Clubes 4-S. O mesmo pode ser pensado para os seus pais e outras pessoas a quem visavam atingir tais prescrições. As respostas a esse questionário exigiriam um grande esforço de disciplina e rigor dos sócios e das pessoas envolvidas. É possível supor que havia um outro rigor, de uma distinta natureza, que um procedimento como esse não previa. Refiro-me ao próprio cotidiano dos afazeres domésticos ou na lida com as plantações ou animais. A lida diária e o esforço despendido para cumprir com as obrigações que cabiam a cada pessoa em uma propriedade, muitas vezes, não comportava um ordenamento e uma metodologia de outra natureza e tão minuciosa. É difícil imaginar que até mesmo os meninos e meninas integrantes dos clubes parassem em momentos distintos para fazer anotações em fichas como essa apresentada que deveriam ser depois, inclusive, avaliadas. Se é possível conjecturar a dificuldade em se fazer tal anotação, mas difícil talvez era o cumprimento de tais prescrições. É daí também que se pode presumir uma tensão entre disputas de racionalidades. Uma que era a própria dinâmica da vida no meio rural. A outra, a racionalidade inspirada no cientificismo e seu discurso homogenizador para todos os indivíduos incluindo uma atenção especial aos seus corpos.

Tendo em vista a dimensão econômica que marca a educação dos clubes o corpo humano foi tratado como um insumo, uma ferramenta do trabalho, alvo das prescrições para ser aprimorado e assim se obter o máximo de eficiência<sup>296</sup>. A vida cotidiana nas suas diversas faces, com o extensionismo e nesse sentido, com os Clubes 4-S, era também alvo da intervenção visando novas posturas e hábitos. A racionalidade pretendida perpassava todos os aspectos da vida das populações rurais e era, claramente, uma ampliação do cientificismo produzido nos meios urbanos sobre os meios rurais. O folheto produzido pelo ETA (1955)<sup>297</sup> era uma clara intervenção no corpo físico do sujeito, além de ser eivado de valores morais, dos quais se destacava até mesmo a ideia de boa aparência.

O emprego correto do corpo auxilia a eficiência do trabalho. Engenheiros industriais e outros confirmaram esta verdade, tanto nas fábricas como no lar. A boa posição nos trabalhos domésticos ajuda a: 1. Eliminar o cansaço; 2. Melhorar a aparência; 3. Eliminar a tensão nervosa e a irritabilidade. A boa posição nos trabalhos domésticos pode ser conseguida de três modos: 1.

<sup>296</sup> Adoto aqui a clara inspiração em Gramsci (1991, p. 397) que ao fazer alusão ao industrial americano afirmou que este “preocupa-se em manter a continuidade da eficiência física do trabalhador, da sua eficiência muscular nervosa; é do seu interesse ter um quadro de trabalhadores estável, um conjunto permanentemente afinado [...]”. Transposta essa lógica para o interior dos clubes nos Estados Unidos, ela, pelo menos em termos das prescrições, teve ecos na experiência brasileira dos Clubes 4-S.

<sup>297</sup> Segundo nota do próprio folheto ele foi reproduzido a partir de “Posture in Homework”, publicação nº34 do Extension Service do USDA.

Utilizando o corpo corretamente; 2. Empregando utensílios apropriados; 3. Tendo as superfícies de trabalho a alturas adequadas (ETA, 1955, p. 2).

É perceptível, portanto, uma tentativa de reforma dos costumes, que tinha no seu horizonte mudanças comportamentais que incluíam a adoção de produtos domésticos que na década de 1950 passavam a estar disponíveis para as famílias brasileiras. Há uma clara alusão a aparelhos que visavam propiciar uma maior eficiência nas atividades que seriam desempenhadas pelo segmento feminino. Pressupunha-se que se a mulher gastaria menos energia com os afazeres domésticos. Acreditava-se que assim teria mais tempo e disposição para cuidar de outras dimensões para além do cuidado do lar. Havia de tal maneira a promessa de uma família na qual a figura feminina estaria sempre disposta aos cuidados com os filhos e com o marido. E nisso até o critério aparência, na qual a mulher deveria ficar sempre impecável foi objeto da intervenção das prescrições do extensionismo rural. Elegância, beleza, atenção com a posição do corpo, eficiência, estavam assim postas como dimensões que a mulher rural deveria vivenciar também. A figura 26 retrata uma página extraída do folheto (ETA, 1955) e é um bom exemplo sobre essa situação planejada e desejada principalmente para as mulheres.

**Figura 26** – Página do folheto ETA (1955) – Posições corretas nos trabalhos caseiros.



Fonte: (ETA, 1955, p. 14).

No item “A altura correta das cousas proporciona boa posição”. Além de imagens e frases como essa da figura 26, vinham também outras prescrições mais diretas ainda, tais como: “quando em pé, fique erecta. Sente-se para trabalhar sempre que possível. Coloque as cousas em lugar fácil de alcançar. Esticar o corpo é cansativo” (ETA, 1955, p. 10-11).

Fica claro que a vida doméstica e seus afazeres, a atenção ao corpo dos moradores dos meios rurais também estavam no horizonte das prescrições visando a obtenção do máximo de eficiência. Mas, isso significaria a necessidade de mudanças, inclusive físicas e corporais. Qualquer atividade a ser desempenhada, fosse ela uma tarefa cotidiana como passar roupa (figura 26), tinha à atenção e a presença de mecanismos formais para a instrumentalização da vida diária visando o melhor resultado em qualquer atividade. Educação, Saúde e Trabalho era o tripé que repousava toda a dinâmica do trabalho de Extensão e que os clubes foram também agentes promotores. Em Carvalho (1962), por exemplo, é possível perceber como esse folheto instrucional visava ser um instrumento de



convencimento e, portanto, de reforma dos costumes, ao enfatizar aspectos relacionados à vida cotidiana, à saúde e o trabalho dos moradores das áreas rurais. Ser forte, saudável e capaz de exercer o trabalho de forma eficiente eram condições para se alcançar, inclusive, a felicidade prometida.

Vocês, que moram no campo, trabalham muito. Para isso, precisam ser fortes e cheios de saúde. Você, por exemplo, faz as plantações, cuida das criações e tem outros trabalhos. Sua esposa cuida da casa e das crianças e tem outras ocupações. Os meninos maiores estão na escola e ainda ajudam em casa e na roça. Sua família, como as demais famílias, deseja viver com saúde e ter energia para o trabalho. Este livrinho ensina a vocês como ter mais saúde para viverem felizes (CARVALHO, 1962, p. 1).

Nesse mesmo material ficava explicitado a associação do corpo humano à uma máquina e principalmente dessa relação com o trabalho. O cuidar do corpo é enfatizado como uma medida de prevenção sem o qual a “máquina” pararia.

O corpo humano é parecido com uma máquina. Para a máquina trabalhar, é preciso que a gente cuide dela. Assim também acontece com o nosso corpo. Se você cuidar bem do seu corpo, viverá com saúde e por muito tempo. Mas é preciso que você cuide do seu corpo, enquanto ele está são. É melhor conservar uma máquina do que consertá-la (CARVALHO, 1962, p. 2).

Era feita também a analogia entre o alimento e combustível como sendo aquilo que faz a “máquina”, o corpo humano trabalhar.

Nosso corpo é parecido com uma máquina. É uma máquina que nunca para de trabalhar. Mesmo quando estamos descansando ou dormindo, sem fazer nenhum esforço, nosso corpo continua trabalhando. Toda máquina precisa de combustível para trabalhar. Sem a gasolina, o óleo ou o carvão, a máquina não trabalha. Nosso corpo também precisa de combustível. Este combustível é o alimento. São os alimentos que nos dão a energia e a força necessária para viver e trabalhar (CARVALHO, 1962, p. 6).

Chama a atenção o fato que o folheto instrucional buscava definir as substâncias que compõem os alimentos: vitaminas, proteínas e sais mineirais. Além disso, dá exemplos de alimentos de cada um dos grupos. Mas, são informações genéricas. Elas não dialogam com as especificidades regionais em termos de produção e acesso da população rural aos tipos de alimentos mais comuns em uma área. Há a ausência de referências às experiências de homens e mulheres, meninos e meninas de áreas rurais.

Em Hughes (1963) também foram apresentadas outras preocupações e ações para com o corpo humano. A higiene foi privilegiada nesse material e visava ser um instrumento de formação para as agentes de extensão que trabalhariam diretamente com o público-alvo das

instituições extensionistas. A limpeza com o corpo é exemplificada a partir de procedimentos sobre como deveria ser o banho, a escovação dos dentes, o cuidado com os cabelos, mãos e unhas, a manutenção de roupas, casas e quintais totalmente limpos. Ao contrário de Carvalho (1962) no qual as informações sobre alimentação e o corpo humano são genéricas, Hughes (1963) apresenta procedimentos mais direcionados e com sugestões sobre materiais a serem utilizados. Por exemplo, limão fresco era recomendado para que os cabelos tivessem cheiro agradável. Vinagre, inseticidas e até querosene eram recomendados para combater lêndeas e piolhos. A escova de dente deveria ser comprada no comércio. Mas, na sua impossibilidade deveria ser feita a partir de algum tipo de broto curto e forte de planta não venenosa. Com esse tipo de material deveria adotar o seguinte procedimento: “Descasque uma ponta de mais ou menos dois centímetros e meio. Amasse, desfibre ou mastigue a ponta descascada até você conseguir uma escova. Use sal com bicarbonato, carvão limpo ou dentríficio para escovar seus dentes” (HUGHES, 1963, p. 3).

Era inclusive prescrito que não se usasse “cinza, carvão queimado, pó de tijolo, areia ou outro material que possa arranhar (sic) seus dentes e gengivas. Não arranhe seus dentes com agulhas ou alfinetes” (Hughes, 1963, p. 3). Se era prescrito o não uso desses materiais é de se supor que eram utilizados. E como se sabe esses são materiais que trazem danos, muitas vezes irreversíveis aos indivíduos quando utilizados nessas funções supostamente para higiene bucal.

O conceito de extensão ficava demonstrada pela ideia de que o saber científico deveria se espalhar por todas as áreas, incluindo, claro, as regiões mais distantes dos meios rurais. Era aí que entrava o trabalho dos sócios dos Clubes 4-S. Os meninos e meninas dos clubes deveriam transformar em práticas as prescrições alimentares para uma boa saúde e assim para a eficácia no trabalho. Foi com essa perspectiva que a alimentação e a saúde dos sócios dos clubes foram reiteradas em publicações como o jornal O Trevo. Na edição de número 14/15 (jan/fev/1959, p. 2), na seção intitulada “Os amigos do Joãozinho”, foi relatada uma história desse menino. Joãozinho era um personagem fictício. Mas, ao mesmo tempo, era como se personificasse os muitos meninos e meninas dos meios rurais que apresentavam a saúde frágil devido a ausência de cuidados elementares. Ele era caracterizado raquítico e sem vontade para nada. A inspiração evocava nitidamente a imagem do Jeca, personagem imortalizado pela obra de Monteiro Lobato. Mas, era da ciência que vinha o “milagre”. Como no conto do personagem que representava o caipira, o menino Joãozinho seria salvo pelos ditames da razão científica. Sua mãe o teria levado ao médico, o Doutor Zacarias. Este diagnosticou que o menino precisava era de se alimentar melhor. O médico disse: “Este

menino precisa é comer menos e melhor. Precisa comer fruta, verdura, leite, ovos. Estes alimentos dão saúde e ossos e dentes fortes (...)” (O TREVO, jan/fev/1959, p. 2). Como que em um passe de magia, depois da primeira consulta Joãozinho retornou ao consultório e já era outro.

Forte, corado, cheio de vida. Até quebrou um vidro do consultório... E o Doutor Zacarias ficou muito satisfeito. É que ele sabia do bem que aqueles alimentos fariam ao nosso Joãozinho. São eles os verdadeiros amigos do nosso corpo. E quem não gosta de estar sempre corado e disposto? (O TREVO, jan/fev/1959, p. 2)<sup>298</sup>.

Os jovens dos Clubes 4-S também se envolveram em campanhas visando criar melhores condições de saúde das populações rurais, desde finais da década de 1950. As campanhas de saúde reuniam os esforços de várias entidades, como as ACAR's, secretarias estaduais e municipais de saúde, universidades, lideranças locais e outros, buscando a introdução de elementos e práticas elementares que, acreditavam-se redundaria em melhorias das condições sanitárias das áreas rurais. Foram desenvolvidas campanhas para a introdução de filtro d'água, para construção de privadas e fossas sépticas, combate ou prevenção a verminose, envolvimento em campanhas de vacinação contra a varíola, o tifo e a tuberculose e outras doenças. Nessas campanhas, os jovens dos clubes, além de serem o alvo das ações, eram também os próprios motivadores para que as comunidades adotassem as medidas previstas e assim garantissem uma melhor saúde. Um exemplo desse esforço multivetorial pode ser observado na campanha contra a Verminose que ocorreu na região da Zona da Mata mineira em 1960. A campanha foi conduzida pela ACAR-MG e contou com a colaboração da Secretaria de Saúde e Assistência, Departamento Nacional de Endemias Rurais, Serviço de Extensão Rural da Universidade de Minas Gerais, Prefeituras Municipais, líderes e entidades interessadas das Regiões de Ubá e Ponte Nova. Nessa campanha os jovens ganhavam destaque nas páginas de O Trevo que enfatiza o papel que caberiam aos sócios dos clubes.

Todos os sócios de Clubes 4-S devem trabalhar para combater a verminose. (...). Cooperem, pois, quatroessistas, para o êxito da Campanha de Combate à Verminose. Ela beneficiará sua cidade, sua fazenda, seu lar e também você (O TREVO, out/1960, p. 1).

---

<sup>298</sup> Na edição de O Trevo (jan/1966) constou um texto que teria sido escrito pela jovem quatroessista Beatriz Damaso, repórter do Clube 4-S “Dr. Roberto Resende”, em Pedro Leopoldo, Minas Gerais. O sentido é o mesmo daquele sobre o Joãozinho: o destaque para a função da alimentação para se alcançar uma vida saudável, condição primeva para o exercício do trabalho nos moldes desejados pelos clubes. “Se não comermos o suficiente, nunca teremos boa saúde e viveremos sempre cansados e desanimados para o trabalho”. (O TREVO, jan/1966, p. 8).

No início do ano de 1961 os quatroessistas do distrito de Justinópolis, município de Ribeirão das Neves, participaram de uma denominada Campanha de Saúde e Saneamento. (O TREVO, fev/mar/1961). Os jovens, naquela ocasião, teriam distribuído folderes, cartazes, cartas circulares à população da região informando o que se tratava tal campanha e quais os procedimentos cada indivíduo deveria adotar. É de supor, porém, que mesmo que fique claro o intento de motivar a população local e que até alguns resultados possam ter sido observados, esse tipo de ação tinha uma série de limitações. Os procedimentos prescritos nos materiais, como já me referi, demandariam um esforço pessoal para mudanças atitudinais. Essas, como se sabe, não são imediatas. Além disso, o fato de terem sido prescritas, não quer dizer que foram adotadas ou seguidas à risca. O acompanhamento mais sistemático pelos próprios jovens e extensionistas da ACAR-MG, parece-me que, nas campanhas, tinham, portanto, limitações da ordem do próprio formato adotado para se pensar a saúde da população. As campanhas tinham o papel para se levantar um problema que, muitas vezes era encarado como insolúvel e quase que intrínseco à comunidade. Serviam como o estímulo muitas vezes necessário para o início de um lento processo de adaptação ou mesmo mudanças radicais de comportamento. Mas, daí a se afirmar que tiveram êxito é um longo caminho. Mesmo sem analisar se foram ou não estabelecidas metas mais específicas ou se os objetivos foram ou não alcançados, importa fazer referência a esse tipo de atividade. Não há dúvida que as campanhas cumpriam o papel de pelo menos chamar atenção do indivíduo para determinados assuntos, como a preocupação com a saúde de cada um e das comunidades. Além disso, elas eram consortes dos princípios que emanavam desde os 4-H Clubs dos Estados Unidos da necessidade de uma vida saudável para o enfrentamento dos embates diários e assim alcançar a felicidade, um dos princípios pelos quais a nação norte-americana se constituiu. Lembro que os princípios da Liberdade, Propriedade e a busca da Felicidade constituem sustentáculos da própria lei máxima daquele país, a Constituição de 1787.

No Brasil, a luta contra as más condições de higiene, saúde e de alimentação das populações rurais era um tripé que a Extensão Rural e, nesse sentido, os próprios jovens dos clubes deveriam se engajar o máximo possível. Com a criação do CNC 4-S em 1964 foi possível perceber a participação de grandes empresas, incluindo muitas de origem estrangeiras, em ações de patrocínio aos projetos dos clubes que visavam atingir essas três frentes de atuação. É óbvio que, além da necessidade de se melhorar as condições de saúde, higiene e alimentação das populações rurais, as empresas colaboradoras do CNC 4-S miravam o incremento do comércio de seus produtos e serviços. Muitas áreas das quais se constituíam Clubes 4-S tinham até então, pouco ou nenhum acesso aos incrementos que a tecnologia

desenvolvida nos meios urbanos e científicos vinha propiciando.

Em 1968, por exemplo, a Union Carbide do Brasil, empresa de origem norte-americana do setor Químico, assinou com o CNC 4-S um acordo

através do qual patrocinará diversos prêmios educacionais para os sócios e sócias dos Clubes 4-S que estão realizando no corrente ano o Projeto Higiene e Saúde. [...]. O trabalho dos Clubes 4-S tem merecido da empresa privada entusiástico apoio, pela objetividade com que ele está sendo desenvolvido e pelos resultados que estão sendo alcançados. [...] A Union Carbide, ao patrocinar prêmios para esses jovens, está contribuindo para o desenvolvimento das comunidades rurais através de estímulos educacionais à juventude (O TREVO, maio/jun/1968, p. 2).

Naquele contexto e incentivados também pela criação dos comitês estaduais de Clubes 4-S, bem como do CNC 4-S, empresas internacionais se envolveram no patrocínio de projetos voltados às práticas alimentares. Uma delas foi a Fleischmann-Royal, empresa norte-americana do setor alimentício que participou efetivamente do processo de incentivo aos clubes de jovens rurais no Brasil. Em 1967, por exemplo, o CNC 4-S e a Fleischmann-Royal assinaram um acordo<sup>299</sup> de NCr\$10.500,00<sup>300</sup> para o patrocínio de projetos da juventude rural nos setores de alimentação, economia doméstica e amendoim.

O Acordo de Patrocínio compreende, além do financiamento de projetos agrícolas, a distribuição de prêmios de incentivo e de bolsas de estudo na Guanabara e em centros rurais associados aos Clubes 4-S (Saber, Sentir, Saúde e Servir), sediados em 635 municípios das regiões nordeste, centro e sul do País". [...] O preparo de alimentos, dentro das normas modernas da nutrição, será a preocupação básica de 345 ruralistas, encarregados da aplicação do projeto de alimentação nos Estados do RN, AL, BA, RJ, GO e MT. [...] O projeto de economia doméstica, também patrocinado pela Fleischmann-Royal, estende-se aos Estados da PB, PE, SE, ES, RJ, MG, GO, PR. As 1.200 jovens que o aplicarão vão procurar introduzir sistemas novos de trabalho doméstico, solucionando problemas referentes à limpeza das casas até aulas de corte e costura (O TREVO, out/1967, p. 2).

Outra ação envolvendo uma empresa transnacional do setor alimentício pode ser observada no acordo entre o CNC 4-S e a Nestlé. Segundo o jornal O Trevo (dez/1967, p. 5) cerca de 1.035 quatroessistas dos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Santa Catarina,

<sup>299</sup> Quase um ano após a notícia em O Trevo foi dada publicidade a esse acordo também na edição de nº93 de O Ruralista (1ª quinzena, set/1968, p.1). Nessa edição constou fotografia na qual apareceram Arnaldo Simões Filho, tesoureiro do CNC 4-S e F. Duncan McKechnie, Presidente da Fleischmann & Royal na ocasião da assinatura do acordo de patrocínio.

<sup>300</sup> O valor do acordo correspondia a 100 salários mínimos do ano de 1967 que era de NCr\$105,00. Sobre o salário mínimo do ano de 1967 ver: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-60231-16-fevereiro-1967-400952-norma-pe.html>. Acesso em 17/12/2018.

Goiás e Rio Grande do Sul desenvolveriam projetos relacionados ao Gado Leiteiro. A Nestlé doou ao CNC 4-S a quantia de NCr\$2.500,00 para premiar os sócios que mais se destacassem em seus projetos. “Os prêmios oferecidos pela Nestlé são representados por medalhas, troféus, viagens educacionais e bolsas de estudos, estas para os jovens que desejarem fazer o curso secundário, técnico agrícola ou profissional” (O TREVO, dez/1967, p. 5)<sup>301</sup>.

Segundo O Ruralista (1ª quinzena, jan/1967, p.8) no início daquele mesmo ano a Massey-Ferguson Limited, empresa multinacional com origem nos Estados Unidos, Canadá e Inglaterra, do ramo de tratores e implementos agrícolas fez uma doação de U\$500.000,00 (cerca de 1 bilhão de Cruzeiros) para o desenvolvimento das organizações de juventude rural em várias partes do mundo com o intuito de capacitar a população jovem para a produção de alimentos. Caberia a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura – FAO<sup>302</sup> a organização de seminários sobre a Juventude<sup>303</sup>. Se destacavam grupos tais como os Young Farmers Clubs, H-H Clubs, Clubes 4-S, FFA, Les Jeunes Agricultores. Tais grupos teriam papel de destaque no empenho de forças para o combate à fome.

Os dirigentes da FAO, das Nações Unidas, consideram a chamada “Explosão de População”, melhor dita, como “Explosão da Juventude”. Com o nível decrescente da mortalidade infantil nos países em desenvolvimento nestes últimos anos, a proporção de jovens, abaixo de 20 anos varia entre 55 e 60% da população total. Todavia, a produção de alimentos, de acordo com estatísticas do ano passado, não acompanhou o crescimento populacional. Enquanto que esta aumentou cerca de 2%, a produção alimentícia aumentou somente 1% (O RURALISTA, 1ª quinzena, jan/1967, p. 8).

---

<sup>301</sup> As edições de O Ruralista de números 129 (1ª quinzena, jun/1970); 142 (jun/1971) e 153 (maio/1972) destacaram a atuação da Nestlé junto ao CNC 4-S nos projetos de Gado Leiteiro desempenhados pela juventude rural. Nessa última edição, inclusive, foi chamada a atenção ao fato que “o povo não está educado, ainda, para apreciar o leite e não conhece o seu alto valor alimentício. Os quatroessistas têm como tarefa, entre outras, esclarecer as populações das comunidades em que vivem, sobre o valor dos alimentos, entre os quais, o leite”. (p. 1).

<sup>302</sup> Angelidis; Tontz (1962) em artigo publicado no Yearbook of Agriculture de 1962 destacaram as várias agências da ONU com destaque à FAO no combate à Fome. Os autores apresentam parcerias firmadas entre os norte-americanos para propalar seus conhecimentos e técnicas sobre o desenvolvimento da agricultura no mundo como forma colaborativa para se evitar a fome. Mesmo que o texto não trate especificamente da juventude rural, sabe-se que os jovens de organizações como os 4-H Clubs tiveram papel de destaque na mobilização da população por melhores condições de alimentação e saúde. É importante também citar que paralelo à preocupação com a fome em países conforme a terminologia daquela época, subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, os Estados Unidos exportavam para várias partes do mundo em meados da década de 1950 uma forma de distribuição e comércio de alimentos – os supermercados. Afirimo assim que junto à difusão de clubes rurais por várias partes do mundo, havia outros elementos de difusão do americanismo, dos quais a presença de supermercados de alimentos foi uma delas. Sobre a ideia dos supermercados e sua presença no mundo a partir de meados da década de 1950, ver: Hoecker (1964). Outras referências sobre o papel dos Estados Unidos no tema da alimentação no mundo podem ser encontradas em: Phillips (1959); Phipard, Kirby (1964) e Olson (1969).

<sup>303</sup> Foram previstos seis seminários. Até aquele ano de 1967 já havia sido realizado três: Bangkok (Tailândia); Addis Abeba (Etiópia); Lima (Peru). Para setembro de 1967 estava previsto a realização da Conferência Mundial em Toronto no Canadá.

A edição de *O Ruralista* (2ª quinzena, out/1967, p. 1), subsequente ao evento de Toronto que havia sido realizado entre 11 e 16 de setembro daquele ano, afirmou que os participantes apresentaram grande preocupação com a fome mundial, mas principalmente em países considerados subdesenvolvidos ou em vias de desenvolvimento. Afirmou-se que o mundo demandaria um aumento de cerca de 50% da produção de cereais nos próximos 15 anos. Era com esse intuito que a juventude rural, dos quais incluía aquela sob a égide dos Clubes 4-S no Brasil deveria ser cada vez mais mobilizada. A juventude rural tinha, segundo o discurso propalado pela FAO/ONU, um papel fundamental no engajamento na luta contra a fome. Os projetos de Economia Doméstica e dentro dessa área principalmente relacionados à melhoria da qualidade alimentar e do acesso aos alimentos foram áreas que os meninos e meninas dos clubes ganharam destaque nas publicações de meados da década de 1960<sup>304</sup>.

No próximo item retomo principalmente os relatórios, jornais e revistas sobre a Extensão Rural em Minas Gerais e no Brasil ou livros de memórias de ex integrantes de 4-H Clubs dos Estados Unidos. Procuro discutir como os jovens rurais responderam às prescrições que buscaram conformá-los nos padrões desejados para os sócios dos clubes.

### **3.1.6 Os jovens dos 4-H/4-S: o controle das pulsões e as transformações dos costumes**

“Somos ainda meninos que gostamos de brincar, fazer todas as travessuras, mas não podemos esquecer que nós somos o futuro do Brasil”. João Batista de Melo. Clube 4-S Alegria dos Jovens – Tocantis – M.G (O TREVO, out/1964, p. 6).

“Então é coisa que levanta os cabelos, entende? Que dá uma tremura na gente”. Walter Belarmino Giarolla (EMATER-MG, jan/fev/mar/1982, p. 14).

As prescrições para os jovens dos clubes juvenis sinalizaram para a tentativa de conformação desse grupo a determinados padrões morais, valores e comportamentos a serem adotados. Além da preocupação com os ditames da técnica voltada para a produção agropastoril ou da administração da propriedade rural, incluindo os afazeres domésticos, referências a itens do vestuário e cuidados com o corpo foram também constantes nas

---

<sup>304</sup> As edições de *O Ruralista* de números 73 (1ª quinzena, nov/1967); 83 (1ª quinzena, abr/1968) também destacaram a preocupação com a alimentação mundial e o papel que caberia à juventude rural na luta para se evitar à fome.

publicações para os jovens. Um exemplo pode ser extraído das recomendações da Especialista em Vestuário da ACAR-MG, Zélia Rodrigues Steiner, às sócias de clubes:

Decida quais suas características (compleição, cabelos, olhos), quais são as mais atrativas. Selecione as cores que façam realçar estas principais características, que você queira dar destaque. A moda está sempre lançando novidades e atualmente explorando o contraste de cores. Você deve seguir a moda, mas aproveitando o que ela oferece para realçar o que você deseja destacar na sua figura. Não use, porém, cores que prejudiquem a beleza de seus olhos, de sua pele ou, enfim, que não combinem com sua personalidade. As mocinhas esbeltas fazem bem explorando as cores brilhantes e luminosas. As gordas parecem ver-se melhor em cores neutras, matizes escuros e uma só cor, usando cores vivas e luminosas apenas nos detalhes. Explore as cores com vantagens para você (O TREVO, jan/fev/1968, p. 7).

Esperava-se dos jovens rurais que se apresentassem perante à sociedade de forma “adequada”. Nada que chocasse ou fosse considerado algum tipo de desafio ou afronta era recomendado. Pelo contrário, era justamente isso que nas prescrições para os jovens buscava-se evitar. Almejava-se que os jovens fossem trabalhadores responsáveis, habilidosos e cuidadosos com os seus bens e de seus pais, incluindo as instalações das propriedades, os animais e plantações. Comportando de tais formas os jovens contribuiriam para a solução dos problemas de suas comunidades, o que se acreditava redundaria em um “mundo melhor”. Nesse sentido, era como se dissessem para os jovens: “aquilo que você veste ou usa diz muito de você”. A aparência física era considerada uma das dimensões que os clubes deveriam cuidar para que seus membros se apresentassem para a sociedade a partir de formas consideradas aceitáveis. Os cuidados com a saúde e alimentação seriam condições básicas para se atingir tais objetivos. Daí também a atenção dispendida pelos extensionistas em relação aos corpos dos jovens. Cuidar, proteger e no limite controlar são expressões possíveis para se referir a esse processo em relação aos sócios de clubes. Os sócios dos clubes deveriam ser elementos de continuidade de uma tradição ao qual participaram. Cada sócio de um clube juvenil deveria ser responsável por levar seus ensinamentos para outros jovens dando prosseguimento aos clubes, mesmo quando a idade não mais permitia que fossem integrantes dessas agremiações.

Os objetivos traçados para os sócios dos clubes, grosso modo, eram os mesmos ou muito semelhantes. Fossem eles dos Estados Unidos ou do Brasil, anunciavam um conjunto de ações e práticas que se seguidos à risca, acreditava-se no desenvolvimento integral da vida rural. Além disso, as prescrições projetavam para um tempo vindouro, pois era no futuro que os sócios deveriam efetivamente por em prática todos os ensinamentos obtidos pelas



experiências dos clubes. Disso, porém, decorre um ponto importante na intrincada relação travada pelos clubes. Relação essa que talvez tenha sido a principal questão a ser equacionada por cada membro de um clube e os extensionistas responsáveis por essas agremiações. Como viver um tempo específico como a infância/juventude, ou seja, o tempo presente de cada sócio, tendo em vista as responsabilidades que sobre cada um era imputada? Pois, como no trecho que abre esse item, os integrantes de clubes eram ainda meninos que gostavam de brincar, mas aos quais se espelhavam o futuro de um país.

É com essa questão que chego nesse último item. Nele busco recuperar algumas vivências de jovens rurais a partir de fragmentos de memórias reunidas a partir dos intertícios das próprias prescrições. No caso específico dos Clubes 4-S, são documentos que passaram pelo filtro dos extensionistas da ACAR/ABCAR principalmente para a elaboração de relatórios, jornais e revistas. Eles foram, portanto, construídos por outrem e representam muitas vezes a opinião institucional de quem a representava. Foram produzidas a partir de citações de ex-quatroessistas nesses materiais. No caso dos 4-H Clubs, acessei e selecionei algumas fontes que foram construídas na primeira pessoa do singular ou do plural. São relatos de ex-sócios dos 4-H ou de pessoas que escreveram sobre depoimentos colhidos com eles, como é caso de Butler (2014). Tanto no caso dos Clubes 4-S, quanto dos 4-H Clubs, as fontes selecionadas são extremamente valiosas para o historiador, pois representam estilhaços de memórias que justificam, negam ou contradizem muitas das prescrições e construções ideais sobre os jovens dos clubes.

### **3.1.6.1 Entre o controle e o desejo – ser jovem e sócio de um clube rural**

No mesmo contexto no qual os clubes de meninos e meninas rurais estavam sendo organizados nos Estados Unidos, Granville Stanley Hall (1844-1924), lançava sua obra seminal *Adolescence* (1904). Pela primeira vez e a partir dessa obra se considerava

a adolescência como uma fase distinta da vida sujeita a enormes quantidades de estresse e tensão – e que, portanto, devia ser tratada com especial cuidado e atenção – estava baseada, pela primeira vez, numa definição de idade muito específica (SAVAGE, 2009, p. 13).

Com esse mesmo raciocínio Rosenberg (2015) afirmou que o trabalho do psicólogo norte-americano “e seu círculo convenceu muitos intelectuais americanos de que a juventude era um “período único de vida” definido “como um sexualmente tempestuoso...

exigente de um cuidadoso e sustentado controle externo” (ROSENBERG, 2018, p.97, tradução minha)<sup>305</sup>. Gertrude Warren, uma das pioneiras do trabalho com os 4-H Clubs dos Estados Unidos, principalmente em temas relacionados com a economia doméstica foi uma grande entusiasta pelo pensamento psicológico no tratamento com os jovens rurais. Segundo Rosenberg (2015) os “pioneiros da psicologia educacional como Edward Asbury Kirkpatrick, Edward Thorndike, e, o maior de todos, G. Stanley Hall formataram a compreensão de gênero e infância e como ela via os objetivos dos 4-H’s” (ROSENBERG, 2015, p. 96-97, tradução minha)<sup>306</sup>. E teria sido a partir desses pensadores que Warren desenvolveu sua concepção de como as adolescentes, principalmente, se formavam enquanto meninas rurais. “Ela argumentou que os impulsos da adolescência incluíam não apenas os desejos por sexo, mas, além disso, o impulso de representar os desejos econômicos de gênero” (ROSENBERG, 2015, p. 96-97, tradução minha)<sup>307</sup>. Pelo argumento de Warren isso significava que as adolescentes tinham, portanto, um “instinto doméstico” (homing instinct). Enquanto isso, os do sexo masculino teriam outras funções a cumprir. Assim, ao final da década de 1920 havia um formato estabelecido para os jovens dos clubes: os meninos ficavam com os projetos agrícolas e as meninas com atividades relacionados com a economia doméstica. Esse “modelo” que veio do pensamento da psicologia educacional, incluindo a interpretação de Gertrude Warren chegou até os Clubes 4-S do Brasil com as prescrições expressas nos manuais e folhetos das décadas de 1950 e 1960. Uma prova disso é o texto de Marisa Dulce Pereira (1980)<sup>308</sup>, “A psicologia no trabalho com a juventude”. Claramente inspirada pelo pensamento de Hall, Marisa Dulce, que exercia a função de Assessora Técnica de Juventude Rural da EMATER-MG retoma a várias dimensões da formação do adolescente adotadas pelo psicólogo norte-americano: desenvolvimento físico, emocional, intelectual, social, moral e religioso. Sobre o desenvolvimento físico afirmava que esse proporcionaria além do aumento da força muscular, o aprimoramento da coordenação motora e da maturação das glândulas sexuais. Isso causaria, muitas vezes, dúvidas e inquietações nos jovens. No aspecto emocional, seria a época em que a “emoção, sonho, romantismo, cólera, amor são sentimentos que se

---

<sup>305</sup> The work of Hall and his circle convinced many american intellectuals that youth was “as unique period of life” defined “as a sexually tempestuous period... demand [ing] careful and sustained external control”.

<sup>306</sup> “Pioneers of educational psychology like Edward Asbury Kirkpatrick, Edward Thorndike, and, most of all, G. Stanley Hall shaped Warren’s understanding of gender and childhood and framed how she viewed 4-H’s goals”.

<sup>307</sup> “She argued that the impulses of adolescence included not only the desire for genital sex but, in addition, the impulse to act out gendered economic desires”.

<sup>308</sup> Esse texto foi apresentado no início da década de 1980 quando se buscava a retomada do trabalho com os Clubes 4-S em Minas Gerais, depois de um período de baixa no número de inscritos e de investimentos no programa. O texto traduz, porém, a continuidade de uma tradição de entendimento do que era os jovens presentes nas publicações da ACAR/ABCAR nas décadas de 1950 e 1960 principalmente.

chocam dentro do jovem”. (p. 12). Nessa fase da vida também as pessoas “tem necessidade de viver em grupo com companheiros da mesma idade”. (p. 13). Além disso, as questões morais e religiosas ganhavam destaque em muitos jovens. É por essas razões que seriam necessários cuidados em relação aos jovens. Aqueles do meio rural teriam menos oportunidades. Eles estariam presos ao “tradicionalismo” e aos “tabus”, sendo “relegados à própria sorte, não contando com orientação ou apoio das pessoas mais esclarecidas. (p. 14)”. Mas, uma solução ou uma forma de amenizar as dúvidas dos jovens e trazer “luz” às suas vidas seria a organização em clubes juvenis, como os Clubes 4-S. Para o discurso extensionista

no clube 4-S todas as atividades do programa têm como função proporcionar ao jovem meios de realizar com sucesso as tarefas de sua idade atingindo com satisfação a idade madura. É o exercício constante para uma vida adulta normal (PEREIRA, 1980, p. 16).

Ora, há por meio desse trecho uma percepção e crença de que haveria como conformar as pessoas em uma vida dita “normal” para principalmente viverem a fase adulta dentro dos padrões esperados. Os clubes, fossem eles nos Estados Unidos ou no Brasil deveriam contribuir para que essa suposta normalidade não fosse perdida. Havia a necessidade de controlar e guiar as pulsões para que os jovens desempenhassem com precisão aquilo que deles era esperado na vida adulta. E como os jovens responderam a isso?

Ao longo da pesquisa foi possível perceber um conjunto de respostas que foram da total adesão às prescrições. Essas foram aquelas reproduzidas nos documentos oficiais de caráter propagandístico dos clubes. Mas, houve aquelas também que estiveram mais próximas de incômodos e contradições sobre essa dupla situação para o integrante dos clubes.

Do primeiro grupo é necessário afirmar que foram depoimentos colhidos pelos próprios técnicos dos Serviço de Extensão Rural. Visaram apresentar um tipo de memória que recuperava trajetória de ex-quatroessistas que tiveram destaque em algum setor da sociedade ou que apresentaram resultados positivos nos projetos desenvolvidos. Esse enredo foi também observado a partir dos promotores dos 4-H Clubs nos Estados Unidos nos quais destacaram desde profissionais liberais, artistas e até um vice-presidente daquele país, como Al Gore (1993-2001)<sup>309</sup>.

Um exemplo de relato sobre resultado positivo na adoção de “práticas modernas e mais racionais” foi o João Leite de Oliveira Neto, um menino de 12 anos de idade e sócio do Clube 4-S “Tijuca”, no Ceará. Atendido pelos técnicos do Serviço de Extensão Rural daquele

---

<sup>309</sup> Kiera Butler (2014, p.9) cita como ex-sócios dos 4-H Clubs dos Estados Unidos, além do ex vice-presidente Al Gore, figuras como Dolly Parton (cantora), Julia Roberts (atriz), Jacqueline Kennedy (ex-primeira dama dos Estados Unidos – 1961-1963), Jim Davis (criador do personagem Garfield), John Updike (escritor).

estado (ANCAR-CE), o “feito” de João Neto, ganhou ares de um “super feito” sendo assim descrito em uma publicação que tinha circulação internacional, o suplemento do Anuário da Ford Motor Company:

Quando João iniciou o primeiro “projeto” de suinocultura, seu pai ainda criava os porcos soltos e não conseguia compreender por que os animais custavam a engordar e ficavam doentes com tanta frequência. O pai de João jamais suspeitou de que a causa das doenças era a lama em que viviam os animais; acreditava que tudo não passava de simples azar. João, que tem 12 anos, logo compreendeu por que os porcos reclamam cuidados especiais e que é errada a ideia de que eles só vivem na sujeira, no charco. [...]. Há pouco, ao iniciar a nova criação de porcos, João Leite de Oliveira Neto teve dupla satisfação, pois verificou que o pai modificara seus métodos de trabalho, influenciado pelo trabalho do Clube 4-S, e passara a aceitar, sem a resistência de antes, as recomendações que o extensionista fazia (FORD MOTOR COMPANY, jul/ago,1962, p. 6).

Há uma quase automatização do fato do menino ter recebido os ensinamentos dos técnicos da ANCAR-CE e seu pai ter modificado seus hábitos e costumes na criação de porcos. É como se o menino fosse apenas “quatroessista” e que vivesse a partir daí envolto totalmente nessa filosofia. Seu envolvimento seria “total” que seu pai passou a “copiar” seu novo hábito.

Um outro caso é o depoimento do engenheiro agrônomo João Nelson Gonçalves Rio, no qual rememora seu tempo em um Clube 4-S de Minas Gerais.

Eu me empolguei tanto em pertencer a um grupo de jovens, que sonhava com as reuniões, - que normalmente eram realizadas aos sábados, depois do almoço. Então, eu ficava rodeando a minha mãe e pedindo a ela que me desse o almoço mais cedo. Eu achava que quando acabasse de almoçar, a reunião começaria. Mas ela só tinha início com a presença dos técnicos. Não sei explicar como, mas sentia desde os meus 12 anos, quando entrei para o Clube 4-S, que aquilo era uma oportunidade que eu estava tendo em minha vida. Porque eu, naquela época, não enxergava uma maneira de sair da roça, não. [...]. Só depois que eu entrei para o clube, é que eu conheci uma cidade, andei de trem e de jeep, fui a uma sessão de cinema. O primeiro filme que eu vi foi um bang-bang e neste dia, dei o maior trabalho para Paulo (supervisor da ACAR em Itapeçerica). Quando os tiros começaram, aprontei a maior gritaria e comecei a correr dentro do cinema, foi difícil o Paulo conseguir me segurar (EMATER-MG, set/1977, p. 4)<sup>310</sup>.

<sup>310</sup> A construção de uma memória positiva sobre os Clubes 4-S foi uma estratégia perseguida pelos extensionistas da ACAR/EMATER-MG. Nesse processo, muitas vezes os mesmos personagens apareceram em diferentes contextos. Foi o caso do próprio João Nelson Gonçalves Rio que ganhou destaque novamente na Revista Extensão em Minas Gerais (jan/fev/mar/1982, p. 12). Na ocasião João Nelson havia sido eleito presidente do Comitê Estadual de Clubes 4-S de Minas Gerais.

O mesmo tipo de narrativa foi apresentado também pelo ex-quatroessista Walter Belarmino Giarolla, extensionista da EMATER-MG, especialista em Laticínios, quando da publicação da matéria da Revista que o destacava. (EMATER-MG, jan/fev/mar/1982). Ao se referir ao seu tempo como sócio de um Clube 4-S, também de Minas Gerais, quando ainda tinha apenas 12 anos de idade, afirmou:

Se a gente não tivesse conhecido o Clube 4-S, o extensionista da Emater, ficaria lá socado – era enxadeiro, era trabalhar de empreita, não ia estudar, poderia ser até bem de vida porque às vezes você nasce na roça e tem condições de crescer também lá, mas acho que os meus horizontes seriam bem menores. [...]. Naquela época a única coisa que a gente sabia fazer era brincar de pique, reunir o pessoal para contar historinha, piadas, esses negocinhos. A gente não sabia o que era um curso superior. Saiu daquela fronteira nossa ali da roça, você não conhecia nada. [...]. Puxa, se eu não tivesse participado desse Clube 4-S eu nunca poderia ter uma chance de poder ter estudado mais e de estar presente nesse curso. Então é coisa que levanta os cabelos, entende? Que dá uma tremura na gente (EMATER-MG, jan/fev/mar, 1982, p. 14).

A ex-quatroessista Maria Léia Lamas, assim se referiu ao período enquanto sócia do Clube 4-S “Santo Antônio” do município de Silverânia, onde exercia a função de inspetora municipal de Ensino Primário na ocasião do depoimento (15/07/1971):

Foi dentro do Clube 4-S que recebi estímulos básicos, capazes de me proporcionar talvez os melhores momentos do meu mundo infantil. Eu vibrava com nosso clube; aquela atitude empolgante de secretária com que me revestia para participar das reuniões, me afirmava como pessoa adulta, cômico de seus atos (PEREIRA, 1977).

Se houve nesses depoimentos, por um lado, uma demonstração no mínimo sincera de um período nostálgico na vida daquelas pessoas, há de se questionar se meninos ou meninas no início da sua adolescência já teriam clareza das responsabilidades aos quais os relatos se referiam. Também é necessário duvidar que esses depoentes tivessem vida apenas nos clubes. Presumo que nessas respostas houve uma supervalorização do período em que viveram a experiência dos clubes. Foi como se apagassem da memória outros lugares e experiências, de um período da vida de cada um. Nessas respostas fica a ideia de que para eles, ser jovem era viver aquele tipo de experiência de forma intensa. Não questiono a importância que tais experiências teriam em suas vidas. Mas, é como se esses sujeitos selecionassem as partes que justificavam a posição em que encontravam no momento em que os depoimentos foram realizados. Ao retomar pela via da memória a experiência de quatroessistas, já na fase adulta, era como se voltassem a um tempo idílico. Ao mesmo tempo reafirmavam as próprias

prescrições aos quais foram sobre eles depositadas. Lembro que João Nelson, Walter Belarmino e Maria Léia Lamas deram continuidade, de certa forma, a uma tradição que o Serviço de Extensão Rural buscou desenvolver. Refiro-me a formação de quadros técnicos constituídos a partir dos próprios moradores das áreas rurais para que trabalhassem na modernização das atividades agropastoris. Não é de se estranhar, portanto, que a memória transcrita por esses sujeitos sobre os Clubes 4-S fosse de um tempo marcadamente positivado em suas vidas. O trecho que se refere ao jovem João Leite também se insere na mesma prática de construção de memórias sobre práticas que supostamente teriam alcançado seus objetivos. Ao alcançar o objetivo de mudar hábitos de criação de suínos que seu pai tinha, João Leite era alçado a um caso de sucesso dos clubes. Mais nada, sabe-se sobre ele. Era como sua vida se resumisse ao clube com seus objetivos traçados e práticas realizadas. Não é de se estranhar assim que foram esses jovens os selecionados para narrarem suas experiências. Da mesma forma que no jornal *O Trevo*, ou nas publicações da ACAR/ABCAR já na década de 1960 a construção de narrativas de “sucesso” foi muito presente. É necessário, porém, perguntar onde estavam os outros jovens? E os casos de “insucesso”? A resposta estaria apenas na técnica mal aplicada?

Ao analisarmos outras fontes sobre clubes ou agremiações juvenis foi possível perceber nos depoimentos de participantes opiniões bem diferentes do que essas do ex-quatroessistas sobre o que os motivava a integrar esses tipos de grupos. Um exemplo pode ser extraído de Fedder (1968). Nessa obra a autora reuniu um conjunto de elementos para mostrar como determinados clubes foram formados e como e porque seus líderes acabaram trabalhando no sentido de atingir os objetivos de orientação educacional. Ora, mesmo se tratando de clubes escolares, essa obra que fez parte do Programa de Publicações Didáticas da USAID, certamente influenciou, pelo menos, os técnicos extensionistas da ACAR-MG diretamente envolvidos com o trabalho dos Clubes 4-S. Foi uma obra constante nas referências utilizadas para a formação técnica dos extensionistas.

Fedder (1968) quis saber o que motivou trezentas e trinta e oito alunas a participar de clubes e o que esperava encontrar neles. Em relação à primeira questão algumas respostas reunidas foram:

“Passar momentos agradáveis”; “Para ampliar meu campo de interesses”; “Para aprender coisas novas”; “Eu gosto das garotas nesse clube”; “minhas amigas o frequentam”; “Ouvi dizer que valia a pena”; “Para ter meu nome no livro do ano”; “Não tinha mais nada a fazer”; “Para quebrar a monotomia da escola”; “Para aprender algo sobre a vida”; “Para vencer a timidez”; “Para passar o tempo de maneira útil” (FEDDER, 1968, p. 36).

Em relação ao que esperavam encontrar nos clubes, as respostas em ordem decrescente de “popularidade” foram

Danças e festas; natação e outros esportes; palestras sobre os problemas de todos os dias, roupas, etiqueta, como fazer amigos, como viver bem com os outros, especialmente pais e rapazes; reuniões com outros clubes; promover desfiles de modas; fazer teatro; ir a teatro e a concertos; excursões, debater livros, música e acontecimentos mundiais (FEDDER, 1968, p. 37).

Mesmo que nessas respostas estejam também elementos de uma formação voltada para o aprender algo, elas foram bem diferentes do que as lembranças de ex-quatroessistas do Brasil. As respostas apresentadas por Fedder (1968) apresentaram características de uma variedade de expectativas, desejos, impressões sobre o que era a experiência de ser jovens naquele contexto nos Estados Unidos. Era muito mais um sentimento de estar com outros da mesma faixa etária. Era algo mais próximo de uma auto-determinação. As prescrições eram mais tênues do que no Brasil, por exemplo, pois muitos dos seus elementos já estariam incorporadas à cultura das populações rurais norte-americanas. Ao contrário das memórias do ex-quatroessistas brasileiros, não estavam ali opiniões do tipo para o “engrandecimento da minha pátria” ou uma relação com o trabalho quase que de total dependência. No Brasil, por sua vez, havia a tentativa de emplacar a crença de que se o jovem adotasse o planejamento metódico e se tivesse um fim determinado de melhorar de vida tendo em vista a produção de bem e valores, qualquer um poderia obter o êxito.

Assim havia um conjunto de prescrições de diferentes tonalidades entre elas para os jovens que se relacionavam com aspectos culturais locais. Porém, essas eram reelaboradas e experienciadas de diferentes formas pelos sujeitos envolvidos. Era como se nessa forma de educação social houvesse múltiplos caminhos a serem seguidos pelos envolvidos. É de se deduzir que assim outros caminhos, não previstos nas prescrições tenham ocorrido para muitos dos integrantes de clubes, fossem eles nos Estados Unidos ou no Brasil. Daí a reiterada necessidade de reafirmar “boas práticas”. Tais memórias serviram para a tentativa de validação de um programa que se apresentava como totalmente seguro e consciente da autoridade que teria sobre os jovens. Isso, a meu ver, comprovaria a ideia que os programas destinados aos jovens rurais se voltavam para aspectos muito além da criação de animais, desenvolvimento de culturas agrícolas ou ensinamentos sobre economia doméstica. Todas as dimensões da vida dos jovens deveriam, em alguma medida, estar envolvidas com a filosofia dos clubes.

Em relação ainda aos 4-H Clubs, Tabler (2011) apresentou uma série de breves histórias com duas páginas em média cada uma, escritas por ex-membros de clubes, voluntários e membros das equipes de formação dos 4-H de diferentes estados norte-americanos. O editor do livro fez questão de afirmar no prefácio que os relatos apresentados pelos envolvidos com os clubes foram “escritos do coração”. Essa foi uma afirmação com o claro objetivo de situar o leitor que tal livro seria uma publicação “desprentensiosa” em relação ao rigor acadêmico. Ao mesmo tempo buscava declarar que ela teria sido escrita com “emoção” por aqueles que haviam participado do programa nos Estados Unidos. O tom memorialístico e saudosista em relação às experiências dos clubes fica evidente na própria organização dessa obra. O livro, por exemplo, foi constituído das seguintes unidades: Amigos Especiais 4-H; “Bleeding Green<sup>311</sup>”; Fazendo a diferença; Heróis e lendas; Voluntários: o coração dos 4-H; Acampamento, romance e família; Uma vida inteira de lembranças; Lições aprendidas; Humor, o quinto H; Por que fazemos o que fazemos. (TABLER, 2011, tradução minha)<sup>312</sup>. Esse livro teve como objetivo promover os 4-H Clubs. Ao resgatar tais memórias visava consagrar práticas que ainda na segunda década do século XXI permaneciam atuantes e que vislumbravam a continuidade no futuro dos Estados Unidos.

No texto “Julie & Christine – 4-H friends forever” escrito por Christine M. Boerner, do estado de Minnesota foi possível perceber uma característica presente nos clubes dos Estados Unidos. Refiro-me a continuidade entre gerações da experiência junto aos 4-H. Os filhos participavam dos clubes porque seus pais tinham participado. No texto escrito por Christine ela, inclusive, refere-se ao fato de que seus dois filhos continuavam a história dos clubes. Mesmo fora dos clubes, era como se os clubes ainda permanecessem em cada um. O exemplo citado por Christine era de sua amiga Julie que vivia na Holanda. Não se viam com mais frequência, mas continuavam “grandes amigas”. Quando acontecia de se verem, “riam com vontade ou choravam de alegria e nostalgia pelo tempo que compartilhamos” (TABLER, 2011, p. 12, tradução minha)<sup>313</sup>. Era como se mesmo distantes, permanecessem no mesmo “espírito” dos 4-H Clubs. Christine, ao término do seu relato, depositava toda a crença na transformação do mundo a partir dos 4-H:

<sup>311</sup> A tradução literal para essa expressão seria “sangramento verde”. O sentido, porém, faz referência a cor principal dos clubes. O trevo na cor verde, itens de vestuário, referências à agricultura, à natureza, a vida dos integrantes seria envolta nessa filosofia que era como tivessem “sangue verde nas veias”.

<sup>312</sup> Special 4-H friends; Bleeding green; Making a difference; Heroes and legends; Volunteers, the Heart of 4-H; Camp, Romance, and family; A lifetime of memories; Lessons Learned; Humor, the fifth H; Why we do what we do.

<sup>313</sup> “[...] we laugh heartily or shed tears of joy and nostalgia over the 4-H times we shared”.



Acredito sinceramente que se mais jovens simplesmente participassem do 4-H, o mundo seria um lugar melhor com menos problemas. Liderança, trabalho em equipe, orientação para serviço e voluntariado, busca de conhecimento e, é claro, aquisição de habilidades de comunicação maravilhosas são apenas alguns dos dons que ganhamos com o 4-H (TABLER, 2011, p. 12, tradução minha)<sup>314</sup>.

Mais, uma vez é como se a vida se resumisse aos 4-H. Era a renovação da crença de que se mais jovens se juntassem aos clubes, os problemas do mundo seriam amenizados. Era como se todas as soluções fossem encontradas a partir da filosofia dessas agremiações. E para isso bastaria que os jovens seguissem os predicados que deles se esperavam.

Na mesma obra também consta o relato de Reana Jean Bye do estado de Nevada. Ela refere-se também a um aspecto que denota como os integrantes dos clubes se vestiam e se comportavam.

Elas eram, simplesmente, crianças populares. O cabelo delas sempre foi perfeito, as roupas sempre em estilo, a maquiagem sempre imaculada. Só de olhar para elas, ninguém imaginaria que, escondidos nos cantos dos fundos, estavam cordeiros de mercado. Apenas olhando para essas garotas, seria de se esperar que elas fossem vistas em bailes e jogos de futebol, e não em shows de gado. No entanto, lá estavam elas (TABLER, 2011, p. 15, tradução minha)<sup>315</sup>.

Considero que a caracterização das jovens dos 4-H Clubs remonta a um mesmo fundo comum com as prescrições para as jovens de Clubes 4-S apresentadas por Zélia Rodrigues Steiner em O Trevo (jan/fev/1968, p. 7).

A organização dos jovens, incluindo suas formas de vestir, o empenho nos projetos, a vida metódica foram elementos que estiveram presentes tanto nos relatos oficiais quanto nas memórias de ex-integrantes. Era como se os jovens que participaram da experiência dos clubes estivessem unidos por determinados valores. Era como se os jovens 4-H'ers estivessem encobertos em uma espécie de proteção contra os “perigos do mundo” que também os diferenciavam de outros jovens que não participavam das agremiações<sup>316</sup>.

---

<sup>314</sup> “I am true believer that if more youth would simply join 4-H, the world would be a better place with fewer problems. Leadership, teamwork, an orientation toward service and volunteerism, a quest for knowledge, and of course, acquisition of wonderful communication skills are just some of the gifts we gain from 4-H”.

<sup>315</sup> “They were, simply put, the popular kids. Their hair was always done perfectly, their clothes always in style, their make up always immaculate. Just looking at them, one would never guess that hidden in the back corners of their yards were market lambs. Just looking at these girls, one would expect to see them at high school dances and football games, not livestock shows. Yet, there they were”.

<sup>316</sup> Butler (2014) ao relatar também sua experiência com os 4-H comenta sobre sua “limitada ideia” acerca do que eram os clubes. Ao mesmo tempo demonstra sua “admiração” de como os integrantes eram cômicos de suas responsabilidades e da importância que creditavam aquelas agremiações, não obstante ao desconhecimento de

Referências a alegria de estar com pessoas da mesma idade, os encontros que resultaram na constituição de namoros e até mesmo casamentos, a prática de esportes, o desenvolvimento de projetos, as conquistas nas competições de produtividade, os “encantos” com a simbologia dos clubes, tudo isso foi muito presente nas memórias de ex-integrantes de clubes dos Estados Unidos<sup>317</sup>.

É necessário, porém, deduzir que, apesar de toda a literatura oficial sobre os clubes juvenis rurais, com destaque aos seus objetivos e a construção de um tipo de memória sobre eles, é necessário olhar para além das respostas marcadas apenas pelo “doce sabor” da memória. Essa é seletiva, falível e claramente intencional como em propostas editoriais como as referências citadas.

Uma fonte que destoa dessas anteriores foi Oomen (2015). Segundo essa autora, que também foi integrante de um clube nos Estados Unidos, três dimensões a teriam constituído enquanto pessoa por um longo tempo: a casa, a igreja, e os 4-H. A casa era a referência à sua família e à fazenda. A igreja representava sua lealdade a Deus enquanto os 4-H significavam a ideia de um mundo maior. Mas os “sixties”<sup>318</sup> teriam contribuído com transformações em sua vida.

Esses juramentos se tornaram uma armadura esfarrapada e lentamente se desintegrando. Eles poderiam ter durado uma vida se não fosse pelos outros dois, amor e sexo, aqueles vagabundos e vanguardas que quebraram as forças que me mantinham em um lugar. Se eles não pudessem ser descarados, como não poderiam estar em Hart, seriam sutis em seu propósito. Aqui havia sexo e amor vestido com roupas de igreja, colarinho de camisa começando a desabotoar - totalmente sedutor, sub-reptício como cobras. Exceto pelo feroz amor familiar de meu povo, eu não tinha um entendimento autêntico de nenhum desses lunáticos, amor e sexo, como eles foram expressos naquele tempo. Mas eu tinha 4-H e, por causa disso, eu sabia muito bem: eu sabia como o amor e o sexo seriam vestidos (OOMEN, 2015, p. 15, tradução minha)<sup>319</sup>.

---

muitas crianças de centros urbanos de onde era a origem, por exemplo, dos alimentos que tinham sobre suas mesas. A experiência de Butler acompanhando 4-H'ers na Califórnia ocorreu entre os anos de 2012 e 2013.

<sup>317</sup> Além de Butler (2014), Tabler (2011) ver Lopley and Couch (2015) sobre esse tom memorialístico sobre os 4-H Clubs.

<sup>318</sup> Anos referentes à década de 1960.

<sup>319</sup> “These oaths became a ragged and slowly disintegrating armor. They might have lasted a lifetime if not for those other two, love and sex, those vagabonds and vanguards that broke the forces holding me in a place. If they couldn't be brazen, as they couldn't be in Hart, they would be subtle in their purpose. Here were sex and love dressed in church clothes, shirt collar just starting to unbutton - utterly seductive, surreptitious as snakes. Except for the fierce familial love of my people, I had no authentic understanding of either of those lunatics, love and sex, as they were expressed in that time. But I had 4-H, and, because of that, I knew this much: I knew how love and sex would be dressed”.

Assim amor e sexo no caso de Oomen e de tantas outras personagens, como também a certeza de que cada integrante dos clubes tinha diversos pertencimentos, sonhos, desejos, vontades, frustrações, conquistas e fracassos, são elementos de tensionamento das relações que envolveram os jovens nas suas diversas experiências enquanto jovens. Percorrer esses lugares de memórias de cada um é um caminho ainda ser explorado pelo historiador.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegar ao final de uma tese sempre é um desafio e ao mesmo tempo um ato autoritário. “É preciso fechar a tese! Atenção com os prazos!” Essas talvez sejam as principais frases que qualquer pesquisador se depara quando os dias e meses no calendário vão mudando cada vez mais rápido.

Ao longo dos anos do Doutorado percorri os caminhos por onde supunha encontrar respostas para as minhas perguntas iniciais quando da elaboração do ainda projeto de pesquisa. Alguns não se mostraram factíveis como, por exemplo, a ideia inicial de investigar outras realidades de organização de clubes como foi o caso da Costa Rica e o papel desempenhado pelo IICA na formação de técnicos extensionistas e jovens rurais para a América Latina. Porém, outros também foram abertos. Foi o caso, por exemplo, das relações entre os 4-H Clubs norte-americanos e os Clubes 4-S do Brasil em termos das suas perspectivas internacionais tendo como foco a relação entre as agências e programas estrangeiros.

A seleção e análise das fontes me levaram à determinadas direções. Em razão delas, outros tantos documentos foram deixados de lado. Dessa forma, houve a escolha de um risco a seguir. E esse é como uma aposta na qual baseado em critérios subjetivos e ao mesmo tempo racionais, o jogador coloca suas fichas no tabuleiro. É o desafio ao qual cada pesquisador se propõe a responder a partir do conjunto de procedimentos adotados na pesquisa. Mas, nesse caso, sabe-se também que as respostas são múltiplas. São passíveis do contraditório e de dúvidas. O trabalho do historiador não pode ser encarado como definitivo. Ele é um chamado ao debate.

É com essa breve incursão sobre o fazer do historiador que gostaria de afirmar que o problema de pesquisa não se encerra. Encerrou-se uma tese. Os protocolos do mundo acadêmico levaram-me ao fim de um percurso. Mas, esse não deve ser o desfecho da estrada. Há muitas outras vias, vielas, atalhos, passagens e picadas a serem trilhadas. Há ainda muito a ser pesquisado e escrito sobre os clubes juvenis rurais, sejam eles os 4-H Clubs, os Clubes 4-S ou quaisquer agremiações juvenis que pensaram e atuaram visando a modernização das experiências de vida nos meios rurais.

As prescrições que coligi a partir da tipologia documental demonstraram uma ampla e rica possibilidade para se compreender as distintas maneiras de formação dessa parcela da população de jovens rurais para além do convencional modelo educacional. Pensar a formação de jovens rurais para além da escola, como no caso dos Clubes 4-S no Brasil ou

com um tipo de vínculo escolar nos Estados Unidos, tendo como mote o desenvolvimento de práticas agropastoris e de economia doméstica para a vida rural foram os principais objetivos dessa tese. Cheguei assim às conclusões para as perguntas que fiz inicialmente, sem querer, claro, ser a palavra final sobre o tema. Pelo contrário, há nesse resultado apresentado algo como uma palavra a mais sobre a embrenhada relação entre projetos educacionais voltados às populações rurais, principalmente daquelas consideradas as mais jovens. Ao longo dessa tese, deixei questões ou sugestões para que outros caminhos possam também ser percorridos inicialmente ou revisitados.

Parti inicialmente da tentativa de reconstrução das origens dos 4-H Clubs. O objetivo era entender as tentativas de modernização das práticas agrícolas nos Estados Unidos tendo como foco os clubes de jovens rurais e como parte dessas experiências influenciaram outros clubes, como foi o caso dos Clubes 4-S no Brasil. Se a memória oficial sobre os 4-H Clubs indicavam para 1902 como o ano de nascimento dos clubes, foi possível localizar outras experiências que procuravam dar soluções práticas às questões dos meios rurais, bem antes desse período. Tal história remonta à segunda metade do século XVIII, período no qual se formava o próprio estado norte-americano enquanto governo independente da Coroa Inglesa. Ali uma série de sociedades ou clubes de fazendeiros se formaram com o intuito de juntar esforços para solução de problemas comuns. Pode-se afirmar, inclusive, que a busca da solução de problemas práticos do dia a dia, o desafio de retirar da natureza formas de sobrevivência foram algumas das questões que motivaram a vida dos primeiros colonos ingleses desde a chegada na América do Norte. Não há dúvidas que a segunda metade do XIX reuniu uma série de eventos que cristalizaram uma memória sobre o papel econômico que veio a exercer os Estados Unidos já no início do século XX. Nesse cenário a força da sua agricultura teve grande relevância, apesar, claro, de ter sido a sua rápida e intensa industrialização o grande diferencial daquele país nesse aspecto. Ficaram demonstradas que as ações voltadas à modernização das atividades agropastoris ganharam impulso naquele país a partir do chamado Homestead Act de 1862, das land-grant Colleges, da própria criação do USDA no mesmo ano e após a Guerra Civil (1861-1865). Mas, é necessário reafirmar que há uma longa tradição de práticas associativistas entre fazendeiros (*farmers*), bem antes desse período. Buscavam dar solução aos problemas comuns a eles e nisso, havia a implicação de trocas de informações e ensinamentos mútuos.

Quando em 1914 foi promulgada a Smith Lever Act ocorreu a consolidação do aparato legal que subsidiaria às inúmeras práticas extensionistas que já aconteciam nos Estados Unidos. O eixo do Serviço de Extensão Cooperativa dos Estados Unidos se

estruturava formalmente naquele período com o modelo de interdependência que reunia a União, os estados e as *counties*. Os 4-H Clubs já existiam, portanto, antes da institucionalização do Serviço de Extensão Cooperativa 1914. Os clubes de meninos e meninas remontam ao final do século XIX e início do XX com experiências diversas como os *Corn Clubs* e *Tomato Clubs*.

Nessa tese foi possível demonstrar como os clubes juvenis rurais nos Estados Unidos compactuavam do mesmo conjunto de ideias e práticas que visavam a modernização das práticas agrícolas e dos meios de vida dos agricultores, sobretudo daquelas formatadas a partir do USDA. Os 4-H Clubs, como um dos braços do Serviço de Extensão Cooperativa daquele país, se relacionava no mesmo feixe que faziam parte o próprio USDA e as Land Grant Colleges. Aumentar a produção agrícola não significou apenas a introdução de princípios da ciência e da técnica junto aos agricultores. Além disso, representou todo um conjunto de mudanças comportamentais e de valores nos quais a educação dos corpos e das mentes foi utilizada como a “pedra de toque” para se alcançar esses objetivos.

Os clubes norte-americanos não nasceram a partir da ideia de alguns abnegados, como apresenta, muitas vezes, a produção memorialística sobre eles. Surgiram de necessidades locais voltadas ao desenvolvimento de práticas e valores para a vida no meio rural. Tornaram-se possíveis quando um conjunto de objetivos e ações se encontraram em torno do ponto em comum que considerava os jovens como elementos de inovação e transformação para a vida rural. “Cuidar” do jovem e dos valores considerados intrínsecos aos meios rurais como pureza, sensibilidade, laços familiares, relação com a natureza, faziam parte de um contexto, pelo qual as cidades passavam cada vez mais a serem associadas à degenerescência humana, ao perigo da violência, e da perda da identidade no meio da multidão. Ao mesmo tempo que se buscava preservar o idealismo da vida rural, buscava-se torná-lo factível às populações dessas áreas. Para isso seria necessário capacitar essa população para que produzisse mais e melhor. Melhorar a alimentação e a saúde, mais aquilo que era considerado como bons costumes deveriam ser motes pelos quais os jovens deveriam ser instruídos para que difundissem em suas comunidades. Além disso, não se deve perder de vista que modernizar as práticas agrícolas significaria também, fornecer alimentos para as cidades que cresciam em importância e tamanho. Para isso, não haveria público melhor a atingir do que os jovens residentes nessas áreas. Daí as prescrições que objetivavam a transformação da vida no campo através dos clubes juvenis.

A criação dos 4-H Clubs constituiu um repertório de rituais, símbolos, práticas e valores que serviram como inspiração para outros países. Isso, por sua vez, não significou

uma ação deliberada do governo ou de agências norte-americanas para tal fim. A expansão do “modelo” dos 4-H Clubs para outras regiões do mundo aconteceu desde a década de 1920. Porém, foi no contexto do pós Segunda Guerra Mundial, principalmente na América Latina que aconteceu uma espécie de *boom* com a criação de clubes claramente inspirados nas agremiações norte-americanas. Foi possível perceber, por exemplo, no caso do Brasil, que os 4-H já eram citados em outros tipos de experiências, como as dos chamados clubes agrícolas, que tinham forte ligação com os sistemas escolares. Mas, foi sobretudo com os Clubes 4-S que houve a presença de norte-americanos em termos de recursos financeiros e humanos. Foram nesses clubes que o modelo dos 4-H, incluindo a simbologia e repertório de ações foi incorporado e adaptado às circunstâncias locais. Também nesse contexto foram estabelecidas relações amparadas em uma considerável presença de organismos públicos e privados que pensavam a juventude rural americana em perspectiva internacional.

O surgimento do Serviço de Extensão Rural no Brasil do qual a ACAR-MG é considerado o marco principal foi fruto do contexto de aproximação entre Brasil e Estados Unidos, principalmente no contexto dos anos 1930/1940. Os clubes juvenis rurais no Brasil foram uma das principais ações para se atingir o público-alvo inicial de pequenos e médios produtores rurais. Vistos em uma lente ampliada, podem, juntamente e em relação aos 4-H Clubs serem considerados como dimensões do Americanismo. A circulação de profissionais e de membros dos clubes nos dois países nos programas de intercâmbio foram uma amostra disso. O espraiamento para os meios rurais de valores e práticas que tinham como referência os Estados Unidos como país hegemônico também esteve no coração desse processo. Mas, ao mesmo tempo, essa circulação de um modelo de formação destinado aos jovens dos meios rurais não foi algo arquitetado de forma premeditada. Foi muito mais constituída por ações sutis de convencimento, negociação, acomodação do que qualquer tipo ou forma de imposição. Foi por causa das circunstâncias internas e externas que, em diálogo, colaboraram para que as iniciativas de formação da juventude rural ganhassem forma e se materializassem nos clubes juvenis. A introdução do modelo de clubes juvenis rurais inspirados nos 4-H Clubs, ocorreu por Minas Gerais em 1952 a partir da ACAR-MG e daí para outros estados brasileiros nos quais foram fundadas entidades de extensão rural nos moldes da Associação mineira. Foi possível perceber uma mesma linha estruturante entre os 4-H Clubs dos Estados Unidos e os Clubes 4-S do Brasil. E esse fato foi decisivo para que se adotasse na tese a expressão Clubes 4-S do Brasil, mesmo que em sua essência, as fontes coligidas tenham sido sobretudo, mas não exclusivas, da experiência mineira. As prescrições, a estrutura de funcionamento, a simbologia, enfim o arcabouço dos clubes, eram os mesmos.

Também cotejei essas duas experiências em algumas dimensões tais como os rituais e símbolos, a relação com a política, com o tema religião, com as pessoas ou empresas patrocinadoras, o trato com as práticas visando à melhoria da saúde e alimentação das populações rurais, as formas de recreação e o papel dos líderes rurais. Foi possível estabelecer assim pontos de aproximação e distanciamentos entre elas ligados aos aspectos locais de cada realidade. Um exemplo foi a importância creditada à formação de lideranças rurais. Nesse aspecto chamou a atenção o tipo de liderança que nos Clubes 4-S do Brasil se constituiu. Nessa experiência as prescrições e práticas representaram a formação de um tipo de líder com um papel muito mais centralizador do que o tipo de liderança esperada para os 4-H Clubs. Na experiência norte-americana os líderes nasciam dos próprios grupos e com eles compartilhava mais funções. O líder dos 4-H era muito mais um guia, um orientador, do que aqueles dos Clubes 4-S. Na experiência brasileira os líderes eram quase que impostos e tinham que arregimentar os sócios no sentido de convencê-los da suposta importância da participação de cada um nos clubes. Isso, liga-se à própria tradição da estrutura de poder no Brasil pela qual o líder geralmente apresenta características paternalistas. A centralização de funções e responsabilidades em torno desse personagem na história do clube, foi, inclusive, uma contradição, pois o que se buscava, pelas prescrições era justamente o contrário. Tinha com objetivo o estabelecimento de relações entre os sócios dos clubes mais fluidas, do que formas centralizadoras de relação entre seus membros. Além disso, ficou visível, por exemplo, a maior interferência dos aspectos nacionais na vida local dos clubes. Nos Estados Unidos, por sua vez, a experiência local e comunitária foi fundamental para que em pleno final da segunda década do século XXI a experiência dos 4-H permanecesse com aproximadamente seis milhões de sócios que atuam em diferentes áreas para além de assuntos relacionados à agricultura.

No Brasil foi muito forte o discurso que o insucesso dos pequenos e médios produtores rurais era devido aos usos inadequados das técnicas. Através do discurso da racionalidade científica buscou-se apagar as contradições do sistema sócio-econômico do país. Era como se apenas educando a população dos meios rurais, por sinal um grupo bem definido formado por pequenos e médios proprietários de terra, chegaria-se a transformação das práticas de produção e de vida dessas regiões. A concentração de terras, a ausência de legislação trabalhista no meio rural, os desmandos políticos, nada disso pareceu incomodar a princípio o extensionismo rural no Brasil. Bastava apenas dar condições para que o homem dos meios rurais, principalmente a população mais jovem, pudesse “aprender fazendo” para que o mote dos clubes de “progredir sempre” fosse possível.



## FONTES:

### 1) Livros, relatórios, folhetos, projetos, planos/programas, manuais e outros:

#### 1.1) Livros:

ANDRADE, Áurea Helena Serra. *Identificación y sistematización de valores sociales. Estudio exploratorio en dos núcleos rurales de Costa Rica*. Tesis. (Centro de Enseñanza e Investigación). Instituto Interamericano de Ciencias Agrícolas de la OEA. Turrialba, Costa Rica, marzo de 1966.

ASSOCIATION OF PUBLIC AND LAND-GRANT UNIVERSITIES. *The Land-Grant Tradition. 150 years of learning, Discovery and engagement. The Morrill Act 1862-2012*. Washington, D.C., 2012.

BARBER, Fred W. *The origin and development of Brazil's Cooperative Extension Service*. Rio de Janeiro: 1965 (mimeo).

CARDOSO, Roberval. *Grêmios para o meio rural*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola, 1958 – Série Clubes Agrícolas nº 11, 2ª edição.

CLARK JR, James W. *Clover all over. North Carolina 4-H in action*. Raleigh: North Carolina State University, 1984.

CREW, Danny O. *Collection of 4-H Related Sheet Music, Song Books and Songs Sheets*. 2013.

DALRYMPLE, Martha. *The AIA Story: two decades of International Cooperation*. New York: AIA, 1968.

EXNER, Max V. *National 4-H Song Book*. Chicago: National 4-H Service Committee, 1968.

FEDDER, Ruth. *Orientação de Clubes e Grêmios*. Rio de Janeiro: Programa de Publicações Didáticas. Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional – USAID, 1968.

FORD MOTOR COMPANY. *Anuário para a Juventude Rural das Américas*. São Paulo: Ford Motor do Brasil S.A., 1960.

FORD MOTOR COMPANY. *Juventude Rural das Américas. Volume II*. São Paulo: Ford Motor do Brasil S.A., 1962.

HUTCHCROFT, Theodore (comp.) *World Atlas of 4-H and similiar Rural Youth Educational Programs*. Washington: National 4-H Club Foundation, 1966. Second Edition.

JONES, Earl. *A study of Rural Youth Programs in the Americas (Except United States and Canada)*. Thesis (Doctorate in Education). Tropical Center for Research and Graduate Training of Inter-American Institute of Agricultural Sciences of the OAS. Turrialba, Costa Rica, 1962.

JONES, Earl. *Bibliografía de publicaciones sobre programas de Juventudes Rurales*. Centro Tropical de Investigación y Enseñanza para Graduados. IICA, Turrialba, Costa Rica, 1962.

KELSEY, Lincoln David; HEARNE, Cannon Chiles. *Serviço de Extensão Cooperativa. Cursos de Extensão*. Programa de Publicações Didáticas. Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional – USAID. Rio de Janeiro, 1966.

LIMA, J.P.; BUHR, C.; LAVOR, G.C. *Clubes Agrícolas*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura. Serviço de Informação Agrícola, 1949.

MUMFORD, Frederic B. *The Land Grant College Movement*. Missouri University, Experiment Station Agriculture, 1940.

PIERRE, Pradel. *Estudio sobre la influencia indirecta em la difusion de practicas agrícolas en una comunidad de Costa Rica*. Tesis. Instituto Interamericano de Ciencias Agrícolas de la OEA. Turrialba, Costa Rica, agosto de 1962.

RECK, Franklin M. *The 4-H Story. A History of 4-H Club Work*. Chicago: The National 4-H Service Committee, 1957.

ROSENFELD, Patricia; WIMPEE, Rachel. *The Ford Foundation Themes, 1936-2001*. Rockefeller Archive Center and Ford Foundation History Project. New York, 2015.

SELSER, Gregorio. *Alianza para el Progreso. La mal nacida*. Buenos Aires: Ediciones Iguazú, 1964.

TABLER, Dan (Edit). *4-H Stories from the Heart*. Bloomington: National Association of Extension 4-H Agents, 2011.

THOMPSON, Dave O. *A history fifty years of Cooperative Extension Service in Indiana*. West Lafayette, [1956].

TRUE, ALFRED Charles. *A History of Agricultural Extension Work in the United States 1785-1923*. Washington: United States Government Printing Office, 1928.

UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE - USDA. *Extension Programs in Home Economics*. Washington D.C., 1980.

WARREN, Gertrude L. *Building a better America through the 4-H Clubs*. Washington, D.C., USDA, July, 1951.

WESSEL, Thomas; WESSEL, Marilyn. *4-H: an American Idea. 1900 – 1980. A history of 4H*. Chevy Chase, Maryland: National 4-H Council, 1982.

## 1.2) Relatórios:

ADELSON, Sadye F.; ALEXANDER, Margaret; SPLINDLER, Evelyn B. Youth learns about food. In: UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE – USDA. *The Yearbook of Agriculture 1959. Food and human nutrition*. Washington, D.C.: The United States Government Printing Office, 1959.

ANGELIDIS, Alex D.; TONTZ, Robert L. Friends and Partners. In: UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE – USDA. *The Yearbook of Agriculture 1962. After a hundred years*. Washington, D.C.: The United States Government Printing Office, 1962.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL – ABCAR. *A Extensão mobiliza a juventude rural no Brasil*. (Informe apresentado à V Conferência Interamericana de Líderes da Juventude Rural. Rio de Janeiro, 14 a 24 de julho de 1966). Rio de Janeiro, 1966.

ASSOCIAÇÃO DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL – ACAR. *Sexto Relatório Anual – 1954*. Belo Horizonte, 1955.

ASSOCIAÇÃO DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL – ACAR. *Sétimo Relatório Anual – 1955*. Belo Horizonte, 1956.

ASSOCIAÇÃO DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL – ACAR. *Oitavo Relatório Anual – 1956*. Belo Horizonte, 1957.

ASSOCIAÇÃO DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL – ACAR. *Relatório 1957/1958. Programa 1958/1959*. Belo Horizonte, 1958.

ASSOCIAÇÃO DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL – ACAR. *Dez anos a serviço do povo rural de Minas Gerais (1949-1959)*. Belo Horizonte, 1959.

ASSOCIAÇÃO DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL – ACAR. *Relatório Anual. Ano Agrícola 1959-1960*. Belo Horizonte, 1961.

COMITÊ NACIONAL DE CLUBES 4-S – CNC 4-S. *Relatório dos Clubes 4-S à Nação – 1969*. Rio de Janeiro, 1970.

COMITÊ NACIONAL DE CLUBES 4-S. *Relatório do II Seminário Interamericano de entidades de apoio à Juventude Rural – 4 a 10/11/1973. Campinas, São Paulo*. Rio de Janeiro, 1973.

CONVENÇÃO Nacional dos Clubes 4-S – 1965. Rio de Janeiro (Material diverso).

DADOS sobre o primeiro Clube 4-S do Brasil. S.l., s.d.. (mimeo).

DAVENPORT, Charles R. The Inter-American System. In: UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE - USDA. *The Yearbook of Agriculture 1964 - Farmer's World*. Washington, D.C: The United States Government Printing Office, 1964.

DIMITRI, Carolyn; EFFLAND, Anne; CONKLIN, Neilson. *The 20<sup>th</sup> century transformation of U.S. Agriculture and Farm Policy*. (Economic information, Bulletin, nº3). Washington: USDA, 2005.

EMBREE, Edwin R. Education for Rural Life. In: UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE – USDA. *The Yearbook of Agriculture 1940. Farmers in a changing World*. Washington, D.C.: The United States Government Printing Office, 1940.

FERRY, Dallas K; LEHMANN, J. Dan; WETZEL, Steve. Youths pitch in for a better America. IN: UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE - USDA. *The Yearbook of*

*Agriculture 1971: A good life for more people.* Washington, D.C.: The United States Government Printing Office, 1971.

FITZGERALD, D.A. Foreign Assistance Programs. In: UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE - USDA. *The Yearbook of Agriculture 1964 - Farmer's World.* Washington, D.C: The United States Government Printing Office, 1964.

FORD MOTOR COMPANY. *Suplemento Bimestral do Anuário Ford para a Juventude Rural das Américas.* Vol.1, nº1, jan/fev/1961. (Origem: RAC, Records FA079, series 3: Publications and Miscellaneous. Box 72, folder 503).

FORD MOTOR COMPANY. *Suplemento Bimestral do Anuário Ford para a Juventude Rural das Américas.* Vol.1, nº2, mar/abr/1961. (Origem: RAC, Records FA079, series 3: Publications and Miscellaneous. Box 72, folder 503).

FORD MOTOR COMPANY. *Suplemento Bimestral do Anuário Ford para a Juventude Rural das Américas.* Vol.1, nº4, jul/ago/1961. (Origem: RAC, Records FA079, series 3: Publications and Miscellaneous. Box 72, folder 503).

FORD MOTOR COMPANY. *Suplemento Bimestral do Anuário Ford para a Juventude Rural das Américas.* Vol.2, nº2, mar/abr/1962. (Origem: RAC, Records FA079, series 3: Publications and Miscellaneous. Box 72, folder 503).

FORD MOTOR COMPANY. *Suplemento Bimestral do Anuário Ford para a Juventude Rural das Américas.* Vol.2, nº4, jul/ago/1962. (Origem: RAC, Records FA079, series 3: Publications and Miscellaneous. Box 72, folder 503).

FORD MOTOR COMPANY. *Suplemento Bimestral do Anuário Ford para a Juventude Rural das Américas.* Vol.2, nº6, nov/dez/1962. (Origem: RAC, Records FA079, series 3: Publications and Miscellaneous. Box 72, folder 503).

FORD MOTOR COMPANY. *Relatório Trimestral Ford para a Juventude Rural das Américas.* Dearborn, Michigan: Departamento de Publicações da Ford Motor Company. Vol. 4, nº1, jan/1964. (Origem: RAC, Records FA079, series 3: Publications and Miscellaneous. Box 72, folder 503).

HEARNE, Cannon C.; HARVEY, William E.; NICHOLS, Andrew J. Sharing our knowledge. In: UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE - USDA. *The Yearbook of Agriculture 1964 - Farmer's World.* Washington, D.C: The United States Government Printing Office, 1964.

HOECKER, R.W. Supermarkets around the World. In: UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE - USDA. *The Yearbook of Agriculture 1964 - Farmer's World.* Washington, D.C: The United States Government Printing Office, 1964.

INSTITUTO INTERAMERICANO DE CIENCIAS AGRÍCOLAS - IICA. *Report of the Inter-American Rural Youth Technical Committee Meeting.* San José, Costa Rica, Dec., 10-14,

1962.

INTERNATIONAL FARM YOUTH EXCHANGE - IFYE. INSTITUTO INTERAMERICANO DE CIENCIAS AGRÍCOLAS - IICA. *Cuarto Seminario Interamericano de Líderes de Juventudes Rurales*. San Jose y Turrialba, Costa Rica. Octubre, 28, Noviembre, 5, 1964. (mimeo).

MOSEMAN, A. H.; HILL. Private Foundations and Organizations. In: THE UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. *The Yearbook of Agriculture 1964 – Farmer's World*. Washington, D.C.: The United States Government Printing Office, 1964, p. 523-534.

NATIONAL 4-H COUNCIL. *2017 Annual Report. 4-H Grows*. Chevy Chase, MD, 2017.

OLSON, Kenneth W. U.S. Farmers suppliers of the World. In: UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE - USDA. *The Yearbook of Agriculture 1969 – Food for Us all*. Washington, D.C: The United States Government Printing Office, 1969.

PHILIPS, Ralph W. Feeding 6,280 million. In: UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE – USDA. *The Yearbook of Agriculture 1959. Food and human nutrition*. Washington, D.C.: The United States Government Printing Office, 1959.

PHIPARD, Esther F.; KIRBY, Riley H. Nutritional status of the World. In: THE UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. *The Yearbook of Agriculture 1964 – Farmer's World*. Washington, D.C.: The United States Government Printing Office, 1964.

PROGRAMA INTERAMERICANO PARA LA JUVENTUD RURAL - PIJR *Reunião Técnica sobre el papel do PIJR*. São José, Costa Rica. Diciembre, 14-16, 1961.

QUARTELY REPORT. PROGRAMA INTERAMERICANO PARA LA JUVENTUD RURAL, July/ September, 1962.

SHELL. *Atuação dos Clubes 4-S no Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: Shell Brasil S.A., Gerência de Comunicação social, nov/dez/1978.

SOOBITSKY, Joel R. *4-H Programs in the nation's largest cities. Report of representatives committee on Appropriations*. Washington, D.C., 1992.

TURNER, R.A. *Clubs for Farm Boys and Girls*. In: UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE - USDA. *The Yearbook of Agriculture 1926* - Washington, D.C: The United States Government Printing Office, 1927.

### 1.3) Folhetos:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL – ABCAR. *Intercâmbio Internacional da Juventude Rural (International Farm Youth Exchange – IFYE)*. Rio de Janeiro, fev/1960.

ASSOCIAÇÃO DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL – ACAR. *Execução do Projeto Guia para Avicultura*. Belo Horizonte, s.d.

ASSOCIAÇÃO DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL – ACAR. *Guia para execução do Projeto Soja*. Belo Horizonte, s.d.

ASSOCIAÇÃO DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL – ACAR. *Guia para execução do Projeto Alho*. Belo Horizonte, 1961.

ASSOCIAÇÃO DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL – ACAR. *Manual para pais dos sócios de Clubes 4-S. Projeto Milho Híbrido*. Patos de Minas, 1966.

ASSOCIAÇÃO DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL – ACAR. *O líder de Clube 4-S*. Belo Horizonte, 1961.

CALUMBY, Waldemar Machado. *Crédito Rural Supervisionado: princípios, objetivos, alcance*. Belo Horizonte, s.d.

CARVALHO, Maria Rita. *O que você deve saber sobre você, sua alimentação e seu corpo*. Belo Horizonte: ACAR-MG, 1962.

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE AGRICULTURA BRASIL – ESTADOS UNIDOS – ETA. *Posições corretas nos trabalhos caseiros*. Rio de Janeiro, 1955.

HUGHES, Kathryn Sheehan. *Higiene pessoal: uma ajuda para agentes de extensão e auxiliares de comunidades em muitos países*. Rio de Janeiro: Centro de Publicações Técnicas da Aliança-Missão Norte-americana de Cooperação Econômica e Técnica do Brasil – USAID, 1963.

INSTITUTO INTERAMERICANO DE COOPERACIÓN PARA LA AGRICULTURA - IICA. *Breve historia del IICA: una aspiración americana*. San José, Costa Rica, 2012.

MEIOS DE COMUNICAÇÃO DA MISSÃO NORTE-AMERICANA DE COOPERAÇÃO TÉCNICA – ETA. *Guia da boa nutrição*. Rio de Janeiro, s.d.

NATIONAL 4-H COUNCIL. *The 4-H you know and the 4-H you don't know*. Chevy Chase, Maryland, 1988.

NUNES, William da Silva; MACHADO, Roberto Nunes. *Clube 4-S. Guia para execução do Projeto Engorda de Porcos*. Belo Horizonte: ACAR-MG, 1965.

REYBURN, Jerry H. *4-H in Pennsylvania*. University Park, PA: The Pennsylvania State University, College of Agriculture, Extension Service, 1975.

UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. *This is 4-H*. Washington D.C.: Federal Extension Service, 1969.

VOLUNTÁRIOS DA PAZ. Rio de Janeiro; Washington D.C, 1962 (folheto no formato de questionário sobre organização, funcionamento e características dos Voluntários da Paz).

#### 1.4) Projetos:

ASSOCIAÇÃO DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL – ACAR. *Primeiro projeto de crédito rural supervisionado e depoimento de Sebastião Onofre da Silveira*. Santa Luzia, 1949.

ASSOCIAÇÃO DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL – ACAR. *Clube 4-S. Projeto de Economia Doméstica. Primeira Divisão*. Belo Horizonte, 1958 (Produzido pelo Serviço de Meios de Comunicação. Missão Norte-Americana de Cooperação Técnica – Ponto IV).

BORGES, Maria Alice Guimarães; FIGUEIREDO, Romeu Padilha de. *Projeto Registro da Memória Histórica e Técnica da Extensão Rural no Brasil. Entrevistado: José Paulo Ribeiro*. Brasília: EMBRATER, 4 e 5 de novembro de 1981.

FIGUEIREDO, Romeu Padilha de. *Projeto Memória Histórica e Técnica da Extensão Rural no Brasil. Entrevistada: Áurea Helena Serra Andrade*. Rio de Janeiro: 06 de dezembro de 1981.

FIGUEIREDO, Romeu Padilha de. *Projeto Memória Histórica e Técnica da Extensão Rural no Brasil. Entrevistado: Geraldo Lucas*. Vitória, E.S., 01 de dezembro de 1981.

FIGUEIREDO, Romeu Padilha de. *Projeto Memória Histórica e Técnica da Extensão Rural no Brasil. Entrevistada: Zélia Rodrigues Steiner*. Belo Horizonte, 09 de novembro de 1981.

UNIVERSIDADE RURAL DO ESTADO DE MINAS GERAIS – UREMG. Centro de Ensino de Extensão. ETA – Projeto 39. *Clubes 4-S (Saúde, Saber, Sentir, Servir)*. Viçosa, 1961.

#### 1.5) Plano/Programas:

ANDRADE, Áurea Helena Serra. *Canções e danças folclóricas que dinamizam o grupo*. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL – ABCAR. *Programas de atividades para Clubes de Jovens. IV Reunião Nacional de Líderes Estaduais de Clubes 4-S. 23 a 28 de setembro de 1963 – Caiobá – Paranaguá – PR*. Rio de Janeiro: ABCAR, agosto de 1964.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL – ABCAR. *O trabalho de Extensão Rural com a juventude. Diretrizes. Cadernos de Serviço, nº2*. Rio de Janeiro, 1968.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL – ABCAR. *Programas de atividades para Clubes de Jovens. IV Reunião Nacional de Líderes Estaduais de Clubes 4-S. 23 a 28 de setembro de 1963 – Caiobá – Paranaguá – PR*. Rio de Janeiro: ABCAR, agosto de 1964.

ASSOCIAÇÃO DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL – ACAR. *Proposta de assistência financeira do Ponto IV para expansão do Programa da Associação de Crédito e Assistência Rural a vários estados do Brasil*. Belo Horizonte, 1951.

ASSOCIAÇÃO DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL – ACAR. *Programa da ACAR para 1953. Problemas e Projetos das áreas de trabalho*. Belo Horizonte, 1952.

ASSOCIAÇÃO DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL – ACAR. *Programa para o ano de 1954-1955*. Belo Horizonte, 1954.

COMITÊ NACIONAL DE CLUBES 4-S – CNC 4-S. *Plano Nacional de Prêmios e Reconhecimentos para Clubes 4-S*. Rio de Janeiro: ABCAR, 1967.

JONES, Earl. *Recreação para Educação e Diversão*. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL – ABCAR. *Programas de atividades para Clubes de Jovens. IV Reunião Nacional de Líderes Estaduais de Clubes 4-S. 23 a 28 de setembro de 1963 – Caiobá – Paranaguá – PR*. Rio de Janeiro: ABCAR, agosto de 1964.

#### **1.6) Manuais:**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL – ABCAR. *Manual dos Clubes 4-S*. Rio de Janeiro, 1959.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL – ABCAR. *Clubes 4-S – Manual para extensionistas*. Rio de Janeiro, 1964.

ASSOCIAÇÃO DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL – ACAR. *Manual de Clube 4-S*. Belo Horizonte, s.d.

ASSOCIAÇÃO DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL DO ESTADO DE SANTA CATARINA – ACARESC. *Manual dos Clubes de Trabalho 4-S*. Florianópolis, julho de 1973.

CENTRO REGIONAL DE AYUDA TECNICA. AGENCIA PARA EL DESARROLLO INTERNACIONAL (AID). *Clubes Rurales Juveniles en todo el Mundo. Manual para programas de desarrollo*. México, 1968.

NATIONAL COMMITTEE ON BOYS' AND GIRLS' CLUB WORK. *4-H Handy Book. Songs, Ritual, Equipment*. Chicago, 1926.

NATIONAL COMMITTEE ON BOYS' AND GIRLS' CLUB WORK. *4-H Handy Book*. Chicago, 1927.

WARREN, Gertrude L. *Organization of 4-H Club Work. A guide for local leaders. Agriculture Handbook, n°33*. Washington D.C.: U.S. Department of Agriculture; U.S. Government Printing Office, 1952.

#### **1.7) Documentos do Rockefeller Archive Center – RAC:**

AMERICAN INTERNACIONAL ASSOCIATION FOR ECONOMIC AND SOCIAL DEVELOPMENT. *Agriculture in Brazil*. Publication n°1. Rio de Janeiro, 1961. (Origem: RAC, Records FA079, series 3: Publications and Miscellaneous. Box 43, folder 311).

AMERICAN INTERNACIONAL ASSOCIATION FOR ECONOMIC AND SOCIAL DEVELOPMENT. *Rural Youth and AIA*. New York, 1966. (Origem: RAC, Records FA079,



series 3: Publications and Miscellaneous. Box 43, folder 316).

FORD MOTOR COMPANY. *Juventud Rural*. Dearborn, Michigan, 1962, 1963, 1964 (Bulletins). (Origem: RAC, Records FA079, series 3: Publications and Miscellaneous. Box 72, folder 503).

ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER – RAC. *A guide to the American International Association for Economic and Social Development – AIA records*. New York, 2014.

### 1.8) Outros:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL – ABCAR. *Hino do Clube 4-S*. Rio de Janeiro, s.d.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL – ABCAR. *Informativo ABCAR*. Rio de Janeiro, Ano VI, nº61, julho de 1962.

CLAPP, Lester E. *Review of Point IV Extension Assistance in Brazil*. Rio de Janeiro, 17/01/1961. (mimeo).

COMITÊ ESTADUAL DE CLUBES 4-S DE MINAS GERAIS – CEC 4-S. *Correspondências - 1964-1973*.

COMITÊ ESTADUAL DE CLUBES 4-S DE MINAS GERAIS – CEC 4-S. *Documentação sobre bolsas de estudos*. 1964-1973.

COMITÊ ESTADUAL DE CLUBES 4-S DE MINAS GERAIS – CEC 4-S. *Estatuto*. Belo Horizonte: ACAR-MG, 1965 (?).

MEMÓRIA, José Maria Pompeu. *A amostragem probabilística na pesquisa educacional. Uma aplicação nos Clubes 4-S da ACAR*. Belo Horizonte, 1964 (Tese de doutoramento – Cadeira de Estatística Educacional – Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais).

NATIONAL PLANNING ASSOCIATION. *Initial Reactions to the first NPA case study on the causes of industrial Peace*. Washington, 1948 (mimeo). In: <http://digitalassets.lib.berkeley.edu/irle/ucb/text/lb001243.pdf>. Acesso em 26/12/2017.

NELSON, Rita Hilarina Gomes. Entrevista concedida para as comemorações do primeiro cinquentenário da Extensão Rural. Belo Horizonte: EMATER-MG, 1998.

NOGUEIRA, I.S., "'Aliança Reporter' sobre os Clubes 4-S" (1971). *Opening the Archives: Documenting U.S.-Brazil Relations, 1960s-80s*. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://repository.library.brown.edu/studio/item/bdr:793437/> Acesso em 15/10/2018.

PEREIRA, Marisa Dulce. *Desenvolvimento do trabalho com Clubes 4-S em Minas Gerais nos 25 anos (1952-1977)*. Belo Horizonte, 1977 (mimeo).

PEREIRA, Marisa Dulce. *Clube 4-S*. Belo Horizonte, 1980 (mimeo).

SILVA, Maria do Carmo; LIMA, Antônio Luiz de. *O Serviço de Extensão Rural em Minas Gerais (Retrospectiva)*. Viçosa: Imprensa Universitária da UFV, 1984.

UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE – USDA; NATIONAL INSTITUTE OF FOOD AND AGRICULTURE – NIFA. DIVISION OF YOUTH & 4-H. *4-H Name and Emblem Policy. Guide for 4-H professionals*. Washington, D.C., 2014.

UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE – USDA. *School lunch suggestions*. Washington, D.C.: Bureau of Home Economics, 1934 (mimeo).

## 2) Revistas:

- **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos:**

BRUNNER, Edmund de S. A educação de adultos através do Serviço de Extensão dos Estados Unidos. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, vol. XIV, nº 39, maio/ago/1950.

HANNAH, John A. As instituições dos Estados Unidos e a Cooperação Internacional. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, vol. 33, abril-junho, 1960, nº 78. p.28-38.

REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS. Rio de Janeiro, Vol. 1, nº 1, jul/1944.

REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS. Rio de Janeiro, Vol. 4, nº 12, jun/1945.

REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS. Rio de Janeiro, Vol. 5, nº 14, ago/1945.

VENÂNCIO FILHO, Francisco. Contribuição norte-americana à educação no Brasil. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, Vol. IX, nº 25, nov/dez/1946, p. 229-266.

- **Revista Extensión en las Américas:**

REVISTA EXTENSIÓN EN LAS AMÉRICAS. Turrialba, Costa Rica, Volumen VII, nº 1, 1962.

- **Revista Turrialba:**

MOORE, Ross E. Land-grant Institutions and Technical Cooperation. In: *Turrialba. Revista Interamericana de Ciencias Agrícolas*. Instituto Interamericano de Cooperación para la agricultura. IICA. San Jose, Costa Rica, Vol. 1, nº 6, trimestre Octubre-Diciembre, 1951.

SHAW, Byron T. A century of progress. The United States Department of Agriculture. In: *Turrialba. Revista Interamericana de Ciencias Agrícolas*. Instituto Interamericano de Cooperación para la agricultura. IICA. San Jose, Costa Rica, Vol. 12, nº 4, trimestre Octubre-Diciembre, 1962.

TURRIALBA. *Revista Interamericana de Ciencias Agrícolas*. Instituto Interamericano de Cooperación para la agricultura. IICA. San Jose, Costa Rica, Vol. 1, nº 1, Julio, 1950.

TURRIALBA. *Revista Interamericana de Ciencias Agrícolas*. Instituto Interamericano de Cooperación para la agricultura. IICA. San Jose, Costa Rica, Vol. 1, nº 3, Trimestre Enero-Marzo, 1951.

TURRIALBA. *Revista Interamericana de Ciencias Agrícolas*. Instituto Interamericano de Cooperación para la agricultura. IICA. San Jose, Costa Rica, Vol. 2, nº 1, Trimestre Enero-Marzo, 1952.

TURRIALBA. *Revista Interamericana de Ciencias Agrícolas*. Instituto Interamericano de Cooperación para la agricultura. IICA. San Jose, Costa Rica, Vol. 2, nº 3, Trimestre Julio-Setiembre, 1952.

TURRIALBA. *Revista Interamericana de Ciencias Agrícolas*. Instituto Interamericano de Cooperación para la agricultura. IICA. San Jose, Costa Rica, Vol. 5, nº 1 e 2, semestre Enero-Junio, 1955.

TURRIALBA. *Revista Interamericana de Ciencias Agrícolas*. Instituto Interamericano de Cooperación para la agricultura. IICA. San Jose, Costa Rica, Vol. 8, nº 1, trimestre Enero-Marzo, 1958.

TURRIALBA. *Revista Interamericana de Ciencias Agrícolas*. Instituto Interamericano de Cooperación para la agricultura. IICA. San Jose, Costa Rica, Vol. 8, nº 4, trimestre Octubre-Diciembre, 1958.

TURRIALBA. *Revista Interamericana de Ciencias Agrícolas*. Instituto Interamericano de Cooperación para la agricultura. IICA. San Jose, Costa Rica, Vol. 12, nº 3, trimestre Julio-Setiembre, 1962.

- **Revistas sobre Clubes 4-S ou 4-H:**

ENFIELD, Richard P. Connections between 4-H and John Dewey's Philosophy of Education. *Focus*. The 4-H Center for Youth Development. University of California. Davis, Ca, 2001.

RUSSEL, Stephen. The Developmental benefits of nonformal education and youth development. *Focus*. The 4-H Center for Youth Development. University of California. Davis, Ca, 2001.

SCHMITT, Wilson. Como surgiram os Clubes 4-S. In: *Revista do Clube 4-S*. Porto Alegre, Ano IX, número 42, Jan-Fev-Mar, 1980.

- **Revista Escola Rural:**

ROCHA, Arlete Vieira Machado. Escolas Rurais. Um testemunho: contribuição da ACAR para a Educação Rural. In: *Revista Escola Rural*. Belo Horizonte, Ano IV, número 12, 1962.

- **Revista Extensão em Minas Gerais:**

ASSOCIAÇÃO DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL – ACAR. Arivalda aprende para ensinar aos outros. In: *Extensão em Minas Gerais – 1963*, Belo Horizonte, 1964, p. 6-7.

EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL DO ESTADO DE MINAS GERAIS – EMATER-MG. Da terra nascem os homens. In: *Extensão em Minas Gerais*, Belo Horizonte, ano VI, nº23, p. 4-5, setembro de 1977.

EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL DO ESTADO DE MINAS GERAIS – EMATER-MG. *Extensão em Minas Gerais*, Belo Horizonte, ano X, nº 35, janeiro/fevereiro/março, 1982.

- **Revista da Rotary Internacional:**

ROTARY INTERNATIONAL. *The Rotarian: An International Magazine*. Chicago, Illinois. Vol. LXXVI, number 5, may, 1950.

- **Journal of Agricultural Education.**

HOOVER, Tracy S.; SCHOLL, Jan F.; DUNIGAN, Anne H.; MAMONTOVA, Nadezhda. A historical Review of Leadership Development in the FFA and 4-H. In: *Journal of Agricultural Education*. Morgantown, WV, Volume 48, number 3, p. 100-110, 2007.

### 3) Jornais:

- **Aliança Reporter**

ALIANÇA Reporter. Rio de Janeiro: USAID/ Brazil, Vol. 4, nº 2, february de 1969.

- **Correio da Manhã**

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, nº22008. Suplemento Correio Agrícola – 3º Caderno, nº 76, 1 de janeiro de 1965.

- **Estado de Minas**

Estado de Minas. Belo Horizonte. 08 de agosto de 1961.

- **O Trevo:**

O TREVO. Viçosa, Ano III, nº 14/15, janeiro/fevereiro de 1959.

O TREVO. Viçosa, Ano III, nº 16, março de 1959.

O TREVO. Viçosa, Ano III, nº 17, abril de 1959.

O TREVO. Belo Horizonte, Ano IV, nº 28, junho de 1960.

O TREVO. Belo Horizonte, Ano IV, nº 30, setembro de 1960.

O TREVO. Belo Horizonte, Ano IV, nº 31, outubro de 1960.

O TREVO. Belo Horizonte, Ano V, nº 33, janeiro de 1961.

O TREVO. Belo Horizonte, Ano V, nº 34, fevereiro/março de 1961.

O TREVO. Belo Horizonte, Ano V, nº 37, julho/agosto de 1961.

O TREVO. Belo Horizonte, Ano VI, nº 43, agosto de 1962.

O TREVO. Belo Horizonte, Ano VI, nº 45, outubro de 1962.

O TREVO. Belo Horizonte, Ano VI, nº 47, dezembro de 1962.

O TREVO. Belo Horizonte, Ano VII, nº 49, fevereiro de 1963.

O TREVO. Belo Horizonte, Ano VII, nº 53, junho de 1963.

O TREVO. Belo Horizonte, Ano VIII, nº 64, agosto/setembro de 1964.

O TREVO. Belo Horizonte, Ano VIII, nº 65, outubro de 1964.

O TREVO. Belo Horizonte, Ano IX, nº 74, agosto de 1965.

O TREVO. Belo Horizonte, Ano IX, nº 76, outubro de 1965.

O TREVO. Belo Horizonte, Ano IX, nº 78, dezembro de 1965.

O TREVO. Belo Horizonte, Ano X, nº 79, janeiro de 1966.

O TREVO. Belo Horizonte, Ano X, nº 83, maio de 1966.

O TREVO. Belo Horizonte, Ano X, nº 84, junho de 1966.

O TREVO. Belo Horizonte, Ano X, nº 90, dezembro de 1966.

O TREVO. Belo Horizonte, Ano XI, nº 100, outubro de 1967.

O TREVO. Belo Horizonte, Ano XI, nº 102, dezembro de 1967.

O TREVO. Belo Horizonte, Ano XII, nº 103, janeiro/fevereiro de 1968.

O TREVO. Belo Horizonte, Ano XII, nº 105, maio/junho de 1968.

- **O Ruralista:**

O RURALISTA. Juiz de Fora, Ano I, nº 1, 1 a 15 de agosto de 1963.

O RURALISTA. Juiz de Fora, Ano II, nº 19, julho de 1965.

O RURALISTA. Juiz de Fora, Ano III, nº 23, 1ª quinzena de outubro de 1965.

O RURALISTA. Juiz de Fora, Ano III, nº 28, 2ª quinzena de dezembro de 1965.

O RURALISTA. Juiz de Fora, Ano IV, nº 53, 1ª quinzena de janeiro de 1967.

O RURALISTA. Juiz de Fora, Ano IV, nº 62, 2ª quinzena de maio de 1967.

O RURALISTA. Juiz de Fora, Ano V, nº 72, 2ª quinzena de outubro de 1967.

O RURALISTA. Juiz de Fora, Ano V, nº 73, 1ª quinzena de novembro de 1967.

O RURALISTA. Juiz de Fora, Ano V, nº 83, 1ª quinzena de abril de 1968.

O RURALISTA. Juiz de Fora, Ano V, nº 86, 2ª quinzena de maio de 1968.

O RURALISTA. Belo Horizonte, Ano VI, nº 93, 1ª setembro de 1968.

O RURALISTA. Belo Horizonte, Ano VII, nº 129, 1ª quinzena de junho de 1970.

O RURALISTA. Belo Horizonte, Ano VIII, nº 142, junho de 1971.

O RURALISTA. Belo Horizonte, Ano IX, nº 153, maio de 1972.

#### **4) Entrevistas realizadas pelo autor:**

PEREIRA, Marisa Dulce. Entrevista concedida a Leonardo Ribeiro Gomes. Belo Horizonte, 16 de outubro de 2012.

WERKEMA, Auckje Mary. Entrevista concedida a Leonardo Ribeiro Gomes. Belo Horizonte, 17 de outubro de 2012.

#### **5) Sites:**

<http://agenciaal.alesc.sc.gov.br>

<http://www.archivesfoundation.org>

<http://biblioteca.catie.ac.cr/rturrialba.html>

<https://www.census.gov>

<http://digitalassets.lib.berkeley.edu/irle/ucb/text/lb001243.pdf>

<http://www.facebook.com/4-h>

<http://www.funajur.net>

<https://history.duke.edu>

<http://www.lib.purdue.edu/libraries/hsse>

<http://www.msue.anr.msu.edu>

<http://www.nal.usda.gov>

<http://www.personagens.ufv.br/>

<https://www.portal.ufv.br>

<https://repository.library.brown.edu>

<http://www.rockarch.org>

[http://snida.agricultura.gov.br:81/binagri/html/cen\\_agb1.html](http://snida.agricultura.gov.br:81/binagri/html/cen_agb1.html)

<https://ufla.br>

<http://www.4-h.org>

<http://4-hhistorypreservation.com>

<http://www.4-h.org/about/global-network>

<http://www.4-h-hof.com>

<http://4h.ucanr.edu>

<http://www2.camara.leg.br>

## BIBLIOGRAFIA:

ABREU, Geysa Spitz Alcoforado de. *Escola Americana de Curitiba (1892 – 1934): um estudo do americanismo na cultura escolar*. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

ALVES, Bruno Geraldo. *O ideário de modernização e o projeto para o ensino agrícola em Minas Gerais: De Fazenda-Escola a Escola Média de Agricultura de Florestal (1939 – 1955)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belo Horizonte, 2014.

ARAPIRACA, José Oliveira. *A USAID e a Educação Brasileira: um estudo a partir de uma abordagem crítica da teoria do capital humano*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1982.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Edições de 1993 e 2007 - a).

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2007 - b.

ARENDT, Hannah. Trabalho, obra, ação. In: *Cadernos de Ética e Filosofia Política* 7, 2/2005, p. 175-201.

AZEVEDO, Cecília. *Em nome da América. Os Corpos da Paz no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2008.

BERGAMASCHI, Ana Carolina de Almeida. *Modernizar o campo pelo Ensino Agrícola. A organização da Escola Agrícola de Barbacena (1933-1964)*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belo Horizonte, 2017.

BERGMAIER, Celso. *Economía Socio Rural: Estudio de caso de los Clubes 4-S de São Carlos, Santa Catarina – Brasil*. Tesis (Doctorado em Ciências Económicas) – Universidad Nacional de Matanza, Buenos Aires, Diciembre, 2018.

BERRIO, Julio Ruiz. Introducción a la historia de la Educación Social en España. In: *Historia de la Educación*. Revista Interuniversitaria, nº 18, 1999.

BETHELL, Leslie; ROXBOROUGH, Ian (Orgs.). *A América Latina entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BEZERRA NETO, Luiz. *Educação Rural no Brasil. Do ruralismo pedagógico ao movimento por educação do campo*. Uberlândia: Navegando Publicações, 2016.

BRAGHINI, Katya Mitsuko Zuquim. *Juventude e pensamento conservador no Brasil*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2016.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é Educação Popular*. São Paulo: Brasiliense, 1984.



BRITTO, Sulamita de (Org.) *Sociologia da Juventude, I. Da Europa de Marx à América Latina de hoje*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

BUTLER, Kiera. *Raise: What 4-H teaches 7 million kids & how its lessons could change food & farming forever*. Oakland, Califórnia: University of California Press, 2014.

CALVANI, Carlos Eduardo B. A educação no projeto missionário do protestantismo no Brasil. *Revista Pistis & Praxis Teologia e Pastoral*. Curitiba, V. 1, n. 1, p. 53-69, jan./jun. 2009.

CAMPOS, Paulo Fernando de Souza; CARRIJO, Alessandra Rosa. Diplomadas de 1946: o novo modelo de formação norte-americano e a Escola de Enfermagem do Centro Médio da Faculdade de Medicina de São Paulo. In: BERTUCCI, Liane Maria; MOTA, André; SCHRAIBER, Lilia Blima (orgs.). *Saúde e Educação: um encontro plural*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2017.

CARDOSO, Miriam Limoeiro. *Ideologia do desenvolvimento. Brasil: JK-JQ*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2ª ed. 1978.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de; PINTASSILGO, Joaquim (orgs.). *Modelos culturais, saberes pedagógicos, instituições educacionais. Portugal e Brasil, histórias conectadas*. São Paulo: EDUSP; FAPESP, 2011.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense, 2015 (3ª edição).

COLBY, Gerard; DENNETT, Charlotte. *Seja feita a vossa vontade. A conquista da Amazônia: Nelson Rockefeller e o Evangelismo na Idade do Petróleo*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.

COOMBS, Philip. *La crisis mundial de la educación*. Barcelona: Península, 1971.

CONNORS, James J. The History of Future Farmer Organizations around the World. *Journal of Agricultural Education*. Vol. 54, nº 1, pp. 60-71, 2013.

CORREIA, Cícero Gomes; PERNAMBUCO, Marta Maria Castanho Almedia. *As ações político-pedagógicas do Serviço de Assistência Rural (SAR)*. Brasília: Liber Livro, 2011.

DAROS, Maria das Dores. Desenvolvimentismo e políticas educativas no Brasil dos anos 1950-1960: transnacionalização e modernização. IN: GIL, Natália; CRUZ E ZICA, Matheus da; FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). *Moderno, modernidade e modernização: a educação nos projetos de Brasil – séculos XIX e XX. Volume 1*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

FALCON, Francisco J. C. História cultural e história da educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, V.11, nº32, maio/ago 2006, pp. 328-375.

FARIA, Lina; CONCEIÇÃO DA COSTA, Maria. Cooperação Científica Internacional: estilos de atuação da Fundação Rockefeller e da Fundação Ford. In: *Dados. Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: UERJ, vol. 49, nº 1, 2006, pp. 159-191.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; GONÇALVES, Irlen Antônio; VIDAL, Diana Gonçalves; PAULILO, André Luiz. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, nº 1, pp. 139-159, jan/abr. 2004.

FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando J. *Brasil e Argentina: em ensaio de história comparada (1850 – 2002)*. São Paulo: Ed. 34, 2004.

FERRER, Alejandro Tiana. La evolución de la Educación Social como campo académico y profesional. In: FERRER, Alejandro Tiana; RODRÍGUEZ, Miguel Somoza; RUBIO, Ana María Badanelli (editores). *Historia de la Educación Social*. Madri: Librería UNED, 2014.

FONSECA, Henrique de Oliveira. *Em defesa da ruralização do ensino: Sud Mennucci e o debate político educacional entre 1920 e 1930*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belo Horizonte, 2014.

FONSECA, Maria Teresa Lousa da. *A Extensão Rural no Brasil, um projeto educativo para o capital*. São Paulo: Edições Loyola, 1985 (Coleção Educação Popular, nº 3).

FORACCHI, Marialice M. *A Juventude na Sociedade Moderna*. São Paulo: Pioneira (Editora da Universidade de São Paulo), 1972.

FUENTES, Lilian Elizabeth Villeda Sosa de. *Programa de Clubes Agrícolas Juveniles 4-S y su incidência em el Desarrollo del Adolescente del área rural del Departamento de Guatemala*. Tesis. (Graduación de Licenciada en Pedagogía y Ciencias de la Educación) – Universidad de San Carlos de Guatemala, Facultad de Humanidades. Departamento de Pedagogía y Ciencias de la Educación. Guatemala, 1995.

GATTI JÚNIOR, Décio. Investigar o ensino de História da Educação no Brasil: categorias de análise, bibliografia, manuais didáticos e programa de ensino (século XIX e XX). In: GATTI JÚNIOR, Décio; MONARCHA, Carlos; BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.); Adrián Ascolani... [et al.]. *O ensino de História da Educação em perspectiva internacional*. Uberlândia: EDUFU, 2009.

GOMES, Ângela de Castro (coord.). *Olhando para dentro: 1930 - 1964*. Volume 4. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013 (a).

GOMES, Iria Zanoni. *1957: A revolta dos posseiros*. Curitiba: Criar Edições, 1987 (2ª edição).

GOMES, Leonardo Ribeiro. *O técnico da Extensão Rural em Minas Gerais: 1948 – 1964*. Belo Horizonte: Departamento de História da UFMG, 2000. (Monografia, Bacharelado em História).

GOMES, Leonardo Ribeiro. “*Progridir sempre*”. *Os jovens rurais mineiros nos Clubes 4-S (Saber, Sentir, Saúde, Servir) – (1952 – 1974)*. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belo Horizonte, 2013 (b).

GOMES, Leonardo Ribeiro. “*Reconhecendo o trabalho desinteressado e patriótico dessa jovem*”: os líderes de clubes 4-S em Minas Gerais. *Década de 1960*. In: 8º Congresso de

Pesquisa em Ensino de História da Educação em Minas Gerais. Diálogos da História da Educação: Caderno de Resumos. Belo Horizonte: UFMG, CEFET, FAPEMIG, 2015.

GOMES, Leonardo Ribeiro; MEURER, Sidmar dos Santos; TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio. A noção de educação social como possibilidade heurística para a pesquisa em História da Educação. In: DAROS, Maria das Dores; PEREIRA, Elaine A. Teixeira (Orgs.) *Sentidos da educação e projetos de Brasil – séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2017.

GOMES, Leonardo Ribeiro; TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio. Saúde e Educação na Reforma dos Costumes dos jovens rurais mineiros (1952-1972): a experiência dos Clubes 4-S. In: BERTUCCI, Liane Maria; MOTA, André; SCHRAIBER, Lilia Blima (Orgs.). *Saúde e Educação: um encontro plural*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2017.

GRAMSCI, Antônio. Americanismo e Fordismo. In: GRAMSCI, Antônio. *Maquiavel, a política e o Estado Moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991, 8ª edição.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. Reflexões sul-americanas (Prefácio). In: MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Brasil, Argentina e Estados Unidos. Conflito e integração na América do Sul (Da Trílice Aliança ao Mercosul)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

GUTIERREZ, Talía Violeta. *Agro pampeano y roles familiares en la década de 1960*. In: Muzlera, José y De Arce, Alejandra (coord. de dossier) El lugar de la familia en la producción agropecuaria argentina (1960-2008) dossier, Revista Mundo Agrario N° 19, segundo sem. 2009. ([www.mundoagrario.unlp.edu.ar](http://www.mundoagrario.unlp.edu.ar)).

GUTIÉRREZ, Talía Violeta. *Educación, agro y sociedad*. Quilmes: Universidad Nacional de Quilmes editora, 2007.

GUTIÉRREZ, Talía Violeta. Estado, educación no formal y desarrollo rural. Los Centros de Educación Agrícola (Argentina, 1970 – 2010). *Revista Brasileira de História da Educação*, Maringá – PR, v.14, n° 3 (36), p. 87-121, set/dez.2014.

JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao Sul do Rio Grande – Imaginando a América Latina em Seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

INSTITUTO INTERAMERICANO DE COOPERACIÓN PARA LA AGRICULTURA. Breve historia del IICA.

In: <http://www.iica.int/Esp/foinstitucional/Documents/Breve%20historia.pdf>. Acesso em 07/08/2014.

HOBBSAWM, Eric J. *A Era dos Extremos. O breve século XX – 1914 – 1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

IANNI, Octavio. *Imperialismo e cultura*. Petrópolis: Editora Vozes, 1979 (3ª edição).

JAIDE, Walter et al. *Sociologia da Juventude, II. Para uma Sociologia Diferencial*. Rio de

Janeiro: Zahar Editores, 1968.

KARNAL, Leandro [et al.]. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2016.

KOBAYASHI, Elisabete; FARIA, Lina; CONCEIÇÃO DA COSTA, Maria. Eugenia e Fundação Rockefeller no Brasil: a saúde como proposta de regeneração nacional. In: *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, nº 22, jul/dez 2009, p. 314-351.

KORNDÖRFER, Ana Paula. A atuação da Fundação Rockefeller na formação de quadros em saúde pública através dos Fellowship Cards (Brasil, 1917-1951). In: *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, V. 9, n. 1, jan/jun, 2016, p. 148-155.

LEONARD, Robert. *To Advance Human Welfare! Economics and Ford Foundation, 1950-1968*. Center for the Study of Philanthropy and Voluntarism. Institute of Policy Sciences and Public Affairs. Duke University, 1989.  
In: <http://philvol.sanford.duke.edu/documents/leonard89-05.pdf>.

LEPLEY, Toby L.; COUCH, Martha E. *The lifelong impact of 4-H. Stories from Texas*. Texas: Texas A & M Agrilife Research and Extension Service, 2015.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (orgs.) *História dos jovens. Da Antiguidade à Era Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996 (Vol. 1).

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (orgs.) *História dos jovens. A época contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996 (Vol. 2).

LINHARES, Maria Yedda; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *Terra Prometida. Uma história da Questão Agrária no Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

MANNHEIM, Karl. *O problema da juventude na sociedade moderna*. In: *Diagnóstico de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1961.

MARDOMINGO, María Tejedor. Os movimentos juvenis na História da Educação Social. In: *Historia de la Educación Social y su Enseñanza. Cuadernos de Historia de la Educación*. nº 4, 2008.

MARIN, Joel Orlando Bevilaqua. A construção social da juventude rural latino-americana. In: *VIII Congreso Latinoamericano de Sociología Rural*, 2010, Porto de Galinhas - Pernambuco. Anais do VIII Congreso Latinoamericano de Sociología Rural - América Latina: realinhamentos políticos y proyectos en disputa. Recife: ALASRU, 2010. v. 1. p. 1-20.

MARIN, Joel Orlando Bevilaqua. Crédito Juvenil: a construção social da juventude rural moderna. In: *Extensão Rural*, DEAER – CCR – UFSM, Santa Maria, v. 234, n. 2, abr./jun. 2017.

MARINHO, Maria Gabriela S.M.C. *Norte-americanos no Brasil: uma história da Fundação Rockefeller na Universidade de São Paulo (1934-1952)*. Campinas: Autores Associados; São Paulo: Universidade São Francisco, 2001.

MARQUES, Rita de Cássia. A filantropia científica nos tempos de romanização: a Fundação Rockefeller em Minas Gerais (1916-1928). *Horizontes*, Bragança Paulista, v. 22, n.2, p. 175-189, jul./dez. 2004.

MENDONÇA, Sonia Regina de. *O Ruralismo Brasileiro (1888-1931)*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

MENDONÇA, Sonia Regina de. A dupla dicotomia do ensino agrícola no Brasil (1930-1960). *Estudos Sociedade e Agricultura*, abril 2006, vol. 14, n.º 1, p. 88-113.

MENDONÇA, Sônia Regina de. Capitalismo, Estado y enseñanza agrícola em Brasil: rumbo y redefiniciones (1940-1961). In: LÓPEZ, Oresta; PÉREZ, Teresa González (coord.). *Educación Rural en Ibero América: experiência histórica y construcción de sentido*. Madri: Anroart Ediciones, 2009.

MENDONÇA, Sônia Regina de. Ensino agrícola e influência norte-americana no Brasil (1945-1961). *Tempo* [online], 2010, vol. 15, n.º 29, p. 139-165. (a)

MENDONÇA, Sônia Regina de. *Estado, educação rural e influência norte-americana no Brasil (1930 – 1961)*. Niterói: Editora da UFF, 2010. (b).

MENDONÇA, Sônia Regina de. Extensão Rural e hegemonia norte-americana no Brasil. *História Unisinos*, 2010, vol. 14, n.º 2, p. 188-196. (c).

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA – MEC. *Estabelecimentos de Ensino Médio no Brasil (Agrícola, Auxiliar de Enfermagem, Excepcionais, Música, Diversos)*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação, 1970.

MODESTI, Tatiane; PEREIRA, Elaine Aparecida Teixeira. *Transnacionalização, modernização e educação: projetos para o meio rural no Brasil da década de 1950*. In: ANAIS ELETRÔNICOS DO IX CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO – SBHE, 15 a 18 de agosto de 2017, João Pessoa, p. 767-786.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Presença dos Estados Unidos no Brasil. (dois séculos de história)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Brasil, Argentina e Estados Unidos. Conflito e integração na América do Sul (Da Trílice Aliança ao Mercosul)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

MORAES, Agnes Iara Domingos. *Ruralismo Pedagógico no Brasil: considerações sobre aspectos de produções acadêmico-científicas desenvolvidas entre as décadas de 1990 e 2010*. In: ANAIS ELETRÔNICOS DO IX CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO – SBHE, 15 a 18 de agosto de 2017, João Pessoa, p. 2729-2740.

MORSE, Richard. *O espelho de Próspero: cultura e ideias nas Américas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

NEVES, Leonardo dos Santos. *Sentido novo da vida rural: a formação de professores na*

*Escola Normal Regional D. Joaquim Silvério de Souza (1949 - 1963)*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belo Horizonte, 2015.

NICOLAU, Nathalia dos Santos. *Clubes Agrícolas: um projeto de educação, trabalho e cooperação para jovens rurais (1942-1958)*. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-graduação em História, Niterói, 2016.

NÓVOA, António. História da Educação: percursos de uma disciplina. *Análise Psicológica*, nº 4 (XIV), 1996, pp. 417-434.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Historiografia da Educação e fontes. *Cadernos ANPED*, nº 5, setembro de 1993, pp. 7-64.

OLIVEIRA, Pedro Mariano Farias de. *Extensão Rural e interesses Patronais no Brasil: uma análise da Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural – ABCAR – (1948-1974)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-graduação em História, Niterói, 2013.

OLIVEIRA, Pedro Mariano Farias de. *Semeando consenso com adubo e dedal. Dominação e luta de classes na Extensão Rural no Brasil (1974-1990)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-graduação em História Social, Niterói, 2017.

OOMEN, Anne-Marie. *Love, sex and 4-H*. Detroit, Michigan: Wayne State University Press, 2015.

PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro; CARNICEL, Amarildo (orgs.) *Palavras-chave em Educação não-formal*. Holambra, S.P.: Editora Setembro; Campinas, S.P.: UNICAMP/CMU, 2007.

PEREIRA, Elaine Aparecida Teixeira. Modernizando “o arcaico”: discursos sobre a formação de professores para o meio rural (anos 1950). In: VALLE, Ione Ribeiro; HAMDAN, Juliana Cesário; DAROS, Maria das Dores (Orgs.). *Moderno, Modernidade e Modernização: a educação nos projetos de Brasil – séculos XIX e XX*. (Volume 2). Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

PINHO, Larissa Assis. *A pesquisa sobre Educação Rural em Congressos de História da Educação (2000 – 2007)*. In: V Congresso Brasileiro de História da Educação. O ensino e a Pesquisa em História da Educação. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe; Aracaju: Universidade Tiradentes, 2008.

PINHO, Larissa Assis. *Civilizar o campo: educação e saúde nos cursos de aperfeiçoamento para professores rurais – Fazenda do Rosário (Minas Gerais, 1947 – 1956)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Educação, Belo Horizonte, 2009.

PINHO, Larissa Assis. Civilizar o campo: educação e saúde nos cursos de aperfeiçoamento para professores rurais – Fazenda do Rosário (Minas Gerais, 1947 – 1956). In: LIMA E FONSECA, Thaís Nivea; VEIGA, Cynthia Greive (orgs.). *História da Educação: Temas e*

*problemas*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

PINTO, Helder de Moraes. *A Escola Normal Regional D. Joaquim Silvério de Souza de Diamantina e a formação de professores para o meio rural mineiro: 1950 – 1970*. Dissertação (Mestrado em Educação). PUC-MG, PPGE, Belo Horizonte, 2007.

PURDY, Sean. O Século Americano. In: KARNAL, Leandro [et al.]. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2016.

RIBEIRO, José Paulo. *A saga da extensão rural em Minas Gerais*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: EMATER-MG; CPP, 2000.

RIBEIRO, Maria das Graças. Caubóis e caipiras. Os *land grant colleges* e a Escola Superior de Agricultura de Viçosa. *História da Educação*. ASPHE/FAE/UFPEL, Pelotas, n° 19, p. 105-120, abr. 2006. Disponível em: <http://fae.ufpel.edu.br/asphe>.

RIBEIRO, Maria das Graças. A educação superior norte-americana: gênese de um modelo. *História da Educação [online]*. Porto Alegre, v. 20, n° 48, jan/abr. 2016, p. 75-93.

RODRIGO, Cándido Ruiz. Marginación infantil y educación protectora en la historia de la Educación Social. In: *Historia de la Educación Social y su Enseñanza. Cuadernos de Historia de la Educación*. n° 4, 2008.

ROSA, Walquíria Miranda. *Relações entre práticas tradicionais e práticas escolares de saúde das populações rurais em Minas Gerais (Ibirité, 1940 a 1970)*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belo Horizonte, 2015.

ROSENBERG, Gabriel N. *The Programa Interamericano para la Juventud Rural (InterAmerican Rural Youth Program) and Rural Modernization in Cold War Latin America*. In: <http://www.rockarch.org/publications/resrep/rosenberg.pdf>, 2011. Acesso em 04 de agosto de 2014.

ROSENBERG, Gabriel N. *The 4-H Harvest: sexuality and the State in Rural America*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2015.

SALVATORE, Ricardo. *Imágenes de um imperio: Estados Unidos y las formas de representación de América Latina*. Buenos Aires: Sudamericana, 2006.

SAVAGE, Jon. *A criação da Juventude. Como o conceito de teenage revolucionou o século XX*. Rio de Janeiro, Rocco, 2009.

SILVA, Ana Paula da; OLIVEIRA, Julieta Teresa Aier de. O modelo cooperativo de extensão dos Estados Unidos: contribuições possíveis para o Brasil. *Revista Ceres*, Viçosa, v. 57, n° 3, p. 297-306, maio/jun, 2010.

SILVA, Claiton Márcio da. *Saber, Sentir, Servir e Saúde: a construção do novo jovem rural nos Clubes 4-S, SC (1970-1985)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

SILVA, Claiton Márcio da. *Agricultura e cooperação internacional: a atuação da American International Association for economic and social development (AIA) e os programas de modernização no Brasil (1946-1961)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, Claiton Márcio da. *De agricultor a farmer: Nelson Rockefeller e a modernização da Agricultura no Brasil*. Curitiba: Editora da UFPR, 2015.

SILVA, Giovanna Camila da. *A Associação Cristã de Moços e experiências de escolarização da Educação Física no Brasil: sujeitos, ideias e práticas acemistas em circulação*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2017.

SILVA, Paloma Porto. *A higiene como missão: Fundação Rockefeller, filantropia e controvérsia científica – Paraíba do Norte (1923-1930)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2014.

SMITH, Mary Frances; KIRKPATRICK, Edward E. *4-H in Indiana 1904-1990*. West Lafayette: Indiana 4-H Foundation, 1990.

SOUZA, Sirlei de Fátima. *Tradição X modernização: a ação dos Clubes 4-S em Passo Fundo (1950 – 1980)*. Passo Fundo, UPF, 2004.

SOUZA, Solange Batista de. *Extensão Rural e juventude: a experiência dos Clubes 4-S em Minas Gerais (1950 – 1980)*. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural). Universidade Federal de Viçosa, Programa de Pós-graduação em Extensão Rural, Viçosa, 2015.

SOUZA, Rosa Fátima de. A “Educação Rural no México” como referência para o Brasil. *Revista Educação em questão*. Natal, v. 45, nº 31, p. 61-81, jan./abr. 2013.

SZMRECSÁNYI, Tamás; QUEDA, Oriowaldo. O papel da educação escolar e da assistência técnica. SZMRECSÁNYI, Tamás; QUEDA, Oriowaldo (Orgs.) *Vida rural e mudança social: leituras básicas de sociologia rural*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurelio. Rocha Pombo: la “invención” de una cultura americana en libro didáctico. *Historia de la Educación. Anuario*. Buenos Aires, Vol. 13, nº 1, p. 1-25, 2012.

TEIXEIRA, Tânia Cristina. *A saga extensionista da ACAR e EMATER-MG e a construção do imaginário da modernidade no campo mineiro (1948-1990)*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Belo Horizonte, 1995.

TOTA, Antônio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TOTA, Antônio Pedro. *Os americanos*. São Paulo: Contexto, 2014. (a).



TOTA, Antônio Pedro. *O amigo americano: Nelson Rockefeller e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. (b).

VEIGA, Cynthia Greive. História da Educação Social: um campo de investigação para História da Educação. In: PESSANHA, Eurize Caldas; GATTI JÚNIOR, Décio (Orgs). *Tempo de cidade, lugar de escola. História, ensino e cultura escolar em “escolas exemplares”*. Uberlândia: EDUFU, 2012.

VIANNA, Luiz Werneck. *A Revolução Passiva: iberismo e americanismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 1997.

VIDAL, Diana; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880/1970). *Revista Brasileira de História*, São Paulo: ANPUH, v. 23, nº 45, p. 37-70.

WARDE, Mirian Jorge. Americanismo e Educação: um ensaio no espelho. In: *São Paulo em Perspectiva*, 14 (2), 2000.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

## ANEXOS

Anexo 1 - Distribuição de clubes juvenis rurais na América Latina em 1959.



Fonte: FORD Juventude Rural. Suplemento Bimensal do Anuário Ford para a Juventude Rural das Américas. Vol. 1, nº 1, jan/fev/1961, p. 5

Anexo 2 - Apresentação do Informe da AIA de 1962

<p>Estos son los rostros de América Latina ...</p> 	<p>rostros de gente que encuentra su camino;</p> 
<p>que tiene la promesa,</p> 	<p>y la fuerza,</p> 
<p>y la voluntad ...</p> 	<p>de dar esperanza a sus hermanos de situación incierta.</p> 
<p>Gente que ha encontrado dignidad a través del conocimiento, que sabe que ...</p> 	<p>efectivamente ejecutado ...</p> 
<p>el trabajo físico agobiador solamente recompensa cuando está eficientemente planeado.</p> 	<p>Esto no sucede de la noche a la mañana.</p> 
<p>No llega por panacea ...</p> 	<p>ni por revolución ...</p> 

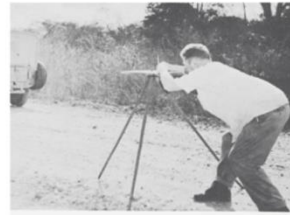
ni por demagogia.



Esta vida se logra mediante estudio, ayuda mutua y colaboraci3n sincera.



LA AMERICAN INTERNATIONAL ASSOCIATION . . .



Para el Desarrollo Econ3mico y Social (AIA),



cree que la ayuda t3cnica consiste en:



estudiar los aspectos econ3micos y sociales de una situaci3n,

planear los procedimientos apropiados para mejorarlos,



y entonces, adiestrar un equipo del 3rea . . .



para realizar el programa.



La AIA no coopera en el adiestramiento de los agricultores en forma individual, su m3todo de operaci3n . . .



se basa en el factor de multiplicaci3n, de ayudar a adiestrar al adiestrador.



La AIA toma parte en determinada actividad s3lo cuando se le invita a trabajar en sociedad con entidades gubernamentales y privadas.

De un trabajo inicial con dos países . . .



trabaja ahora con 20, en cooperación con la Organización de Estados Americanos, a través del Instituto Interamericano de Ciencias Agrícolas.



Las operaciones se basan en la convicción de que para que los beneficios sean duraderos . . .



en cada programa de mejoramiento deben participar activamente todos



Como política, la AIA prefiere poner a la disposición de los pueblos, servicios profesionales de alto nivel más bien que dinero.



Cuando un programa está funcionando eficazmente bajo la dirección de personal local . . .

la AIA se retira.



EL MEJORAMIENTO DE LOS NIVELES DE VIDA . . .

de una población libre se lleva a cabo más efectivamente mediante procesos evolutivos y cambio ordenado.



Para ésta se efectúan estudios sobre los recursos de la tierra, los recursos humanos y el proceso de comunicación de nuevas ideas



Los programas de adiestramiento se desarrollan entonces en áreas tales como:



métodos agrícolas mejorados,

prácticas modernas de salud,



liderazgo para juventudes rurales,



adiestramiento para enseñanza  
vocacional,



técnicas efectivas de  
comunicación,



programas de crédito supervisado  
para proyectos de desarrollo  
rural,



y adiestramiento de técnicos  
para que realicen todo ésto.

¿QUE SE HA LOGRADO  
EN 16 AÑOS?

Estudios sobre uso de la tierra  
que abarcaron 260.000.000  
hectáreas, dando como resultado  
millones de hectáreas de tierra  
agrícola productiva.



Investigaciones sobre ciencias  
sociales cubrieron 10 países.



Se realizaron investigaciones  
sobre comunicaciones básicas  
en 23 comunidades de cuatro de  
estos países.



Los trece mil extensionistas  
agrícolas adiestrados están  
trabajando ahora con cien mil  
familias rurales.

Más de cincuenta mil individuos  
han asistido a demostraciones de  
método y reuniones dirigidas por  
técnicos adiestrados por la AIA.



En el Brasil, miles de familias rurales han recibido consejo y ayuda financiera supervisada de parte de 600 técnicos.



En Venezuela, el adiestramiento de agricultores ha ayudado a aumentar la producción agrícola.



Los programas educativos de nutrición se han extendido a veinticinco mil familias, reduciendo significativamente el número de enfermedades causadas por mala nutrición.



Se adiestraron mil líderes para juventudes rurales, que trabajan ahora con un cuarto de millón de niños.



Un programa vocacional piloto provocó la creación de una docena más a su semejanza.



En diecinueve países se dió adiestramiento a especialistas en comunicaciones para las masas, con el fin de que difundan información básica sobre la salud y la agricultura

Se concedieron millones de dólares en crédito agrícola supervisado. La cancelación de este crédito fue superior al 94%.



La AIA tiene 16 años de experiencia, junto con sus compañeros de América Latina, en el desarrollo de técnicas y operaciones que dan buenos resultados.



ESTE LOGRO PROMOTOR SE REGISTRA EN TERMINOS DE GENTE.



José Pinto conocía solamente herramientas como éstas, con las que podía obtener una subsistencia marginal.



Ahora, adiestrado en el uso de maquinaria agrícola, ha mejorado el nivel de vida de su familia...



y materialmente contribuyó así, al bienestar de una nación.

... pueden comprar menos equipo para fincas más pequeñas . . .



... y se adiestran en el manejo de cultivadores de tiro animal.



LA SEÑORA FERNANDEZ . . .



vivia así en Magdalena.



La AIA implantó un proyecto piloto de vivienda, en cooperación con el Ministerio de Sanidad y una entidad privada local.



La familia Fernández fue una de las escogidas para emprender la construcción de bloques de tierra-cemento.

Treinta familias más llegaron a mirar y siguieron el ejemplo.



¿Resultado? Un programa de construcción de vivienda rural que abarca toda la nación.



RAFAEL,



un niño de los veinticinco millones que no tienen la escuela a su alcance . . .

es inteligente, capaz. Sin embargo la promesa de este muchacho hubiera quedado en suspenso . . .



si no se le reconoce su habilidad a través de su trabajo en el club juvenil rural.






Inició, con cuarenta compañeros de club, un programa de crédito supervisado para producción de miel de abeja.




Los préstamos fueron pagados durante el primer año.



Ahora Rafael va a una escuela práctica de agricultura.



En su país, con la colaboración de la AIA, el número de miembros de los clubes juveniles rurales se triplicó en un periodo de diez meses.



Esto dió como resultado mayor cantidad de solicitudes de cooperación a la AIA, de la que puede ofrecer.



LA LABOR A REALIZARSE ES FORMIDABLE.



Uso de la tierra y desarrollo rural—traslado de gente de las áreas rocosas de la costa . . .



a llanos fértiles, donde la agricultura mecanizada puede producir más alimentos.



Programas pilotos de educación rural.



Desarrolla de métodos de comunicaciones para cubrir la laguna existente entre el conocimiento y su aplicación útil.



Investigación básica sobre el proceso de adaptar mejores prácticas de salud, educación y agricultura.



La alfabetización.



El desarrollo del trabajo de los clubes juveniles rurales.



En un mundo de ideologías opuestas, el hombre de situación incierta, está tentado a medir los actos de la democracia...



en contraste con la promesa demagógica de soluciones rápidas por medio de la violencia.



Tenemos, en el Hemisferio Occidental, urgente necesidad de cooperación mutua.



La American International Association fundada en 1946 por Nelson Rockefeller y sus hermanos ayudó a guiar al hombre de situación incierta, por el camino de la democracia.



Trabajando con universidades, gobiernos, entidades locales e internacionales,

colabora en el establecimiento de un medio para el cambio económico y social planeado — un plan de acción hemisférica...



para esta gente:



el lider,



el dedicado agricultor,



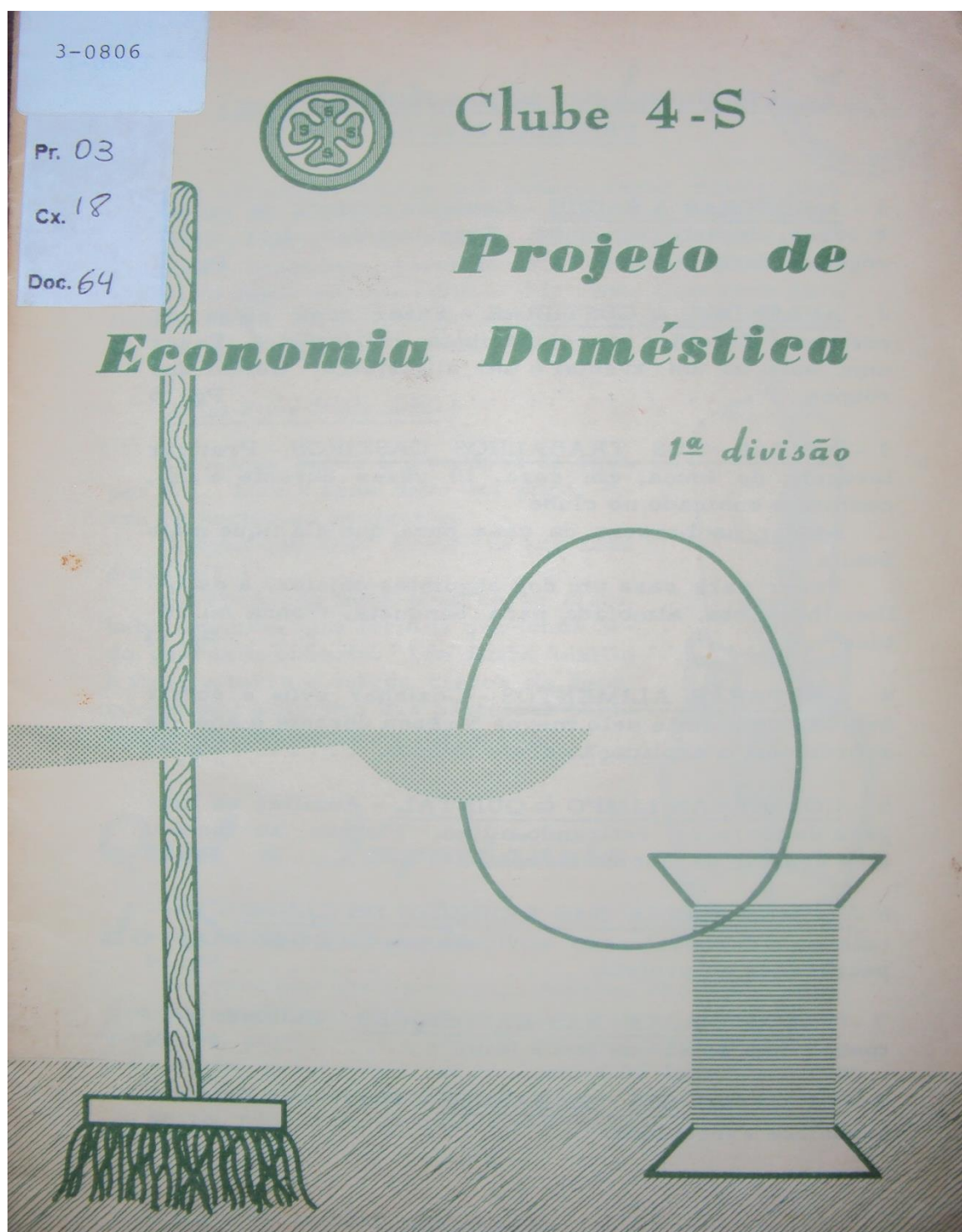
el joven con aspiraciones,



que están cruzando el umbral hacia una nueva vida.



## Anexo 3 – Capa e contracapa de folheto instrucional da ACAR para Clubes 4-S



Preparado pela  
Associação de Crédito e Assistência Rural  
do Estado de Minas Gerais  
ACAR

Produzido pelo  
Serviço de Meios de Comunicação  
Missão Americana de Cooperação Técnica  
(Ponto IV)  
Brasil - 1958



**Fonte:** ASSOCIAÇÃO DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL – ACAR. *Clube 4-S. Projeto de Economia Doméstica. Primeira Divisão.* Belo Horizonte, 1958 (Produzido pelo Serviço de Meios de Comunicação. Missão Norte-Americana de Cooperação Técnica – Ponto IV).

**Anexo 4** – Imagens de sócios de clubes juvenis retirando empréstimos em agências bancárias.

Minas Gerais



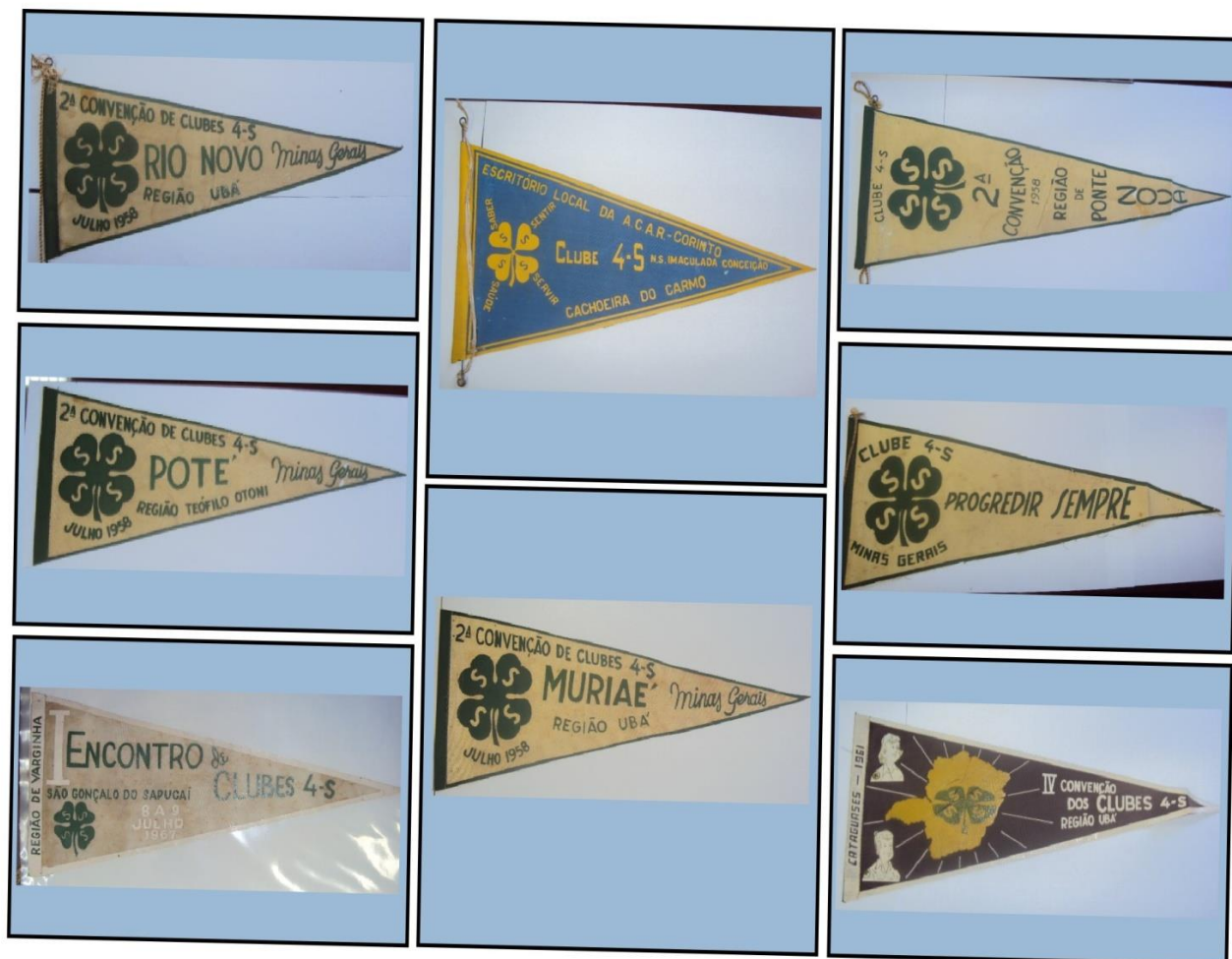
**Fonte:** O Trevo (julho/1967, p. 3).

Estados Unidos



**Fonte:** Wessel; Wessel (1982, p. 20).

**Anexo 5 – Flâmulas de Clubes 4-S mineiros utilizadas em Encontros e Convenções**



**Fonte:** Centro de Documentação da EMATER-MG.

## Anexo 6 – Letras de algumas canções adotadas pelos 4-H Clubs nos Estados Unidos

### 1- AMERICA

My country, 'tis of thee,  
Sweet land of Liberty,  
Of thee I sing.  
Land where my fathers died,  
Land of the Pilgrims's pride,  
From every mountain side,  
Let Freedom ring.

My Native country, thee,  
Land of noble free,  
Ty name I love.  
I love thy rocks and rills,  
Thy woods and templed hills,  
My heart with rapture thrills,  
Like that above.

Let music sell the breeze,  
And ring from all the trees,  
Sweet Freedom's song.  
Let mortal tongues awake  
Let all that breathe partake,  
Let tocks their silence break,  
Thy sound prolong.

Our father's God, to Thee,  
Author of Liberty,  
To Thee we sing.  
Long way our land be bright,  
With Freedom's holy light,  
Protect us by Thy Might,  
Great God, our King.

### 2 – WEAR A 4-H SING (Tune: "Ja-Da").

Wear-a, wear-a, wear-a little 4-H sign,  
Wear-it, wear-it, just to show that you're in line,  
Wear a 4-H button just to show that you're in style,  
Wear a 4-H button just because it's well Worth while,  
Wear-a, wear-a, wear-a little 4-H sign.

### 3 – CLUB WORK (Tune: "Jingle Bells")

Club work girls, Club work boys,  
Club work every day,  
Oh, what joy it is to work.  
And Oh, what fun to play.  
Head and Heart, hand and health,  
That is what we say,  
Stands for Club work everywhere,  
In our good old U.S.A.  
(Repeat whole song)

## 4 – HIKE SONG (Tune: “Glory, Glory, Hallelujah”)

We'll hike, hike, hike along the Club Turnpike,  
 We'll hike, hike, hike along the Club Turnpike,  
 We'll hike, hike, hike along the Club Turnpike,  
 As we go hiking on.

Glory, Glory, hallelujah,  
 Glory, Glory, hallelujah,  
 Glory, Glory, hallelujah,  
 As we go hiking on.

## 5- CLUB ROUND (Tune: “Row, Row, Row your Boat”)

Hoe, hoe, hoe your row  
 Steadily every day  
 Merrily, merrily, cheerily, cheerily,  
 Half our work is play.

Can, can all you can,  
 Everything comes our way,  
 Merrily, merrily, cheerily, cheerily,  
 Half our work is play.

Grow, grow, grow a pig,  
 Fatter every day,  
 Merrily, merrily, cheerily, cheerily,  
 Growing a pig will pay.

Sew, sew all you can, etc.  
 Bake, bake all you can, etc.  
 Plant, plant all you can, etc.

## 6– STANDARD CLUBS (Tune: “Solomon Levi”)

We have a Standard Club right here,  
 Achievement is our aim,  
 Our head, heart, hands and helth we pledge  
 Four H's is the game.  
 We're working for the first year seal,  
 And mean to win it, too,  
 Whatever we begin this year,  
 We're bound to see it through.  
 Our Club is Standard, Achievement is our aim  
 Our Club is Standard, we play a winning game.



7- WE'RE HERE TO SEE THE FAIR (Tune: "Battle Hymn of the Republic")

We are winners in the club work from the counties of the state,  
We have worked all through the summer, now we're here to celebrate;  
We have left the other members hanging on the garden gate,  
While we can to the Fair.

Chorus:

Glory, Glory, Hallelujah! Glory, Glory, Hallelujah!  
Glory, Glory, Hallelujah! Yes, we came to the Fair.

You may think to win in club work is an easy thing to do,  
That the road that leads to vict'ry is quite easy to pursue,  
But, believe me, it's a tussle from the start till we get thru,  
To win and see the Fair.

We are farmer lads and lassies and we know just how to toil,  
We are Always up and doing, making profits from the soil,  
We raise winning pigs and chickens and can fruit that will not spoil,  
So we can see the Fair.

When we startd in the club work, we went in to do or die,  
Now we're here while all the others are lamenting with a sigh,  
And we'll have fun here (use name of town) or we'll know the reason why,  
While we are at the Fair.